

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DARLAN PRAXEDES BARBOZA

**Fé, carisma e *virtú*: a trajetória de Celso Furtado, a criação da Sudene e a estruturação
do campo científico no Nordeste brasileiro**

(Versão corrigida)

São Paulo

2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DARLAN PRAXEDES BARBOZA

**Fé, carisma e *virtú*: a trajetória de Celso Furtado, a criação da Sudene e a estruturação
do campo científico no Nordeste brasileiro**

(Versão corrigida)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito obrigatório à obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientação: Prof^o Livre Docente Luiz Carlos Jackson

Coorientação: Prof^o Dr. Marcos Ferreira da Costa Lima

São Paulo

2023

LICENÇA PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B238f Barboza, Darlan Praxedes
Fé, carisma e virtú: a trajetória de Celso Furtado, a criação da Sudene e a estruturação do campo científico no Nordeste brasileiro / Darlan Praxedes Barboza; orientador Luiz Carlos Jackson; coorientador Marcos Ferreira da Costa Lima - São Paulo, 2023.
290 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

1. Celso Furtado. 2. Sudene. 3. planejamento do desenvolvimento . 4. cooperação técnica. 5. ciência e desenvolvimento. I. Jackson, Luiz Carlos , orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Darlan Praxedes Barboza****Data da defesa: 28/06/2023****Nome do Prof. (a) orientador (a): Luiz Carlos Jackson**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 04/08/2023



(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: Barboza, Darlan Praxedes

Título: Fé, carisma e *virtú*: a trajetória de Celso Furtado, a criação da Sudene e a estruturação do campo científico no Nordeste brasileiro

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito obrigatório à obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Aprovada em: 29/06/2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Tânia Bacelar

Instituição: UFPE

Julgamento _____

Assinatura _____

Prof. Dr. Maria Eduarda da Mota Rocha

Instituição: UFPE

Julgamento _____

Assinatura _____

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Barbosa

Instituição: USP

Julgamento _____

Instituição _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Instituição _____

Dedico a tese aos meus avós Francisca e José Praxedes e Maria e Cornélio Barboza e à minha mãe Fátima Lúcia Praxedes Barboza, exemplos de força e determinação.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, Fátima Lúcia Praxedes Barboza, que me apoiou nesse percurso e me ouviu com ternura. Como foi bom perceber nossa relação se tornando mais compreensiva e amorosa. Nossas conversas me ajudaram a não esquecer do valor da sua (nossa) luta. Ela é uma das bravas mulheres de uma extensa família sertaneja que enfrentaram o desafio de tentar a vida em São Paulo e que se saíram vitoriosas em meio à dura travessia.

Danilo Praxedes Barboza, meu irmão, é viga sólida e modelo ético. Agradeço-lhe pela parceria e escuta atenta e paciente em dias difíceis. Sou grato, também, por segurar a barra financeira de nossa família, me liberando – com discrição e zelo – de preocupações que certamente teriam alterado meus planos nesse período.

Agradeço meus avós norte-rio-grandenses Francisca (*in memoriam*) e José Praxedes (*in memoriam*) e aos meus avós pernambucanos Maria (*in memoriam*) e Cornélio Ferreira Barboza (*in memoriam*). Nas redondezas de Tenente Ananias/RN e Salgueiro/PE, no alto sertão nordestino, meus ancestrais viveram suas vidas e construíram suas histórias. Filho de uma mulher potiguar lançada na aventura de São Paulo nos anos 1990, ao Nordeste regressei para a preparação desta tese. À esta região e sua gente me sinto umbilicalmente ligado.

Agradeço meus tios Antônio, José Nilton e Paulo Barboza pela acolhida em Salgueiro. Agradeço meus primos Maria Liinha, Cicinha Janete e João Filho. Admiro a simplicidade, a vontade de vencer e a união de vocês. Seu pai Nenê e João são exemplo de trabalho, retidão e dignidade. Agradeço à Socorro Barbosa, que generosamente colocou sua casa no Recife à minha disposição. Estendo meus agradecimentos à sua família: Anísio, homem generoso e de elevado caráter, dona Marina, Paulo e Pedro Barbosa.

No período que passei no Recife, Zefinha foi avó, mãe e amiga. Jamais poderei retribuir o bem que ela me fez. Zefinha me socorreu quando a chicungunya (minha iniciação no Recife) fez um tremendo estrago em mim. Seu esposo, Edinaldo, foi uma companhia agradável com seu bom humor. Com seus 95 anos de idade, dona Nena me narrou suas aventuras de moça bonita em um Recife tão vívido em sua memória e já tão transformado. Nesses mesmos corredores, conheci outras mulheres lutadoras que batalham como cuidadoras de idosos e que me deram o privilégio de conhecer um pouco de suas estórias.

Nos corredores do edifício da Madalena convivi, também, com Lili, dona Marizete, Mirtes e seu filho Tiago. Eu e o menino Tiago nos tornamos amigos e parceiros de futebol. Ele

dizia: “Eu não sabia que existia trabalho só de ler. É mais legal que os outros trabalhos. Você só fica lê, lê, lê [...] os outros é trabalhar, trabalhar, trabalhar [...] cansa só os olhos. No trabalho cansa tudo, a mão, a perna”. Curioso, ele perguntava: “Qual foi seu melhor dia do mundo?”, “Qual foi seu pior dia do mundo?”, “O que você vai ser quando crescer?”, etc. Impaciente, interrogava: “Você pode jogar bola?”. “Ahh, você nunca pode jogar bola!”. Satisfeito com sua façanha: “Mãe, ganhei de Darlan”. E Lili, sua avó: “Não atrapalhe Darlan, que ele está estudando!”. Tiago, Pedrinho, Milena, Bernardo e Júlio foram companhias divertidas durante a escrita.

Agradeço à Tábata de Moraes pelo companheirismo e acolhimento.

Angela Schwengber preencheu esses anos com poesias, canções, afetos e jantares deliciosos. Na pandemia, as recepções em sua casa foram um sopro no coração. Eu, Angela, Lygia Sabbag Fares (amiga querida) e Eleílson Leite (seu companheiro) éramos imbatíveis nas noites de sábado. Mesmo distantes, eu em Pernambuco e ela em São Paulo, Angela jamais deixou que nossa amizade se perdesse. Sua delicadeza e amorosidade me ajudaram a ver com olhos gentis os desafios e a beleza de persistir na luta. Fábio Souza foi outro parceiro nessa travessia e nossas capoeiragens em São Paulo e no Recife ajudaram a equilibrar a rotina de trabalho.

Agradeço aos meus amigos e irmãos Rogério Ribeiro, Erick Gomes e Danilo Lucena. Nossa amizade, que já se aproxima de duas décadas, me alimenta dia após dia. Rogério e sua companheira Andressa, Erick e Danilo foram ao Recife e tornaram as semanas na cidade repletas de alegria e novas histórias.

Bruna Galicho foi uma presença crucial nesse período. Nos conhecemos em tempos de luta, quando peregrinávamos entre o Grajaú e o cursinho pré-vestibular (na Vila Mariana) para conquistar uma vaga na universidade pública. A experiência comum de uma menina e um menino periféricos cruzando as fronteiras físicas e sociais da cidade selou nossa amizade. Os dias que passamos no Recife no final de 2022, quando nos divertimos e confortamos, foram essenciais em um período de dificuldades. Através de Bruna, conheci André Brito, amigo recifense amante da cultura popular pernambucana e um devoto do bloco da Pitombeira de Olinda, que me deu muitas alegrias.

Agradeço aos meus terapeutas Isabela Russo e Severino Lepê Correia, que me ajudaram a forjar instrumentos para seguir adiante. A condução segura, atenta e não complacente de Isabela me ajudou a navegar pelas águas profundas e insuspeitadas de mim mesmo. “Mestre

Lepê”, poeta, professor, pesquisador, ativista político e terapeuta nas horas vagas, me presenteou com sua sabedoria. Apreendi com ele o valor da espiritualidade.

Agradeço a Luiz Jackson, orientador desta tese. Desde o mestrado, Luiz é um exemplo de como trilhar a carreira acadêmica sem perder o sentido coletivo do trabalho. Sua orientação segura, fraterna e compreensiva, sugerindo caminhos para a pesquisa e respeitando meus próprios processos pessoais e intelectuais, amorteceu as dificuldades inerentes à realização da tese. Também sou grato por nossa amizade, base de um convívio solidário e afetuoso que permeou a orientação.

Estendo os agradecimentos a Alejandro Blanco, meu coorientador de mestrado e com quem desfrutei do convívio diário (embora virtual) enquanto preparávamos um artigo em 2020. Como Luiz, Alejandro me deu uma prova de amizade e de companheirismo intelectual. Seus ensinamentos estão presentes nesta tese. Agradeço, por meio deles, à todas e todos os companheiros do Núcleo de Sociologia da Cultura da USP, especialmente Wellington Paschoal de Mendonça e Márcia Malcher, amigos fraternos e que tornaram esses anos de doutorado menos difíceis, e João Kosicki, que, no período em que moramos na Pompéia, em São Paulo, ouviu fraternamente minhas angústias e incertezas com o doutorado e a vida.

Agradeço *in memoriam* ao professor Marcos Costa Lima, da UFPE. Um importante estudioso do Nordeste, Marcos me recebeu com generosidade e aceitou ser co-orientador deste trabalho. Marcos militou pelo resgate da memória da Sudene de Furtado e esta tese se conecta ao seu esforço.

Alexandre de Freitas Barbosa acreditou no potencial da pesquisa desde o início e integrou as bancas examinadoras da qualificação e final. Suas passagens pelo Recife foram oportunidades para bons papos e cervejas. Com a equipe do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, Alexandre lidera o trabalho de preservação, organização e difusão do acervo pessoal de Celso Furtado, que foi doado em 2019 ao IEB/USP. Através de Alexandre, estendo meus agradecimentos à todas e todos companheiros do Núcleo Repensando o Desenvolvimento do Laboratório Interdisciplinar do IEB (LabiEb/USP), que foi um espaço de reflexão importante para mim no momento em que esta pesquisa apenas começava.

Também integrou a banca final da defesa do doutorado a professora Tânia Bacelar, a quem agradeço pela paixão, precisão e abertura na discussão do texto da tese. Foi um privilégio tê-la como interlocutora em um tema tão caro à sua própria trajetória intelectual. A professora Maria Eduarda da Mota Rocha (UFPE) também compôs a banca examinadora final e me

brindou com uma leitura atenta e sofisticada.

Professor e amigo, André Luiz de Miranda incentivou e acompanhou de perto a realização desta tese. Seu curso “Intérpretes do Nordeste”, realizado no IEB/USP em 2019, reforçou minha paixão pelo Nordeste. Recém-chegado ao Recife, e tomado de entusiasmo pela cidade que fora palco de acontecimentos que povoavam minha imaginação, eu e André visitamos os lugares emblemáticos do pré-1964, da passagem de Celso Furtado pelo Recife, dos primeiros tempos da Sudene e alguns outros espaços representativos da identidade política e cultural pernambucana. Fomos, inclusive, ao Edifício JK, uma das primeiras sedes da Sudene, cujo abandono anunciava o estado de conservação da cidade com a qual me depararia. André participou da banca examinadora de qualificação desta pesquisa e, desde lá, não interrompemos o diálogo e a amizade.

Agradeço, especialmente, aos entrevistados, que abriram suas casas em um período pós-pandêmico, mas ainda de muitos riscos, celebraram meu interesse pelas aventuras e desventuras da Sudene, se entusiasmaram e foram tomados de paixão, emoção e indignação ao recordarem e reviverem episódios já distantes no tempo, embora marcantes em suas vidas e na história do país. Por isso, meus agradecimentos à Adalberto Arruda Silva, Aécio Gomes de Matos, Alfeu Levy da Silva Caldasso, Carlos José Caldas Lins, Carlos Luiz Miranda, Carmen Silvia Maurício de Lacerda, Clemente Rosas Ribeiro, Clóvis de Vasconcelos Cavalcanti, Maria Christina Araújo de Mendonça, David Hulak, Enide Eskinazi Leça, Enox Paiva Rocha, Fernando de Oliveira Mota Filho, Girley Antônio Mendonça Brasileiro, Helena Márcia Rabelo Brasileiro, Heraldo Souto Maior, Itamar Paiva Rocha, Janize Ribeiro de Albuquerque (e seu filho Chico Ribeiro, que me ajudou muito nesse percurso), Jorge Fernando Santana, José Aristóphanes Pereira, José Audízio da Costa Luna, José Carlos Regueira, José Gualberto Almeida, Josélio Moura, Leonides Alves Filho, Malaquias Batista Filho, Maria das Graças Corrêa de Oliveira, Maria Elisabeth de Araújo, Mário Farina, Maryse Nogueira Paranaguá, Odilon Juvino de Araújo, Otamar de Carvalho, Paul Joubert Filho, Paulo de Tarso Moraes de Souza, René Dubois, Rosa Freire d’Aguiar, Sérgio Machado Rezende, Sérgio Macedo Gomes de Mattos, Severina Vasconcelos Santos, Silke Weber, Tânia Bacelar de Araújo, Valnira Maria Vasconcelos Cavalcanti e Zélia Maria Dantas de Oliveira.

Agradeço à Elisabete Marin Ribas, do IEB/USP, que viabilizou o acesso ao acervo pessoal de Celso Furtado. Filipe Freire Isidro, da Biblioteca Celso Furtado, da Sudene, me auxiliou na busca de materiais indispensáveis à pesquisa e por isso lhe sou grato. Em nome de

Lúcia Gaspar, agradeço também à equipe da Fundação Joaquim Nabuco, cuja prontidão e presteza facilitaram a busca pelos materiais de meu interesse.

Através dos trabalhadores dos bandeijões, da Biblioteca Florestan Fernandes, do corpo docente e das Secretarias de Graduação e Pós-Graduação faço meus agradecimentos à todas e todos os servidores da USP, que tornaram possível esses quase quinze anos (graduação, mestrado e doutorado) de vida universitária. Nesse período, eu e a USP mudamos. Caminhando por seus espaços noto uma Universidade que começa a dar passos no sentido da democratização. Os ventos da mudança, mesmo que vagarosos, estão soprando por lá. É preciso que permaneçamos vigilantes, evidente. Quanto a mim, não sou mais o menino da zona sul de São Paulo desconfiado, inseguro, com pouco preparo, que sentia certo incômodo e era repellido pela Universidade orgulhosa de suas “tradições”. Nesses anos teimosos nos reconciliamos, deixamos de nos estranhar e até aprendemos a nos gostar. Jamais abri mão dela. Sabia de sua importância. Aprendi a conviver com suas regras, imposições e arrogâncias. Ela ainda não sabia (e nem queria) lidar com a gente. Depois, muitos outros parecidos comigo chegaram sem pedir licença para entrar nem perdão para ficar. Sentiam-se mais confiantes e exigiam tratamento igualitário. Agora é a vez de a Universidade aprender com eles e mudar. Quanto a mim, sigo adiante.

Meus agradecimentos finais à Capes pela bolsa de estudo que, durante quatro anos, colaborou para minha manutenção no doutorado. Esta pesquisa é mais uma prova da importância do investimento público na ciência brasileira, tão necessária quanto vilependiada nos últimos anos.

“Muitas vezes me pergunto se o desejo insaciável de penetrar na realidade do próprio país não encobre outro desejo ainda mais fundamental: o de conhecer-se a si mesmo. Como superar as limitações do quadro psicológico pessoal sem penetrar nas condicionantes sociais e culturais? Até que ponto meu interesse pelo Nordeste decorre de uma simpatia profunda pelo mundo que mais conheço (o de minha infância e adolescência) ou reflete principalmente a consciência que tenho de que sou prisioneiro das estruturas sociais em que me formei, mesmo quando contra elas me revolto? Como desalienar-se sem haver alcançado a lucidez que nos permite ver através de todas essas estruturas, que são nosso segundo código genético?”

(Celso Furtado, *Essencial Celso Furtado*, Penguin Classics/Companhia das Letras, 2013, pp. 47-48).

“Agora entendi porque o mundo dá volta [...] quanto mais a gente se solta mais fica no mesmo lugar?”

(Paulo César Pinheiro e Vicente Barreto, “Na volta que o mundo dá”, 1996).

Barboza, Darlan Praxedes. *Fé, carisma e virtú: a trajetória de Celso Furtado, a criação da Sudene e a estruturação do campo científico no Nordeste brasileiro*. 290 p. Tese (Doutorado em Sociologia). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

Resumo: Reconhecido como um dos criadores da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) e do estruturalismo latino-americano, o economista Celso Furtado também se tornou conhecido como o ideólogo do projeto nacional de desenvolvimento das décadas de 1950 e 1960 e, com a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), se tornou conhecido como o demiurgo do Nordeste. A tese mostra que o reconhecimento e a unanimidade alcançados por Furtado no Brasil e na América Latina se devem em grande medida à criação da Sudene. Como começou a conversão do economista em um dos principais intelectuais e dirigentes estatais brasileiros do século passado? Quais os antecedentes familiares ajudam a explicar sua trajetória intelectual e política exitosa? Como ele conquistou o coração de sucessivas gerações de cientistas sociais e de agentes políticos brasileiros? Quais circunstâncias o levaram a assumir o comando da Sudene? Como ele criou o órgão desenvolvimentista, tornando-se conhecido como uma rara figura de intelectual e homem de ação? Em suma, como começou a ser construída a mística em torno de Furtado? A tese mostra o papel da Sudene na capacitação de gerações de planejadores econômicos para superar as desigualdades regionais e o subdesenvolvimento do Nordeste brasileiro e o investimento do órgão desenvolvimentista na reestruturação e expansão da infraestrutura universitária regional entre as décadas de 1960 e 1970, ajudando a criar um ambiente intelectual estimulante para o ensino, a pesquisa e a inovação tecnológica no Nordeste. A Sudene também investiu na estruturação e expansão da educação primária e no ensino técnico-profissional para elevar a produtividade da mão de obra demandada pelo parque industrial moderno que era instalado no Nordeste. Para a preparação da tese, foram pesquisados documentos institucionais da Sudene e jornais do período, e foram realizadas entrevistas com planejadores da autarquia regional.

Palavras-chave: Celso Furtado; Sudene; desenvolvimento econômico; planejamento do desenvolvimento; cooperação técnica; ciência e desenvolvimento; educação e desenvolvimento.

Barboza, Darlan Praxedes. *Faith, charisma and virtù: the trajectory of Celso Furtado, the creation of Sudene and the structuring of the scientific field in the Brazilian Northeast*. 290 p. PhD Dissertation. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

Abstract: Recognized as one of the creators of the Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC) and Latin American structuralism, economist Celso Furtado also became known as the ideologist of the national development project of the 1950s and 1960s and, with the creation of the Northeast Development Superintendency (Sudene), became known as the demiurge of the Northeast. The thesis shows that Celso Furtado's recognition and unanimity in Brazil and Latin America are due to the creation of Sudene. How did the economist's conversion into one of the main Brazilian intellectuals and state leaders of the 20th century begin? What family background helps explain your successful intellectual and political trajectory? How did he win the hearts of successive generations of Brazilian social scientists and political agents? What circumstances led you to take command of Sudene? How did he create the developmental agency, going down in history as a rare figure of intellectual and man of action? In short, how did the mystique around Furtado begin to be built? The thesis shows Sudene's role in training generations of economic planners to overcome the underdevelopment of the Brazilian Northeast and the development agency's investment in the restructuring and expansion of regional university infrastructure between the 1960s and 1970s, helping to create a stimulating intellectual environment for teaching, research and technological invention in the Northeast. During this period, Sudene also invested in the structuring and expansion of primary education and technical-professional education to increase the productivity of the workforce demanded by the modern industrial park that was installed in the Northeast. The thesis researched institutional documents from Sudene and newspapers from the period, and conducted interviews with planners from the regional authority.

Keywords: Celso Furtado; Sudene; economic development; development planning; technical cooperation; science and development; education and development.

Siglas

ABA – Associação Brasileira de Antropologia
Abamev – Academia Baiana de Medicina Veterinária
ABCC – Associação Brasileira de Criadores de Caprinos
Abrasco – Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva
AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros
Ancar – Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural
ANTT – Agência Nacional de Transportes Terrestres
AP – Aliança para o Progresso
Astef – Association pour les Stages en France
Artene – Artesanato Nordeste S.A.
Ascofam – Associação Mundial de Luta Contra a Fome
Bandepe – Banco de Desenvolvimento de Pernambuco
BB – Banco do Brasil
BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento
BM – Banco Mundial
BNB – Banco do Nordeste do Brasil
BNDE – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CAE – Centro de Aperfeiçoamento do Ensino
CAEEB – Companhia Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras
Caen – Centro de Aperfeiçoamento de Economistas do Nordeste
Cage – Campanha de Formação de Geólogos
Capes – Coordenação de Pessoal de Ensino Superior
CEB – Confederação Evangélica do Brasil
Cebrap – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
Celade – Centro Latinoamericano de Demografia
Celam – Conselho Episcopal Latinoamericano
Celpe – Companhia de Eletricidade de Pernambuco
CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Cemar – Centrais Elétricas do Maranhão
CNEN – Centro de Energia Nuclear
Ceplan – Consultoria em Economia e Planejamento
Cerne – Companhia de Eletrificação Rural do Nordeste
Cepal – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
Cepeme – Centro de Treinamento para Pequena e Média Empresa
Ceplar – Campanha de Educação Popular da Paraíba
Cetene – Centro de Educação Técnica do Nordeste
Cetrede – Centro de Treinamento em Desenvolvimento Econômico Regional
Certex – Centro Regional de Treinamento Têxtil
Chesf – Companhia Hidroelétrica do São Francisco
Cida – Comitê Interamericano do Desenvolvimento Agrícola
Cies – Conselho Interamericano Econômico e Social
CM – Correio da Manhã
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNE – Conselho Nacional de Economia
CNI – Confederação Nacional da Indústria
CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa

Conefor – Companhia Nordestina de Eletrificação de Fortaleza
Consintra – Conselho Sindical dos Trabalhadores do Estado de Pernambuco
CNRS – Centre National de la Recherche Scientifique
Codec – Comissão de Desenvolvimento do Centro-Oeste
Codeno – Conselho de Desenvolvimento do Nordeste
Codepe – Comissão de Desenvolvimento de Pernambuco
Cohebe – Companhia Hidrelétrica de Boa Esperança
Cofap – Comissão Federal de Abastecimento e Preços
Cosupi – Comissão Supervisora do Plano dos Institutos
CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
CPRM – Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
CRC – Companhia de Revenda e Colonização
CRPER – Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife
Crutac – Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária
CTPDE – Curso de Treinamento de Pessoal em Desenvolvimento Econômico
CVSF – Comissão do Vale do São Francisco
DAA – Departamento de Agricultura e Abastecimento
Dasp – Departamento Administrativo do Serviço Público
Datar – Delegation D’amanagement du Territoire
DATFP – Departamento de Assistência Técnica e Formação de Pessoal
DCG – Departamento de Ciências Geográficas
DI – Departamento de Industrialização
Dinfra – Departamento de Infraestrutura
Dnae – Departamento Nacional de Água e Energia
Dnef – Departamento Nacional de Estradas de Ferro
Dner – Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
Dnocs – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
Dnos – Departamento Nacional de Obras e Saneamento
DNPM – Departamento Nacional de Pesquisas Minerais
Docean – Departamento de Oceanografia
DP – Diário de Pernambuco
DRH – Departamento de Recursos Humanos
DRN – Departamento de Recursos Naturais
EDA – Economic Development Area
EDF – Electricité de France
EduRural – Programa de Expansão e Melhoria da Educação no Meio Rural
Emartece – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará
Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias
EMFA – Estado-Maior das Forças Armadas
EPGE – Escola Brasileira de Economia e Finanças
EPHE – École Pratique des Hautes Études
EPT – Escola de Pesca de Tamandaré
Etene – Escritório Técnico do Banco do Nordeste
FAB – Força Aérea Brasileira
Fafipe – Faculdade de Filosofia de Pernambuco
Fafire – Faculdade de Filosofia do Recife
FAO – Fundo das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
FDR – Faculdade de Direito do Recife

F.E.B. – Forças Expedicionárias Brasileiras
Feane – Fundo de Emergência e Abastecimento do Nordeste
FEB – Formação Econômica do Brasil
FF – Fundação Ford
Finep – Financiadora de Estudos e Projetos
Fisi – Fundo Internacional de Socorro à Infância
FMI – Fundo Monetário Internacional
FMR – Faculdade de Medicina do Recife
FNCE – Faculdade Nacional de Ciências Econômicas
Fundaj – Fundação Joaquim Nabuco
Gapa – Grupo de Análise de Projetos Agropecuários
Geia – Grupo Executivo da Indústria Automobilística
Geipot – Grupo Executivo para Integração de Políticas de Transportes
Gepa – Grupo Executivo de Produção de Alimentos
Geran – Grupo Especial de Racionalização da Agroindústria Canavieira do Nordeste
Giplan – Grupo Interdivisional de Planejamento Físico
GIPM – Grupo Interdisciplinar de Povoamento do Maranhão
Gisf – Grupo Interdisciplinar do Vale do Rio São Francisco
GP – Ginásio Pernambucano
Grune – Grupo de Reequipamento Técnico e Científico das Universidades do Nordeste
GVJ – Grupo Vale do Jaguaribe
GTDN – Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste
IAA – Instituto do Alcool e do Açúcar
Ibam – Instituto Brasileiro de Administração Municipal
IBECC – Instituto Brasileiro para a Educação, Ciência e Cultura
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICNND – Interdepartmental Committee on Nutrition for National Development
Iedes – Institut d'Étude du Développement Economique et Social
Ifocs – Inspeção Federal de Obras Contra as Secas
IHGP – Instituto Histórico e Geográfico Paraibano
IICA – Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura
IIPE – Instituto Internacional de Planejamento da Educação
IJN – Instituto Joaquim Nabuco
IJNPS – Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais
Ilpes – Instituto Latino-Americano de Planejamento Econômico e Social
Ime – Instituto Militar de Engenharia
Inan – Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição
Incrá – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Inep – Instituto Nacional de Estudos Educacionais
Inic – Instituto Nacional de Imigração e Colonização
Inpe – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IOCS – Inspeção de Obras Contra as Secas
IPE – Instituto de Pesquisas Econômicas
Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Irfed – Institut International de Recherche et de Formation Éducation et Développement
Iseb – Instituto Superior de Estudos Brasileiros
JUC – Juventude Universitária Católica

Labmar – Laboratório de Ciências do Mar
Labohidro – Laboratório de Hidrologia
Labomar – Instituto de Ciências do Mar
LSE – London School of Economics
Mapa – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MCP – Movimento de Cultura Popular
MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia
MEB – Movimento de Educação de Base
MEC – Ministério da Educação e Cultura
Mecor – Ministério da Coordenação dos Órgãos Regionais
MIT – Massachusetts Institute of Technology
MVOP – Ministério da Viação e Obras Públicas
NAI – Núcleo de Apoio à Indústria
OEA – Organização dos Estados Americanos
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas
Opas – Organização Panamericana de Saúde
Openo – Operação Nordeste
Orstom – Office de la Recherche Scientifique et Technique Outre-Mer
Panvet – Associação Panamericana de Ciências Veterinárias
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PD – Plano Diretor
PDC – Partido Democrata Cristão
Planisa – Planejamentos Industriais e Serviços de Assessoria
PMI – Pequena e Média Indústria
PNA – Programa Nacional de Alfabetização
PND – Programa Nacional de Desenvolvimento
Pnud – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PoloAmazônia – Programa de Polos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia
PoloNordeste – Programa de Desenvolvimento de Áreas Integradas do Nordeste
PPM – Projeto de Povoamento do Maranhão
Proam – Programa de Apoio Técnico e Financeiro aos Municípios
Procanor – Programa Especial de Apoio às Populações Pobres das Zonas Canavieiras do Nordeste
Prodasec – Programa Nacional de Ações Socio-Educativas e Culturais para o Meio Urbano
Proderu – Programa de Desenvolvimento da Educação Rural
Projeto Sertanejo – Programa Especial de Apoio ao Desenvolvimento da Região Semiárida
Promunicípio – Projeto de Coordenação e Assistência Técnica ao Ensino Municipal
Pronan – Programa Nacional de Alimentação e Nutrição
Pronasec – Programa Nacional de Ações Socio-Educativas e Culturais para o Meio Rural
PSB – Partido Socialista Brasileiro
PSD – Partido Social Democrático
PT – Partido dos Trabalhadores
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
PUC – Pontifícia Universidade Católica
RBE – Revista Brasileira de Economia
SAPPP – Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco
SBS – Sociedade Brasileira de Sociologia

Seav – Superintendência de Ensino Agrícola e Veterinário
Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEC – Serviço de Extensão Cultural
Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Sesp – Serviço Especial de Saúde Pública
SGB – Serviço Geológico Brasileiro
SNS – Serviço Nacional de Saúde
Spemve – Sociedade Pernambucana de Medicina Veterinária
SPVEA – Superintendência para a Valorização Econômica da Amazônia
SPVERFSP – Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Fronteira Sudoeste
SSR – Serviço Social Rural
Sudam – Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
Sudec – Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste
Sudene – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
Sudepe – Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca
Sudesul – Superintendência de Desenvolvimento do Sul
Suframa – Superintência da Zona Franca de Manaus
Sumoc – Superintendência da Moeda e do Crédito
TDE – Técnico de Desenvolvimento Econômico
TPE – Técnico de Planejamento Educacional
TVA – Tennessee Valley Authority
UDN – União Democrática Nacional
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFMG – Universidade Federal de Campina Grande
UFMA – Universidade Federal do Maranhão
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Ufscar – Universidade Federal de São Carlos
UIT – União Internacional de Telecomunicações
UNB – Universidade Nacional de Brasília
UNE – União Nacional dos Estudantes
Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unicef – Fundo das Nações Unidas para a Infância
UR – Universidade do Recife
Usaid – Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional
USP – Universidade de São Paulo

Sumário

Introdução	20
Parte I - Celso Furtado: uma trajetória olímpica (1920-1960)	28
Apresentação	29
Capítulo 1 - Teatro de operações	32
Capítulo 2 - Comandante	55
Origem familiar	55
Transumância	68
<i>Terra Brasilis</i>	85
Capítulo 3 - Batalha	85
Conclusão	129
Parte II - Celso Furtado vs. Gilberto Freyre: o poder da criação	135
Apresentação	136
Capítulo 4 - Celso Furtado vs. Gilberto Freyre: guerra de gigantes	139
Freyre e Furtado: origem familiar, formação escolar e trajetória profissional	139
Apoios	145
Recursos	151
Quadros	154
Guerra de gigantes	161
Dois Recifes	167
Conclusão	169
Parte 3 - Celso Furtado e a Sudene: ciência e educação no Nordeste brasileiro	178
Apresentação	179
Capítulo 5 - A formação de uma geração de planejadores do desenvolvimento o Nordeste brasileiro pela Sudene	182
A penetração das ideias cepalinas no Brasil	182
A chegada da Cepal no Nordeste brasileiro	185
O Curso de TDE e a formação do <i>staff</i> técnico da Sudene	187
O Curso de Técnico em Planejamento Educacional	192
Cursos de aperfeiçoamento em planejamento setorial	194
A formação de planejadores públicos pela Sudene no Nordeste	196
Capítulo 6 - Celso Furtado: Reitor do Nordeste	199
Bolsas de estudos	199
Graduação	201
Geologia	203
Geografia	205
Nutrição	209
Agronomia	213
Veterinária	214
Oceanografia	216
Economia	218
Serviço social	220

Pós-graduação	221
Pimes	223
Educação	227
Administração de empresas	228
Engenharia de transportes	230
Missões estrangeiras	230
Missão francesa	231
Missão israelense	233
Missão alemã	234
Missão japonesa	234
Missão americana	235
Missão das Nações Unidas	238
Capítulo 7 - A política educacional da Sudene: do reformismo democrático ao economicismo tecnocrático (1960-1970)	241
Educação para o desenvolvimento	241
Profissionalização das estruturas governamentais de planejamento educacional	242
Cecine	243
Ensino técnico-profissional	245
Alfabetização de adultos	247
Reformismo vs. economicismo	249
A desestruturação do DRH e a prevalência do discurso econômico na área educacional	254
Conclusão	259
O economista político: considerações finais	265
Bibliografia	270

Introdução

Em 25 de março de 1960 ocorreu o arrombamento do açude de Orós, no Ceará. A catástrofe deixou cem mil cearenses desabrigados e virou um escândalo nacional. O economista Celso Furtado, nomeado para dirigir a recém-criada Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), foi escolhido pelo governo federal o presidente da Comissão de Tombamento de Orós com a missão de planejar a recuperação do Vale do Jaguaribe. Em 29 de março, o presidente Juscelino Kubitschek viajou ao Ceará para sobrevoar as áreas atingidas. Com escala no aeroporto de Fortaleza, a comitiva presidencial recebeu o reforço de Furtado e de outras autoridades nordestinas. Neste momento, aconteceu o seguinte incidente:

O economista Celso Furtado foi convidado pelo presidente da República para acompanhá-lo até Orós, sendo aceito o seu convite pelo superintendente da Sudene. No entanto, ao entrar no “Douglas” presidencial, o sr. Celso Furtado teve os seus passos obstados por um elemento da guarda pessoal do Presidente. A PM da FAB, pensando tratar-se de um “penetra”, interveio, tentando segurar o superintendente da Sudene, mas a presença do general Damasceno Portugal, comandante da 10ª Região Militar, deu soluções ao caso, subindo aquele militar as escadas do “Douglas” abraçado com o sr. Celso Furtado.¹

Aos olhos de hoje o episódio soa inusitado. Furtado alcançou um tal reconhecimento nos anos seguintes no Brasil e no exterior que a ninguém ocorreria imaginar uma situação dessas. O hoje mítico teórico do subdesenvolvimento, um dos mais cultuados brasileiros do século XX, o “fundador da moderna economia política brasileira”², “uma rara figura de intelectual e homem de ação”³ e “o economista político brasileiro e talvez latino-americano mais importante de nosso tempo”⁴ revela-se um mortal no episódio acima. O gesto do inadvertido “elemento” da guarda presidencial lança luz sobre um Furtado mais humano daquele que seria consagrado como o “demiurgo” do Nordeste e do Brasil⁵, o “guia de qualquer geração de economistas políticos”⁶ – “Ninguém, nestes anos, pensou o Brasil a não ser nos termos furtadianos”⁷ –, “o maior intérprete do Brasil deste século [XX]”⁸ e o autor do “pensamento-síntese” da “vontade nacional reformadora” no período do “nacional-desenvolvimentismo”⁹.

¹ Cascudo, 1960.

² Oliveira, F., 2003, p. 40.

³ *Ibidem*, p. 39.

⁴ *Ibidem*, p. 104.

⁵ *Ibidem*, p. 21.

⁶ Tavares, 2002, p. 11.

⁷ Oliveira, F., 2003, p. 21.

⁸ Guimarães, 2000, p. 15.

⁹ Oliveira, F., 2003, p. 16.

O “grande economista brasileiro de todos os tempos”¹⁰, com um “raro sentido de homem público e republicano”¹¹, uma “austera postura” e uma “lucidez incansável”¹² na luta contra as forças do atraso é visto como um “penetra” no exato momento em que seu nome estava em vias de se tornar conhecido em todo o país. Começava naquele período a trajetória política que o tornaria célebre como o “apaixonado pela razão”¹³, o “cavaleiro da razão montado no Rocinante”¹⁴, o “Quixote que do alto de sua loucura combate incansavelmente os moinhos satânicos do capitalismo predador e de suas classes-abutres”¹⁵, o “servidor da República”¹⁶ que personificou “a razão entrando nos sertões infernais do latifúndio”¹⁷, o líder de “uma equipe de fanáticos da racionalidade”¹⁸ e o portador profético da “mensagem nova”¹⁹ para o Nordeste incumbido da tarefa ciclópica de desenvolvê-lo.

Como Furtado se tornou o símbolo do “momento canônico da vida do espírito brasileiro”²⁰ e “um patrimônio da nação”²¹? De que modo alguém que temia o fracasso e que chegou a duvidar do valor e do significado de suas próprias realizações, pensamentos que o dilaceravam desde a juventude e que voltaram a perturbá-lo no exílio²², conseguiu construir-se como um ícone do desenvolvimento do Nordeste e do Brasil em meados da metade do século passado? O que o economista possuía de especial para levar a cabo tão notáveis realizações? Em que quadro histórico e de influências sociais e culturais ele foi formado e em que suas aspirações foram modeladas? Quais personagens e ideias o influenciaram e nas quais ele se mirou em sua construção como um intelectual e estadista? Como foi educado o corifeu da revolução administrativa do Nordeste no começo da década de 1960? A pesquisa pretende desvelar o processo pelo qual Furtado se tornou o personagem-símbolo e o guia de sua geração de intelectuais e servidores públicos nacionalistas, das gerações mais moças de técnicos da Sudene e dos estudantes universitários de todo o país.

Furtado se via e se comportava como uma personalidade oficial desde menino. Quando estudante ginásial na Paraíba, ele falava como um “homem público” de grande estatura, uma

¹⁰ *Ibidem*, p. 125.

¹¹ *Ibidem*, p. 121.

¹² *Ibidem*, p. 123.

¹³ Serra, 2004.

¹⁴ Oliveira, F., 2008, p. 8.

¹⁵ *Ibidem*, p. 8.

¹⁶ Oliveira, F., 2004.

¹⁷ *Idem*, 2008, p. 106.

¹⁸ Farias, 1995, p. 23.

¹⁹ *Ibidem*, p. 23.

²⁰ Mendes, C., 2005, p. 129.

²¹ Oliveira, F. de, 2004.

²² Furtado, 2021 e 2019.

personalidade oficial. Sua obra autobiográfica teve papel crucial na construção de sua autoimagem como um homem virtuoso, devotado ao trabalho com as ideias e comprometido com as causas sociais, a construção da nação e a transformação da realidade brasileira. Seus textos autobiográficos apresentam uma trajetória linear e coerente de luta contra as estruturas subdesenvolvidas.

Projetando-se a todo o tempo como um homem público, a encarnação do “interesse público”, Furtado ofereceu a própria vida como o testemunho de uma reputação ética intocável. Em linha com a “ética federalista e republicana”²³ e a “perspectiva científico-ético”²⁴ associadas a seu nome, ele procurava se portar com correção e retidão diuturnamente. Esse foi o maior trunfo simbólico e a jaula de ferro do economista condenado a interpretar o desinteresse, o altruísmo e a honradez, estratégia e atributos que lhe permitiram se afirmar como uma liderança política. Encampano o “espírito público” como uma segunda pele, Furtado – um “poço de racionalidade”²⁵ – parecia “ter o oficial consigo”²⁶.

Que tipo de equipamento emocional foi necessário para que ele se tornasse o representante máximo do ideal republicano e suportasse tarefas tão transcendentais como a desenvolver o Nordeste? Não é de estranhar que Furtado vivesse em luta permanente contra sua própria condição humana, cujas limitações ele pretendia suplantar em seu esforço para “superar a estreiteza de certa condição primária”²⁷. Outra face de uma personalidade intrigante, ele se surpreendia em muitos momentos como uma espécie de semi-Deus.

Com uma perspectiva de si mesmo como o portador de virtudes acima dos mortais, ele estigmatizava a política como um reduto de incapazes e, como mostra sua obra autobiográfica, tendia a destacar os defeitos e a falta de virtude e de compromisso público das autoridades que ele conheceu. Sua ojeriza aos políticos profissionais no começo de sua carreira pública parece dizer algo sobre ele próprio como portador das nobres qualidades de um estadista, que ele não reconhecia nos mais célebres políticos de seu tempo. Nos salões oficiais que passou a frequentar no processo de criação da Sudene, Furtado não se sentia um igual. Ao contrário, se percebia como um “estranho no ninho” e, por isso mesmo, se vingava secretamente acentuando os defeitos de caráter dos donos do poder.

Furtado se portou de acordo com o modelo de um “chefe carismático”²⁸. Ele e a Sudene

²³ Oliveira, F. de, 2003, p. 107.

²⁴ *Ibidem*, p. 106.

²⁵ *Ibidem*, p. 106.

²⁶ Bourdieu, 2015, p. 72.

²⁷ Furtado, 2019, p. 113.

²⁸ Weber, M., 2001, p. 70.

eram vistos como a “última esperança” do Nordeste²⁹. Como um enviado, coube-lhe a tarefa de reconciliar a sociedade brasileira com sua autoconstrução ideológica como uma nação miscegenada, democrática e moderna, e que também pretendia ser desenvolvida, incumbindo-se da obra de integração econômica do país ao “salvar” do atraso o Nordeste do país. Furtado unificou diferentes grupos de interesses em torno do “problema Nordeste”, contruindo-se como o porta-voz dos altos propósitos do país para aquela região. De fato, ele conseguiu reconhecimento como o portador da mensagem redentora com legitimidade para falar em nome dos grupos prejudicados pelo subdesenvolvimento do Nordeste e pela “opinião pública” (a “moral coletiva”) contra as elites agrárias nordestinas, que lucravam com o discurso da “miséria” e do “abandono” da região pela nação.

Furtado encarnou os valores da imparcialidade, do espírito público, do desinteresse, da honestidade, da moderna ciência e da competência e se lançou na “saga” da criação da Sudene e do desenvolvimento do Nordeste, tornando-se rapidamente o maior símbolo do oficial nesta região, transferindo para o órgão regional seu recém-conquistado capital de credibilidade política e conseguindo construir sua reputação como um economista e dirigente político conhecido em todo o país.

Vendo-se e sendo reconhecido como um “profeta ético”³⁰, o economista e reformador político mostrava-se um trabalhador incansável, desdobrando-se em viagens por todo o país e para o exterior, em entrevistas para a imprensa, conferências, compromissos políticos e para paranimfar turmas de universitários de diversos cursos. Por ocasião das reuniões do Conselho Deliberativo da Sudene, ele ganhou os holofotes e desfilou sua autoridade política e competência técnica diante dos governadores, ministros e da imprensa.

No final de 1962, acumulando as responsabilidades de presidente da Sudene e ministro do Planejamento, o economista chegou a adoecer com o “ritmo infernal de trabalho”³¹. O homem que carregava nas costas a tarefa de “salvar” o Nordeste e “redimir” o Brasil, que se mostrava como a encarnação do extraordinário, o escolhido dotado das qualidades quase sobrenaturais, não podia ser descoberto em seu esgotamento físico e mental e parecer aquém da missão heróica de transformar o Nordeste. Esperava-se dele que estivesse sempre a postos, pronto para a “batalha final”, para “redimir” o Nordeste e retirá-lo das trevas do domínio das oligarquias agrárias. Como não havia tempo a perder nessa tarefa titânica, era preciso estar

²⁹ Furtado, 2019, p. 180.

³⁰ Bourdieu, 2015, p. 99.

³¹ Furtado, 1997 [1989], p. 240.

disponível integralmente para o ato de criação³².

Furtado introduziu e rotinizou na sociedade brasileira o par “desenvolvimento” e “subdesenvolvimento”, conceitos que adquiriram através dele – e de outros intelectuais – um substrato político e foram disseminados pelo mercado editorial, pela televisão, pela publicidade³³, pelo rádio, pelo teatro³⁴, pela literatura de cordel³⁵ e também pela música popular (na “Canção do Subdesenvolvido”, composta por Carlos Lira e Chico Assis em 1962, e no baião de Luiz Gonzaga³⁶). Noções aquelas que também foram difundidas nas

³² Em fevereiro de 1961, em pleno carnaval do Recife (Farias, 2020), funcionários da Sudene surpreenderam Furtado preparando um capítulo do livro *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* em seu apartamento, no bairro do Pina. Em outro episódio, o técnico Carlos Luiz de Miranda presenciou o superintendente subindo as escadarias do Edifício JK, antiga sede da Sudene na avenida Dantas Barreto, cujo elevador quebrava com frequência (Miranda, 2020, p. 171). Cenas como essas, reproduzidas por muitos ex-servidores da Sudene, eram vistas como evidência das qualidades superiores e do caráter quase santo de Furtado – “E era muita escada. Então aí agente vai aprendendo uma coisa [...] Os obstáculos são para a gente ultrapassar” (*Idem*, p. 171). Em outra circunstância, no Teatro Santa Isabel, Furtado foi assistir à uma apresentação teatral com alguns dos diretores da Sudene e suas respectivas esposas. No intervalo, ele “aproveitou” para discutir com eles o preço da safra de feijão no vale do São Francisco. O episódio teria aborrecido suas companheiras, que se queixaram do abuso do chefe da Sudene (Farias, 2020, p. 66).

³³ No *Diário de Pernambuco*, a Lucasa S.A. Indústria e Comércio, uma companhia produtora de óleos, sabões e derivados, publicou um anúncio com a inauguração de uma fábrica em Arcoverde/PE, prometendo “fixar uma civilização na região adusta de natureza hostil e inclemente” e “valorizar” “o sertanejo”. O anúncio trazia um “sertanejo” no semiárido caminhando em direção ao sol no horizonte ladeado pelas frases consagradas por Euclides da Cunha sobre aquele tipo brasileiro – “O sertanejo é antes de tudo um forte” – e também de Celso Furtado – “Esta industrialização tem como primeiro objetivo absorver a massa enorme de população que já está sobrando nas zonas urbanas da região”; “O primeiro objetivo deve ser, portanto, criar ali uma economia resistente à seca” (Lucasa S.A. Indústria e Comércio, *Diário de Pernambuco*, 6/12/1959).

³⁴ Figurinista, diretor artístico e fundador do “Teatro Jovem” do Rio de Janeiro, Kleber Santos planejava escrever uma peça intitulada “Operação Nordeste” no começo dos anos 1960 com base nos textos de Furtado (Aquino, C., 1960).

³⁵ O cordel “A visão milagrosa do homem que ouviu o Padre Cícero nas frentes de trabalho”, escrito em 1980 pelo poeta e xilógrafo cearense Abrãao Batista, narra a história de um agricultor contratado pela Sudene para uma frente de trabalho em meio a uma “seca destruidora”. Ele vê Padre Cícero Romão do Juazeiro, que, como um mensageiro do órgão desenvolvimentista, resolve instruí-lo sobre seus direitos e alertá-lo sobre a corrupção dos fazendeiros e políticos: “Se não houvesse a Sudene, a coisa era pior, quando ela não existia, a seca era um horror, morria gente de fome, de sede, peste e dor; [...] A Sudene é um veículo, que Juscelino criou, para tentar resolver, o que a seca devorou, não vê que depois dela, muita coisa melhorou? [...] Cada homem da agricultura, por si vai fiscalizar, quem não for agricultor, e na Sudene quer se alistar, pois o dinheiro que eles tiram, no seu bolso lhe vai faltar; [...] Essas coisas irregulares, revele com atenção, mas tenha muito cuidado, com esperto ladrão, pois a Sudene não pode, fazer toda adivinhação; [...] Para os fazendeiros grandes, o governo autorizou, emprestar certo dinheiro, como a Sudene ajeitou, com esse dinheiro vão pagar, no campo quem trabalhou; [...] Por cima tem uns políticos, muito mal acostumados, querendo ter na Sudene, os seus golpes endiabrados, para enriquecer bem depressa, às custas desses finados; [...] A Sudene faz o plano, o político faz a política, o camponês faz o campo, ao contrário tudo estica, faltará feijão na mesa, e a nação nunca enrica; [...] A Sudene foi construída, para evitar a calamidade, fazer os cálculos certinhos, no campo, mata e cidade, mas o sertão sem a Sudene, será uma infelicidade”.

³⁶ Em 1968, Luiz Gonzaga (1912-1989) gravou a canção “Nordeste pra Frente”, festejando as transformações na região e respaldando a perspectiva difundida pelo novo comando do organismo regional: “Sr. repórter já que tá me entrevistando; Vá anotando pra botar no seu jornal; Que meu Nordeste tá mudado; Publique isso pra ficar documentado; [...]; Qualquer mocinha hoje veste mini-saia; Já tem homem com cabelo crescidinho; O lambe-lambe no sertão já usa flashe; Carro de praça cobra pelo relógio; Já tem conjunto com guitarra americana; Já tem hotel que serve *whisky* escocês; E tem muito matuto com gravata italiana; Ouvindo jogo no radinho japonês; [...]; Caruaru tem sua universidade; Campina Grande tem até televisão; Jaboatão fabrica jipe à vontade; Lá de Natal já tá subindo foguetão; Lá em Sergipe o petróleo tá jorrando; Em Alagoas se cavarem vai jorrar; Publique isso que eu estou lhe afirmando; O meu Nordeste dessa vez vai disparar; E ainda diziam que o meu Nordeste não

universidades, nos sindicatos e nas associações empresariais. Como lembra o sociólogo francês Pierre Bourdieu, “o profeta é também aquele que faz existir pela palavra aquilo que nomeia, aquele que faz a nomeação criadora”³⁷.

Com o sucesso editorial e a ampla circulação dos textos de Furtado, aquelas categorias extrapolaram o jargão das ciências sociais, ganharam as ruas e foram utilizadas como munição no debate político, adquirindo estatuto de verdade e descrevendo realidades reconhecíveis sobre as quais se falava pública e cotidianamente. Furtado nomeou percepções difundidas na sociedade política, dando a elas legitimidade científica ao emprestar o prestígio das ciências econômicas e ajudar “o grupo a falar melhor do que o grupo pode falar”³⁸. O economista e dirigente estatal foi, em suma, o artífice de um ato de criação política, que teve um efeito de revelação.

[...] poeta que faz existir coisas que não devem existir, que são inomináveis [...]; é um trabalho jurídico. Pode tornar nominável o inominável, o que quer dizer que se pode falar disso publicamente, mesmo na televisão [...]. Se ele pode falar disso, é porque há palavras para dizer isso; se tem palavras para dizer isso, é porque as pessoas lhe deram essas palavras [...]. Portanto, é o inominável ou o implícito, isto é, são coisas [...] vividas no modo do mal-estar, e que serão transformadas em sintomas. O trabalho político é dessa ordem: um grupo sente-se desconfortável em algum lugar [...]. Ninguém sabe nomear isso; alguém chega e nomeia: faz um ato de constituição, faz existir como sintoma o que existia como desconforto. Sabem o que sentem, e é uma enorme mudança, já estão semicurados, sabem o que têm de fazer. [...]. É o que faz o poeta originário: ele faz o grupo falar melhor do que o grupo pode falar, e, no entanto, apenas diz o que o grupo diria se soubesse falar. [...]. Ele tem um discurso de vanguarda, portanto um pouco solitário, mas pronto para ser seguido porque provocará um efeito de revelação: revelará ao grupo coisas que o grupo não sabia ou não queria saber. [...] o profeta é aquele que diz no lugar do grupo o que o grupo não pode dizer ou não quer dizer e que se automandata não provocando escândalo pelo fato de dizer coisas que até então o grupo não dizia ou não podia dizer. [...] ele é o porta-voz do grupo que dá ao grupo o que o grupo lhe pede e, em troca, o grupo lhe dá o que ele pede: o aval, o mandato de dizer, e esse mandato se negocia.³⁹

A primeira parte da tese (“Celso Furtado: uma trajetória olímpica 1920-1960”) mostra como Furtado se construiu como uma revelação política e se impôs sobre outros intelectuais, burocratas e políticos profissionais que buscavam surfar na publicidade crescente da “questão Nordeste” entre as décadas de 1950 e 1960. Em resumo, o capítulo mostrará os flashes da entrada em cena daquele que se distinguiria como o mais alto representante de um novo agente social, o planejador econômico, que cobraria seu lugar à mesa junto aos outros personagens

ia pra frente; Falavam até que a Sudene não funcionava; Mas Dr. João [João Gonçalves, superintendente no período 1964-1966] chegou lá; Com fé em Deus e no meu Padim Ciço; E todo mundo passou a acreditar no serviço; Essa que é a história” (Luiz Gonzaga, “Nordeste pra Frente”, 1968).

³⁷ Bourdieu, 2015, p. 99.

³⁸ *Ibidem*, p. 99.

³⁹ *Ibidem*, p. 100.

há mais tempo no comando da máquina estatal em consórcio com as elites políticas da região e do país.

O primeiro capítulo reconstrói o processo histórico de construção da “questão Nordeste”. O segundo capítulo reconstitui a origem e a trajetória social de Furtado e identifica os fatores que o ajudaram a construir-se como o referente intelectual e político de sua geração e o habilitaram para reformar o Nordeste brasileiro. Interrogando o processo indissociável de construção da reputação intelectual e política do economista, o terceiro capítulo mostra a construção da credibilidade política de Furtado, que ganhou o noticiário como um líder justo, honrado, incorruptível, infalível e que não se vergava diante das pressões e dos jogos do poder. O economista rapidamente ganhou a adesão de amplos setores sociais e políticos e capturou a causa do Nordeste, desbancando seus concorrentes.

Na segunda parte (“Celso Furtado vs. Gilberto Freyre: o poder da criação”), o capítulo 4 mostrará como Furtado ajudou a abrir as portas da burocracia estatal brasileira para a categoria social cujas únicas propriedades era seu capital escolar e suas competências técnicas. Recém-chegadas ao Estado (“*outsiders*”⁴⁰), os especialistas em desenvolvimento econômico buscaram se colocar como porta-vozes dos valores republicanos e se contrapuseram aos grupos sociais cujo poder dependia das relações baseadas nos laços familiares e nos privilégios da tradição (“estabelecidos”⁴¹). Sob esse ponto de vista, a criação da Sudene representou a entrada triunfal desses novos agentes na disputa pelo poder burocrático em nome do desenvolvimento do Nordeste, encontrando muitas resistências.

A fim de ilustrá-las, iluminar a singularidade do perfil social dos planejadores da Sudene, apontar os fatores sociais responsáveis pela unidade político-ideológica entre eles e investigar as razões da aceitação unânime dos técnicos do órgão regional à liderança de Furtado, o capítulo 4 trará à baila o sociólogo Gilberto Freyre, o antigo Instituto Joaquim Nabuco e os seus primeiros diretores e pesquisadores. Freyre, o Nabuco e seus pesquisadores seniores serão analisados com o intuito de iluminar a novidade representada pela entrada em cena de Furtado, da Sudene e de uma nova geração de planejadores econômicos. Ficará demonstrado que o órgão desenvolvimentista acelerou a transição entre dois modos de reprodução social (burocrática/racional *versus* linhagem/sangue) no momento em que o campo do poder no Brasil se diferenciava aceleradamente. Furtado minou a legitimidade do modo de reprodução hereditário e multiplicou o número de técnicos econômicos cuja autoridade se baseava no

⁴⁰ Elias, 1994.

⁴¹ *Ibidem*.

capital escolar e científico.

Abrindo a terceira parte (“Celso Furtado e a Sudene: ciência e educação no Nordeste brasileiro”), o capítulo 5 mostrará a nova classe de planejadores estatais criada pela Sudene no Nordeste é vista em ação buscando difundir na região sua nova mentalidade econômica. Ao pretender realizar uma revolução científica e tecnológica para viabilizar seus planos de desenvolvimento, a Sudene de Furtado confrontou interesses tradicionais e gestou uma nova elite burocrática letrada justificada na ideologia “progressista” do serviço público.

O sexto capítulo se detém sobre a penetração da ideologia desenvolvimentista da Sudene nas universidades, que receberam financiamento do organismo regional de desenvolvimento, se atualizaram, se expandiram, ajudaram a propagar o credo industrialista e a estabelecer uma nova ordem econômica e social no Nordeste contra a paz agrária em desagregação. Como será visto, a Sudene teve um papel central na renovação da elite intelectual e científica nordestina ao acelerar a gestação de um vigoroso ambiente científico e intelectual nucleado na cidade do Recife em meados da metade do século passado.

O sétimo e último capítulo lança luz sobre a tentativa da Sudene de atualizar, expandir e interiorizar o acesso ao ensino básico no Nordeste como um pré-requisito indispensável de seu plano de desenvolvimento econômico, oscilando entre uma posição progressista de estímulo às mudanças políticas através da alfabetização das massas e uma visão economicista dos processos educacionais (educação como instrumento para o crescimento econômico).

PARTE I

CELSO FURTADO: UMA TRAJETÓRIA OLÍMPICA (1920-1960)

Apresentação

Ao lado do argentino Raúl Prebisch (1901-1986), o economista Celso Furtado (1920-2004) é conhecido como um dos fundadores da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) e o criador do “estruturalismo latino-americano”⁴². É visto, também, como o ideólogo do projeto nacional de desenvolvimento soberano e democrático das décadas de 1950 e 1960. Com a criação da Sudene, Furtado se tornou o “demiurgo do Nordeste”⁴³. Com o sucesso editorial de seus livros, rapidamente elevados à categoria de “clássicos” e que conseguiram um imediato sucesso consagrador, elevando-o ao panteão dos “intérpretes do Brasil”, Furtado se tornou (ao lado dos pernambucanos Gilberto Freyre e Josué de Castro) o cientista social brasileiro mais lido e traduzido no século XX, e, a partir da década de 1960, foi alçado à posição de “patrono” e o “guia” dos economistas políticos brasileiros⁴⁴, convertendo-se, também, em um “homem-instituição”⁴⁵, um símbolo do “momento canônico da vida do espírito brasileiro”⁴⁶ e um “patrimônio da nação”⁴⁷.

Como mostrarão os três próximos capítulos, o reconhecimento e a unanimidade alcançados por Furtado se relacionam à batalha campal pela criação da Sudene, envolvendo um duro trabalho político. Como começou a conversão do economista, que, “*a priori*, não seria considerado homem adequado para ter êxito político”⁴⁸, em um dos principais intelectuais e dirigentes estatais brasileiros do século passado? Quais os antecedentes familiares que ajudam a explicar sua trajetória intelectual e política excepcionalmente exitosa? Quais as credenciais e os trunfos que ele reuniu para conquistar o coração de sucessivas gerações de cientistas sociais e “homens públicos” brasileiros? Quais circunstâncias o levaram a assumir o comando da Sudene, que ele próprio idealizou e criou? Como ele criou o órgão desenvolvimentista, passando para a “história” como uma “rara figura de intelectual e homem de ação”⁴⁹? Em suma, como começou a ser construída a mística em torno de Furtado?⁵⁰

⁴² Bielschowsky, 2000; Kay, 1991; Rodríguez, 1981.

⁴³ Oliveira, F., 2003, p. 21.

⁴⁴ Tavares, 2002, p. 11.

⁴⁵ Bonavides, 1996, p. 472.

⁴⁶ Mendes, C., 2020, p. 129.

⁴⁷ Oliveira, F. de, 2004.

⁴⁸ Robock, 1963, p. 118.

⁴⁹ Oliveira, F., 2003, p. 39.

⁵⁰ O interesse pelas personalidades destacadas do mundo intelectual, político, artístico e esportivo tem larga história na tradição sociológica. O sociólogo francês Pierre Bourdieu (2015) buscou compreender como os agentes acumulam “capital improvável” (acima da média ou de tipo diferente), reúnem meios materiais e simbólicos necessários ao empreendimento inovador, adquirem confiança e realizam ações inovadoras. Questões semelhantes foram feitas por Norbert Elias (1994), que investigou as condições sociais do treinamento de uma “virtuose” para a realização de feitos extraordinários. Segundo o sociólogo alemão, um intelectual não é um gênio criador

Para capturar a ascensão meteórica de Furtado na vida política brasileira, a primeira parte da tese se concentrará nos acontecimentos do ano de 1959, quando ele viajou pelo país para viabilizar a Operação Nordeste (Openo), construir seu *marketing* pessoal como um técnico com qualidades intelectuais e morais elevadas e legitimar sua própria liderança como um renomado economista latino-americano a serviço do desenvolvimento do país, tornando-se conhecido como um planejador criterioso e um “homem de ação”.

Com uma origem social elevada, um valioso capital de conhecimentos técnico-científicos e muita autoconfiança, ele se sentia com um *status* superior à posição como um “técnico” e se portava como uma liderança à altura das responsabilidades políticas como superintendente da Sudene, que era uma espécie de “super-ministério” para os problemas do Nordeste⁵¹.

Em 1959, o ano I da história “emocionante e colorida”⁵² da Sudene, era inimaginável a importância que o órgão regional adquiriria na política brasileira, chegando a se tornar um dos principais alvos dos golpistas de abril de 1964. No final da década de 1950, o discurso de união entre os estados do Nordeste ainda não se estabelecera e Furtado tampouco era uma celebridade política nacional. Organizada às pressas, a Sudene reuniu uma equipe técnica pequena e emprestada de outros órgãos públicos e não dispunha de um “plano” operacional definido, recorrendo à improvisação.

O primeiro capítulo reconstruirá a trajetória de meio século de políticas governamentais para o combate às secas no Nordeste e que estão na origem da invenção jurídica, administrativa e discursiva da “questão regional” pelas classes dirigentes nordestinas, produzindo um acúmulo de saberes práticos sobre o Nordeste nos quais a Sudene se apoiou no final da década de 1950 – “O nascimento do Estado é inseparável de uma imensa acumulação de capital informacional”⁵³. Remontando à origem social e à trajetória profissional de Furtado, o segundo capítulo jogará luz sobre a educação sentimental do paraibano e a construção de seu *habitus*⁵⁴

desvinculado de sua sociedade, que pode acolher ou não sua inovação e suas pretensões (Elias, 1994). Em *Ciência e Política: duas vocações*, e nos trabalhos de sociologia da religião, Max Weber também se interessou pelo problema dos grandes criadores e das qualidades necessárias ao trabalho de invenção política, perguntando-se “que homem é preciso para adquirir o direito de introduzir os dedos entre os raios da roda da História?” (Weber, M., 2011, p. 132). Sem prejuízo das diferenças teóricas e metodológicas entre esses autores, suas abordagens são articuladas na tese para elucidar aspectos da trajetória intelectual e social de Celso Furtado.

⁵¹ Periscópio, *Diário de Pernambuco*, 16/8/1963; Sudene aprovou o plano de revisão agrária, *Diário de Pernambuco*, 5/10/1961.

⁵² Robock, 1963, p. 120.

⁵³ Bourdieu, 2015, p. 285.

⁵⁴ O conceito de *habitus* se relaciona à aquisição de competências práticas sedimentadas no corpo e que se ligam à uma trajetória e localização específica no espaço social. Dito de outro modo, o *habitus* é o produto de aprendizados inscritos e que se configuram como estruturas mentais ou disposições duráveis. Em suma, são propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de um modo determinado, que guiam os agentes em meio aos

de estadista, mostrando as conexões familiares do economista com o aparelho estatal e o estamento militar, que ele mobilizou para criar a Sudene.

O terceiro capítulo seguirá dia a dia o processo político de criação da Sudene em 1959, quando o órgão regional sequer tinha um nome definido (era referido na imprensa como “Sudeno”), ainda não se tornara uma instituição modelo (“desburocratizada”, “eficiente” e “enxuta”) e quando o projeto de lei de sua criação tramitava no Congresso Nacional, onde foi travada uma guerra de guerrilha entre seus apoiadores e adversários. O capítulo mostrará a ativação dos capitais economista e a atualização de sua predisposição para o exercício do poder estatal no contexto do lançamento da nova política desenvolvimentista para o Nordeste.

constrangimentos e às solicitações do meio social e funcionam como capital acumulado (Bourdieu, 2006; Wacquant, 2017). Nesta chave teórica, o capítulo examinará as disposições herdadas, os esquemas cognitivos e motivacionais, as experiências, a trajetória, as estratégias profissionais e políticas, em suma, a formação da sensibilidade de Furtado como um homem de Estado.

CAPÍTULO 1

Teatro de operações⁵⁵

Você não pode imaginar como, no mundo, o que vale é a liderança. Há tantas potencialidades, possibilidades de realizar coisas, que estão dependendo apenas de que apareça alguém capaz de liderar, de assumir o comando.⁵⁶

O economista Celso Furtado [...] tem um gosto particular pela palavra “grande”. Um jornalista presente à reunião do Conselho [Deliberativo], ontem, contou 10 vezes (no espaço de 2 horas) o seu emprego: “grande projeto do Maranhão”; “grande plano rodoviário”; “grande Instituto Tecnológico Tropical”; “grande problema”; “grande solução”; “grande problema de formação de pessoal”; “grande inundação”, etc. Outra palavra do vocabulário do Superintendente da Sudene: “super-órgão”, “super-ior”, “super-intendente”, “supremo”, “super-estrutura” (e a respectiva infra), a própria “Super-intendência”, “super-ar”.⁵⁷

A Sudene não surgiu como um raio em dia de céu azul. Com repercussão midiática crescente, as secas do final do século XIX evidenciaram as tensões e as desigualdades regionais no Brasil, exigindo respostas da elite dirigente das províncias do Centro-Sul (antigo complexo regional que incluía as atuais regiões Sul, Sudeste e parte do Centro-Oeste) do país. A grande seca de 1877-1879, um escândalo com repercussão internacional e responsável pela mortandade de milhares de pessoas, tornou inadiável o enfrentamento do problema.

No Congresso Nacional e na imprensa, parlamentares denunciavam o “abandono” do “Norte” pelo Império, que aprofundara as assimetrias entre as partes da nação. Somada à crise da economia açucareira, o viés discriminatório dos investimentos do governo imperial em favor do Centro-Sul solapava o desenvolvimento do “Norte agrário”. Criticaram, também, o parasitismo do Império, que, com os impostos pagos pelos nortistas, patrocinaria o desenvolvimento da região do café. Diante da crise social e política precipitada pela seca – o problema da mão-de-obra e da mudança dos nexos econômicos e políticos inter-regionais afetaram particularmente a porção setentrional do território brasileiro⁵⁸ –, as elites no poder resolveram agir.

⁵⁵ “Teatro de operações – 1. Parte do teatro de guerra necessária à condução de operações militares de grande vulto, para o cumprimento de determinada missão e para o conseqüente apoio logístico. 2. Espaço geográfico necessário à condução das operações militares, englobando o apoio logístico. Seus limites serão inicialmente estabelecidos por ocasião do planejamento estratégico” (Exército Brasileiro, 2018, p. 371).

⁵⁶ Furtado, 1996, p. 68.

⁵⁷ Informativo Econômico, *Diário de Pernambuco*, 5/7/1962.

⁵⁸ Secreto, 2020.

Na década de 1870, se multiplicaram os debates no Parlamento, no Conselho de Ministros, na imprensa, nas publicações especializadas e no Instituto Politécnico do Rio de Janeiro, que era dirigido por André Rebouças (1838-1898), engenheiro que escreveu o documento *As secas nas províncias do Norte* (1877) e sugeriu medidas (técnicas e sociais) tendo em conta a totalidade do território nacional⁵⁹. Para estudar a região (solo, clima, vegetação e população) e propor ideias para mitigar os efeitos das secas e superar o viés assistencialista dos socorros públicos, o Império enviou comissões científicas formadas pelas minguadas elites técnicas do período (engenheiros, zoólogos, botânicos, matemáticos, físicos, geólogos, etnólogos, geógrafos, militares) e por especialistas estrangeiros.

Na “fase hidráulica”⁶⁰, de invenção do “sertão científico”⁶¹, e quando os engenheiros eram autoridades técnicas e científicas incontestáveis e formulavam políticas públicas⁶², as comissões enviadas para o “Norte” propuseram a construção de açudes, estradas e ferrovias, contribuindo para a acumulação de uma “cultura técnica” no enfrentamento dos problemas regionais.

As secas, mobilizadas como tema, preocupação e objeto científico, implicaram a delimitação de um campo disciplinar e institucional de discussão assim como a delimitação de um espaço geográfico e econômico, social e cultural.⁶³

Sugeriram, também, a ligação entre os rios São Francisco e Jaguaribe, a construção de poços artesanais, a introdução de tecnologia para a dessalinização da água do oceano Atlântico, a instalação de estações meteorológicas, a criação de um sistema de previsão de secas, a organização de um serviço para a distribuição de alimentos, a realização de melhorias nos portos, o remanejamento de população e dos animais, a criação de um sistema de açudes na região e a elaboração de um plano viário como parte de um “plano geral das comunicações no Brasil”⁶⁴.

Além dessas medidas, aventou-se a criação de frentes de trabalho com remuneração monetária, a irrigação das margens dos rios perenes e, com a perspectiva de mudar o clima da

⁵⁹ Ferreira, Dantas e Faria, 2009, p. 249; Secreto, 2020, p. 35.

⁶⁰ Campos, J., 2014, p. 65.

⁶¹ Ferreira, Dantas e Farias, 2006, p. 6.

⁶² Além de Rebouças, outros engenheiros estudaram e propuseram planos de ação para a região semiárida como Bernardo Piquet Carneiro (*Em defesa dos flagelados do Norte*, 1911), Bezerra de Menezes (*Breves considerações sobre as secas do Norte*, 1877), José Américo dos Santos (*As secas do Norte do Brasil*, 1877), Miguel Arrojado Lisboa, Pompeu Ferreira da Ponte (*Ensaio sobre irrigação agrícola na Província do Ceará*, 1884) e Tomaz Pompeu Sobrinho (*O problema das secas no Ceará*, 1920) (Duque, 2004, pp. 76-79).

⁶³ *Ibidem*, p. 250.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 257.

região, as expedições “científicas” propuseram a arborização e a açudagem. Encarregadas de levar a “civilização” para o “sertão”, elas se apoiaram no discurso do “combate às secas” e articularam “uma visão cada vez mais abrangente da região” calcada no otimismo e na fé oitocentista no progresso, na ciência e nas soluções técnicas⁶⁵.

Iniciava-se a produção de um “discurso técnico” (artigos em revistas especializadas, pareceres oficiais, projetos) sobre as secas, que se tornaram um problema científico, para justificar a intervenção do governo federal⁶⁶. Em síntese, as discussões sobre as secas precipitaram a formação de “um campo institucional de embates de interesses diversos, de concepções (técnicas, sociais, etc.) longe de serem homogêneas sobre o processo de modernização do país e as prioridades de investimento”⁶⁷ em um momento em que “estavam em jogo projetos heterogêneos de nação, visões diversas sobre (o que deveria ser) o território e sobre o povo que o habita”⁶⁸.

As anotações sobre a pecuária, os dados hidro-geográficos, regime dos rios, o litoral piscoso, assim como as dificuldades de transporte, pela precariedade das estradas e inexistência de caminhos de ferro, começaria a compor um quadro de compreensão dos problemas das secas como questão sócioeconômica, que dizia respeito, também, à estrutura fundiária e ao sistema jurídico-administrativo das províncias do Império. Questão que, acreditava-se, poderia ser resolvida por meio de soluções técnicas.⁶⁹

Como se pode observar, o viés hidráulico para “combater as secas” orientou as diversas comissões científicas governamentais. Criada em 1906, e se valendo da evolução dos debates sobre as políticas públicas de combate às secas, a Inspeção de Obras Contra as Secas (IOCS) produziu conhecimento técnico e capacidade executiva, acumulando *expertise* estatal, desenvolvendo uma perspectiva abrangente do território e efetuando estratégias integradas de ação – “Dessa produção se nutriram as instituições nascidas mais de quatro décadas depois de instituída a IOCS, como a Chesf, a CVSF, o BNB e a Sudene”⁷⁰. Em 1919, no período do engenheiro de minas Miguel Arrojado Lisboa (1872-1932), o autor do documento *O problema das secas* (1913), e com uma reconhecida trajetória no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil (SGB), a IOCS foi reformulada e se transformou na Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (Ifocs).

Entre as décadas de 1920 e 1940, a Ifocs promoveu estudos das condições climáticas, iniciou o levantamento sistemático dos recursos naturais, traçou um plano para o represamento

⁶⁵ *Ibidem*, p. 260.

⁶⁶ Ferreira, Dantas e Farias, 2009; Campos, J., 2014.

⁶⁷ Ferreira, Dantas e Farias, 2009, p. 259.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 259.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 253.

⁷⁰ Carvalho, J., 2009, p. 4.

da água das chuvas e seu aproveitamento agrícola, começou o mapeamento geológico, topográfico e fitogeográfico da região, além de executar um conjunto de obras de infraestrutura (viárias, ferroviárias, hidráulicas), avançando no diagnóstico dos problemas da região e acumulando novos conhecimentos, que foram publicados no *Boletim da Ifocs*. Em 1932, este órgão instalou “campos de concentração” de retirantes em Fortaleza, Crato, Patu, Quixeramobim, Cariús e Ipu com a justificativa de ser essa uma “solução de emergência”⁷¹.

Coube à Ifocs de Arrojado Lisboa instituir o Nordeste como uma região caracterizada pelas secas e com um recorte espacial específico. Composta por especialistas estrangeiros⁷², por engenheiros do SGB ou oriundos da tradicional Escola de Minas de Ouro Preto, a Ifocs realizou as primeiras experiências com irrigação e piscicultura e construiu uma rede regional de postos agrícolas. Seus técnicos estudaram os aspectos climático, geológico, botânico e hidrológico da área das secas, e, embora sem considerar a dinâmica política do território, contribuíram para tornar as secas “um fato institucionalizado”⁷³.

O termo “Nordeste” é usado inicialmente para designar a área de atuação da Inspeção Federal de Obras Contrás as Secas (Ifocs), criada em 1919. Neste discurso institucional, o Nordeste surge como parte do Norte sujeita às estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal. O Nordeste é, em grande medida, filho das secas.⁷⁴

Diversos órgãos governamentais começaram a estudar a região contribuindo para a “institucionalização da seca”⁷⁵. O IV Congresso Brasileiro de Geografia (1915), realizado no Recife, refletiu o interesse crescente pela área das secas. As consequências das secas de 1915, 1917 e 1919 atraíram ainda mais a atenção do poder público para a região. A eleição do paraibano Epiácio Pessoa (1918-1922) para a Presidência da República foi decisiva no processo de construção do Nordeste como uma área caracterizada pelas secas e uma “região problema”, resultando na implementação de um vasto programa de intervenção do governo federal na região. O executivo nacional turbinou o orçamento e intensificou a atuação da Ifocs de Arrojado Lisboa⁷⁶ e induziu uma mudança no pacto político coronelista em favor do poder

⁷¹ Sobrinho, 1953, p. 43.

⁷² O relevo foi estudado por Luciano Jacques de Moraes; a hidrogeologia pelos geólogos Roderic Crandall, Ralph Sopper e Horácio Small; os recursos de água pelo hidrólogo Gerald Waring; a geologia por Horace Williams; a fauna pelo naturalista Rodolpho Von Ihering, que também organizou o Serviço de Piscicultura da Ifocs em 1933; e os recursos florestais pelos botânicos Alberto Loefgren, Léo Zehntner e Philipp Von Leutzelburg (Duque, 2004). Nas primeiras décadas do século XX, esses especialistas da Ifocs deram um primeiro impulso para o levantamento técnico-científico das riquezas do Nordeste e elaboraram documentos básicos para o conhecimento da região (Andrade, M., 1987).

⁷³ Ferreira, Dantas e Farias, 2009, p. 266.

⁷⁴ Albuquerque Júnior, 2011, p. 81.

⁷⁵ *Idem*, p. 84.

⁷⁶ Furtado, 1962.

dos governadores⁷⁷.

Na década de 1920, o Congresso Nacional aprovou a vinculação constitucional de 2% dos recursos orçamentários da União para a região das secas, aumentando-a para 4% em 1926, e aprovou a proposta de criação da Caixa Especial de Obras de Irrigação de Terras Cultiváveis no Nordeste. Embora sem sistematicidade, essas iniciativas ajudaram a respaldar o discurso oficial do Nordeste como um problema de interesse nacional, justificando a urgência da ação do Estado central.

A “invenção do Nordeste” como um subproduto da seca estava em curso desde pelo menos a década de 1920 e foi associada pelas elites dirigentes daquela região e pelo Centro-Sul à questão agrária e ao cangaceirismo, ao coronelismo e ao messianismo⁷⁸. A construção de um novo discurso regionalista em torno do Nordeste, agora separado da antiga região Norte, foi produto, também, da produção intelectual das primeiras décadas do século XX.

Em uma disputa pela cátedra de geografia do tradicional Ginásio Pernambucano (GP), Agamenon Magalhães (1893-1952) apresentou a tese *O Nordeste Brasileiro* em 1921. Em 1925, no contexto das comemorações do centenário do *Diário de Pernambuco*, Gilberto Freyre (1900-1986) publicou *O livro do Nordeste*, “a primeira definição, no Brasil, de um moderno critério regional de análise e de tentativa de avaliação de valores regionais, por um grupo de competências especializadas em assuntos diversos, da cultura, da economia e da paisagem do Nordeste brasileiro”⁷⁹. Em seguida, Freyre organizou o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste em 1926. Na década de 1930, o sociólogo pernambucano publicou *Casa-Grande & Senzala* (1933), *Sobrados e Mocambos* (1936) e *Nordeste* (1937), índices da construção de uma nova posição regionalista⁸⁰. Esses trabalhos influenciaram a elite governante estado-novista, respaldando o projeto varguista de identidade e unidade nacional⁸¹. Originário de uma família de donos de engenho da Zona da Mata Sul pernambucana, “onde se fixavam senhores de engenhos de maior posse e prestígio político”⁸², e sem ligações com o interior nordestino, o sociólogo encomendou o livro *O outro Nordeste* (1937), da “civilização do couro”, para o escritor cearense Djacir Menezes (1907-1996).

As iniciativas de representação do sertão como o repositório das raízes culturais

⁷⁷ “His presidency [de Eptácio Pessoa] witnessed an important shift in the relationship between the state government and the local elites, due to the increased patronage the IFOCS projects placed at the governor's disposal” (Lewin, 1987, p. 317).

⁷⁸ Albuquerque Júnior, 2011.

⁷⁹ Freyre, 1961 [1934], p. 136.

⁸⁰ Sorá, 1998.

⁸¹ Mesquita, 2018.

⁸² Andrade, M., 1988, p. 21.

brasileiras e a base da identidade nacional – o “sertão cultural”⁸³ – datam do final do século XIX. A mais exitosa das tentativas foi a publicação de *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866-1909), que se tornou um épico nacional ao colocar o sertão e o sertanejo no centro do debate da formação nacional. Com o projeto de conhecer o país e o “povo brasileiro”, diversos intelectuais empreenderam expedições exploratórias para catalogar aspectos da “identidade brasileira”. Assim ocorreu com as viagens etnográficas de Mário de Andrade (1893-1945) pelo Nordeste brasileiro, que foram retratadas no livro *Turista aprendiz* (1976), e as incursões do folclorista potiguar Câmara Cascudo (1898-1986) pelo interior do Rio Grande do Norte para colecionar elementos culturais e interpretá-los à luz da construção da nação em curso.

O imaginário geográfico, as condições de vida e os impasses sociais do mundo sertanejo na área seca e da civilização do açúcar na Zona da Mata foram aprofundados pela literatura regionalista, cujos nomes mais destacados foram o alagoano Graciliano Ramos (1892-1953), a cearense Rachel de Queiroz (1910-2013), o baiano Jorge Amado (1912-2001) e os paraibanos José Lins do Rego (1901-1957) e José Américo de Almeida (1887-1980). Ao lado do pernambucano Gilberto Freyre, que já alcançara reconhecimento nacional e internacional, este grupo de escritores conquistou seu próprio lugar nos espaços político e cultural do Rio de Janeiro e, graças à penetração de seu projeto regionalista na capital federal, contribuíram para colocar o Nordeste na geografia política e cultural do país^{84 85}.

Na década de 1930, o Nordeste passou a receber maior atenção do governo federal com o processo de burocratização e centralização do poder político-administrativo, que se materializou na criação de novas instituições públicas (ministérios, conselhos, comissões técnicas, departamentos, institutos, companhias, fundações, códigos e planos) e na promulgação de leis e decretos. A grande seca de 1932-1933 acelerou esse processo. O governo Vargas criou o Ministério de Viação e Obras Públicas (MVOP) e o entregou ao paraibano José Américo de Almeida, que, retomando os trabalhos iniciados por Epiácio Pessoa e interrompidos pela

⁸³ Ferreira, Dantas e Farias, 2006, p. 7.

⁸⁴ D’Andrea, 2010; Albuquerque Júnior, 2011; Mesquita, 2018.

⁸⁵ Em virtude da precariedade das comunicações no país, as gerações pioneiras de geógrafos brasileiros conheceram as particularidades do território nacional através da “literatura regional”, que lhes transmitiu os aspectos paisagísticos, fisiográficos e humanos do Nordeste, como sugere o seguinte testemunho: “No livro *Infância*, de Graciliano Ramos, há alguns fatos interessantes sobre sua saída de Buíque, no sertão de Pernambuco, até a zona costeira. O menino Graciliano estava transpondo os aspectos de Pernambuco. Os rios estavam secos e, à medida que ele caminhava, passava aquele pouquinho de água, um fiozinho, a vegetação começava a ser maior, mais densa, e então as águas ficavam mais caudalosas, mais propriamente rio. De repente, chega a lugares em que não dava mais para pensar nos rios do sertão; era outro mundo. Comigo, de pequeno, foi a mesma coisa: não sabia nada de geografia, mas me dei conta de que estava saindo do meu mundo” (Ab’Saber, 2007, pp. 17-18). Em um outro trecho do mesmo autor: “Eu via a geografia através dos romances. Desdobrei-me no estudo da literatura regional brasileira: Dalcídio Jurandir para a região amazônica, José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos para a região semi-árida” (*Ibidem*, p. 47).

administração Arthur Bernardes (1922-1926), aumentou substancialmente os recursos da Ifocs e os dispêndios com obras de combate às secas. Nessa direção, em 1933 foi criado o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) para regular o mercado do açúcar e do álcool industrial, injetando novo ânimo em “uma economia sem perspectivas” e agonizante no Nordeste⁸⁶. A promulgação da Constituição de 1934 instituiu a “defesa contra os efeitos das secas nos Estados do Norte” como responsabilidade da nação⁸⁷. Foi aprovada, também, a lei 175/1936, que instituiu a área geográfica do “Polígono das Secas”.

Nessa época também foram criados o Instituto Nacional de Estatística (1932) e o Conselho Nacional de Geografia (1937), reunidos no novo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1938. O IBGE foi o suporte técnico-científico da política modernizadora e de integração nacional de Vargas⁸⁸, que implicava o conhecimento detalhado do território brasileiro. O órgão centralizou e sistematizou o trabalho estatístico, cartográfico e geográfico oficial, propôs uma divisão regional “científica” do território brasileiro para fins estatísticos, administrativos e didáticos, e elaborou o primeiro mapa com as novas regiões (Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste) definidas em seus aspectos demográfico, fisiográfico, sociocultural e produtivo. Com a ajuda de Freyre, que já era reconhecido como a principal autoridade intelectual do Nordeste⁸⁹, a caracterização da região em relação ao restante do país destacou seus aspectos naturais (clima, relevo, vegetação) e humanos (história, política, economia, cultura)⁹⁰.

A profissionalização e a institucionalização da geografia científica no Brasil, que se deveu em boa medida ao IBGE⁹¹, também contribuíram para circunscrever a região. O órgão oficial encampou a missão de diminuir o “vazio” territorial e promover a integração nacional. Visando a expansão e o controle pelo Estado central do vasto interior do país, o governo Vargas empreendeu a “marcha para o oeste”. Nesse contexto de racionalização da máquina político-administrativa, o Estado Novo (1937-1945) organizou o levantamento cartográfico e a regionalização do território brasileiro, fomentou estudos sobre as identidades regionais e financiou a máquina cultural oficial para a invenção e a difusão do sentimento de “brasilidade”⁹².

Em resumo, na literatura geográfica – como nos discursos políticos e literários – o termo

⁸⁶ Andrade, M., 1988, p. 29.

⁸⁷ Campos, J., 2014; Bernardes, 2007.

⁸⁸ Andrade, M., 1977.

⁸⁹ Mesquita, 2018; Albuquerque Júnior, 2011.

⁹⁰ Bernardes, 2007.

⁹¹ Andrade, M., 1977.

⁹² Mesquita, 2018; Gonçalves, J., 1995; Penha, 1993.

“Nordeste” passou a designar uma área que já não mais se confundia com o “Norte” em meados da década de 1920⁹³. Através de um sofisticado aparato de produção simbólica, a nova região ganhou um estatuto especial no imaginário político e cultural brasileiro e seu valor como um bem simbólico foi cotado em alta na negociação entre as elites dirigentes da região e o Estado central, que buscava uma ideologia justificadora para seu projeto de unidade nacional⁹⁴.

Vale observar, também, que a expansão e a profissionalização crescente do aparelho burocrático para responder às novas tarefas políticas geraram a demanda por novos tipos de técnicos (geógrafos, estatísticos, demógrafos, sociólogos, educadores). Dessa forma, a divisão do trabalho técnico no interior do aparelho estatal adquiriu maior complexidade e, com a entrada em cena desses novos especialistas, se acirrou a competição entre as frações antigas e novas de funcionários estatais com diploma superior⁹⁵.

No contexto do pós-guerra, a abordagem hidráulica dos problemas regionais passou a ser encarada como um discurso das oligarquias agrárias da região – a “classe dos senhores da água”⁹⁶ – para extrair recursos da União e perpetuar o esquema oligárquico de dominação⁹⁷. Em virtude das necessidades expansivas da economia capitalista, que requeria a abertura de parcelas do território para novos circuitos produtivos e comerciais⁹⁸, o que implicava a criação de um sistema viário nacional e de uma rede urbana mais complexa, uma parcela de técnicos recém-chegados às novas agências governamentais ajudou na formação da consciência acerca das desigualdades regionais como um obstáculo ao desenvolvimento nacional. O latifúndio passou a ser responsabilizado pela miséria na região e o usufrutuário da política de combate às secas, uma “grande ilusão”⁹⁹. Configurava-se paulatinamente a ideia de uma situação social explosiva na região, que levaria o Estado central a adotar uma nova atitude¹⁰⁰.

A Constituição de 1946 reservou 3% do orçamento federal para o “combate às secas” no Nordeste. Inspirada na *Tennessee Valley Authority* (TVA), a Companhia Hidroelétrica do Rio São Francisco (Chesf) foi criada em 1948 visando o aproveitamento industrial da energia hidráulica do rio São Francisco, tornando-se um órgão reconhecido por seu “padrão de eficiência administrativa” e “capacidade técnica”¹⁰¹. Em 1948, foi criada a Comissão de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CVSF) para organizar o plano geral de

⁹³ Bernardes, 2007, p. 66.

⁹⁴ Mesquita, 2018.

⁹⁵ Miceli, 1979.

⁹⁶ Berrêdo, 1950, p. 30.

⁹⁷ Bernardes, 2007.

⁹⁸ Oliveira, F., 2008.

⁹⁹ Furtado, 2009a, p. 78.

¹⁰⁰ Campos, J., 2014; Cano, 2010; Bernardes, 2007.

¹⁰¹ Robock, 1963, p. 98.

aproveitamento do rio, deslocando a política tradicional de construção de açudes.

Essa nova concepção do poder central se refletiu na reformulação da Ifocs, que passou a ser chamada de Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs, 1946), na criação do Instituto Joaquim Nabuco (IJN/MEC, 1949), do Banco do Nordeste (BNB, 1952) e de várias diretorias regionais dos órgãos federais com atuação na região como o Serviço Social Rural (SSR/Ministério da Agricultura) e a Comissão Federal de Abastecimento e Preços (Cofap/Ministério da Fazenda), superando a fase das “iniciativas isoladas”¹⁰².

Destes órgãos, vale destacar o Dnocs, que, além da açudagem pública, adaptou novos sistemas de engenharia hidráulica visando a retenção de água para utilização no período de estiagem, expandiu a infraestrutura de transportes para facilitar a circulação da produção até os centros consumidores e auxiliar as populações flageladas, perfurou poços para descobrir água subterrânea, montou laboratórios e contratou especialistas (agrônomos, pedólogos, engenheiros, botânicos, geólogos e hidrólogos) para estudar os solos e os recursos naturais disponíveis na região e intensificou os experimentos com agricultura irrigada no Nordeste.

O Dnocs concentrou muito poder, foi capturado pela oligarquia política cearense e se tornou uma peça estratégica na relação política entre as elites nordestinas e o governo federal – “O Dnocs tinha muita força, porque toda a chamada política para o Nordeste se resumia no Dnocs”¹⁰³. Uma “grande empreiteira pública”¹⁰⁴ com uma “visão predominantemente obreira”, o Dnocs viu sua credibilidade ruir na década de 1950 com o conhecimento dos escândalos de corrupção eleitoral¹⁰⁵ e sua associação à “indústria da seca” pelas reportagens do jornalista Antonio Callado (1917-1997) no *Correio da Manhã*.

[...] a solução hidráulica foi superada, no Nordeste, porque o Dnocs se limitou ao ramo da engenharia e não diversificou os seus estudos e trabalhos à medida que, através do tempo, os problemas regionais adquiriram novos aspectos com o aumento da população, a ampliação das necessidades, o comércio de matérias-primas, a mobilidade demográfica, a falta de empregos, etc. A solução unilateral revelou-se insuficiente para satisfazer os anseios do povo e o departamento perdeu importância como principal responsável pelo destino do polígono. Outros fatores contribuíram para a perda do controle do desenvolvimento regional, como sejam: falta de plano largo abrangendo questões econômicas e sociais, além das técnicas de engenharia;

¹⁰² Ab’Saber, 2003, p. 99.

¹⁰³ Oliveira, F., 2020 [2013], p. 81.

¹⁰⁴ Santana, E., 2003, p. 7.

¹⁰⁵ “O primeiro estágio do processo de eleição fraudulenta é amplamente caracterizado [...] pelos abusos do partido em usar de discriminação para contratar ou fornecer auxílio monetário contra os efeitos da seca. O segundo estágio é marcado pela ação direta dos engenheiros [...] e da guarda pretoriana do Dnocs, criada especialmente para amedrontar os eleitores do sertão, quer estejam ligados ao Dnocs, quer não. O terceiro estágio ocorre durante as 48 horas que precedem a eleição e é assinalado pelos seguintes acontecimentos: (a) utilização de trezentos caminhões do Dnocs para proporcionar transporte a todos os eleitores dentro do perímetro das obras federais; (b) o suborno de mesários; (c) a compra direta de votos por meio de dinheiro e roupas novas; (d) intimidação por parte dos engenheiros: quem não votar direito, perderá o emprego” (Hirschman, 1965, p. 104).

não-preparação de pessoal para a renovação de seus quadros; escassa cooperação com outros órgãos integrantes da ação oficial; subdivisão das verbas; substituições constantes de diretores e influência política no período 1956-1959. Com os efeitos das secas e do pauperismo da população, a partir de 1951, os governos e o Congresso atribuíram a outras entidades parte das funções que até então cabiam ao Dnocs.¹⁰⁶

Também vale destacar o trabalho do BNB, que foi idealizado, criado e dirigido por Rômulo Almeida, chefe da Assessoria Econômica do governo Vargas (1950-1954), “líder nacional da filosofia do planejamento econômico”¹⁰⁷ e autor do documento *Planejamento do combate às secas* (1953), adiantando-se na apresentação de um plano integrado de desenvolvimento para o Nordeste¹⁰⁸. O BNB foi criado para oferecer assistência técnica e financeira aos empreendimentos de caráter reprodutivo no “Polígono das Secas” (agropecuária, indústria, irrigação, energia elétrica), preparar técnicos qualificados e auxiliar outros órgãos no desenvolvimento da região. O Banco ainda teve um papel destacado na coleta de dados estatísticos e na publicação de relatórios técnicos sobre os diversos setores da economia nordestina¹⁰⁹.

No começo da década de 1950, o Conselho Nacional de Economia (CNE) se deteve sobre os problemas da região e preparou os relatórios “Aspectos econômicos do Nordeste” e “O problema nacional das secas”, que colocaram a questão nordestina “em termos econômicos e sociológicos”¹¹⁰. Em 1956, o CNE criou a Comissão Especial de Estudos do Nordeste

Desde o final do século XIX, a imprensa do Centro-Sul colaborou para criar um ambiente de comoção pública em torno da “questão Nordeste” ao divulgar imagens e relatos sobre o drama dos retirantes que correram o país e reforçaram o imaginário sobre o Nordeste como uma região miserável e que necessitava de ajuda urgente¹¹¹. Na década de 1950, a consolidação da nova consciência das disparidades regionais foi um instrumento de pressão da oposição ao governo Kubitschek, criticando-o por concentrar investimentos na indústria paulista e na construção da nova capital federal, “abandonando” o Nordeste. Na campanha eleitoral de 1955, o candidato mineiro prometeu investimentos para a região e se comprometeu a fazer de Pernambuco “o São Paulo do Nordeste Brasileiro”¹¹². As secas de 1951, 1953 e 1958 agitaram o ambiente político e ajudaram a justificar o novo enfoque desenvolvimentista no tratamento dos problemas nordestinos, que passaram a demandar uma intervenção estatal mais

¹⁰⁶ Duque, 2004, pp. 87-88.

¹⁰⁷ Robock, 1963, p. 111.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 123.

¹⁰⁹ *Ibidem*.

¹¹⁰ Interesse de JQ pelo Nordeste desde 1956, *Diário de Pernambuco*, 30/12/1960.

¹¹¹ Albuquerque Júnior, 2011.

¹¹² Pernambuco vai ser, no meu governo, o São Paulo do Nordeste brasileiro, *Diário de Pernambuco*, 11/9/1955.

sistemática e permanente.

Um marco dessa nova consciência do Nordeste foram os livros *Geografia da Fome* (1946) e *Geopolítica da Fome* (1951) do geógrafo-nutricionista Josué de Castro (1908-1973), que, em linha com a agenda internacional no campo da saúde pública e da nutrição (fome como uma ameaça à paz e à estabilidade social), deu visibilidade para a fome como um problema social e econômico resultante das estruturas coloniais (o latifúndio e a monocultura). Emperrando a formação da nação, o problema alimentar demandava reformas modernizantes pelo Estado. Conseguindo reconhecimento nacional e internacional, o cientista, intelectual e parlamentar contribuiu para vincular os problemas da pobreza e do subdesenvolvimento nordestino¹¹³, ajudando a criar o ambiente político e técnico-científico para o lançamento de uma nova política de desenvolvimento do Nordeste no final da década de 1950, que ele não protagonizou embora se percebesse como um precursor no estudo dos problemas estruturais da região¹¹⁴.

Apesar das discordâncias com a Opeo nos temas da reforma agrária e da industrialização do Nordeste¹¹⁵, Josué de Castro, o deputado federal mais votado do Nordeste nas eleições de 1958, chegou a liderar a formação de uma bancada nordestina na Câmara Federal em defesa da nova política regional de desenvolvimento no momento em que ela se encontrava sob fogo cruzado. Os estudos do geógrafo-nutrólogo sobre a fome, as condições de vida das classes operárias recifenses e o diagnóstico do mal aproveitamento dos solos da região, assim como a defesa da reforma agrária, que ele ajudou a colocar no cardápio de questões para o desenvolvimento nacional, influenciaram os planos da Sudene, que definiu como uma de suas prioridades a produção e a oferta de alimentos baratos para melhorar as condições de vida dos trabalhadores, chegando a criar uma rede de centrais de abastecimento nas capitais e principais

¹¹³ Vasconcelos, 2010; Bizzo, 2009.

¹¹⁴ Em 1959, em um debate com Furtado na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Josué de Castro afirmou sua precedência no estudo do desemprego e subemprego no Nordeste: “Quanto à região urbana, fui talvez dos primeiros a denunciar aquele fato das mocambópolis em torno da cidade em que nasci, o Recife, com cerca de 150.000 indivíduos vivendo nos mocambos, dentro do ‘ciclo do caranguejo’; marginais, sem terem nada que fazer a não ser pescar caranguejo, lançar os seus desetos ali mesmo para o caranguejo comer e comer o caranguejo outra vez. É, por isso, que eu disse que ali tudo é, foi, ou vai ser caranguejo. E, como se sabe, o caranguejo caminha para trás. [...]. Não havia possibilidade nenhuma de desenvolvimento, senão de regresso econômico e social para aqueles grupos humanos. Longe de mim, portanto, ser contra a industrialização que deve absorver esse excedente de população, que não tem ocupação em face de ter sido expulso da zona rural por um conjugado de fatores naturais e culturais; o fator natural do fenômeno da seca mais o fator de base que é o subdesenvolvimento da zona rural, a subprodutividade agrícola, o atraso econômico da região” (Castro, 1959 *apud* Cardoso, 2008, p. 153). Disfarçando mal suas diferenças políticas com Josué de Castro, décadas depois Furtado se referiria ao pernambucano como “uma pessoa que não tinha conhecimento técnico”, posto que “era médico e não economista” (Furtado, 1998, p. 64).

¹¹⁵ Cardoso, 2008.

idades da região¹¹⁶. Outra iniciativa que ajudou a criar as condições técnico-científicas e políticas para o surgimento da Sudene, a Associação Mundial de Luta contra a Fome (Ascofam), que Josué de Castro fundou em 1957, realizou estudos sobre a estrutura agrária brasileira e, em 1958, em Garanhuns, promoveu o Seminário de Desnutrição e Endemias Rurais no Nordeste.

Convidado para a Ifocs por José Augusto Trindade (1896-1941), “agrônomo pioneiro”¹¹⁷ nos estudos do quadro ecológico do semiárido e do sistema de irrigação nos açudes públicos da região, e que contribuiu para ampliar a ação da Ifocs na década de 1930 – “Nessa segunda fase, os horizontes ainda são mais amplos, pois aos trabalhos da engenharia vêm somar-se os da agronomia”¹¹⁸ –, o também agrônomo José Guimarães Duque (1903-1978) escreveu *Solo e água no Polígono das Secas* (1949) e *O Nordeste e as lavouras xerófilas* (1960), livros clássicos na abordagem combinada dos aspectos ecológico, social e econômico da região.

Chefe do Serviço Agroindustrial do Dnocs no período 1941-1963 – um órgão controlado por engenheiros e em que os agrônomos estavam “isolados”¹¹⁹ –, que iniciou experimentos – “tímidos ensaios”¹²⁰ – de irrigação com águas dos grandes açudes, rios perenes e “secos” da região no período do inverno, Guimarães Duque estudou os recursos hídricos, minerais e florestais da região e seu aproveitamento racional¹²¹, tornando-se uma referência no debate dos problemas regionais, inclusive para os técnicos da Sudene.

Mestre incontestado de todos nós que procuramos conhecer os problemas do Nordeste.¹²²

Foi ele que me orientou no estudo dos problemas ecológicos do Nordeste. Eu só entendi o Nordeste a partir do conhecimento da obra dele.¹²³

Um nome inatacável.¹²⁴

¹¹⁶ “É este o traço fundamental da economia nordestina: uma inadequada produção de alimentos, tanto na faixa úmida como na semiárida. Este fato explica dois fenômenos básicos: o atraso relativo da região, que encontrou sérios tropeços para industrializar-se, e a gravidade do impacto das secas. Pode-se portanto afirmar que o problema mais fundamental da economia do Nordeste radica em uma inadequada produção de alimentos. Seja porque essa produção é insuficiente na faixa úmida, incluindo nesta o Agreste, os brejos e as serras, seja porque na zona semiárida ela está organizada de forma a torná-la extremamente vulnerável ao impacto das secas” (Furtado, 2009a, p. 77).

¹¹⁷ Souza, J., 1979, p. 35.

¹¹⁸ Furtado, 1962, p. 5.

¹¹⁹ Hirschman, 2009, p. 184.

¹²⁰ Furtado, 1962, p. 58.

¹²¹ “Quem estuda os solos da zona seca chega a três conclusões básicas: 1) que as áreas irrigáveis são muito pequenas; 2) que os aluviões fluviais são muito férteis; 3) que não há terras mais adequadas para a produção de gêneros alimentícios do que os baixios, aluviões ou bacias de irrigação. Sem dúvida, no futuro, um uso mais adequado dos solos férteis dos baixios tem de ser feito em relação às terras das colinas e das serras” (Duque, 2004, p. 136).

¹²² Furtado, 1962, p. 5.

¹²³ *Idem*, 2004, p. 25.

¹²⁴ Oliveira, F., 2020 [2013], p. 81.

Ainda na perspectiva ecológica dos problemas nordestinos, o agrônomo pernambucano João de Vasconcelos Sobrinho (1908-1989), um pioneiro no estudo da ecologia como uma ciência, escreveu os livros *As regiões naturais de Pernambuco* e *O meio e a civilização*, ambos publicados em 1949. Com estudos reconhecidos na área da meteorologia e climatologia, o engenheiro e meteorologista Adalberto Serra (1909-1989) – “o decano da meteorologia brasileira”¹²⁵ – publicou *Meteorologia do Nordeste Brasileiro* (1945) e *As secas do Nordeste* (1956), difundindo os métodos modernos de medição e previsão das crises climáticas com base na pressão atmosférica e na temperatura. No mesmo período, o sociólogo José Lopes Andrade (1914-1980) publicou o livro *Introdução à Sociologia das secas* (1948), com prefácio de Gilberto Freyre, e Mauro Mota (1911-1984), um pioneiro da geografia pernambucana e diretor do Nabuco (1956-1971), publicou *Paisagens das secas* (1958).

Como foi sugerido até aqui, desde meados da década de 1920 estava em gestação no Nordeste um pensamento científico e uma nova elite ilustrada que, concentrada no Recife, ajudou a criar o clima de efervescência cultural e política para a criação da Sudene no final da década de 1950.

A emergência de destacados cientistas, como Josué de Castro, Gilberto Freyre, Celso Furtado, Evaldo Coutinho, Paulo Freire, Naíde Teodósio, Frederico Simões Barbosa, Aggeu Magalhães, Nelson Chaves, Ulysses Pernambucano, Gilberto Osório de Andrade, João de Vasconcelos Sobrinho, Joaquim Cardoso, Ruy Luís Gomes, Mário Schenberg e Ricardo Ferreira, indica a existência de um robusto ambiente de desenvolvimento do pensamento científico sendo gestado no Recife na segunda metade do século XX. Formávamos e exportávamos valores, mas não havia ainda uma máquina local produtora/consumidora de ciência, comparável aquela produzida em nações desenvolvidas.¹²⁶

A partir da era Vargas, com a maior capacidade do Estado brasileiro para planejar e executar políticas em todo o território nacional, foi iniciada uma política de intervenção regional mais racional através da criação da Superintendência para a Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA, 1953), da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Fronteira Sudoeste (SPVERFSP, 1956 – futura Sudesul), da Sudene (1959), da Comissão de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Codeco, 1961) e da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa, 1967). A Sudene se tornou um modelo para essas superintendências, chegando à assessorá-las em seus processos de criação ou reestruturação, e exportou muitos de seus técnicos para essas instituições¹²⁷.

¹²⁵ Ab’Saber, 1979, p. 134.

¹²⁶ Galindo, 2022, p. 55.

¹²⁷ “Com a finalidade de elaborar o I Plano Diretor da Superintendência da Fronteira Sudoeste do país, seguiu para Porto Alegre uma equipe de técnicos da Sudene, chefiada pelo Superintendente Rubens Costa e constituída do

A ideia do planejamento regional a cargo de um órgão técnico, assistido por um instrumento de financiamento do respectivo plano e dos projetos a ele ligados, espalhou-se por todo o País.¹²⁸

No Brasil, a influência cepalina também foi grande, entre pessoas e instituições progressistas, e praticamente todas as regiões e seus estados imaginaram nas técnicas de planejamento o antídoto para seus problemas, passando a elaborar enorme quantidade de planos de desenvolvimento regional.¹²⁹

O Brasil ficou cheio de Sudene.¹³⁰

O interesse pela “questão regional” não era exclusividade do Brasil. A estadunidense TVA (1933), que era parte do *New Deal* e pretendia planejar o desenvolvimento de seis estados americanos¹³¹, e a italiana *Cassa per il Mezzogiorno* (1950), instituição de caráter extraordinário criada para reduzir a assimetria entre o norte e o sul do país, influenciaram na criação da Chesf e da Sudene e já eram bastante conhecidas¹³².

A criação de outros órgãos, como a inglesa Comissão Barlow (1937-1940) para amenizar a “divisão norte-sul” (estagnação e crise das regiões mineradoras em contraste com a concentração industrial em Londres) através de isenção fiscal e da diminuição de impostos sobre lucros para recuperar a indústria nortista, e a francesa *Delegation D’amangement du Territoire* (Datar, 1963), que pretendeu interromper o esvaziamento do campo e desconcentrar a indústria nacional, evidenciava a urgência para enfrentar os desníveis regionais nos países desenvolvidos. Iniciativas como estas procuravam sanar a concentração territorial de infraestrutura econômica e estimular o desenvolvimento equilibrado entre as realidades

diretor da Assessoria Técnica, Delile Guerra de Macedo e dos técnicos Carlos Luiz de Miranda, Edson Ramos Galvão, Leonardo Guimarães e Gilvandro Coelho. [...]. A ajuda da equipe da Sudene foi solicitada pelo eng. Reginaldo Magno de Sá, antigo técnico deste órgão [era diretor-adjunto do Departamento de Infraestrutura no tempo de João Gonçalves de Souza, 1964-1966] e atualmente chefiando a Superintendência da Fronteira Sudoeste” (Auxílio da Sudene, *Sudene Informa*, V. 5, N. 1, 1967, p. 13). A Sudene também ajudou a organizar o sistema de incentivos fiscais da Sudam: “O técnico Paulo de Tarso de Moraes Souza, do setor de administração de incentivos do Departamento de Industrialização da Sudene, esteve em Belém, onde, na qualidade de responsável pela aplicação dos recursos originários das deduções do Imposto de Renda (Arts. 34/18 da legislação da Sudene), prestou assistência à equipe da Sudam, na preparação de anteprojetos de decretos, regulamentando o mecanismo de incentivos fiscais e financeiros da Sudam (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia)” (Sudam, *Sudene Informa*, V. 5, N. 2, p. 17, 1967). Técnicos da Superintendência da Fronteira Sudoeste chegaram a visitar a Sudene para “colher subsídios da experiência vivida pelo órgão regional de planejamento [...] com vistas à possível aplicação de suas experiências e métodos na Sudesul” (*Ibidem*).

¹²⁸ Souza, J., 1979, p. 163.

¹²⁹ Cano, 2000, p. 104.

¹³⁰ Pereira, 2022.

¹³¹ Além da TVA, os Estados Unidos projetaram outros programas de desenvolvimento regional como o *Economic Development Area* (EDA) e um projeto voltado para os Apalaches (Colombo, 2015, p. 23).

¹³² Com o israelense Raanan Weitz, o técnico Gabriele Pescatore, que foi presidente da *Cassa per il Mezzogiorno*, viajou pelo Nordeste brasileiro e preparou um estudo – *Relatório sobre uma missão no Nordeste do Brasil*, publicado pela Sudene em 1967 – sobre os planos de desenvolvimento do órgão desenvolvimentista e a política de financiamento do BNB.

subnacionais¹³³.

Dentre as experiências latino-americanas, vale a menção ao Programa de Fronteiras e de Bacias do México e ao plano venezuelano de desenvolvimento de Guayana, que Furtado conheceu em seu período na Cepal¹³⁴. As iniciativas argentinas de desenvolvimento regional em Cuyo e na Patagônia também já eram conhecidas na região. Na época, contavam-se 73 programas de desenvolvimento regional na América Latina¹³⁵. Não é por outra razão que o tema era um dos eixos estruturantes dos cursos de desenvolvimento da Cepal nos países da América Latina¹³⁶. Nesse contexto, o pós-guerra marcou a criação de instituições internacionais de planejamento (como a própria Cepal) e de financiamento ao desenvolvimento econômico, que contribuíram para o reconhecimento das especificidades históricas das nações latino-americanas, cuja transformação implicaria a consideração dos fatores econômicos, sociais, políticos e regionais.

Na época, o desenvolvimento se tornou um campo de pesquisa com o aparecimento de um conjunto de teóricos das desigualdades territoriais. Protagonizada por Alfred Weber (1868-1958) e Walter Christaller (1893-1969), a “teoria da localização” teve início na Alemanha. Na França, François Perroux (1903-1987) escreveu a “teoria dos polos de crescimento e desenvolvimento”, consagrando-o como o principal teórico dos nexos entre território e desenvolvimento. Concebida para suprimir as desigualdades regionais e integrar os territórios nacionais, a teoria dos polos de Perroux foi muito influente na América Latina e especialmente no Brasil. Suas ideias influenciaram a Cepal¹³⁷. No Brasil, onde Perroux esteve em 1946 para ministrar um curso de economia na Universidade de São Paulo (USP), suas ideias impactaram o IBGE, o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea) e a Sudene¹³⁸ de Furtado, que foi aluno de Perroux em Paris^{139 140}.

Na América Latina, o economista argentino Raúl Prebisch (1901-1986) alcançou a consagração com a “teoria da deterioração dos termos de troca” e do “sistema centro-periferia”,

¹³³ Diniz, 2009; Colombo, 2015, pp. 23-24.

¹³⁴ Diniz, 2009, p. 230.

¹³⁵ Sthor, 1972.

¹³⁶ Klüger, Wanderley e Barbosa, 2022, p. 144.

¹³⁷ Dosse, 2007.

¹³⁸ Os textos de Perroux eram estudados nos cursos e seminários realizados pela Sudene, que editou *Os espaços econômicos, Nota sobre la noción de polos de crecimiento e A unidade matriz na região e a região matriz*, editados em 1966. Também neste ano, o órgão regional organizou o “Seminário sobre Polos de Desenvolvimento”, que contou com uma conferência do próprio Perroux. Ver: www.siabi.com.br. Acesso em 5/4/2023.

¹³⁹ Furtado, 1997 [1985]; Pedrosa, 2017.

¹⁴⁰ “O pensamento de François Perroux foi seguramente o que mais me influenciou, pela importância de sua teoria do ‘pólo de crescimento’, que permite compreender que o crescimento econômico resulta de uma vontade política” (Furtado, 2004, p. 31).

que a Cepal difundiu na região. Por seu turno, o economista norte-americano Walter Isard (1919-2010) foi o precursor da “regional science” (escola neoclássica de economia regional), centrada na relação entre localização e desenvolvimento econômico, e que, embora teoricamente inadequada ao contexto latino-americano, ajudou a ampliar a discussão sobre os desequilíbrios regionais – “Entre a influência da *regional science* e a da Cepal, felizmente foi a desta última que prevaleceu”¹⁴¹. No Brasil, suas ideias influenciaram a Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai no final da década de 1960¹⁴². Vale a referência, também, a Gunnar Myrdal (1898-1987), que foi secretário executivo da Comissão Econômica das Nações Unidas na Europa (1947-1957) e cujas ideias ressoaram no Brasil. Seu *Economy Theory and Underdeveloped Regions* foi traduzido e editado pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) em 1958.

Outros dois pioneiros nos debates do desenvolvimento econômico em meados da metade do século passado foram os economistas Nicholas Kaldor (1908-1986) e Ragnar Nurkse (1907-1959). Este último autor apresentou sua tese sobre o círculo vicioso da pobreza em um seminário organizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro em 1951, que foi debatida por Furtado na *Revista Brasileira de Economia (RBE)*¹⁴³.

Hans Singer (1910-2006) também teorizou sobre o desenvolvimento econômico nas nações pobres. Um técnico sênior das Nações Unidas (1947-1967), ele participou de muitas missões de assistência técnica nesses países e formulou sua teoria da “deterioração dos termos de troca” de modo concomitante à de Prebisch, motivo pelo qual ela costuma ser referida como “Tese [ou Hipótese] Prebisch-Singer”¹⁴⁴. Em um convênio de assistência técnica do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) com as Nações Unidas para mensurar o esforço econômico necessário para desenvolver o Nordeste brasileiro, Singer viajou – em 1953 – pelo interior da região em companhia de Guimarães Duque¹⁴⁵ e escreveu *A Study of the Economic Development of the Brazilian North-East*, “o primeiro documento que sistematiza os problemas econômicos do Nordeste”¹⁴⁶.

As limitações metodológicas e estatísticas do “Relatório Singer” foram apontadas por Tomaz Pompeu Acyolli Borges (1908-1986), da Assessoria Econômica de Vargas, e, traduzido e publicado apenas em 1962 pela Comissão de Desenvolvimento de Pernambuco (Codepe), o

¹⁴¹ Cano, 2000, p. 103.

¹⁴² Pedrosa, 2017.

¹⁴³ Furtado, 1997 [1985].

¹⁴⁴ Toye e Toye, 2003.

¹⁴⁵ Duque, 2004, p. 83.

¹⁴⁶ Cohn, 1978, p. 113.

estudo teve pouca circulação e terminou esquecido¹⁴⁷. Como ocorreu com o documento *Planejamento do combate às secas* (1953), de Rômulo Almeida, que costuma ser referido como uma “antecipação” da Sudene¹⁴⁸, o “Relatório Singer” foi ofuscado pela ascensão de Furtado, que, como Acyolli Borges, alegou o desconhecimento pelo técnico alemão dos complexos problemas nordestinos¹⁴⁹.

Como mostrarão os dois próximos capítulos, Furtado procurava fundar seu próprio reinado e construir-se como o “salvador” do Nordeste, ajudando a lançar no esquecimento documentos técnicos que anteciparam problemas e soluções que o relatório intitulado *Uma Política para o Desenvolvimento Econômico do Nordeste* (1959) – a “certidão de nascimento de um tempo inovador” do Nordeste¹⁵⁰ e um “documento político disfarçado em análise técnico-econômica”¹⁵¹ – apresentou com ares de ineditismo e de modo particularmente convincente¹⁵².

Outro perito internacional com impacto no debate brasileiro, Albert Hirschman (1915-2012) viajou pelos países da América Latina, conheceu pessoalmente os problemas da região e entrevistou “numerosos membros do governo, líderes políticos, patronais e trabalhistas, intelectuais e economistas com um conhecimento especial dos acontecimentos que pretendíamos estudar, muitos dos quais haviam tido atuação relevante nesses acontecimentos”¹⁵³. Hirschman entrevistou Furtado em 1960 e deu destaque à política de desenvolvimento regional em curso no Nordeste em seu *Journeys toward progress* (1963), dedicado a Furtado.

Ex-economista-chefe da TVA entre 1949 e 1954, Stefan Robock (1915-2012) foi enviado pelas Nações Unidas para uma missão técnica no BNB no período 1954-1956. Ele ajudou a criar o Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (Etene/BNB), organizou cursos de preparação de pessoal para o BNB, escreveu o documento técnico *O desenvolvimento econômico do Nordeste do Brasil* (1958) e publicou *Desenvolvimento econômico regional: o Nordeste do Brasil* (1963), que já manifestava a desconfiança e a

¹⁴⁷ Robock, 1964, pp. 149-150.

¹⁴⁸ Carvalho, J., 1979; Jaguaribe, 1995, p. 76.

¹⁴⁹ Em *A Fantasia Desfeita*, Furtado minimizou os méritos do “Relatório Singer”: “Hans Singer, técnico das Nações Unidas, havia feito para o BNDE, poucos anos antes, um primeiro exercício macroeconômico sobre o esforço financeiro para retirar a economia nordestina da estagnação. Ele não conhecia as peculiaridades da economia regional e tampouco as assimetrias existentes nas relações econômicas do Nordeste com o Centro-Sul. Preocupava-se especificamente em estimar a magnitude da ‘ajuda financeira externa’ para romper a inércia inicial” (Furtado, 1997 [1989], p. 70).

¹⁵⁰ Oliveira, F., 2003, p. 57.

¹⁵¹ Robock, 1963, p. 125.

¹⁵² Neto e Bastos, 2020.

¹⁵³ Hirschman, 1965, p. 11.

antipatia dos americanos em relação à Sudene de Furtado. A missão no Nordeste brasileiro projetou Robock como uma referência internacional no campo do desenvolvimento regional.

Como se pode observar, o caso brasileiro era incontornável para os teóricos do desenvolvimento e a experiência de desenvolvimento regional no Nordeste despertou o interesse de muitas agências e funcionários internacionais e também de intelectuais estrangeiros, que ajudaram a formular planos governamentais para a região – “Estes estudos, continuados depois pelos técnicos do Etene, serviram de subsídio para a criação do GTDN [Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste], da Openo e, finalmente, da Sudene”¹⁵⁴. Além deles, muitos outros políticos e burocratas estrangeiros visitaram a Sudene com o intuito de aproveitar as inovações no âmbito do desenvolvimento regional do órgão de desenvolvimento em seus respectivos países.

Em Pernambuco (e no Nordeste de modo geral), a questão fundiária se tornou a pedra de toque dos antagonismos políticos com a organização sindical dos trabalhadores rurais. Com a tomada de consciência e a politização das desigualdades econômicas e sociais, a Prefeitura do Recife (Pelópidas Silveira, do Partido Socialista Brasileiro – PSB –, era o chefe do executivo) promoveu o Congresso pela Salvação do Nordeste (1955) com o apoio do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que tinha muita força política – “O Congresso de Salvação foi o grande predecessor da Sudene, que foi confirmado depois no famoso Seminário de Garanhuns. [...] É uma história riquíssima de tentativas sucessivas de encontrar o caminho”¹⁵⁵. Francisco Julião, deputado estadual (PSB/PE) e advogado da Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco (SAPPP), participou deste Congresso.

Fundadas no 1º Congresso Camponês de Pernambuco (1955), as Ligas Camponesas, que surgiram como órgãos de assistência mútua e logo se transformaram em associações políticas de lavradores, se tornaram uma bandeira dos trabalhadores rurais e passaram a ser conhecidas no país e no exterior com a desapropriação do Engenho Galileia em 1959 – “Julião e aqueles trabalhadores jamais poderiam imaginar que a luta de um grupo de camponeses nas terras de um engenho de Pernambuco se transformaria em tema da imprensa não só regional, mas nacional e mesmo internacional, e viria a mudar completamente suas vidas”¹⁵⁶.

Sob o impulso do PCB (na ilegalidade, mas muito atuante) e das Ligas Camponesas, cujo discurso influenciou na maneira de perceber o Nordeste como uma região sinônimo de graves

¹⁵⁴ Souza, J., 1979, p. 197.

¹⁵⁵ Oliveira, F., 2015, p. 59.

¹⁵⁶ Montenegro, 2004, p. 396.

problemas sociais¹⁵⁷ e um “caldeirão prestes a explodir”¹⁵⁸, Pernambuco se tornou o centro do conflito de classes no Brasil no final da década de 1950¹⁵⁹. O estado também foi sede do 1º Congresso de Foreiros e Pequenos Produtores Rurais (1955), do 1º Congresso de Lavradores, Trabalhadores Agrícolas e Pescadores (1958) e do 1º Congresso dos Trabalhadores do Norte e do Nordeste (1958), que culminou com a criação do Conselho Sindical do Trabalhadores do Estado de Pernambuco (Consintra) em 1959.

Do ângulo das disputas partidárias, a “Frente do Recife”, uma aliança oposicionista entre o PSB, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o PCB e a União Democrática Nacional (UDN) contra o governista Partido Social Democrático (PSD) – o partido controlava o estado desde a década de 1930 –, representou o avanço do “populismo trabalhista” sobre as massas urbanas e rurais cada vez mais politizadas¹⁶⁰. Ela foi vitoriosa nas eleições de 1958, elegendo o usineiro Cid Sampaio (UDN/PE) e Miguel Arraes (PST/PE) governador de Pernambuco e prefeito do Recife, respectivamente.

Terceira cidade mais importante do país, e onde a população crescia de forma exponencial nas palafitas, no Recife surgiu o movimento das associações de bairro contra a concentração da propriedade do solo urbano, culminando na criação da Federação das Associações de Bairro do Estado de Pernambuco em 1963. Este clima de tensão social em Pernambuco e no Nordeste em geral – “O que ocorria em Pernambuco, o principal Estado da região, era sintomático e simbólico do que estava ocorrendo em todo o Nordeste”¹⁶¹ – foi um dos vetores decisivos do complexo de fatores que resultaram na criação da Sudene – “A Sudene não foi senão uma das soluções dadas ao agravamento das contradições políticas no Nordeste”¹⁶².

A Igreja Católica teve papel central na politização da “questão Nordeste” – “Ela [a Igreja] precede a Sudene”¹⁶³. No contexto da renovação do catolicismo, foi criada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1952. Dom Helder Câmara, que era arcebispo auxiliar no Rio de Janeiro, foi secretário-geral da CNBB no período 1952-1964 e um dos principais responsáveis pelo *aggiornamento* da Igreja no Brasil.

Em 1955, no 36º Congresso Eucarístico Internacional, realizado no Rio de Janeiro, os prelados definiram uma orientação de serviço aos pobres, que depois foi confirmada no

¹⁵⁷ *Idem*, p. 396.

¹⁵⁸ Robock, 1963.

¹⁵⁹ Oliveira, F., 2008.

¹⁶⁰ Ianni, 1984, p. 211.

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 211.

¹⁶² Ianni, 1971, p. 650.

¹⁶³ Oliveira, F. de, 2020 [2013], p. 89.

Concílio Vaticano II (1961-1965). Convocado pelo papa João XXIII para atualizar a Igreja, o Concílio imprimiu uma nova linha pastoral, apoiando a liberdade religiosa, o ecumenismo e a solidariedade com os pobres. Os padres Paul Gautier (1914-2002) e Louis-Joseph Lebreton (1897-1966), ambos franceses, e o padre belga-brasileiro Joseph Comblin (1923-2011) ajudaram a reformar o catolicismo no Brasil e na América Latina, aproximando-o das lutas sociais e de causas populares como a reforma agrária.

Fundador da “economia humanista” e um especialista econômico com reputação internacional, Lebreton esteve no Recife na década de 1950 para elaborar um diagnóstico da economia pernambucana a convite da Codepe. Seu *Estudo sobre o desenvolvimento e implantação de indústrias interessando a Pernambuco e ao Nordeste* (1954) ajudou a introduzir a agenda do desenvolvimento regional com propostas como a diversificação industrial, a criação de uma rede de infra-estrutura, a diminuição das desigualdades sociais e regionais, a multiplicação de técnicos de nível superior comprometidos com o desenvolvimento e a defesa da unidade da região¹⁶⁴. Lebreton também foi o idealizador da encíclica *Populorum Progressio* (1967), comprometida com o “desenvolvimento dos povos” e a reforma agrária na linha das encíclicas *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963), que jogaram luz sobre a questão social¹⁶⁵.

Em 1955, esse perfil mais participativo do catolicismo também foi adotado na Primeira Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) em Bogotá, do qual Dom Helder foi vice-presidente (1958-1963) e presidente (1963-1965). Em 1956, a CNBB realizou o I Encontro dos Bispos do Nordeste (1956), em Campina Grande/PB, somando-se ao movimento por reformas nas estruturas socioeconômicas da região. Em 1958, com os governadores e parlamentares da região, as lideranças católicas participaram do Encontro de Salgueiro/PE para discutir os problemas provocados pelas estiagens no Nordeste e suas consequências sociais e econômicas. Em 1959, no II Encontro dos Bispos do Nordeste em Natal/RN, a Igreja pressionou as autoridades políticas para a realização de reformas estruturais.

A nova linha pastoral – os pobres no centro – refletiu-se, também, na mobilização da juventude católica para missões de alfabetização rural, que visavam a conscientização dos trabalhadores do campo sobre seus direitos, e no trabalho de sindicalização rural. Com o lema “de pés no chão também se aprende a ler”, o Movimento de Educação de Base da CNBB iniciou suas atividades em 1961. Como se pode observar, antes da Sudene “o movimento da Igreja já

¹⁶⁴ Godoy, 2016.

¹⁶⁵ Encíclica dá ênfase à ajuda aos países subdesenvolvidos, *Diário de Pernambuco*, 15/7/1961.

tinha levado a questão para os termos socioeconômicos”¹⁶⁶.

Evangélicos de várias denominações também procuraram influir sobre o rumo dos acontecimentos no Nordeste. Em 1955, a Confederação Evangélica do Brasil (CEB) organizou um ciclo de conferências para discutir a realidade brasileira à luz dos princípios bíblicos¹⁶⁷. Dois anos depois, os evangélicos voltaram a se reunir para debater o tema “A Igreja e as rápidas transformações sociais do Brasil”¹⁶⁸. Em 1960, a CEB discutiu a “A presença da Igreja na evolução da sociedade”¹⁶⁹.

Dois anos depois, no Recife – a “Cuba brasileira”, como era conhecida –, ocorreu a IV Conferência, que teve como tema “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”¹⁷⁰. Dentre outros palestrantes, estiveram presentes Freyre e Furtado. Este economista chegou a participar de uma reunião com as lideranças do conclave, que organizavam campanhas de arrecadação de alimentos para socorrer os atingidos pelas secas¹⁷¹. Encampando a tese furtadiana, a CEB denunciou o “enriquecimento de certas regiões em detrimento de outras, provocando enorme disparidade quanto ao desenvolvimento econômico, cultural e político, entre as diferentes regiões do país”¹⁷². Como aconteceu com os católicos¹⁷³, os protestantes se dividiram entre os segmentos “progressista” e “conservador”. Este último grupo denunciou a “infiltração vermelha” na comunidade evangélica¹⁷⁴.

No final da década de 1950, em um clima de acirramento da luta política, a “questão regional” adquiriu visibilidade inédita. A agitação política no Nordeste, que se tornou um problema de segurança nacional, e o desgaste do capital político de Kubitschek com a repercussão negativa da seca de 1958 e a derrota eleitoral do partido governista na Bahia e em Pernambuco, justificaram o envio ao Nordeste do coronel Orlando Ragem para observar os escândalos de corrupção no uso dos recursos públicos destinados à região das secas envolvendo órgãos federais e o PSD – “O Exército estava muito inquieto com a situação social e política”¹⁷⁵.

¹⁶⁶ Oliveira, F., 2020 [2013], p. 89.

¹⁶⁷ Burity, 2011.

¹⁶⁸ *Ibidem*.

¹⁶⁹ *Ibidem*.

¹⁷⁰ Pastor evangélico define o Recife: pic-nic sobre vulcão, *Diário de Pernambuco*, 9/8/1962.

¹⁷¹ IV Reunião de Estudos do Nordeste os evangélicos promoverão nesta capital, *Diário de Pernambuco*, 13/7/1962; Líderes evangélicos estiveram com o Diretor da Sudene, *Diário de Pernambuco*, 25/3/1962.

¹⁷² César, 1962, pp. 156-157.

¹⁷³ Os padres Antonio Melo (1933-2002), no Cabo de Santo Agostinho/PE, e Paulo Crespo (1932-2016), em Joaboatão dos Guararapes/PE, ambos ligados aos norte-americanos, atuaram para neutralizar a influência e o crescimento dos comunistas e das Ligas Camponesas no campo (Crespo, 1978; Melo, A., 1978) “jogando com o prestígio e a tradição católica” (Andrade, M., 1989, p. 41).

¹⁷⁴ Conferência Evangélica, infiltrada de vermelhos, faz propaganda subversiva, *Diário de Pernambuco*, 29/7/1962.

¹⁷⁵ Hirschman, 2009, p. 186.

O “Relatório Ramagem” “teve um tremendo impacto”¹⁷⁶. Nesse contexto de “tensão” e de pressão por mudanças na região, o presidente apostou na nova política desenvolvimentista para o Nordeste e deu carta branca para Furtado – “No fim de 58, JK estava muito nervoso com a situação do NE”¹⁷⁷.

Como o capítulo procurou demonstrar, a criação da Sudene foi um episódio na história de tentativas da tecnoestrutura estatal brasileira para enquadrar as frequentes crises ocorridas no Nordeste – “Em sua criação, cristalizava-se, de alguma maneira, um longo processo histórico da ação do Estado na região, uma visão crítica desse processo histórico da ação do Estado na região”¹⁷⁸ ¹⁷⁹. A Sudene integrou o Nordeste na estratégica política do governo desenvolvimentista de Kubitschek¹⁸⁰ – “O necessário é integrar adequadamente esse programa regional na política nacional ou no programa nacional de desenvolvimento”¹⁸¹ –, substituindo o discurso do “combate às secas” – “*approach* hidráulico”¹⁸² –, que era um artifício retórico para legitimar a ideologia agrarista, pelo enfoque do “desenvolvimento” – “*approach* econômico”¹⁸³ –, levando para o Nordeste a ideologia industrialista do governo federal e sincronizando a região com o estágio do desenvolvimento capitalista no Centro-Sul do país – “A criação da Sudene representou a chegada da Revolução de 1930 no Nordeste”¹⁸⁴.

Sob o impulso do desenvolvimentismo de Kubitschek, o órgão regional instalou uma nova estrutura político-administrativo na região – “uma nova estrutura de poder, superpondo-se às locais, estaduais e federais preexistentes”¹⁸⁵ –, se apropriando criticamente do acúmulo de conhecimentos técnico-científicos acumulados em quase um século de estudos e políticas voltados para o Nordeste e introduzindo uma nova abordagem dos problemas regionais – “Ainda que se possa dizer que os problemas que a Sudene passou a estudar e resolver eram aqueles típicos e tradicionais da região, é inegável que eram novos a definição deles e a técnica para resolvê-los”¹⁸⁶.

Tais novidades se relacionavam com o surgimento do “especialista em desenvolvimento

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 186.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 187.

¹⁷⁸ Bernardes, 2007, p. 61.

¹⁷⁹ “A criação da Sudene correspondeu ao coroamento de uma complexa sequência de debates, estudos, medidas e órgãos governamentais, devidos às frequentes crises ocorridas no Nordeste, nos anos e décadas anteriores” (Ianni, 1971, p. 648).

¹⁸⁰ Cohn, 1978.

¹⁸¹ Furtado, 1958, p. 58.

¹⁸² Robock, 1963, p. 93.

¹⁸³ *Ibidem*, p. 19.

¹⁸⁴ Ianni, 1971, p. 653.

¹⁸⁵ *Idem*, 1984, p. 215.

¹⁸⁶ *Ibidem*, 1971, p. 653.

regional”¹⁸⁷, que manuseava um acervo de conhecimentos técnico-científicos com cotação elevada no mercado político no contexto do desenvolvimento industrial do país, ocupando espaços na burocracia estatal antes monopolizados por bacharéis em direito e engenheiros. Na vanguarda dessa nova classe de especialistas estatais, Furtado se destacou e alcançou uma posição no topo do campo do poder, coroando – como mostrará o próximo capítulo – uma trajetória destinada para o exercício ilustrado do poder desde a mais tenra idade.

¹⁸⁷ Não há Brasil desenvolvido com Nordeste subdesenvolvido, *Diário de Pernambuco*, 3/2/1959.

CAPÍTULO 2

Comandante¹⁸⁸

1. Origem familiar

Maurício Medeiros Furtado (1893-1965), o pai de Celso, era filho do juiz João Antônio da Gama Furtado, professor de português na cidade da Parahyba do Norte (atual João Pessoa) em meados da década de 1880 e um alto funcionário público estadual¹⁸⁹, e de Ernestina de Medeiros Furtado. Maurício estudou no Colégio São Severino, em Itabaiana, e, na capital, frequentou o Colégio Pio X e o Liceu Paraibano, “berço da cultura e do jornalismo” da “Província do Norte”¹⁹⁰. Maurício – como João Antônio – estudou na Faculdade de Direito do Recife (FDR), centro tradicional de formação e sociabilização da “orgulhosa malta ilustrada”¹⁹¹ do Nordeste. Indicado pelo governador João Pereira de Castro Pinto (1912-1915), Maurício foi juiz de rendas das vilas de Sousa, Pombal, Mamanguape e na cidade de Parayba do Norte¹⁹².

Nesse período, suas viagens entre essas vilas sertanejas e a capital paraibana eram notícia na imprensa local, que se referia à Maurício como um “inteligente funcionário”¹⁹³, um “inteligente patricio”¹⁹⁴ e um “operoso administrador”¹⁹⁵ do fisco estadual. Com muito prestígio no interior paraibano, o “Major” Maurício¹⁹⁶ foi presidente do Tiro “Almeida Barreto”, organização militar da vila de Sousa¹⁹⁷. As competências militares de Maurício também explicam seu período como diretor da Federação Pernambucana de Bandeirantes Escolares, uma associação de escotismo.

Em 1917, em Sousa, Maurício casou com a manauara e “modista”¹⁹⁸ Maria Alice

¹⁸⁸ “Comandante – 1. Militar investido de autoridade para o exercício do comando. 2. Militar investido de autoridade sobre determinada força, com vistas à consecução de um objetivo” (Exército Brasileiro, 2018, p. 81).

¹⁸⁹ Mariano, 2015; Secretaria de Estado, *A União*, 24/10/1898.

¹⁹⁰ Carneiro, J., 2019, p. 5.

¹⁹¹ Galindo, 2022, p. 47.

¹⁹² Informação acessada no sítio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Ver: <https://www.ihgp.net/presidentes.php>. Acesso em 20/4/2023.

¹⁹³ Vida social, *O Norte*, 2/2/1918.

¹⁹⁴ Vida social, *O Norte*, 26/7/1917.

¹⁹⁵ Vida social, *O Norte*, 3/1/1919.

¹⁹⁶ A referência à patente militar de Maurício encontra-se na certidão de nascimento de um de seus filhos, que pode ser consultada em <https://ancestors.familysearch.org/en/G9BY-DYN/maria-alice-de-gouveia-monteiro-1900-1984>. Acesso em 5/4/2023.

¹⁹⁷ Avulso, *O Norte*, 19/4/1917.

¹⁹⁸ Profissão verificada na certidão de nascimento de Celso Furtado, disponível no endereço <https://ancestors.familysearch.org/en/KLJL-ZHQ/celso-monteiro-furtado-1920-2004>. Acesso em 5/4/2023.

Monteiro de Gouveia (1900-1984), que era de uma família “muito poderosa”¹⁹⁹ de latifundiários e chefes políticos do sertão paraibano. Maria Alice era filha de Joanna Cavalcanti de Gouveia Monteiro (nascida em 1884) e do tenente Ernesto Emiliano de Gouveia Monteiro (1866-1920), “um homem muito autoritário”²⁰⁰ que ganhou a vida como administrador estadual da Mesa de Rendas²⁰¹.

O casamento exogâmico de um Furtado, sobrenome que indica a provável origem judaica dos antepassados de Maurício – os Hurtado da Espanha²⁰² –, um membro da Loja Maçônica Branca Dias²⁰³, cujo nome remete a um símbolo da saga dos cristãos novos para integrar-se na sociedade colonial²⁰⁴, com uma Monteiro – um dos clãs familiares mais antigos nas teias de poder político e econômico da Paraíba – era, por um lado, uma estratégia matrimonial dos judeus convertidos para se estabelecer no seio da oligarquia agrária local, e, por outro lado, um recurso utilizado pelas famílias tradicionais para minorar sua ruína econômica e perpetuar seu poder casando com famílias menos prestigiadas mas com perspectivas de ascensão econômica e/ou política. Como lembrou Gilberto Freyre sobre a vida social no Nordeste no final do século XIX: “Os tempos estavam bicudos. Pai rico, filho nobre, neto pobre: ao longo do século XIX, o refrão operou com eficiência inusitada. Já não havia família com fôlego para resistir duas ou três gerações”²⁰⁵.

Em um contexto de instabilidade política e disputa entre as parentelas locais pelo poder político e econômico (Lucenas, Pessoas, Neivas, Teixeiras, Suassunas), e em meio ao colapso social e econômico agravado pelas secas de 1915 e 1918, que destruíram as fazendas e dizimaram os animais dos latifundiários paraibanos – inclusive os bens da família de Celso²⁰⁶ –, uma das saídas encontradas pelos grupos familiares mais poderosos era compartilhar sua autoridade patriarcal com os cunhados bacharéis, que, entre o final do século XIX e o começo do XX, passaram a contribuir para a dominação local daquelas famílias²⁰⁷.

Com “complexo de inferioridade”²⁰⁸, que se devia às suas relações de subordinação e dependência com os chefes políticos locais, Maurício era consciente de sua superioridade

¹⁹⁹ Furtado, 1999a.

²⁰⁰ *Ibidem*.

²⁰¹ Informação consultada no *Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da República dos Estados Unidos do Brasil para 1915*, 2º Volume (Estados), publicado pela Almanak Laemmert em 1915.

²⁰² D’Aguiar, 2022.

²⁰³ Notícias da Paraíba, *Diário de Pernambuco*, 9/2/1934.

²⁰⁴ Freyre, 2006 [1933]; Melo, E., 2009.

²⁰⁵ Freyre, 2003 [1936], p. 246.

²⁰⁶ Furtado, 2013.

²⁰⁷ Cabral, 2009; Freyre, 2003 [1936]; Lewin, 1987.

²⁰⁸ Furtado, 2019, p. 131.

intelectual na província e apoiava-se em seu grande patrimônio cultural para compensar aquele sentimento. Os ares paraibanos impunham aos funcionários públicos (do baixo como do alto escalão) o alinhamento automático com os caciques políticos para ascender na carreira administrativa, jurídica e/ou política.

Habitados a fraudar as eleições e se utilizar dos postos públicos para premiar afilhados políticos, os coronéis exigiam lealdade em troca de cargos e outras benesses estatais. Na Paraíba do começo do século, um bacharel que – como Maurício – ambicionava os escalões superiores da magistratura precisava se conformar com as regras do jogo para ascender na carreira. Constrangido pelas normas tácitas desse sistema de apadrinhamento, e vivendo em uma época de guerra fratricida entre os coronéis pelo controle da política da província – “A atividade ‘política’ era entendida como um torneio em que disputavam a preeminência chefes de grupos locais, quase sempre grandes proprietários ou seus mandados”²⁰⁹, Maurício arriscou a sorte no Rio de Janeiro, uma aspiração dos letrados da região Nordeste desde o Império, a era de ouro da “aristocracia de toga e beca”²¹⁰.

Na primeira destas tentativas, no começo da década de 1920, Maurício tentou abrir um escritório de advocacia na capital federal em sociedade com “Epitacinho”, filho de Epitácio Pessoa (1865-1942)²¹¹ – o principal chefe político da Paraíba naquele momento –, e fracassou²¹². Com a eleição do novo governador João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (1928-1930), que se apresentou como justiceiro dos pobres e prometeu combater a corrupção na política paraibana, realizando a caça às bruxas na administração pública local, Maurício foi demitido do serviço público por “motivo de economia”²¹³ e perdeu seu “bico” no jornal oficial *A União*²¹⁴.

Perturbado com os acontecimentos políticos na Paraíba, ele tentou pela segunda vez uma mudança com sua família para o Rio de Janeiro. Graças ao coronel Ignácio Evaristo Monteiro Sobrinho, irmão de Maria Alice e presidente da Assembleia Legislativa da Paraíba entre 1917 e 1929, que pediu para o governador João Pessoa que intercedesse em favor de Maurício, este último regressou para sua província seis meses depois como juiz substituto da

²⁰⁹ *Idem*, 1964, p. 179.

²¹⁰ Freyre, 2003 [1936], p. 713.

²¹¹ Epitácio Pessoa foi deputado federal constituinte (1890-1894), ministro da Justiça (1898-1901), ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas (1900-1901), Procurador Geral da República (1902-1905), ministro do Supremo Tribunal Federal (1902-1912), senador (1913-1919 e 1924-1930) e presidente da República (1919-1922) (CPDOC-DHBB, verbete Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa).

²¹² D’Aguiar, 2021.

²¹³ Informação acessada no sítio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Ver: <https://www.ihgp.net/presidentes.php>. Acesso em 20/4/2023.

²¹⁴ Furtado, 1999a.

comarca da capital (1928-1930)²¹⁵, tornando-se um afilhado daquele líder político e vendo-se atado ao sistema de patronagem vigente na política estadual²¹⁶. Com “muita influência na família” dos Pessoa de Queiroz²¹⁷, o clã mais poderoso e com o controle da máquina eleitoral estadual²¹⁸, Maurício conseguiu do governador a nomeação de Elias Camilo de Sousa, seu cunhado, para prefeito de Pombal em 1928²¹⁹.

Com a Revolução de 1930, cujo estopim foi o assassinato de João Pessoa²²⁰, que era o candidato à Vice-Presidência da República pela Aliança Liberal (encabeçada por Getúlio Vargas), e após uma nova tentativa fracassada de mudança para o Rio de Janeiro, motivada provavelmente pela morte de Mário Monteiro Furtado (1935-1941)²²¹, Maurício procurou aproximar-se dos líderes revolucionários e, no contexto da instalação do governo provisório e da demissão de um grande número de servidores públicos, integrou uma comitiva de magistrados que se dirigiu ao Palácio da Redenção para manifestar “absoluta solidariedade ao seu governo [de José Américo de Almeida, o ‘chefe revolucionário do Norte’] e também ao movimento reivindicador dos direitos individuais”²²². A partir desse momento, a carreira de Maurício na magistratura estadual decolou. Entre as décadas de 1930 e 1940, ele foi membro do Tribunal Regional Eleitoral do Estado da Paraíba (1932-1937), procurador geral da Paraíba (1931-1934), presidente do Montepio dos funcionários públicos do Estado (1931) e desembargador da Corte de Apelação do Tribunal de Justiça da Paraíba (1934-1941)²²³.

Conforme ascendia na carreira jurídica, se tornava mais custoso para Maurício realizar o sonho de organizar sua vida no Rio de Janeiro, motivo de muitas desilusões. Era mais prudente ajustar-se à realidade da província natal, aos caprichos dos mandatários locais e sua parentela, conformando-se com uma alta posição na magistratura paraibana. De toda forma, a relação de dependência com os chefes locais jamais deixou de lhe incomodar e ele reagiu aos constrangimentos da política paraibana agarrando-se à sua “independência”, que exprimia a má consciência de um empregado letrado da elite política paraibana, que ele abominava. É o

²¹⁵ *Idem.*

²¹⁶ Lewin, 1987.

²¹⁷ Furtado, 1999a.

²¹⁸ Lewin, 1987.

²¹⁹ Neto, 1930.

²²⁰ Entre os desembargadores do Tribunal de Justiça da Paraíba que negaram *habeas corpus* para o coronel José Pereira de Princeza (mandante do crime) em 1935, cinco anos após o assassinato do ex-governador João Pessoa, se encontrava Maurício Furtado (Da Parahyba, *Diário de Pernambuco*, 23/11/1935).

²²¹ Com sete anos de idade incompletos, Mário Furtado faleceu em 1941 em consequência de um erro médico (D’Aguiar, 2021). Consultar certidão de óbito de Mário disponível em <https://ancestors.familysearch.org/en/G9BY-DYN/maria-alice-de-gouveia-monteiro-1900-1984>. Acesso em 5/4/2023.

²²² A situação da Parahyba, *Diário de Pernambuco*, 15/10/1930.

²²³ Carneiro, R., 2012, p. 25 e p. 60; Brandão, Amorim, Rodrigues e Fernandes, 2022.

próprio Celso quem valida essa leitura: “Sendo homem sem fortuna pessoal, para manter sua independência como juiz necessitava guardar distância de toda atividade política. A ideia de que um político era alguém sempre disposto a trapacear se me incutiu no espírito de forma indelével.”²²⁴

Com a aposentadoria em 1941, Maurício conseguiu mudar com sua família para o Rio de Janeiro, instalando-se no Leblon²²⁵. Com uma grande ambição cultural, e sem jamais conciliar-se com o destino de um alto burocrata à serviço das grandes famílias, o ar da província era sufocante para Maurício. A capital federal parecia ser o lugar em que ele poderia dar vazão às suas aspirações culturais e sua liberdade de pensamento. No Rio de Janeiro, Maurício foi professor de português, de latim e de direito comercial na Escola Superior do Comércio e na Moderna Associação Brasileira de Ensino¹¹, escreveu para jornais paraibanos e cariocas e publicou postumamente os livros *Coisas do Passado* (1970) e *Lapinha* (1972).

Conseguindo o reconhecimento tardio como um “homem de letras”, Maurício foi eleito para o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) em 1935, onde foi diretor da Comissão de Contas e seu presidente por duas vezes (1938-1940 e 1940-1942), para o Instituto Histórico do Ceará e para a Academia Paraibana de Letras em 1960²²⁶. Ele também foi presidente da Casa da Paraíba no final da década de 1950, espécie de associação maçônica com fins culturais e beneficentes criada em 1950 e instalada no centro do Rio de Janeiro.

Por seu turno, Maria Alice lia em francês e espanhol²²⁷ e pertenceu à Associação Paraibana pelo Progresso Feminino²²⁸. Ela também trabalhou no IHGP como diretora da Comissão de Pesquisas e Estudos Históricos e Geográficos no final da década de 1930²²⁹. América Monteiro, irmã de Maria Alice e tia de Celso, atuou como uma agitadora cultural no sertão paraibano, apresentando aos sertanejos algumas das novidades da indústria cultural. Como observou um jornalista da época: “Grande coqueluche trazida ao tempo do cinema mudo, no alto sertão de Patos, foram os álbuns de artistas. [...]. A ideia dos álbuns ali nos chegou com a professora América Monteiro”²³⁰.

Cultos e rígidos, Maurício e Maria Alice investiram fortemente na formação educacional de seus filhos e os aconselharam a construir suas vidas fora do ambiente estreito da Paraíba.

²²⁴ Furtado, 2013, p. 14.

²²⁵ D’Aguiar, 2022.

²²⁶ Informação extraída do sítio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Ver: <https://www.ihgp.net/presidentes.php>. Acesso em 20/4/2023.

²²⁷ Furtado, 1999a.

²²⁸ Paraíba, *Diário de Pernambuco*, 16/3/1933.

²²⁹ Da Parahyba, *Diário de Pernambuco*, 1/8/1937.

²³⁰ Álbuns, Griffith e Th. D. Ince, *Diário de Pernambuco*, 5/11/1967.

Herdando esse rechaço ao mundo da província natal, seus filhos aprenderam a se comportar com superioridade nos espaços sociais que frequentavam na Paraíba. O próprio Celso, ainda um jovem estudante do Liceu Paraibano, via o mundo local – “nosso pequeno mundo”²³¹ – de cima e com um ar pretensioso. Como ele próprio escreveria mais tarde: “Era um rapaz muito cheio de mim. Imaginava que já tinha uma grande cultura”²³². Tão logo atingiram a maioridade, todos eles construíram carreira na capital federal atendendo ao desejo de Maurício.

Maurício e Maria Alice acostumou-os, desde crianças, à uma disciplina estrita, que, com o tempo, se tornou autodisciplina e os capacitou para o sucesso em suas profissões. Na casa dos Monteiro Furtado, onde não se admitia o desperdício de tempo, as crianças foram estimuladas a buscar incessantemente o “aperfeiçoamento do espírito”. Em um trecho de seus diários, o ainda adolescente Celso fazia a seguinte anotação: “A consciência do tempo perdido dói-me como uma chaga. Mas eu nem sempre sou irresponsável. Uma conversa banal, destrutiva, nulificante, deixa-me um mal-estar quase orgânico”²³³.

Esta educação quase militar deixou marcas em Celso, que, nos *Diários Intermitentes*, se queixou das “reprimendas” de seu pai e da distância de sua mãe e confessou que em sua infância solitária e angustiada costumava perceber-se como uma “criança inferior”, “o mais feio” e “burro”²³⁴. O importante a destacar é que o investimento cultural de Maurício e Maria Alice nos próprios filhos deu resultados, de que é evidência o destaque profissional alcançado por todos eles. O domínio de diversas línguas abriu a eles oportunidades de carreira internacional e/ou vinculadas ao trabalho político e diplomático.

Antonieta Monteiro Furtado (1918-2015) foi servidora do Senado federal (1957-1970), onde trabalhou como analista legislativo e chefe da Seção de Expediente²³⁵. Ela pertenceu ao PCB antes da agremiação ser lançada na ilegalidade em 1947²³⁶.

“Uma mulher muito chique, muito elegante”²³⁷, Aída Monteiro Furtado (1925-2013) se comunicava com fluência em vários idiomas (inglês, francês, italiano e russo), cursou biblioteconomia na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro²³⁸, foi uma “competente” bibliotecária do Dasp e da Unesco (em Genebra e Paris), trabalhou no Ponto IV (programa

²³¹ Furtado, 2013, p. 35.

²³² *Idem*, 1999a.

²³³ *Idem*, 2019, p. 64.

²³⁴ *Ibidem*, pp. 76-79.

²³⁵ Informações obtidas no sítio eletrônico do Senado Federal. Ver: https://www.senado.leg.br/transparencia/rh/servidores/nova_consulta.asp. Acesso em 20/4/2023.

²³⁶ D’Aguiar, 2022.

²³⁷ *Ibidem*.

²³⁸ Ver http://www.unirio.br/cchs/eb/arquivos/livro_dos_egressos.pdf. Acesso em 5/4/2023.

norte-americano de auxílio técnico à países da Ásia, África e América Latina no pós-guerra)²³⁹ e foi chefe de documentação da Petrobras²⁴⁰. Seu nome foi inspirado na ópera “Aida” de Giuseppe Verdi (1813-1901), representada no Teatro Santa Isabel no final do século XIX com um grande sucesso de público²⁴¹. Maurício, um violeiro amador, seresteiro e estudioso de música conhecia e apreciava a obra de Verdi.

Jorge Monteiro Furtado (1923-2000) se diplomou bacharel em direito na Universidade do Brasil e economia na FGV, ambas no Rio de Janeiro, trabalhou na Confederação Nacional da Indústria (CNI), se concursou no Ministério da Fazenda, assessorou Aluísio Campos no GTDN e, com sua esposa, que era bibliotecária da Biblioteca Nacional e filha de Djalma Dias Ribeiro²⁴², general e chefe do IV Exército (com sede no Recife), se mudou para o Nordeste como funcionário emprestado para a Sudene entre 1959 e 1964, tornando-se chefe do escritório do Rio de Janeiro e de Brasília. Nos anos seguintes, ele foi inspetor da Receita Federal²⁴³ e escreveu o livro *Dicionário de assuntos fiscais tributários* (1969).

Helena Monteiro Furtado (1929-2013) estudou na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, trabalhou como revisora para diversas editoras no Rio de Janeiro (inclusive para Antonio Houaiss) – “Helena tinha muito bom português”²⁴⁴ – e fez carreira como funcionária da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro²⁴⁵.

Jair Monteiro Furtado (1930-2016) ingressou na Marinha do Brasil em 1949²⁴⁶, alcançou o posto de capitão-de-fragata do Corpo de Fuzileiros Navais²⁴⁷ e foi reformado em 9 de outubro de 1964 provavelmente por ser irmão de Celso, que teve seus direitos políticos cassados no primeiro Ato Institucional²⁴⁸. Com a interrupção de sua carreira militar, Jair se formou engenheiro elétrico e ingressou na Engevix, uma das empreiteiras que mais cresceram no período militar, chegando a trabalhar em Itaipu e na construção de rodovias por todo o país²⁴⁹. Jair foi anistiado em 1979 e promovido capitão de mar e guerra pela Marinha do Brasil²⁵⁰.

²³⁹ Informação extraída de uma carta de Aída para Celso em 22/6/1956 e que foi consultada pelo pesquisador no acervo pessoal de Celso Furtado no IEB/USP.

²⁴⁰ Informativo Econômico, *Diário de Pernambuco*, 1/11/1961.

²⁴¹ Feitosa, 2011, p. 109.

²⁴² D’Aguiar, 2022.

²⁴³ *Ibidem*.

²⁴⁴ *Ibidem*.

²⁴⁵ *Ibidem*.

²⁴⁶ Chamada de candidatos ao Curso Preparatório de cadetes do ar, *A Noite*, 22/4/1949.

²⁴⁷ Correio militar, *Correio da Manhã*, 19/3/1963.

²⁴⁸ Oliveira, P., 2000.

²⁴⁹ D’Aguiar, 2022.

²⁵⁰ *Ibidem*

No que diz respeito a Celso Monteiro Furtado, seu desenvolvimento pessoal é indissociável de um ambiente familiar em que se valorizava a erudição livresca e o cultivo cultural²⁵¹. A influência familiar também explica o comportamento austero de Celso – “caráter fundamentalmente reto”²⁵² –, que se fazia notar por sua autodisciplina puritana, relacionada à sua propensão para o isolamento, sua “dolorosa mutilação moral”²⁵³ – “impressão de que a vida tem resultado ser um permanente esforço de desenfaixamento”²⁵⁴ – e tendência para expiar-se – “É terrível a minha indisciplina mental”²⁵⁵.

O trabalho intelectual era a salvação do paraibano para os momentos de solidão e angústia, evidenciando o treinamento para utilizar de forma produtiva seu tempo, sistematizar suas ideias e produzir bens culturais (esboços de romances e/ou livros de teoria e história), aliviando o espírito torturado com a obsessão de tornar-se um “arquiteto do pensamento”²⁵⁶.

Lembro-me que aos dezessete anos, certa noite em que estava a estudar, angustiei-me com a lembrança de que nada realizara até então no terreno da filosofia. Pareceu-me então que pelo menos alguma coisa equiparável à lei dos três estados já devia eu ter criado. Levantei-me da mesa e fui pedir inspiração às estrelas.²⁵⁷

[...] aprecio-me nos momentos mais duros como objeto criador de motivos de arte.²⁵⁸

Afoguei-me no trabalho como única salvação para a torpeza da vida [...] para não parar, para ter a ilusão de que não era um desgraçado.²⁵⁹

No meio dessa crise eu reuni todas as minhas forças e resolvi disciplinar a vida. Sistematizei uma série de hábitos, submeti-me a um programa de estudo (verdadeiro narcótico para o espírito) e arquitetei um futuro. [...] eu confiava nas profundezas daquelas raízes que sempre me salvaram. Era um esforço para bem empregar aquelas energias potenciais. Um esforço que talvez merecesse o título de nobre.²⁶⁰

Em resumo, o patrimônio linguístico e cultural de Maria Alice e Maurício foi transmitido para seus herdeiros, que também tiraram proveito do cabedal de competências de seu pai nas áreas administrativa (Aída, Antonieta, Celso e Helena), fazendária (Celso e Jorge)

²⁵¹ “Tenho aproveitado bem a temporada artística, já assisti a mais de vinte concertos – piano, violino, violoncelo, flauta, orquestra etc. É uma maravilha a vida artística. Gazzi tem me aproximado das maiores figuras da música do Rio. Quem me vê tomando café na Cinelândia com Villa-Lobos ou no atelier do grande pintor russo Maiakóvski, ou falando com o sr. Smith, diretor do departamento de música da Biblioteca de Nova York, etc., etc., não dirá nunca que eu sou um pobre diabo [...] que não mora em apartamento luxuoso [...], mas que sabe juntar dinheiro necessário para aproveitar, tanto quanto os grandes, do bom, e muito mais do que aqueles que mandam em mim e ganham vinte vezes mais do que eu” (Furtado, 2019, p. 59).

²⁵² *Ibidem*, p. 76.

²⁵³ *Ibidem*, p. 76.

²⁵⁴ Furtado, 2021, p. 31.

²⁵⁵ *Ibidem*, p. 63.

²⁵⁶ Furtado, 2019, p. 76.

²⁵⁷ *Ibidem*, p. 76.

²⁵⁸ *Ibidem*, p. 66.

²⁵⁹ *Ibidem*, p. 71.

²⁶⁰ *Ibidem*, p. 79-80.

e militar (Jair). Quanto a este último aspecto, a faceta de Maurício como organizador militar e incentivador do escotismo, evidenciando sua preocupação com o aperfeiçoamento das capacidades corporais e mentais, se refletiram na conduta exemplar e nos valores militares cultivados por seus filhos como hierarquia, disciplina, sacrifício, organização, planejamento e resistência à adversidade.

Dentre os Monteiro Furtado, é particularmente emblemática a trajetória de Celso, um estudioso da história da expansão e desarticulação da “enorme maquinaria administrativo militar”²⁶¹ do Império Romano – “isso me apaixonava”²⁶² –, que ele analisou em *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* (1961) e *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico* (1967), e um admirador dos feitos de Alexandre, o Grande.

Estudara economia, sociologia, filosofia na busca de subsídios para entender o mundo, convencido de que também é essa uma maneira de sobre ele agir. Pode ser a maneira menos eficaz, mas quiçá seja a de efeitos mais duráveis. Que influência teria sido maior? A de Alexandre ou a de Platão?²⁶³

Como todo menino de sua idade, o paraibano se alistou com dezoito anos no Tiro de Guerra em João Pessoa, se apresentou voluntariamente – em 1944 – para participar do curso de aspirante a oficial de infantaria do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR/Exército), e, em fevereiro de 1945, vivendo um período de indecisão profissional, integrou as Forças Expedicionárias Brasileiras (F.E.B.) e foi enviado para as trincheiras da Itália. Fluente em inglês – “Comecei a falar inglês desde pequeno, o que me deu muita vantagem. Tinha orgulho de conversar em inglês com Mr. Vance”²⁶⁴ –, Celso atuou como oficial de ligação entre o Estado-Maior do Exército do Brasil e o 5º Exército dos Estados Unidos e foi responsável por “dirigir comboios” nas zonas conflagradas²⁶⁵.

Extasiado com a aventura na frente de batalha, oportunidade de fruição estética para alguém profundamente identificado com as tradições culturais europeias – “Esta guerra foi para mim, que tão bem tenho apreciado o que vejo, pouco mais do que uma viagem de turismo”²⁶⁶ –, Celso regressou ao Brasil, deu palestras e escreveu artigos na imprensa sobre a guerra, planejou criar a revista “Luta – pela cultura do povo”²⁶⁷ e publicou o livro *De Nápoles à Paris – contos da vida expedicionária* (1945).

²⁶¹ *Idem*, 2009b, p. 117.

²⁶² *Idem*, 2004, p. 36.

²⁶³ *Idem*, 1997 [1985], p. 102.

²⁶⁴ *Idem*, 1999a.

²⁶⁵ Lobato, 2020.

²⁶⁶ Furtado, 2019, p. 85.

²⁶⁷ *Ibidem*, pp. 67-68.

Retornando à Europa em 1947, ele integrou uma brigada francesa de reconstrução de uma ferrovia na Bósnia, juntando-se a “um exército de jovens trabalhadores de mais de cem mil indivíduos”²⁶⁸, que encaravam o “futuro como uma batalha a vencer”²⁶⁹. Como ele mesmo registrou em seus diários: “Aqui se pode compreender que quando os homens se unem por ideais superiores e comungam o mesmo sacrifício no trabalho se elevam acima da média comum”²⁷⁰.

No sistema de valores ensinados pelo positivista Maurício, que Celso olhava “como a um monumento”²⁷¹, estava, também, a educação do corpo e o preparo físico, fundamentos de seu gosto pela prática esportiva regular e sua energia, vigor e capacidade de ação. Celso jogou vôlei nas praias de Olinda/PE no tempo do GP, praticou natação quando era estudante no Rio de Janeiro, treinou tênis ao longo de toda a vida e, como Prebisch, que era um “grande andarilho”²⁷², gostava de “longas caminhadas”²⁷³. Seu “porte atlético”, “boa estatura” e “elegância” (usava “ternos de linho bem cortados”)^{274 275}, qualidades corporais signos de distinção social²⁷⁶, atuaram para reforçar a impressão que ele causava entre seus contemporâneos e admiradores de ser um homem com qualidades superiores.

Retornando a Maurício, ele era “originário de uma família de artistas”²⁷⁷, “um intelectual competente”²⁷⁸ e o dono de uma importante biblioteca (em várias línguas), única distração para a infância solitária de Celso, que foi criado entre livros. Segundo o economista: “Nas estantes de papai havia livro sobre tudo. Até sobre esgrima. E para mim era sempre uma emoção renovada folhear aqueles livros e descobrir coisas de que nunca havia ouvido falar”²⁷⁹.

Um latinista com conhecimento de muitas línguas (francês, italiano, inglês e espanhol), Maurício se mudou com sua família de Pombal/PB para a capital paraibana em 1924 e ensinou português na Escola Normal e no tradicional Colégio Diocesano Pio X²⁸⁰. Um violeiro amador e “grande seresteiro”, sua mãe tinha inclinação para a música e seus irmãos tocavam ao menos

²⁶⁸ *Idem*, 1997 [1985], p. 107.

²⁶⁹ *Ibidem*, p. 108.

²⁷⁰ *Idem*, 2019, p. 101.

²⁷¹ *Ibidem*, p. 134.

²⁷² Furtado, 1997 [1985], p. 232.

²⁷³ *Idem*, 1997 [1989], p. 278.

²⁷⁴ Sousa, Theis e Barbosa, 2020, p. 20.

²⁷⁵ “Celso era um homem elegante. Era um homem alto, de 1,75 m para lá, que fazia exercícios, podendo ser considerado um homem forte, bem feito de corpo e bem-apeado. Eu sempre o vi vestido de calça, paletó, camisa e gravata” (Carvalho, J., 2020, p. 113).

²⁷⁶ “O corpo é a objetivação mais irrecusável do gosto de classe” (Bourdieu, 2006, p. 179).

²⁷⁷ Informação extraída do sítio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Ver: <https://www.ihgp.net/presidentes.php>. Acesso em 20/4/2023.

²⁷⁸ Furtado, 1999a.

²⁷⁹ *Idem*, 2019, p. 227.

²⁸⁰ Festa no Colégio Diocesano, *Diário Pernambucano*, 31/5/1934.

um instrumento musical²⁸¹. Como jornalista, ele chegou a ser tesoureiro da Rádio Clube da Paraíba, presidente da Associação Paraibana de Imprensa e colaborador de *A União*, jornal oficial da província²⁸².

Estas aspirações culturais de Maurício indicam a origem familiar do volumoso capital cultural²⁸³ de Celso, que amava teatro e música clássica – “A mensagem da busca de si mesmo pela razão e da integração estética com o mundo são a essência mesma de minha vida”²⁸⁴. Celso estudou piano e teoria musical com Gazzzi de Sá (1901-1981) – músico paraibano que trabalhou com Heitor Villa-Lobos no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico²⁸⁵ – e, na juventude, foi crítico de música e escreveu reportagens sobre temas culturais para a *Revista da Semana* e *Panfleto*, além de ser um frequentador assíduo do Teatro Municipal e da Escola Nacional de Música^{286 287}. Sua ópera predileta era a tetralogia épica “O Anel de Nibelungo”, do compositor Richard Wagner²⁸⁸, quicá pela jornada do herói, que remetia à sua própria travessia miraculosa. Celso sabia latim – “chave para acessar a cultura superior”²⁸⁹ –, falava inglês desde pequeno, “o que me deu muita vantagem”²⁹⁰ – “Meu pai, lá no Nordeste, me advertia de que se eu quisesse conhecer o mundo, tinha de saber inglês”²⁹¹ – e francês. Além do italiano, estudou o alemão como “um exercício de educação da vontade”²⁹².

Celso cursou o primário no Liceu Paraibano e o secundário no GP, centros de formação tradicionais das elites dirigentes da região e nos quais se destacou, vendo-se como superior a seus colegas e adquirindo enorme autoconfiança.

Os meus colegas de estudo são, mais ou menos, tímidos e medíocres. Sou eu, talvez, a única pessoa que já se familiarizou com os professores. [...]. Tive ocasião de ver minhas notas [...]. Vejamo-las: economia política e estatística: 100; biologia: 90; psicologia: 90; literatura: 90; história: 80; latim: 75. Média: 87,5. Sei que podiam ser melhores. Em todo caso, esse 100 que por aí apareceu foi o único dos cursos pré-

²⁸¹ Cavalcanti, M., 1960.

²⁸² Notícias da Paraíba, *Diário de Pernambuco*, 10/11/1934; Rádio Clube da Paraíba, *A União*, 22/8/1933.

²⁸³ “O capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que são, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais” (Bourdieu, 1999, p. 74).

²⁸⁴ Furtado, 2019, p. 204.

²⁸⁵ *Idem*, 1997 [1985].

²⁸⁶ *Idem*.

²⁸⁷ “Tenho acompanhado pelo rádio muitos concertos e ido a alguns que são gratuitos. Heifetz (o maior violinista do mundo) já passou. Magda Tagliaferro vai passando. Guiomar Novaes tocará a 4 de maio. Rubinstein chegará a 15; Toscanini em junho [...] É para se ficar abafado” (Furtado, 2019, p. 57).

²⁸⁸ Agradeço à Rosa Freire d’Aguiar por essa informação.

²⁸⁹ Furtado, 2013, p. 39.

²⁹⁰ *Idem*, 1999a.

²⁹¹ *Idem*, 2004, p. 26.

²⁹² *Idem*, 2019, p. 71.

jurídicos e a média a melhor de todos os cursos pré-acadêmicos do ginásio. [...]. Só agora soube de todas as minhas notas da segunda prova. A média teve uma baixa de três pontos, mas continua sendo a maior da turma.²⁹³

A minha vida de estudante fora uma progressão de sucessos; as minhas qualidades intelectuais e morais estavam bem acima da média, sabiam todos. Acostumara-me a ver tudo de cima. Nessa situação eu parti para ganhar a vida e construir o meu futuro.²⁹⁴

Outro indicador dessa sociabilização cultural singular, sua casa era frequentada por jornalistas, escritores, professores, poetas, magistrados e políticos (boa parte deles da Academia Paraibana de Letras), cercando-o de estímulos culturais permanentes. Com essas influências, Celso se tornou um menino receptivo a estímulos culturais e “sedento de orientação”²⁹⁵. Ele adquiriu uma rara capacidade de absorção de conhecimentos e uma aguda consciência cultural, que orientaram suas energias criadoras para a literatura e que seriam reconvertidas – pelo economista que ele se tornaria – em uma imaginação com densidade histórica e analítica.

Como visto acima, Celso adquiriu disciplina para a vida intelectual – “gosto de coisas difíceis”²⁹⁶ –, condição para que sua imaginação se materializasse em uma obra importante. Esta propriedade de origem rara no campo dos economistas também explica a penetração de seus livros de economia e sua facilidade para compor grandes estruturas narrativas e quadros históricos, que explicam o sucesso de seus livros entre os leitores não iniciados na ciência econômica²⁹⁷. Estas competências foram atualizadas pelo método histórico-estrutural da Cepal, contribuindo para fazer de Furtado o estruturalista mais fecundo da geração pioneira do organismo latino-americano.

²⁹³ *Ibidem*, pp. 47-49.

²⁹⁴ *Ibidem*, p. 76.

²⁹⁵ *Ibidem*, p. 76.

²⁹⁶ *Ibidem*, p. 58.

²⁹⁷ Na década de 1960, os livros de Furtado alcançaram rápido sucesso editorial e integraram as listas dos livros mais vendidos no país. Segundo Carlos Ribeiro, proprietário da Livraria São José e o criador das tardes de autógrafos e das feiras de livros no Rio de Janeiro: “Ao iniciar minha carreira as tiragens nunca excediam mil exemplares, que levavam de 3 a 5 anos para serem vendidos. Hoje, uma única edição de Teoria Econômica, de Celso Furtado, por exemplo, atinge 30 mil, que são vendidos em seis meses” (Carlos Ribeiro fala de seus livros no MIS, *Correio da Manhã*, 5/10/1967). *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, lançado em julho de 1961, ganhou uma segunda edição já em setembro do mesmo ano e disputou a lista dos mais vendidos com *Os velhos marinheiros*, de Jorge Amado, e *O homem nu*, de Fernando Sabino (D’Aguiar, 2013). *A Pré-revolução brasileira* ocupou o primeiro lugar da lista de mais vendidos entre outubro e dezembro de 1962, seguido dos livros *Um ramo para Luísa*, de José Conde, *Política externa independente*, de San Tiago Dantas, e *Primeiras Histórias*, de João Guimarães Rosa (Best-Sellers, *Correio da Manhã*, 9/12/1962; Best-Sellers, *Correio da Manhã*, 17/10/1962). *Dialética do desenvolvimento* foi o sexto livro mais vendido de 1964 (Best-Sellers de 1964, *Correio da Manhã*, 5/1/1965). Passados quatro anos no exterior, Furtado regressou ao país para lançar *Um projeto para o Brasil*, de 1968, e a noite de autógrafos recebeu ampla cobertura midiática, esgotando a primeira edição do livro em cinco dias (Furtado lança livro com sucesso, *Correio da Manhã*, 11/7/1968). Na década de 1970, os livros de Furtado continuaram entre os mais vendidos.

A infância de Celso oferece outras pistas para a apreensão de sua inclinação para a vida intelectual e política. Maurício possuía amigos na magistratura e nos círculos intelectuais e políticos locais como Ademar Victor de Menezes Vidal (1900-1986) (procurador da República, secretário da Justiça e Segurança do governo João Pessoa, diretor de *A União* e membro do IHGP), “Epitacinho” (filho de Epitácio Pessoa), João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (1878-1930) (governador da Paraíba no período 1928-1930), José Américo de Almeida (1887-1980) (chefe civil da Revolução de 1930 no “Norte” e com uma destacada carreira política) e Horácio de Almeida (1896-1983) (desembargador e historiador, que ajudou a inventar a identidade cultural paraibana ou paraibanidade – como, aliás, Maurício).

Outro antecedente relevante da origem de Celso, alguns de seus familiares eram ligados à maçonaria e se identificavam com as ideias liberais e anti-clericais. Além de “venerável” da Loja Maçônica Branca Dias, como já dito, Maurício foi “grande chanceler” da Grande Loja da Paraíba²⁹⁸.

Celso foi impactado pela situação social ambígua de seu pai na Paraíba. Como visto, Maurício era dependente dos chefes políticos locais e, ao mesmo tempo, sentia-se intelectual e moralmente superior a eles. A revolta de Maurício contra os mandatários locais – “desejo profundo de vingança”²⁹⁹ – está na origem das relações difíceis de Celso com os políticos nordestinos na época da Sudene³⁰⁰. A subordinação incômoda e o diferencial de poder entre Maurício e os chefes políticos paraibanos deixaram uma impressão profunda no economista paraibano. A configuração social de poder de tipo quase estamental da Paraíba, dividida entre a oligarquia tradicional (com o monopólio das posições de poder e prestígio) e “o mundo de escada abaixo”, conformou a visão de mundo de Celso.

Todas estas influências fizeram Celso sentir-se autoconfiante e fortaleceram sua predisposição para o comando. Sua trajetória escolar – “uma progressão de sucessos”³⁰¹ –, a perspectiva elevada de si mesmo – “me julgava o homem mais completo do mundo [...] julguei-me quase um Deus”³⁰² – e a intuição de um “futuro” grandioso – “Se eu chegar a ser um homem excepcional, no futuro, isto não constituirá surpresa para mim mesmo”³⁰³ –, para o qual ele caminhou pacientemente como um corredor de largo fôlego, atuaram para conformar sua

²⁹⁸ Informação obtida no sítio eletrônico da Grande Loja Maçônica de Pernambuco. Ver <https://www.glmpe.com.br/historia>. Acesso em 5/4/2023.

²⁹⁹ Furtado, 2019, p. 136.

³⁰⁰ “Logo cedo, em contato com a realidade, eu senti que fora equipado com as vestes de um cavaleiro andante para rastejar num pântano” (*Ibidem*, p. 76).

³⁰¹ *Ibidem*, p. 76.

³⁰² *Ibidem*, p. 39.

³⁰³ *Ibidem*, p. 80.

segurança estatutária. Essa percepção de si como o portador de qualidades e interesses elevados – “Eu somente sei falar sobre coisas substantivas”³⁰⁴ – iria ao encontro de seu modo de pensar, sentir e agir como um estadista, que ele encarnou desde a mais remota idade.

2. Transumância³⁰⁵

Seguindo a orientação de Maurício, Celso – e todos os seus irmãos – foi estudar no Rio de Janeiro: “Olha, Celso, se fosse você eu fazia um esforço e ia para o Rio de Janeiro, porque do Recife não sai mais ninguém que vá ter importância no Brasil. [...]. Se quiser conhecer quem manda no Brasil, vá para o Sul”³⁰⁶. Caso não tivesse tomado essa decisão dificilmente ele teria se tornado um intelectual e estadista de renome nacional e internacional.

Marcado pelas inquietações de seu pai, que, no começo da carreira, viveu perambulando como juiz de vila em vila no sertão paraibano, Celso se sentia um desenraizado no Rio de Janeiro – “A angústia profunda, que me acompanhava e fazia de mim um transeunte, sempre preparado para partir, tentar algo de novo”³⁰⁷. Essa situação explica sua “necessidade de fuga”³⁰⁸, que a literatura secundária e ele próprio edulcoraram em expressões como “cavaleiro andante”³⁰⁹, “vida expedicionária”³¹⁰ e “cidadão do mundo”³¹¹, e o impulso por sua “reconstituição individual”³¹².

Recém-chegado à capital federal, Celso visitou seu ilustre conterrâneo Eptácio Pessoa³¹³. Em linha com a tradição de sua família paterna, e preparando-se para ocupar um posto de relevo na administração pública, Celso cursou direito na Universidade do Brasil (1938-1942). Em 1944, ele foi aprovado em primeiro lugar em um concurso para técnico administrativo do Dasp, autarquia criada para racionalizar e modernizar o serviço público brasileiro, criando as condições institucionais e treinando o pessoal competente necessário ao surgimento de “ilhas de eficiência burocráticas” (BNDE, BNB, Sudene) nas décadas seguintes³¹⁴. O paraibano chegou a ser chefe da Divisão de Organização do Dasp. Em 1946, ele

³⁰⁴ *Ibidem*, p. 271.

³⁰⁵ Título do plano de romance que Furtado esboçou em seu *Diários Intermitentes* em 1944 (Furtado, 2019, p. 67).

³⁰⁶ *Idem*, 1999a.

³⁰⁷ *Idem*, 2019, p. 325.

³⁰⁸ *Ibidem*, p. 76.

³⁰⁹ *Idem*, 1997 [1989], p. 297.

³¹⁰ *Ibidem*, p. 17.

³¹¹ Buarque, 1995, p. 95.

³¹² *Ibidem*, p. 78.

³¹³ Furtado, 1999a.

³¹⁴ Evans, 1995.

se licenciou do serviço público e, financiado pelo Dasp, foi cursar o doutoramento em economia na França (1946-1948), onde preparou a tese *L'économie coloniale brésilienne (XVIe et XVIIe siècles)*³¹⁵.

A escolha improvável pela França, onde as ciências econômicas se curvavam ao peso das tradições filosóficas e não gozavam do poder institucional e estatuto científico alcançados na Inglaterra e nos Estados Unidos, era provavelmente uma manifestação tardia da mística bacharelesca pela educação e a cultura europeia (especialmente francesa) nas elites brasileiras entre os séculos XIX e XX³¹⁶. A aquisição da cultura europeia era um desejo fundante das aspirações cosmopolitas e liberais de um letrado poliglota como Maurício. O sentido dessa escolha, que Celso edulcorou atribuindo-a a seu interesse pela reconstrução da Europa no pós-guerra³¹⁷, recuava à sua educação aristocrática e admiração pela civilização europeia. Esses fatores explicam em boa medida sua inadaptação ao meio brasileiro e a paixão por Paris e a cultura francesa, como ele mesmo reconheceu no seguinte trecho de seus diários: “Impressionante como esta cidade vive dentro de mim. Nem minhas recordações de infância e primeira mocidade, na Paraíba, calaram tão dentro de minha alma como o período que aqui vivi como universitário”³¹⁸. Como o já consagrado economista revelou em uma entrevista, a desesperança com o Brasil e o desconforto com a condição de ser brasileiro marcaram sua educação sentimental:

Quando eu era adolescente, achava uma desvantagem ser brasileiro, comparando-se com o norte-americano e o europeu. [...]. O Brasil não era nada, era um atraso. E eu pensava: você nasceu num país tão atrasado, o que vai fazer aqui? [...]. Eu tinha uma ideia do Brasil um pouco pobre. [...]. Eu tinha uma visão pessimista do Brasil.³¹⁹

O que levou um bacharel destinado por tradição familiar à cúpula do serviço público à estudar economia, que era uma profissão nova, sem reconhecimento universitário, não regulamentada no Brasil (viria a ser em 1951) e com estatuto social rebaixado *vis-à-vis* a hierarquia das disciplinas universitárias tradicionais?³²⁰

³¹⁵ Furtado, 2019; Furtado, 1997 [1985].

³¹⁶ Freyre, 2003 [1936].

³¹⁷ Furtado, 1997 [1985].

³¹⁸ *Idem*, 2019, p. 198.

³¹⁹ *Ibidem*, 2011, p. 395.

³²⁰ Os primeiros economistas brasileiros eram engenheiros e advogados que iniciaram seu aprendizado de economia na CNI e em órgãos governamentais como o BNDE (1952), o BNB (1952), a Sumoc (1954) e o Ipea (1967). O Curso de Treinamento de Pessoal em Desenvolvimento Econômico da Cepal-BNDE formou as primeiras gerações de economistas demandados pela máquina estatal em processo de modernização e expansão. A criação do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre/FGV, 1951), do Centro de Aperfeiçoamento do Ensino (CAE/FGV, 1959), que mais tarde se transformaria na Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE/FGV), e do Instituto de Pesquisas Econômicas (IPE/USP, 1966) acelerou o processo de institucionalização e profissionalização da economia no Brasil entre as décadas de 1950 e 1960. Nesse período, de estruturação do espaço dos economistas

Essa “escolha” atualizava sua propensão para o cume da vida pública. Convém dizer que os assuntos econômicos deixavam de ser o monopólio dos bacharéis e engenheiros³²¹. No começo de sua carreira, Furtado não se definia como um economista, que era uma profissão nova, associada às funções técnicas com um estatuto social rebaixado e pouco prestigiada. De seu ponto de vista, os economistas eram “técnicos” mergulhados na rotina burocrática e possuíam uma perspectiva fragmentada e limitada dos problemas econômicos. Nesse sentido, não eram “pensadores”, que têm o privilégio do “distanciamento crítico” e veem com maior nitidez os problemas e os caminhos a seguir. É com esses parâmetros que Furtado percebia seu trabalho no Dasp, que lhe parecia estéril e abaixo de sua capacidade intelectual³²² – “Não me atraía ser um ‘profissional’, uma peça que busca ajustar-se numa engrenagem”³²³.

O conhecimento econômico se tornou um ativo muito valorizado no campo do poder após as duas guerras mundiais e o *crash* de 1929, quando os problemas econômicos se complexificaram e exigiram maior coordenação estatal. A partir de então, com as novas demandas por regulação e planejamento, a economia disputou com o direito a prerrogativa de conhecimento estatal legítimo. Posto isso, é fácil entender a conversão de Furtado para a economia como saber estatal na segunda metade da década de 1940.

Com ambição de protagonismo e investido de uma missão regeneradora da vida pública, ele se serviu da economia como um “instrumental”³²⁴ moderno ligado aos “problemas de organização”, “racionalidade da direção” e “planejamento”³²⁵. Estes temas eram corriqueiros para o rebento de uma família há gerações na cúpula da magistratura paraibana e com inclinação para o comando, que ele incorporou desde a mais tenra idade, tornando-se um desejo fundante – “vem de longe essa mania”³²⁶ – do impulso quase instintivo ou “fisiológico”³²⁷ que ele sentia pela “coisa pública”³²⁸ ou pelas “coisas importantes”³²⁹.

Através da economia, Furtado atualizou antigas disposições para tratar dos grandes problemas. Até década de 1950, ele se preocupou com “o futuro”, “o Estado”, “o Brasil”, “o homem”, “a história”, “o mundo”, “a democracia”. A partir da década de 1950, voltou-se para

no Brasil, tiveram um papel central a *RBE*, que era ligada ao Ibre e se voltava para o debate teórico, e *Conjuntura Econômica*, uma publicação do Ministério da Fazenda para a divulgação de índices e estatísticas oficiais (Klüger, 2017; Biderman, Cozac e Rego, 1996; Mantega e Rego, 1999; Loureiro, 1997; Bielschowsky, 1988).

³²¹ Draibe, 2004; Loureiro, 1997.

³²² Furtado, 2019, p. 88.

³²³ *Idem*, 1985, p. 102.

³²⁴ *Idem*, 2013, p. 45.

³²⁵ *Ibidem*, p. 42.

³²⁶ *Idem*, 2004, p. 35.

³²⁷ *Idem*, 2019, p. 224.

³²⁸ *Ibidem*, p. 271.

³²⁹ *Idem*, 1985, p. 102.

o “desenvolvimento nacional”, a “formação econômica”, as “estruturas de poder”, o “intercâmbio externo”, as “desigualdades regionais” e a América Latina. Nas décadas seguintes, a “economia global” foi um de seus temas prediletos. Era “um pensamento vocacionado para a síntese de sentido universalizante”³³⁰, segundo seus admiradores.

Estes problemas iam ao encontro do intelectual e “estadista” munido de uma “visão histórica global” dos fenômenos socioeconômicos – “As ideias gerais são ideias de general”³³¹ –, talhado para a “vida pública” e para a direção política. Ele desejava reformar as instituições ou reconstruir as estruturas, valendo-se de seu crescente capital de credibilidade intelectual e político.

Em suma, é desse ponto de vista que pode ser compreendida a resistência do paraibano para perceber-se como um “economista” – *taked for granted* pela literatura secundária –, identidade profissional com pouco prestígio e que rebaixava as pretensões de quem pretendia ser um “rei-filósofo”^{332 333}. É também essa a explicação para seu uso desprezado, acessório e “heterodoxo” das ciências econômicas. Por sua vez, os economistas profissionais, com uma origem e um destino social mais modestos – “técnicos” sem lastro social e científico para se constituírem como “pensadores” e ter influência na política governamental – se restringiriam às tarefas burocráticas e repetitivas, que eram *infra dignitatem* para alguém com o “brilho” e a “originalidade” de Furtado.

Em 1948, Furtado regressou ao Brasil e se juntou à equipe da revista *Conjuntura Econômica* da FGV, quando soube da criação da Cepal. Ele conseguiu de Octávio Gouveia de Bulhões (1906-1990), que era o chefe da Divisão de Estudos Econômicos e Financeiros do Ministério da Fazenda, a indicação para a vaga reservada para um brasileiro no novo órgão latino-americano. De uma família enraizada nas redes de poder da capital federal e com uma trajetória sem tropeços na administração pública brasileira desde a década de 1920³³⁴, Bulhões avaliava que a Cepal era uma aposta arriscada e o desaconselhou. O então chefe da Comissão Abbink vislumbrava a abertura de oportunidades no país para os economistas – “Éramos poucos, os economistas brasileiros, e tudo estava por ser feito no país”³³⁵ – e não acreditava no

³³⁰ Guimarães, 2000, p. 18.

³³¹ Wolf, s.d. *apud* Bourdieu, 2015, p. 286.

³³² Mendes, C., 2005, p. 394.

³³³ O “autodidatismo” e a “interdisciplinaridade” de Furtado – “Nunca pude compreender a existência de um problema estritamente econômico” (Furtado, 2013, p. 45) –, e que seus discípulos procuraram consagrar em um “método” (Bresser-Pereira, 2001; Mallorquín, 2021), eram uma evidência do estágio inicial de institucionalização e profissionalização das ciências sociais no Brasil e um privilégio de “espíritos grandiosos” com estofamento social e intelectual para formular grandes sínteses e acessar os “problemas superiores” do país.

³³⁴ CPDOC-DHBB, verbete Octávio Gouveia de Bulhões.

³³⁵ Furtado, 1997 [1985], p. 140.

êxito da Cepal sem a chancela dos Estados Unidos, que pretendiam transformar o organismo em uma secretaria auxiliar da Organização dos Estados Americanos (OEA)³³⁶.

O que teria levado Furtado a trocar – mesmo provisoriamente – uma provável carreira de destaque na burocracia brasileira pela desconhecida Cepal? Provavelmente os seguintes fatores confluíram para esta decisão: a recusa em se tornar um mero “burocrata” na capital federal³³⁷, escolha que parecia aquém para alguém com o receio de “um futuro estreito” e “ao léu da sorte”³³⁸, obcecado para “se elevar acima da média”³³⁹ e com o sentimento de um futuro promissor, que era confirmado a cada nova vitória – tornara-se doutor em economia pela Universidade de Paris com *mention très bien*³⁴⁰; e o casamento com a argentina Lucia Tosi (1917-2007) – “uma moça muito inteligente, uma física, de alto nível cultural”³⁴¹ –, que Furtado conheceu em Paris e que teria descartado a ideia de morar no Brasil “por causa do clima quente”³⁴² ou porque preferiria residir em um país de língua espanhola³⁴³. A opção por Santiago do Chile teria sido a saída encontrada por Furtado para contornar a recusa de sua esposa em viver no Brasil, justificativa que mal disfarçava o desejo do próprio economista de não fixar raízes neste último país e prolongar no contexto sul-americano seus anos na Europa, que lhe deixaram uma impressão profunda. Decorreu desses fatores conjugados a escolha pela Cepal.

A vida em Santiago do Chile seria um divisor de águas na trajetória de Furtado, transformando o que parecia uma aparente desvantagem no final da década de 1940 em uma grande vantagem dez anos depois – “É necessário sair de sua terra para compreendê-la melhor”³⁴⁴. Doutor em economia, recém-casado, com um ar de superioridade e uma fisionomia severa não obstante seus trinta anos de idade incompletos³⁴⁵, o sentimento de um grande futuro – “a grande e total vocação inspirada por um motivo altíssimo”³⁴⁶ – e com o *status* de um funcionário internacional das Nações Unidas bem pago, Celso se sentiu seguro para avançar o plano de se construir como um homem com grandes responsabilidades. Nesse período, ele se tornaria pai de dois meninos (Mário e André Tosi Furtado, nascidos respectivamente em 1949

³³⁶ *Ibidem*, p. 141.

³³⁷ Furtado, 2019, p. 116.

³³⁸ *Ibidem*, p. 77.

³³⁹ *Ibidem*, p. 115.

³⁴⁰ *Ibidem*, p. 117.

³⁴¹ *Idem*, 1999a.

³⁴² *Ibidem*.

³⁴³ Dosman, 2011, p. 292.

³⁴⁴ Furtado, 2009a, p. 29.

³⁴⁵ O “prestígio da idade grande” e o “gosto da precocidade” eram marcas da sociedade patriarcal em que Celso foi criado (Freyre, 2003 [1936], p. 178).

³⁴⁶ Furtado, 2019, p. 63.

e 1954).

Com o domínio do espanhol, que aprendeu ainda criança³⁴⁷, Furtado entrou na Cepal no final de 1948 sem saber que o capital de conhecimentos e o prestígio que ele adquiriria se converteriam em uma oportunidade para comandar uma revolução burocrática no Brasil uma década mais tarde. A longa estada em Santiago do Chile (quase dez anos), selou o sentido internacional de sua trajetória e lhe colocou em vantagem na concorrência com outros economistas brasileiros que aspiravam posições com muito poder na administração pública.

Único economista latino-americano com reconhecimento internacional já na década de 1940³⁴⁸, Raúl Prebisch (1901-1986) – como Maurício, um modelo moral e político para Celso –, o secretário executivo da Cepal, promoveu o brasileiro para a chefia da Divisão de Desenvolvimento Econômico do órgão latino-americano. Com a confiança do argentino, Furtado comandou equipes de alto nível técnico no Chile (1950-1952), no Brasil (1953-1955) e no México (1955-1957), e preparou estudos sobre as economias argentina, peruana, boliviana, equatoriana (ajudou à estruturar a *Junta de Planificación Nacional* do Equador) e venezuelana (1957), que deram a ele vantagens competitivas no Brasil: “Conheci a América Latina como ninguém conhecia no Brasil, o que me deu outra vantagem enorme aqui, sobretudo porque eu podia fazer comparações, tinha as referências”³⁴⁹.

Através dessas experiências, ele aprendeu a montar equipes técnicas, coletar dados estatísticos, criar novos conceitos e índices³⁵⁰, organizar séries macroeconômicas, construir modelos teóricos e preparar textos redigidos segundo a “diplomacia del lenguaje”³⁵¹ – sínteses magistras, persuasivas, com uma linguagem elegante e com a propriedade de dirimir eventuais tensões políticas, que ele aprendeu com o “maestro” argentino.

Este raro capital de conhecimentos técnicos explica a eficiência de Furtado na preparação do “Relatório do GTDN” – “um claro diagnóstico do problema econômico nordestino”³⁵² –, na formação da equipe e também na montagem do esquema de trabalho da Sudene. Na década de 1950, Furtado foi professor nos Cursos de Treinamento de Especialistas em Desenvolvimento Econômico da Cepal em diversos países latino-americanos (inclusive no Brasil), que seriam replicados pela Sudene.

³⁴⁷ “Eu já lia um pouco de espanhol desde rapazinho porque em minha casa havia uma enciclopédia em espanhol em vinte volumes, que meu pai havia comprado” (*Idem*, 2004, p. 26).

³⁴⁸ Caravaca e Espeche, 2016; Dosman, 2011; Furtado, 1997 [1985]; Hodara, 1987; Rodriguez, 1981.

³⁴⁹ Tavares, Andrade e Rodrigues, 1998, p. 59.

³⁵⁰ “O conceito de ‘disponibilidade de bens’ nos levou a medir o produto nacional de uma forma indireta. Medi o produto nacional do Brasil pela primeira vez e o de outros países da América Latina de forma aproximada” (Furtado, 1999b, pp. 71-72).

³⁵¹ Hodara, 2008, p. 58.

³⁵² Furtado, 2009a, p. 163.

Através da Cepal, Furtado se converteu em um dos mais reconhecidos especialistas em desenvolvimento da região e construiu seu capital de credibilidade no convívio com burocratas, intelectuais, diplomatas, empresários e autoridades políticas dos países da América Latina. Funcionário das Nações Unidas, nas viagens como chefe de missões de cooperação técnica ele era recebido com o tratamento oficial reservado às autoridades internacionais. Nesses anos, Furtado viajou pela América Latina e pelos Estados Unidos, centro da ortodoxia anti-Cepal e o eixo geopolítico da nova ordem internacional do pós-guerra (sede das Nações Unidas, do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial).

Furtado adquiriu também uma formação abrangente, conheceu *in loco* os problemas econômicos latino-americanos, acumulou um capital de experiências e uma robusta carteira de relações de nível internacional. O brasileiro era visto como uma virtuose, o que reforçava suas inclinações remotas para o comando. Prestigiado por Prebisch, ele foi promovido para um cargo de direção quando recém completara trinta anos de idade e comandou uma equipe plurinacional de economistas, que, embora da mesma faixa etária que a dele, reconheceram sua preeminência e atualizaram sua predisposição para a liderança, preparando-o – acaso sem saber – para a presidência da Sudene no final da década de 1950.

A seguinte combinação de fatores explica o afastamento de Furtado da Cepal: o esgotamento da “grande fase criativa” do órgão (1949-1954)³⁵³; o acúmulo de divergências internas quanto à orientação a ser seguida pelo organismo das Nações Unidas – “querela monetaristas *versus* estruturalistas”³⁵⁴; o desgaste da liderança de Prebisch, que já não inspirava o mesmo entusiasmo, lealdade e devoção de outrora³⁵⁵; por último, Furtado sentia que tinha potencial para ser mais do que um destacado colaborador de Prebisch, como revelou seu desentendimento com o argentino no episódio do estudo sobre o México³⁵⁶.

O interesse em permanecer na Cepal diminuiu à medida que o brasileiro intuía ter extraído o máximo do que o organismo latino-americano poderia lhe oferecer. Para alguém que conseguira chegar rapidamente à posição de “primeiro oficial”³⁵⁷ e alcançara o cume da hierarquia de postos do órgão transnacional, o sentimento era de que sua carreira parecia bloqueada, restando-lhe apenas a secretaria executiva, que não estava ao seu alcance com a permanência de Prebisch no comando da instituição. Além disso, a associação de seu nome ao

³⁵³ *Idem*, 1997 [1985], p. 65.

³⁵⁴ *Idem*, 1985, p. 303.

³⁵⁵ Hodara, 1987.

³⁵⁶ “Em certo sentido, havia um desafio geracional entre Furtado e Prebisch, e isso foi bem entendido por ambos” (Dosman, 2011, p. 378).

³⁵⁷ Furtado, 2021, p. 174.

de Prebisch já não rendia os mesmos dividendos simbólicos e a presença do argentino se tornara um obstáculo para seus planos futuros na Cepal.

Em paralelo ao desgaste de Prebisch, cresceu o prestígio de Furtado entre os cepalinos seus subordinados, que integravam a chamada “divisão vermelha”³⁵⁸, cujo núcleo era formado pelo cubano e socialista Regino Boti (1923-1999), com um vasto domínio das técnicas estatísticas³⁵⁹, e o marxista mexicano Juan Noyola Vazquez (1922-1962), que se tornariam, respectivamente, ministro da Economia da Cuba de Fidel Castro e o principal assessor de Ernesto Guevara no Banco Central cubano³⁶⁰.

O prestígio de Furtado sobre os cepalinos certamente foi notado pelo “maestro”. Segundo o biógrafo de Prebisch, Furtado era “uma ponte entre o Brasil e a América hispânica”, uma “personalidade magnética”, “destemido nos debates”, “já reconhecido como um autor de prestígio” e “uma presença que só ficava atrás da de Prebisch na organização”³⁶¹. Por esses motivos ele era visto por seu grupo da Divisão de Desenvolvimento como o “herdeiro natural” do argentino no comando da Cepal³⁶². Com o embate entre a “divisão vermelha” e Prebisch, o grupo de Furtado foi marginalizado na Cepal, a Divisão de Desenvolvimento foi “esvaziada”, Furtado foi substituído por Ahumada e, em seguida, pelo venezuelano José Antonio Mayobre, que era fiel a Prebisch³⁶³.

Esse conjunto de fatores contribuiu para a decisão de Furtado de se licenciar da Cepal e, a convite de Nicholas Kaldor e com cartas de recomendação do próprio Prebisch e do prestigiado mexicano Victor Urquidí³⁶⁴, se tornar *fellow* no *King's College*, de Cambridge – “Furtado acabou desistindo, muito frustrado”³⁶⁵ –, onde foi orientado pela economista keynesiana Joan Robinson – “a quem me liguei muito”³⁶⁶ –, convivendo com Piero Sraffa – “Era uma cabeça incrível!”³⁶⁷ –, Kaldor, Piero Garegnani e Amartya Sen – “Conheci muitos desses economistas que hoje em dia estão famosos”³⁶⁸.

No final de 1958, não tiveram êxito as tratativas para que ele permanecesse na Cepal para trabalhar o tema da integração latino-americana ou como o chefe do escritório da Cepal no

³⁵⁸ Dosman, 2011, p. 320.

³⁵⁹ *Ibidem*, p. 293.

³⁶⁰ Furtado, 1997 [1989]; Dosman, 2011, p. 400.

³⁶¹ Dosman, 2011, p. 377.

³⁶² *Ibidem*, p. 378.

³⁶³ “Não era um pensador como Furtado. Seguiu a liderança de Prebisch sem desafiá-la” (*Ibidem*, p. 380).

³⁶⁴ As cartas de recomendação de Prebisch e Urquidí foram consultadas pelo pesquisador no acervo de Celso Furtado no IEB/USP.

³⁶⁵ Dosman, 2011, p. 379.

³⁶⁶ Furtado, 1996, p. 71.

³⁶⁷ *Ibidem*, p. 71.

³⁶⁸ *Ibidem*, p. 71.

Brasil. Prebisch vetou o nome do brasileiro se valendo do regimento das Nações Unidas, que proibia os cepalinos de chefiar o escritório da Cepal localizado em seus respectivos países de origem³⁶⁹.

Diante do estreitamento de seus horizontes profissionais na Cepal, Furtado aceitou a proposta de uma diretoria no BNDE, encerrando a carreira no órgão latino-americano que alavancou sua trajetória, o projetou no cenário transnacional e que ele ajudou a construir. Como visto, o retorno ao Brasil não era a única nem a mais desejada das opções de Furtado, que até o último momento esperava conseguir uma reclassificação na Cepal. Depois do périplo internacional, Furtado voltou ao Brasil com muitos contatos e um nome respeitado nos círculos econômicos e financeiros da tecnoestrutura estatal brasileira.

3. *Terra Brasilis*

Desde o começo da década de 1950, quando começou a receber muitos convites para trabalhar no Brasil, Furtado já era tratado como um “economista-sênior” pelos economistas Eugênio Gudin³⁷⁰ e Roberto Campos³⁷¹. Gudin – “um homem do século XIX”³⁷² –, “dogmático” e um escritor de “crônicas de jornal em tom oracular”³⁷³, procurou integrá-lo à sua equipe na FGV. Em carta ao cepalino de 7 de agosto de 1952, destacando o “valor” e o “plano elevado do excelente trabalho” escrito por Furtado (“Formação de capital e desenvolvimento econômico”), que a *RBE* publicou naquele ano, Gudin afirmou sua autoridade e ascendência sobre Furtado e tentou cooptá-lo: “Para mim, já velho e perto da porta de saída da carreira, nada é mais grato do que ver um jovem elemento se firmar como você o fez”³⁷⁴.

Por sua vez, Campos o convidou para integrar o primeiro conselho diretivo do recém-criado BNDE e negociou com Prebisch a criação do Grupo Misto Cepal-BNDE e a nomeação de Furtado como seu coordenador³⁷⁵. Em 1958, Campos voltou a pedir ao argentino a nomeação do brasileiro dessa vez para chefe do escritório da Cepal no Rio de Janeiro e acabou fracassando³⁷⁶. Em 1958, Campos também indicou Furtado para presidir a Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc), que fazia as vezes de Banco Central³⁷⁷. A indicação não foi

³⁶⁹ Furtado, 2021.

³⁷⁰ *Ibidem*, p. 170.

³⁷¹ *Ibidem*, p. 173.

³⁷² *Ibidem*, p. 402.

³⁷³ *Idem*, 1962, p. 101.

³⁷⁴ *Ibidem*, p. 170.

³⁷⁵ Campos, R., 1994, p. 164.

³⁷⁶ Furtado, 2021, p. 177.

³⁷⁷ *Ibidem*, p. 180.

confirmada uma vez que o brasileiro se encontrava na Inglaterra³⁷⁸.

No longo período em que viveu no exterior, Furtado não negligenciou a construção de seu nome e de sua reputação no Brasil. Ele se correspondeu com amigos e outros técnicos com posições-chave na administração pública e se manteve informado dos acontecimentos políticos no país. Furtado também procurou reverter seu capital simbólico como um cepalino próximo a Prebisch³⁷⁹, construindo-se como o mediador entre o órgão latino-americano e o Brasil e tornando-se uma referência para as dezenas de técnicos treinados nos cursos Cepal-BNDE, que se empregaram nas novas instituições estatais e ajudaram a difundir a fama do brasileiro da Cepal.

O debate sobre o desenvolvimento ganhou muito espaço no Brasil na década de 1950 em razão do entusiasmo industrialista da era Vargas, da montagem de novas instâncias e órgãos burocráticos de desenvolvimento, da proliferação de economistas na tecnoburocracia estatal, da concessão de subsídios (cambiais e fiscais) para a indústria e do acúmulo de projetos nas agências estatais (especialmente no BNDE) para enfrentar os entraves setoriais ao desenvolvimento nacional. Quanto a este último aspecto, as iniciativas bilaterais Brasil-Estados Unidos – Missão Cooke (1942), Missão Abbink (1948) e Comissão Mista Brasil-Estados Unidos (1950) – refletiram as mudanças na estratégia estadunidense para o Brasil e contribuíram para fornecer à burocracia estatal deste último país um acervo de novos projetos³⁸⁰.

Nesse contexto, as teses industrialistas da Cepal se difundiram pelo país – “avalanche cepalina”³⁸¹ –, ganharam muitos adeptos nas novas instituições desenvolvimentistas brasileiras³⁸² – e se tornaram um instrumento³⁸³ de combate nas mãos dos técnicos “nacionalistas”³⁸³ ou “desenvolvimentistas do setor público”³⁸⁴ contra os paxás da economia política brasileira. Estes últimos eram economistas da velha guarda, “neoliberais” ou “monetaristas”³⁸⁵, com o controle dos postos públicos e que, com as rédeas do processo de institucionalização do ensino de economia, ergueram trincheira nos principais centros universitários do Rio de Janeiro e em alguns nichos da burocracia financeira como o Ministério

³⁷⁸ *Ibidem*, p. 180.

³⁷⁹ “Quando cheguei ao Brasil e disse que trabalhava com Prebisch, todo mundo me admirou, me elogiou” (Furtado, 1996, p. 67).

³⁸⁰ Malan, Bonelli, Abreu e Pereira, 1980.

³⁸¹ Oliveira, F., 2008, p. 30.

³⁸² “A beleza da construção, suas linhas geometricamente sóbrias, a singeleza da concepção conquistada cada vez mais adeptos a esse estilo de planejamento” (Rangel, 1990, p. 109).

³⁸³ Sola, 1998.

³⁸⁴ Bielschowsky, 1988.

³⁸⁵ *Ibidem*.

da Fazenda e a Sumoc, que também eram disputados pela ala dos economistas “heterodoxos”³⁸⁶.

Nos seminários organizados por Gudin – “um festival de doutrina ortodoxa”³⁸⁷ –, Prebisch, o autor de *El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas* (1949), traduzido por Furtado em 1950 e publicado na *RBE*, suscitando curiosidade em torno do economista argentino no país³⁸⁸, debateu com Gottfried Harbeler (1900-1995) e Jacob Viner (1892-1970), os guardiões da ortodoxia.

Por seu turno, Furtado debateu com Ragnar Nurkse (1907-1959) – um economista com reconhecimento internacional – na *RBE*, evidência da precocidade e do volume do capital científico do brasileiro. Hans Singer (1910-2016), perito das Nações Unidas, também participou da controvérsia na FGV do Rio de Janeiro, onde realizou seis palestras ao longo de 1950. Vale destacar ainda a presença de Lionel Robbins (1898-1984), da *London School of Economics (LSE)*, um eminente adversário da Cepal e de Prebisch que se juntou ao batalhão de economistas ortodoxos que visitaram o Brasil a convite de Gudin para frear a disseminação das ideias estruturalistas.

Furtado também tomou parte nos debates promovidos pela CNI, se reuniu com “einentes personalidades”³⁸⁹ – inclusive o presidente Vargas e os ministros das Relações Exteriores, da Fazenda e da Agricultura e Pecuária – e coordenou o Grupo Misto Cepal-BNDE (1953-1955), cujo relatório final *Esboço de um programa preliminar de desenvolvimento da economia brasileira, período 1955-1962* inspirou o Plano de Metas do governo Kubitschek³⁹⁰.

Nessa época, Furtado ainda recrutou um grupo de técnicos do setor público para o Clube dos Economistas e fundou a revista *Econômica Brasileira*, contrapondo-se ao grupo de Gudin e da *RBE*³⁹¹ e congregando sob sua liderança os economistas alinhados com o pensamento da Cepal (a exceção era o sumoquiano Mário Henrique Simonsen), em começo de carreira e alguns muito experientes (Américo Barbosa de Oliveira, Accioly Borges e Jesus Soares Pereira). Com a conversão do Brasil em um centro de gravidade dos debates sobre o desenvolvimento econômico, o idioma português se tornou uma das línguas oficiais da Cepal, que também realizou sua quinta conferência no Brasil³⁹².

³⁸⁶ Barbosa, 2021; Klüger, 2017; Draibe, 2004; Sola, 1998; Bielschowsky, 1988.

³⁸⁷ Furtado, 1997 [1985], p. 252.

³⁸⁸ Dosman, 2011, p. 321.

³⁸⁹ Furtado, 1997 [1985], p. 253.

³⁹⁰ Oliveira, F., 2003, p. 47.

³⁹¹ Klüger, 2017; Sola, 1998.

³⁹² Dosman, 2011, p. 321.

Em 1953, na conferência da Cepal no Palácio Quitandinha, Furtado apresentou a nova “técnica de programação”, provocando novos embates entre Gudin, que escreveu no *Correio da Manhã* uma série de cinco artigos intitulados “A mística do planejamento”, e Prebisch, que escreveu o artigo “A mística do equilíbrio dinâmico da economia” no *Diário de Notícias*. Houve, também, uma controvérsia entre Bulhões e Furtado no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro.

No começo da década de 1950, a convite do general Juarez Távora, Furtado falou sobre planejamento na Escola Superior de Guerra, ensinou nos cursos Cepal-BNDE no Rio de Janeiro e foi examinador no primeiro curso de treinamento de técnicos para o Etene/BNB em 1955. Ele também fez conferências no Iseb em 1953, 1957 e 1958, e, com o intuito de suprir a necessidade de estatísticas sobre a economia brasileira, criou canais para o intercâmbio de dados entre a Cepal, os órgãos governamentais e os centros de pesquisa brasileiros³⁹³.

De fato, Furtado foi da geração de economistas pioneiros responsáveis pela organização e publicação da informação estatística básica das atividades econômicas do país (agrícola, industrial, transações comerciais, produtividade, fluxos de renda)³⁹⁴, assim como de estimativas e projeções econômicas (renda nacional, preços, investimentos, formação de capital, carga tributária, oferta e demanda de produtos).

Ele se tornou progressivamente conhecido nos escalões superiores da burocracia estatal, das Forças Armadas, do empresariado industrial, da *intelligentsia* nacionalista e do *establishment* universitário. Na segunda metade da década de 1950, Furtado já havia se tornado o guia dos “desenvolvimentistas do setor público de orientação nacionalista”³⁹⁵ e o principal adversário dos “monetaristas”³⁹⁶.

Como explicar a disparada de Furtado na dianteira da corrida pela liderança do processo de construção de uma nova política para o Nordeste? Quais foram os fatores responsáveis por sua ascensão meteórica no governo Kubitschek, roubando protagonismo político do mais conhecido e influente Roberto Campos? No âmbito dos “desenvolvimentistas nacionalistas do setor público”³⁹⁷, alguns deles mais velhos e experientes do que Furtado e com maior trânsito nos espaços burocrático e político da capital federal como Jesus Soares Pereira (1910-1974), Rômulo Almeida (1914-1988) e Ignácio Rangel (1914-1994), como explicar a ascendência do

³⁹³ “A situação do Brasil neste setor não é das piores. Já existe certa consciência nacional dos problemas da estatística e numeroso grupo de pessoas capazes trabalhando neste setor” (Furtado, 1958, p. 64).

³⁹⁴ “É impossível agir sobre o sistema econômico quando não se sabe com prontidão o que nele está ocorrendo” (*Ibidem*, p. 64).

³⁹⁵ Bielschowsky, 1988, p. 127.

³⁹⁶ *Ibidem*, 67.

³⁹⁷ *Ibidem*, p. 34.

economista paraibano? As respostas à essas questões passam pelo diferencial de origem e pelas particularidades da trajetória social e profissional de Furtado.

À diferença dos assessores econômicos de Vargas, oriundos de diferentes frações da classe média nordestina³⁹⁸ – Ignácio Rangel (1914-1999) era exceção –, Furtado era de uma família de proprietários rurais pelo lado materno (os Monteiro) e, pelo lado paterno, descendia da nobreza togada paraibana (os Furtado). Esta diferença de origem social, assim como o diferencial de capital cultural a ela associado, ajudam a explicar as trajetórias errantes dos assessores de Vargas, marcadas por altos e baixos, e a trajetória linear de Furtado na direção da cúpula do Estado brasileiro.

Furtado era um *insider* e era versado no *métier* dos operadores do aparelho estatal, encontrando-se em condições ideais para inovar³⁹⁹. Essa familiarização precoce com as formas de pensar, sentir e agir de um estadista se refletiu na propensão para corporificar a “coisa pública”.

No Liceu [Paraibano] não me lembra que ele [Celso Furtado] fosse de brincadeira, já levava mais jeito de estátua do que de gente. [...]. Eu só o via passando, sem entrar no rolo, muito mais desembargador do que o pai.⁴⁰⁰

Do mesmo modo, seu ingresso na Cepal quando o organismo latino-americano era desconhecido também sugere seu tirocínio estatal. A aposta na Cepal em 1948, quando ninguém poderia imaginar que o órgão se tornaria um templo do pensamento latino-americano⁴⁰¹ é evidência de um agente com disposição para ser pioneiro, ver mais longe, antecipar as novas tendências e colocar-se em posição estratégica para aproveitá-las⁴⁰². Como é sabido, a Cepal foi um diferencial na carreira de Furtado, transferindo parte de seu prestígio organizacional e turbinando a trajetória do brasileiro.

Com propriedades sociais mais modestas, os “boêmios cívicos” não concebiam a carreira internacional como uma possibilidade⁴⁰³. À exceção de Paiva Leite, bolsista do *British Council* na *LSE*, funcionário do Conselho de Tutela das Nações Unidas (1945-1951) e um dos fundadores do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) no final da década de 1950,

³⁹⁸ Barbosa, 2021.

³⁹⁹ “Para fazer uma revolução burocrática é preciso conhecer bem o aparelho burocrático” (Bourdieu, 2015, p. 51).

⁴⁰⁰ Rodrigues, G., 2000.

⁴⁰¹ Prebisch declinará do convite para dirigir o novo organismo em 1948 (Dosman, 2011; Magariños, 1991).

⁴⁰² “Observei que o novo organismo poderia encontrar um espaço no campo da assistência técnica que estava entrando em moda como paliativo nos esquemas de ajuda internacional aos países pobres” (Furtado, 1997 [1985], p. 141).

⁴⁰³ “Para nós, do Nordeste, a grande viagem era ir do Recife ao Rio, para os paulistas já era ir à Europa”, segundo Cleantho de Paiva Leite (Barbosa, 2021, p. 88).

que comprova a regra, eles aproveitaram oportunidades no exterior apenas depois da morte de Vargas e do golpe de 1964, que bloqueou suas trajetórias no Brasil.

Vale observar, também, que Furtado duplicou seu capital de credibilidade técnico como funcionário das Nações Unidas com um capital teórico ligado aos problemas do subdesenvolvimento brasileiro e latino-americano, despontando como o líder burocrático e o “teórico” de sua geração. No Brasil, ele se apresentou como o detentor do “diagnóstico”, do “prognóstico” e como o executor da terapêutica para a solução dos dilemas e impasses do desenvolvimento nacional⁴⁰⁴. À exceção novamente de Ignácio Rangel, “ilustre marginal”⁴⁰⁵ cuja “obra” Furtado jamais reconheceu^{406 407}, nenhum dos “boêmios cívicos” se projetou como o autor de uma “obra teórica” paralela à carreira executiva⁴⁰⁸.

Não obstante o empenho da literatura secundária para recobrar o protagonismo dos “boêmios cívicos”⁴⁰⁹, a atuação deles ficou circunscrita aos bastidores do processo decisório e à “conspiração assessorial”⁴¹⁰, expressão que sugere a posição política frágil e a atuação borrada daqueles burocratas.

Elevado ao rol das prioridades do governo Kubitschek no final da década de 1950, o problema dos desníveis regionais foi construído como um tema de propriedade dos economistas, eles próprios recém-chegados ao aparelho estatal. De volta ao Brasil em 1958, Furtado ocupou o centro do debate político capitalizando sua reputação como um especialista econômico latino-americano e ativando sua rede de relações intra e extraburocrática. Ele se apresentou como um “técnico” apartidário⁴¹¹, calibrou o discurso de alguém devotado à causa do desenvolvimento nacional e convenceu Kubitschek sobre a conveniência política de criar a

⁴⁰⁴ O Nordeste deve ser visto como um todo, *Diário de Pernambuco*, 23/1/1959.

⁴⁰⁵ Tavares, 2009, p. 173.

⁴⁰⁶ Perguntado sobre o impacto do livro *A inflação brasileira* (1963) na ocasião de seu lançamento, Furtado respondeu vagamente e se colocou como o padrinho do marenhense na Cepal, afirmando sua autoridade intelectual: “É muito difícil saber exatamente qual é a importância de um livro que sai. Só com o tempo vai decantando. Mas, quando saiu o livro, senti que era um esforço para pensar, que saía dos trilhos comuns. Conheci muito Rangel. Na verdade, levei-o para a Cepal e consegui uma bolsa para ele, pois me pareceu um camarada extremamente dotado de intuição, mas desequipado. Ele mesmo me dizia: ‘Eu nunca estudei Economia direito’. Então consegui que seu nome fosse incluído no primeiro grupo do Ilpes que se organizou em Santiago. No começo estavam contra pela idade que ele tinha, mas argumentei que valia a pena investir nele. E ele foi avançando e saiu com algumas contribuições maiores, mas confesso que é difícil dizer hoje em dia o que ele pensava na época. Depois, escreveu-se muito sobre isso. O que é original não se sabe logo” (Furtado, 1996, p. 83).

⁴⁰⁷ “Os dois disputavam realmente a hegemonia do pensamento da moçada da época” (Oliveira, F., 1999, p. 186).

⁴⁰⁸ Rômulo Almeida via a si próprio como um “intelectual praxista” (Barbosa, 2021, p. 208), estratégia de autopromoção que mal escondia seu pesar por não ter construído uma “obra” e correr o risco do esquecimento pelas gerações futuras.

⁴⁰⁹ Lima, M., 2013; Barbosa, 2021.

⁴¹⁰ Almeida, 1985 *apud* Barbosa, 2021, p. 18.

⁴¹¹ “[Sua] vida pública é clara e limpa. Não tem colhido vantagens, só tem prestado serviços” (O sr. Celso Furtado e o Iseb, *Correio da Manhã*, 14/11/1959).

Sudene.

No que diz respeito a seus concorrentes potenciais, Rômulo Almeida – o idealizador, criador e presidente do BNB (1953-1954) – perdeu terreno com a morte de Vargas e seu brilho foi ofuscado, refugiando-se na política baiana. O petebista e ex-assessor de Vargas foi eleito deputado federal e, em 1958, saiu candidato à vice-governador da Bahia e terminou derrotado⁴¹².

Por seu turno, Cleantho de Paiva Leite foi conselheiro e diretor do BNDE, foi um dos fundadores do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (1954), ajudou na construção do Plano de Metas, integrou a equipe do GTDN, foi assessor para assuntos internacionais do governo Kubitschek, ajudou a fundar e foi diretor do BID⁴¹³. Tornou-se, também, linha auxiliar de Furtado no Palácio do Catete. Já Aluísio Afonso Campos (1914-2002), economista paraibano e coordenador do GTDN (foi indicado por Paiva Leite), “não era muito ativo”⁴¹⁴ e não conseguiu alavancar a “questão regional” e sua carreira política⁴¹⁵.

Em relação à Roberto Campos, ele acumulou desentendimentos políticos no episódio do Acordo de Roboré⁴¹⁶ e nas negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) em meados de 1959, motivos pelos quais ele perdeu prestígio e foi escanteado por Kubitschek. Além disso, Furtado trabalhou ativamente para solapar a influência do economista-diplomata no governo Kubitschek, contrapondo-se às suas ideias e isolando-o no Conselho Nacional de Desenvolvimento⁴¹⁷.

Com o auxílio de Paiva Leite e José Sette Câmara, o chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, Furtado ergueu trincheira no Palácio do Catete. Ele se apresentou para Kubitschek como um assessor econômico “independente” (sem compromissos político-partidários), preparou um documento técnico legitimando a decisão do presidente de interromper as negociações com o FMI – “Se o senhor capitular, presidente, eles farão novas exigências, o que querem é uma tutela”⁴¹⁸ – e defendeu a reformulação do Plano de Metas – “O fundamental é que se caminhe para a frente: que se parta do Plano de Metas para outro com

⁴¹² Barbosa, 2021.

⁴¹³ CPDOC-DHBB, verbete Cleantho de Paiva Leite; Lessa e Almeida, 2014.

⁴¹⁴ Hirschman, 2009, p. 187.

⁴¹⁵ “Não havia no Grupo nenhuma pessoa com conhecimento de conjunto da região, e menos ainda economistas especializados em desenvolvimento. Uma equipe assim improvisada, e sem direção competente” (Furtado, 1997 [1989], p. 69).

⁴¹⁶ A defesa da participação do capital privado na prospecção do petróleo motivou uma campanha nacionalista orquestrada por militares e estudantes contra Roberto Campos em 1958 (CPDOC-DHBB, verbete Roberto de Oliveira Campos).

⁴¹⁷ Furtado, 2019.

⁴¹⁸ *Ibidem*, p. 161.

maior consistência interna"⁴¹⁹.

Como um atleta de alto desempenho, Furtado trabalhou pacientemente para construir sua liderança entre os economistas brasileiros, acumulando uma carteira poderosa de capitais, que o credenciaria para posições de comando no governo federal. Quando o governo Kubitschek se encontrava em apuros, ele driblou seus concorrentes, avançou com rapidez e organizou uma estratégia política para ressuscitar o governo, que viu na “causa” do Nordeste sua reabilitação.

No final da década de 1950, o economista que sonhara ser romancista e vivia planejando escrever novas obras^{420 421} já publicara três livros – *A economia brasileira* (1954), *Perspectivas da economia brasileira* (1958) e *FEB* (1959). Este último alcançou a consagração como a “expressão máxima da inteligência do nacional-desenvolvimentismo”⁴²² e “a primeira interpretação do desenvolvimento regional brasileiro”⁴²³, alçando-o ao posto de principal teórico da economia brasileira. Esses livros apresentaram ao país suas propostas políticas⁴²⁴, legitimaram cientificamente suas teses políticas – “busca constante de procurar manter-se, e aparecer, como estritamente científico”⁴²⁵ – e foram utilizados como seu cartão de visita para autoridades políticas interessadas em suas ideias.

“Construção originalíssima”⁴²⁶, e “a obra-prima do estruturalismo cepalino”⁴²⁷, *FEB* se tornou um *best seller*, consagrou a interpretação furtadiana da história econômica brasileira⁴²⁸, elevou seu autor à categoria de intérprete do Brasil, lançou os fundamentos históricos de seu conceito de “subdesenvolvimento” – “uma verdadeira e original contribuição do pensamento latino-americano [...] às ciências humanas universais”⁴²⁹ –, tornou-se “o paradigma de uma geração de pesquisadores e formuladores de política no continente”⁴³⁰, influenciando “todo um

⁴¹⁹ Frases da semana, *Correio da Manhã*, 27/9/1959.

⁴²⁰ Klüger, 2020.

⁴²¹ Com dezessete anos Furtado desejou “escrever uma história da civilização brasileira” (Furtado, 2019, p. 48). Em 1944, ele esboçou um romance que se chamaria “Transumância”. Em 1947, o economista cogitou escrever um livro sobre a “crise europeia”, que incluía “as consequências sociais do fascismo na Itália”, “a decomposição da ideologia burguesa, na França”, “o fim do capitalismo inglês” e “os ensaios de renovação ou a planificação nas nações ainda em formação” (*Ibidem*, p. 108). Em 1955, em plena atividade na Cepal, ele planejou a escrita de um novo romance em seus *Diários Intermitentes* (*Ibidem*, pp. 128-137). Em 1975, ele cogitou escrever um terceiro romance (*Ibidem*, pp. 128-137).

⁴²² Guimarães, 2000, p. 18.

⁴²³ Diniz, 2009, p. 235.

⁴²⁴ “A obra furtadiana é uma obra para a ação” (Oliveira, F., 2003, p. 35).

⁴²⁵ *Ibidem*, p. 65.

⁴²⁶ *Ibidem*, p. 85.

⁴²⁷ Bielschowsky, 1989.

⁴²⁸ “O andamento se faz tecendo os fios de uma construção auto-estruturante, em que a história é teoria e a teoria é história” (Oliveira, F., 2003, p. 84).

⁴²⁹ *Ibidem*, p. 102.

⁴³⁰ *Ibidem*, p. 102.

estilo de gestão econômica e estatal” e inculcando o “amor ao Estado” na burocracia econômica nacional⁴³¹. Traduzido para quase duas dezenas de línguas⁴³², *FEB* tornou seu autor célebre em todo o mundo.

Além do fator editorial, Furtado conhecia como poucos a administração pública brasileira, possuía amizades com acesso direto à Presidência da República e era um dos mais internacionalizados economistas brasileiros de sua geração com um precoce reconhecimento no exterior (neste como em outros quesitos, apenas Cleantho de Paiva Leite e Roberto Campos pareavam com o paraibano). Ele foi o único latino-americano na Conferência de Istambul (1958), que reuniu economistas do Ocidente e do Leste⁴³³, e era o dono de uma poderosa carteira internacional de contatos, que incluía nomes como Raúl Prebisch (Cepal), Felipe Herrera (BID), Paul Hoffman (Pnud) (conselheiro do presidente Franklin Roosevelt, coordenador do Plano Marshall e presidente da Fundação Ford entre 1950 e 1953), Felipe Pazos (ex-economista do FMI e presidente do Banco Central de Cuba), Paul Roseinstein-Rodan (Banco Mundial e *Massachusetts Institute of Technology* – MIT), Ragnar Nurkse (Universidade de Princeton), Victor Urquidi (Cepal e Banco do México) e Nicholas Kaldor (Universidade de Cambridge) – “nosso amigo Nicky”, como a ele se referiu Campos em carta para Furtado⁴³⁴.

Com essa tropa e esse *pool* de capitais e trunfos, Furtado regressou ao Brasil em 1958, automandatando-se para liderar o movimento nacional de “reconstrução” e “salvação” do Nordeste brasileiro, “uma operação de estratégia política de altíssima temperatura e elevada capacidade simbólica num país que agora tinha a industrialização como seu fetiche”⁴³⁵, ingressando na política brasileira pelo alto e “sem a necessidade de se apoiar nos ombros das elites locais”⁴³⁶.

⁴³¹ *Ibidem*, p. 20.

⁴³² *Ibidem*, p. 119.

⁴³³ Furtado, 2019.

⁴³⁴ *Idem*, 2021, p. 176.

⁴³⁵ Oliveira, F. de, 2003, p. 81.

⁴³⁶ Mendes, F., 2017, p. 291.

CAPÍTULO 3

Batalha⁴³⁷

O ano de 1959 foi um divisor de águas na trajetória de Furtado. Conhecido na cúpula da burocracia federal (civil e militar), ele também se tornou um homem de confiança e um trunfo político de Kubitschek. Com um novo diagnóstico e “plano de ação” para “modificar o curso dos acontecimentos no Nordeste”⁴³⁸, foco da crise social e econômica que minava a confiança no governo, o economista saiu a campo para construir seu próprio capital de credibilidade política no Brasil. Com aspiração para o comando político, ele viajou por todo o país para reunir apoio para a nova política desenvolvimentista do governo federal no Nordeste.

Eu apareci como um meteoro, ninguém me conhecia, pois eu tinha vivido no estrangeiro. [...] quando saiu no jornal a notícia de que eu faria um plano para o Nordeste, recebi enormes pressões, queriam falar comigo. Como pode? O pessoal de Pernambuco perguntava como um indivíduo que ninguém sabia quem era poderia opinar sobre o Nordeste. Havia perplexidade.⁴³⁹

Sou sertanejo da fronteira do Ceará com a Paraíba, mas estudei em Cambridge e na Sorbonne, e passei dez anos trabalhando na América Latina para as Nações Unidas. Quando retornei ao Brasil, em 1958, o mundo da política ainda era dominado por advogados. Eu, com minha bagagem de conhecimentos da moderna economia, levava boa vantagem, daí a influência que tive, mesmo sem partido político que me apoiasse.⁴⁴⁰

Diante do acirramento da crise social e da tensão política no Nordeste, o economista apareceu como o dono de um capital de novos conceitos, experiências e soluções para gerir problemas da magnitude da região. Para levar a cabo o empreendimento, ele teve o apoio de um bloco heterogêneo de forças, particularmente do Centro-Sul do país, que o ajudaram a construir-se como um “técnico” abnegado, blindando-o contra seus adversários políticos⁴⁴¹.

Furtado tirou proveito de seu conhecimento de outras experiências no campo do desenvolvimento para organizar a Sudene, partindo “do que se sabia para a elaboração de um plano de ação abrangente, construído na conformidade das técnicas de planejamento regional

⁴³⁷ “Batalha – 1. Consiste numa série de combates relacionados e próximos, no tempo e no espaço, realizados no nível tático. As batalhas compreendem uma ou mais operações táticas e se materializam por meio de operações e ações táticas. 2. Choque violento de forças de valor considerável, no qual ambos os contendores visam a modificar a situação tática, conquistando posições no terreno ou destruindo parcela do poder de combate do inimigo” (Exército Brasileiro, 2018, p. 58).

⁴³⁸ Furtado, 2009a, p. 81.

⁴³⁹ Tavares, Andrade e Rodrigues, 1998, p. 61.

⁴⁴⁰ Furtado, 2009a, p. 273.

⁴⁴¹ “Os homens do Sul podem dar-se ao luxo de ser até certo ponto ‘objetivos’ quando tratam de assuntos nordestinos” (*Idem*, 2019, p. 182).

na época conhecidas, e com as quais eu estava familiarizado”⁴⁴². Quais os modelos político-institucionais que inspiraram a arquitetura político-organizacional da Sudene?

O economista se baseou, principalmente, na “mecânica administrativa” do BNDE⁴⁴³. Em grande medida, o órgão regional teve origem no BNDE e contou com a estrutura deste Banco para ser organizado. Furtado apoiou a criação do BNDE em 1952, era amigo de seus diretores, coordenara o Grupo Misto Cepal-BNDE (1953-1955) e, no final da década, aceitou um convite para ser seu diretor. Além disso, o estruturalista era consciente do problema do financiamento em países subdesenvolvidos e concebia o BNDE como uma conquista para a economia brasileira e um modelo para outros países latino-americanos^{444 445}.

“Auxiliado pelo Grupo de Trabalho [para o Desenvolvimento do Nordeste, o GTDN] e por economistas do BNDE que haviam iniciado sua carreira profissional no Etene e sido treinados pelo Banco do Nordeste”⁴⁴⁶, Furtado preparou seu plano para desenvolver o Nordeste com o auxílio de técnicos recrutados no BNDE e que o acompanhariam na Sudene até 1964.

A contribuição maior do BNDE para a o Nordeste foi a criação da Sudene, que nasceu de dentro do BNDE. [...] Fora isso, o Banco tinha financiado e continuou a financiar – após a construção da Sudene – projetos nordestinos. [...] A Sudene deu um grande impulso na elaboração de projetos [industriais]. A técnica de elaboração de projetos era muito escassa no Brasil. O Banco foi o grande centro de elaboração e de difusão dessa técnica [...] foi o primeiro órgão que fez isso no Brasil sistematicamente. A Sudene partiu daí [...] transplantou isso para o Nordeste. Inclusive o pessoal que foi trabalhar inicialmente com Celso, na Sudene, tinha estado aqui, no Banco.⁴⁴⁷

O economista também aproveitou o esquema político do Conselho de Desenvolvimento Nacional da Presidência da República e a engenharia organizacional da Cepal. Como diretor do BNDE, Furtado foi membro do Conselho Nacional de Desenvolvimento da Presidência da República, órgão de planejamento que inspirou a ideia do Conselho Deliberativo da Sudene⁴⁴⁸. Encarregado de conceber e coordenar o Plano de Metas, o Conselho Nacional de

⁴⁴² *Idem*, 1997 [1989], p. 70.

⁴⁴³ Lira, J. R., s.d.

⁴⁴⁴ Furtado, 2021, p. 171.

⁴⁴⁵ “Pessoalmente estou convencido de que nos atuais países subdesenvolvidos o Banco o Desenvolvimento tende a ser o instrumento básico da ação dos governos no campo econômico. A era dos Bancos Centrais ficou no passado. Mais do que a simples disciplina do crédito se necessita hoje de ação direta no setor de inversões. É essa a fórmula precisa para conjugar a política fiscal com a política de desenvolvimento. Tenho comigo que o progresso mais extraordinário realizado no campo da política econômica em nosso país, nos últimos anos, está na forma de financiamento dos novos planos de desenvolvimento. Se se tivesse compreendido há dez anos, entre nós, que a inflação não tem nenhum poder mágico em si mesma, e que os seus frutos bons são perfeitamente alcançáveis por outros meios, estaríamos hoje bem mais longe. Considero que o Banco de Desenvolvimento poderá possibilitar a consolidação dessa nova era de desenvolvimento não inflacionário, e provavelmente de desenvolvimento mais intenso, no Brasil” (*Ibidem*, pp. 171-172).

⁴⁴⁶ Robock, 1963, p. 116.

⁴⁴⁷ Lira, J. R., s.d.

⁴⁴⁸ Furtado, 1958, p. 84.

Desenvolvimento era composto por um colegiado político (presidentes do BNDE e do Banco do Brasil, ministros, chefes do Gabinete Civil e do Gabinete Militar da Presidência) e pelo chefe do poder executivo. O Conselho era gerido pelo presidente do BNDE, cargo cuja escolha cabia à Presidência da República, e suas deliberações eram balizadas pela Secretaria Executiva, que era uma instância técnica.

De modo similar, o coração da Sudene era o Conselho Deliberativo, uma instância política composta pelos governadores dos estados da região – inclusive o de Minas Gerais –, ministros de Estado (Fazenda, Agricultura, Viação e Obras Públicas, Saúde e Educação), presidentes de autarquias federais que atuavam na região (BNDE, BB, BNB, Dnocs, Chesf e CVSF) e pelo superintendente, que representava a Presidência da República. Contava, também, com uma Secretaria Executiva, que subsidiava e assessorava o Conselho, “um elo necessário entre o técnico e o político”⁴⁴⁹.

Os “grupos de trabalho” criados pela Sudene (abastecimento, secas, energia, infraestrutura viária, minérios, indústria básica, dentre outros) para estruturar o I Plano Diretor eram inspirados nas missões técnicas da Cepal para estudar determinados problemas e formular planos de intervenção, nos “grupos de trabalho” e também nos “grupos executivos” (bens de capital, indústria automobilística, fertilizantes, energia elétrica, transportes, construção naval, Brasília, Nordeste) do governo Kubitschek, que tiveram origem no Conselho Nacional de Desenvolvimento e no BNDE⁴⁵⁰. Estes grupos foram criados para contornar a lentidão e a “irracionalidade” da administração pública convencional – o “velho aparelho” ligado à política oligárquica⁴⁵¹ – e foi um instrumento da “administração paralela”, “uma forma sub-reptícia de obter delegação de poderes negada pela Constituição”⁴⁵². No âmbito do Nordeste, a criação do Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (Codeno) visou driblar a estrutura de poder tradicional do Nordeste, inaugurando – como será mostrado abaixo – uma luta aberta pelo poder político e econômico na região.

Quanto à Cepal, Furtado replicou seus cursos de treinamento de pessoal no Recife. Em 1959, o chileno Jorge Ahumada (1917-1965), especialista em comércio internacional com formação em Harvard, ex-economista do FMI, o principal nome da “ala ortodoxa do secretariado”⁴⁵³, chefe da Divisão de Treinamento da Cepal, o idealizador e professor dos cursos da Cepal e do Instituto Latino-Americano de Planejamento Econômico e Social (Ilpes) nas

⁴⁴⁹ Carleial, 2009, p. 46.

⁴⁵⁰ Klüger, 2017, p. 152.

⁴⁵¹ Evans, 1995, p. 61.

⁴⁵² Benevides, 1976, p. 252.

⁴⁵³ Dosman, 2011, p. 380.

décadas de 1950 e 1960, além de coordenador do primeiro Curso de Treinamento de Pessoal em Problemas do Desenvolvimento Econômico (CTPDE – convênio Cepal-BNDE) em 1956⁴⁵⁴, viajou ao Nordeste para ensinar no CTPDE (convênio Cepal, BNDE, Codeno e Capes) no Recife e formar a equipe pioneira de técnicos do Codeno.

“Uma das vedetes da Cepal”⁴⁵⁵, Osvaldo Sunkel (nascido em 1929) coordenou a seção de Treinamento do organismo latino-americano a partir de 1955, integrou a equipe de Furtado para estudar a economia mexicana entre 1955 e 1957 (com Victor Urquidi, Juan Noyola e Oscar Soberón), ajudou a escrever o polêmico relatório *El desequilibrio exterior de México* (1957), foi diretor do escritório da Cepal no Rio de Janeiro e, em 1959, coordenou o primeiro CTPDE no Recife, que teve como referência as apostilas preparadas pela Cepal.

Com o aprendizado dessas experiências institucionais, Furtado criou seu próprio órgão de planejamento com atribuições e poderes excepcionais (planejar, executar e fiscalizar). Como ele reconverteu seu prestígio como um especialista econômico latino-americano em um volumoso capital de credibilidade política no Brasil? Para responder à questão, o capítulo acompanhará a agenda de Furtado pelo país ao longo do ano de 1959, quando foi criado o Codeno e era discutida no Congresso Nacional a lei para criar a Sudene. Essa reconstrução ajudará a apreender a atualização das disposições do *habitus* de estadista de Furtado.

O périplo de Furtado pelo Brasil teve início no final de 1958. Diretor do BNDE para o Nordeste, no dia 16 de outubro ele fez uma conferência – “Acumulação de capital e desenvolvimento econômico” – na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. No dia 21, Furtado, que também era o supervisor técnico do GTDN, discutiu no Senado federal a crise social no Nordeste. No dia 5 de novembro, após uma viagem à região para ver pessoalmente os problemas (prática adquirida na Cepal), o economista fez uma conferência para “um público numeroso e seletivo”⁴⁵⁶ sobre a economia nordestina e seus problemas na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade da Paraíba.

Um “ilustre visitante até então desconhecido”⁴⁵⁷, Furtado apresentou um novo discurso sobre a “questão regional”. A exposição do paraibano gerou estranheza na plateia de advogados, engenheiros e agrônomos, suscitando “interpelações e debate que a transformaram num verdadeiro parlamento”⁴⁵⁸.

Rebati os pontos fracos do economista paraibano e aconselhei em tom paternal ao Dr.

⁴⁵⁴ Klüger, 2017, p. 65.

⁴⁵⁵ Alves Filho, 2021.

⁴⁵⁶ Debate na Faculdade de Ciências Econômicas, *Correio da Paraíba*, 9/11/1958.

⁴⁵⁷ Xavier, 1963.

⁴⁵⁸ *Ibidem*.

Celso que era bom reler a literatura sobre o Nordeste e incluí na relação “Os Sertões”, de Euclides da Cunha. O meu caro amigo Claudio Santa Cruz, sabendo de quem se tratava – pois o Dr. Celso chegara na Faculdade acompanhado do Diretor, pois era a única pessoa, no momento, que conhecia o visitante, ficou a rir discretamente e fumar em volta de nós sem poder me dizer nada, talvez com vontade de me avisar que eu estava falando com um moço laureado pela *Sorbonne*, com estágio em *Oxford* e outros países. [...]. No dia seguinte, abro os jornais e vejo que andei a conversar e discutir e a aconselhar a uma verdadeira sumidade em assuntos econômicos, mas como a desgraça já estava feita nada mais poderia remendar e nos jornais da terra era anunciada uma palestra do Dr. Celso na mesma Faculdade, no mesmo salão e na mesma hora da noite. [...]. À noite dirijo-me à Faculdade e estou com um grupo de amigos quando se aproxima o Dr. Celso Furtado, já com ares doutorais, mal me cumprimenta, entrega ao Dr. Ozias Gomes um livro de sua autoria sobre Economia. [...]. Aí começou a sua importância até a data atual.⁴⁵⁹

Nessa ocasião, o plano de Furtado para a “reconstrução do Nordeste” foi considerado “simplista” e “fora de nossa realidade” pela ênfase excessiva na industrialização e no litoral da região, em prejuízo do investimento na agropecuária e no semiárido. Suas “ideias Sorbonianas sobre os problemas nordestinos”⁴⁶⁰ revelariam um preconceito com a área seca e as obras hidráulicas e o desconhecimento da totalidade e complexidade do Nordeste. Estreando o esboço de seu diagnóstico e plano de ação para a região em sua terra natal, Furtado foi notícia no *Correio da Paraíba*, que o apresentou como um “técnico” e uma “autoridade” credenciada por “tantos títulos” e com uma vasta experiência internacional⁴⁶¹.

No dia 28 de novembro, no Rio de Janeiro, Furtado foi conferencista no I Seminário de Estatística promovido pelo Instituto Roberto Simonsen e pela CNI, onde falou sobre “Estatística e Desenvolvimento Econômico”⁴⁶². Até o final de 1958, o economista trabalhou em um plano para a região atento ao calendário eleitoral de 1960, evidenciando seu faro político.

Dei continuidade ao que estava fazendo sem prazo para terminar os estudos. Imaginava que daí viesse a surgir algo de interesse para a próxima campanha presidencial. Havia que manter o trabalho sob reserva para, no momento preciso, obter sua adoção pelo melhor candidato.⁴⁶³

No dia 2 de janeiro de 1959, Furtado e outros diretores do BNDE foram convocados para uma reunião com Kubitschek no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, para discutir a crise no Nordeste e uma nova estratégia de intervenção do governo federal. A reunião foi uma sugestão de José Sette Câmara e Cleantho de Paiva Leite. Além deles e de Furtado, participaram do encontro técnicos e diretores do BNDE (Miguel Osório de Almeida, Luiz Carlos Nencini e

⁴⁵⁹ *Ibidem*.

⁴⁶⁰ *Ibidem*.

⁴⁶¹ Debate na Faculdade de Ciências Econômicas, *Correio da Paraíba*, 9/11/1958.

⁴⁶² I Seminário de estatística, *Diário de Pernambuco*, 28/11/1958.

⁴⁶³ Furtado, 1997 [1989], p. 70.

Álvaro Barcelos Fagundes), o industrial Israel Klabin e o cônsul Adhemar Soares de Carvalho. Por sugestão de Sette Câmara e Paiva Leite, amigos de Furtado, este último foi o primeiro a falar.

Treinado no estilo prebischiano de exposição (sintético, demonstrativo e eloquente), Furtado defendeu a superação do viés assistencialista das políticas públicas para a região e esboçou uma nova política para o Nordeste centrada na industrialização – “a forma normal de desenvolvimento econômico em uma região com escassez de terras agrícolas aproveitáveis”⁴⁶⁴ –, na reorganização da economia do semiárido, no uso mais produtivo das terras agriculturáveis da zona úmida litorânea e na maior elasticidade da oferta de alimentos no Nordeste. Estava em jogo a superação do subdesenvolvimento regional e a resolução da situação pré-revolucionária que ameaçava a estabilidade social e política do país e o próprio governo.

Não obstante o crescimento médio da economia de 11% no final da década⁴⁶⁵, o governo vivia seu pior momento com as denúncias de corrupção na construção de Brasília, da economia inflacionária e das idas e vindas nas negociações com o FMI, que criava dificuldades. Preocupava Kubitschek, também, a proximidade das eleições de 1960 e a popularidade de Jânio Quadros no Nordeste. Perto do final de seu mandato, e politicamente desgastado, o presidente capturou a causa da “redenção do Nordeste” para imprimir dinamismo ao governo no final do mandato, conseguindo publicidade positiva no noticiário⁴⁶⁶.

O presidente encampou o plano de Furtado com a esperança de reanimar seu *slogan* desenvolvimentista, apostando na “aceleração do desenvolvimento harmônico do Brasil” e na “redenção do desenvolvimento”⁴⁶⁷. Ele vislumbrou na “epopeia da recuperação nordestina”⁴⁶⁸ a oportunidade para sua própria reabilitação política como um governante moderno e conciliador⁴⁶⁹. A nova política para o Nordeste foi lançada como um objetivo suprapartidário, “um ato de prudência, de salvaguarda da unidade nacional e da alta política”⁴⁷⁰.

Ao transferir capital político e abrir espaço no campo do poder para Furtado, admitindo-o como o “comandante” da Openo⁴⁷¹ e um novo *player* político, Kubitschek negociou a

⁴⁶⁴ *Idem*, 2009a, p. 77.

⁴⁶⁵ Oliveira, F., 2008, p. 83.

⁴⁶⁶ “Juscelino não tem a base de seu poder no Nordeste e talvez por isso possa dar-se ao luxo de dar um passo adiante dessa ordem” (Furtado, 2019, p. 182).

⁴⁶⁷ Operação Nordeste, *Correio da Manhã*, 26/4/1959.

⁴⁶⁸ *Ibidem*.

⁴⁶⁹ “Se o sr. Juscelino Kubitschek lançar-se de corpo e alma nesta ‘luta de redenção nacional’ poderá reconquistar parte da confiança que o país depositou na sua ação administrativa” (Desenvolvimento do Nordeste: uma providência que se impõe, *Correio da Manhã*, 14/1/1959).

⁴⁷⁰ Operação Nordeste, *Correio da Manhã*, 26/4/1959.

⁴⁷¹ Furtado, 1997 [1989], p. 81.

revitalização da popularidade em baixa de seu governo. Por seu turno, ao colocar à disposição do governo sua credibilidade como um “técnico” experiente, ofertando “um salva governo”⁴⁷² para Kubitschek, o economista ingressou na arena política pelo alto e se cacifou como um agente com grandes responsabilidades político-administrativas, consumando uma antiga aspiração.

No dia 13 de janeiro, a primeira das entrevistas de Furtado para o *Correio da Manhã* lançou o economista como um agente político e com um plano legitimado na ciência econômica moderna – “[Na Sudene] o político e o economista estão unificados em uma só pessoa e as estratégias políticas e econômicas combinam-se em um só plano”⁴⁷³. O *Correio da Manhã* teve um papel central na construção de Furtado como um nome acima do bem e do mal⁴⁷⁴. Ao estrear na imprensa, ele foi apresentado como um economista com credenciais internacionais, um homem “simples de jeito”, “positivo nas respostas” e com um grande futuro – “Em pouco tempo seu nome estará dispensando apresentações”⁴⁷⁵.

Na entrevista, Furtado sublinhou a diferença entre o nível de vida do Nordeste (região em ruína, exportadora de capitais e prejudicada pela política cambial, que, para defender os preços do café no mercado internacional entre as décadas de 1940 e 1950, provocou o colapso das exportações nordestinas ao exterior, financiando – involuntariamente – o desenvolvimento industrial paulista) e do Centro-Sul (região beneficiada pela política cambial e tarifária que penalizou o Nordeste)^{476 477}. O economista afirmou que existiriam “duas nações” coexistindo no território brasileiro, defendeu a integração entre elas e, com uma tese à época contraintuitiva, atribuiu os problemas do Nordeste à “crise econômica” (não às secas, como se pensava): “Que é a seca? É um colapso na produção de alimentos, é uma crise econômica”⁴⁷⁸. Furtado criticou, também, a “política de açudes”, propôs a criação de uma economia adaptada às secas – “O que chamamos seca é um traço fundamental do Nordeste”⁴⁷⁹ – e a reorganização econômica do conjunto da região, enfatizando “a inelutabilidade da industrialização como técnica de

⁴⁷² Farias, 2020, p. 49.

⁴⁷³ Robock, 1963, p. 118.

⁴⁷⁴ “A atuação do *Correio da Manhã* foi decisiva para transformar um simples embrião do projeto, ainda em minha cabeça, em um dado novo e de peso no debate político nacional. [...] Esse jornal deu credibilidade ao projeto e balizou o espaço em que se desenvolveria o enorme debate subsequente” (Furtado, 1997 [1989], p. 82).

⁴⁷⁵ Plano de ação para o Nordeste, *Correio da Manhã*, 13/1/1959.

⁴⁷⁶ *Ibidem*.

⁴⁷⁷ “Todas as teses da Cepal estão de volta agora na moldura nordestina” (Oliveira, F., 2003, p. 22).

⁴⁷⁸ Plano de ação para o Nordeste, *Correio da Manhã*, 13/1/1959.

⁴⁷⁹ *Ibidem*.

desenvolvimento”⁴⁸⁰ ⁴⁸¹ e o aproveitamento das matérias-primas locais⁴⁸².

O *Correio da Manhã* se associou ao novo plano e ajudou a popularizar o nome do economista e a construí-lo como uma liderança nacional. Em contrapartida, o *jornal* lucrou simbolicamente com a nova política, vendendo-se como um veículo de imprensa ligado à defesa das “grandes causas” do país⁴⁸³. Em resumo, o *Correio da Manhã*, com muita influência sobre Kubitschek, que se preocupava com a cobertura positiva de seu governo pelo jornal⁴⁸⁴, abriu suas páginas para Furtado e a Openo, repercutiu a nova palavra de ordem – “A colocação hoje do problema é de outra ordem – econômica”⁴⁸⁵ –, contribuindo para construir o nome de Furtado, promovendo-o como o idealizador do novo evangelho do desenvolvimento do Nordeste e a liderança vocacionada para “salvar” a região.

No dia 23 de janeiro, em uma entrevista ao *Diário de Pernambuco*, veículo tradicional da oligarquia pernambucana, Furtado se apresentou como um “técnico” de nível internacional, livre de compromissos político-partidários⁴⁸⁶, o autor de um novo enfoque da questão regional – substituir a “política de assistência social” pela nova “política de desenvolvimento”⁴⁸⁷ –, com o conhecimento da “experiência do que já se fez em outros países”⁴⁸⁸ ⁴⁸⁹ – e um homem de ação⁴⁹⁰.

Com esses antecedentes, e escudando-se na antinomia técnica vs. política, ele cavou um lugar para si próprio como a consciência do Nordeste, demarcando um novo tempo e uma nova abordagem totalizadora do “problema econômico-social do Nordeste”⁴⁹¹. Em tudo oposto aos políticos profissionais – vistos como a encarnação do vício, da corrupção e da ineficiência –, Furtado era promovido como a virtude em pessoa, um “técnico de grande valor”⁴⁹² e um “ilustre

⁴⁸⁰ Furtado, 2009a, p. 124.

⁴⁸¹ “Se para o Centro-Sul do Brasil a industrialização é uma forma racional de abrir caminho ao desenvolvimento, para o Nordeste ela é, em certa medida, a única forma de abrir esse caminho. Caso se demonstrasse que a solução é inviável, não restaria ao Nordeste senão a alternativa entre despovoar-se e permanecer como região de baixo nível de renda” (*Ibidem*, p. 124).

⁴⁸² Plano de ação para o Nordeste, *Correio da Manhã*, 13/1/1959.

⁴⁸³ “O senhor Celso Furtado [...] adota orientação que coincide com as ideias e o pensamento do *Correio da Manhã*” (Desenvolvimento do Nordeste: uma providência que se impõe, *Correio da Manhã*, 14/1/1959).

⁴⁸⁴ Furtado, 2019, p. 180.

⁴⁸⁵ Desenvolvimento do Nordeste: uma providência que se impõe, *Correio da Manhã*, 14/1/1959.

⁴⁸⁶ “Tendo estado dez anos fora do Brasil a serviço das Nações Unidas e da Cepal, não tenho aqui nenhuma ligação partidária e poderei, creio, defender o plano operacional do Nordeste de qualquer investida dos políticos” (O Nordeste deve ser visto como um todo, *Diário de Pernambuco*, 23/1/1959).

⁴⁸⁷ *Ibidem*.

⁴⁸⁸ *Ibidem*.

⁴⁸⁹ “Reuni tudo quanto se planejou a respeito, o que se fez em outros países, a minha experiência visitando *in loco* regiões com problemas semelhantes, como no México” (*Ibidem*).

⁴⁹⁰ “O que se tem que fazer é passar à execução” (*Ibidem*).

⁴⁹¹ “Entendo que o Nordeste deve ser visto como um todo sem considerar problemas ‘pernambucanos’, ‘paraibanos’, ‘cearenses’, etc., com espírito bairrista ou regionalista” (*Ibidem*).

⁴⁹² Males da economia colonial, *Correio da Manhã*, 8/3/1959.

economista paraibano”⁴⁹³. Era, em suma, “um homem evoluído”⁴⁹⁴, como aliás sugeriu seu escritório no BNDE, cenário da “representação de si”⁴⁹⁵ do especialista econômico de estatura internacional.

A mesa, ou melhor, as mesas do gabinete do sr. Celso Furtado [no BNDE], tanto a sua como a grande, espécie de mesa elástica de sala de jantar, estavam cheias de papeis que o visitante poderia julgar em desordem, porém, localizando ponto por ponto do panorama: aqui uma estatística, ali um mapa pluviométrico, adiante um organograma, mais ao centro um relatório técnico, livros abertos com páginas presas, folhas com cálculos e lápis, relações de cidades com dados sobre população, produção e consumo *per capita*, muito papel e alguns volumes editados pela Cepal e pela FAO. É de imaginar uma dessas mesas nas quais a secretária é proibida de mexer, pois se encontra em “desarranjo organizado”, sabendo o dono tudo aonde está. Se a secretária fazer uma arrumação, ele vai custar a encontrar as cousas.⁴⁹⁶

No dia 4 de fevereiro, em uma conferência no Conselho Coordenador de Abastecimento, Furtado calibrou a retórica do risco à “unidade nacional” representado pelas crescentes disparidades de nível de desenvolvimento entre o Centro-Sul e o Nordeste – “O milagre de um país grande estava em perigo”⁴⁹⁷ –, insuflou a plateia a participar de “uma grande campanha de industrialização do Nordeste” e se apresentou como um “técnico” com capacidade executiva e pronto para comandar a transformação da região⁴⁹⁸. Com uma “aparência” séria e ativa, e um modo de se comunicar incisivo e confiante, atributos de sua “fachada pessoal”⁴⁹⁹, o economista conseguiu vender-se como um visionário e ao mesmo tempo um pragmático – “Resta-nos, apenas, levantar os braços e trabalhar para que isso se concretize”⁵⁰⁰.

No dia 16 de fevereiro, na cerimônia de instalação da Openo no Palácio do Catete, com a presença de muitas autoridades políticas (ministros, governadores, parlamentares e o próprio presidente), o nome do diretor do BNDE gerou curiosidade. Na ocasião, foram evidenciadas as diferenças de poder entre os políticos (*insiders*), agentes estabelecidos que conheciam uns aos outros e eram reconhecidos pela imprensa, e Furtado (*outsider*), um técnico novato no salão presidencial. Apesar da posição inferior de um “técnico” em um palco reservado para a atuação dos pertencentes ao andar de cima do sistema político brasileiro, Furtado se sentia superior

⁴⁹³ Agrônomos x Economistas. À margem da conferência do professor Celso Furtado. *Diário de Pernambuco*, 28/11/1958.

⁴⁹⁴ Gomes, 1959.

⁴⁹⁵ Goffman, 2011.

⁴⁹⁶ O Nordeste deve ser visto como um todo, *Diário de Pernambuco*, 23/1/1959.

⁴⁹⁷ Hirschman, 2009, p. 191.

⁴⁹⁸ "O Nordeste está farto de relatórios, estudos e leis para o equacionamento de seus problemas e interessa agora, mais do que nunca, a aplicação das medidas a que chegaram os técnicos após a observação dos relatórios" (Indústrias no Nordeste resolverão vários problemas, *Correio da Manhã*, 5/2/1959).

⁴⁹⁹ Goffman, 2011, p. 29.

⁵⁰⁰ Indústrias no Nordeste resolverão vários problemas, *Correio da Manhã*, 5/2/1959.

(moral e intelectualmente). Ele foi lido como um “técnico” a serviço de Kubitschek e tratado como um intruso, “desconhecido”, provinciano e inseguro.

O velho palácio regurgitava de figurões, políticos e jornalistas. Na grande mesa estavam sentados ministros e governadores, ao lado de Dom Helder Câmara e de um rapaz de cabeleira basta, rosto magro, terno de meia confecção [...]. "É aquele ali", diziam os jornalistas, políticos e curiosos, apontando para o moço de meia confecção. "O plano é dele". Chamava-se Celso Furtado, era economista e servia ao Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico. E ninguém sabia muita coisa mais. Enquanto os porta-vozes do Nordeste arrolavam reivindicação sobre reivindicação, queixa sobre queixa, cada qual querendo puxar brasa para sua sardinha e brilhar mais, crescia a expectativa em torno da palavra do "nordestino desconhecido". Depois de muito discurso e muita discussão, chegou a hora de o homem falar. Já então ele se sentara entre JK e Roberto Campos, tendo atrás de si, como anjo da guarda, Victor Nunes Leal. Botaram o microfone diante de Furtado e um veterano jornalista, com aquela irreverência e cinismo próprios dos pajés da profissão, comentou: "não faço muita fé, não. Tem um jeito de poeta parnasiano de província". Celso Furtado começou a falar nervoso, mas dizendo coisas sensatas e sérias. Em cinco minutos, toda a gente, da mais irreverente à mais distraída, "farejou" no ar que algo estava acontecendo. Algo decisivo, que não ficaria no patati-patata dos discursos de ocasião. O moço do terno de meia confecção, cabeleira lembrando poeta parnasiano de província, trazia um plano com substância, ambicioso, arrojado, mas calcado em realidades irrefutáveis, em etapas exequíveis. [...] aquela Sudene lançada por um nordestino desconhecido, com voz trêmula de emoção, como se fora um poeta parnasiano estreando em sarau de província.⁵⁰¹

Com uma atuação até então limitada aos bastidores dos centros decisórios⁵⁰², a entrada em cena do novo personagem (o especialista econômico) com uma “opinião técnica”⁵⁰³ desagradou os agentes políticos – “Furtado não vai se criar”⁵⁰⁴. Os governadores e parlamentares do Nordeste viam-se como as únicas vozes autorizadas para falar em nome da região e esperavam protagonizar a nova política do governo federal, surpreendendo-se com o “jovem economista oficial”⁵⁰⁵, que teria extrapolado o papel de um assessor econômico e se portado com uma autoridade não esperada⁵⁰⁶. Em suma, os governadores ficaram ressentidos com o “técnico oficial” confiante e propositivo⁵⁰⁷, que brilhou mais do que eles e atraiu os holofotes da imprensa. Furtado ensaiava sua admissão no campo do poder apoiado nas

⁵⁰¹ Assim nascia a Sudene, em berço tumultuado e inesperado, *Visão*, p. 142, 1969.

⁵⁰² Barbosa, 2021.

⁵⁰³ Furtado, 2009a, p. 73.

⁵⁰⁴ Hirschman, 2009, p. 188.

⁵⁰⁵ Governadores não puderam esconder sua decepção diante do Catete, *Diário de Pernambuco*, 17/2/1959.

⁵⁰⁶ “Infelizmente o Ceará foi pego de surpresa. Entramos na Operação Nordeste sem planos adequados”, disse o então deputado federal Adail Barreto (UDN/CE) (Grande interesse pelo “Seminário Técnico” na cidade de Garanhuns. Atraíra centenas de especialistas – “Dossier” Celso Furtado já está pronto, *Diário de Pernambuco*, 4/3/1959).

⁵⁰⁷ “Em face do entusiasmo do sr. Presidente da República ao empreender obras deste vulto, e da profunda convicção com que os líderes nordestinos aqui reunidos se lançaram nesta *campanha*, estou convencido de que iniciaremos com êxito essa enorme *operação* que visa nada menos que integrar o Nordeste na corrente do desenvolvimento nacional. Digo iniciaremos porque essa é tarefa para absorver os esforços de toda uma geração” (Furtado, 2009a, p. 81, itálico nosso).

modernas ciências econômicas.

A exposição do sr. Celso Furtado desagradou à maioria dos Governadores por haver esse técnico falado na primeira pessoa quase o tempo todo, pouco se referindo, mesmo ao Presidente Kubitschek. Os Governadores do Nordeste [...] não gostaram de receber uma lição do sr. Celso Furtado. A insistência do sr. Furtado em dar como irrealizável a irrigação da área das secas pareceu, a alguns Governadores e Deputados, atitude errada.⁵⁰⁸

O comportamento autossuficiente e o estilo professoral de Furtado colidiram com a autoridade política dos governadores, que se queixaram das “lições” do “técnico”. Mas o estreante não era um “técnico” qualquer. Ele era o dono de um sólido capital de conhecimentos econômicos e de um valioso capital burocrático (conhecia como poucos a administração pública brasileira), que ele colocou a serviço de Kubitschek – “Conta-se que o Presidente domina a burocracia”⁵⁰⁹. A partir desse episódio, o capital de credibilidade política do “eminente economista”⁵¹⁰ e “técnico rigoroso”⁵¹¹ cresceu sem parar.

A nova política logo passou a ser chamada de “Plano Furtado de recuperação do Nordeste”⁵¹², evidência da propensão do economista para desempenhar papéis de relevo e se apropriar dos dividendos simbólicos de suas próprias ideias – “[Furtado] Fez questão de frisar que muita gente se engana quando o considera um técnico, um autômato, um homem preso à máquina”⁵¹³. Com muita autoconfiança, ele se afirmou como o idealizador incontestado da nova política econômica para o desenvolvimento do Nordeste, desbancando outros agentes que reivindicavam sua autoria⁵¹⁴.

No dia 19 de fevereiro, por decreto, Kubitschek criou o Codeno – o “último noivo do Nordeste”⁵¹⁵ – com sede no Recife, o “quartel-general” do plano regional de desenvolvimento⁵¹⁶. Além de apostar na reversão da imagem negativa do governo, o presidente em final de mandato mirava a eleição de 1965, pretendendo disputá-la com o trunfo de ser o responsável pela “salvação do Nordeste”, de sua “massa de população não incorporada à

⁵⁰⁸ Juscelino impôs o Plano sem atender às reivindicações dos governadores, *Diário de Pernambuco*, 18/2/1959.

⁵⁰⁹ Marroquim, 1959.

⁵¹⁰ Desenvolvimento do Nordeste: uma providência que se impõe, *Correio da Manhã*, 14/1/1959.

⁵¹¹ Sudeno, *Correio da Manhã*, 1/3/1959.

⁵¹² *Ibidem*.

⁵¹³ Nem técnico nem autômato, *Diário de Pernambuco*, 27/5/1959.

⁵¹⁴ “Que o deputado Hermógenes Príncipe tem se queixado do Presidente da República por não o ter citado no seu discurso como o autor do supradito plano [...] Que, por sua vez, o sr. Aloísio Campos, comparecendo a um programa de TV, se declarou autor do programa, o qual, alegou, fora por ele idealizado há vários anos quando ocupava um cargo no Departamento de Administração da Prefeitura de Campina Grande e quis implantar a reforma agrária naquele município” (A Openo, *Diário de Pernambuco*, 27/2/1959).

⁵¹⁵ Indústria têxtil nordestina elaborará “Carta” definindo suas reivindicações fundamentais, *Diário de Pernambuco*, 10/7/1959.

⁵¹⁶ O Nordeste deve ser visto como um todo, *Diário de Pernambuco*, 23/1/1959.

economia monetária”⁵¹⁷. Com a publicidade da Opeo na imprensa e no meio político, Furtado passou a ter livre acesso a Kubitschek e se tornou conselheiro econômico da Presidência da República, frequentando o Palácio das Laranjeiras e o Palácio do Catete.

Visto como o “autor do plano de ação da nova política econômica de JK”⁵¹⁸, no começo de março de 1959 Furtado fez uma conferência no Seminário Sobre a Operação Nordeste, organizado pelos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand em Salvador, no Recife e em Campina Grande⁵¹⁹. Eventos como esses se multiplicaram pela região, indicando a corrida dos agentes políticos e econômicos para pegar carona e lucrar simbolicamente com a situação criada com o anúncio da nova política para desenvolver o Nordeste. Os problemas da região adquiriram estatuto nacional – “cause célèbre”⁵²⁰ – e ganharam a primeira página dos principais jornais brasileiros.

Com uma agenda intensa quando eram multiplicados os debates sobre a região e crescia a curiosidade a respeito do idealizador da Opeo, Furtado se tornou conhecido no país e seu nome e fotografia estamparam as capas dos jornais, que, nesse primeiro momento, erravam a grafia de seu nome, referindo-se a ele como “Veloso Furtado”⁵²¹ ou “Carlos Furtado”⁵²². Deslizavam, também, na identificação da profissão do paraibano, referido como “sociólogo”⁵²³ e, principalmente, “engenheiro”⁵²⁴.

O tratamento distintivo como um “engenheiro” indicava, por um lado, a admissão de Furtado ao campo do poder, e, por outro lado, revelava o estatuto subordinado da economia e dos economistas na divisão hierárquica do trabalho burocrático entre os saberes de Estado. Vinculada ao trabalho técnico, e subordinada às profissões ligadas às competências políticas e às instâncias decisórias (direito e engenharia), a profissão de economista parecia não condizer com o relevo que o também bacharel em direito já alcançara na administração pública e no sistema político brasileiro ao encabeçar a política desenvolvimentista para o Nordeste⁵²⁵.

⁵¹⁷ Furtado, 1958, p. 57.

⁵¹⁸ Chegará, hoje, ao Recife o economista Veloso Furtado. Vem participar do Seminário promovido pelos Diários Associados. Autor do Plano de Ação da nova política econômica de JK, *Diário de Pernambuco*, 7/3/1959.

⁵¹⁹ *Idem*.

⁵²⁰ Furtado, 1997 [1989], p. 100.

⁵²¹ Chegará, hoje, ao Recife o economista Veloso Furtado. Vem participar do Seminário promovido pelos Diários Associados. Autor do Plano de Ação da nova política econômica de JK, *Diário de Pernambuco*, 7/3/1959.

⁵²² Campanha contra Plano Diretor resultou de equívoco: diz Celso ao voltar da Paraíba, *Diário de Pernambuco*, 14/12/1960.

⁵²³ Wanderley, 1962.

⁵²⁴ Sudene não pode operar sem reformas, *Diário de Pernambuco*, 14/3/1962; Conferência do Eng.º Celso Furtado, Superintendente da Sudene, *Diário de Pernambuco*, 16/2/1961; Deputado Cleofas reafirma seu apoio ao governador Cid, *Diário de Pernambuco*, 17/1/1959.

⁵²⁵ Em uma entrevista a Albert Hirschman em 1960, Furtado atribuiria ao fato de ele não ser um engenheiro as resistências que contra ele se levantaram no Dnocs no processo de criação da Sudene (1959) e na aprovação do I PD no Congresso Nacional (1961): “Até 1940 ou por aí os engenheiros eram a elite brasileira – formados em

Acostumado a tratar com pessoal de nível internacional, o ex-cepalino se reuniu em março com Nills Brundim, das Nações Unidas, para discutir a implantação de um plano siderúrgico no Nordeste. No dia 26 de abril de 1959, no Recife, ocorreu a primeira reunião do Conselho Deliberativo do Codeno. Furtado fez uma “ampla exposição” sobre o programa da Openo enfatizando a infraestrutura de transporte e energia elétrica e a criação de uma economia resistente às secas. Discutiu, também, a obtenção e a aplicação de verbas orçamentárias para o Codeno em 1959 e falou das articulações entre o Codeno, a Cepal e o governo de Pernambuco para a realização do CTPDE no Recife, previsto para agosto daquele ano⁵²⁶.

Entre 25 de abril e 3 de maio, a CNI promoveu o Seminário de Garanhuns. Este evento era o resultado da comoção pública em torno do Nordeste e reuniu empresários, autoridades políticas, técnicos, intelectuais, religiosos, sindicalistas, embaixadores de países europeus e jornalistas. Uma das personalidades mais aguardadas no Seminário de Garanhuns, “Celso Furtado inaugurou [o] plenário”⁵²⁷. Em um clima de euforia – “Um vasto sopro de esperança varreu a região”⁵²⁸ –, o economista resumiu os objetivos da Openo e, esbanjando autoridade, respondeu questões da plateia.

A nova política foi abordada, também, por Kubitschek, que discursou em nome do “equilíbrio da nação”, do “desenvolvimento harmônico” e da “redenção do desenvolvimento” contra a “estagnação” e o “subdesenvolvimento”: “Chegamos à conclusão de que o nosso próprio crescimento será perigoso para o equilíbrio da Nação, se persistir a terrível coexistência de zonas cada vez mais prósperas com outras estagnadas, sob o trágico domínio do subdesenvolvimento”⁵²⁹.

O Seminário de Garanhuns revelou alguns dos adversários de Furtado e do Codeno. O deputado federal e usineiro Gileno de Carli (PSD/PE) (1908-1997) e o advogado, economista e ex-diretor do IJN (1954-1955) Paulo Maciel, que era de uma família tradicional de políticos pernambucanos, questionaram o plano de Furtado para o Nordeste. “Pequeno burocrata” que “se fez milionário da indústria açucareira” como o maior exportador de melão de cana do Brasil⁵³⁰, Gileno criticou o plano do paraibano “intruso”⁵³¹, que, de acordo com ele, ignorava as dificuldades e os desafios da indústria açucareira pernambucana. Maciel, por seu turno,

grande medida pela Escola Politécnica. Furtado lutou contra o Dnocs e foi atacado porque não era um engenheiro. Até hoje o Dnocs não tem um só economista” (Furtado, 2009a, p. 184).

⁵²⁶ Atas da primeira sessão da reunião do Codeno de 26 abr. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 23/3/2023.

⁵²⁷ Indústria paulista dá apoio ao Codeno, *Diário de Pernambuco*, 28/4/1959.

⁵²⁸ Oliveira, F., 2009, p. 194.

⁵²⁹ Operação Nordeste, *Correio da Manhã*, 26/4/1959.

⁵³⁰ Furtado, 2019, p. 179.

⁵³¹ *Idem*, 1997 [1989], p. 149.

criticou a transferência de parcela da população sertaneja para a pré-Amazônia maranhense sem levar em consideração, como aconselhavam Gilberto Freyre e seu IJN, os aspectos sociais e culturais do empreendimento.

Exigindo jurisdição total e direta sobre todos os aspectos do desenvolvimento da região e estabelecendo um plano regional que, apesar de um compromisso de planejamento descentralizado, foi imposto de cima para baixo, o movimento da Sudene estava destinado a despertar um máximo de resistência política.⁵³²

Com ampla cobertura midiática, o Seminário de Garanhuns ajudou a conferir ao Nordeste o estatuto de grande problema nacional, alavancando as teses de Furtado: “O principal problema econômico do Brasil, na atual etapa de seu desenvolvimento, é o da disparidade regional de ritmos de crescimento”⁵³³. Evidenciou, também, a multiplicação dos automeados especialistas nos problemas regionais (economistas, sociólogos, advogados, geógrafos, engenheiros, agrônomos, sanitaristas, educadores)⁵³⁴, que, reivindicando legitimidade para seus conhecimentos no tratamento dos problemas do subdesenvolvimento regional, procuravam alavancar suas próprias carreiras profissionais e políticas. No meio deles, Furtado sobressaía por seu *pedigree* universitário, sua experiência internacional, seus contatos na cúpula da burocracia estatal e seu capital de conhecimentos técnico-científicos.

Também em abril começou a ser construída sua fama internacional como o idealizador do plano de desenvolvimento do Nordeste. A revista americana *Time* publicou uma reportagem apresentando Furtado e a Openo para seus leitores: “Celso Furtado, 38 anos, nascido no Nordeste, educado na Sorbonne e em Cambridge, e que soube isolar o problema da seca”⁵³⁵.

No II Encontro dos Bispos do Nordeste, entre os dias 24 e 26 de maio de 1959, em Natal, Furtado debateu seu plano com um plenário lotado. Estiveram presentes Kubitschek e o “desenvolvimentista católico”⁵³⁶ dom Helder Câmara, “padre malfazejo”⁵³⁷ que conseguiu do presidente a promessa de levar energia elétrica de Paulo Afonso para a capital norte-rio-grandense antes do final de seu mandato. Para o economista, essa promessa era inviável do ponto de vista técnico⁵³⁸. Demonstrando irritação com a influência de dom Helder sobre Kubitschek, e se comportando como um guardião da ética pública, Furtado parecia subestimar

⁵³² Robock, 1963, p. 120.

⁵³³ Furtado, 2009a, p. 94.

⁵³⁴ Participaram do Seminário de Garanhuns técnicos do BNB, da Chesf, da CVSF, do Codeno e das universidades da região. Muitos dos que estiveram no Seminário teriam papel central no desenvolvimento do Nordeste nos anos seguintes.

⁵³⁵ D’Aguiar, 2009, p. 17.

⁵³⁶ Godoy, 2016.

⁵³⁷ Furtado, 2019, p. 156.

⁵³⁸ *Ibidem*, p. 156.

o papel político da Igreja na denúncia da situação de “miséria” e “abandono” da região.

Nunca imaginaria, quando comecei a tratar de desenvolvimento econômico, há pouco mais de um decênio, que essa matéria passaria a ser o centro de preocupações até de sacerdotes. [...]. Eu supunha que a luta maior seria contra os políticos, isto é, contra aqueles que fazem profissão de prometer. Como explicar que os sacerdotes ainda sejam mais irresponsáveis que os políticos?⁵³⁹

Furtado era cada vez mais requisitado para conferências sobre os problemas do Nordeste e da economia brasileira, alimentando a impressão de ter motivos ideais para assumir o papel que estava representando como o mandatado para salvar aquela região do país e que confirmavam sua “vocação” para estadista. Nesse sentido, suas exposições dramatizadas de “sinceridade” e “independência” eram sinais de sua dignidade estatutária cuja projeção pública ele administrava para validar e conservar a autoridade de seu discurso salvacionista e a mística de sua liderança.

Sinto-me, na verdade, como se tivesse um evangelho nas mãos. [...]. A sinceridade também é uma forma de demagogia. Se bem utilizada. Afirmando categoricamente que não faço promessas. Não alimento ilusões. Trato de fazer com que todos entendam meu ponto de vista. Isso de que os homens querem ser enganados é apenas uma meia verdade. Cada vez mais me convenço de que a razão é um poderoso instrumento de dominação, mesmo das multidões. O evangelista da razão.⁵⁴⁰

No dia 29 de maio, em João Pessoa, o economista proferiu duas conferências no Seminário sobre o Desenvolvimento da Paraíba na Faculdade de Direito⁵⁴¹. Na ocasião, ele propôs a criação de uma comissão estadual de planejamento para a realização das reformas administrativas necessárias à instalação do novo paradigma desenvolvimentista. No dia 1 de junho, na segunda reunião do Conselho Deliberativo do Codeno, que também ocorreu no Recife, ele discutiu o projeto de lei da Sudene e a negociação com a Câmara dos Deputados, que buscava controlar 20% dos recursos destinados pelo governo federal ao novo órgão regional. Contrário à proposta, e confiante no “sucesso dramaturgico”⁵⁴² de sua representação como um “técnico” “apartidário” e “neutro” e que era validada por diferentes plateias, Furtado fez o seguinte ultimato:

Em certo momento tive que declarar que se é para repetir o passado não aceitarei a direção desse órgão. Tenho grande curiosidade em saber quanto tempo essa bola quente ficará em minhas mãos. Sinto que existe um imenso trabalho a realizar. Mas não sinto um verdadeiro apego a essa tarefa. Não que me falte amor a essa gente. Mas

⁵³⁹ *Ibidem*, p. 155.

⁵⁴⁰ *Ibidem*, p. 155.

⁵⁴¹ Duas conferências do economista Celso Furtado, *Diário de Pernambuco*, 28/5/1959.

⁵⁴² Goffman, 2011, p. 128.

talvez porque sinta que a tarefa ainda não é realizável.⁵⁴³

Ainda na segunda reunião do Codeno foi discutido o Plano de Pavimentação da Rede Prioritária Básica do Nordeste (convênio DNER-Codeno). Após o habitual balanço das atividades do Codeno, Furtado recebeu cumprimentos dos conselheiros pelos resultados de suas andanças na capital federal para viabilizar a Openo e por seu “espírito público”⁵⁴⁴. Em uma disputa velada com as lideranças católicas, ele destacou “a identidade de propósitos quanto à luta pela recuperação econômica da região” entre os bispos reunidos em Natal e a Openo e, falando em nome da Presidência da República, disse que “a Operação Nordeste era uma só e que ao Codeno estava entregue a sua execução, dentro da política de ação traçada pelo Governo Federal”⁵⁴⁵. No dia 2 de junho, o Codeno voltou a se reunir em uma sessão extraordinária para sugerir emendas ao projeto de lei da Sudene⁵⁴⁶.

No dia 6, Furtado esteve no aniversário do Clube Astrea, espaço de sociabilidade da alta sociedade pessoense, e sua fotografia foi publicada pelo *Diário de Pernambuco*, evidenciando o crescente interesse pelo economista⁵⁴⁷ entre os colunistas sociais, que ajudavam a transformá-lo em uma personalidade midiática e que já era reconhecida nas ruas do país.

Hoje na rua uma mulher me parou. Havia me visto na televisão num programa com governadores do Nordeste. Tinha confiança de que levaríamos aquilo para diante. Começo a ser uma pessoa notória. Na porta do hotel um grupo de estudantes gaúchos me reconheceu e veio me contar suas dificuldades. No avião alguém me reconheceu e levou-me para a cabine do comandante, que aproveitou para informar-se, não como piloto, mas como empresário de pesca.⁵⁴⁸

No dia 7, com Cleantho de Paiva Leite e José Sette Câmara, Furtado encontrou-se com Kubitschek no Palácio das Laranjeiras. Pressionado pelo FMI, e por Lucas Lopes (ministro da Fazenda) e Roberto Campos (presidente do BNDE), que eram vistos como figuras alinhadas aos norte-americanos, e temendo a interrupção de seu Plano de Metas (especialmente a construção de Brasília), Kubitschek anunciou o rompimento com o FMI.

Necessitando de uma diretriz, o presidente encontrou no aconselhamento de Furtado a validação técnica para se desvencilhar da ortodoxia do FMI e contrabalançar a influência de

⁵⁴³ Furtado, 2019, p. 156.

⁵⁴⁴ Atas da primeira e segunda sessões da reunião do Codeno de 1 jun. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 23/3/2023.

⁵⁴⁵ *Idem*.

⁵⁴⁶ Ata da terceira sessão da reunião do Codeno de 1 jun. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 23/3/2023.

⁵⁴⁷ Em pouco tempo, até a troca de carro de Furtado despertaria o interesse dos colunistas sociais: “O sr. Celso Furtado, Superintendente da Sudene, trocou a sua camioneta ‘Rural Willys’ (representação oficial) por um automóvel ‘Aero Willys’ de cor amarela” (Periscópio, *Diário de Pernambuco*, 6/12/1960).

⁵⁴⁸ Furtado, 2019, p. 173.

Lopes e Campos. Na época, a Furtado registrou em seus diários: “A influência de Campos tem sido imensa e não existe nenhuma equipe que possa substituir a dele. [...] é um obstinado e sem percepção política”⁵⁴⁹. Na reunião do dia 7, Furtado opinou – “tratei de explicar”, “tratei de fazer ver” – sobre a política do café, as reformas cambial e monetária e o jogo político no interior do FMI. Criticou, também, os dois ases da política econômica do governo e abriu terreno para si próprio:

[...] afirmei que esse problema é mais diplomático que técnico. Que as decisões realmente importantes, no Fundo [Monetário Internacional], não são tomadas pelos técnicos. Existe um grupo [do FMI] pressionando, o qual trata por todas as formas de conseguir seus objetivos enquanto está no Ministério o Lucas [Lopes]. Cheguei mesmo a afirmar que esse grupo deve ter o olho na sucessão no Brasil – que exigir medidas antipopulares significa favorecer certa tendência sucessorial.⁵⁵⁰

No dia 8, em uma nova reunião de emergência no Palácio das Laranjeiras, e acompanhado mais uma vez por seu primo Cleantho de Paiva Leite⁵⁵¹ e seu fiel escudeiro Sette Câmara, Furtado testemunhou o anúncio oficial da cessação das negociações do governo com o FMI. Em um clima de tensão, e visto como a nova cara do governo Kubitschek, o economista contrariou os ministros e viu intenções ocultas, desinformação e/ou falta de qualidades intelectuais em quase todos eles^{552 553}.

Calibrando seu discurso para legitimar tecnicamente a inflexão política de Kubitschek, Furtado confrontou o grupo com posições-chave no governo – “todo ele acomodaticio e temeroso de qualquer atitude que possa modificar o *status quo*”⁵⁵⁴ – e se valeu de seus contatos internacionais para tranquilizar Kubitschek quanto ao caráter acertado de sua decisão de alta voltagem – “Eu disse que fora informado por um técnico das Nações Unidas que o Fundo estava exercendo verdadeira tutela na Argentina, Chile e Bolívia”⁵⁵⁵. Por fim, como um especialista internacional com o conhecimento das reais intenções do FMI, que eram ignoradas pelos ministros presentes, o economista vaticinou: “Se o senhor capitular, presidente, eles farão novas

⁵⁴⁹ *Ibidem*, p. 159.

⁵⁵⁰ *Ibidem*, p. 159.

⁵⁵¹ *Idem*, 2004, p. 27.

⁵⁵² *Idem*, 2019.

⁵⁵³ Francisco Negrão de Lima, ministro das Relações Exteriores, dava “a impressão de estar fora da realidade” e era “incapaz de ter uma ideia que não seja para acomodar ou para eludir a gravidade da situação”. Ernani do Amaral Peixoto, embaixador do Brasil nos Estados Unidos, “não é embaixador para enfrentar uma situação dessas”, como lhe confienciara o próprio Kubitschek. Sebastião Paes de Almeida, presidente do Banco do Brasil e ministro interino da Fazenda, “parecia nas nuvens”. Paulo Pooock Correa, diretor da Carteira de Câmbio da Sumoc, “fez uma longa exposição, pontilhada de timidez e cheia de desejo de compromisso” (*Ibidem*, pp. 160-161).

⁵⁵⁴ *Ibidem*, p. 161.

⁵⁵⁵ *Ibidem*, p. 161.

exigências, o que querem é uma tutela”⁵⁵⁶. No dia 10, esses assuntos voltaram à baila em uma nova reunião com o presidente no Palácio das Laranjeiras, quando Furtado reafirmou suas posições.

No dia seguinte, o idealizador da Openo fez uma conferência no Clube de Engenharia, um prestigiado centro de debate dos problemas nacionais na capital federal desde o século XIX⁵⁵⁷. Na ocasião, contra as promessas demagógicas da classe política, ele voltou a fazer profissão de fé da técnica como instrumento de resolução dos problemas do Nordeste⁵⁵⁸. Repetiu, também, o mantra da indústria como solução para a questão regional – “Só a industrialização poderá salvar a população nordestina”⁵⁵⁹ – e a retórica catastrofista da região como um foco revolucionário, impressionando seus ouvintes – “De palavra fácil, dicção elegante, deixou nos assistentes boa impressão de homem culto e inteligente”⁵⁶⁰.

No dia 12, ele se reuniu com Campos, Ewaldo Correia Lima (1915-1992) e Miguel Osório de Almeida (1916-1999), todos da direção do BNDE, para discutir a contraproposta de Kubitschek para o FMI, que Campos não engolira:

A discussão foi quase exclusivamente entre ele e eu, e durou mais de quatro horas. [...] Tenho a impressão de que ele involuiu para uma ortodoxia cujas bases ele ainda não submeteu à uma crítica em profundidade. [...] Neste momento, entre a posição dele e a do velho Gudin já não existe diferença perceptível.⁵⁶¹

No dia 13 de junho, diante de duas centenas de oficiais do Exército e da Aeronáutica, Furtado fez uma conferência no Curso de Introdução aos Problemas do Brasil, no Iseb, centro de estudos onde ele já realizara diversas palestras⁵⁶². Na ocasião, ele procurou validar suas teses sobre o subdesenvolvimento do Nordeste empregando comparações com outras realidades nacionais, um recurso retórico que impressionava seus ouvintes.

O Nordeste constitui a mais extensa área de baixo nível de desenvolvimento do continente americano. Com renda *per capita* similar encontram-se, na América do Sul, a Bolívia e o Paraguai; na América Central, Honduras, e, no Caribe, o Haiti. Entretanto, a significação do Nordeste, no quadro do subdesenvolvimento latino-americano, salta à vista se se tem em conta que a população de todos esses países, considerada em conjunto, não alcança metade da nordestina.⁵⁶³

Observando as vicissitudes e disparidades do desenvolvimento na América espanhola

⁵⁵⁶ *Ibidem*, p. 161.

⁵⁵⁷ Carvalho, M., 1998.

⁵⁵⁸ Técnica é mais necessária do que dinheiro para o desenvolvimento, *Diário de Pernambuco*, 20/6/1959.

⁵⁵⁹ Só a industrialização poderá salvar a população nordestina, *Correio da Manhã*, 11/6/1959.

⁵⁶⁰ Silva, M., 1960.

⁵⁶¹ Furtado, 2019, pp. 163-167.

⁵⁶² “Essas conferências me permitem ordenar algo as ideias em evolução, pois constituem a única oportunidade que tenho para pensar em conjunto sobre o que estou fazendo” (*Ibidem*, p. 164).

⁵⁶³ *Idem*, 2009a, p. 89.

– as razões pelas quais uns países se desenvolviam e outros não – é que melhor percebi a natureza dos desequilíbrios regionais que hoje caracterizam esse subcontinente brasileiro. Imaginara-o, até então, um sistema único, onde a conveniência de cada uma das partes fosse a conveniência do todo, e a do todo o interesse de cada uma dessas mesmas partes. [...] à medida que fui percebendo as causas profundas que explicam o sentido das crescentes desigualdades regionais, passei a preocupar-me seriamente com o próprio destino da nacionalidade brasileira, com o nosso próprio destino de povo.⁵⁶⁴

Esse fenômeno de tão fácil observação, cujo estudo me acostumei a fazer com a objetividade de quem trabalha em laboratório, como técnico das Nações Unidas – a tendência das economias industriais, em razão de sua forma de crescer, a inibir o crescimento das economias primárias –, esse mesmo fenômeno está ocorrendo dentro de nosso país.⁵⁶⁵

O uso do repertório de experiências e conhecimentos adquiridos no exterior pelo ex-cepalino seria agenciado com particular ênfase na fase de criação da Sudene, quando era necessário utilizar diversos recursos para legitimar o novo organismo e projetar o economista, compensando a falta de capital político com um acervo de saberes teóricos e práticos no campo do desenvolvimento econômico com uma alta cotação na bolsa de valores políticos.

Em meados da metade de junho, Furtado esteve no Dasp para obter autorização de contratação de técnicos celetistas pela Sudene, que, no processo de sua criação, dependeu de “pessoas de nível mental mais elevado”⁵⁶⁶ emprestadas de outros órgãos públicos e treinadas no modelo da Cepal. Ainda no Rio de Janeiro, ele também se reuniu com o pessoal do Ministério da Fazenda, da Sumoc e do Banco do Brasil (BB) para destravar a liberação de recursos para o Nordeste retidos pelo “plano de economias” do governo federal – “O Codeno era uma proteção contra essa guilhotina”⁵⁶⁷ –, reduzir a taxa de depósitos bancários compulsórios para todos os estados da região (Bahia e Sergipe não eram contemplados até aquele momento), conseguir prioridade cambial para projetos de industrialização do sisal (da Bahia e Paraíba, principalmente) e criar facilidades bancárias para o financiamento das compras de algodão pela indústria têxtil nordestina. Furtado teve sucesso nessas tratativas e foi festejado pela imprensa⁵⁶⁸.

Nessas ocasiões, ativando seus contatos no andar superior da burocracia federal, de seu treino para a negociação – “capacidade conciliatória”⁵⁶⁹ – e seu capital de conhecimentos, ele acumulava vitórias e provava ser o escolhido para a missão apoteótica.

⁵⁶⁴ *Ibidem*, pp. 29-30.

⁵⁶⁵ *Ibidem*, p. 32.

⁵⁶⁶ *Idem*, 1958, p. 83.

⁵⁶⁷ *Idem*, 1997 [1989], p. 102.

⁵⁶⁸ Celso Furtado voltou do Rio: mais um bilhão e 500 milhões para o Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 20/6/1959.

⁵⁶⁹ Colombo, 2015, p. 85.

De volta ao Recife, no dia 22, ele coordenou uma reunião com técnicos, inspetores e diretores rodoviários do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (Dner) para organizar um plano viário para o Nordeste. Nessa oportunidade, Furtado contrariou a proposta de engenheiros do Dner de construir ferrovias e rodovias paralelas, apontando o risco de vias “antieconômicas”, que ele vira na Venezuela, e defendendo o critério da “hierarquia operacional” na elaboração e execução do plano viário regional⁵⁷⁰. No episódio ficou evidente o embate engenheiros vs. economistas – entre os princípios norteadores de suas percepções conflitantes dos problemas e das soluções para a região – e o agenciamento da rica experiência internacional de Furtado como um recurso raro e que reforçava sua autoridade técnica.

No final de junho, Furtado visitou o IJN de Gilberto Freyre. O economista procurou o apoio do sociólogo pernambucano com prestígio nacional e internacional, e que era a principal autoridade intelectual do Nordeste, e, por extensão, das “tropas gilbertianas”⁵⁷¹. O udenista apoiara Juarez Távora (UDN/CE) na eleição presidencial de outubro de 1955 e, apesar de não opor resistência explícita, olhava com desconfiança e reserva o novo plano do governo federal para a região⁵⁷².

Quanto aos governadores dos estados do Nordeste, superadas as resistências iniciais e a preocupação com a criação de hegemonias intrarregionais (estados mais dinâmicos vs. estados menores), eles hipotecaram apoio ao economista imaginando, provavelmente, que o levariam a palma: “Cada dia o sr. Celso Furtado nos surpreende com a apresentação de um aspecto novo dos problemas nacionais e nordestinos, e o faz de uma maneira objetiva e matematicamente convincente”⁵⁷³. Eles endossaram a retórica da “unidade” do Nordeste acima dos interesses político-partidários, embora, na prática, atuassem para privilegiar interesses estadualistas⁵⁷⁴ – “Só os chamados grandes estados da região, Bahia e Pernambuco, os mais contemplados no planejamento da Sudene, falavam em tom regional”⁵⁷⁵.

Neste período, em meio a muitas viagens, conferências, reuniões e entrevistas, Furtado se sentia autoconfiante, vendo a si próprio como um “herói”^{576 577}. É assim que Furtado aparecia

⁵⁷⁰ Ponte sobre o Rio São Francisco (CR\$ 80 milhões): economia superior a 100 quilômetros de estrada, *Diário de Pernambuco*, 23/6/1959.

⁵⁷¹ Galindo, 2022, p. 51.

⁵⁷² A tentativa de Furtado de ter Freyre como um aliado fracassou e eles protagonizaram embates no Conselho Deliberativo da Sudene. Ver capítulo 4.

⁵⁷³ Dinarte Mariz absolutamente confiante na ação do Codeno – Elogio a Celso Furtado e Cid Sampaio, *Diário de Pernambuco*, 2/7/1959.

⁵⁷⁴ Lima, M., 2009.

⁵⁷⁵ *Ibidem*, p. 229.

⁵⁷⁶ Furtado, 2019, p. 156.

⁵⁷⁷ “Há uma grandeza que se alcança pela arte. A grandeza dessa virilidade, desse enfrentar o mundo com sua própria inspiração. [...]. Mas também há uma grandeza em enfrentar o mundo simplesmente como ele é, em

na edição de 26 de junho de 1959 da revista *Visão*, que estampou na capa a imagem de perfil de um austero e resoluto Furtado – postura e expressão característicos de seu “equipamento de sinais”⁵⁷⁸ – com o título “Nordeste arranca com Celso Furtado”. Cada vez mais assediado por empresários, jornalistas (brasileiros e estrangeiros), políticos, estudantes, militares, religiosos, intelectuais e sindicalistas, e aproveitando sua crescente credibilidade política no país, Furtado intensificou sua agenda de viagens e compromissos.

De todos os lados brotavam adesões. [...]. Aonde eu chegava para falar, logo se manifestava um entusiasmo contagiante. Universidades, associações de classes, corporações militares, cenáculos religiosos, por toda parte eu encontrava ouvintes interessados, um estado de expectativa favorável. Choviam perguntas, mas, na sua grande maioria, motivadas pelo desejo de obter resposta positiva.⁵⁷⁹

No primeiro dia de julho, na reunião do Conselho Deliberativo do Codeno, no Recife, Furtado prestou contas de suas conversas com o Ministério da Fazenda e a Sumoc na capital federal para financiar os planos de eletrificação, irrigação e transportes, e atualizou os conselheiros sobre a situação das emendas apresentadas pelo Codeno ao projeto de lei da Sudene no Senado. Propôs, também, que os governadores se reunissem em caráter extraordinário no Rio de Janeiro para pressionar os parlamentares e o governo federal no sentido de acelerar a aprovação daquelas emendas⁵⁸⁰, o que ocorreu no dia 7 com uma “repercussão explêndida”^{581 582}. O encontro dos governadores na capital federal foi interpretado pelos adversários do governo Kubitschek como uma “manobra” para “retirar a Jânio um campo de fácil exploração demagógica” – “Fiz chegar ao conhecimento de Juscelino minha iniciativa e a ele lhe pareceu boa”⁵⁸³.

No dia 3 de julho, Furtado participou de uma reunião no BNDE para discutir questões ligadas à revista *Econômica Brasileira*. No dia 9, o economista coordenou uma reunião dos industriais têxteis no Sindicato da Indústria Têxtil de Pernambuco e foi entrevistado pelo *Correio da Manhã*, quando, dramatizando o espírito dinâmico e construtivo do novo órgão regional, prestou contas das atividades do Codeno e desfilou uma profusão de números. Um ponto essencial de seu discurso político, Furtado frisou a “unidade de pensamento” e o “espírito

enfrentar essa porca realidade. Em tentar transformá-la. O artista pode criar um mundo extraordinário fora da realidade, mas só o herói é capaz de transformar essa realidade” (*Ibidem*, p. 156).

⁵⁷⁸ Goffman, 2011, p. 35.

⁵⁷⁹ Furtado, 1997 [1989], p. 90.

⁵⁸⁰ Ata da primeira sessão da reunião do Codeno de 1 de jul. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 23/3/2023.

⁵⁸¹ Ata da primeira sessão da reunião do Codeno de 5 de ago. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 24/3/2023.

⁵⁸² Governadores do Nordeste apelam para o aceleração do projeto da Sudene, *Correio da Manhã*, 8/7/1959.

⁵⁸³ Furtado, 2019, p. 171.

de confiança" entre o governo federal e os estados do Nordeste⁵⁸⁴. Demonstrando eficiência, anunciou, também, que os grupos de trabalho do Codeno avançavam no estudo dos setores estratégicos da economia nordestina^{585 586}. Disse ainda que o Codeno já conseguira constituir “um dos melhores grupos de técnicos de que dispomos no país”⁵⁸⁷.

Ainda em julho, no Congresso Nacional, avançava a tramitação do projeto de lei da Sudene. Em cooperação com a Cepal, o BNDE, a Codepe, o BNB e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Codeno organizou seu primeiro CTPDE com especialistas latino-americanos e brasileiros. Com divulgação na imprensa local, o Codeno iniciou a seleção de “elementos capazes”, de nível superior e que receberiam salários competitivos. Os contratados ganhariam uma cota do prestígio da nova política regional de desenvolvimento e, em contrapartida, deveriam lealdade e participariam do “espírito de equipe” da nova autarquia federal⁵⁸⁸.

Demonstrando ter capital político próprio, Furtado conseguiu do Ministério da Fazenda a ampliação do perímetro de ação do BNB (até então circunscrito aos limites do “Polígono das Secas”⁵⁸⁹) à área instituída pela Sudene, que incluía a Bahia e o Maranhão. Cresciam as expectativas em torno da liderança de Furtado e das realizações do Codeno, órgão com uma estrutura administrativa “simples”, “flexível”, “enxuta” e “desburocratizada”. Cada vez mais compenetrado no desempenho de seu papel, o economista escreveria no seu diário em 6 de julho de 1959:

A essência da liderança está na confiança que inspira, na sensação de segurança que

⁵⁸⁴ Codeno espera iniciar a construção da 1ª usina siderúrgica do Nordeste, brevemente, *Correio da Manhã*, 9/7/1959.

⁵⁸⁵ *Ibidem*.

⁵⁸⁶ Os grupos de trabalho do Codeno eram os seguintes: transportes (Genival Barbosa era o técnico responsável), eletrificação (Walter Rocha de Oliveira, João Dutra Filho, Luiz Magalhães Botelho e Alvino de Araújo Pereira organizavam os trabalhos), irrigação, abastecimento, indústrias metalúrgicas (o engenheiro José Moacir Tenório era seu chefe), indústrias têxteis (integravam o grupo os engenheiros Jacob Simmesson, Arthur Werner e José Carmelo Rodrigues, e os economistas Dirceu Figueiredo Neto, José Carmelo Malheiros e Ney Braga Rodrigues, que era o principal responsável), indústrias siderúrgicas (coordenado por Francisco Nelson Chaves), recursos minerais, Nordeste Ocidental (Ceará, Piauí e Maranhão), emergência contra as secas (comandado por Jorge Furtado e Mário Magalhães), reorganização da zona semiárida (Estevam Strauss era o responsável), agropecuária das zonas úmidas, colonização e povoamento, educação, saúde (chefiado por Antonio Barreto Gonçalves), sisal, investigação tecnológica, recuperação da cultura algodoeira e coordenação das atividades monetárias e fiscais (Codeno funciona sem complicações burocráticas, *Diário de Pernambuco*, 18/7/1959).

⁵⁸⁷ Codeno espera iniciar a construção da 1ª usina siderúrgica do Nordeste, brevemente, *Diário de Pernambuco*, 10/7/1959.

⁵⁸⁸ Codeno funciona sem complicações burocráticas, *Diário de Pernambuco*, 18/7/1959.

⁵⁸⁹ “O prolongado período seco anual – que corresponde a uma parte do outono, ao inverno inteiro e à primavera em áreas temperadas – acentua o calor das pressões interplanálticas existentes além ou aquém do alinhamento de terras altas da Chapada do Araripe (800 a 1.000 m) e do Planalto da Borborema (670 a 1.100 m). Assim, do norte do Ceará ao médio vale inferior do São Francisco, do norte do Rio Grande do Norte ao interior de Pernambuco, de Alagoas e de Sergipe, em faixas sublitóreas da Bahia até o sertão de Milagres, no município de Amargosa, instaura-se o império da aridez sazonal” (Ab’Saber, 2003, pp. 84-85).

irradia. A maioria dos que estão perto de mim confia em que realmente sei aonde vou, sei o que quero. E na verdade cada dia tenho mais confiança em mim mesmo nessa luta. Se me derem as armas eu chegarei aonde quero, e tenho fé em que mudarei o curso das coisas no Nordeste.⁵⁹⁰

No dia 23, no Recife, o economista se reuniu com banqueiros, industriais e usineiros na Associação Comercial de Pernambuco. Como era praxe, Furtado performou seu “espírito público” e sua competência profissional, prometendo “disciplina”, “eficácia” e “racionalidade” nos investimentos (públicos e privados) na região e agilidade estatal na concessão de facilidades cambiais e fiscais para as empresas interessadas em investir no Nordeste “sem precisar que os interessados peregrinassem de repartição em repartição para obter registro de câmbio, redução de tarifas de importação e câmbio favorecido”⁵⁹¹. Utilizando sua capacidade técnica como uma garantia, e prometendo a simplificação dos processos burocráticos, o economista buscava dirimir a resistência de agentes econômicos propensos a desconfiar do intervencionismo estatal.

Nesse encontro com os empresários pernambucanos, Furtado, que buscava se construir como um economista científico contra o bacharelismo vigente no mundo intelectual e político brasileiro – “A época das avaliações subjetivas já está superada”⁵⁹² –, frisou ser um homem com os “pés no chão” e ter “objetivos práticos”⁵⁹³.

À propósito de uma biografia, distribuída na ocasião, o economista Celso Furtado declarou não ser um “escritor de livros ou artigos”. Acrescentou que o Nordeste já tem um elevado número de polígrafos, sociólogos e poetas vencedores dos grandes prêmios literários. No seu caso, a biografia apresentada não era fiel: disse ser um homem de “pés no chão”, que não deseja competir no campo literário, no terreno da simples especulação teórica.⁵⁹⁴

No final do mês, Furtado reuniu técnicos da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (Ancar) e da Codepe para organizar o plano do Codeno na frente agrícola, prevendo a criação de comunidades agrícolas irrigadas no vale do rio São Francisco. Reuniu-se, também, com representantes do SSR e do Conselho Nacional de Geografia. Nesse ínterim, crescia o capital político de Furtado, que recebeu um convite para conversar com o marechal legalista Henrique Teixeira Lott (1894-1984), ex-ministro da Guerra de Kubitschek e o candidato governista à Presidência da República contra a “incógnita Jânio”, e integrar seu

⁵⁹⁰ Furtado, 2019, p. 172.

⁵⁹¹ Problema de irrigação do Nordeste em pauta na próxima reunião do Codeno, em Teresina, *Diário de Pernambuco*, 24/7/1959.

⁵⁹² Furtado, 1958, p. 65.

⁵⁹³ Problema de irrigação do Nordeste em pauta na próxima reunião do Codeno, em Teresina, *Diário de Pernambuco*, 24/7/1959.

⁵⁹⁴ *Idem*.

“Estado-Maior”⁵⁹⁵.

O apoio à política de desenvolvimento do Nordeste se ampliava no interior do governo e também entre os governadores de estados da região, que, inicialmente resistentes à Sudene e à liderança do economista, logo perceberam os lucros políticos com o novo estado de coisas instituído pela Opepo – “Quando as pessoas entenderam que Furtado significava *business*, a atmosfera mudou”⁵⁹⁶.

O Parsifal [José Parsifal Barroso, governador do Ceará crítico do Codeno] deu entrevista hoje afirmando que a Operação Nordeste deveria ser colocada acima de quaisquer compromissos partidários nas próximas eleições presidenciais. A ideia está vingando. Cada dia mais me convenço de que essa ideia deverá ser levada efetivamente mais a sério.⁵⁹⁷

No dia 5 de agosto, Furtado e os técnicos da Ancar voltaram a discutir a integração dos projetos de extensão rural daquele órgão com a Opepo. No mesmo dia, em Teresina/PI, o Conselho Deliberativo do Codeno se reuniu para discutir o “plano de emergência” do grupo de trabalho de prevenção aos efeitos das secas (convênio Codeno, Dnocs, BNB, CVSF, Dner e batalhões de engenharia)⁵⁹⁸ e o projeto de lei de Irrigação – “No que respeita ao fortalecimento da economia da região semiárida, temos que enfrentar o problema da irrigação como primeira *linha de combate*. [...] a grande *linha de defesa* da região contra o eventual impacto das secas”⁵⁹⁹.

Elaborada por José Guimarães Duque (1903-1978), Vinicius Berredo – “o último homem da era de ouro do Dnocs”⁶⁰⁰ – e Estevam Strauss – “três mestres da agronomia nordestina”⁶⁰¹ –, a lei de Irrigação do Codeno se baseou em experiências internacionais e visou a regulamentação do uso das águas e das terras nas bacias de irrigação beneficiadas com dinheiro público (Orós/CE, Açú/RN, São Gonçalo/PB, sistema Piranhas/RN e PB, dentre as maiores) e a criação de uma policultura irrigada com uma classe de agricultores regantes na região e de “uma agricultura economicamente estável, capaz de aumentar a oferta de alimentos dentro da região”⁶⁰² – “Era *atacar de frente* a cidadela da indústria da seca”⁶⁰³.

⁵⁹⁵ Furtado, 2019, pp. 174-175.

⁵⁹⁶ Hirschman, 2009, p. 189.

⁵⁹⁷ Furtado, 2019, p. 174.

⁵⁹⁸ Ata da primeira sessão da reunião do Codeno de 5 ago. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 24/3/2023.

⁵⁹⁹ Furtado, 2009a, pp. 80-81, itálico nosso.

⁶⁰⁰ Hirschman, 2009, p. 185.

⁶⁰¹ Furtado, 1997 [1989], p. 110.

⁶⁰² Ata da segunda sessão da reunião do Codeno de 5 ago. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 24/3/2023.

⁶⁰³ *Idem*, p. 108, itálico nosso.

Contando com a retaguarda da imprensa do Sudeste do país para “*medir forças em campo raso* com o núcleo duro do latifundismo”⁶⁰⁴, Furtado saiu em defesa de seu projeto de “reforma agrária de acordo com a situação nordestina”⁶⁰⁵. “Uma linha divisória” entre apoiadores e adversários da Sudene⁶⁰⁶, o anteprojeto contrariou as oligarquias agrárias ao prever a desapropriação de terras por “interesse social” e foi combatido pelos parlamentares e governadores nordestinos de diversas filiações partidárias, inclusive petebistas do Ceará, que viram a proposta como uma ameaça à “tranquilidade social”⁶⁰⁷.

Com o impasse no Conselho Deliberativo em torno do anteprojeto, o coronel Afonso Augusto de Albuquerque Lima, representante das Forças Armadas no Conselho, encurralou os conselheiros contrários à lei de irrigação e desempatou a discussão em favor da posição de Furtado ao afirmar que a proposta era uma “corajosa e oportuna iniciativa” para mudar os “alicerces econômicos da região nordestina” contra “uma poderosa classe de grandes proprietários de terras”⁶⁰⁸. Aprovado pelo Conselho Deliberativo do Codeno e pela Presidência da República, o anteprojeto terminou derrotado no Congresso Nacional.

O coronel Afonso Albuquerque, futuro diretor geral do Dnocs e ministro para a Coordenação dos Órgãos Regionais (Mecor) na segunda metade da década de 1960, também foi contrário à exclusão do Dnocs dos planos da Sudene, como pretendiam “a velha classe latifundiária-feudal”⁶⁰⁹ e seus representantes no Congresso Nacional⁶¹⁰, indicando o apoio dos militares à Openo.

Segundo Francisco de Oliveira, ex-superintendente-adjunto da Sudene (1959-1964), a “esperteza” de Furtado foi colocar militares no Conselho Deliberativo do órgão regional⁶¹¹. Ex-aspirante a oficial da F.E.B. e prestigiado no Exército, o economista arregimentou pessoal militar para criar a Sudene e concedeu uma cadeira permanente no Conselho Deliberativo para as Forças Armadas.

Naquela época [...] o Exército tinha uma plêiade de oficiais muito bem formados que não tinham nada o que fazer, desde que a guerra tinha passado e então ele [Furtado] requisitou topógrafos, cartógrafos, engenheiros, geólogos, tudo lá; e com isso preencheu, no início, os quadros da Sudene. Depois entrou num período de formação dos nossos próprios quadros.⁶¹²

⁶⁰⁴ Furtado, 1997 [1989], p. 108, itálico nosso.

⁶⁰⁵ Reforma agrária pode começar já, *Diário de Pernambuco*, 13/9/1959.

⁶⁰⁶ Hirschman, 2009, p. 189.

⁶⁰⁷ Restrições ao latifúndio – Ante-Projeto da Lei de Irrigação debatido no Codeno: verdadeira reforma agrária no Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 6/8/1959.

⁶⁰⁸ *Ibidem*.

⁶⁰⁹ Furtado, 1964, p. 157.

⁶¹⁰ Codeno vencerá a batalha contra a exclusão do Dnocs, *Diário de Pernambuco*, 4/11/1959.

⁶¹¹ Oliveira, F., 2015, p. 59.

⁶¹² *Ibidem*, p. 59.

Contou a favor, também, os laços familiares de Furtado com um quadro do alto comando militar. Ele era primo de segundo grau do general Antônio Henrique Almeida de Moraes (1906-1972), “um dos oficiais mais brilhantes de sua geração, estudioso dos problemas do país”⁶¹³, e o dono de “uma bela brasileira”⁶¹⁴, que Furtado frequentou quando chegou no Rio de Janeiro para cursar a Universidade do Brasil no final da década de 1930.

Ainda major, Antonio Henrique integrou a F.E.B. na Itália, onde comandou a 2ª e 3ª Seções de Estado Maior⁶¹⁵. Na década de 1950, ele já era coronel de artilharia e comandante do 1º Grupo de Canhões Automáticos Antiaéreos. Um integrante do alto comando militar, ele viveu a crise nacional ocasionada pelo “Atentado da Tonelero” (1954), participando ativamente dos entendimentos para preservar a unidade das forças militares divididas entre o apoio e a oposição ao governo Vargas⁶¹⁶. No final da década de 1950, coincidindo com o período de criação da Sudene, ele foi chefe da 7ª Região Militar (com sede no Recife), tornando-se um informante privilegiado de Furtado.

Esse contato familiar foi útil para que o economista tivesse acesso à “opinião dominante” na corporação militar acerca da “intranquilidade social” na região⁶¹⁷ e pudesse manipular a apreensão dos militares com o ambiente de agitação social no Nordeste, especialmente as Ligas Camponesas, que eram vistas como uma ameaça à “unidade nacional” e à ordem social.

Em 1960, o general Antonio Henrique, que passaria ao comando da 1ª Região Militar no Rio de Janeiro^{618 619}, foi substituído no comando da 7ª Região Militar pelo general Djalma Dias Ribeiro, que era o pai da esposa de Jorge Furtado (irmão de Celso e diretor da Sudene)⁶²⁰ e que “acompanhava nosso trabalho e procurava desfazer as intrigas contra nós que surgiam nos altos escalões do Ministério da Guerra”⁶²¹.

O vínculo com um alto quadro da caserna e a socialização primária do ex-febiano, educado em uma família com ligações militares e com participação na Guerra de Canudos⁶²², o

⁶¹³ Furtado, 1997 [1989], p. 112.

⁶¹⁴ *Ibidem*.

⁶¹⁵ Moraes, A., 1953.

⁶¹⁶ Moraes, J., 2014.

⁶¹⁷ Furtado, 1997 [1989], p. 112.

⁶¹⁸ Ministério da Guerra, 1947.

⁶¹⁹ O general Antonio Henrique seria detido pelo general “castelista” Jurandir de Bizarria Mamede (1906-1998) na noite de 31 de março de 1964 (Ramos, s.d.).

⁶²⁰ D’Aguiar, 2022.

⁶²¹ Furtado, 1997 [1989], p. 113.

⁶²² “Em minha infância ainda se falava disso. Parentes meus participaram dessa guerra e me contavam as histórias mais horripilantes” (*Idem*, 1999b, p. 69).

cultivo de valores militares (autoridade, disciplina e hierarquia) no ambiente doméstico – como visto acima, Maurício Furtado exerceu funções militares paralelas à carreira jurídica – facilitaram o entendimento do idealizador da Sudene com as Forças Armadas, que ele admirava.

[...] tinha duas coisas que ele [Celso Furtado] prezava muito, o concurso dele do Dasp, de servidor público, e em segundo lugar ter sido voluntário da FEB. Isso de voluntário da F.E.B. teve enorme importância, porque, “d’un autre temps”, o Exército era muito presente nas instituições civis.⁶²³

Conhecidos esses antecedentes, é possível concluir que não foi difícil para Furtado conquistar a adesão dos militares para seu projeto de desenvolvimento do Nordeste, mobilizando seus valores e temores: “Se tal fenômeno [a cristalização das desigualdades regionais] vier a ocorrer no Brasil, país de grande extensão geográfica, a formação de grupos regionais antagônicos poderá ameaçar a maior conquista de nosso passado: a unidade nacional”⁶²⁴. Além do mais, Furtado já era conhecido e respeitado no alto comando militar como um conferencista especializado nos problemas da economia brasileira e latino-americana e atuou para estreitar esse canal no processo de criação da Sudene.

Tampouco causa estranhamento a presença do jargão militar na redação do “Relatório do GTDN”, no próprio nome “Operação Nordeste”, nos livros e nos discursos de Furtado (“batalha”, “guerra”, “confronto”, “estratégia”, “plano”, “missão”, “campanha”, “conquista”, “comando”, “retirada”, “teatro de operações”, “marchar”, “retaguarda”, “ataque”, etc.)⁶²⁵. Não é surpresa, também, a presença de militares no “Exército de Brancaleone”⁶²⁶ da Sudene para ajudar a “atacar o problema do Nordeste”⁶²⁷ – “Eram vários [militares], quase todos especialistas, que trabalhavam sob minhas ordens na Sudene e nas empresas por ela criadas”⁶²⁸
629.

⁶²³ Oliveira, F., 2015, p. 68.

⁶²⁴ Furtado, 2009a, p. 34.

⁶²⁵ Por ocasião das discussões em torno da elaboração do II Plano Diretor da Sudene, Furtado afirmou que os trabalhos se desenvolviam “dentro dos esquemas previstos, como nos comunicados de guerra” (Sudene adiou debate do 2º Plano Diretor, *Diário de Pernambuco*, 6/9/1962).

⁶²⁶ Oliveira, F., 2003, p. 107.

⁶²⁷ Furtado, 2009a, p. 57.

⁶²⁸ *Idem*, 1997 [1989], p. 117.

⁶²⁹ Dentre os militares que trabalharam na Sudene, o major Alvarino de Araújo Pereira de Albuquerque era mais próximo de Furtado. Nascido em 1923, o paraibano se tornou oficial de engenharia na Escola Militar do Realengo (1940-1943) e foi tenente-instrutor de pontes, rádio e telefonia do 5º Batalhão de Engenharia (1945-1947). Na década de 1950, Alvarino se formou em Engenharia Militar e Civil no Instituto Militar de Engenharia (IME), trabalhou no Ministério da Guerra na década de 1950 e foi engenheiro-chefe da Divisão Técnica do Serviço de Obras do Quartel-General da 5ª Região Militar em Curitiba. Em 1958, foi promovido para engenheiro-chefe do Serviço Técnico do 1º Grupamento de Engenharia do Nordeste em João Pessoa, onde dirigiu obras rodoviárias, ferroviárias e a construção de aterros e barragens. No final de 1959, no Recife, ele participou do Curso do Codeno-Cepal-BNDE. Emprestado ao Codeno, se tornou chefe da Divisão de Energia do Departamento de Infraestrutura (Dinfra). Alvarino coordenou a elaboração do programa de eletrificação do I Plano Diretor da Sudene. Em abril

O economista com a aspiração de ser o estadista de sua geração, e que obtivera uma formação intelectual positivista⁶³⁰, compartilhava com os militares o interesse pelas questões de Estado, da formação da nação, da preservação da integridade do território brasileiro, do desenvolvimento nacional, assim como a preocupação com a “ordem social” e a “unidade nacional”, que, naquele período, estavam ligadas diretamente à problemática do “desenvolvimento”. Possuíam em comum, em síntese, a propensão e paixão para coordenar, disciplinar, planejar e comandar, o que tornava o discurso de Furtado sobre a complexidade e a urgência dos problemas do país e da região particularmente sensível aos ouvidos militares.

Aproximadamente duas terças partes do território nacional constituem imenso vazio demográfico e econômico. Em cerca de cinco e meio milhões de quilômetros quadrados residem pouco mais de sete milhões de habitantes. É possível que seja esse, além do Saara, o mais extenso vazio econômico existente na superfície ocupada do globo terrestre.⁶³¹

O Nordeste, essa região de 25 milhões de habitantes que vai do Maranhão à Bahia, constitui a mais extensa dentre as zonas de mais baixo desenvolvimento, ou mais agudamente subdesenvolvidas, de todo hemisfério ocidental, comparável a alguns países do Caribe, ao Paraguai, à Bolívia.⁶³²

Cabe pontuar, também, que, no final da década de 1950, os militares eram muito atuantes na administração pública (nos grupos executivos, no MVOP, na Sudene, na SPVEA, etc.) e tutelavam o poder civil⁶³³. O engenheiro militar e vice-almirante Lúcio Meira (1907-1991), presidente do BNDE (1959-1960), ex-ministro da Viação e Obras Públicas (1956-1959), ex-diretor da Subcomissão de Jipes, Tratores Caminhões e Automóveis (1951-1954) e criador

de 1964, provavelmente por sua ligação com Furtado, ele foi posto na reserva do Exército e terminou afastado da Sudene. Sua carreira no setor enérgico foi continuada na Chesf (1964-1974), na Eletrobrás (1975-1990), na Companhia de Energia de Pernambuco (Celpe), na Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), na Companhia Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras (CAEEB) e no Departamento Nacional de Águas e Energia (Dnae) (Memória da Eletricidade, verbete Alvarino Pereira). Outro nome relevante na história da Sudene foi o engenheiro militar Cesar Cals de Oliveira Filho (1926-1991). Egresso da Escola Militar do Realengo na década de 1940, e com formação em Engenharia Elétrica e Civil no IME e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), respectivamente, ele foi responsável técnico pelo serviço de luz de Fortaleza (1957-1960), ajudou a estruturar a Divisão de Energia da Sudene, presidiu a Companhia Nordeste de Eletrificação de Fortaleza (Conefor), foi presidente da Coebe (1963-1970), diretor e conselheiro da Eletrobrás (1967-1970) e presidente das Centrais Elétricas do Maranhão (Cemar). Indicado pelo presidente Médici (1970-1975), ele também foi governador do Ceará na década de 1970, se tornou senador biônico pela Arena e foi ministro de Minas e Energia de João Batista Figueiredo (1980-1985) (CPDOC-DHBB, verbete César Cals). Outros militares, como o coronel Humberto Duarte Rangel, que foi chefe do Grupo de Águas de Superfície, tiveram papel importante no DRN (É tempo de saber do tempo, *Sudene Informa*, v. 7, n. 7-8, p. 19, 1969). Vale sublinhar que o 1º Grupamento de Engenharia do Ministério da Guerra foi um aliado da Sudene e ajudou no levantamento cartográfico e aerofotogramétrico, na execução de obras rodoviárias e na implantação da rede de estações meteorológicas na região (Metereologia, *Sudene Informa*, v. 1, n. 5, p. 17, 1967; Convênios celebrados pela Sudene para execução de obras ou serviços de fevereiro a dezembro de 1963, *Sudene Informa*, v. 1, n. 4, pp. 17-18, 1962).

⁶³⁰ Furtado, 1997 [1985].

⁶³¹ *Idem*, 1958, p. 10.

⁶³² *Idem*, 2009a, p. 37.

⁶³³ Benevides, 1976.

do Grupo Executivo da Indústria Automobilística (Geia)⁶³⁴, foi outro aliado estratégico de Furtado.

Como se pode observar, a criação da Sudene e a construção do capital político de Furtado dependeram estreitamente das “afinidades eletivas” entre o economista com um *habitus* de estadista e os militares, que hipotecaram seu apoio irrestrito à nova política regional de desenvolvimento. É prova do reconhecimento e prestígio do chefe da Ope no nas forças militares sua distinção com a comenda de “Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar”⁶³⁵, de “Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval”⁶³⁶ e, em 11 de junho de 1963, com a medalha do “Mérito Tamandaré” do Ministério da Marinha. Essas distinções foram subtraídas pelo regime de 1964 e restituídas décadas mais tarde no governo José Sarney (1985-1990).

Entre julho e agosto de 1959, Furtado defendeu seu plano para o Nordeste na Comissão Especial de Estudos da Seca do Senado e se reuniu com Kubitschek, ministros e empresários sudestinos interessados em investir na região⁶³⁷. No dia 20 de agosto, ele se reuniu com Teixeira Lott⁶³⁸. Como de hábito, o coordenador da Ope suspeitou das intenções e criticou a “inabilidade” política do marechal, que, em uma entrevista para a imprensa, declarara a inexistência do “problema Nordeste”⁶³⁹. Após ouvir Lott sobre o uso político potencial do plano de “recuperação” da região pelos pré-candidatos udenistas à Presidência (Juracy Magalhães e Jânio Quadros), Furtado o julgou um despreparado:

Parecia-me estar ouvindo Guerreiro Ramos ou outros “sociólogos” que entre nós opinam sobre problemas econômicos. [...]. Via apenas o aspecto político imediato. [...]. Saí pensando como seria complicado o governo deste país por esse homem. Pareceu-me incapaz para discernir o que é realmente importante daquilo que é secundário. [...]. Se não parece ter qualidades de estadista, tampouco as tem de político.⁶⁴⁰

Ainda se referindo ao marechal, o economista *doublé* de político escreveria uma passagem em seu diário que evidencia a ambiguidade de sua posição na arena política naquele período:

Ora, o manifesto de união do Nordeste havia sido concebido por mim e por mim redigido com o objetivo de tirar o Nordeste da exploração demagógica de Jânio que se anuncia claramente. Reduzindo a possibilidade de exploração por parte de Jânio,

⁶³⁴ CPDOC-DHBB, verbete Lúcio Martins Meira.

⁶³⁵ Foram discutidos problemas do algodão e sal: problemas, *Diário de Pernambuco*, 5/9/1963.

⁶³⁶ Ordem do mérito, Marinha concede a personalidades, *Diário de Pernambuco*, 27/11/1962.

⁶³⁷ Problema da irrigação do Nordeste em pauta na próxima reunião do Codeno, em Teresina, *Diário de Pernambuco*, 24/7/1959.

⁶³⁸ Furtado, 2019, p. 176.

⁶³⁹ *Ibidem*, p. 176.

⁶⁴⁰ *Ibidem*, pp. 176-177.

estávamos reforçando a posição dele [Lott]. Evidentemente não pude fazer referência a este ponto, pois não sou “político”. Não sabendo aproveitar a coisa, ele deixou campo aberto para Juracy [Magalhães] e todo o problema se complicou.⁶⁴¹

Nos dias 24 e 25 de agosto, em Fortaleza, Furtado se encontrou com o governador do Ceará, o prefeito de Fortaleza e o presidente da Chesf para traçar um “plano de emergência” para fornecer energia elétrica ao estado e iniciar a construção das linhas de distribuição da energia de Paulo Afonso⁶⁴², amortecendo a animosidade da oligarquia cearense contra a Sudene. À noite, ele fez uma conferência sobre os problemas do Nordeste na Universidade do Ceará⁶⁴³. No dia 31, ocorreu a reunião do Conselho Deliberativo do Codeno⁶⁴⁴.

Nos meses de setembro e outubro se acirrou o debate legislativo em torno da criação da Sudene. A convite de Furtado, o jornalista Antonio Callado (1917-1997) viajou para o Nordeste e publicou uma série de reportagens no *Correio da Manhã* (entre os dias 10 e 23 de setembro e 29 de novembro e 2 de dezembro) denunciando a “indústria da seca” como um grande negócio dos latifundiários “abastados” e “ausentes”⁶⁴⁵. Callado revelou as manobras contra o projeto de lei de irrigação do Codeno e as articulações palacianas dos “politiqueiros” favoráveis à “emenda Argemiro”⁶⁴⁶.

Com a repercussão das reportagens de Callado, o debate legislativo em torno da Sudene se converteu em um tema central do debate nacional. Entre os deputados nordestinos anti-Sudene, e sob a iniciativa do cearense José Cândido Pessoa, diretor do Dnocs entre as décadas de 1950 e 1960, circulou uma ficha policial de Furtado apontando-o como um agente da Internacional Comunista – “O José sentiu que havia tirado o bilhete grande”⁶⁴⁷. As pechas de “comunista”, “elemento perigoso”, “esquerdizante”, “marxista leninista” e outras acusações semelhantes – inclusive de “homossexualismo”⁶⁴⁸ – foi a principal estratégia dos adversários para minar a credibilidade do economista⁶⁴⁹.

No entanto, a tentativa de estigmatizá-lo surtiu pouco efeito devido ao fato de que a familiaridade precoce de Furtado com o Estado, sua ampla rede de relações (nacional e internacional, intra e extra-estatal), seus trunfos (culturais, científicos e sociais) e seu crescente

⁶⁴¹ *Ibidem*, p. 176.

⁶⁴² Ata da primeira sessão da reunião do Codeno de 1 set. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 24/3/2023.

⁶⁴³ Regressou de Fortaleza, *Diário de Pernambuco*, 25/8/1959.

⁶⁴⁴ Representantes de governadores para a reunião do Codeno, hoje, *Diário de Pernambuco*, 1/9/1959.

⁶⁴⁵ Callado, 1960.

⁶⁴⁶ *Ibidem*.

⁶⁴⁷ Furtado, 2019, p. 182.

⁶⁴⁸ Hirschamn, 2009, p. 189.

⁶⁴⁹ D’Aguiar, 2009, pp. 16-17; Barboza e Ribas, 2021, p. 290.

capital político tiveram o efeito de blindar suas ideais heréticas, que não eram vistas por diversos setores da sociedade brasileira (inclusive conservadores) como uma ameaça à ordem social.

Na reunião do Conselho Deliberativo do Codeno do primeiro dia de setembro, Furtado trouxe boas notícias para o algodão, a xelita e o sisal do Nordeste, que teriam seus preços fixados e sua produção financiada pelo governo federal. As negociações exitosas do economista com os Ministérios da Fazenda e da Agricultura e o Banco do Brasil tinham o efeito de servir como fatos confirmatórios das qualidades do economista como uma nova liderança política⁶⁵⁰.

Em uma entrevista coletiva no dia 3, Furtado resumiu os avanços dos grupos de trabalho do Codeno responsáveis pelos planos rodoviário e de eletrificação do Nordeste. No mesmo dia, ele fez uma exposição na Assembléia Legislativa de Pernambuco sobre os trabalhos do Codeno⁶⁵¹. No dia 12, o economista foi para a imprensa defender o projeto de lei de Irrigação do Codeno e a validade do critério de "desapropriação por utilidade social"⁶⁵². No dia 18, ele desmentiu o "boato" de que pretendia concorrer à Presidência da República e disse querer a Sudene longe de "injunções políticas", reforçando a crença em seus propósitos superiores: "Minha única preocupação é a recuperação do Nordeste. Sou um homem apartidário, na chefia de um trabalho apartidário"⁶⁵³.

Em uma conferência na capital federal no dia 19, ele repetiu o "brado de alarma" a respeito dos riscos da "cristalização" das desigualdades regionais no país, que ensejariam tendências separatistas⁶⁵⁴, voltou a dizer que "a Openo é uma solução para os problemas brasileiros" e se contrapôs aos agentes políticos interessados exclusivamente em extrair dividendos eleitorais das obras públicas e cegos em relação às vantagens do planejamento⁶⁵⁵. Falou, também, da "revolução da assistência estatal no Brasil" representada pelo Codeno⁶⁵⁶. Em sua "via crucis", criticou o ministro da Fazenda do governo Kubitschek, que estaria protelando a liberação dos recursos para a Openo. Esse episódio era mais uma evidência da elevada autoridade de Furtado, que passava recado para ministros de Estado através da imprensa – "É

⁶⁵⁰ Ata da primeira sessão da reunião do Codeno de 1 set. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 24/3/2023.

⁶⁵¹ Celso Furtado na Assembléia, *Diário de Pernambuco*, 2/9/1959.

⁶⁵² Reforma agrária pode começar já, *Diário de Pernambuco*, 13/9/1959.

⁶⁵³ Celso Furtado diz que jamais será candidato, *Diário de Pernambuco*, 19/9/1959.

⁶⁵⁴ O discurso do subdesenvolvimento como uma ameaça à estabilidade política já era utilizado por Kubitschek na negociação da Operação Pan-Americana com os Estados Unidos (Almeida, M., 2009, p. 60; Silva, A. M., 1992, pp. 16-19).

⁶⁵⁵ Ministério não solta verba liberada pelo presidente, *Correio da Manhã*, 20/9/1959.

⁶⁵⁶ *Ibidem*.

preciso que o presidente chegue ao telefone e libere a verba. É pra valer seu ministro!”⁶⁵⁷.

Ainda em setembro, no dia 22, Furtado foi almoçar com Amaral Peixoto⁶⁵⁸, que era o presidente nacional do PSD e o ministro da Viação e Obras Públicas (MVOP). O Ministério abrigava o Dnocs, que era apoiado por Peixoto no episódio da “emenda Argemiro”. Nessa época, em uma manobra tática, o economista ameaçou demitir-se da Openo em virtude dos entraves políticos e das dificuldades burocráticas no governo federal para a liberação de recursos para o Nordeste. No final do mês, o diretor do Codeno participou da II Semana Nacionalista da Paraíba, evento organizado por estudantes universitários, setor em que era crescente sua credibilidade como um impulsionador das mudanças estruturais no Nordeste.

Em outubro, no dia 1, Furtado foi a João Pessoa participar da quarta reunião do Conselho Deliberativo do Codeno, que discutiu a política de eletrificação para o Nordeste e a emenda do senador Argemiro Figueiredo (PTB/PB) excluindo os recursos do Dnocs do controle da Sudene⁶⁵⁹. Para derrotar o senador – “meu maior inimigo nas brigas da Sudene”⁶⁶⁰ –, Furtado propôs aos conselheiros o envio de telegramas ao presidente da República, aos parlamentares nordestinos e aos presidentes dos partidos⁶⁶¹.

Ainda em outubro, o economista ergueu barricadas no Rio de Janeiro para derrotar a emenda, chegando a se encontrar com o ministro da Guerra e o chefe do Estado Maior das Forças Armadas (EMFA), que se comprometeram a conversar com Kubitschek para barrar a emenda no Congresso Nacional⁶⁶². Conversou, também, com os parlamentares nordestinos para defender a “reorganização dos planos de trabalho dos órgãos federais que operam na região”⁶⁶³ “acima de divergências partidárias e fronteiras políticas estaduais”⁶⁶⁴, argumentando que a exclusão do Dnocs dos planos da Sudene, “órgão que representa a última esperança de milhões de nordestinos”⁶⁶⁵, seria o fim do “planejamento global” e a continuidade da multiplicidade caótica de iniciativas e da fragmentação dos investimentos na região⁶⁶⁶. Confiante no papel que desempenhava, o economista novamente ameaçou renunciar ao comando do Codeno caso aprovada a emenda e reforçou a antinomia técnicos vs. políticos – “Problema é técnico, não

⁶⁵⁷ *Ibidem*.

⁶⁵⁸ Celso Furtado, tranquilo: inaltera a posição do governo JK para o Codeno, *Diário de Pernambuco*, 23/9/1959.

⁶⁵⁹ Ata da segunda sessão da quarta reunião do Codeno de 1 out. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 24/3/2023.

⁶⁶⁰ Furtado, 2009a, p. 273.

⁶⁶¹ Ata da primeira sessão da quarta reunião do Codeno de 1 out. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 24/3/2023.

⁶⁶² *Idem*.

⁶⁶³ Furtado, 2009a, p. 81.

⁶⁶⁴ Deputados rejeitam a emenda do senador Argemiro Figueiredo, *Diário de Pernambuco*, 3/10/1959.

⁶⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶⁶ *Ibidem*.

político"⁶⁶⁷.

Amaral Peixoto – "amigo incondicional do Dnocs"⁶⁶⁸ –, o governador Parsifal Barroso (PTB/CE), um adversário de primeira hora de Furtado no Conselho Deliberativo do Codeno – "seus planos não se entrosam com os do sr. Celso Furtado"⁶⁶⁹ –, e o deputado federal Gileno de Carli faziam articulações para aprovar a emenda. Com outros parlamentares do PSD, Gileno chegou a escrever um "manifesto" para Kubitschek⁶⁷⁰. Outras emendas parlamentares – "das mais estapafúrdias", disse Furtado à época⁶⁷¹ – tentaram introduzir mudanças no projeto de lei da Sudene, como a inclusão do Espírito Santo e do Amazonas no órgão regional⁶⁷².

Como se pode observar, a Openo e Celso Furtado ocuparam o centro da disputa político-partidária no final de 1959. A subordinação do Dnocs à Sudene dificultava a ação dos pessedistas do Nordeste, que temiam o controle do novo organismo regional pela UDN⁶⁷³.

Nenhum partido político teve tanta chance para desbancar o adversário como a UDN, principalmente neste caso da Sudene contra a qual é evidente a má vontade da minoria do PSD e também do PTB.⁶⁷⁴

Por trás da disputa em torno da Sudene estava a confrontação nacional entre o PSD e a UDN, que lutavam palmo a palmo para preservar ou ampliar sua força eleitoral no Nordeste brasileiro. O PSD acabou rachando entre o grupo ligado ao cearense Armando Falcão, deputado federal pela sigla e ministro da Justiça e dos Negócios Interiores (1959), que desejava maior espaço para seu grupo no governo federal e ambicionava a direção nacional do partido, e a facção ligada a Amaral Peixoto, que batalhava para manter o comando partidário e buscava demonstrar força política. Nessa guerra intestina, Furtado se manteve em uma distância segura, procurou fortalecer a ação do Codeno "pelas linhas técnicas"⁶⁷⁵ e organizou sua própria estratégia política, como mostra a seguinte passagem – de 11 de outubro de 1959 – de seu diário:

Amaral lançou-se à luta sem uma apreciação exata das forças que estão do outro lado. O *Correio da Manhã* de hoje [11 de outubro] lançou um artigo de fundo direto contra ele. Ora, eu sei que ele não quer brigar com esse jornal. [...]. Político velho, não tem ideia do desgaste que representaria para o governo Juscelino a demandada da Operação [Nordeste]. Ou talvez acreditasse que seria fácil me envolver.⁶⁷⁶

⁶⁶⁷ Cedo para o veto à emenda, *Diário de Pernambuco*, 14/10/1959.

⁶⁶⁸ Seria mesmo Apolônio, o substituto de Celso, *Diário de Pernambuco*, 21/10/1959.

⁶⁶⁹ Parsifal rejeita programa oficial da Openo mas diz que acaba conciliando, *Diário de Pernambuco*, 19/2/1959.

⁶⁷⁰ Cedo para o veto à emenda, *Diário de Pernambuco*, 14/10/1959.

⁶⁷¹ Dnocs fora da Sudene: Openo iria à falência, *Diário de Pernambuco*, 17/9/1959.

⁶⁷² *Ibidem*.

⁶⁷³ Emenda entra hoje em debate – Reunião com a presença de JK, Celso Furtado, Amaral e líderes nordestinos, *Diário de Pernambuco*, 16/10/1959.

⁶⁷⁴ Sudene: jogo, agora, vai ser a descoberto, *Diário de Pernambuco*, 28/11/1959.

⁶⁷⁵ Hirschman, 2009, p. 188.

⁶⁷⁶ Furtado, 2019, p. 180.

Por seu turno, e não obstante a disputa entre o baiano Juracy Magalhães e o pernambucano Cid Sampaio, a UDN do Nordeste se unificou no apoio à Sudene. Com o PSD dividido, a bancada da UDN fechou questão contra a “emenda Argemiro” alegando a defesa dos “melhores interesses do Nordeste”⁶⁷⁷. Os pessedistas viram nisso a confirmação de que os udenistas se apoderavam da bandeira do desenvolvimento do Nordeste, transformando a Sudene em um “órgão dos governadores da UDN”⁶⁷⁸. O deputado federal Aderbal Jurema (PSD/PE) atacou Furtado e os governadores da UDN: “É preciso evitar que o Codeno se transforme em palco de representação pessoal ou em câmara dos governadores”⁶⁷⁹. No dia 11 de outubro de 1959, Furtado escreveu em seu diário:

A questão do Nordeste chegou a seu máximo de complicação política. Quando Juscelino lançou a Operação [Nordeste], não pôde refletir sobre as consequências que ela teria, caso alcançasse pleno êxito. A primeira dessas consequências foi a valorização dos governadores estaduais. Essa valorização trouxe um grande ciúme da parte dos deputados estaduais. Isto se tornou um problema sério, pois os governadores são do partido da oposição. O caso de Pernambuco é claro: Cid [Sampaio] chama para si todos os êxitos da Operação, todas as iniciativas. Abre-se para ele a possibilidade de um grande governo, de um governo de estilo novo, “desenvolvimentista”. O PSD vê nisso o seu declínio. Há dias tive um jantar com a bancada na Câmara [dos Deputados] do PSD de Pernambuco. Fizeram-me ver isso claramente.⁶⁸⁰

Não fosse o apoio dado à Sudene e seu idealizador pela imprensa, pela Igreja e pelos militares, os planos de Furtado poderiam ter sucumbido em meio às querelas partidárias. O economista estendeu pontes com esses setores para acumular forças e contra-atacar seus adversários, que intensificaram sua ofensiva no final de 1959. Às vésperas da aprovação do projeto de lei da Sudene no Congresso Nacional, Furtado chegou a se reunir quatro vezes com o EMFA no intervalo de uma semana⁶⁸¹.

Em torno da Operação [Nordeste] formou-se todo um movimento de opinião. Passou-se a repetir que a Operação era a “última esperança” do Nordeste. Por outro lado, a Operação foi se ligando mais e mais ao meu nome. Os governadores começaram a prestigiar a Operação e a depositar *confiança* na minha ação. Eu consegui três *vitorias colaterais*: a) *apoio* da imprensa carioca, em particular do *Correio da Manhã*, jornal que Juscelino considera enormemente; b) apoio dos militares: Lott e o Estado-Maior do Exército estão me prestigiando neste momento; c) *neutralidade* do clero: Dom Helder mantém-se calado e muitos bispos me apoiam diretamente.⁶⁸²

⁶⁷⁷ Emenda entra hoje em debate – Reunião com a presença de JK, Celso Furtado, Amaral e líderes nordestinos, *Diário de Pernambuco*, 16/10/1959.

⁶⁷⁸ *Ibidem*.

⁶⁷⁹ A dança de Salomé: a Sudene sacrificada aos interesses dos “donos das secas”, *Diário de Pernambuco*, 14/10/1959.

⁶⁸⁰ Furtado, 2019, pp. 179-180.

⁶⁸¹ Hirschman, 2009, p. 189.

⁶⁸² Furtado, 2019, p. 180, itálico nosso.

Com a impossibilidade de minar o projeto de lei da Sudene, os interesses prejudicados pelo novo órgão regional procuraram desacreditar Furtado. Na “fórmula conciliatória” do deputado Clidenor Freitas (PTB/PI), a Superintendência deveria ser entregue para um parlamentar nordestino – “Acho que a Sudene deve ser dirigida por um político, ficando a parte técnica com os técnicos”⁶⁸³.

Com os governadores do Nordeste, Furtado endereçou uma carta para Kubitschek pedindo o veto a um outro anteprojeto de lei de Irrigação desengavetado pelos adversários da Sudene na Câmara dos Deputados – uma “chicana parlamentar”⁶⁸⁴ – para derrotar a lei de irrigação do Codeno – “A partir desse momento compreenderam o perigo que havia em nosso trabalho aparentemente inocente e idealista”⁶⁸⁵.

No dia 7 de outubro, em meio à essa “guerra de guerrilhas”⁶⁸⁶, Furtado fez uma exposição na Comissão do Polígono das Secas da Câmara Federal seguida de debate – “ninguém se atreveu a uma discussão aberta”⁶⁸⁷. Dois dias depois, o economista realizou outra conferência no EMFA, conseguindo o apoio dos militares contra a “emenda Argemiro”. Após repetir suas palavras de ordem – “Nordeste é problema de todos os brasileiros e não só dos nordestinos”, “seremos dois países em um só se for mantido por mais 25 anos o ritmo de desigualdade que vem se agravando entre o Centro-Sul e o Nordeste” e “o Nordeste é a mais importante área de subdesenvolvimento do hemisfério ocidental” –, ele contra-atacou o Dnocs, o senador Argemiro Figueiredo e aliados – “Depois de 50 anos de atuação do Dnocs, estamos ainda na estaca zero da solução”⁶⁸⁸.

A imprensa repercutia os “boatos” de que o Apolônio Sales (1904-1982), ex-ministro da Agricultura (1942-1945) e senador (PSD/PE), e que era apoiado pelas oligarquias nordestinas, seria o indicado para a presidência da Sudene⁶⁸⁹. Diante dessas notícias, Furtado se dizia “otimista” e “olhando para a frente”⁶⁹⁰.

No dia 16, Kubitschek, Furtado, Amaral Peixoto, Armando Falcão, Aderbal Jurema e os líderes pessedistas das bancadas estaduais do Nordeste se reuniram para costurar um acordo entre os dirigentes do partido governista. Sentindo-se confiante, Furtado ameaçava um xeque-

⁶⁸³ Cedo para o veto à emenda, *Diário de Pernambuco*, 14/10/1959.

⁶⁸⁴ Furtado, 1997 [1989], p. 111.

⁶⁸⁵ *Idem*, 2019, p. 181.

⁶⁸⁶ *Idem*, 1997 [1989], p. 112.

⁶⁸⁷ *Idem*, 2019, p. 178.

⁶⁸⁸ Separação do Nordeste: diretor do Codeno crê, *Diário de Pernambuco*, 14/10/1959.

⁶⁸⁹ Apolônio para a Sudene, *Diário de Pernambuco*, 15/10/1959.

⁶⁹⁰ Novo diretor da Sudene: JK consultará os governadores, *Diário de Pernambuco*, 17/12/1959.

mate em seus adversários:

A situação é a seguinte: se cai a emenda, ele [Amaral Peixoto] sofrerá uma grande derrota; se não cai, a derrota terá de ser de Juscelino, pois toda a Opeño virá abaixo. Estou decidido a não aceitar a Superintendência, com a saída do Dnocs. O problema é do presidente e caberá a ele a decisão de arcar com as consequências.⁶⁹¹

Como se pode observar, já haviam começado as movimentações partidárias para a eleição presidencial de 1960. A *blitzkrieg* para derrotar a “emenda Argemiro”, criar a Sudene e isolar seus adversários interferiu nas articulações para a sucessão presidencial. Com o início das movimentações eleitorais, nos bastidores políticos se dizia que Kubitschek pretendia criar a Sudene para impedir o crescimento de Jânio Quadros no Nordeste⁶⁹². Falava-se, também, que Furtado pleiteava o MVOP⁶⁹³ ou a vice-presidência da República. Na reunião de 1 de outubro do Conselho Deliberativo do Codeno, Juracy Magalhães se referiu a Furtado como “um denominador comum de todas as nossas aspirações, porque é um homem que não está influenciado por nenhuma vantagem política nem por nenhuma conveniência econômica”⁶⁹⁴. O político baiano chegou a sondar o economista para ser candidato à vice-presidente na chapa com Jânio Quadros⁶⁹⁵.

Derrotado pela UDN na Bahia e em Pernambuco em 1958, o PSD buscava reconquistar o terreno perdido no Nordeste. Os parlamentares nordestinos acuados pelas reportagens de Callado pretendiam sair da defensiva e contra-atacar. Entre os aliados da “causa” da Sudene, a ordem era sustentar a linha de ação ofensiva contra os “profissionais do nordestinismo”⁶⁹⁶.

A emenda senatorial – ninguém tenha dúvida – será o fim da Sudene, o fim das esperanças de recuperação econômica do Nordeste. E não nos parece que possa ser o início da recuperação política do sr. Amaral Peixoto.⁶⁹⁷

Precavendo-se da transformação da Sudene em um superministério, deputados pessedistas propuseram para Kubitschek a criação de um Ministério de Desenvolvimento no lugar da autarquia desenvolvimentista: “Em vez da Sudene, que é um órgão limitado, devemos marchar logo para o Ministério do Desenvolvimento Nacional, que é mais amplo e pode ter um político à sua frente”.⁶⁹⁸

⁶⁹¹ Furtado, 2019, p. 179.

⁶⁹² Colonização no Polígono: JK vetou, ontem, projeto de lei, *Diário de Pernambuco*, 16/10/1959.

⁶⁹³ *Idem*.

⁶⁹⁴ Ata da primeira sessão da quarta reunião do Codeno de 1 out. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 24/3/2023.

⁶⁹⁵ Hirschman, 2009, p. 190.

⁶⁹⁶ Seria mesmo Apolônio, o substituto de Celso, *Diário de Pernambuco*, 21/10/1959.

⁶⁹⁷ *Ibidem*.

⁶⁹⁸ Sudene: jogo, agora, vai ser a descoberto, *Diário de Pernambuco*, 28/11/1959.

Em outra reunião, dessa vez entre Goulart, Kubitschek, Lott, Armando Falcão e Amaral Peixoto, a “emenda Argemiro” voltou à discussão. Mesmo declarando que a Sudene ensejava uma “tendência separatista”⁶⁹⁹, o que dava munição aos adversários de Furtado e do governo federal, Lott se pronunciou contra a emenda. Amaral Peixoto ameaçou deixar o MVOP em caso de derrota da “emenda Argemiro”⁷⁰⁰ e convocou uma reunião do PSD nacional. Nesse ínterim, Juracy Magalhães retirou sua pré-candidatura à Presidência da República e ventilou o nome de Furtado para ser o “candidato do Nordeste” à Presidência⁷⁰¹. Furtado se desvencilhou da emboscada reafirmando seu compromisso como um “técnico” fora da “política” e revelando ter recusado um convite para o Ministério da Fazenda.

Estou surpreso com a notícia e acho-a absurda. Deve ter partido de grupos interessados em incompatibilizar-me com governadores do Nordeste. Precisamos conservar a Openo livre de injunções políticas. Se assim não fosse, imaginemos que trabalho poderia ela realizar, entre quatro governadores eleitos pela UDN, três pelo PSD e dois pelo PTB. Francamente, nunca me passou pela cabeça pretender posição de mando na República. Se o quisesse, teria aceitado o Ministério da Fazenda, que me foi oferecido pelo Presidente da República. Minha única preocupação é a recuperação do Nordeste. Sou um homem apartidário, na chefia de um trabalho apartidário.⁷⁰²

No dia 15, Kubitschek vetou o anteprojeto de lei de Irrigação plantado pelos parlamentares adversários de Furtado⁷⁰³. No dia 17, em outra conferência no EMFA, Furtado defendeu uma “reforma administrativa” para impedir que “os vinte órgãos federais, criados pelo governo, para salvar o Nordeste, e que nada fizeram de prático, até hoje, continuem no regime de ciúmes uns dos outros, trabalhando independentemente e servindo a políticos inescrupulosos”⁷⁰⁴. Para o chefe da Openo, caso aprovada a “emenda Argemiro”, a Sudene seria “um órgão inútil como são os demais”⁷⁰⁵. No final de outubro, essas ideias foram repetidas em mais duas conferências do economista no Conselho de Segurança Nacional e no Conselho de Geografia do Exército.

Nessa época, o Pnud, órgão das Nações Unidas recém-criado e dirigido por Paul Hoffman, que Furtado conhecia dos tempos da Cepal e que foi um dos responsáveis pelo programa americano de reconstrução da Europa (o Plano Marshall), aprovou o convênio de cooperação técnica com o Codeno para projetos de irrigação no vale do São Francisco. No prazo

⁶⁹⁹ Callado, 1960.

⁷⁰⁰ Furtado, 2019, p. 179.

⁷⁰¹ Celso Furtado diz que jamais será candidato, *Diário de Pernambuco*, 19/9/1959.

⁷⁰² *Ibidem*.

⁷⁰³ A lei iria beneficiar apenas proprietários – O veto de JK ao projeto contrário à política da Sudene, *Diário de Pernambuco*, 17/10/1959.

⁷⁰⁴ Celso Furtado sugere: uma reforma administrativa, *Diário de Pernambuco*, 17/10/1959.

⁷⁰⁵ *Ibidem*.

de cinco anos, a Opeño previa irrigar 45 e 50 mil hectares das bacias dos açudes e das margens do rio, respectivamente, decuplicando o que fora feito em meio século de obras contra as secas. Era a versão nordestina dos "50 anos em 5" de Kubitschek.

Com o auxílio de Felipe Herrera e Cleantho de Paiva Leite, respectivamente presidente e diretor do BID, avançavam as negociações com o Banco recém-criado. Jorge Ahumada e Osvaldo Sunkel, economistas da Cepal, chegavam ao Recife para organizar o CTPDE e iniciar a capacitação da equipe técnica da Sudene, um dos objetivos estratégicos do plano de desenvolvimento de Furtado para o Nordeste⁷⁰⁶. Através desses apoios na frente internacional, Furtado demonstrava sua capacidade executiva, ampliava o rol de seus admiradores e se tornava ainda mais autoconfiante.

Relata o sr. deputado Antônio Neves que, num almoço, no "Serrador", o deputado Nilo Coelho perguntou ao sr. Celso Furtado se tinha conhecido, na ONU, certo economista (um dos mais conceituados do mundo) cujo nome, infelizmente, o sr. Antônio Neves não guardou. Respondeu Furtado: "Foi meu subalterno."⁷⁰⁷

No dia 3 de novembro, no BNDE, Furtado proferiu a conferência de encerramento do CTPDE da Cepal-BNDE no Rio de Janeiro. Encontrando-se em um ambiente seguro e recebendo uma recepção calorosa, motivos para uma "encenação especial"⁷⁰⁸, o economista "chorou emocionado" ao se referir às "mutilações" sofridas pelo projeto de lei da Sudene e à "falta de compreensão de alguns parlamentares, que não alcançaram os altos propósitos da Operação Nordeste"⁷⁰⁹. Nessa pregação para convertidos – "não conduzirei bandeira falsa"⁷¹⁰ –, ele foi ovacionado pelos egressos do CTPDE, que endereçaram uma carta para Kubitschek em defesa do "planejamento" para solucionar os "problemas do Nordeste" e em favor de Furtado, um economista "isento de qualquer interesse pessoal ou político"⁷¹¹. A carta evidenciava a capacidade de arregimentação de Furtado, que formava seu próprio batalhão de técnicos na trincheira estatal.

No dia 4, o Conselho Deliberativo do Codeno se reuniu para debater o "plano de emergência" para a estiagem na região, que, segundo Furtado, se pautaria pela "disciplina administrativa" em vez de "critérios eleitoreiros"⁷¹². O economista resumiu os avanços nos

⁷⁰⁶ Furtado, 2009a, p. 164.

⁷⁰⁷ Periscópio, *Diário de Pernambuco*, 17/10/1959.

⁷⁰⁸ Goffman, 2011, p. 129.

⁷⁰⁹ Operação Nordeste: palestra de Celso Furtado, *Correio da Manhã*, 4/11/1959.

⁷¹⁰ *Ibidem*.

⁷¹¹ Problemas do Nordeste devem ser resolvidos através do planejamento: estudantes da Cepal se dirigem a JK, *Diário de Pernambuco*, 19/11/1959.

⁷¹² Fixadas as diretrizes do Plano Anti-Secas: construção de obras e produção de alimentos, *Diário de Pernambuco*, 5/11/1959.

planos rodoviário, de abastecimento, de emergência, têxtil e no “grande projeto básico de irrigação no Nordeste”, que receberia suporte técnico, equipamentos e financiamento do Pnud⁷¹³, gerando insatisfação entre os técnicos da CVSF⁷¹⁴. Furtado informou, também, a conclusão do CTPDE. Ele ainda incitou os governadores a negociar com suas bases parlamentares a aprovação urgente da lei da Sudene sob o risco de comprometer a inclusão do I Plano Diretor na proposta orçamentária de 1960 e levar o novo órgão ao “fracasso”⁷¹⁵: “Teríamos de pensar noutro tipo de órgão, talvez noutro tipo de atividade”⁷¹⁶. Os conselheiros hipotecaram apoio à Sudene e seu idealizador, uma “figura exponencial”, com um “alto espírito público” e uma “extraordinária capacidade de ação”⁷¹⁷.

No dia 9, na CNI, Furtado presidiu a Conferência Nordestina de Armazenamento e Ensilagem de Alimentos, que discutiu a crise no abastecimento de alimentos no Nordeste e medidas preventivas para a mitigação das secas e de seus efeitos econômicos e sociais. No dia 17, em desagravo às acusações do senador Argemiro Figueiredo contra o diretor da Opeo, os organizadores daquela conferência enviaram um telegrama para Kubitschek demonstrando "solidariedade ao economista Celso Furtado", um "ilustre técnico"⁷¹⁸.

No dia 27, Furtado se reuniu com Carvalho Pinto (PDC/SP), governador de São Paulo (1959-1963), para discutir os termos da cooperação técnica e financeira da indústria paulista com o Codeno⁷¹⁹. Na frente parlamentar, os deputados da bancada nordestina no Congresso Nacional e os legisladores estaduais da região se queixavam do protagonismo adquirido pelos governadores através do Codeno – "A Sudene é um órgão político dos governadores, onde os deputados não têm vez"⁷²⁰ – e buscavam uma fórmula política para garantir seu quinhão no orçamento da Sudene⁷²¹. Voltavam-se, também, contra Furtado – "O Celso Furtado é um ditador e não podemos nos submeter a ele"⁷²².

⁷¹³ Ata da primeira sessão da quinta reunião do Codeno de 4 nov. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 24/3/2023.

⁷¹⁴ “Se a ONU se propõe a trazer trinta técnicos que não estão familiarizados com nossos problemas, eles poderiam examinar todo o trabalho de campo que está sendo feito pelo pessoal da CVSF”. Ver: Ata da quinta reunião extraordinária do Codeno realizada em 2 nov. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 27/3/2023.

⁷¹⁵ Ata da primeira sessão da quinta reunião do Codeno de 4 nov. 1959 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 24/3/2023.

⁷¹⁶ *Ibidem*.

⁷¹⁷ *Ibidem*.

⁷¹⁸ Solidariedade ao economista Celso Furtado, *Correio da Manhã*, 18/11/1959.

⁷¹⁹ “Frequentemente foi preciso uma aliança com os paulistas para se conseguirem as coisas” (Hirschman, 2009, p. 190).

⁷²⁰ Sudene: jogo, agora, será a descoberto, *Diário de Pernambuco*, 28/11/1959.

⁷²¹ Os parlamentares da região tentaram vincular 20% dos recursos previstos para o I Plano Diretor da Sudene à uma “fórmula de atendimento político”, reeditando esquemas clientelistas (Fernando de Noronha: inclusão na Sudene; Minas Gerais: exclusão do plano da Opeo, *Diário de Pernambuco*, 3/6/1959).

⁷²² *Ibidem*.

No dia 2 de dezembro, em Salvador/BA, o Conselho Deliberativo do Codeno se reuniu pela quinta vez para discutir o anteprojeto de eletrificação (convênio Chesf-Codeno)⁷²³. Outro tema discutido foi a votação do projeto de lei da Sudene pelo Congresso Nacional. Os governadores assumiram o compromisso de pressionar as bancadas estaduais no Parlamento e, seguindo uma sugestão do governador Cid Sampaio⁷²⁴, o Conselho renovou seu voto de confiança em Furtado⁷²⁵.

Quanto às ações do Codeno, se encontravam na etapa final de elaboração os planos de transporte e têxtil e o “autêntico Plano de Emergência” para a mitigação dos impactos das secas, que previa a “salvação” da população atingida e dos rebanhos de animais, a regularização dos preços, a estocagem e distribuição dos alimentos nos períodos de “calamidade pública”, a delimitação do nível de chuvas para decretar “estado de seca” e a proposta de um fundo de assistência aos atingidos pelas secas e enchentes, que se tornou realidade com a criação do Fundo de Emergência e Abastecimento do Nordeste (Feane, 1963)⁷²⁶. O Conselho também enviou a Kubitschek uma “manifestação” declarando sua “integral solidariedade e confiança” em Celso Furtado⁷²⁷.

Ainda no começo de dezembro, Furtado fez uma conferência no V Congresso Nacional dos Municípios⁷²⁸. No plano das articulações partidárias, os líderes do PSD costuraram um acordo condicionando a derrubada da “emenda Argemiro” no Senado à escolha de um outro nome para comandar a Sudene em lugar de Furtado. No dia 10, a Comissão de Economia e Finanças rejeitou a “emenda Argemiro” e o projeto de lei da Sudene foi aprovado pelo plenário do Senado antes do recesso parlamentar.

Sancionada por Kubitschek no dia 15 de dezembro, a lei criou um órgão com amplos poderes. Além de planejar, supervisionar e fiscalizar, a Sudene teria prerrogativas para executar obras através da criação de empresas de economia mista. Como previsto no “Relatório do GTDN”, o órgão regional teria sede no Recife, frustrando os planos dos grupos políticos que tentaram levá-lo para a capital fluminense e Fortaleza⁷²⁹.

Vai terminando o ano [27/12/1959]. E que ano. A 6 de janeiro Juscelino nos reunia em Petrópolis para trocar ideias sobre o Nordeste. A 15 de dezembro ele sancionava

⁷²³ Amanhã, em Salvador, reunião do Codeno, *Diário de Pernambuco*, 1/12/1959.

⁷²⁴ “Nessa fase, a Sudene ainda era um instrumento de grande valia para a burguesia agroindustrial do açúcar” (Lima, M., 2009, p. 229).

⁷²⁵ Ata da quinta reunião extraordinária do Codeno realizada em 2 dez. 1959 e disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>. Acesso em 24/3/2023.

⁷²⁶ *Ibidem*.

⁷²⁷ *Ibidem*.

⁷²⁸ Entidades ruralistas no certame, *Diário de Pernambuco*, 2/12/1959.

⁷²⁹ Diretrizes para desenvolvimento do Nordeste Dnocs aponta agora, *Diário de Pernambuco*, 23/5/1959.

a lei criando a Sudene. *A batalha foi ganha em toda a linha.*⁷³⁰

Restava a nomeação do superintendente, que era motivo de uma batalha campal no meio político. Os técnicos do Codeno ameaçaram demissão se nomeado "um superintendente político" em vez de Furtado⁷³¹. Pressionado por seus correligionários do PSD, Kubitschek procurava acomodar as posições em conflito⁷³². Os pessedistas se queixavam do "temperamento independente" de Furtado, que não se prestava ao jogo partidário⁷³³. As lideranças do partido governista reivindicavam um "sistema de equilíbrio" na composição do Conselho Deliberativo com uma maior participação de pessedistas⁷³⁴. O mais influente assessor de Kubitschek pleiteava a indicação de Furtado: "O ministro Sette Câmara, chefe da Casa Civil da Presidência da República é o maior baluarte da luta (já ganha) pela nomeação do sr. Celso Furtado para a Superintendência da Sudene"⁷³⁵.

Por seu turno, o *Correio da Manhã*, que estivera na linha de frente da "batalha" para criar a Sudene, pressionava Kubitschek para nomear Furtado e manter o novo órgão a salvo das investidas dos políticos⁷³⁶.

Celso Furtado era tão importante quanto a própria Sudene. É o homem exato, no lugar exato.⁷³⁷

Criar uma obra majestosa como a Sudene para tornar sua direção, depois, um prêmio político, é como construir uma catedral e entregá-la no dia seguinte a vendilhões. A cúpula desse edifício do Sudene é o homem que deve dirigi-lo. Não vemos outro que não seja Celso Furtado".⁷³⁸

Há um homem e, no momento, só um que poderá, sem política e com cultura econômica e tecnológica superintender a redenção do Nordeste.⁷³⁹

O presidente escolha: pode ser o salvador do Nordeste ou o seu pior inimigo. Nomeie Celso Furtado e terá coroado sua melhor obra de governo. Nomeie um politiquero e terá condenado 20 milhões de brasileiros à cólera e à revolução, que é o último direito de um povo ludibriado.⁷⁴⁰

Nunca foi mais fácil, a um presidente, eleger um preposto. O homem já está onde deve estar.⁷⁴¹

⁷³⁰ Furtado, 2019, p. 182, itálico nosso.

⁷³¹ A chamado de JK viaja ao Rio, hoje, economista Celso Furtado, *Diário de Pernambuco*, 11/12/1959.

⁷³² Juscelino prestigia posição de Celso Furtado no Codeno – Nenhum propósito de substituí-lo, atendendo a pressão de "eminência parda", *Diário de Pernambuco*, 11/12/1959.

⁷³³ Certa a nomeação de Celso Furtado para a Sudene, *Diário de Pernambuco*, 24/12/1959.

⁷³⁴ *Ibidem*.

⁷³⁵ Instantâneos, *Diário de Pernambuco*, 24/12/1959.

⁷³⁶ Inalterada, até agora, a opinião de Juscelino: Sudene fora de política, *Diário de Pernambuco*, 24/12/1959.

⁷³⁷ O nome do Superintendente, *Correio da Manhã*, 16/12/1959.

⁷³⁸ A catedral, *Correio da Manhã*, 17/12/1959.

⁷³⁹ O presidente escolha, *Correio da Manhã*, 20/12/1959.

⁷⁴⁰ *Ibidem*.

⁷⁴¹ O Catete toma fôlego, *Correio da Manhã*, 29/12/1959.

O *Correio da Manhã* criticou a "vacilação" e a "procrastinação" de Kubitschek, que parecia ceder às pressões de seu partido e tornar a Sudene um "ninho de politicagem"⁷⁴². Nas cúpulas partidárias governistas, a opinião era a de que Kubitschek não podia entregar a Sudene para um "aventureiro jovem e audacioso"⁷⁴³. Otimistas com a nova fonte de recursos para o Nordeste – “A Sudene foi um gancho muito bom para que recebessem ajuda do governo federal sem aparecerem como adesistas”⁷⁴⁴ –, os governadores defenderam a indicação de Furtado: "A ausência do economista Celso Furtado da direção executiva da Sudene representará, nesta hora, a maior ameaça aos interesses do Nordeste"⁷⁴⁵.

No dia 8 de janeiro de 1960, no Palácio do Catete, Kubitschek nomeou os escolhidos para compor o Conselho Deliberativo e indicou Furtado para a superintendência da Sudene – “O Celso é intocável, como a Petrobrás”, teria dito Kubitschek⁷⁴⁶ –, recebendo a aprovação de muitos setores políticos e econômicos⁷⁴⁷.

Sem a presença do PSD nordestino, o “principal adversário do sr. Furtado”⁷⁴⁸, especialmente dos pessedistas pernambucanos “ligados aos barões do açúcar”⁷⁴⁹ – “Queriam por força que [eu] entregasse a Sudene ao PSD”, teria afirmado Kubitschek⁷⁵⁰ –, Furtado pronunciou seu discurso de posse agradecendo a Sete Câmara – “figura única”⁷⁵¹ – e também a imprensa – “aprendi com a imprensa que as verdadeiras causas nobres nunca ficarão sem padrinho neste país”⁷⁵². Reforçou, também, a retórica aliancista e o caráter suprapartidário da Sudene para promover o desenvolvimento regional e neutralizar os “interesses locais de perspectivas necessariamente limitadas”⁷⁵³. Ele ainda associou a criação do órgão regional à “formação de uma consciência nova das funções do Estado”⁷⁵⁴ e ressaltou o caráter político da autarquia desenvolvimentista: “O problema do desenvolvimento do Nordeste é menos de formulação de planos tecnicamente aceitáveis do que de acertado e oportuno encaminhamento político das soluções”⁷⁵⁵. Com seu estilo profético, Furtado encerrou conclamando os

⁷⁴² O presidente escolha, *Correio da Manhã*, 20/12/1959.

⁷⁴³ *Ibidem*.

⁷⁴⁴ Tavares, Andrade e Rodrigues, 1998, p. 64.

⁷⁴⁵ No mundo político, *Correio da Manhã*, 23/12/1959.

⁷⁴⁶ Instantâneo, *Diário de Pernambuco*, 24/12/1959.

⁷⁴⁷ Repercute nomeação de Celso, *Diário de Pernambuco*, 10/1/1960.

⁷⁴⁸ Certa a nomeação de Celso Furtado para a Sudene, *Diário de Pernambuco*, 24/12/1959.

⁷⁴⁹ Hirschman, 2009, p. 189.

⁷⁵⁰ Furtado, 2019, p. 188.

⁷⁵¹ *Idem*, 2009a, p. 169.

⁷⁵² *Ibidem*, p. 169.

⁷⁵³ *Ibidem*, p. 166.

⁷⁵⁴ *Ibidem*, p. 166.

⁷⁵⁵ *Ibidem*, p. 166.

conselheiros a assumir “a responsabilidade que, neste momento, recai sobre vossos ombros, [como] um ato de fé. É nosso dever tudo fazer para que não seja vã a nossa fé”⁷⁵⁶. Por último, ao prestar homenagem a seu padrinho político Kubitschek – “um homem excepcional, um trator”⁷⁵⁷ –, o “simples técnico”⁷⁵⁸ destacou, por procuração, suas próprias qualidades (“fê”, “sacrifício” e “esperança”) como uma liderança carismática.

Ao assumir a Superintendência da Sudene faço-o consciente do peso da responsabilidade que recai sobre meus ombros. Essa consciência, adquiri-a não agora, mas em todo esse ano de *luta* pela *vitória* da Operação Nordeste. Nessa *luta*, entre outras coisas aprendi a admirar mais os homens públicos de meu país. Afirmando, com júbilo, que o presidente Kubitschek, desde o primeiro momento, teve consciência de que não era esta obra para ser acabada em seu governo. A este período governamental caberia, na Operação Nordeste, antes obra de desgaste e *sacrifício* do que a fruição dos empreendimentos concluídos. E porque não se afastou, em nenhum momento, desta concepção da obra que iniciávamos, o Sr. Presidente despertou em mim, simples técnico, essa *fê* que transfigura todos os *sacrifícios* em momentos de *esperança*.⁷⁵⁹

A *tarifa* que teremos de enfrentar é árdua. Mas nós, os nordestinos, não desesperamos da *luta* porque ela seja difícil. Para nos *vencer*, é preciso primeiro tirar-nos a *esperança*. Em quem *luta* para construir um mundo melhor na sua própria terra não perderá jamais a *esperança*.⁷⁶⁰

A nomeação do superintendente representou um passo decisivo na canonização do economista, que terminou o ano aclamado e reverenciado como o criador da Sudene.

O sr. Celso Furtado, nesse ano de atividade como diretor executivo do Codeno, desenvolveu tão intenso e irrepreensível trabalho que conseguiu o apoio de todos os governadores nordestinos e de setores importantes das forças vivas da nação. O Exército é um desses setores. Mas, talvez mais importante que tudo isso é a sua popularidade no Nordeste, senão no Brasil inteiro. Foi talvez a pessoa que maior número de orações de paraninfo teve que pronunciar neste fim de ano. *Seu nome tornou-se uma espécie de paradigma de competência e honestidade*. E sua ação fecunda inspirou confiança em todos os setores.⁷⁶¹

Quem viria a ser esse *novo Messias*? Ele, o tal, *o intocável, o insubstituível, o incomensurável, o divino*, está aí vivo e são, o sr. Celso Furtado, a última novidade do século, o qual, dirigindo a Sudene, dela não pode ser afastado, sob pena de novas Aragarças ameaçarem a estabilidade, não só do Nordeste, como do regime. Substituir o sr. Celso Furtado na Sudene? Quem ousaria cometer esse crime de lesa-Nordeste? Juscelino? Sei da coragem, da bravura e da afoiteza do nosso Presidente. Sei de quanto é peitado, peito que o levou a realizar a grande obra que é Brasília, quando ninguém acreditava nela. [...] chegar a admitir que ele substitua o insubstituível Celso Furtado na Sudene, isto não! [...] se isto viesse acontecer [...] o regime correria risco de naufragar. E adeus Brasília, adeus eleições, adeus Jânio, adeus Lott. [...]. Celso, esse simpático jovem que está surpreendendo Pernambuco, o Nordeste, o Brasil, o Universo, não poderia ser substituído da direção da Sudene. O sr. Apolônio Sales não

⁷⁵⁶ *Ibidem*, p. 169.

⁷⁵⁷ Furtado, 2011, p. 408.

⁷⁵⁸ *Idem*, 2009a, p. 168.

⁷⁵⁹ *Ibidem*, p. 168, itálico nosso.

⁷⁶⁰ *Ibidem*, p. 169, itálico nosso.

⁷⁶¹ O Nordeste vai ter um “governador-geral”, *Política e Negócios*, 18/1/1960, itálico nosso.

é senhor das “ex-celsa-as” virtudes do sr. Furtado; não é possuidor de *seu poder divinatório*; não é por isto *milagroso*. [...] para que o Nordeste não continue sacrificado, para que o regime não se estiole, nem a nossa querida Pátria vá de água abaixo, convenhamos, também: o sr. Celso Furtado é mesmo insubstituível. Por que, então, não se acautelar uma Nação contra o naufrágio à vista, se para tanto preciso se faz a nossa concordância com *a canonização de um vivente*?⁷⁶²

Vencida a “batalha”, a nomeação de Furtado para comandar a Sudene coroou uma trajetória triunfal destinada ao topo da burocracia estatal brasileira. Como mostrou o capítulo anterior, ele foi preparado desde a infância para ser um estadista, aspiração que ele consumou com a criação da Sudene e sua nomeação para superintendente. Desse ângulo, a defesa pelo *Correio da Manhã* de seu nome como um “homem evidente” e “naturalmente escolhido há muito tempo”⁷⁶³ revelava – acaso sem saber – uma inclinação para pensar, sentir e agir como um profeta inscrita no corpo e na alma do paraibano.

⁷⁶² Um diálogo: crítica impropriedade, mas em termos altos – Carta do deputado Elpídio Branco, *Diário de Pernambuco*, 24/12/1959, itálico nosso.

⁷⁶³ O Catete toma fôlego, *Correio da Manhã*, 29/12/1959.

Conclusão

A caravana de Furtado pelo Brasil em 1959 para criar a Sudene, “um pequeno milagre se se compara isso aos cinco anos que se levou para criar a Petrobras”⁷⁶⁴, o tornou um nome conhecido em todo o país, somando a seu prestígio como um especialista em desenvolvimento latino-americano um capital de credibilidade política. Na década de 1950, no contexto das sucessivas crises políticas no país e do descrédito dos políticos profissionais, ele reuniu as qualidades como um economista do desenvolvimento e uma liderança política com “vocaçãõ” para ser estadista, uma combinação rara e premiada pela conjuntura política pré-revolucionária em marcha no Nordeste e no Brasil, da qual Furtado soube tirar proveito para criar a Sudene e promover a problemática nordestina como o principal desafio da política nacional desenvolvimentista de Kubitschek, um feito político.

A ambivalência da trajetória e da posição de Furtado naquele período como um especialista econômico e um reformador político se mostrou vantajosa. Entre os técnicos, ele era o “professor”, o mais competente e ambicioso, consciente de sua superioridade, melhor relacionado com as elites dirigentes, dotado de imaginação política e também o que prometia chegar mais longe na carreira. Entre os políticos, ele se sentia intelectualmente como o mais preparado (conhecia a natureza estrutural dos problemas), que enxergava mais longe (com a cabeça no “longo prazo” ou no “futuro”), que encarnava e era o guardião do “interesse público”, que se movia em um “plano de racionalidade mais elevado” – “responsabilidade toda especial” da “inteligência”⁷⁶⁵ – e que se atribuiu a missão de “reestabelecer a dignidade da função pública”⁷⁶⁶, além de injetar “racionalidade” na política e “elevar” o nível da “discussão pública” – “A luta pelo desenvolvimento é também uma luta pela racionalidade na política”⁷⁶⁷.

Festejado pela imprensa, Furtado se construiu como “uma espécie de paradigma de competência e honestidade”⁷⁶⁸ e o antípoda da política clientelista e patrimonialista – “Sendo um técnico e não um político, [o ‘jovem técnico paraibano’] não se afizera a ‘engolir sapos’, a ver seu trabalho condenado a fracassos pelas injunções dos corrilhos dominantes”⁷⁶⁹.

Furtado se camuflou no papel de um “especialista econômico” para atacar com maior liberdade no campo político – “Evidentemente, a política está acima da técnica. [...]. Eu não

⁷⁶⁴ Hirschman, 2009 [1962], p. 188.

⁷⁶⁵ Furtado, 1964, p. 9.

⁷⁶⁶ *Idem*, 1962, p. 104.

⁷⁶⁷ *Ibidem*, p. 63.

⁷⁶⁸ O Nordeste vai ter um “governador-geral”, *Política e Negócios*, 18/1/1960.

⁷⁶⁹ A dança de Salomé: a Sudene sacrificada aos interesses dos “donos das secas”, *Diário de Pernambuco*, 14/10/1959.

sou político. Limito-me a dar informações de técnico”⁷⁷⁰. Por um lado, ele se portou como um técnico acima das obrigações estritamente burocráticas, e, por outro lado, acumulou um capital político próprio com o qual ele contra-atacou seus adversários com um “espírito localista”⁷⁷¹ e alavancou seu plano como uma “causa suprapartidária” e que mirava a “unidade do Nordeste” e a formação da “consciência regional”⁷⁷².

O que almejamos, o que pretendemos, é modificar a tal ponto a maneira de encarar o problema que não seja possível voltar atrás. Como um astrônomo que, ao provocar pequena alteração na posição do telescópio, desloca a objetiva através de enormes distâncias siderais, acreditamos poder condicionar todo um processo histórico.⁷⁷³

Temos consciência de que se a ação for bem orientada, o que fizermos hoje não poderá mais ser destruído. Teremos iniciado um movimento que, por maiores que sejam as dificuldades a vencer, condicionará todo o processo histórico posterior.⁷⁷⁴

A referida ambivalência de Furtado foi transferida para a Sudene, “um órgão estritamente técnico”⁷⁷⁵ e “independente de toda injunção político-partidária”⁷⁷⁶ cuja criação dependeu do apoio do “grande movimento de opinião”⁷⁷⁷. O economista se valeu do discurso alarmista do risco iminente à ordem social na região – “manter sob controle a situação do Nordeste”⁷⁷⁸ –, cuja pacificação seria levada a cabo pela Sudene, “artifício retórico” com uma eficácia relativa até meados de 1962, quando o acirramento da luta político-ideológica nacional começou a erodir o “débil” discurso da “integração regional” no Conselho Deliberativo^{779 780}.

Cabe ressaltar, também, que o êxito da “unidade do técnico e do político”⁷⁸¹ ocorreu em uma conjuntura excepcional e devido em boa medida a um agente com capitais e uma trajetória ímpar, sugerindo a dificuldade de sustentá-lo nos anos seguintes sem a prerrogativa de um órgão ligado diretamente à Presidência da República, o ambiente de agitação social do pré-1964 e a capacidade e o *timing* político de Furtado.

⁷⁷⁰ Furtado, 2009a, pp. 65-67.

⁷⁷¹ *Idem*, 1962, p. 104.

⁷⁷² *Idem*, 2009a, p. 273.

⁷⁷³ *Ibidem*, p. 34.

⁷⁷⁴ *Ibidem*, p. 50.

⁷⁷⁵ *Idem*, 1962, p. 61.

⁷⁷⁶ *Ibidem*, p. 61.

⁷⁷⁷ *Ibidem*, p. 115.

⁷⁷⁸ *Ibidem*, p. 104.

⁷⁷⁹ Lima, M., 2009, p. 264.

⁷⁸⁰ “[...] não existe plano de desenvolvimento sem política de desenvolvimento, e nenhuma política pode alcançar eficácia sem o apoio dos centros principais do poder político. [...]. Essa unidade do técnico e do político permitiu à Sudene comunicar-se diretamente com a opinião pública. Não estando vinculada a qualquer ação partidária, os seus objetivos podem sempre ser submetidos ao teste da discussão aberta. [...]. Haver vinculado o problema do desenvolvimento ao debate político, eis a chave do apoio que recebeu a Sudene da opinião pública. [...]. A luta pelo desenvolvimento é também uma luta pela racionalidade na política [...]” (Furtado, 1962, pp. 61-62).

⁷⁸¹ *Ibidem*, p. 62.

Com a pretensão de inaugurar uma “Nova Era”⁷⁸², o plano da Sudene era faraônico, tecnicamente impecável e com o potencial de gerar publicidade e dividendos políticos para o governo, o que explica a rapidez de Kubitschek para criar o Codeno e aplacar a pressão da “opinião pública nacional” – “*very beautiful, very brilliant, very quick*”⁷⁸³. Depois de Brasília, poderia ser o mais novo trunfo e o cartão de visitas do presidente da República para as eleições de 1965⁷⁸⁴. Não à toa, Furtado passou a integrar a comitiva presidencial nas viagens oficiais de Kubitschek ao Nordeste e a ser fotografado ao lado do presidente.

Com um *habitus* de estadista e aspirando um papel de grande prestígio e responsabilidade executiva, Furtado se equilibrou entre sua posição como um protegido de Kubitschek, que procurou cooptá-lo, e um “técnico” com “independência”⁷⁸⁵ – “O movimento de opinião pública a meu favor se avolumou de tal forma, que seria preciso outro que não JK para não nomear-me. Nisso ele nunca erra: em saber de que lado está a opinião pública”⁷⁸⁶. Um misto de burocrata, agente político e estrategista militar, Furtado conseguiu reunir vastos poderes e emplacar seu plano para o Nordeste com o estatuto de “meta especial”⁷⁸⁷ no governo Kubitschek.

O economista transferiu seu prestígio para a Sudene, que, em contrapartida, deu a ele reputação nacional e internacional – “Nunca ouvíramos falar do jovem paraibano se não depois que veio à ribalta o tema Sudene”⁷⁸⁸. Até então um destacado especialista econômico latino-americano, com a criação do órgão regional Furtado adquiriu visibilidade política nacional e se tornou uma autoridade com reconhecimento internacional no campo das políticas para o

⁷⁸² Robock, 1963, p. 100.

⁷⁸³ Hirschman, 2009 [1962], p. 187.

⁷⁸⁴ Não é improvável que a estratégia de Kubitschek para vencer as eleições de 1965 com sua política desenvolvimentista para o Nordeste lograsse êxito, como indica a canção “Vozes da seca”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, gravada em 1963: “Seu dotô os nordestino têm muita gratidão; Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão; Mas douto uma esmola a um homem qui é são; Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão; É por isso que pidimo proteção a vosmicê; Home pur nós escuído para as rédias do pudê; Pois douto dos vinte estado temos oito sem chovê; Ve já bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê; Dê serviço a nosso povo, encha os rios de barrage; Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage; Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage; Lhe pagamo intê os juru sem gastar nossa corage; Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão; Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!; Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão; Como vê nosso distino mecê tem na vossa mão”. No álbum *A viagem de Gonzagão & Gonzaguinha*, de 1981, a canção foi regravada com o seguinte prólogo: “Nos anos 53, 54, houve uma seca da muléstia no sertão nordestino. O Brasil ficou chei de arapucas. – Ajuda teu irmão! Uma esmola pro flagelado nordestino! Qualquer coisa serve: dinheiro, roupa véia, sapato véio, camisa véia. Tudo serve! Eu e Zé Dantas protestamos e gritamos bem alto: – Seu doutô, os nordestinos têm muita gratidão pelo auxílio dos sulista nesta seca do sertão. Mas, doutô, uma ismola a um homem qui é são ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão. Um deputado do povo bradou do Parlamento nacional: – Seu Presidente, esse baião de Gonzaga e Zé Dantas vale por mais de cem discurso. E tenho dito! – E, agora, eu louvo bem alto o nome daquele que criou a Sudene: Obrigado Juscelino!”.

⁷⁸⁵ Furtado, 2019, p. 186.

⁷⁸⁶ *Ibidem*, p. 189.

⁷⁸⁷ *Idem*, 2009a, p. 165.

⁷⁸⁸ O caso da Sudene, *Diário de Pernambuco*, 25/12/1959.

desenvolvimento, conseguindo a admiração de personalidades como Prebisch, cuja aprovação ele desejava.

A “luta” pela criação da Sudene está na origem da mística de Furtado, que, já no final de 1959, foi escolhido paraninfo por formandos de diversas áreas e de universidades do Nordeste e do Sudeste, foi indicado pelo governo federal para ser um dos fundadores da Academia Nacional de Cultura em Brasília⁷⁸⁹ e foi homenageado pela imprensa como um dos “nomes destacados na economia brasileira”⁷⁹⁰. Nos anos seguintes, ele se consolidaria como o apóstolo do “novo Nordeste” e o símbolo do planejamento econômico no Brasil.

Para construir-se como uma liderança acima do bem e do mal, Furtado exagerou o discurso de que antes da Sudene quase nada de substantivo acontecera na região. As soluções inovadoras para o Nordeste seriam fruto exclusivo do trabalho da autarquia desenvolvimentista – “Tudo começou com Celso Furtado”⁷⁹¹. Mesmo quando reconheceu o trabalho de nomes destacados na região, como Miguel Arrojado Lisboa – “um técnico que soube apreender em toda sua extensão o complexo problema nordestino”⁷⁹² – e os agrônomos José Augusto Trindade e José Guimarães Duque – “homens sob todos os pontos de vista excepcionais”⁷⁹³ –, Furtado ressaltou o “fracasso” da “ação técnica” em transformar a região por falta de “apoio político”⁷⁹⁴ e “condições institucionais”⁷⁹⁵. Faltara aos técnicos com “um modelo de mecânica”⁷⁹⁶ o que sobrava no economista estruturalista, a compreensão global do problema nordestino no âmbito da evolução da economia brasileira e, principalmente, a definição de uma estratégia política⁷⁹⁷.

Ao considerarmos esse meio século de trabalho, nas duras condições do Nordeste, concluímos, sem dificuldade, que os homens que estabeleceram as diretrizes técnicas fizeram o melhor que se podia haver feito em sua época. Foram as condições políticas que levaram esse esforço à frustração e à esterilidade. [...]. A *grande estratégia* da Sudene, fundada na análise da experiência passada, assenta em três pontos. Dois deles dizem respeito à necessidade de *abrir o horizonte contra o qual se avança*, a fim de comprometer de imediato todos os elementos que, de uma maneira ou de outra, pesarão nas decisões finais. O terceiro ponto diz respeito à necessidade de dar maior profundidade às *forças de apoio na retaguarda*. Em primeiro lugar, consideramos que é necessário abordar o problema do Nordeste como um problema de desenvolvimento,

⁷⁸⁹ Fundada a Academia Nacional de Cultura, *Correio da Manhã*, 6/12/1959.

⁷⁹⁰ Nomes destacados na economia brasileira, *Diário de Pernambuco*, 6/1/1960.

⁷⁹¹ Pereira, 2022.

⁷⁹² Furtado, 1962, p. 55.

⁷⁹³ *Ibidem*, p. 56.

⁷⁹⁴ *Ibidem*, p. 56.

⁷⁹⁵ *Ibidem*, p. 58.

⁷⁹⁶ *Ibidem*, p. 57.

⁷⁹⁷ “Temos aí o caso de um técnico que soube apreender em toda a sua extensão o complexo problema nordestino. O trabalho sistemático que empreendeu iguala-se, em padrão técnico, aos melhores de sua época em qualquer país. [...]. [Mas] o grande engenheiro de minas fora demasiado otimista ao assimilar à simplicidade de um modelo de mecânica a arcaica estrutura político-social do Nordeste” (*Ibidem*, pp. 55-57).

isto é, de um ponto de vista positivo e dinâmico. Deve-se evitar dar excessiva ênfase a um aspecto negativo, como é o caso das secas. [...]. Nós, os dirigentes da Sudene, refletimos detidamente sobre essa experiência antes de empreender a grande *luta* em que estamos empenhados, com o apoio de toda a opinião esclarecida do Sul do país.⁷⁹⁸

O especialista econômico *doublé* de estrategista político e militar era familiarizado com o Estado, manejando-o com naturalidade. Desde muito cedo, ele entrou em contato com os problemas legislativos, jurídicos, fiscais, orçamentários, monetários e cambiais, sobre os quais falava com facilidade. Furtado devera esse aprendizado a seu pai (um jurista com atuação na área fazendária) e também a Prebisch, ambos operadores competentes da burocracia estatal. De certo ângulo, com sua macrovisão estruturalista a Cepal atualizou a disposição para o comando latente na estrutura de personalidade de Furtado, que desde muito cedo aprendeu a ser assertivo, construir adesão e transmitir confiança. Seu capital teórico e seu conhecimento da máquina estatal lhe deram uma visão mais abrangente e “realista”, tornando-o, também, um conferencista muito demandado. Foi na Cepal que ele desenvolveu uma rara competência para interpretar a “conjuntura”, “projetar tendências” e inspirar nos subordinados a fé em sua liderança, qualidades de “um cruzado”⁷⁹⁹ e que o consagrariam no Nordeste brasileiro. Encarnando o oficial, seu novo papel como o “salvador” do Nordeste implicou a dramatização do sacrifício, da boa-fé, da abnegação, do ardor quase religioso e da convicção, que se tornaram seu mais valioso capital simbólico.

De fato, a Sudene minimizou as realizações dos órgãos federais que atuavam na região, imprimindo-lhes a marca da “improvisação”, da “ineficiência”, do “desperdício” e da “corrupção”. Reestruturou, também, as relações de poder estatal na região e exagerou a novidade de seu próprio surgimento, deixando no passado a história de “negligência”, “inoperância” e “irracionalidade” da ação do Estado central na região, e impondo sua “nova ideologia” reformista e industrialista no enquadramento dos problemas regionais – “Ao criar-se a Sudene, mudou a própria linguagem dos governantes, técnicos e administradores do Nordeste”⁸⁰⁰.

Amparada no discurso de uma visão global da “questão Nordeste”, da necessidade de uma ação coordenada e da integração dos órgãos federais na região, “partindo de uma definição comum de objetivos” e visando “alcançar um grau mais elevado de racionalidade administrativa”⁸⁰¹, a Sudene pretendeu reestruturar – com a promessa de não interferência

⁷⁹⁸ *Ibidem*, pp. 58-59, itálico nosso.

⁷⁹⁹ Oliveira, F., 2003, p. 64.

⁸⁰⁰ Ianni, 1984, p. 216.

⁸⁰¹ Furtado, 2009a, pp. 152-153.

administrativa⁸⁰² – a Ancar, o Instituto Nacional de Imigração e Colonização (Inic), o BNB – “trazer o BNB [capturado pelos políticos cearenses e voltado para o crédito de curto prazo em vez de investimentos básicos] para a pista certa”⁸⁰³ – e o BNDE – “transformar o BNDE num órgão mais atuante e promocional”⁸⁰⁴ –, o BB, o SSR, o IBGE, o Dner, o Departamento Nacional de Estradas de Ferro (Dnef), a CVSF, o Dnocs – a movimentação de recursos “contra as secas” passou a depender de autorização da Sudene –, a Chesf – “A Sudene tem dado à Chesf maiores responsabilidades pela produção de energia elétrica no Nordeste”⁸⁰⁵ –, a seção regional do Departamento Nacional de Portos e o 1º Grupamento de Engenharia do Exército – “todos crescendo vegetativamente”⁸⁰⁶. Todos esses órgãos se tornaram satélites da Sudene.

Como mostrou o capítulo, havia também uma razão biográfica por trás da criação da Sudene e da escolha de Furtado para dirigi-la. O desajustamento e a insatisfação de seu pai com o próprio destino na Paraíba originaram o sentimento de deslocamento e inconformidade da personalidade de Furtado e produziram no economista uma atitude mental favorável à inovação. Ao realizar a vontade paterna de romper com o mundo da infância, viajar e ampliar seus horizontes culturais, ele viveu como um desenraizado. Acertando as contas com a Paraíba natal, onde sua família vivera o dilema de aliar-se à elite dirigente que abominava ou desclassificar-se socialmente, Furtado regressou ao Nordeste por cima e como um reformador político.

Vista desse ângulo, a criação da Sudene representou a volta triunfal do filho pródigo, que, com os instrumentos modernos – as ciências econômicas –, pretendeu reformar o mundo de sua infância. Como um cruzado, Furtado se aventurou na missão de injetar “razão”, “civilização” e “modernidade” na região. Com propensão para atribuir um sentido heróico à própria vida, Furtado capturou e ecoou o sentimento difuso por mudanças – “Deu significativo sentido econômico ao raciocínio popular e aos debates políticos sobre o Nordeste”⁸⁰⁷ – e terminou aclamado como o “salvador” de uma região que lhe trouxera sofrimentos e traumas e contra a qual ele travara uma luta intestina como um rebento de uma sociedade e economia no ato final de um longo e resistido processo de desagregação.

⁸⁰² Alcântara, 1959.

⁸⁰³ Hirschman, 2009, p. 184.

⁸⁰⁴ Indústria e não açudes para o Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 5/2/1959.

⁸⁰⁵ Robock, 1963, p. 100.

⁸⁰⁶ Furtado, 2009a, p. 36.

⁸⁰⁷ Robock, 1963, p. 126.

PARTE 2

CELSO FURTADO VS. GILBERTO FREYRE: O PODER DA CRIAÇÃO

Apresentação

O capítulo 4 reconstrói comparativamente as origens familiares, as trajetórias sociais e os projetos intelectuais de Gilberto Freyre e Celso Furtado para jogar luz sobre os fatores que os projetaram na vanguarda dos movimentos de reforma intelectual e política no Nordeste em suas respectivas épocas. Freyre e Furtado se construíram como porta-vozes e inventores da região através do IJN e da Sudene, respectivamente, e seus projetos se chocaram no Conselho Deliberativo deste órgão regional de desenvolvimento. Quais fatores explicam a autoridade conquistada por Furtado na vida intelectual e política do Nordeste? Como ele conseguiu concorrer a altura com o prestigiado sociólogo pernambucano?

A Sudene foi criada em 1959 para modernizar a infraestrutura econômica do Nordeste, atrair investimentos industriais, atualizar as estruturas administrativas locais e investir na formação de pessoal qualificado necessários ao desenvolvimento regional. Essa agenda desenvolvimentista colidiu com o padrão coronelista de relações entre o Estado central e as oligarquias locais. A Sudene não foi aceita pacificamente pelas oligarquias políticas do Nordeste no Congresso Nacional⁸⁰⁸, pelos governadores dos estados da região, que temiam a perda de sua autonomia política⁸⁰⁹, e pelos interesses ligados às economias do açúcar, do algodão e da pecuária⁸¹⁰. Dentre os focos de resistência, o capítulo se volta para o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre e seu IJN, que monopolizavam as questões relacionadas ao Nordeste no debate intelectual e político da época.

Entre a Sudene e o IJN, ou, ainda, entre Furtado e Freyre, ocorreu uma disputa – “grande desencontro intelectual dos dois maiores pensadores nordestinos deste século”⁸¹¹ – pela interpretação legítima da “questão Nordeste”, das soluções adequadas para os problemas regionais e do lugar da região no país em transformação. Freyre e Furtado idealizaram modernas instituições regionais, criaram oportunidades de colocação para os profissionais das novas e ainda pouco prestigiadas áreas técnicas e científicas e contribuíram para a superação da tradição bacharelesca no Nordeste. Não obstante a luta comum pelo avanço da pesquisa empírica na região, eles vocalizaram projetos intelectuais e políticos diversos e materializados nas instituições por eles criadas.

No contexto da crise do pacto oligárquico e do sistema agroexportador nordestino,

⁸⁰⁸ Cohn, 1978.

⁸⁰⁹ Lima, M., 2009.

⁸¹⁰ Oliveira, F., 2008.

⁸¹¹ Guimarães, 2000, p. 19.

Freyre e Furtado formularam conceitos diferentes de “região” e propuseram novos nexos entre o Nordeste e a nação. Em nome da diversidade regional, o sociólogo negociou com o Estado central um novo estatuto para o Nordeste. Em um ambiente político de reconstrução do Estado e da sociedade brasileira a partir da década de 1930, o pernambucano legitimou com o discurso sociológico seu projeto regionalista de defesa das tradições culturais. Contra o “vago brasileiro”⁸¹² imposto ao restante do país pelo Centro-Sul, Freyre pretendeu fundar a unidade nacional na harmonização de passados regionais, tradições culturais, ecologias e grupos étnicos diversos, preservando as especificidades dos modos de vida de cada região e, especialmente, a singularidade da configuração social e cultural do Nordeste, repositório das raízes culturais brasileiras⁸¹³. Encampando essas teses, o IJN – “uma instituição autobiograficamente gilbertiana”⁸¹⁴ – foi criado para estudar a realidade socioeconômica e cultural do Norte e do Nordeste, particularmente as condições de vida do trabalhador rural⁸¹⁵.

Uma década depois do IJN, Furtado recolocou a “questão Nordeste” no âmbito do problema da integração nacional e da superação das relações arcaicas de produção e da sociabilidade patriarcal, que bloqueavam o uso “racional” dos recursos produtivos (terra e mão-de-obra) e a formação de um mercado interno nacional⁸¹⁶. O economista vislumbrava a criação de uma civilização industrial moderna no Nordeste – um “centro autônomo de expansão manufatureira”⁸¹⁷ –, a superação das assimetrias regionais e a internalização dos centros de decisão econômico e político. Alinhando-se à política de desenvolvimento nacional do governo federal⁸¹⁸, Furtado criou a Sudene para colocar essas ideias em prática.

Os projetos intelectuais e políticos de Freyre/IJN e de Furtado/Sudene para o Nordeste brasileiro se entrecrocaram entre o final da década de 1950 e o começo da década de 1960 e essa competição pela hegemonia na definição dos problemas e das soluções legítimas para a região não mereceu atenção da literatura em virtude da projeção incomparavelmente maior que a Sudene e Furtado adquiriram naquela quadra histórica, pelas diferenças de atuação entre o Nabuco (um instituto de pesquisa social) e a Sudene (um órgão de planejamento econômico), pela referência habitual a outros adversários de Furtado e da Sudene (o Dnocs e os “industriais das secas”, especialmente), pelas particularidades dos contextos em que foram criados o IJN (1949) e a Sudene (1959), pela diferença de idade entre Freyre e Furtado (de vinte anos), pela

⁸¹² Freyre, 1925 *apud* Lira, J. T., 2005, p. 159.

⁸¹³ Mesquita, 2018; Albuquerque Júnior, 2009.

⁸¹⁴ Coutinho, 1987 *apud* Jucá, 1991, p. 23.

⁸¹⁵ Freston, 1989.

⁸¹⁶ Furtado, 2007 (1959).

⁸¹⁷ *Idem*, 2009a, p. 88.

⁸¹⁸ Cohn, 1978.

consagração deles em diferentes campos do conhecimento (sociologia e economia) e, *last but not least*, pelo receio de indagar as motivações concretas – descartadas como “questiúnculas acadêmicas” e “paroquiais”⁸¹⁹ – por trás do confronto entre “dois dos intelectuais públicos mais importantes e expressivos do Nordeste”⁸²⁰.

A partir dos projetos políticos distintos encampados pelo IJN e pela Sudene, o capítulo reconstituirá o embate entre Freyre e Furtado, figuras emblemáticas e que, coerentes com suas visões de mundo, construíram representações distintas e vislumbraram futuros alternativos para o Nordeste brasileiro. Reconstituirá, também, as origens familiares e as trajetórias sociais de Freyre e de Furtado com o intuito de mostrar de que modo eles acumularam e ativaram capitais para criar o IJN e a Sudene nos seus respectivos contextos históricos.

Como será mostrado, o estreante paraibano acumulou poderes de fazer inveja ao ilustre pernambucano, que, após três décadas reinando sem concorrência à altura na cena intelectual da região, viu seu poder em xeque no momento em que os do economista cresciam vertiginosamente. O capítulo mostrará também que o crescimento meteórico do prestígio da Sudene e de Furtado na região se deveu a fatores como os volumosos recursos financeiros levados pela autarquia para o Nordeste, ao número elevado de empregos para profissionais de nível superior criados pelo órgão regional e a capacitação de técnicos na região. Ao reconstruir o embate entre Furtado/Sudene e Freyre/IJN, o capítulo jogará luz sobre contextos pouco explorados pela literatura da história das ciências sociais e do pensamento social no Brasil, ocupada predominantemente com as experiências de São Paulo e do Rio de Janeiro.

⁸¹⁹ Aquino, L., 2014, p. 99.

⁸²⁰ *Ibidem*.

CAPÍTULO 4

Celso Furtado vs. Gilberto Freyre: guerra de gigantes

1. Freyre e Furtado: origem familiar, formação escolar e trajetória profissional

Pelo lado paterno, Gilberto de Mello Freyre (1900-1987) era neto de Alfredo Alves da Silva Freire, “um membro da burguesia comercial inserido nas redes sociais do sistema escravocrata”⁸²¹, e que, devido à sua “energia e inteligência para os negócios” e ao casamento com Maria Raymunda da Rocha Wanderley⁸²², filha do coronel Manuel da Rocha Wanderley, que era proprietário dos engenhos Água Preta e Mangueira na Mata Sul pernambucana, conseguiu se inserir no patriciado rural pernambucano⁸²³. Oriundo de uma ilustre linhagem espanhola, o avô paterno de Gilberto foi comissário de açúcar no Recife, negociante no interior de Pernambuco e senhor de engenho.

Alfredo Alves da Silva Freyre Júnior (1874-1961), o pai de Gilberto, viveu a infância entre o engenho Mangueira e um sobrado da família no Recife e cursou a prestigiada FDR, “centro de cultura e de formação jurídica e humanística de elites brasileiras”⁸²⁴. De temperamento austero, Alfredo ganhou a vida na capital como professor de latim, português, francês, direito comercial, economia política e literatura no Colégio Americano Batista Gilreath, que ele próprio ajudou a fundar e onde ensinou entre 1907 e 1934. Alfredo atuou ainda como diretor da Escola Normal entre 1928 e 1929. Liberal, maçom e anticlerical, foi promotor público, delegado de polícia, juiz de direito e catedrático de economia política na FDR. Alfredo era o dono de uma vasta cultura e atualizada biblioteca, muito frequentada por Gilberto – “um menino leitor”⁸²⁵ –, e era conhecido como um intelectual brilhante, um professor exigente e de um “excessivo corretismo”⁸²⁶, inculcando nos filhos o gosto pela leitura e pela vida intelectual.

Alfredo se casou com Francisca Teixeira de Mello (1878-1943), que pertencia à linhagem aristocrática dos Gonçalves de Mello. Francisca era de uma família de classe alta do Recife em apuro econômico com o falecimento de seu pai, Ulysses Pernambucano de

⁸²¹ Larreta e Giucci, 2007, p. 19.

⁸²² *Ibidem*, p. 18.

⁸²³ *Ibidem*, p. 19.

⁸²⁴ Freyre, 1961 [1934], p. 137.

⁸²⁵ Larreta e Giucci, 2007, p. 39.

⁸²⁶ *Ibidem*, p. 19.

Mello⁸²⁷, um pioneiro da psiquiatria pernambucana e a quem Gilberto renderia homenagens repetidas em sua obra intelectual. “Uma Wanderley do século XIX”⁸²⁸, ela era fluente em francês, “língua em que lia com prazer”⁸²⁹, gostava de tocar piano e amava poesia e literatura⁸³⁰. Além de inculcar em Gilberto o culto pelo mundo da casa-grande, que impregnaria seus livros – “Uma tradição em parte inventada, construída com fragmentos de um mundo já em ruínas”⁸³¹ –, essa origem na nobiliarquia agrária da antiga capitania de Pernambuco colocou à disposição do sociólogo uma parentela que seria decisiva em sua escalada intelectual e política.

O segundo dos quatro filhos de Alfredo e Francisca, Gilberto passou a infância entre o casarão de sua família paterna no Recife e o engenho São Severino do Ramo – “Foi seu primeiro contato com o ambiente rural, de onde extrairá depois inúmeras memórias. [...] sentia-se menino de engenho”⁸³². Ele estudou no Colégio Americano Batista – “uma das matrizes da formação de seu caráter”⁸³³ – e aprendeu desde muito cedo francês, inglês e espanhol – seria instrutor de francês e espanhol na Universidade de Baylor⁸³⁴ –, línguas nas quais era fluente. Ainda adolescente, ensinou latim, que aprendeu com seu pai, escreveu sonetos, cultivou um caderno de desenhos – teve aulas particulares com Jerônimo José Telles Júnior (1851-1914), “o pintor das elegâncias burguesas do Recife”⁸³⁵ –, se tornou o redator-chefe de *O Lábaro* (o jornal do colégio) e estreou como conferencista, evidenciando sua precocidade intelectual.

Em 1918, com o apoio dos batistas, Freyre viajou para os Estados Unidos, onde se bacharelou em artes liberais e se especializou em ciências políticas e sociais na Universidade de Baylor (Ulysses Freyre, seu irmão mais velho, também estudara em Baylor), e seguiu estudos de pós-graduação em ciências sociais na Universidade de Columbia. Nessa oportunidade, ele acrescentou uma formação acadêmica cosmopolita a seu incomum capital cultural e de línguas. O pernambucano foi aluno de alguns dos fundadores das modernas ciências sociais (como Franz Boas e Franklin Giddings), participou de congressos científicos, viajou os Estados Unidos e, entre 1922 e 1923, conheceu a Europa, onde travou contato com

⁸²⁷ *Ibidem*, p. 20.

⁸²⁸ *Ibidem*, p. 22.

⁸²⁹ *Ibidem*, p. 20.

⁸³⁰ *Ibidem*, p. 21.

⁸³¹ *Ibidem*, p. 23.

⁸³² *Ibidem*, p. 26-27.

⁸³³ *Ibidem*, p. 43.

⁸³⁴ *Ibidem*, p. 76.

⁸³⁵ *Ibidem*, p. 25.

novas correntes de pensamento nas ciências e nas artes. Com “uma auréola de gênio”⁸³⁶, que ele mesmo cultivava, Gilberto se tornou colaborador do *Diário de Pernambuco*, assinando a coluna “Da outra América”, indicando o desejo antigo de adquirir influência e reconhecimento na terra natal como um intelectual.

De volta ao Brasil em 1924, Gilberto se reintegrou à vida intelectual recifense, fundou o Centro Regional do Nordeste e, no ano seguinte, organizou o *Livro do Nordeste*. Ele também idealizou o I Congresso Brasileiro de Regionalismo, escreveu o “Manifesto Regionalista” – ambos em 1926 – e organizou o Congresso de Estudos Afro-Brasileiros em 1934, construindo o imaginário e o discurso da singularidade da área cultural e ecológica do Nordeste⁸³⁷. Através dessas iniciativas, ele se tornou o referente para um grupo de notáveis do Recife intelectual como Ulysses Pernambucano, Olívio Montenegro, Sylvio Rabelo, Manuel Bandeira e Cícero Dias.

Cuidando da ampliação de sua rede de contatos (no Brasil e no exterior) e de seu *marketing* pessoal, ele viajou com frequência aos Estados Unidos e ao Rio de Janeiro, onde estabeleceu seus primeiros vínculos com a vida intelectual fluminense. Nesses anos, Freyre foi promovido para chefe de gabinete do então governador pernambucano Estácio Coimbra (1926-1930), um rico usineiro⁸³⁸, ex-deputado federal (1921-1923) e ex-vice-presidente da República (1919-1922). “Protetor de Gilberto Freyre”⁸³⁹, Estácio era casado com uma prima do sociólogo⁸⁴⁰. Gilberto se tornou o diretor do jornal governista *A Província* em 1928 e foi professor da cátedra de sociologia da Escola Normal entre 1929 e 1930, “uma das primeiras experiências (senão a primeira) de institucionalização do ensino da sociologia no Brasil”⁸⁴¹. Sua carreira ascendente na vida intelectual e política pernambucana foi interrompida pela Revolução de 1930, mas ele logo recuperou posição com o sucesso consagrador de *Casa-Grande & Senzala*, publicado em 1933.

Na década de 1930, Gilberto alcançaria reconhecimento como um intelectual de renome nacional e internacional com *C.-G. & S.*, marco para a construção sociológica de sua posição regionalista⁸⁴². A partir de então, ele esteve em evidência e seu nome passou a ser conhecido do público e se tornou corrente nos jornais do Centro-Sul – “Gilberto foi sempre

⁸³⁶ *Ibidem*, p. 55.

⁸³⁷ Albuquerque Júnior, 2011.

⁸³⁸ De sua propriedade, a Central Barreiros disputou o posto de maior produtora de açúcar de Pernambuco nas primeiras décadas do século (Andrade, M., 1988, p. 24).

⁸³⁹ Larreta e Giucci, 2007, p. 21.

⁸⁴⁰ *Ibidem*, p. 21.

⁸⁴¹ Meucci, 2007, p. 451.

⁸⁴² Sorá, 1998.

notícia”⁸⁴³. O editor José Olympio (1902-1990), seu amigo, o incumbiu da direção da “Coleção Documentos Brasileiros”. Ele também se tornou colunista dos diários cariocas *Correio da Manhã* e *A Manhã* e colaborador dos *Diários Associados* do “Mestre Assis Chateaubriand”⁸⁴⁴, que se converteria em um duro crítico da Sudene e de Furtado⁸⁴⁵. O sociólogo publicou ainda *Sobrados e Mocambos* e *Nordeste*, respectivamente em 1936 e 1937, que sedimentaram seu novo *status* como o mais autorizado dos intérpretes da sociedade e da cultura brasileira.

Freyre terminou conhecido e reconhecido no Nordeste, no Centro-Sul e na comunidade acadêmica internacional. Ele era convidado para conferências e cátedras nas universidades norte-americanas e europeias. Ele aceitou os convites das Universidades de Stanford, Michigan, Indiana, Virgínia e Columbia, e recusou as ofertas de Yale, Harvard, Califórnia, Princeton e Berlim, propiciando novas oportunidades para viajar e fortalecer a carteira de contatos e o prestígio do “cigano de beca”⁸⁴⁶, como ele costumava referir-se a si próprio. O sociólogo já se tornara membro da *American Sociological Society*, da *American Anthropological Association* e da *American Philosophical Society*, além de conselheiro de diversos institutos e publicações internacionais.

No Brasil, Freyre foi indicado por Anísio Teixeira, seu amigo, leitor e admirador, para catedrático de sociologia na Universidade do Distrito Federal. Para o fidalgo pernambucano com quarenta anos de idade incompletos e um vultoso capital intelectual, esses trunfos funcionaram como reforço de sua segurança e confiança intelectual – Desde muito jovem, acostumara-se a ser tratado e a se ver como um “aluno estrela”⁸⁴⁷, um “menino prodígio”⁸⁴⁸ e “um gênio”⁸⁴⁹. Um indício do investimento intelectual do sociólogo pernambucano entre as décadas de 1920 e 1930, ele se casou apenas aos 42 anos de idade com Maria Magdalena Guedes Pereira (1920-1997), uma paraibana vinte anos mais jovem do que ele.

Apesar do exílio e da perseguição do interventor pernambucano Agamenon Magalhães (1937-1945) e da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, que voltaram suas baterias contra Freyre, acusando-o de anticatólico, comunista, “pornográfico do Recife” e “corruptor da mocidade brasileira”⁸⁵⁰ – C.-G. & S. foi visto por esses elementos reacionários como um

⁸⁴³ Silva, S., 2010, p. 169.

⁸⁴⁴ Freyre, 1961 [1934], p. 125.

⁸⁴⁵ Barboza e Ribas, 2021, pp. 289-290.

⁸⁴⁶ Silva, S., 2010, p. 25.

⁸⁴⁷ *Ibidem*, p. 3.

⁸⁴⁸ *Ibidem*, p. 6.

⁸⁴⁹ *Ibidem*, p. 12.

⁸⁵⁰ *Ibidem*, p.213.

livro “imoral” e “obsceno”⁸⁵¹ –, o sociólogo pernambucano conseguiu se proteger da estigmatização e perseguição e atravessou a década de 1930 e a ditadura do Estado Novo (1937-1945) duplamente vitorioso: por um lado, no contexto da formação do Estado nacional moderno e de invenção da brasilidade, ele negociou seu programa regionalista com a ditadura varguista, e foi o fiel da balança do pacto político entre tradição e modernidade, elevando sua construção da identidade nacional ao estatuto de ideologia oficial⁸⁵²; por outro lado, em Pernambuco, pousou como um contestador radical e um símbolo da resistência democrática anti-varguista, conseguindo palanque e acumulando capital político próprio como um fundador da Esquerda Democrática, logo integrada à UDN.

Freyre foi eleito deputado federal constituinte em 1946 pela UDN, foi vice-presidente da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados e o proponente do projeto de lei 770/1948, que criou o IJN (doravante Nabuco), uma ideia antiga e que se tornou realidade no ano seguinte graças a seu capital político e intelectual e à sua influência na imprensa, que festejou a criação do centro de pesquisas, transferindo para Freyre parcela do prestígio do diplomata e abolicionista pernambucano que emprestou seu nome ao Instituto.

Um ótimo projeto do mestre maior de todos nós.⁸⁵³

Uma homenagem do mestre de Apipucos ao mestre de Massangana.⁸⁵⁴

O trabalho do deputado Gilberto Freyre tem também este grande mérito: o de fazer lembrar a figura de um grande estadista à nossa geração atual.⁸⁵⁵

Absorvendo e controlando as iniciativas federais no Nordeste brasileiro, Freyre também comandou o Centro Regional de Estudos Educacionais do Recife, que era ligado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep/MEC), dirigido por Anísio Teixeira. Na frente internacional, ele foi representante do governo brasileiro na Assembleia Geral das Nações Unidas em 1949 e, na década de 1950, intensificou seus *tours* como um conferencista internacional e foi laureado com comendas, condecorações e títulos de doutor *honoris causa*.

Vendo a si próprio como um criador original sem par e um precursor⁸⁵⁶, Freyre encontrou em Furtado um competidor à altura, com comparável autoconfiança, ambição de

⁸⁵¹ *Ibidem*, p. 197.

⁸⁵² Mesquita, 2018.

⁸⁵³ Rego, 1948.

⁸⁵⁴ Nabuco foi o maior artífice da valorização do homem do povo, *Diário de Pernambuco*, 26/8/1948.

⁸⁵⁵ Nabuco foi, sem contestação, das maiores figuras do país, *Diário de Pernambuco*, 5/9/1948.

⁸⁵⁶ Araújo, R., 1994.

protagonismo, um volumoso capital cultural e científico, uma formação cosmopolita e uma cartela de contatos nas esferas decisórias e nos circuitos intelectuais e burocráticos internacionais. O imperador pernambucano das ciências sociais no Nordeste e no Brasil veria sua fortaleza ameaçada pela ascensão do reformador paraibano e sua cidadela sitiada por um exército de novos recrutas nordestinos, que não lhe deviam favores, não haviam passado pelas instituições sob seu controle e que juraram fidelidade a Furtado, que deu a eles bons empregos e salários, uma causa – a “redenção econômica do Nordeste” – e um futuro promissor.

Como visto no capítulo 2, Celso Monteiro Furtado (1920-2004) era de uma família de juízes paraibanos pelo lado paterno. Maurício Medeiros Furtado (1893-1965), o pai do economista, era filho do juiz e poeta João Antônio da Gama Furtado e da musicista amadora Ernestina de Medeiros Furtado. Como seu pai, Maurício estudou no Liceu Paraibano e na FDR, centros tradicionais de formação das oligarquias nordestinas, e era um conceituado latinista e professor de português. Ele também sabia francês e italiano e era um empreendedor cultural.

Pelo lado materno, Furtado era o segundo de oito filhos da manauara Maria Alice Monteiro Furtado, de uma família de proprietários de terras do sertão paraibano. Com uma formação cultural erudita, ela sabia ler em francês e espanhol⁸⁵⁷. Maria Alice era filha de Joanna de Gouveia Monteiro e do coronel Ernesto Emeliano de Gouveia Monteiro, um juiz estadual especializado em assuntos fiscais e fazendários⁸⁵⁸.

Habitado a ser um aluno prodígio⁸⁵⁹, Furtado estudou no Liceu Paraibano e no GP, centros tradicionais de instrução científica e cultural das elites locais. Seguindo os passos de seu pai, Celso cursou direito na Universidade do Brasil entre 1938 e 1942 – “o lugar por excelência da produção e circulação das ideias no Brasil”⁸⁶⁰ –, pavimentando o caminho na direção da cúpula do setor público federal. Ele foi aprovado no concurso para o emprego de técnico de organização do Dasp em 1944, cursou o doutorado em economia na França entre 1946 e 1948 e ingressou na Cepal, onde permaneceu por quase dez anos (1948-1958).

Como funcionário das Nações Unidas, Celso coordenou o Grupo Misto CEPAL-BNDE entre 1953 e 1955. O economista também encabeçou a criação do Clube dos Economistas, reunindo em torno de sua liderança parcela dos economistas do setor público, quase todos eles de classe média, nordestinos, sem ligações com as elites dirigentes da capital federal, com formação em direito, com conhecimentos nas áreas administrativa e econômica com alta

⁸⁵⁷ *Idem*, 1999a.

⁸⁵⁸ Informação consultada no *Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da República dos Estados Unidos do Brasil para 1915*, 2º Volume (Estados), publicado pela Almanak Laemmert em 1915.

⁸⁵⁹ Furtado, 2019, pp. 47-50.

⁸⁶⁰ Oliveira, F., 2003, p. 65.

cotação no mercado político e com ideias “nacionalistas”⁸⁶¹. Furtado foi reconhecido como o guia intelectual dessa geração depois de se destacar na Cepal, ensinar nas diversas edições do CTPDE da Cepal-BNDE e do BNB e ministrar conferências sobre economia brasileira no Iseb e no EMFA, tornando-se pouco a pouco um nome conhecido nos escalões superiores da administração federal, das instituições militares, do empresariado industrial e do *establishment* universitário.

Nesse período, Celso acumulou credenciais técnicas, uma influente carteira de contatos (nacionais e internacionais) e um capital simbólico como um dos primeiros membros da Cepal, o colaborador do renomado Raúl Prebisch e o mediador entre aquele organismo latino-americano e os círculos burocrático, político, empresarial e universitário no Brasil. Em síntese, Furtado se tornou um respeitado planejador econômico, atuando simultaneamente nas frentes transnacional e nacional. Dono de um volumoso capital de saberes “técnicos”, e com credibilidade no Brasil e na América Latina, ele adquiriu confiança e segurança para o exercício da liderança intelectual, burocrática e política.

Ambicioso e talhado por tradição familiar para a direção política, Furtado encampou a missão de regenerar o Estado brasileiro. Socializado entre os operadores do aparelho estatal paraibano, desde muito cedo ele aprendeu a se portar como um estadista e era um intelectual treinado para pensar, sentir e agir como um pioneiro e capacitado para ver mais longe e se antecipar na direção das novas tendências sociais e políticas. Com predisposição para o comando, uma perspectiva de si próprio como o detentor de qualidades superiores (intelectuais e morais), com a certeza íntima – típica dos eleitos – de um grande destino, para o qual caminhou paciente, o economista criou a Sudene (lei 3.692/1959), despontando como um líder político.

Apoios

Como Furtado ativou seus capitais, costurou relações na cúpula da burocracia estatal e alianças políticas para viabilizar a Sudene, construindo seu carisma e sua reputação? A ideia de uma nova política para o combate às secas no Nordeste estava na esquina. Recém-chegado de *Cambridge*, onde escrevera *FEB*, Furtado se desvinculou da Cepal, assumiu a recém-criada diretoria para o Nordeste do BNDE, tomou a dianteira nas discussões em torno da “questão Nordeste” e defendeu a ideia de que a região era um problema de segurança e de “unidade

⁸⁶¹ Barbosa, 2021; Sola, 1998; Bielschowsky, 1988.

nacional”, e que não comportava uma solução de compromisso do tipo tradicionalmente adotada⁸⁶². Em um contexto de descrédito dos políticos profissionais, Furtado regressou ao Brasil e se apresentou como um técnico apartidário. Ex-febiano nas trincheiras da Itália, ele alarmou os militares ao espalhar aos quatro cantos o risco de sublevação social e de violência generalizada no Nordeste, que justificava a urgência do planejamento regional.

Para os agentes políticos e econômicos da região, ele prometeu o afluxo de recursos do BNDE⁸⁶³, a coordenação mais eficiente dos órgãos federais na região, a diversificação da estrutura produtiva, a elevação da produtividade econômica e a integração da economia nordestina no processo de desenvolvimento nacional⁸⁶⁴. Para os setores populares organizados, Furtado acenou com a promessa de reestruturação da economia agrária – evitava falar em “reforma agrária” (uma evidência de seu tino político) –, a incorporação das populações marginalizadas à produção e a melhoria do nível de vida dos trabalhadores (rurais e urbanos)⁸⁶⁵. Para os norte-americanos e a imprensa estrangeira alarmados com a situação “pré-revolucionária” no Nordeste⁸⁶⁶, o ex-funcionário das Nações Unidas acenou com a pacificação social e exibiu a credencial de um técnico experiente e insuspeito de comunismo.

O economista era um crítico dos métodos do deputado e líder camponês Francisco Julião, um demagogo com fórmulas míticas – “mitos sorelianos”⁸⁶⁷ – que teriam ressoado no “espírito religioso” das massas camponesas, distraíndo-as no processo de conquista de seus direitos políticos e econômicos⁸⁶⁸. Ao contrário de Julião, Furtado não acreditava que as tensões sociais no Brasil no pré-1964 teriam como desfecho provável a saída cubana (objetivos revolucionários e emprego de métodos violentos) e procurava guiar as frações mais progressistas das classes dirigentes (ligadas à indústria e ao mercado interno) para uma solução política pactuada, que, não obstante a perda de alguns privilégios, pavimentaria o caminho para uma transição (da velha economia agrária semifeudal para uma estrutura capitalista *tout court*) sem grandes solavancos⁸⁶⁹. Furtado – e San Tiago Dantas – pretendeu ser o fiador dessa estratégia política, que, como é sabido, não teve êxito⁸⁷⁰.

Furtado conhecia na palma da mão a administração pública brasileira e possuía muitos amigos em posições estratégicas, que o auxiliaram em momentos decisivos como Roberto

⁸⁶² Cohn, 1978.

⁸⁶³ O Nordeste deve ser visto como um todo, *Diário de Pernambuco*, 23/1/1959.

⁸⁶⁴ Furtado, 2009a.

⁸⁶⁵ Plano de ação para o Nordeste, *Correio da Manhã*, 13/1/1959.

⁸⁶⁶ Barboza e Ribas, 2021, pp. 287-288.

⁸⁶⁷ Furtado, 1964, p. 90.

⁸⁶⁸ *Ibidem*, p. 153.

⁸⁶⁹ *Idem*, 1964 e 1962.

⁸⁷⁰ Figueiredo, 1993; Furtado, 1962.

Campos (1917-2001). Fundador e presidente do BNDE, Campos o apoiou para a direção do Grupo Misto Cepal-BNDE em 1953, o indicou para a presidência do escritório da Cepal no Rio de Janeiro em 1958 e aceitou a proposta do paraibano para a criação de uma diretoria para o Nordeste no BNDE naquele mesmo ano⁸⁷¹.

Amigo de Furtado desde o Liceu Paraibano, *ex-political affairs officer* das Nações Unidas, ex-assessor de Vargas para assuntos internacionais, diretor do BNDE e assessor informal de Kubitschek, Cleantho de Paiva Leite (1921-1992) articulou o apoio de Vargas à Cepal quando os Estados Unidos queriam extingui-la, facilitou uma reunião entre Vargas, Prebisch e Furtado em 1951 – “Era evidente que Cleantho o havia posto a par do essencial, e ele estava contente”⁸⁷² –, selando a parceria entre o Brasil e o novo organismo latino-americano, e foi um dos responsáveis por trazer Furtado para o BNDE⁸⁷³. Paiva Leite também articulou com José Sette Câmara, chefe do Gabinete Civil de Kubitschek, e seu amigo dos tempos de Nações Unidas e de governo Vargas, o encontro entre Kubitschek e Furtado do dia 6 de janeiro de 1959, que discutiu uma nova política para o Nordeste e deu início à Opeño. Um dos fundadores e primeiros diretores do BID entre 1960 e 1966, Paiva Leite também assessorou a captação de recursos deste Banco pela Sudene, que foi o primeiro órgão latino-americano a conseguir financiamento da instituição bancária transnacional⁸⁷⁴.

Por sua vez, Sette Câmara foi um “baluarte”⁸⁷⁵ na defesa dos planos de Furtado no Catete⁸⁷⁶. Foi ele quem apresentou Furtado a Paulo Bittencourt (1895-1963), proprietário do *Correio da Manhã* – “um dos mais importantes periódicos da antiga capital da República”⁸⁷⁷ – e um aliado de primeira hora da Sudene.

O nome de Celso Furtado foi lembrado ao presidente por várias pessoas, dentre as quais cito Aloísio Campos, paraibano como Celso, e que estava organizando o Codeno; Cleantho Leite e Roberto Campos, dirigentes do BNDE, que haviam contratado os trabalhos daquele economista, liberando-o para dedicar-se totalmente ao projeto Nordeste; Sette Câmara, chefe do Gabinete Civil do Presidente Juscelino Kubitschek; e o poeta Augusto Frederico Schmidt, que viva e permanente influência exercera no espírito do presidente, no lançamento da Operação Pan-Americana e em outras decisões de importância⁸⁷⁸.

Esses contatos palacianos teriam sido insuficientes sem a adesão de um bloco

⁸⁷¹ Furtado, 1997 [1985].

⁸⁷² *Ibidem*, p. 64.

⁸⁷³ Oliveira, F., 2020, p. 76.

⁸⁷⁴ Tavares, Andrade e Rodrigues, 1998, p. 73.

⁸⁷⁵ Instantâneos, *Diário de Pernambuco*, 1959.

⁸⁷⁶ Farias, 2020, p. 49.

⁸⁷⁷ CPDOC-DHBB, verbete Paulo Bittencourt.

⁸⁷⁸ Souza, J., 1979, p. 149.

heterogêneo de aliados (a imprensa do Sudeste e estrangeira, os militares, os intelectuais, os estudantes, a Igreja, o movimento social, os parlamentares e o empresariado industrial). Com esses apoios, dentro e fora da burocracia, Furtado conseguiu “tratamento especial”⁸⁷⁹ para a Sudene na estrutura administrativa federal (amplas atribuições, extensa atuação e controle sobre os órgãos e os investimentos federais na região), tornando a Sudene “uma espécie de Ministério do Nordeste”⁸⁸⁰. Conseguiu, também, representação nos conselhos federais estratégicos (na Sumoc, na Cofap e no Conselho de Política Aduaneira) e adquiriu uma “excepcional força executiva”⁸⁸¹ para planejar, fiscalizar e executar obras e serviços⁸⁸².

Por decisão do presidente Jânio Quadros (1961), o superintendente da Sudene passou a ter *status* de ministro e o direito à participação nas reuniões ministeriais. Vale destacar, também, que saiu da Sudene o primeiro ministro do Planejamento (1963) e o autor do Plano Trienal (1963) – “o *Te Deum* do presidencialismo populista, uma espécie de ‘visita da saúde’ ao moribundo, e o *réquiem* do ministro do Planejamento”⁸⁸³ –, que impôs o desenvolvimento regional como uma meta transversal à todas as políticas setoriais – “A Superintendência havia ganho foros jamais atribuídos a uma instituição pública no Brasil”⁸⁸⁴.

Dois outros fatores explicam a força política da Sudene naquele período: a autarquia federal foi criada como um órgão autônomo, ligado à Presidência da República e com um superintendente escolhido pelo chefe do executivo federal, o que deu legitimidade e força política ao ocupante do cargo; além disso, seu Conselho Deliberativo era um instrumento político para conquistar melhores posições na esfera federal e contornar as pressões dos grupos locais⁸⁸⁵.

Para efeitos de comparação, vale observar como Freyre ativou seus capitais e contatos e criou o Nabuco. O pernambucano se valeu do prestígio como um ensaísta e sociólogo e do espaço cativo na cadeia midiática dos *Diários Associados*, o que deu a ele palanque e visibilidade nacional para influenciar o debate público⁸⁸⁶. Outro fator crucial foi a consagração imediata com a publicação de *C.-G. & S*⁸⁸⁷. Contou a favor, também, a reputação e os contatos que ele amalhou no exterior como um ex-aluno de Baylor e Columbia, um professor e

⁸⁷⁹ Carvalho, J., 1979, p. 189.

⁸⁸⁰ Oliveira, F., 2020 [2013].

⁸⁸¹ Carvalho, J., 1979, p. 166.

⁸⁸² Esses poderes e prerrogativas excepcionais foram conquistados após duros embates dentro e fora do Congresso Nacional. Ver Cohn (1978).

⁸⁸³ Oliveira, F., 2003, p. 27.

⁸⁸⁴ Carvalho, J., 1979, p. 170.

⁸⁸⁵ Santana, J., 2020; Colombo, 2015; Ismael, 2005; Carvalho, J., 1979.

⁸⁸⁶ Dalmonte, 2009.

⁸⁸⁷ Freston, 1989, p. 373.

conferencista de prestígio nos Estados Unidos e na Europa, um autor traduzido nas línguas inglesa e espanhola já em meados da década de 1940 – *C.-G. & S.* e *Nordeste* já haviam recebido tradução para o inglês e o espanhol – e a projeção como o grande publicista do modelo de convivência e harmonia racial brasileira, que foi encampado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)⁸⁸⁸.

A carreira política de Freyre também foi crucial para a criação do Nabuco. Como visto, o ex-integrante do governo deposto de Estácio Coimbra se recolocou na política pernambucana como membro da Esquerda Democrática e foi um agitador político de proa na campanha de redemocratização ao “capitalizar a sua fama nacional e o seu trânsito mais ou menos livre entre liberais e esquerdistas”⁸⁸⁹, terminando eleito deputado federal constituinte. No exercício do mandato parlamentar, o udenista levou em frente a ideia de criar um Instituto e mobilizou seus laços de parentesco e sua carteira de contatos políticos com acesso às esferas decisórias⁸⁹⁰, derrotando antigos adversários como Agamenon Magalhães e o senador pernambucano Etelvino Lins, que, no lugar da “organização cultural” idealizada por Freyre⁸⁹¹, sugeriram a criação de uma seção voltada ao pequeno lavrador rural do “Norte Agrário” no Instituto Arqueológico de Pernambuco ou um museu no Engenho Massangana – “um Museu de ferros velhos da escravidão”, atacou Freyre⁸⁹².

Vencidas essas propostas – “tentativas de sabotagem”⁸⁹³ –, Etelvino ainda articulou a apresentação de uma emenda ao projeto de lei do Instituto subordinando-o à Universidade do Recife⁸⁹⁴, “jogo baixo do intruso, que no Senado deslustra as tradições dos pernambucanos”⁸⁹⁵.

Ao escolher criar o Instituto como um apêndice das comemorações do centenário de nascimento de Joaquim Nabuco, Gilberto evitava o debate que antepunha o projeto do Instituto com o da Universidade do Recife, criada apenas três anos antes. Foi um artifício inteligente que diligenciou e finalmente viabilizou o sucesso do projeto. Ao final, Pernambuco havia sido premiado com um par de importantes organizações de inteligência. [...]. As duas são filhas do mesmo processo de amadurecimento de uma classe intelectual e da ampliação das demandas sociais da região em expansão.⁸⁹⁶

Um amigo de Freyre, líder da oligarquia açucareira decadente, ex-prefeito do Recife

⁸⁸⁸ Freyre chegou a participar da “Conferência dos Oito” em 1948, convocada pela Unesco para debater as tensões e os desafios civilizacionais do pós-guerra (Maio, 1999; Freston, 1989).

⁸⁸⁹ Freston, 1989, p. 375

⁸⁹⁰ *Ibidem*, p. 375.

⁸⁹¹ O Instituto Joaquim Nabuco no Senado, *Diário de Pernambuco*, 21/5/1949.

⁸⁹² Pesquisa social no Brasil. Exaltada na Câmara a figura do sr. Gilberto Freyre, *Diário de Pernambuco*, 25/5/1949.

⁸⁹³ A atuação do deputado Gilberto Freyre na Câmara, *Diário de Pernambuco*, 2/8/1949.

⁸⁹⁴ Tática obstrucionista na votação do projeto sobre o Instituto Joaquim Nabuco, *Diário de Pernambuco*, 3/6/1949.

⁸⁹⁵ O Instituto Joaquim Nabuco, *Diário de Pernambuco*, 4/6/1949.

⁸⁹⁶ Galindo, 2022, p. 55.

(1937-1945) e ex-ministro da Agricultura (1950-1951), o senador Antônio Novais Filho (PSD/PE) se empenhou para a rápida tramitação do projeto no Senado. Outro apoiador do projeto de Freyre foi o senador José Américo de Almeida (1947-1951), um político paraibano com muita influência na capital federal e que foi ministro da Viação Civil e Obras Públicas (1930-1934), ministro do Tribunal de Contas da União (nomeado em 1936), candidato à Presidência e Vice-Presidência da República (em 1937 e 1946, respectivamente) e presidente da UDN a partir de 1946⁸⁹⁷.

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e um antigo amigo de Freyre, Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1969) articulou apoio na alta burocracia e entre os caciques da política cultural. Odilon Ribeiro Coutinho (1923-2000), um usineiro, industrial e amigo de longa data de Freyre, foi o patrocinador da campanha do escritor para legislador federal e intercedeu junto ao então deputado Juracy Magalhães (UDN/BA), que presidia a Comissão de Finanças da Câmara Federal. Chefe de Gabinete do Ministro Ernesto Simões Filho, da Educação, coube a Péricles Magalhães de Pinho agilizar os trâmites burocráticos e aparar as arestas políticas no MEC. Chefe do Gabinete de Vargas, Lourival Fontes (1899-1967) foi contatado por José Olympio, editor e amigo de Freyre. Graças à essas articulações, Freyre conseguiu criar, orçar e montar a primeira equipe de pesquisadores do Nabuco, “uma academia freyrina”⁸⁹⁸.

Em síntese, Furtado e Freyre se apoiaram em frações distintas das elites dirigentes para se construírem como lideranças. O paraibano era um membro destacado da nova elite de economistas legitimados por suas competências técnicas e com ativos sociais para liderar a reforma do Estado brasileiro em processo de expansão e diferenciação, desbastando caminho novo para os técnicos recém-chegados ao setor público e com capitais mais modestos. Ele integrava o círculo dos criadores das novas instituições de desenvolvimento econômico, socializados no serviço público, com laços de lealdade entre si (a ojeriza à classe política ajudou a uni-los) e com acesso direto à Presidência da República, o que deu a eles a oportunidade de fundar seu próprio poder institucional – Campos criou o BNDE (1952), o baiano Rômulo Almeida fez o BNB (1954), Cleantho foi um dos primeiros diretores do BNDE e do BID, e Furtado idealizou e dirigiu a Sudene (1959). Todos esses órgãos, “bolsões de eficiência” com funcionários especializados, carreiras prestigiosas e com “autonomia” para tomar decisões “racionais”⁸⁹⁹, expressavam o anseio desses novos agentes estatais em reformar a administração

⁸⁹⁷ CPDOC-DHBB, verbete José Américo de Almeida.

⁸⁹⁸ Galindo, 2022, p. 55.

⁸⁹⁹ Evans, 1995, pp. 44-48.

pública, que, na prática, significou a abertura de brechas no Estado cartorial brasileiro para a emergência dos economistas e sua nova mentalidade econômica.

Quanto a Freyre, ele pertencia à uma elite empobrecida enfronhada há séculos nas malhas do Estado, habituada à troca de favores políticos e aos esquemas clientelistas. Como foi mostrado acima, as mediações políticas de Freyre com os “pistolões” (deputados, governadores e ministros) da oligarquia do açúcar arruinada pavimentaram o caminho para a criação do Nabuco, que ficaria dependente de seu prestígio e de suas relações pessoais. Ele também extraiu dividendos políticos de seu capital simbólico como um escritor e sociólogo com reconhecimento no Centro-Sul, nos Estados Unidos e na Europa, e um amigo de agentes influentes do mercado editorial e da alta cúpula política brasileira. Em suma, o Nabuco foi o produto do ambiente político de redemocratização, do capital de credibilidade (nacional e internacional) e dos contatos políticos de Freyre, um “intelectual orgânico da classe no poder em Pernambuco”⁹⁰⁰ sem grandes perspectivas como um político profissional e que não conseguiu reeleger-se em 1950.

2. Recursos

Antes da aprovação do I Plano Diretor (1961-1963) pelo Congresso Nacional em dezembro de 1961, os recursos orçamentários próprios da Sudene eram escassos. Mas a autarquia logo contou com um imenso volume de verbas oriundo das seguintes fontes: recursos orçamentários; verbas anuais não inferiores a 3% da renda tributária da União; “créditos adicionais” para a execução dos projetos do Plano Diretor; Fundo dos Ágios, criado para compensar a transferência de divisas do Nordeste para o Centro-Sul (em 1961, a reforma cambial promovida pela Instrução 204 da Sumoc extinguiu o fundo); recursos cambiais (a Sudene tinha autorização para conceder câmbio favorecido ou de custo para a importação de equipamentos destinados ao Nordeste e considerados essenciais ao desenvolvimento da região); e o sistema de incentivos fiscais, um instrumento inspirado na *Cassa per il Mezzogiorno*⁹⁰¹ e que autorizava a dedução de até 50% do imposto de renda das empresas nacionais para aplicação no desenvolvimento industrial da região (os grupos estrangeiros foram beneficiados a partir de 1963).

No contexto de Guerra Fria, com o surgimento de programas de cooperação técnica e

⁹⁰⁰ Lima, M., 2009, p. 231.

⁹⁰¹ Carvalho, 1979.

financeira para os países subdesenvolvidos, a Sudene recebeu volumosos recursos de fora do país. Contou a favor a experiência de Furtado como um ex-funcionário internacional experiente, que transitava como peixe dentro d'água nas instituições transnacionais de planejamento e de assistência técnica e financeira aos países subdesenvolvidos, e o portador de uma robusta carteira internacional de contatos, tais como Raúl Prebisch (o heresiarca da Cepal e seu ex-chefe), Paul Hoffman (Pnud), Felipe Herrera (BID), Felipe Pazos (FMI, Banco Central de Cuba e Aliança para o Progresso) e Victor Urquidi (Banco do México e Cepal). Furtado se correspondia com eles⁹⁰², encontrava-os com frequência nas reuniões interamericanas, se sentia um igual na presença deles e também apoiava sua autoridade no capital de conhecimentos na área econômica e no trânsito livre nas novas instituições transnacionais do pós-guerra, o que explica a prioridade dada para a Sudene pelos programas de financiamento do Pnud e do BID no contexto da administração John Kennedy (1961-1963) e da Carta de Punta del Este (1961).

À medida que Furtado conseguiu atrair recursos estrangeiros para o Nordeste, trabalhando para destravar os empréstimos à região, seu capital de credibilidade política no Brasil aumentou. Nos primeiros anos da década de 1960, ele viajou para os Estados Unidos – se reuniu, inclusive, com John Kennedy em julho de 1961 –, Israel, França e Alemanha com o intuito de firmar convênios de cooperação técnica e financeira com os governos desses países.

Já o Nabuco dependeu exclusivamente de repasses do governo federal e sofreu com a sistemática falta de recursos já a partir de 1951 – “Gilberto não orçamentou o IJN. Tinha ojeriza a essas formalidades legais”, segundo Paulo Maciel⁹⁰³. Eram os próprios diretores dos departamentos e seus familiares ricos que arcavam com os gastos de telefone – “Meu pai [de Paulo Maciel] pagava a conta de telefone do IJN”⁹⁰⁴ –, livros – “Era eu [Rene Ribeiro] quem comprava os livros para a biblioteca do Instituto”⁹⁰⁵ – e com os custos das visitas dos pesquisadores estrangeiros – “Era a gente [disse Rene Ribeiro] que sustentava o Instituto. Quando chegava uma pessoa importante que Gilberto queria homenagear, passava um chapéu e a gente pagava tudo de nosso bolso”⁹⁰⁶.

Contando com “verbas quase simbólicas”⁹⁰⁷, que oscilaram ao sabor dos ventos políticos no governo federal, e concorrendo com outros órgãos – “Às vezes, órgãos externos à instituição parecem ter estimulado a absorção de certos temas (a concorrência da Sudene no

⁹⁰² Furtado, 2021.

⁹⁰³ Freston, 1989, p. 380.

⁹⁰⁴ *Ibidem*, p. 381.

⁹⁰⁵ *Ibidem*, p. 381.

⁹⁰⁶ *Ibidem*, pp. 380-381.

⁹⁰⁷ Gonçalves, A., 1991, p. 166.

caso do desenvolvimento, e a Aliança para o Progresso, no caso da reforma agrária)”⁹⁰⁸ –, o Nabuco se viu forçado a buscar recursos extragovernamentais e passou por sucessivas reestruturações ao longo das décadas de 1970 e 1980.

Em síntese, Furtado conhecia profundamente a máquina pública (especialmente as áreas econômica e financeira), o que deu a ele vantagens na captação de recursos para a Sudene e o conhecimento para propor novos instrumentos arrecadatários. Sua carteira privilegiada de contatos em posições estratégicas, e em condições de destravar eventuais burocracias para a liberação de verbas, turbinou seu capital político. Ele era, também, o dono de um ferramental técnico valorizado nas mesas de negociação política e empresarial. Como foi sugerido, para criar e estruturar a Sudene o economista soube tirar proveito de sua experiência como um ex-funcionário internacional com o conhecimento de outras políticas no campo do desenvolvimento regional e um economista com credibilidade no espaço das organizações transnacionais de financiamento ao desenvolvimento.

Quanto a Freyre e o Nabuco, as dificuldades para atrair recursos se deveram, inicialmente, à falta de autonomia administrativa e financeira do Instituto em relação ao MEC (Nabuco conquistou autonomia jurídica e financeira apenas em 1960), à definição legal como uma instituição de pesquisa social (embora com a pretensão de subsidiar cientificamente a ação governamental) e, também, à hostilidade ao escritor pernambucano em determinados nichos da burocracia federal, como era o caso do Dasp⁹⁰⁹. Freyre criou muitas animosidades no mundo político, inclusive com Kubitschek, apesar dos esforços de Álvaro Lins, chefe da Casa Civil de Kubitschek, “que amaciava o acesso ao Governo Federal”⁹¹⁰. A idolatria à própria genialidade também pode ter criado dificuldades. Além disso, o sociólogo era impaciente para lidar com as filigranas administrativas e financeiras do Nabuco, que lhe pareciam assuntos aborrecedores, coisa de técnicos e de menor relevância e prestígio *vis-à-vis* suas altas responsabilidades intelectuais e políticas⁹¹¹. Por último, a “pobreza franciscana”⁹¹² do Nabuco se deveu à sua instalação no Recife, que exigia constantes deslocamentos de seu “pessoal reduzidíssimo”⁹¹³ para a capital federal.

Ligado à oligarquia pernambucana, Freyre não surfou a crista da onda do período desenvolvimentista. Embora tenha se movimentado habilmente no contexto do rearranjo da

⁹⁰⁸ Freston, 1989, p. 406.

⁹⁰⁹ Gonçalves, A., 1991.

⁹¹⁰ Jucá, 1991, p. 118.

⁹¹¹ Sua indisposição com tais burocracias é confirmada na gestão do CRPER/Inep (Meucci, 2015).

⁹¹² Gonçalves, 1987 *apud* Jucá, 1991, p. 71.

⁹¹³ Gonçalves, A., 1991, p. 166.

economia brasileira e do crescente processo de centralização do poder desde a década de 1930⁹¹⁴, ele foi progressivamente deslocado para uma posição defensiva frente ao avanço das novas forças econômicas e políticas. No período Kubitschek já não havia espaço e élan político para reeditar o negócio entre o projeto regionalista freyriano e a cúpula do regime varguista, o que explica o distanciamento e a desconfiança recíprocos entre o escritor pernambucano e o político mineiro.

Com um programa de modernização das estruturas econômicas e das instituições públicas brasileiras, o novo pacto de dominação abriu caminho para os economistas na burocracia federal⁹¹⁵ e encontrou um novo discurso legitimador no planejamento “técnico”, “neutro” e “suprapartidário” de Furtado. As demonstrações ritualizadas de integridade ética e “espírito público” pelo economista, elemento central do capital de credibilidade política no qual se assenta o discurso oficial do Estado⁹¹⁶, funcionaram como um *plus* de legitimidade para um governo envolto em denúncias de corrupção.

Nesse contexto, como o sociólogo oficialista que perdia espaço político no governo federal poderia fazer frente ao economista com ambição de poder e cujo próprio nome se tornara sinônimo de “industrialização”, “desenvolvimento” e “planejamento”, antagonizando-se com a agência regional que trouxera o Estado desenvolvimentista para o Nordeste e arregimentara um exército de jovens egressos das universidades em busca de colocação estável e boa remuneração na máquina pública?

3. Quadros

Dentre os sudeneanos mais experientes, o português Luiz Felipe Gorjão Leite de Vasconcelos foi estatístico de população da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), diretor do Departamento de Assistência Técnica e de Formação de Pessoal (DATFP) e do Departamento de Agricultura e Abastecimento (DAA) da Sudene, além de ensinar na antiga Universidade do Recife. Estevam Strauss (1917-2000), um descendente de húngaro, foi técnico agrícola Codepe, diretor do Departamento de Recursos Naturais (DRN) e do DAA da Sudene e, com o golpe 1964, foi trabalhar no Instituto Latino-americano de Planejamento Econômico e Social (Ilpes) em Santiago do Chile.

Outro quadro experiente da Sudene, o alagoano Mário Magalhães da Silveira (1905-

⁹¹⁴ Mesquita, 2018.

⁹¹⁵ Sola, 1998; Benevides, 1976.

⁹¹⁶ Bourdieu, 2015.

1986), filho de um jornalista com uma herdeira de família de proprietários de terras, se formou em medicina na Bahia em 1925, se especializou em Higiene e Saúde Pública em Manguinhos, no Rio de Janeiro, atuou como médico sanitarista do Ministério da Saúde, diretor do Departamento de Saúde de Sergipe, delegado federal de Saúde no Nordeste Ocidental e professor de “Saúde e Desenvolvimento” no Iseb e no CTPDE da Cepal-BNDE no Rio de Janeiro. Ele foi o responsável pela elaboração dos programas sanitários da Sudene e o representante do Ministério da Saúde no Conselho Deliberativo do órgão regional no começo da década de 1960. Mário Magalhães também fundou a Escola Nacional de Saúde Pública (1960-1961) e foi *ghost writer* de mensagens presidenciais e discursos dos ministros da Saúde entre 1951 e 1964. “A maior liderança da corrente de pensamento sanitarista desenvolvimentista”⁹¹⁷ e “o precursor da economia da saúde”⁹¹⁸, ele foi presidente da Sociedade Brasileira de Higiene em 1962, quando realizou o XV Congresso de Higiene no Recife para discutir os problemas médico-sanitários e seu nexos com o subdesenvolvimento econômico.

Dentre os mais jovens, o advogado e economista paraibano Antônio Juarez Farias (1937-2021) foi escrevente de cartório, participou dos cursos da Cepal-BNDE e do BNB no Rio de Janeiro, se concursou neste último órgão, foi chefe de gabinete de Ewaldo Correia Lima no BNDE, diretor do Departamento de Industrialização da Sudene (1960-1964), professor da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) (1965-1967), consultor privado para assuntos industriais, secretário de Planejamento do governador paraibano João Agripino entre 1966 e 1969, presidente do Conselho de Planejamento e Coordenação Econômica da Paraíba e, entre as décadas de 1970 e 1980, foi diretor do Banco Nacional de Habitação (BNH), do BNB e da Eletrobrás. No final da vida, Juarez foi conselheiro e presidente do Tribunal de Contas da Paraíba e presidente da Academia Paraibana de Letras (2006-2010).

Outro economista recrutado por Furtado no BNDE foi Jader Figueiredo de Andrade e Silva (1924-1998). Mineiro de Sete Lagoas, aos dezesseis anos Jader mudou com sua família para João Pessoa/PB, estudou economia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi chefe da Divisão de Estudos Agrícolas do Etene/BNB, chefiou o Departamento Econômico do BNDE, dirigiu o DAA da Sudene e foi secretário de Agricultura do governo Miguel Arraes (1963-1964). Com os acontecimentos de abril de 1964, e através da interferência de Furtado, conseguiu emprego no Ilpes e foi assessor do governo de Salvador Allende (1970-1973) para assuntos de reforma agrária. Derrubado o presidente chileno, Jader se tornou consultor da FAO

⁹¹⁷ Escorel, 2015, p. 2459.

⁹¹⁸ *Ibidem*.

para questões agrárias em países subdesenvolvidos (Bolívia, Cuba, Venezuela e Moçambique), e, de volta ao Brasil, na década de 1980, militou no PCB e se tornou presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) de Pernambuco.

O recifense e cientista social Francisco Maria Cavalcanti de Oliveira (1933-2019) era filho de comerciante e de uma dona de casa. Ele militou no Partido Socialista Brasileiro (PSB), se concursou no BNB, foi superintendente-adjunto da Sudene (1959-1964) e chefe do escritório desta agência na Bahia. Depois de preso em 1964, trabalhou na Cepal (Chile, Guatemala e México) e, de volta ao Brasil, se instalou no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e fez carreira como professor de sociologia na Universidade de São Paulo (USP).

Pernambucano de Vitória de Santo Antão, José Maria Aragão de Melo (nascido em 1933) militou na esquerda socialista, se doutorou em direito na UFPE, e em economia na Universidade de Paris, se especializou em desenvolvimento econômico no CTPDE da Cepal-BNDE, foi funcionário concursado do Banco do Brasil e diretor de projetos internacionais e assessor para assuntos industriais da Sudene. Também foi chefe do escritório do Rio de Janeiro do órgão de desenvolvimento, foi membro do Conselho de Política Aduaneira do Ministério da Fazenda (1961-1962) e, depois de 1964, fez carreira no BID como especialista para questões latino-americanas e foi presidente do BNH.

Único negro no alto escalão da Sudene, o baiano (de Brotas de Macaúbas, povoado do interior baiano) e advogado Naílton de Almeida Santos (falecido em 1998) foi ativista estudantil, trabalhou com o economista Rômulo Almeida na Comissão de Planejamento Econômico da Bahia⁹¹⁹, dirigiu o DATFP e foi professor de economia nos cursos de Técnico de Desenvolvimento Econômico (“TDE”) da Sudene. Com o golpe de 1964, ele se exilou na França, fez mestrado em economia e seguiu carreira na Unesco. Anistiado em 1979, regressou à Sudene para comandar a Diretoria de Planejamento Global, presidiu a Companhia de Eletricidade de Pernambuco (Celpe), foi membro da Codepe e secretário de Minas e Energia do segundo governo Arraes (1995-1999).

Majoritariamente, os primeiros diretores da Sudene eram de classe média e nascidos ou radicados no Nordeste, dois deles eram de origem imigrante/*outsiders* (Estevam Strauss descendia de húngaros e Luís Vasconcelos era português), e, embora recifense, Francisco de Oliveira era de uma família de pequenos comerciantes. Com menos de trinta anos (as exceções eram Luís Vasconcelos, Estevam Strauss e Mário Magalhães), eles possuíam modestos recursos econômicos e culturais, dependeram da aquisição de credências acadêmicas para compensar

⁹¹⁹ Almeida, A. A., 1995, p. 34.

suas desvantagens sociais e foram aprendizes de economia no CTPDE da Cepal-BNDE, disciplina recém-chegada no campo do poder e no sistema científico e mais democrática em termos de recrutamento social do que as disciplinas tradicionais – embora médico, Mário Magalhães era um sanitarista, área com menor prestígio relativo na hierarquia médica, de uma corrente não majoritária (o “sanitarismo desenvolvimentista”) e era ligado ao PCB⁹²⁰.

Todos eles experimentaram mobilidade social ascendente, identificaram-se com o projeto de modernização de Furtado, se investiram das novas competências técnicas, defenderam o reformismo econômico e social e tiveram suas carreiras interrompidas pela ditadura civil-militar (1964-1985). Dispersados e forçados a deixar o Recife e o Brasil a partir de 1964, eles ganharam a vida como funcionários internacionais (Ilpes, BID, Unesco e FAO), pesquisadores e professores universitários (Unicap, Cebrap, Universidade de Paris e USP), alguns deles reconverteram seus capitais técnico e burocrático como altos dirigentes da Sudene e funcionários internacionais em um novo papel como “teóricos” – Francisco de Oliveira foi o mais exitoso deles ao acertar contas com a Cepal e Furtado, alinhando-se à tradição marxista dos intelectuais acadêmicos uspianos. Alguns outros prestaram serviços técnicos para o setor privado (José Aragão e Juarez Farias). Com a reabertura democrática, alguns ex-sudeneanos com passagem pela militância estudantil e com contatos políticos tentaram alavancar uma carreira política (Jader de Andrade e Naílton Santos).

Quanto aos primeiros quadros (diretores e chefes de departamento) do Nabuco, o recifense e historiador José Antonio Gonsalves de Mello (1916-2002) era filho do psiquiatra social Ulysses Pernambucano Gonsalves de Mello (ambos primos de Freyre), fez os estudos secundários no GP, se bacharelou na FDR em 1937, presidiu o Nabuco entre 1950 e 1951 e foi seu diretor (do Departamento de História Social) na década de 1950. Um reconhecido especialista na história do Brasil holandês, ele foi diretor do Instituto de Ciências do Homem (ICH) da UFPE entre 1964 e 1969, ensinou “História do Nordeste” e foi membro do Conselho Universitário desta Universidade. Foi, também, presidente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, membro do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos (em Lisboa) e da Academia Portuguesa de História. O historiador recebeu diversas condecorações, como a portuguesa “Ordem de Cristo” e a holandesa “Ordem de Orange-Nassau”, além das medalhas “Pernambucana do Mérito” e do “Mérito do Recife”.

O também recifense Paulo Frederico do Rego Maciel (1924-2008) era de uma tradicional família vinculada à política pernambucana – era sobrinho de José do Rego Maciel,

⁹²⁰ Escorel, 2015.

deputado federal (PSD/PE) e ex-prefeito do Recife (1952-1955), e primo do promissor Marco Maciel (1940-2021) –, se tornou bacharel pela FDR (1946), dirigiu o Nabuco (1954-1955), fez mestrado em economia na Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris e percorreu uma longa carreira política como secretário da Fazenda do governo Cid Sampaio (1959-1962), presidente do IAA (1964-1966), deputado federal (Arena/PE) (1967-1971), presidente do Banco do Estado de Pernambuco (Bandepe) na década de 1970, candidato indireto a governador em 1974, reitor e “professor emérito” da UFPE (1975-1979).

Outro recifense formado pela FDR, e que também era primo de Freyre, o demógrafo José Antonio Carolino Gonçalves (1918-1990) foi delegado regional do IBGE no Ceará entre 1940 e 1952, chefe do Departamento de Estatística (1952-1970) e diretor do Nabuco (1954-1955). “Originário de família da aristocracia cartorial e intelectual”⁹²¹, e um “católico mais conservador que progressista”⁹²², Carolino foi um fiel colaborador e homem de confiança de Freyre e emprestou ao Nabuco sua credibilidade como um estatístico do IBGE de Mário Augusto Teixeira de Freitas. Por décadas, ele lecionou na Faculdade de Educação da UFPE.

O também recifense René Ribeiro (1914-1990) se formou médico na Faculdade de Medicina do Recife (1936), se tornou livre-docente em psiquiatria (1937), trabalhou no Sanatório Recife com Ulisses Pernambucano – “nosso também amigo e mestre maior”⁹²³ – e foi um dos fundadores da Escola de Serviço Social na década de 1940. Tornou-se mestre em antropologia na *Northwestern University* (1947) sob a supervisão de Melville Herskovits, um discípulo de Boas. Na década de 1950, foi diretor do Departamento de Antropologia e do *Boletim de Pesquisas Sociais* do Instituto de Freyre – um “boêmio então muito esnobe”⁹²⁴ –, participou da pesquisa da Unesco sobre relações raciais (por indicação do antropólogo Alfred Métraux) e, como professor de antropologia e etnografia da UFPE, organizou o mestrado em antropologia desta Universidade. Presidiu, também, a seção regional do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura da Unesco, foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) (1976-1978) e membro de diversas associações nacionais e internacionais nas áreas de psiquiatria e antropologia.

Vale a menção a dois outros quadros relevantes do Nabuco descendentes da oligarquia canavieira e que fizeram carreira no Recife. Mauro da Mota e Albuquerque (1911-1984), um pernambucano de Nazaré da Mata, foi jornalista, poeta, geógrafo, ensaísta e memorialista.

⁹²¹ Ribeiro, 1991, p. 159.

⁹²² Gonçalves, F., 1991, p. 154.

⁹²³ *Ibidem*, p. 162.

⁹²⁴ *Ibidem*, p. 159.

Estudou e lecionou no GP, se bacharelou na FDR (1937), foi redator-chefe e diretor do *Diário da Manhã* (1935-1941), do *Diário de Pernambuco*, do Nabuco (1956-1971) – Mauro Mota era um fiel escudeiro de Freyre⁹²⁵ –, do Arquivo Público de Pernambuco (1973-1983) e do Departamento de Documentação e Cultura da Cidade do Recife (1972-1984). Foi eleito para a Academia Pernambucana de Letras (1955) e a Academia Brasileira de Letras (1970).

Já Mário Lacerda de Melo (1913-2004) era de uma família de senhores de engenho de Água Preta, na Mata Sul pernambucana, e bacharel em direito pela FDR (1935). Ele chefiou o Serviço de Estudos Econômicos do IAA (1943-1948), a seção de geografia do Nabuco e se tornou “pesquisador emérito” desta instituição (1982-1987). Presidiu, também, a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) (1954-1955), “tornando a participação pernambucana cada vez mais forte”⁹²⁶, e o Codepe (1966). Mário Lacerda foi secretário de Agricultura de Pernambuco (1964-1965), idealizador e secretário executivo do Grupo Especial de Racionalização da Agroindústria Canavieira do Nordeste (Geran)⁹²⁷ (1967), assessor da Sudene (1968-1969) e professor da UFPE, tornando-se chefe (1972-1973) e “professor emérito” do Departamento de Ciências Geográficas⁹²⁸. Ao lado de Josué de Castro, Gilberto Osório de Andrade, Mauro Mota e Manuel Correia de Andrade, Mário Lacerda é considerado um dos pioneiros da geografia pernambucana⁹²⁹.

Em síntese, os quadros dirigentes do Nabuco, um “panteão de fiéis escudeiros”⁹³⁰ do sociólogo pernambucano, foram recrutados entre parentes – “família nabuqueana”⁹³¹ – e “amigos mais chegados de Gilberto”⁹³², eram predominantemente recifenses com diploma nas disciplinas tradicionais (direito e medicina), alguns deles fizeram mestrado ou doutorado no exterior (Universidade de Paris e Northwestern), tiveram passagem pelo jornalismo pernambucano, possuíam conexões políticas e se destacaram como homens de letras. Vistas no conjunto, as trajetórias que eles trilharam eram desviantes no âmbito das camadas dominantes tradicionais, uma vez que escolherem cursar as disciplinas novas e com menor prestígio social (economia, antropologia, sociologia, estatística e geografia), se distinguiram como

⁹²⁵ Freston, 1989, p. 390.

⁹²⁶ Andrade, M., 2007, p. 12.

⁹²⁷ Ao emprestar dinheiro a juros baixos aos empresários da agroindústria açucareira nordestina, o Geran pretendia aumentar a produtividade desse setor, ampliar o mercado para seus produtos – a produção pernambucana foi ultrapassada pela paulista já em 1955 (Andrade, M., 1988, p. 30) –, liberar terras e fazer a reforma agrária, o que gerou reações dos usineiros ligados ao IAA, que resistiram em ceder parcela dos recursos provenientes do fundo de exportação do açúcar e do álcool.

⁹²⁸ Gaspar, 2011.

⁹²⁹ Andrade, M., 2007.

⁹³⁰ Galindo, 2022, p. 51.

⁹³¹ Jucá, 1991, p. 88.

⁹³² Ribeiro, 1991, p. 162.

desbravadores e empreendedores científicos e souberam reconverter vantajosamente seus elevados capitais e origem distinta na oligarquia agrária em posições no topo do sistema científico que eles próprios ajudaram a estruturar.

Essa origem social elevada também explica a maior disponibilidade ou abertura dos quadros de direção do Nabuco para o ecletismo nos temas de pesquisa⁹³³. Todos eles foram professores, chefes de departamento e agentes universitários inovadores. A origem familiar elevada deles, assim como suas trajetórias profissionais exitosas, explicam o alinhamento ao situacionismo no período militar, quando viram suas carreiras decolar com a ampliação das oportunidades no sistema político e universitário⁹³⁴.

Entre as décadas de 1960 e 1970, essa “frente intelectual freyriana”⁹³⁵ colaborou com as novas administrações implantadas na Sudene, que, em virtude da campanha difamatória movida pela imprensa, políticos, empresários e intelectuais associados ao golpe civil-militar de 1964, que resultou na perseguição e no afastamento de seus técnicos mais experientes e capacitados, viu sua credibilidade ser corroída e experimentou um vazio de liderança.

Interessa também pontuar as principais diferenças entre os quadros pioneiros da Sudene e do Nabuco. Os nabuqueanos mantinham uma relação de relativa independência com Freyre e, como o sociólogo, descendiam das elites açucareiras arruinadas e dispunham de credenciais científicas e contatos políticos próprios⁹³⁶ – “Nós não éramos do amém”, nas palavras de René Ribeiro⁹³⁷. Por seu turno, os sudeneanos, quase todos com trinta anos de idade incompletos, origem social mesocrática, recursos científicos e culturais modestos, sem contatos políticos próprios e uma carreira profissional consolidada, se submeteram sem pestanejar, e com ardor quase religioso, ao comando de Furtado – Um repique de sua experiência à frente de uma equipe de economistas da Cepal na década de 1950.

Outro aspecto relevante, enquanto no Nabuco o ingresso ocorria por convite entre os “amigos qualificados”⁹³⁸ de Freyre, na Sudene a contratação seguia um processo de seleção meritocrático, que já havia sido introduzido na capital federal pelo Dasp, BNDE, BNB e Sumoc, e que incluía a análise do currículo do candidato, uma carta de motivos, a preparação de uma monografia sobre um tema relacionado ao “desenvolvimento”, uma entrevista e a aprovação no curso TDE, que durava seis meses. À exceção da primeira equipe de diretores, cujo

⁹³³ Freston, 1989, p. 411.

⁹³⁴ Dentre os nabuqueanos, apenas o historiador Amaro Quintas, que era o diretor do Departamento de História Social, teve seus direitos políticos cassados em 1964 (Jucá, 1991).

⁹³⁵ Galindo, 2022, p. 55.

⁹³⁶ Freston, 1989, p. 386.

⁹³⁷ *Ibidem*, p. 387.

⁹³⁸ Gonçalves, A., 1991, p. 174.

recrutamento misturou o critério meritocrático (seleção entre os funcionários concursados do BNDE, do BNB e do BB) com escolhas no círculo de relações pessoais de Furtado, a Sudene contratou “gente de toda a região, que ali não entrara pela janela do bilhete”⁹³⁹.

Vale destacar, também, que, enquanto no Nabuco o regime de trabalho era de dedicação parcial e sem vínculo empregatício, o que levou os nabuqueanos a procurar colocação nas universidades locais e/ou atuarem como assessores políticos e consultores econômicos para aumentar sua renda – o salário base do Nabuco era baixo e a complementação salarial era incerta e dependia de convênios para a realização de novas pesquisas⁹⁴⁰ –, os sudeneanos trabalhavam em jornada integral, recebiam salários elevados e bonificações – “uns misteriosos atrasados”⁹⁴¹. Com a ampliação, extensão e diversificação de suas atividades, a Sudene preparou e empregou centenas de técnicos já em seus primeiros anos de existência, impulsionando o mercado de trabalho local para pessoal de nível superior, como afirmou o economista Clóvis de Vasconcelos Cavalcanti, um quadro de carreira do Nabuco com uma curta passagem pela Sudene na década de 1960: “A Sudene se tornou um mercado muito atraente na década de 60. [...]. Todo mundo que trabalhava em economia, sociologia, etc., ia para a Sudene ou para as universidades, que começaram a ser organizadas melhor”⁹⁴².

4. Guerra de gigantes

Ex-apoiador do udenista cearense Juarez Távora na eleição presidencial de 1955, Freyre era um crítico do programa desenvolvimentista do pessedista mineiro Kubitschek – o Plano de Metas não contemplava o Nordeste – e recebeu a notícia da criação da Sudene com desconfiança. O novo órgão regional era uma das raras iniciativas federais em que o pernambucano não fora convidado para opinar e dirigir, ameaçando seu império na cena regional – “A universidade junto com a Sudene [...], constituem as únicas rivais capazes de ameaçar o IJN em termos institucionais”⁹⁴³. Indicado por Furtado como representante do MEC para integrar o Conselho Deliberativo do órgão regional contra a opinião de Kubitschek, Freyre, que era “assíduo” – embora “displicente” e “indiferente” – nas reuniões daquele Conselho⁹⁴⁴, onde era tratado como “o mais eminente dos intelectuais nordestinos”⁹⁴⁵, esperava influir sobre

⁹³⁹ Bacelar, 1995, p. 55.

⁹⁴⁰ Freston, 1989.

⁹⁴¹ Limeira e Alves, 1992, p. 61.

⁹⁴² Freston, 1989, pp. 388-389.

⁹⁴³ *Ibidem*, p. 407.

⁹⁴⁴ Furtado, 1997 [1989], p. 273.

⁹⁴⁵ Ata da segunda sessão da reunião do Codeno realizada em 1 set. 1959 disponível em:

os trabalhos da Sudene, conservar seu poder de iniciativa na região e emplacar convênios entre o novo órgão e o Nabuco.

Na medida em que o órgão desenvolvimentista passou a dar as cartas no Nordeste e Furtado mostrou ter força própria, o sociólogo pernambucano, que se percebia e era reconhecido como o inventor do Nordeste e a grande personalidade da região onde o intruso metera o bedelho, foi acusado de colocar “cascas de banana” no caminho do superintendente, respondendo da seguinte maneira: “Tenho o maior apreço pelo sr. Celso Furtado [...] e não é a banana que une aqui os conselheiros da Sudene, a cujas cascas atribuem funções tão perniciosas. A fruta que nos identifica é o ‘abacaxi’ que nós carregamos”⁹⁴⁶.

Freyre criticou a “filosofia social” do I Plano Diretor da Sudene, aprovado pelo Conselho Deliberativo em maio de 1960 com ressalvas do “mestre de Apipucos”⁹⁴⁷. Ele também contestou o plano de povoamento do Maranhão, que teria ignorado o “perigo” dos “desajustamentos sociológicos e psicológicos” provocados pela transferência de população sertaneja para outras áreas ecológicas. Essa objeção também foi feita pelo economista Paulo Maciel, do Nabuco, no Seminário de Garanhuns⁹⁴⁸ e no Conselho Deliberativo da Sudene, que ele integrava como conselheiro-substituto de Freyre. Para Maciel, “em contraste com a sobriedade dos documentos técnicos da Secretaria Executiva”, era necessário “defender” as populações deslocadas⁹⁴⁹.

Reagindo ao que provavelmente lhe pareceu ser uma ofensiva de Furtado para contornar seu poder de iniciativa e a primazia do Nabuco no âmbito dos problemas de ajustamento sociológico e psicológico na região, Freyre abriu fogo contra a seguinte passagem do I Plano Diretor em discussão no Conselho Deliberativo: “A política de colonização que a Sudene pretende pôr em prática, no Nordeste, afasta-se, deliberadamente, de qualquer atitude ‘paternalista’ em relação às populações cuja migração se vai patrocinar”⁹⁵⁰. Segundo Freyre, a migração induzida pela Sudene já era uma forma de “proteção” e de “tutela”. Desse modo, o órgão regional, “uma expressão saudável do paternalismo”⁹⁵¹, deveria ter em conta os critérios sociológicos e psicológicos no âmbito do projeto de povoamento da Amazônia maranhense. Acolhida a insatisfação de Freyre, o Conselho suprimiu o referido parágrafo do Plano Diretor. Freyre voltou à carga:

<http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>.

⁹⁴⁶ Anunciou Celso Furtado que porá seu cargo à disposição do novo governo, *Diário de Pernambuco*, 7/9/1961.

⁹⁴⁷ Gilberto Freyre não estava em completa inocência, *Diário de Pernambuco*, 5/5/1960.

⁹⁴⁸ Celso Furtado entregue às “feras”, *Diário de Pernambuco*, 29/4/1959.

⁹⁴⁹ Planos de colonização da Sudene não sacrificarão as comunidades regionais, *Diário de Pernambuco*, 5/7/1960.

⁹⁵⁰ *Ibidem*.

⁹⁵¹ *Ibidem*.

[...] por que, até agora, os seus assessores [da Sudene] encarregados da elaboração dos referidos projetos de migrações dirigidas não se articularam, a respeito de assunto tão importante, com os especialistas em ciências sociais do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, órgão federal ligado ao Ministério da Educação e Cultura e especializado no estudo em conjunto ecológico, antropológico, sociológico, econômico, estatístico, de problemas sociais e psicossociais das populações do Nordeste e do Norte agrários⁹⁵².

Frente às críticas de Freyre, Furtado promoveu uma reunião de técnicos da Sudene com cientistas sociais e especialistas em educação do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife (CRPER/Inep), do IJN e do Instituto de Antropologia Tropical no começo de 1962. Segundo o sociólogo, esse encontro não produziu resultados efetivos e serviu para a Sudene ganhar tempo para arbitrar sobre assuntos educacionais sem a cooperação dos órgãos regionais competentes⁹⁵³.

Estimaria saber da Superintendência da Sudene que providências estão sendo tomadas no sentido de estudos que orientem, do ponto de vista sociológico, ecológico-social e psico-social, as projetadas transferências de grupos consideráveis de população nordestina de regiões áridas para regiões úmidas. [...]. [A Sudene acaba] deixando em alguns de nós a suspeita de estar cuidando daqueles programas – à revelia daqueles técnicos – e com seus próprios técnicos, nenhum dos quais conhecidos no país ou não especializados em outras ciências sociais além da econômica. Reafirmo aqui o meu apoio ao critério, creio que hoje, como há um ano, triunfante neste Conselho, de que à Sudene cabe coordenar atividades e esforços, no interesse da solução de problemas regionais complexos, de órgãos federais e estaduais já existentes e idoneidade reconhecida, em vez de procurar improvisar o que certamente não está se verificando – educadores, sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais, que tomem o lugar dos que já vêm lidando com aqueles problemas, do ponto de vista da especialidade de cada um, mas visando a se complementarem pela integração de seus esforços e estudos⁹⁵⁴.

Nas reuniões do Conselho Deliberativo, o sociólogo pernambucano se queixou repetidas vezes da falta de articulação entre a Sudene e o CRPER/Inep, que ele dirigia. Para Freyre, cuja autoridade nos assuntos educacionais também se originava de sua amizade com educadores renomados como Ulisses Pernambucano, Antônio Carneiro Leão e Anísio Teixeira⁹⁵⁵, os “economistas” da Sudene não eram preparados para lidar com os temas da “educação” e da “cultura”. Diante dos boatos de que a Sudene e a Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (Ancar) preparavam um programa de educação rural, o sociólogo formulou um pedido de esclarecimento à Secretaria Executiva⁹⁵⁶.

⁹⁵² Gilberto Freyre reclamou da Sudene: estudos autorizados há 1 ano, *Diário de Pernambuco*, 3/8/1961.

⁹⁵³ Ata da 22ª reunião do Conselho Deliberativo da Sudene realizada em 14 março de 1962 disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Resultado.aspx?busca=&tipo=1&ano=1959>.

⁹⁵⁴ *Ibidem*.

⁹⁵⁵ Araújo, M., 2002, p. 96.

⁹⁵⁶ Anunciou Celso Furtado que porá seu cargo à disposição do novo governo, *Diário de Pernambuco*, 7/9/1961.

Na reunião do Conselho Deliberativo do dia 4 de julho de 1962, quando Furtado apresentou o Plano de Ensino Primário e Educação de Base da Sudene, Freyre protestou “com veemência” porque “não foi ouvido”, e disse que não emprestaria seu nome ao Conselho “em simples cargo decorativo”⁹⁵⁷. Por seu turno, o governador pernambucano Cid Sampaio (UDN/PE) criticou o “açodamento” do órgão regional e acusou este último de “atrofiar os programas estaduais de educação a fim de, paralelamente, usar por conta própria seus recursos”^{958 959}. Em resposta à crítica de que a Sudene estaria “passando por cima dos órgãos estaduais e federais”⁹⁶⁰, o superintendente-adjunto Francisco de Oliveira afirmou: “Houve má interpretação das intenções da Sudene”⁹⁶¹.

Meses depois, entre janeiro e março de 1963, a Sudene e o CRPER/Inep realizaram o primeiro Curso de Técnico em Planejamento Educacional (I TPE). Dentre os professores estiveram os sudeneanos Naílton de Almeida Santos (“Introdução à Economia”), Antônio Cabral de Andrade (“Programação”) e Antônio Amado (“Projetos”), o nabuqueano Carolino Gonçalves (“Introdução à Estatística”) e quadros do CRPE/Inep como Carlos Frederico Maciel, Itamar Vasconcelos e Jomard Muniz de Brito^{962 963}.

No contexto das eleições de 1962 e de pressão sobre a Sudene para decretar “estado de emergência”, liberando verbas para a realização de obras e a abertura de frentes de trabalho – “política tradicional do governo”⁹⁶⁴ –, foi intensificada a ofensiva contra Furtado. Na reunião de maio de 1962 do Conselho Deliberativo, com a Sudene nas cordas e seu superintendente em viagem oficial na Alemanha, Freyre e os governadores do Nordeste se enfileiraram contra a Sudene, acuando Francisco de Oliveira, que “mostrou-se visivelmente nervoso durante a explicação”⁹⁶⁵. Segundo Freyre, a Sudene – “um órgão totalitarista”⁹⁶⁶ – não entrosava os órgãos federais com os estaduais, “invadia” as atribuições dos estados e de outros órgãos

⁹⁵⁷ Fez programa educativo sem audiência a órgãos técnicos, *Diário de Pernambuco*, 5/7/1962.

⁹⁵⁸ Substituto de Celso fez a defesa da Superintendência, *Diário de Pernambuco*, 10/5/1962.

⁹⁵⁹ Nessa ocasião, o *Diário de Pernambuco* – “O diário quase íntimo de Gilberto Freyre” (Dalmonte, 2009) – escreveu um editorial contra o “exclusivismo” da Sudene e em solidariedade ao sociólogo de Apipucos: “Como impedir a manifestação em tempo, sobre o assunto, do Conselheiro representante do Ministério da Educação, que é diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, um mestre de renome mundial, grande especialista, inclusive em sociologia da educação?” (Coordenação de serviços, *Diário de Pernambuco*, 6/7/1962).

⁹⁶⁰ *Ibidem*.

⁹⁶¹ *Ibidem*.

⁹⁶² Cursos, *Diário de Pernambuco*, 22/2/1963.

⁹⁶³ Maria do Carmo Ramos e Valnira Maria Vasconcelos Cavalcanti eram alunas do curso do CRPER no momento em que a Sudene realizou o I TPE em 1963. Incentivadas por seus professores do CRPER, inscreveram-se no curso da Sudene e foram aprovadas e contratadas pelo órgão regional, ajudando na estruturação da nova Divisão de Educação (Cavalcanti, V., 2022).

⁹⁶⁴ Furtado, 2009a, p. 140.

⁹⁶⁵ Estado de emergência na área seca: Superintendente é contra, *Diário de Pernambuco*, 10/5/1962.

⁹⁶⁶ A frase foi dita por Freyre em uma entrevista ao *Jornal do Brasil*, que, segundo o sociólogo, trocara o termo “totalista” por “totalitarista” (Cid e Freyre comentam notícias falsas, *Diário de Pernambuco*, 16/5/1962).

federais que atuavam na região, não utilizava os especialistas de outros órgãos, substituindo-os por “técnicos improvisados” (se referia ao curso TDE, do qual ele próprio foi conferencista), e padecia de “morosidade burocrática”, repercutindo a crítica de parcela da imprensa e da classe política de que a Sudene elaboraria planos e programas que não se tornariam realidade⁹⁶⁷.

Segundo Freyre, “ardoroso apologista dos estudos sociais para o aperfeiçoamento dos programas de desenvolvimento da Região”⁹⁶⁸, a Sudene era insensível aos “problemas sociais” e privilegiaria equivocadamente os “problemas econômicos”⁹⁶⁹. Daí a seguinte reivindicação em causa própria:

[que] o desenvolvimento técnico e econômico seja considerado em toda a sua importância [...] e não posto em lugar de soberano absoluto com os problemas sociais, psicossociais, socioculturais relegados à insignificância que lhes pretendem atribuir atualmente alguns dos economistas e arquitetos sul-americanos, mais enfáticos no seu arrivismo, uns de puros economistas científicos – não é o caso, decerto, de um economista da cultura geral do Professor Celso Furtado⁹⁷⁰ – outros de arquitetos chamados modernistas que, por serem modernistas, presumem poder prescindir do auxílio do ecologista, do geógrafo, do cientista social, do historiador, quando levantam cidades novas ou reformam cidades antigas⁹⁷¹.

O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, desde a sua fundação, em 1949, vem procurando opor a um economicismo puro ou imperial, a um estreito tecnologicismo no trato de problemas complexamente sociais, quer do Nordeste, quer do Norte agrário, em geral, o critério de não haver problemas apenas econômicos que devam ser considerados somente na sua pureza econômica ou no seu aspecto tecnológico; e sim problemas sociais que incluem os econômicos⁹⁷².

Essas críticas ao “economicismo puro ou imperial”⁹⁷³ da Sudene e de Furtado – “Precisamente essa complementação (a do economista pelo sociólogo) é que fazia falta ao Professor Celso Furtado”⁹⁷⁴ – e a defesa da prevalência do “critério interrelacionista de estudos regionais”⁹⁷⁵ refletiam a disputa entre Freyre e Furtado, entre o Nabuco e a Sudene e, também, entre a sociologia e a economia pela definição legítima dos problemas da região e pelo monopólio dos prognósticos e das terapêuticas mais ajustados às novas demandas em torno da “questão Nordeste” na conjuntura de crise e acirramento da luta política. Segundo Freyre, o

⁹⁶⁷ Gilberto Freyre: o perigo está na morosidade burocrática, *Diário de Pernambuco*, 10/5/1962.

⁹⁶⁸ Duque, 2004, p. 81.

⁹⁶⁹ Gilberto Freyre: o perigo está na morosidade burocrática, *Diário de Pernambuco*, 10/5/1962.

⁹⁷⁰ A concessão feita a Furtado era um ardil de Freyre, que afirmava o que pretendia negar. Esse artifício do sociólogo se exprimiu, também, na acusação feita contra a Sudene de falsificar sua assinatura com o suposto intuito de não pagar o jetom a que ele tinha direito como conselheiro do órgão regional. Segundo Furtado, “era algum jogo da parte dele”, que “queria provocar um escândalo para provar que a Sudene também roubava” (Furtado, 2011, p. 394).

⁹⁷¹ Freyre, 1962.

⁹⁷² *Idem*, 1963.

⁹⁷³ *Ibidem*.

⁹⁷⁴ *Idem*, 1964.

⁹⁷⁵ *Idem*, 1963.

Nabuco rumava contra a onda “avassaladora” do “pan-economismo” no tratamento dos problemas sociais, “voga que teve o seu campeão mais brilhante no aliás erudito economista Professor Celso Furtado”⁹⁷⁶.

Tendo em vista o que foi dito até aqui, existiram motivações concretas para a atitude “displicente” e “indiferente”⁹⁷⁷ – até mesmo “apática” e “hostil”⁹⁷⁸ – de Freyre em relação à Sudene de Furtado. Tal postura não se deveu apenas à “hipertrofia do seu ego” e “sua vaidade desvairada”⁹⁷⁹. Como um órgão de planejamento centralizado, a Sudene foi criada para supervisionar e coordenar as autarquias federais no Nordeste, que deveriam se subordinar à política de desenvolvimento regional de Furtado e da Sudene. Freyre resistiu aos planos do novo órgão e procurou afirmar a autonomia e a competência do Nabuco no estudo dos problemas sociais da região.

Já Furtado, que visitou o Nabuco apenas duas vezes nos cinco anos à frente da Sudene – em 1959, quando eram iniciados os trabalhos da Openo, e em 1963, quando ele presidiu a conferência “Erros do Mercado Comum Europeu” do economista Paul Streeten, de Oxford, no Nabuco⁹⁸⁰ –, buscou impor sua autoridade aos órgãos federais recalcitrantes e submetê-los a seu programa desenvolvimentista.

O convênio entre o Nabuco e a Sudene em alguns projetos nos anos seguintes não dissolveu as diferenças entre esses órgãos. No Grupo de Valorização do Vale do Jaguaribe (GVJ), em que coube ao Nabuco e ao Etene/BNB a análise dos problemas sócioeconômicos, as divergências foram explicitadas no relatório final do GVJ. Para a equipe da Sudene, os estudos socioeconômicos realizados pelo Etene/BNB e o Nabuco não teriam a mesma profundidade das pesquisas agronômicas e econômicas levadas a cabo pela equipe franco-brasileira, devendo-se isso à “independência excessiva” daqueles órgãos:

As equipes do Etene/BNB e IJNPS não estavam submetidas ao controle direto do grupo e seu trabalho, embora útil, foi prejudicado por uma independência excessiva. Não foram abordados problemas essenciais tais como o desemprego rural e as relações parceiro-arrendatário, ficando os agrônomos obrigados a estudá-los por sua própria iniciativa, no limite de suas possibilidades⁹⁸¹.

Apesar disso, resta sublinhar que em pelo menos uma área, a habitação, as ideias de Freyre e do Nabuco influenciaram os planos de desenvolvimento da Sudene. Um dos objetivos

⁹⁷⁶ *Idem*, 1969a.

⁹⁷⁷ Furtado, 1997 [1989], p. 273.

⁹⁷⁸ Guimarães, 2000, p. 19.

⁹⁷⁹ Furtado, 1997 [1989], p. 273.

⁹⁸⁰ Professor de Oxford fez conferência, *Diário de Pernambuco*, 3/8/1963.

⁹⁸¹ Sudene, 1967.

da Divisão de Habitação era “a busca constante de novos métodos e técnicas construtivas, unidas a um crescente conhecimento dos padrões culturais da população quanto a sua moradia”⁹⁸². Aquela Divisão chegou a recomendar ao BNH planos habitacionais que priorizassem “novos tipos de casas, de construção barata, adaptadas às condições físicas da Região e às características culturais dos seus usuários”⁹⁸³, propostas essas identificadas com as teses do sociólogo pernambucano e do Nabuco sobre as vantagens do mocambo (“funcionalidade”, “adaptabilidade” e “caráter ecológico”) na paisagem brasileira⁹⁸⁴.

No que diz respeito ao artesanato regional, Freyre e Furtado apostaram em suas potencialidades. Entretanto, enquanto o sociólogo apreendia a arte popular no âmbito de seu projeto regionalista de invenção da identidade nacional brasileira, o economista rejeitava a visão freyriana do artesanato nordestino, que ele julgava “folclórica” e “romântica” – “[uma] visão romântica da miséria do Nordeste, que tanto se acomoda com o espírito da gente de classe média”⁹⁸⁵ ⁹⁸⁶. Através da empresa de economia mista Artesanato Nordeste S.A. (Artene), Furtado procurou organizar a produção e comercialização, ampliar o mercado consumidor (interno e externo) e aumentar a rentabilidade do artesanato nordestino⁹⁸⁷.

5. Dois Recifes

Por último, vale ter em conta a localização estratégica do Nabuco e da Sudene na geografia política do Recife, que confirma as diferenças mostradas neste capítulo. Em 1950, o Nabuco se instalou em uma casa alugada e, em 1953, conseguiu do MEC a construção de uma sede permanente em Casa Forte – “toca do regionalismo”⁹⁸⁸ –, aristocrático bairro da zona norte do Recife, cujo nome remonta ao antigo “Engenho Casa Forte”, local tradicional de morada da elite local. Construída na Avenida Dezessete de Agosto, que remete a um episódio icônico da

⁹⁸² Nossos recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 7, n. 11-12, p. 34, 1969.

⁹⁸³ *Ibidem*, p. 34.

⁹⁸⁴ Freyre, 2003 [1936].

⁹⁸⁵ Furtado, 2021, p. 55.

⁹⁸⁶ Em resposta a um pedido da arquiteta modernista Lina Bo Bardi (1914-1992) para prefaciá-lo um novo livro com material ilustrativo do artesanato nordestino, Furtado respondeu: “Não tenho aptidão para interessar-me pelas formas como as sociedades humanas se acomodam à miséria e esgotam o seu engenho no simples esforço de sobrevivência. Por temperamento ou deformação profissional, me inclino a pensar que tudo que contribui para compatibilizar a vida do homem com a miséria deve ser destruído, ainda que por esse meio estejamos tornando inviável a sobrevivência da comunidade. O que é inviável não é imóvel, e o pior nas sociedades humanas é o imobilismo. Reconheço que identificar as artes de uma comunidade pode ser a forma mais segura e menos custosa de dar início ao desenvolvimento da base material dessa comunidade. [...]. Refiro-me apenas ao risco de que nos detenhamos na fase de identificação e terminemos como a literatura nordestina, que termina dando volta em torno dos ‘castelos’ e servindo de tranquilizante para os que não têm sono na hora da sesta” (*Ibidem*, p. 55).

⁹⁸⁷ Artesanato nordestino conquista mercados no exterior *SUDENE Informa*, v. 7, n. 7-8, pp. 4-6, 1969.

⁹⁸⁸ Freyre, 1975 *apud* Lira, J. T., 2005, p. 164.

vitória dos pernambucanos na guerra contra os holandeses em meados da metade do século XVII – a “Batalha de Casa Forte” –, a sede do Nabuco é vizinha do casarão do sociólogo no bairro de Apipucos – a “Suíça do Recife”⁹⁸⁹ – e, assim como o CRPER/Inep, cuja sede era localizada em um terreno contíguo ao centro de estudos regionais de Freyre, se tornou o canal de disseminação da plataforma regionalista freyriana e do mito da pernambucanidade, uma invenção da elite intelectual recifense e que teve no sociólogo do Solar de Apipucos seu maior representante.

Já a Sudene se instalou no Edifício Tereza Cristina em 1959, na praça Machado de Assis, próximo à Rua da Aurora, e alugou casarões nos bairros do centro histórico do Recife (Boa Vista, Santo Amaro, Santo Antônio e São José) para abrigar alguns de seus departamentos e equipes técnicas. No final de 1962, com o crescimento exponencial do corpo de técnicos – cinquenta e dois novos especialistas foram admitidos naquele ano⁹⁹⁰ –, os departamentos foram centralizados no Edifício JK, um símbolo da arquitetura modernista da cidade localizado na Avenida Dantas Barreto, no centro político do Recife, ao lado da Praça da República e do Palácio do Campo das Princesas, e próximo da Praça do Diário e da Assembleia Legislativa de Pernambuco, perímetro que foi palco de grande agitação política entre as décadas de 1950 e 1960 e onde foi negociada a sorte de Pernambuco nos eventos de abril de 1964, que terminou com a deposição de Arraes e o afastamento de Furtado. Tal localização estratégica na porção popular da metrópole regional, onde o PCB e a esquerda socialista possuíam enorme penetração⁹⁹¹, revela a inserção e o protagonismo da Sudene no Recife urbanizado, industrializado, operário e sede de uma nova *intelligentsia* técnica e política desenvolvimentista, o avesso da atávica e colonial urbe que Freyre louvou em seu *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*.

⁹⁸⁹ *Idem*, 1961 [1934], p. 74.

⁹⁹⁰ Limeira e Alves, 1992.

⁹⁹¹ Oliveira, F., 2008.

Conclusão

Idealizador do movimento regionalista, Freyre se estabeleceu na arena intelectual recifense após o período de formação no exterior. Plantando raízes no Recife – “Mauricéia” e “Veneza tropical”⁹⁹² –, ele encarnou o “sentimento de província”⁹⁹³ e inventou um lugar para si próprio ao fazer das ciências sociais uma caixa de ressonância da lenta agonia de seu grupo social de origem. Com flexibilidade para se ajustar aos novos pactos de poder, extraindo vantagens do *status quo*, ele valorizou no campo político seu capital simbólico como um escritor e, no contexto das transformações sociais e econômicas desencadeadas pelo processo de industrialização, do deslocamento e da concentração do poder político no Centro-Sul do país, Freyre arrancou da elite governante nacional o reconhecimento do estatuto cultural e político de Pernambuco (e do Nordeste) como o berço das tradições da emergente nação. É a esse projeto ao qual o Nabuco se ligou desde sua criação.

Nestes dias de desprestígio de Pernambuco, Estado que hoje dá à gente do Rio a impressão de apenas ter existido e de não continuar a existir, tal a insignificância a que o vem reduzindo os maus governos, deve ser verdadeiramente um consolo para os pernambucanos fiéis à sua velha província, o fato de ter sido possível a um deputado de oposição obter a aprovação da Câmara para um projeto de lei que dará ao Recife um pouco, pelo menos, do seu antigo esplendor de centro de renovação social e intelectual do Brasil⁹⁹⁴.

Ao mesmo tempo que conquistou uma posição de destaque nas novas estruturas de poder nacional, atribuindo ao mundo criado pela oligarquia açucareira um papel civilizatório, Freyre se construiu como o intelectual mais ilustre que aquele grupo declinante foi capaz de gestar em seu esforço de recuperação política, automandatando-se para falar em nome da região e vocalizar seus interesses. Mas seu posto como o mais autorizado intérprete e um alto representante do Nordeste foi ameaçado pela emergência de um novo pacto político no âmbito federal, que retirou força e neutralizou o bloco de poder tradicional do Nordeste, e pelo aparecimento de Furtado e da Sudene, que transtornaram o *establishment* do qual Freyre era um dos principais construtores, guardiões e usufrutuários desde a década de 1920.

Furtado se tornou o ideólogo da política desenvolvimentista para o Nordeste se valendo de seu prestígio como um especialista econômico latino-americano e um artífice do processo de formação de uma nova categoria de técnicos graduados, que fundaram sua autoridade no

⁹⁹² Freyre, 1961 [1934], p. 91.

⁹⁹³ Oliveira, L., 2011, p. 123.

⁹⁹⁴ Freyre, 1949.

domínio de competências com alta cotação no contexto de transformação das bases produtivas do país e de expansão e diferenciação da máquina estatal. Ao capturar o sentimento difuso por mudanças no Nordeste, e trazer para o centro do debate nacional a agenda do desenvolvimento regional, Furtado se converteu no expoente de uma nova consciência política e formou seu próprio exército de técnicos na Sudene, que o reconheceram como seu mentor intelectual. Um articulador de alianças intra e extraestatais e o mediador do sistema de trocas intelectuais entre os circuitos nacional e transnacional, os quais ele próprio ajudou a estruturar, o economista conseguiu se sagrar o superburocrata de sua geração.

Com a expansão do sistema universitário e a criação de novos institutos de pesquisa, processos nos quais ele próprio tivera um papel importante, Freyre, que queria a unanimidade, se tornou alvo das críticas das novas gerações universitárias. Visando a reforma e a democratização do sistema de ensino superior, elas se insurgiram contra a posição despótica do sociólogo na vida intelectual da região e questionaram sua visão “conformista” e “isolacionista” da cultura brasileira⁹⁹⁵.

No contexto da luta pelas reformas de base e pela educação popular e de massas encampada pelo Movimento de Cultura Popular (MCP) e pelo Serviço de Extensão Cultural (SEC/UFPE), e pleiteando a renovação do estudo dos problemas regionais e da cultura popular em sintonia com a nova realidade do país, as gerações mais moças viram em Freyre um intelectual “antipopular”, aferrado ao mito da pernambucanidade e que conspirava contra o desenvolvimento do Nordeste^{996 997}. Essa opinião ganharia força com as investidas de Freyre contra os “comunistas” do SEC/UFPE. Ele mirava o reitor reformista João Alfredo e o educador Paulo Freire, responsabilizando-os pela “comunização da cultura e da educação” na UFPE e pelo “desvio” da Universidade de suas “finalidades essenciais”⁹⁹⁸. Segundo Freyre: “O Método Paulo Freire pode vir a ser utilizado com um sentido brasileiromente democrático. Precisa apenas de sofrer os efeitos de um bom antisséptico”⁹⁹⁹.

Neste ambiente de tensões acirradas, Gilberto Freyre se aproveitou da inflamação social provocada pela ascensão dos conservadores ao poder e retomou sua disputa contra velhos rivais. Despejou seu labafero contra a nova universidade, em favor de seus interesses acadêmicos.¹⁰⁰⁰

⁹⁹⁵ Brasileiro e Mendonça, 2005, p. 16.

⁹⁹⁶ *Ibidem*, p. 16.

⁹⁹⁷ As investidas de Gilberto Freyre para expulsar o “comunista” Paulo Freire da Universidade do Recife na ocasião do golpe de 1964 são reveladoras desse embate geracional entre as frações mais antigas e recém-chegadas aos espaços de poder da elite intelectual pernambucana pela arbitragem dos temas educacionais e culturais.

⁹⁹⁸ Silva Júnior, 2012.

⁹⁹⁹ Gilberto Freyre: restos de feudalismo e do “laissez faire” afigem Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 5/7/1964.

¹⁰⁰⁰ Galindo, 2022, p. 61.

Apoiador de primeira hora do golpe civil-militar de 1964, Freyre pediu para seus amigos militares a destituição de João Alfredo, acusado de conivência com a infiltração de “elementos comunistas” na Universidade¹⁰⁰¹. Para o sociólogo pernambucano, Furtado, então ex-superintendente da Sudene com os direitos políticos cassados, também teria feito vistas grossas aos “comunistas” no órgão regional¹⁰⁰². O pronto alinhamento de Freyre com o regime militar aumentou as verbas destinadas pelo governo federal ao Nabuco, que ampliou suas atividades e cresceu significativamente entre as décadas de 1960 e 1970¹⁰⁰³, e levou o sociólogo ao Conselho Federal de Cultura atendendo a um convite do general Emílio Médici. Nesse período, o sociólogo também foi um entusiasta do salazarismo e defendeu a tese do “lusotropicalismo”, “que era difícil de defender politicamente e engolir academicamente”¹⁰⁰⁴.

Esses posicionamentos empurraram Freyre para o conservadorismo e ele terminou marcado como um intelectual oficialista, de “direita”, “autoritário”, “retrógrado” e intoxicado pelos vapores de um passado colonial que era imperativo exorcizar. Nem mesmo a recuperação e a revalorização de sua obra intelectual nas décadas de 1980 e 1990 por cientistas sociais e historiadores, que descobriram no autor de *C.-G. & S.* um precursor no tratamento de novos objetos, fontes e métodos de pesquisa qualitativos, foi suficiente para aplacar a estigmatização de que ele foi alvo por suas posições políticas controvertidas.

Quanto a Furtado, suas ideias ganharam ampla difusão nas décadas de 1960 e 1970 nos meios político, jornalístico, empresarial e universitário. Ele conseguiu se construir como um agente político nacional, se sagrou um símbolo das reformas econômicas e sociais no Nordeste – “o pensador maior da questão do Nordeste”¹⁰⁰⁵ e “o emblema maior da República Nordestina da Nostalgia e do Futuro”¹⁰⁰⁶ –, além de ter se tornado o mais célebre conferencista nos temas da economia brasileira, planejamento e “recuperação do Nordeste”, e um dos intelectuais mais demandados para paraninfar turmas de formandos em todo o país¹⁰⁰⁷.

Com os direitos políticos cassados em 1964, Furtado seguiu carreira universitária na Universidade de Yale e na Sorbonne lecionando “economia do desenvolvimento” e “economia latino-americana”, liderou um grupo de ilustres intelectuais brasileiros no exílio – o “Clube Bianqui’s” – e se lançou como o precursor das teorias da “estagnação” e da “dependência”¹⁰⁰⁸.

¹⁰⁰¹ Silva Júnior, 2012; Brasileiro e Mendonça, 2005.

¹⁰⁰² Gilberto Freyre: restos de feudalismo e do “laissez faire” afigem Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 5/7/1964.

¹⁰⁰³ Freston, 1989, p. 388.

¹⁰⁰⁴ *Ibidem*, p. 411.

¹⁰⁰⁵ Sá, 2009, p. 158.

¹⁰⁰⁶ Oliveira, F., 2003, p. 107.

¹⁰⁰⁷ A notícia do dia a dia, *Correio da Manhã*, 7/10/1961.

¹⁰⁰⁸ Furtado, 2021 e 2019.

Procurou, também, se projetar como um pensador do “Terceiro Mundo” – suas credenciais na América Latina apoiavam tal ambição – e um “teórico” da economia científica¹⁰⁰⁹.

Entre as décadas de 1970 e 1980, Furtado incursionou em novos campos de reflexão (cultura e meio ambiente), escreveu sobre os limites ecológicos à “civilização industrial” – especialmente em *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* (1981) – e, de volta ao Brasil, tentou se recolocar na vida política brasileira como um intelectual heterodoxo e um crítico dos credores da dívida pública brasileira e do sistema financeiro internacional. Embora o reverenciassem, os caciques da Nova República buscaram neutralizá-lo em postos de segundo escalão e distanciados das questões macroeconômicas¹⁰¹⁰. Entre 1985 e 1986, ele foi embaixador do Brasil na Comunidade Econômica Europeia e ministro da Cultura no período 1986-1988, quando visitou Gilberto Freyre no Solar de Apipucos¹⁰¹¹. No final da vida, ele escreveu suas memórias e publicou *A Construção Interrompida* (1992), título que mal escondia seu desconsolo com os rumos do país e o sentimento de ter sido escanteado pelas novas gerações.

As diferenças programáticas e o embate entre Freyre e Furtado resvalaram para o terreno da antipatia pessoal. Apesar de ser tributário da obra de Freyre nas ciências sociais brasileiras¹⁰¹², Furtado quase nunca reconheceu a influência do sociólogo sobre sua formação intelectual¹⁰¹³. No texto autobiográfico “*Aventures d’un économiste brésilien*”, publicado na francesa *Revue Internationale de Sciences Sociales* em 1973, quando estava em jogo seu reconhecimento como “um pensador cosmopolita” pela comunidade acadêmica europeia¹⁰¹⁴, Furtado fez uma alusão lateral e redutora à contribuição do sociólogo pernambucano

¹⁰⁰⁹ Em *Teoria e política do desenvolvimento econômico* (1967) ele procurou elevar o nível de formalização teórica de suas teses sobre o subdesenvolvimento nos países periféricos e ex-colônias a fim de obter reconhecimento no *mainstream* acadêmico internacional.

¹⁰¹⁰ Furtado, 2019, p. 311.

¹⁰¹¹ D’Aguíar, 2022.

¹⁰¹² Oliveira, F., 2003, p. 60.

¹⁰¹³ Afastado dos centros de decisão política, e dono de um pensamento deslocado para o plano de fundo da luta política, Furtado reconheceu a influência do já falecido sociólogo pernambucano em sua obra intelectual: “Fui muito influenciado por Gilberto Freyre, porque li desde jovem ‘Casa Grande e Senzala’. Foi um autor que li e reli, estudei, porque ele revelava uma dimensão antropológica que eu não captava. Deste ponto de vista foi o autor que mais me influenciou” (Labaki e Schwartz, 1992). Na obra autobiográfica, a presença de Freyre também foi reconhecida: “Quando descobri Casa Grande e Senzala, ainda na Paraíba, fiquei maravilhado. É notável a importância positiva que Gilberto Freyre deu à miscigenação e a maneira como o fez, tratando-a como um problema de cultura, não de antropologia apenas. A cultura brasileira é que é fruto da miscigenação. Os valores maiores do Brasil são engendrados por essa miscigenação. Descobrir isso teve para mim grande impacto” (Furtado, 1999a). Na frase seguinte, o economista atirou Freyre no campo político oposto: “Depois fui vendo que ele era extremamente limitado em outras coisas. Tinha uma visão estática, não concebia o Brasil como um processo, mas como uma fotografia. Aí me afastei um pouco. Talvez também por causa da decepção de ver um homem que, por força da preocupação social, considerávamos do nosso lado, da esquerda, acabar se tornando um mentor do outro lado” (*Ibidem*).

¹⁰¹⁴ Vieira, 2001, p. 163.

internacionalmente consagrado, negando-lhe qualquer originalidade e influência sobre sua obra intelectual – “O livro de Freyre pouco ou nada me influenciou no que respeita a sua mensagem substantiva, isto é, no que se refere à interpretação do processo histórico brasileiro”¹⁰¹⁵ ¹⁰¹⁶ –, além de tratá-lo como um mero divulgador da teoria antropológica da cultura norte-americana no Brasil – “[C.-G. & S.] nos punha em dia com o que se pensava no mundo intelectual em que se estava criando o conhecimento”¹⁰¹⁷.

Na *Obra Autobiográfica*, o economista repetiria a menção tímida à C.-G. & S., que ele leu aos dezessete anos¹⁰¹⁸, para frisar o papel da sociologia norte-americana como uma das matrizes de sua formação intelectual. Em uma passagem dos *Diários Intermitentes*, datada de 1947, ele se referiu à “covardia” e mesquinhez de falsos “democratas” como Freyre, que teria escrito “um artigo repugnante” “acusando” Tristão de Athayde de haver “atacado o Exército nacional” – “Têm na vida pública uma dignidade de vendeiros”¹⁰¹⁹. Em outro trecho, de 1985, Furtado relata uma conversa com Fernand Braudel – “um importante historiador”¹⁰²⁰ – sobre a “paranoia dos grandes homens” e, depois do trocadilho com o nome do escritor Victor Hugo – “Ego Hugo” –, o economista contou “histórias de G.F.”, arrancando risos do francês. Em seguida, Braudel lhe confidenciou o que pensava de Raymond Aron, “*un faux grand homme*”¹⁰²¹, definição que ia encontro do juízo que Furtado fazia do “Narciso pernambucano”¹⁰²².

Por seu turno, Freyre, “ditador intelectual desta boa província”¹⁰²³, adotou uma atitude ambígua em relação a Furtado, elogiando os méritos intelectuais e políticos do chefe da Sudene – “mestre incontestável na sua especialidade”, “mestre de renome no estrangeiro”, “administrador sério, honesto, devotado”¹⁰²⁴ e “um brilhante economista”¹⁰²⁵ –, e, depois de

¹⁰¹⁵ Furtado, 2013, p. 16.

¹⁰¹⁶ A tese do pernambucano sobre a formação da sociedade brasileira se alojou na visão de mundo de Furtado, como aliás no conjunto da intelectualidade do período: “Todos [intérpretes do Brasil], de alguma forma, incluindo-se Furtado, são devedores, na interpretação do Brasil, dos clássicos dos anos 1930, que se esmeraram em marcar a originalidade da colônia, da sociabilidade forjada pela *summa* da herança ibérica com as condições da exploração colonial fundada no escravismo” (Oliveira, F., 2003, p. 127). Ao resolver a seu modo a questão étnico-cultural no Brasil, jogando a pá de cal sobre o estigma das “três raças tristes” e vendo-as como portadoras de futuro, a fórmula freyriana pavimentou o caminho para a geração de intelectuais da década de 1950, que ligou o problema do “desenvolvimento” – nova ideia-força organizadora do campo intelectual na década de 1950 (Brandão, 2007, p. 36) – à “questão nacional” e à “democracia”.

¹⁰¹⁷ *Ibidem*, p. 16.

¹⁰¹⁸ Furtado, 1997 [1985].

¹⁰¹⁹ *Idem*, 2019, p. 110.

¹⁰²⁰ *Idem*, 1996, p. 75.

¹⁰²¹ *Ibidem*, p. 328.

¹⁰²² Silva, S., 2010, p. 23.

¹⁰²³ Melo Neto, 2001 *apud* Silva, S., 2010, p. 14.

¹⁰²⁴ Gilberto Freyre: restos de feudalismo e do “laissez faire” afigem Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 5/7/1964.

¹⁰²⁵ Freyre, 1964.

1964, exprimindo seu ressentimento e criticando o “excessivo especialismo”¹⁰²⁶ do economista, “um rígido, quase um calvinista, um tecnocrata”¹⁰²⁷.

Essa postura ambígua de Freyre fica patente no cotejamento da terceira e da quarta edição do *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, respectivamente de 1961 e 1969¹⁰²⁸. Na terceira edição “revista, atualizada e ampliada”, que veio a público dois anos depois da criação da Sudene, Freyre fez uma menção pálida ao órgão regional e seu criador no final do livro – destoando da verve empregada no restante da obra –, informou sobre sua localização na capital pernambucana – “O Recife é sede da Sudene” – e destacou o que lhe pareceu ser o aspecto mais relevante da biografia de Furtado, o de tratar-se de um “paraibano de formação recifense”. A breve passagem do economista pelo GP entre 1938 e 1939 sobressaía sobre o ano e meio de seu doutoramento em Paris, os quase dez anos na Cepal e o ano de especialização em Cambridge.

Na quarta edição “revista, atualizada e muito ampliada” do *Guia...*, publicada cinco anos após o expurgo de Furtado da Sudene, Freyre reformulou a passagem sobre o órgão desenvolvimentista desassociando-o do economista, que não era mais citado. Inventor das tradições do Recife e de seus homens célebres, o pernambucano não via mais lugar para Furtado entre os “intelectuais autenticamente recifenses”¹⁰²⁹. Reconheceu, ainda, “alguma coisa de inovação” nos trabalhos da autarquia regional que levava “várias indústrias novas” para o Nordeste, e, como era de seu estilo, apresentou-se como o precursor do “critério regional ou inter-regional há anos reclamado para o Brasil por certos sociólogos” e que teria presidido a criação não apenas do Nabuco como da própria Sudene, agência estatal “já tão atuante desde 1964”, quando passara a ter uma “ação mais complexamente social do que econômica”¹⁰³⁰.

O Recife é sede da Sudene, que vem sistematizando, com alguma coisa de um ministério regional, os trabalhos da chamada “Operação Nordeste”: iniciativa do Presidente Juscelino Kubitschek. É diretor da Sudene o economista Celso Furtado: paraibano de formação recifense, que também fez estudos de aperfeiçoamento na França e na Inglaterra¹⁰³¹.

O Recife é a sede da Sudene que vem desempenhando com alguma coisa de inovação e dentro de um critério regional ou inter-regional há anos reclamado para o Brasil por certos sociólogos, as funções de um ministério regional. Graças à ação dessa Superintendência, já várias indústrias novas se erguem hoje no Nordeste: algumas nos arredores do Recife.¹⁰³²

¹⁰²⁶ *Ibidem*.

¹⁰²⁷ *Idem*, 1969a.

¹⁰²⁸ O livro foi publicado pela primeira vez em 1934 e a segunda edição é de 1942.

¹⁰²⁹ *Idem*, 1961, p. 92.

¹⁰³⁰ *Idem*, 1969b [1934], p. 158.

¹⁰³¹ *Idem*, 1961 [1934], p. 167.

¹⁰³² *Idem*, 1969b [1934], p. 158.

Não obstante a rivalidade entre Freyre e Furtado, vale destacar algumas características comuns entre eles. Ambos foram intelectuais pioneiros e agentes políticos com grandes aspirações. Freyre, que recusara um convite para comandar o MEC no governo Castelo Branco (1964-1967), sonhava ser governador de Pernambuco e ministro das Relações Exteriores¹⁰³³. Na redemocratização, Furtado flertou com a liderança de um novo movimento regional “para recolocar o problema do Nordeste”¹⁰³⁴, com o Ministério da Fazenda¹⁰³⁵ e novamente com o Ministério do Planejamento¹⁰³⁶. Foram, também, intelectuais viajadíssimos – *grand tourists*¹⁰³⁷ –, adquiriram formação acadêmica cosmopolita, construíram reputação e contatos no exterior e foram os intelectuais brasileiros mais traduzidos para diversas línguas em suas respectivas gerações. Não obstante a liderança e o caráter inovador desses agentes intelectuais, assim como a vasta e consagrada produção intelectual de ambos em Pernambuco, no país e no exterior, nenhum deles logrou fundar uma “escola de pensamento”. Dentre outros fatores ligados às suas personalidades carismáticas e com mania de grandeza, isso provavelmente se deveu ao fato de que nenhum deles trilhou carreira como professor universitário no Brasil, diluindo a influência intelectual de ambos. No caso de Furtado, o longo exílio foi outro fator impeditivo.

Também vale pontuar que ambos escreveram sobre o Brasil no exterior e formularam interpretações globais da formação da sociedade patriarcal (Freyre) e da economia brasileira (Furtado), narrativas que se tornaram paradigmas científicos e ideologias, orientando a agenda de discussões e as políticas governamentais¹⁰³⁸. Eles apresentaram o país aos brasileiros e saciaram a curiosidade dos estrangeiros com as singularidades da nação tropical, rural e patriarcal que se transformava depressa em uma economia urbano-industrial pujante. Com o sucesso avassalador de *C.-G. & S.* (1933) e *FEB* (1959), que rapidamente se tornaram *best-sellers*, logrando catalisar o clima de mudança em suas respectivas épocas, eles terminaram consagrados e eternizados como os arautos da sociologia (Freyre) e da economia política (Furtado) no Brasil. Buscando unanimidade, eles foram hábeis no uso da mídia da época (jornal, rádio e televisão), pautando-a, utilizando-a como um instrumento de ação política e manobrando para que seus nomes se mantivessem em voga – Freyre e Furtado sempre foram notícia.

¹⁰³³ Freston, 1989, 378.

¹⁰³⁴ Furtado, 2019, p. 270-272; *Idem*, 1995, p. 146.

¹⁰³⁵ *Idem*, 2019, p. 300-304.

¹⁰³⁶ *Ibidem*, p. 285.

¹⁰³⁷ Salgueiro, 2002.

¹⁰³⁸ Mesquita, 2018; Oliveira, F., 2003.

Chefes carismáticos com um sentimento missionário¹⁰³⁹, eles fizeram escola (gilbertólogos e furtadianos) e, celebrados e prestigiados em efemérides nunca esgotadas, se transformaram em monumentos nacionais. Freyre e Furtado se destacaram ainda como agentes de renovação da vida intelectual e política do Recife¹⁰⁴⁰, contribuindo para a fama da cidade como “metrópole regional”, “capital do Nordeste”¹⁰⁴¹ e “um dos grandes centros mundiais da sociologia e da antropologia”¹⁰⁴², além de um polo de criação cultural e científico, um mercado de trabalho promissor para técnicos e pesquisadores de várias especialidades e um ponto de parada quase obrigatório no Brasil para autoridades políticas, cientistas, intelectuais, jornalistas e funcionários internacionais¹⁰⁴³.

Por último, eles viveram na pele os vaivéns e os altos e baixos da história política brasileira do século XX, que os elevou ao pináculo da vida nacional e os castigou com a perseguição política e o exílio. Freyre precisou deixar o país em 1930 e foi preso duas vezes pelo governo estado-novista de Agamenon Magalhães e Furtado perdeu os direitos políticos em 1964, recuperando-os dez anos depois.

Uma visão de mais longo prazo da Sudene e do Nabuco permite concluir que ambas as instituições viram seus programas intelectuais e políticos empalidecer e perder força de atração já a partir de suas primeiras décadas de existência. Os dois órgãos se ligaram a um passado nostálgico – os “tempos heroicos” –, quando eram integradas por equipes motivadas pelo entusiasmo ardente de seus criadores, que inspiravam adoração e se construíram como órgãos pioneiros com um grande prestígio e reputação em seus respectivos campos de atuação.

Apesar dos esforços de recriação, a Sudene e o Nabuco jamais conseguiram reeditar a

¹⁰³⁹ Furtado, 2019 e 1962; Larreta e Giucci, 2007, p. 67.

¹⁰⁴⁰ “Com a Universidade do Recife, o IJN, a Sudene, dentre as principais iniciativas, o clima intelectual e cultural na capital pernambucana sofreu uma profunda mudança e o interesse pela educação começou a deixar de ser cosmético (a ilustração) e um privilégio de poucos e ‘bem-nascidos’ (filhos das elites e membros do clero) de um estreito círculo de letrados pernambucanos para transformar-se numa demanda prática por diversos especialistas pelo aparato estatal, que recrutou nas classes remediadas um novo plantel de quadros técnicos” (Galindo, 2022, p. 55).

¹⁰⁴¹ Freyre, 1961 [1934], p. 123.

¹⁰⁴² Prof. Wagley considera Recife grande centro da sociologia, *Diário de Pernambuco*, 26/4/1962.

¹⁰⁴³ Os nomes dos logradouros públicos da cidade do Recife refletem o peso relativo desses dois intelectuais para as classes dirigentes pernambucanas. O nome do morador do Solar de Apipucos, que se tornou uma “casa- museu” após sua morte, foi emprestado ao Aeroporto Internacional do Recife/Guararapes-Gilberto Freyre, para a “Rua Maestro Gilberto Freyre”, no bairro da Várzea, para uma escola estadual em Casa Amarela, um colégio municipal em Dois Irmãos (“Escola Municipal Sociólogo Gilberto Freyre”) e para ruas e avenidas da Grande Recife (Paulista, Camaragibe e Caruaru), além de uma rua de Garanhuns. Por sua vez, a “Via Mangue” foi rebatizada “Avenida Celso Furtado-Via Mangue” pela lei 17.191/2006, de autoria de Jurandir Liberal (PT/PE), um engenheiro aposentado da Sudene e ex-vereador. A via liga Boa Viagem ao Pina, bairro este onde Furtado viveu quando comandou o órgão regional. No bairro do IPSEP, na zona sul do Recife, está localizada a “Vila da Sudene”, núcleo residencial construído originalmente para abrigar os funcionários da autarquia regional e que ganhou vida própria, integrando-se à cidade.

originalidade, a credibilidade pública e/ou o fervor político dos primeiros tempos, perdendo-se em meio à “rotinização” e “burocratização” de suas atividades, e refugiando-se no discurso do “desvirtuamento”, do “esvaziamento” e da “descaracterização”¹⁰⁴⁴. Apesar da cooperação intermitente em pesquisas e seminários, o Nabuco e a Sudene jamais conseguiram suplantar o espírito de desconfiança e competição que marcou suas trajetórias institucionais desde o tempo de Freyre e Furtado. O Nabuco continuou temendo a usurpação de sua “independência” pela “economicista” Sudene, que, por sua vez, jamais conseguiu submeter aquele órgão “folclorista” a seu programa desenvolvimentista.

¹⁰⁴⁴ Freston, 1989; Carvalho, J., 1979.

PARTE 3

**CELSO FURTADO E A SUDENE: CIÊNCIA E EDUCAÇÃO NO NORDESTE
BRASILEIRO**

Apresentação

Na terceira parte, será discutido no capítulo 5 a capacitação de pessoal técnico no Nordeste brasileiro pela Sudene entre as décadas de 1960 e 1970. A Sudene promoveu diversos cursos de desenvolvimento e planejamento econômico, capacitando gerações de especialistas para reduzir as desigualdades regionais e desenvolver o Nordeste. A Sudene foi um dos canais de penetração das ideias da Cepal no Brasil e um polo de criação de conhecimento e de instrumentos de intervenção estatal no âmbito do desenvolvimento econômico. O capítulo reconstrói as atividades no campo do treinamento de pessoal pelo órgão desenvolvimentista e repassa os fatos que levaram à formação, à ampliação e ao desmembramento de sua equipe técnica.

Um dos desafios para a implementação do programa desenvolvimentista da Sudene foi a escassez de pessoal qualificado no Nordeste brasileiro. O relatório *Uma política para o desenvolvimento econômico do Nordeste* (1959) do GTDN, do governo federal, e os Planos Diretores I (1961-1963), II (1963-1965), III (1966-1968) e IV (1969-1971) da Sudene, projetaram a superação da carência de pessoal através da capacitação como uma condição indispensável para o desenvolvimento da região.

Como sabiam os dirigentes da Sudene, os desequilíbrios regionais se refletiam na oferta desigual de mão-de-obra qualificada, concentrada no Centro-Sul do país. O escasso pessoal com nível superior no Nordeste emigrava para a região mais rica, reforçando o subdesenvolvimento nordestino. Para mudar esse quadro, a Sudene priorizou o investimento na formação de pessoal e multiplicou as oportunidades de trabalho na região para pessoal de nível técnico e superior.

A autarquia regional construiu um novo discurso sobre o Nordeste como uma região de riquezas naturais e potencialidades industriais cujo conhecimento implicava a disponibilidade de numeroso pessoal a serviço da própria Sudene, das universidades, do setor público e da iniciativa privada.

A Sudene também procurou adaptar tecnologias produzidas fora da região à realidade produtiva e ecológica do Nordeste. A capacitação de pessoal técnico e a inovação tecnológica autóctone eram essenciais para o êxito do programa do organismo regional, indicando a centralidade das universidades e das missões estrangeiras em seu programa desenvolvimentista. Como mostra o capítulo 6, a Sudene investiu na reestruturação e expansão da infraestrutura universitária da região, ajudando a criar um ambiente estimulante para o ensino, a pesquisa e a extensão universitária.

Entre as décadas de 1960 e 1970, quando as universidades do Nordeste não estavam equipadas para conhecer a região e contribuir para seu desenvolvimento¹⁰⁴⁵, a autarquia regional estudou os problemas nordestinos, financiou bolsas de estudos para estudantes de condições modestas (do vestibular à pós-graduação) e investiu na formação continuada de seu próprio *staff* técnico e dos servidores públicos da região.

Através de cursos e pesquisas em convênio com as universidades nordestinas, a Sudene melhorou a infraestrutura física dos institutos de estudos superiores (prédios, laboratórios, bibliotecas, equipamentos), contribuiu para a profissionalização de seu corpo docente e a introdução de práticas modernas de pesquisa empírica vinculadas ao conhecimento sistemático dos problemas regionais. O organismo regional investiu na ampliação da estrutura universitária em nível de graduação e no reequipamento dos institutos universitários nas capitais da região com ênfase na pesquisa e na inovação tecnológica¹⁰⁴⁶.

O capítulo 7 se detém na aposta da Sudene na educação básica como um instrumento de redução das resistências à introdução de inovações tecnológicas e novos parâmetros de racionalidade econômica no sistema produtivo regional, assim como de elevação do nível cultural e político da população nordestina. Tendo em vista o contexto de acirramento da luta política em torno das reformas econômicas e sociais no Nordeste e no país e a consciência crescente acerca da centralidade da educação na construção do Brasil moderno (urbano e industrial) em meados da metade do século passado, o capítulo discute as ações, os limites político-institucionais e as linhas de força que disputavam os projetos da Sudene na frente educacional.

Visando o planejamento do Nordeste em bases científicas, o projeto da Sudene para transformar a região priorizou, além da formação de pessoal qualificado nas universidades públicas, o investimento na estruturação e na expansão da educação primária e do ensino técnico-profissional para elevar a produtividade da mão de obra demandada pelo parque industrial moderno que era instalado no Nordeste.

O projeto de transformação das estruturas socioeconômicas regionais idealizado pela Sudene pressupunha enfrentar os índices elevados de analfabetismo em uma população predominantemente rural, a baixíssima produtividade do trabalhador nordestino, sua “vida comunitária rudimentar sem qualquer dimensão política” e a desorganização e “passividade”

¹⁰⁴⁵ “Ela [a Sudene] foi importante porque não haviam atividades de pesquisa nas universidades” (Rezende, 2022).

¹⁰⁴⁶ “Na maioria dos casos é mais importante, em países como o Brasil, aplicar capital nas pessoas do que acumular máquinas” (Furtado, 1958, p. 45).

política da sociedade nordestina¹⁰⁴⁷.

Do ponto de vista produtivo, as técnicas empregadas pela classe proprietária dos bens econômicos eram obsoletas, pouco intensivas em conhecimento e capital e caracterizadas pela exploração predatória do trabalho humano e dos recursos naturais¹⁰⁴⁸. Nos limites de uma instituição de planejamento econômico, como superar esses gargalos estruturais sem desviar-se de seus objetivos centrais (a industrialização, a modernização tecnológica do complexo produtivo nordestino, a elevação da produtividade econômica e a generalização da prosperidade material)? Como transformar a “mentalidade” das classes trabalhadoras, médias e proprietárias e envolvê-las ativamente no processo de transformação da economia regional? Em síntese, como elevar o nível de consciência desses setores sociais acerca de seus interesses e de seu papel no processo de mudanças vislumbrado pela Sudene?

Após 1964, com cada vez menos recursos e sem contar com a agitação política favorável às reformas sociais da “República populista” (1945-1964), a autarquia abandonou gradativamente sua linha liberal-democrática no tratamento dos assuntos educacionais na região, sucumbindo à perspectiva economicista no tratamento desses problemas. Como será visto, no pós-1964 as agências internacionais estadunidenses reforçaram a nova diretriz política do órgão desenvolvimentista, se apossaram da pauta educacional, aparelharam as burocracias locais e ajudaram a esvaziar e desvirtuar o trabalho da Sudene no sentido de integrar a questão educacional em seu plano global para desenvolver o Nordeste.

Nas primeiras décadas do século XXI, momento em que o binômio educação-desenvolvimento volta ao centro do debate político nacional, e em que a invasão do discurso dos economistas no debate educacional vem sendo problematizada nos campos acadêmico e político, é relevante a reconstrução contextualizada das ações da Sudene na área educacional não tanto para contestar a suposta ausência do tema educacional na obra do idealizador e criador da Sudene, como querem alguns economistas ortodoxos¹⁰⁴⁹, mas para ilustrar um episódio da disputa entre grupos profissionais e suas respectivas visões de mundo sobre a educação – Um instrumento de construção da nação ou um meio para alcançar o crescimento econômico? O capítulo joga luz sobre a intromissão dos economistas – justificados em suas competências “técnicas” – no território da educação no Nordeste, apresentando-se como agentes intrinsecamente inovadores e com legitimidade para liderar uma “revolução educacional” no país desde os tempos da Sudene.

¹⁰⁴⁷ Furtado, 1964, p. 146.

¹⁰⁴⁸ *Idem*, 2007 e 1964.

¹⁰⁴⁹ Pessoa, 2020 e 2022.

CAPÍTULO 5

A formação de uma geração de planejadores do desenvolvimento no Nordeste brasileiro pela Sudene

Com o sistema do “TDE”, o sr. Celso Furtado – já ministro de Estado para assuntos do Planejamento e Superintendente da Sudene – juntou mais um título: o de Reitor do Nordeste.¹⁰⁵⁰

Tem-se a impressão de estar num centro universitário ou num instituto de pesquisas, enquanto não devemos esquecer que a Sudene é, acima de tudo, a agência encarregada de obter decisões concretas e implantá-las.¹⁰⁵¹

1. A penetração das ideias cepalinas no Brasil

Entre as décadas de 1930 e 1960 foi criada parte substantiva da burocracia econômica moderna do Estado brasileiro em resposta às transformações econômicas puxadas pelo processo de industrialização e pelas novas demandas endereçadas ao Estado central, que ampliou seu raio de ação no território brasileiro e se especializou. Nesse contexto, surgiram o Dasp (1938), a Sumoc (1945), o BNDE (1952), o BNB (1952), a SPVEA (1952) e o Conselho de Desenvolvimento da Presidência da República (1956), que elaborou o Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek (1956-1960).

Além disso, a proliferação de organizações econômicas e a criação de empresas estatais (Companhia Siderúrgica Nacional – CSN –, Petrobrás, Companhia Vale do Rio Doce, dentre outras) para ampliar a infraestrutura econômica induziram o aparecimento de especialistas em economia e administração pública, que se multiplicaram entre as décadas de 1950 e 1960 e se incumbiram do planejamento e da execução das políticas de desenvolvimento coordenadas pelo Estado.

Em meio ao crescimento da demanda por profissionais qualificados pelas novas funções estatais, e frente à complexidade crescente dos problemas econômicos, que exigiam saberes cada vez mais especializados, surgiram escolas de economia e administração pública no Rio de Janeiro e em São Paulo. Com a multiplicação de iniciativas no campo dos estudos econômicos, logo surgiu a demanda por cursos de aperfeiçoamento, que foram supridos pelo CNE (1949-1967), pelo Centro de Aperfeiçoamento para Economistas (CAE/FGV) (1960-1966) e pelo

¹⁰⁵⁰ Periscópio, *Diário de Pernambuco*, 7/2/1963.

¹⁰⁵¹ Bariou, 1968, p. 13.

BNDE em cooperação com a Cepal (1956-1967), iniciativas essas concentradas no Rio de Janeiro¹⁰⁵².

Com o crescimento econômico acelerado e o avanço da agenda industrialista e Estado-intervencionista na década de 1950 – não obstante o interregno anti-estatista e anti-industrialista do governo Café Filho (1954-1955) –, as ideias da Cepal penetraram nos novos nichos da burocracia econômica brasileira, convertendo-se em uma arma de combate e uma ideologia justificadora – com ares de ciência – das escolhas industrialistas do governo brasileiro¹⁰⁵³.

Com o diferencial de carregar as ideias heterodoxas do economista Raúl Prebisch, que provocaram uma revolução copernicana na forma de encarar o processo de industrialização e a ação do Estado como um agente coordenador do processo de desenvolvimento econômico na América Latina, e que tiveram um grande impacto no Brasil¹⁰⁵⁴, a Cepal patrocinou várias edições do CTPDE em convênio com o BNDE e difundiu as técnicas do planejamento econômico no funcionalismo público.

Na década de 1950, a Cepal ampliou sua atuação no Brasil ao incorporar o português como um de seus idiomas oficiais, participar do debate econômico brasileiro (ortodoxos *versus* heterodoxos) e realizar seu quinto período de sessões no Rio de Janeiro em 1953, quando foi firmado o acordo de cooperação entre a Cepal e o BNDE (1953-1955) visando a preparação de um diagnóstico da situação econômica brasileira e de um plano de desenvolvimento para o país^{1055 1056}.

Também contribuíram para tornar o Brasil uma prioridade para a Cepal a convergência entre o segundo governo Vargas (1950-1954) e a “era de ouro” do pensamento do organismo latino-americano (1949-1956)¹⁰⁵⁷, assim como a criação de instituições de financiamento ao desenvolvimento econômico no Brasil (BNDE e BNB), a prevalência das ideias desenvolvimentistas na burocracia econômica brasileira e a presença de Furtado na equipe pioneira da Cepal.

¹⁰⁵² Klüger, 2017; Mantega e Rego, 1999; Biderman, Cozac e Rego, 1996.

¹⁰⁵³ Oliveira, F., 2003; Bielschowsky, 1988.

¹⁰⁵⁴ Barbosa, 2021; Klüger, 2017; Oliveira, F., 2003; Bielschowsky, 1988.

¹⁰⁵⁵ Barbosa, 2021; Klüger, 2017; Sola, 1998; Bielschowsky, 1988.

¹⁰⁵⁶ O organismo latino-americano foi o principal responsável pela circulação de agentes e ideias entre o Chile e o Brasil, exercendo um papel central na estruturação do campo dos economistas neste último país: “El movimiento de personas e ideas entre el Brasil y Chile fue recíproco. Por un lado, el Centro recibió a funcionarios de la Cepal de otros países de América Latina, quienes adquirieron nuevas perspectivas sobre el continente profundizando su conocimiento sobre el Brasil, lo que los ayudó a examinar y refinar los análisis de la Comisión. Por otro lado, la Cepal impartió capacitación intelectual y profesional a muchos brasileños, tanto mediante sus operaciones em el Brasil como al dar la bienvenida en Santiago a numerosos intelectuales que debieron exilarse del Brasil tras el comienzo de la dictadura militar en 1964” (Klüger, Wanderley e Barbosa, 2022, p. 135).

¹⁰⁵⁷ Dosman, 2011, p. 380.

Como já visto, a experiência de Furtado na Cepal foi decisiva para a criação da Sudene, autarquia de desenvolvimento cujo objetivo era generalizar os benefícios do progresso industrial na região Nordeste e suprimir as estruturas socioeconômicas e políticas enraizadas no domínio rural. O brasileiro transplantou para o Nordeste as diretrizes programáticas no campo do treinamento de recursos humanos da Cepal. Na década de 1950, Furtado foi professor do CTPDE da Cepal em Santiago do Chile, treinando gerações de especialistas estatais latino-americanos e acumulando um sólido capital de conhecimentos teóricos e práticos acerca dos problemas do desenvolvimento latino-americano. Criado em 1952, o CTPDE foi responsável pela “difusão continental do pensamento desenvolvido pela Cepal”¹⁰⁵⁸.

Jovens economistas promissores dos governos de toda a região receberiam [na Cepal] 24 semanas de treinamento básico em análise econômica, contabilidade social, sociologia, teoria do desenvolvimento econômico e planejamento de projetos. A esse treinamento básico seguiam-se dezesseis semanas extras de trabalho em pequenos grupos, centradas em tópicos especiais como administração do setor público, planejamento orçamentário e desenvolvimento de recursos humanos. Junto com seu “curso básico” anual, a Divisão de Ahumada oferecia cursos intensivos e seminários especiais por toda a região, por solicitação de governos e em colaboração com universidades e institutos.¹⁰⁵⁹

Com a demanda crescente pelos cursos da Cepal nos países latino-americanos, onde era escassa a disponibilidade de planejadores econômicos com uma mentalidade moderna¹⁰⁶⁰, “se fez necessário [a partir de 1955] organizá-los nos próprios países, de forma intensiva, deslocando-se o corpo de professores por tempo limitado e fazendo-se apelo a especialistas locais para ministrar certas matérias”¹⁰⁶¹.

Em 1956, no Brasil, o BNDE e a Cepal realizaram o I CTPDE. Esse curso intensivo (dois meses de duração e em tempo integral) capacitou funcionários públicos nas “técnicas modernas de preparação e análise de projetos de desenvolvimento econômico”, oferecendo subsídios para a “elaboração e coordenação da política econômica requerida pelo desenvolvimento” e para “apresentar uma visão coordenada dos problemas econômicos do país a longo prazo e das perspectivas de desenvolvimento”^{1062 1063}.

¹⁰⁵⁸ Furtado, 1997 [1989], p. 246.

¹⁰⁵⁹ Dosman, 2011, p. 320.

¹⁰⁶⁰ Furtado, 1958, p. 48.

¹⁰⁶¹ Furtado, 1997 [1985], p. 246.

¹⁰⁶² BNDE, 1957 *apud* Klüger, 2017, p. 65.

¹⁰⁶³ Na ocasião, viajaram para o Rio de Janeiro o chileno Jorge Ahumada (ensinou “Programação do Desenvolvimento Econômico”), os argentinos Manuel Balboa (professor de “Contabilidade Social”) e Julio Melnick (responsável pela disciplina “Preparação e Avaliação de Projetos”), Carlos Oyarzún (ministrou “Financiamento do Desenvolvimento Econômico”) e o próprio Furtado (à frente das aulas de “Problemas do Desenvolvimento Brasileiro” e “Perspectivas do Desenvolvimento Econômico”) (Klüger, 2017). Esses cepalinos foram recebidos como “grandes astros do desenvolvimento econômico e do planejamento na América Latina”

O CTPDE da Cepal-BNDE existiu entre 1956 e 1967 – 21 edições em 12 cidades brasileiras¹⁰⁶⁴ –, estimulou a circulação de ideias e técnicos entre o Chile e Brasil¹⁰⁶⁵, ajudou a popularizar as técnicas de planificação neste último país e treinou gerações de funcionários públicos em programação do desenvolvimento econômico e social¹⁰⁶⁶. Esses cursos abordaram, também, o problema do desenvolvimento regional como um eixo estruturante¹⁰⁶⁷.

A partir de entonces, la cooperación con la Cepal, que originalmente habían promovido el gobierno federal y el BNDE, fue adoptada con gusto por otras entidades gubernamentales e instituciones académicas, e influyó en la capacitación de una generación de intelectuales y funcionarios públicos a lo largo y ancho del país.¹⁰⁶⁸

Em 1956, o BNB com a Cepal e a Capes/MEC também realizaram um CTPDE para suprir a necessidade de pessoal técnico na região e estruturar o Etene/BNB. Coordenado por Stefan Robock, economista das Nações Unidas que chefiou uma missão técnica no BNB entre 1954 e 1956, esse foi o primeiro curso intensivo para formar especialistas econômicos no Brasil segundo o modelo da Cepal¹⁰⁶⁹.

Além desse curso, o BNB promoveu e patrocinou diversos outros programas de treinamento, ajudando a formar quadros qualificados para o Nordeste e estimular o desenvolvimento regional.

2. A chegada da Cepal no Nordeste brasileiro

Com muito crédito na Cepal e no BNDE, Furtado transferiu o CTPDE do Rio de Janeiro para o Recife e levou ao Nordeste um time de elite do organismo latino-americano com a missão de recrutar e capacitar as primeiras gerações de planejadores econômicos da Sudene, inoculando o “vírus da Cepal”¹⁰⁷⁰. Sob muitos aspectos, a Sudene era uma frente avançada da Cepal no Nordeste brasileiro.

No Recife, o CTPDE existiu entre 1959 e 1965 com o apoio da Cepal, do BNDE, da Codepe, da Capes, dos governos estaduais da região Nordeste, e, a partir de 1963, do Ilpes, que

(Garcia, 1992, p. 94).

¹⁰⁶⁴ Klüger, Wanderley e Barbosa, 2022, p. 142.

¹⁰⁶⁵ Klüger, 2017.

¹⁰⁶⁶ Nos cursos CTPDE se ensinava comércio exterior e indústria, regulamentação fiscal e monetária, balança de pagamentos, transportes, energia, recursos naturais e minerais, agricultura, desenvolvimento regional, estatísticas e indicadores nacionais, demografia, formação de recursos humanos, educação e saúde pública (Klüger, Wanderley e Barbosa, 2022, p. 139).

¹⁰⁶⁷ *Ibidem*, p. 144.

¹⁰⁶⁸ *Ibidem*, p. 138.

¹⁰⁶⁹ *Ibidem*, p. 138.

¹⁰⁷⁰ Limeira e Alves, 1992, p. 74.

preparava material de apoio para o treinamento de pessoal e o suporte à ação governamental utilizado nos cursos da Sudene.

No segundo semestre de 1959, o chileno Jorge Ahumada foi ao Recife capacitar a primeira leva de técnicos da Sudene. Pós-graduado em Harvard, ex-funcionário do FMI em Washington, assessor econômico em países da América Central (Porto Rico e Guatemala), criador e primeiro diretor da Divisão de Treinamento da Cepal, a ida de Ahumada ao Recife era prova do apoio da Cepal à nova política do governo federal para o Nordeste brasileiro.

Nessa fase inicial da Sudene, também ensinou no Recife o economista chileno Osvaldo Sunkel. Com especialização na *London School of Economics* (LSE), ele substituiu Ahumada na coordenação da Divisão de Treinamento da Cepal a partir de 1955, integrou a “divisão vermelha” da Cepal e a equipe de Furtado que preparou um informe sobre a economia mexicana (1955-1957)¹⁰⁷¹. Foi, também, o organizador e primeiro diretor do escritório da Cepal no Rio de Janeiro (1960-1961).

Em 1959, com a ajuda do piauiense Cláudio Correa Lima, Sunkel coordenou o processo seletivo para o CTPDE da Cepal no Recife. Segundo ele: “Fue muy interesante recoger las experiencias de lo que decía la gente de los distintos estados, y posteriormente Celso”¹⁰⁷². Ele ainda foi um dos professores do curso, ensinando “Análise e Programação do Desenvolvimento Econômico” e disseminando o método estruturalista da Cepal¹⁰⁷³.

O também chileno Aníbal Pinto Santa Cruz (1919-1996), que era bacharel em direito e economista com estudos de pós-graduação na LSE, também deu aulas sobre “Financiamento do Desenvolvimento” no CTPDE no Recife e fez conferências na cidade sobre os problemas do desenvolvimento no Brasil e na América Latina¹⁰⁷⁴. Com o regresso de Sunkel a Santiago do Chile para coordenar o novo programa de capacitação do Ilpes, Santa Cruz assumiu a direção do escritório da Cepal no Rio de Janeiro (1962-1965), tornando-se “professor de gerações de cepalinos no Brasil e na América Latina”¹⁰⁷⁵ e o “mentor intelectual” de economistas em início de carreira¹⁰⁷⁶.

Também ensinaram nos primeiros cursos de formação de pessoal técnico para a Sudene o engenheiro argentino Julio Melnick (assessor do Programa de Assistência Técnica da Cepal

¹⁰⁷¹ Dosman, 2011, p. 320.

¹⁰⁷² Sunkel, 2020, p. 296.

¹⁰⁷³ “No se expone propriamente una teoría del desarrollo económico, sino más bien un método de análisis, un determinado enfoque, que surge del estudio de las características históricas del proceso de desarrollo económico. Terías son generales y abstractas mientras los planes y programas tienen que ser detallados y concretos, adaptados a condiciones específicas” (Sunkel, 1963, p. 2).

¹⁰⁷⁴ Diretor da Cepal veio dar aula sobre desenvolvimento, *Diário de Pernambuco*, 4/5/1962.

¹⁰⁷⁵ Oliveira, F., 2008, p. 150.

¹⁰⁷⁶ Klüger, Wanderley e Barbosa, 2022, p. 146.

e o autor do *Manual de Proyectos de Desarrollo Económico* publicado em 1958 e muito utilizado na América Latina e nos cursos da Sudene), o venezuelano Braulio Jatar, autor de *Planificación del Desarrollo: sus aspectos institucionales* (1958), e Alberto Fracchia.

Por um lado, através dos cursos do organismo latino-americano¹⁰⁷⁷ estes cepalinos exportaram a tradição de pensamento da Cepal para o Brasil, ampliando as perspectivas de desenvolvimento do país. Por outro lado, eles adquiriram maior consciência dos problemas brasileiros e nordestinos, enriqueceram o trabalho da Cepal com novos pontos de vista e sofisticaram seus trabalhos teóricos a partir do conhecimento detalhado das realidades regionais concretas¹⁰⁷⁸.

3. O Curso de TDE e a formação do *staff* técnico da Sudene

Com a maior disponibilidade de recursos e a organização do Departamento de Assistência Técnica e Formação de Pessoal (DATFP) em 1961 – depois Departamento de Recursos Humanos (DRH) –, a Sudene criou seu próprio curso de Técnico em Desenvolvimento Econômico (TDE), que, como o CTPDE, era uma cópia do curso da Cepal.

Além dos cepalinos, nos cursos TDE ensinaram jovens economistas diplomados na ortodoxa Faculdade Nacional de Ciências Econômicas (FNCE) da Universidade do Brasil¹⁰⁷⁹, e que eram ligados ao Centro de Desenvolvimento Econômico Cepal-BNDE no Rio de Janeiro, como Carlos Lessa (1936-2020), que era vice-diretor do escritório Cepal-BNDE, Antônio Barros de Castro (1938-2011) (ele e Lessa escreveram *Introdução à Economia: Uma Abordagem Estruturalista*, um manual muito usado pelos alunos dos cursos da Cepal-BNDE) e a matemática portuguesa Maria da Conceição Tavares (nascida em 1930). Outro aspecto em comum entre Lessa, Castro e Tavares era a ligação com Aníbal Pinto¹⁰⁸⁰.

Outros funcionários graduados da Sudene como Estevam Strauss, Mário Magalhães, Luís Vasconcelos, Jader de Andrade, Francisco de Oliveira, Juarez Farias e Naílton Santos ministraram disciplinas nos cursos TDE sobre os temas ligados às áreas de atuação de seus respectivos departamentos na Sudene.

¹⁰⁷⁷ Nos cursos da Cepal no Recife, os estudantes aprendiam “Introdução à Economia”, “Contabilidade Social”, “Estatística”, “Formação de Capital”, “Teoria, Programação e Financiamento do Desenvolvimento Econômico”, “Problemas do Desenvolvimento Brasileiro” e “Análise e Administração de Projetos” (Candidatos ao curso na Cepal começam a prestar exames, ontem (Sunkel examina) – vagas serão limitadas (42) para 100 candidatos inscritos, *Diário de Pernambuco*, 19/8/1959).

¹⁰⁷⁸ *Ibidem*, p. 145.

¹⁰⁷⁹ Mantega y Rego, 1999.

¹⁰⁸⁰ Klüger, 2017.

Furtado ativou seus contatos no Brasil e levou para os cursos TDE técnicos destacados da burocracia estatal e da intelectualidade brasileira como conferencistas. Dentre outros nomes, foram ao Recife Gerson Augusto da Silva e Casemiro Ribeiro (ambos do Conselho de Política Fiscal e Aduaneira do Ministério da Fazenda), os baianos Ignácio Tosta Filho (então presidente da Comissão de Planejamento Econômico da Bahia) e Rômulo Almeida.

Também fizeram conferência no Recife o estatístico Isaac Kerstenetzky (futuro presidente do IBGE entre 1970 e 1979), o economista Eduardo Sobral (um técnico proeminente da Petrobras), Raul Barbosa (ex-deputado federal no período 1946-1951, ex-governador do Ceará entre 1951 e 1954 e presidente do BNB no período 1956-1967) e Jesus Soares Pereira (trabalhou no Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM –, no Conselho Federal de Comércio Exterior e no Instituto Nacional do Pinho entre as décadas de 1930 e 1940, foi assessor econômico de Vargas e do MVOP nos anos 1950)¹⁰⁸¹.

Os sociólogos Gilberto Freyre e Octávio Ianni também deram conferências nos cursos TDE da Sudene. Coroando esses cursos, Furtado realizava uma conferência de encerramento, que era muito aguardada pelos aspirantes a planejadores do órgão regional de desenvolvimento¹⁰⁸².

Constituídas por um corpo técnico de alto nível em meados da década de 1950 e muito presentes no governo civil¹⁰⁸³, as Forças Armadas emprestaram alguns de seus melhores quadros para realizar conferências nos cursos TDE, como o almirante Lúcio Meira (subchefe do Gabinete Militar no segundo governo Vargas, incentivador da indústria automobilística e da construção naval no Brasil e ministro da Viação e Obras Públicas entre 1956 e 1959)¹⁰⁸⁴ e o general Carlos Berenhauser Junior (presidente da Chesf admirado por Furtado ao preservar a companhia da influência dos políticos)¹⁰⁸⁵.

Alguns técnicos militares chegaram a realizar o curso TDE no Recife, se integraram ao corpo técnico da Sudene e ajudaram a fazer os primeiros levantamentos e a organizar os departamentos e divisões técnicas daquele órgão regional.

Nos cursos TDE se matricularam candidatos de todos os estados nordestinos, inclusive dos estados da Bahia e do Maranhão, que foram integrados ao Nordeste recriado pela Sudene. Em 1959, dos 100 candidatos inscritos para o CTPDE no Recife foram selecionados 50. Em

¹⁰⁸¹ CPDOC-DHBB, verbete Jesus Soares Pereira.

¹⁰⁸² Candidatos ao curso na Cepal começaram a prestar exames, ontem (Sunkel examina) – vagas serão limitadas (42) para 100 candidatos inscritos, *Diário de Pernambuco*, 19/8/1959.

¹⁰⁸³ Benevides, 1976.

¹⁰⁸⁴ CPDOC-DHBB, verbete Lúcio Martins Meira.

¹⁰⁸⁵ Hirschman, 2009, p. 186.

1960, 120 candidatos se inscreveram para o curso CTPDE da Cepal no Recife, foram selecionados 84 e aprovados 52 alunos¹⁰⁸⁶. Em 1962, houveram 280 candidatos, dos quais 80 foram aprovados para o curso e 25 chegaram até o final e terminaram contratados pela Sudene¹⁰⁸⁷. No TDE de 1963, dos 80 estudantes selecionados para o curso 40 foram aprovados e contratados pela autarquia¹⁰⁸⁸.

Em sua maioria egressos das universidades da região, os alunos dos cursos TDE receberam treinamento na nova mentalidade do desenvolvimento de matriz cepalina. Através do DRH, a Sudene estruturou seu próprio curso intensivo (seis meses de duração) de desenvolvimento econômico, que era em tempo integral. Após a aprovação em um exame escrito, os candidatos eram entrevistados pelos diretores do DRH. Os aprovados nas provas dissertativa e oral eram instalados no Recife pela Sudene para fazer o curso TDE com uma bolsa de estudo, como já ocorria nos cursos da Cepal em Santiago do Chile e no CTPDE da Cepal-BNDE.

Com uma formação universitária defasada, esses rebentos das classes médias da região atualizaram seus conhecimentos nos cursos TDE e aprenderam a organizar levantamentos bibliográficos, planejar estudos, analisar orçamentos e programas, elaborar relatórios e realizar projeções, absorvendo as novas ideias estruturalistas e os conhecimentos técnicos transmitidos nos manuais da Cepal.

Tais cursos de orientação cepalina foram decisivos para garantir o elevado nível técnico da rapaziada que entrou para compor o quadro de pessoal da nossa Casa.¹⁰⁸⁹

A Sudene foi para mim uma segunda universidade.¹⁰⁹⁰

[...] era quase como se eu estivesse fazendo uma outra faculdade. [...] nós queríamos completar nossa formação [...] fazer um bom curso, substantivo.¹⁰⁹¹

Lá aprendi mais do que nas universidades, centros de estudos e pesquisas por onde passei estudando.¹⁰⁹²

Após esse período estudando os problemas ligados ao desenvolvimento econômico em países periféricos (com ênfase na experiência brasileira), os concluintes eram contratados pela Sudene como técnicos em desenvolvimento econômico – “Equivalia, mais ou menos, a um

¹⁰⁸⁶ Limeira e Alves, 1992, p. 46.

¹⁰⁸⁷ Silva, J., 2021.

¹⁰⁸⁸ Alves Filho, 2021.

¹⁰⁸⁹ Limeira e Alves, 1992, p. 20.

¹⁰⁹⁰ Bacelar, 2021.

¹⁰⁹¹ Albuquerque, 2021.

¹⁰⁹² Brasileiro, 2001, p. 95.

concurso público”¹⁰⁹³ –, uma categoria profissional “versátil”, que não era listada no Dasp e cujo prestígio oscilou ao sabor da instabilidade da administração pública brasileira¹⁰⁹⁴. Eles eram alocados em um dos departamentos do órgão desenvolvimentista segundo suas aptidões e formações universitárias e as necessidades da instituição¹⁰⁹⁵.

Devedora da revolução administrativa realizada na gestão pública brasileira pelo Dasp, o BNDE, a Sumoc e o BNB, instituições do moderno serviço público com as quais Furtado estava familiarizado, a Sudene inovou no treinamento e na contratação de pessoal, instituindo um sistema seletivo baseado no mérito e na competência e exigindo de seus técnicos dedicação integral e exclusiva.

Como se pode observar, a Sudene impulsionou a formação de um mercado de trabalho para pessoal de nível superior no Nordeste – “o mercado era muito restrito”¹⁰⁹⁶ –, transformando-se na autarquia federal mais cobiçada pelos jovens saídos das universidades nordestinas e que buscavam uma boa colocação profissional. Segundo a socióloga Silke Weber: “A Sudene era um foco, uma aspiração. Todos os estudantes queriam trabalhar na Sudene”¹⁰⁹⁷.

O órgão regional também atraiu a juventude nordestina universitária ao se tornar um emblema da luta contra o tradicionalismo político e um símbolo do processo de moralização da administração pública brasileira, o que lhe dava um *plus* de idealismo – “A Sudene ocupava o nosso imaginário”¹⁰⁹⁸. Para reforçar o sentido missionário do órgão desenvolvimentista, Furtado costumava ressaltar o “esforço excepcional” e a “fé extraordinária no futuro do Nordeste”¹⁰⁹⁹ dos técnicos da Sudene, que aceitaram o “chamado” e o “desafio” de transformar a região¹¹⁰⁰.

A Sudene ofereceu remuneração competitiva para os diplomados nas profissões tradicionais (engenharia, direito e medicina) e, principalmente, aos formandos das novas disciplinas (economia, veterinária, química, física, matemática, biologia, química, geologia, agronomia, geografia, sociologia, assistência social e pedagogia), que eram pouco valorizadas, lutavam pelo reconhecimento legal de suas atividades profissionais e reivindicavam postos na administração pública.

Os organismos especializados, responsáveis pela execução da política de

¹⁰⁹³ Albuquerque, 2021.

¹⁰⁹⁴ Lima e Alves, 1992, p. 59.

¹⁰⁹⁵ *Ibidem*, p. 65.

¹⁰⁹⁶ Bacelar, 2021.

¹⁰⁹⁷ Weber, S., 2021.

¹⁰⁹⁸ Oliveira, Z., 2022.

¹⁰⁹⁹ Altas autoridades confraternizam com o povo pernambucano: mensagens, *Diário de Pernambuco*, 25/12/1963.

¹¹⁰⁰ Recebeu 175 mil dólares da Usaid, *Diário de Pernambuco*, 14/12/1963.

desenvolvimento, devem estar aparelhados com pessoal de alta qualificação, trabalhando em tempo integral e com remuneração suficientemente elevada para que não o atraíam as organizações privadas. Dada a importância que apresenta para o país o êxito de uma política de desenvolvimento, é necessário compreender que as melhores inteligências devem ser recrutadas para esse fim e que esse pessoal, por seu nível e pela importância social de suas tarefas, deve ser muito bem remunerada.¹¹⁰¹

Os técnicos da Sudene serão remunerados de acordo com as condições que prevaleçam no mercado de trabalho. Reconhecendo que a Sudene não é um órgão do Estado tradicional prestador de serviços, e sim do Estado moderno promotor do desenvolvimento, entre o acúmulo de vantagens com má remuneração e a remuneração adequada sem privilégios, o legislador optou pela segunda forma. E, fazendo-o assim, abriu o caminho para uma reforma autêntica em nosso serviço público. A Sudene está armada para competir, no mercado de trabalho, com as organizações privadas e, até o fim deste ano, terá em seus quadros mais de uma centena de técnicos de nível superior.¹¹⁰²

A transformação do mercado de postos de nível superior no Nordeste pela autarquia desenvolvimentista – “A Sudene é, hoje, a maior fonte de emprego no mercado de trabalho da região e está superando os níveis oferecidos pelas próprias empresas privadas locais”¹¹⁰³ – é um dos fatores que explicam a identificação daqueles jovens com Furtado e a Sudene, que lhes deu uma carreira, prestígio, bom ordenado e oportunidades de formação continuada em seus próprios cursos, no Centro-Sul e no exterior.

Além dessas vantagens, o órgão regional deu a eles a sensação de participar de um projeto político de transformação das estruturas socioeconômicas brasileiras e nordestinas sob o guarda-chuva de um órgão “técnico”.

[...] pensávamos ser a tarefa do século, a mais ingente e mais espinhosa de quantas reclamavam solução para a construção de uma nação harmônica, sem as gritantes disparidades que se constatavam. [...]. Minha geração jogou-se por inteiro naquele empreendimento, e tentamos converter nossa fraqueza em força: despreparados para tão grande empreendimento, substituímos o conhecimento científico, de que não dispúnhamos, pelo ardor e pelo vigor.¹¹⁰⁴

Com 5 técnicos de nível superior no começo de 1959, o *staff* da Sudene aumentou para 32 técnicos (cinco das Nações Unidas e um do governo francês) no final daquele ano¹¹⁰⁵, cresceu para 250 em 1961 (somados os técnicos emprestados de outros órgãos públicos e os aprovados no TDE daquele ano)¹¹⁰⁶, alcançou 400 no final de 1962 e, em meados de 1964, a

¹¹⁰¹ Furtado, 1958, p. 83.

¹¹⁰² *Idem*, 2009, p. 168.

¹¹⁰³ Informativo Econômico, *Diário de Pernambuco*, 11/4/1963.

¹¹⁰⁴ Oliveira, F., 2009, p. 194.

¹¹⁰⁵ Codeno espera iniciar a construção da 1ª usina siderúrgica do Nordeste, brevemente. *Correio da Manhã*, 9/7/1959.

¹¹⁰⁶ Problemas do Nordeste já equacionados pela Sudene, *Correio da Manhã*, 24/11/1961.

autarquia federal contava com 626 técnicos de nível universitário, “formando [na opinião de Juarez Farias] a maior e mais homogênea equipe de técnicos da América Latina”¹¹⁰⁷, além de 1.487 servidores de nível médio e administrativo¹¹⁰⁸.

Em 1966, contavam-se 2.912 técnicos e funcionários administrativos na Sudene, entre os quais 1.632 de nível superior¹¹⁰⁹. Em 1968, o pessoal da Sudene chegou a 2.939 servidores, dos quais 965 de nível universitário e 1.974 de nível administrativo¹¹¹⁰. O efetivo da Sudene já superava 4.000 funcionários em meados de 1969 e continuava em contínuo crescimento¹¹¹¹. No final da década de 1970, a Sudene somava 2 mil funcionários, dos quais 1.120 de nível superior e os demais de nível administrativo¹¹¹².

4. O Curso de Técnico em Planejamento Educacional

Entre 8 de janeiro e 22 de março de 1963, o DRH realizou o I Curso de Técnico em Planejamento Educacional (o TPE)¹¹¹³, com uma carga horária de 200 horas, e que foi concebido por Naflton Santos e Antônio Cabral de Andrade (chefe da Divisão de Educação do DRH) com a ajuda do CRPER/Inep¹¹¹⁴ para estruturar a Divisão de Educação da Sudene.

O I TPE capacitou bacharéis em filosofia, letras, sociologia e pedagogia de todos os estados do Nordeste, cujas perspectivas profissionais se restringiam à docência nos níveis primário e/ou secundário¹¹¹⁵. O curso TPE ensinou “Estatística e Desenvolvimento Econômico”, “Administração Escolar”, “Teoria Geral da Educação”, “Planejamento da Educação”, dentre outras matérias¹¹¹⁶. De acordo com uma especialista pioneira da área educacional do órgão regional, “o objetivo era abrir a gente para a ideia da educação voltada para a formação de pessoal para o desenvolvimento econômico”¹¹¹⁷.

Os alunos (predominantemente mulheres) receberam bolsas de estudos da Sudene. Os

¹¹⁰⁷ Estudantes viram o que fazem Sudene e Usaid desenvolvendo a região, *Diário de Pernambuco*, 30/5/1964.

¹¹⁰⁸ Souza, J., 1979, p. 164.

¹¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 164.

¹¹¹⁰ *Ibidem*, p. 164.

¹¹¹¹ Bariou, 1968, p. 20.

¹¹¹² Souza, J., 1979, p. 164.

¹¹¹³ Pouco antes, entre setembro e dezembro de 1962, em Santiago do Chile, o Ilpes realizou o *Curso de Capacitación en Planeamiento de la Educación*, com duração de 13 semanas e carga horária de 185 horas (Maciel, 1973, p. 5).

¹¹¹⁴ Dirigido por Gilberto Freyre, o CRPER/Inep realizava pesquisas educacionais no Nordeste e promovia cursos de formação de professores, influenciando o debate educacional da época (Meucci, 2015). Alguns dos quadros da Divisão de Educação da Sudene passaram pelos cursos do CRPER.

¹¹¹⁵ Oliveira, Z., 2022; Santos, 2022; Mendonça, 2022.

¹¹¹⁶ Maciel, 1973, p. 7.

¹¹¹⁷ Cavalcanti, C., 2022.

13 aprovados (do total de 25) foram contratados como técnicos em planejamento educacional da Divisão de Educação, criada em 1961 e estruturada em 1963.

Eu estava terminando a faculdade e abriram inscrição para uma seleção para criar um grupo de educação na Sudene. Me inscrevi e passei na seleção. A seleção foi pesada. Fizeram um curso de formação com várias pessoas. Era um curso muito diferente do que a gente aprendeu na faculdade [...], da pedagogia normal. Era uma coisa mais ampla. Era política, sociologia regional, economia [...]. [O aluno do curso TPE] participava de curso, palestra, debate [...]. Você trabalha com o aluno em sala de aula, pedagogia, psicologia [...] de repente você vem para uma aula de economia, o que é o Nordeste [...]. Nunca pensei na minha vida o que diabos era o Nordeste. Então são coisas que você vai descobrindo durante a formação. [O curso TPE] ensinava estatística não como se aprendia na faculdade [...] aquela formulazinha. Mas ensinava estatística no sentido da situação do Nordeste em termos estatísticos: quantas pessoas tinham, quantas pessoas eram alfabetizadas, quantas não eram. [...] A educação no sentido político. Na faculdade não dava isso. A faculdade se limitava à educação no sentido do educador, aquela coisa pequena, o professor e o aluno na sala de aula. Não a questão macro da educação. Isso não existia. A própria Secretaria de Educação se preocupava com os métodos de ensino, material escolar, livro, caderno. Mas não a questão dos *déficits*, da realidade educacional do estado. [...] Era uma estrutura mais ampla. Não era só professor em sala de aula. A gente descobriu isso na Sudene.¹¹¹⁸

Eu tinha toda aquela visão [humanista] dos valores atribuídos à educação. Na Sudene eu entrei em contato com outra visão de educação. Aquilo me causou tanto impacto, tanta estranheza [...] todo esse pensamento da Cepal. Era uma visão meio exótica para mim. Não foi fácil digerir aquilo, entender aquele novo conceito. [...] uma visão bem tecnicista. [...] Não era essa a visão que tinha aprendido na Faculdade de Filosofia [do Recife] sobre educação. [...] A gente estudava realidade brasileira, princípios de economia, relações entre economia e educação [...] estatística. [...] Na parte de conceituação teórica, tinha muita coisa que eu não entendia. Era um enigma para mim.¹¹¹⁹

Eu vinha de uma formação em filosofia bastante ortodoxa, da linha francesa de filosofia. [...] [O curso TPE da Sudene] foi uma revolução na minha cabeça. [...] A gente tinha que ter uma visão mais ampla. Era um outro paradigma.¹¹²⁰

Organizada inicialmente em cinco setores (Ensino Primário, Educação de Base, Ensino Agrícola, Ensino Industrial, Ensino Superior e Ensino de Ciências Básicas), a Divisão de Educação sofreu diversas reestruturações, perdeu protagonismo e encolheu à medida que o órgão regional foi esvaziado¹¹²¹.

Outros técnicos ingressaram na Divisão de Educação através do II TPE, que treinou servidores públicos das Secretarias estaduais de Educação e das universidades e qualificou técnicos que já atuavam na Sudene com o desejo de migrar para a seção educacional do órgão¹¹²². No I e II Cursos TPE, foram realizadas conferências com intelectuais de renome

¹¹¹⁸ Brasileiro, 2022.

¹¹¹⁹ Mendonça, 2022.

¹¹²⁰ Oliveira, Z., 2022.

¹¹²¹ Sudene, 1973.

¹¹²² Oliveira, M., 2021.

(como os educadores Paulo Freire e Pierre Furter) sobre os problemas do educacionais em países periféricos.

Naílton [Santos] era muito preocupado em nos proporcionar contato com intelectuais que tinham afinidade com a ideologia sudeneana. Ele fazia aqueles seminários, palestras. Depois tinha discussão. Ele fazia questão que a gente conhecesse aqueles mentores da Cepal.¹¹²³

Como se pode observar, através dos cursos TPE a Sudene criou um novo especialista na questão educacional com uma sensibilidade e mentalidade “modernas” e capacitado para pavimentar as condições institucionais necessárias à transformação das estruturas econômicas e administrativas e amortecer os desajustamentos provocados por essas mesmas mudanças na região.

5. Cursos de aperfeiçoamento em planejamento setorial

Os técnicos da Sudene participavam de diversos cursos de aperfeiçoamento e atualização ao longo de suas carreiras profissionais – “A gente estava sempre descobrindo”¹¹²⁴. Esse esforço formativo permanente era necessário *vis-à-vis* a extensão das atividades da Sudene e a rotatividade dos técnicos entre os vários departamentos e as divisões do órgão, “um comportamento funcional caracterizado pela multiplicidade de postos de trabalho”¹¹²⁵ e que ampliava o campo de conhecimento da equipe de técnicos do órgão desenvolvimentista – “Esse cara [o técnico em desenvolvimento econômico da Sudene] era pau para toda obra”¹¹²⁶.

O DRH também financiou o aperfeiçoamento do pessoal técnico da Sudene no Sudeste do país por meio de convênios com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Bureau do Censo dos Estados Unidos, o Centro Panamericano de Aperfeiçoamento em Pesquisas de Recursos Naturais, a Cooperativa Técnica Francesa, a Unesco e as universidades do Sudeste do país.

A Sudene teve papel na especialização. Esses cursos da Cepal e esses cursos [de aperfeiçoamento] dos quais eu fui professora [...] eram cursos de especialização para graduados. Essa moçada depois se interessou em fazer a pós-graduação formal e às vezes até saiu da Sudene e foi para a universidade.¹¹²⁷

Meu curso de pós-graduação em São Paulo [na Faculdade de Economia e Administração da USP] foi financiado pela Sudene. Tudo que aconteceu depois da

¹¹²³ Mendonça, 2022.

¹¹²⁴ Santos, 2022.

¹¹²⁵ Limeira e Alves, 1992, p. 64.

¹¹²⁶ Pereira, 2022.

¹¹²⁷ Bacelar, 2021.

graduação, os grandes congressos, seminários internacionais e nacionais, curso de pós-graduação, curso no Japão [...] tudo isso foi a Sudene que me mandou¹¹²⁸

“Um Departamento muito atuante”¹¹²⁹, o DRH também investia no aperfeiçoamento dos técnicos da Sudene no exterior com vistas à aquisição de novos conhecimentos aplicáveis às realidades ecológicas, sociais e econômicas do Nordeste. Como uma contrapartida aos convênios de assistência técnica assinados com países estrangeiros, muitos técnicos da Sudene realizaram cursos de aprimoramento em órgãos governamentais e universidades do Chile, da França, dos Estados Unidos, do Japão, de Israel, da Holanda e da Alemanha.

Grandes oportunidades de avanço intelectual e científico também nos foram proporcionados, não somente a nós da Sudene, mas a toda uma geração de profissionais dos Estados da Região, através de programas de qualificação nas mais variadas áreas do conhecimento e nos mais diversos centros de formação no Brasil e no exterior.¹¹³⁰

Alguns técnicos da autarquia viajaram ao santuário da ideologia do desenvolvimento na América Latina e participaram de cursos da Cepal em Santiago do Chile, como o Curso de Planejamento Global (Dirceu Pessoa¹¹³¹ e Tânia Bacelar¹¹³²), o Curso de Desenvolvimento Rural (Carlos Miranda¹¹³³), o Curso de Planejamento Orçamentário (Telúrio Homem de Siqueira Cavalcanti¹¹³⁴ e Antônio Amado¹¹³⁵) e o Curso de Planificação da Saúde (Carlyle

¹¹²⁸ Brasileiro, 2022.

¹¹²⁹ Albuquerque, 2021.

¹¹³⁰ Silva e Muniz, 2005, p. 2.

¹¹³¹ Dirceu Pessoa (1937-1987) se bacharelou em filosofia pelo Institut Catholique de Paris (1958), se licenciou em ciências sociais também em Paris (1960), se formou em economia na UFPE (1965), se diplomou em “Programação Global do Desenvolvimento” pelo Ilpes (1968) e se doutorou em economia pela *École de Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) (1981) com um estudo sobre a pobreza rural e a questão fundiária no Nordeste brasileiro. Entre as décadas de 1960 e 1970, trabalhou na Sudene, chefiando a Divisão de Organização Agrária (1963-1964) e a seção de economia do Grupo do Vale do Jaguaribe (1966-1968). Dirceu ensinou economia na UFPE (1971-1976) e foi chefe do Departamento de Economia da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) (1982-1987). No final da vida, ele assumiu a secretaria geral do Ministério da Reforma Agrária e do Desenvolvimento Agrário (Gaspar, 2009).

¹¹³² Ver perfil biográfico no capítulo 6.

¹¹³³ Bacharel em direito na UFPE e aluno da turma de TDE em 1961, Carlos Luiz de Miranda (Canhotinho/PE, 1938) trabalhou na Sudene entre 1961 e 1972 no DAA, tornando-se um especialista em desenvolvimento rural com um enfoque territorial e chegando a ser coordenador do Grupo de Análise de Projetos Agropecuários. Após deixar o órgão regional, ele dirigiu a Companhia de Ação e Desenvolvimento Regional do Recôncavo Baiano (1972-1987), trabalhou no Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) e implementou diversos cursos de formação de gestores públicos no Nordeste (Miranda, 2021).

¹¹³⁴ Funcionário de carreira da Sudene, Telúrio Cavalcanti chegou a ser diretor de Planejamento Global do órgão regional na década de 1990.

¹¹³⁵ Bacharel em economia e contabilidade, Antônio Amado ingressou na Sudene na década de 1960, onde fez carreira e se destacou como um especialista em planejamento e orçamento público. Ele também trabalhou no Ministério do Planejamento e se tornou presidente da Associação Brasileira de Orçamento Público e da Associação Internacional de Orçamento Público.

Guerra de Macedo¹¹³⁶)¹¹³⁷.

Nesses cursos na Cepal, os beneficiados eram técnicos graduados, como os quadros da Assessoria Técnica – “uma espécie de departamento especial ligado diretamente ao superintendente”¹¹³⁸ com “os quadros mais qualificados da instituição, com uma visão mais geral”¹¹³⁹.

A Sudene também promoveu seminários com técnicos e intelectuais brasileiros e estrangeiros de renome internacional (como os economistas Paul Baran e Everett Hagen, os geógrafos Michel Rochefort e David Harvey, o sociólogo Manuel Castells, dentre muitos outros) sobre os problemas do desenvolvimento, contribuindo para o aprimoramento permanente de seus técnicos e dos pesquisadores das universidades da região¹¹⁴⁰.

6. A formação de planejadores públicos pela Sudene no Nordeste

Muitos técnicos da Sudene viajavam por todo o território do Nordeste – “Dei cursos da Bahia ao Piauí”¹¹⁴¹ – como professores dos cursos intensivos de desenvolvimento econômico e planejamento setorial demandados pelos órgãos públicos locais e pelas universidades da região – “As solicitações de cursos de desenvolvimento eram além da nossa capacidade de atender. Todo mundo queria fazer curso na Sudene!”¹¹⁴². Esses cursos volantes eram oferecidos com a colaboração do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (Ibam), das universidades da região e do Ilpes.

Para atender a demanda crescente por seus cursos e serviços de assessoria, ainda no começo da década de 1960 a Sudene criou a Divisão de Assistência Técnica aos Estados e Municípios no DRH, o Centro Regional de Administração Municipal e o Centro de Treinamento do Nordeste (Cetreino).

A gente ia montando os cursos e já repassando. Éramos um grupo jovem. A gente era demandado a dar aula fazendo as coisas. Não tinha ninguém para ensinar como poderia ser feito. [...] a gente foi se arriscando a ir fazendo as coisas. E também demos cursos em muitos estados.¹¹⁴³

¹¹³⁶ Ver perfil biográfico no capítulo 6.

¹¹³⁷ Gaspar, 2009; Macedo, 2005.

¹¹³⁸ Bacelar, 2021.

¹¹³⁹ *Ibidem*.

¹¹⁴⁰ Industrialização, *Sudene Informa*, v. 4, n. 9, 1966, p. 17; Socialista americano faz conferência na Sudene, *Diário de Pernambuco*, 19/9/1963.

¹¹⁴¹ Silva, A. A., 2021.

¹¹⁴² Albuquerque, 2021.

¹¹⁴³ *Ibidem*.

Segundo um balanço do próprio órgão regional, até 1965 a Sudene capacitou 2.700 técnicos, promoveu 66 cursos na região, financiou 80 estágios no Centro-Sul e concedeu 110 bolsas de estudos no estrangeiro¹¹⁴⁴. De acordo com uma estimativa da Divisão de Treinamento, entre 1959 e 1967 foram oferecidos 154 cursos e treinadas 6.300 pessoas pela Sudene¹¹⁴⁵. Cerca de 150 funcionários estaduais e 373 técnicos do órgão regional foram contemplados com bolsas de estudos e estágios no país e no exterior¹¹⁴⁶.

Em 1968, 2.000 pessoas foram formadas pelos 36 cursos oferecidos pela Divisão de Treinamento (diretamente ou em convênio com órgãos especializados) em áreas como saúde, alimentação, avicultura, bovinocultura, cooperativismo, pavimentação rodoviária, programação educacional, enfermagem, saneamento, indústria e comercialização agrícola¹¹⁴⁷. Também foram distribuídas 167 bolsas de estudos para estágios no país e no exterior¹¹⁴⁸. No mesmo período, a Sudene habilitou 3.563 técnicos nordestinos em 101 cursos técnicos de nível médio e superior¹¹⁴⁹.

Entre as décadas de 1960 e 1970, depois de dez anos da criação da Sudene, foram organizados 341 cursos (com prioridade para agropecuária, recursos naturais, transportes, energia, saneamento básico, telecomunicações, indústrias, artesanato, educação, saúde, administração e ação comunitária) e treinadas 9.679 pessoas¹¹⁵⁰. Era contabilizada a concessão de 1.362 bolsas de estudos no exterior (principalmente nos Estados Unidos e na França, mas também na Alemanha, no Japão, no México e na Itália) e no Sudeste brasileiro para técnicos da própria autarquia e de diversos órgãos governamentais do Nordeste¹¹⁵¹ – “A Sudene é também uma escola de administração e centro de estudos, pesquisas e treinamento dos melhores”¹¹⁵².

Os servidores públicos treinados pela Sudene nas técnicas do planejamento regressaram para seus lugares de origem e, com uma bolsa de estudos financiada pelo órgão regional, ajudaram a estruturar um núcleo de planejamento setorial (educação, saúde, saneamento, dentre outros) e a difundir os novos conhecimentos aprendidos na Sudene entre os servidores administrativos locais. Segundo Tânia Bacelar: “O Departamento de Recursos Humanos da Sudene era [...] uma agência de formação de quadros e de estruturas técnicas para a região”¹¹⁵³.

¹¹⁴⁴ Sudene preparou 2700 técnicos, *Sudene Informa*, v. 4, n. 3, 1966, p. 7.

¹¹⁴⁵ Mão-de-obra para projetos prioritários, *Sudene Informa*, v. 6, n. 11-12, 1968, p. 11.

¹¹⁴⁶ *Ibidem*.

¹¹⁴⁷ Recursos Humanos, *Sudene Informa*, v. 7, n. 1-2, 1969, p. 9-10.

¹¹⁴⁸ Mão-de-obra para projetos prioritários, *Sudene Informa*, v. 6, n. 11-12, 1968, p. 11.

¹¹⁴⁹ Treinamento, *Sudene Informa*, v. 5, n. 5, 1967, p. 18.

¹¹⁵⁰ O curso de dez anos, *Sudene Informa*, v. 8, n. 7-8, 1970, p. 26-27.

¹¹⁵¹ *Ibidem*.

¹¹⁵² Maciel, 1969.

¹¹⁵³ Bacelar, 2021.

Nesse período, a Sudene treinou mais de mil servidores estaduais, municipais e federais na região¹¹⁵⁴.

Após 1964, em virtude das mudanças provocadas pela nova orientação política e econômica e as sucessivas reformas administrativas dos governos militares, o assessoramento da Sudene aos estados e municípios nordestinos se tornou ainda mais necessário paradoxalmente no momento em que o órgão regional viu seu poder solapado por essas mesmas reformas, que retiraram sua iniciativa em diversos campos de atividade, transferindo-a para os ministérios e outros órgãos públicos federais¹¹⁵⁵.

¹¹⁵⁴ Recursos Humanos, *Sudene Informa*, v. 8, n. 11-12, 1970, p. 7.

¹¹⁵⁵ Colombo, 2015; Carvalho, J., 1979.

CAPÍTULO 6

Celso Furtado: Reitor do Nordeste

A responsabilidade dos homens de pensamento cresce nas fases de rápidas transformações sociais. Torna-se possível, então, uma lúcida tomada de consciência dos grandes problemas sociais, abrindo-se para os trabalhadores do pensamento a oportunidade única de cooperar conscientemente no aperfeiçoamento da cultura e de contribuir para o desenvolvimento do homem como ser social. *Essa responsabilidade não poderá, entretanto, ser cumprida se as universidades, onde se congregam os homens de pensamento, não estiverem adequadamente aparelhadas e superiormente orientadas.*¹¹⁵⁶

No passeio matinal de ontem, na Assembleia, apareceu conhecido industrial que só se referia ao economista Celso Furtado como o “Reitor Celso Furtado”. Afinal um deputado indagou do industrial se a Sudene virara Universidade. “Quase”, respondeu o industrial; “Na Sudene não se faz nada, mas como se estuda”.¹¹⁵⁷

1. Bolsas de estudos

Para suprir a necessidade de pessoal no Nordeste, a Sudene patrocinou cursos pré-vestibulares (dois anos de duração) para os estudantes interessados em cursar agronomia, geologia, economia, veterinária, engenharias, ciências da saúde e ciências básicas (biologia, física, matemática e química).

Na Escola de Engenharia, por exemplo, entrava dez, quinze pessoas. O vestibular era difícil e o povo não conseguia passar. E aí a gente preparou [os estudantes] para preencher essas vagas, para que o custo do curso valesse. Um curso que dava trinta pessoas, formava dez. Veja que custo! O de agronomia também passava pouca gente. Celso Furtado começou logo o projeto de irrigação do São Francisco e ia precisar de muita gente na área de agronomia, veterinária. E aí a gente [técnicos da Divisão de Educação da Sudene] criou esse programa de preparação de pessoal nessas áreas exatamente visando essa extensão da economia.¹¹⁵⁸

[A Divisão de Educação pretendeu] repensar a formação vinculada àquelas três carreiras tradicionais [medicina, engenharia e direito] e mostrar que haviam possibilidades para outras carreiras.¹¹⁵⁹

A Sudene também distribuiu bolsas de estudos para “alunos reconhecidamente pobres com o compromisso de dedicação exclusiva às atividades discentes”¹¹⁶⁰ e “desejosos de seguir

¹¹⁵⁶ Furtado, 1962, p. 80, itálico nosso.

¹¹⁵⁷ Periscópio, *Diário de Pernambuco*, 9/7/1961.

¹¹⁵⁸ Cavalcanti, V., 2022.

¹¹⁵⁹ Oliveira, Z., 2022.

¹¹⁶⁰ Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 1, n. 4, 1963, p. 13.

‘carreiras técnicas’, como engenharia, agronomia e economia”¹¹⁶¹. O programa de bolsas para vestibulandos era administrado pela autarquia desenvolvimentista em convênio com as universidades da região e obedecia a um processo de seleção com base em critérios socioeconômicos¹¹⁶². Em 1963, o órgão regional distribuiu 500 bolsas de estudo (200 para engenharias e 300 para agronomia e veterinária)¹¹⁶³.

Em 1964, foram distribuídas 1.000 bolsas de estudos entre os 6.135 candidatos inscritos de todos os estados do Nordeste, na seguinte proporção: Piauí – 335, Ceará – 330, Paraíba – 317, Pernambuco – 233, Maranhão – 220, Rio Grande do Norte – 190 e zona do rio São Francisco, interior do Sergipe e Bahia – 327¹¹⁶⁴. Dentre os inscritos, 32% escolheram cursar engenharia, 25% preferiram agronomia e os restantes se dividiram entre veterinária e geologia. Esse programa de bolsas para pré-vestibulandos foi extinto em 1965.

Uma das ações de maior impacto da Sudene foi o programa de bolsas de estudos em nível de graduação para estudantes de famílias de condições modestas e oriundos do interior nordestino. Concentradas nas capitais e cidades litorâneas da região, as universidades eram desconectadas dos problemas da hinterlândia nordestina. O órgão regional distribuiu bolsas de estudos para os interessados em cursar as disciplinas acima referidas.

As bolsas de estudos equivaliam ao valor de um salário mínimo, duravam até o término da formação universitária e os candidatos beneficiados não podiam ter reprovação durante a graduação. Muitos desses bolsistas se tornaram estagiários e/ou servidores da Sudene¹¹⁶⁵, pesquisadores e professores universitários e ajudaram a difundir a ideologia desenvolvimentista da autarquia desenvolvimentista¹¹⁶⁶.

Esses dados corroboram a opinião da economista Tânia Bacelar, contratada pela autarquia regional em 1966 como pesquisadora ligada a esse programa de bolsas de estudos, de que “a Sudene era a Capes da época, mas para a graduação”¹¹⁶⁷. É prova disso os vários pedidos de bolsas de estudos para a Sudene que foram encontrados no acervo pessoal de Celso Furtado

¹¹⁶¹ Bolsas de estudo, *Sudene Informa*, v. 4, n. 2, 1966, p. 16.

¹¹⁶² “A gente ia lá na casa da pessoa, conversava, fazia uma entrevista com os pais, com os vizinhos, sobre a situação socioeconômica daquela pessoa e daquela família e, no final, a gente dava um parecer se aquela pessoa tinha realmente necessidade de receber uma bolsa ou não” (Bacelar, 2021).

¹¹⁶³ Recursos humanos, *Sudene informa*, v. 1, n. 4, 1963, p. 13.

¹¹⁶⁴ Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 2, n. 1, 1964, p. 9-10.

¹¹⁶⁵ A Sudene ofereceu estágios para estudantes das áreas de arquitetura, administração, agronomia, biblioteconomia, economia, ciências sociais, letras, desenho, direito, geografia, engenharia e mineração. 250 estudantes teriam estagiado no órgão regional até 1965 (O estágio do treinamento, *Sudene Informa*, v. 8, n. 7-8, 1970, p. 27).

¹¹⁶⁶ “Existem hoje dezenas de professores de nossas universidades e técnicos em organismos os mais diversos, que tiveram acesso ao ensino superior ao serem selecionados pela Sudene nos mais diferentes pontos da região enquanto ainda jovens secundaristas” (Rezende, 2010, p. 88).

¹¹⁶⁷ Bacelar, 2020, p. 264.

no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP)¹¹⁶⁸.

2. Graduação

A Sudene concedeu favores financeiros, cambiais e fiscais às escolas superiores do Nordeste, criou o Grupo de Reequipamento Técnico e Científico das Universidades do Nordeste (Grune – decreto 50.671, de 1961), realizou um levantamento da infraestrutura universitária regional e financiou a criação e/ou ampliação dos Institutos de Química, Física e Matemática das Universidades do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Minas Gerais¹¹⁶⁹. Como atesta David Hulak¹¹⁷⁰:

Havia na licenciatura de formação de professores a disciplina de matemática. Mas [a criação de] uma instituição voltada para matemática transversal à Universidade foi a grande inovação de dr. Celso. Tanto que, em 1964, eu recrutava gente para se engajar nisso [...] professores de física, de química, que estavam no ensino médio ou na Universidade. Mas a ideia era um instituto de pesquisa e ensino transversal. [...]. A gente dava uma bolsa para quem quisesse se submeter à essa aventura.¹¹⁷¹

Na época, eu visitei os reitores de todas as universidades.¹¹⁷²

O órgão regional investiu nas escolas de engenharia, administração, veterinária, geologia, agronomia, serviço social, medicina, administração pública e economia da região¹¹⁷³. A Sudene patrocinou a modernização dos laboratórios de química, física e biologia das universidades¹¹⁷⁴ e financiou a atualização das bibliotecas dos institutos universitários da região. O órgão conseguiu do Ministério da Fazenda câmbio de custo para a importação de materiais e equipamentos escolares (de nível básico e superior) destinados ao Nordeste. Organizou, também, cursos de capacitação para professores de física, química, matemática e

¹¹⁶⁸ Para exemplificar, vale citar uma passagem de uma das cartas do acervo de Furtado no IEB/USP: “Nós, estudantes de Engenharia Industrial Metalúrgica em Volta Redonda, viemos por meio desta solicitar a V. S. que nos conceda uma ‘bolsa de estudos’ vez que somos pobres filhos de pais operários residentes em Recife e que não dispõem de recursos suficientes para nos ajudar. Por não haver esse curso em Recife, onde já tínhamos concluído os dois anos fundamentais, viemos estudar em Volta Redonda, onde recebemos uma ajuda de custo da própria Escola. Solicitamos essa ‘bolsa’ não só para aquisição de livros que são caríssimos como também para cobrirmos certas lacunas deixadas pela ajuda de custo. Apelamos, portanto, a este órgão que tanto tem feito pelo desenvolvimento do Nordeste, não só no setor social como técnico-científico” (Documento consultado no acervo pessoal de Celso Furtado no IEB/USP).

¹¹⁶⁹ Sudene, 1973, p. 4.

¹¹⁷⁰ De uma família de imigrantes poloneses judeus que ganhou a vida no Recife no comércio, David Hulak estudou na FDR, militou na juventude comunista e cursou o I TDE em 1961. Hulak foi um dos primeiros integrantes da Divisão de Educação, onde trabalhou no setor de administração de bolsas de estudos para pré-vestibulandos e na expansão do ensino técnico na região, chegando a ser diretor do Cecine (Hulak, 2022).

¹¹⁷¹ *Ibidem*.

¹¹⁷² *Ibidem*.

¹¹⁷³ *Ibidem*.

¹¹⁷⁴ “A gente reequipou todos os laboratórios das áreas técnicas” (Albuquerque, 2021).

biologia no Instituto Brasileiro para a Educação, Ciência e Cultura (IBECC), sediado em São Paulo.

Através da assinatura de convênios de pesquisa com as universidades do Nordeste, a Sudene investiu no aperfeiçoamento da formação dos professores universitários, impulsionando o trabalho de campo e o conhecimento da região¹¹⁷⁵. Dentre muitas outras iniciativas, vale a referência à instalação do Centro de Energia Nuclear no Instituto de Física e Matemática da UFPE, que era uma reivindicação dos cientistas pernambucanos liderados por Luís Freire¹¹⁷⁶ e que visou “o desenvolvimento socioeconômico da região” e “a melhoria das condições de ensino e pesquisa dentro da Universidade”¹¹⁷⁷. Com o apoio do órgão regional, o Centro previa a contratação do corpo docente em regime integral, a compra de equipamentos, o financiamento de alunos para cursar especialização em engenharia nuclear em São Paulo, a organização de seminários de pós-graduação e a realização de pesquisas para aplicações médicas, biológicas, agrícolas e industriais.

A Sudene (com o governo da Paraíba, o MEC e a Usaid) também financiou a reforma universitária na UFPB visando a reestruturação do sistema de ensino de acordo com uma “nova mentalidade” e “tendo em vista tornar a formação de pessoal compatível com as necessidades da região”¹¹⁷⁸. O órgão participou da construção da cidade universitária e da estruturação do Instituto de Tecnologia Farmacêutica e dos Institutos Centrais de Matemática, Química e Física daquela Universidade. Distribuiu, também, bolsas de estudos e financiou o estágio de professores e alunos da UFPB no Sudeste, a aquisição de material didático e de equipamentos e, com a Capes, patrocinou a contratação de professores em tempo integral para os Institutos mencionados.

¹¹⁷⁵ A título de exemplo, entre as décadas de 1960 e 1970 a Sudene firmou convênios com o Instituto de Antibióticos da UFBA para um programa de pesquisa sobre derivados sucre químicos (Convênios, *Sudene Informa*, v. 5, n. 2-3, 1967, p. 26), com o Laboratório de Geoquímica da mesma Universidade para o estudo das propriedades farmacológicas de plantas do Nordeste (Convênios, *Sudene Informa*, v. 5, n. 2-3, 1967, p. 26), com o Instituto de Física e Matemática da UFPE para a instalação de um Centro de Processamento de Dados visando a “solução de problemas da economia nordestina” (Cérebro eletrônico, *Sudene Informa*, v. 4, n. 9, 1966, p. 15) e com o Instituto de Micologia da mesma Universidade para estudos de aproveitamento de rochas e minerais (Atuação da Sudene no campo mineral, *Sudene Informa*, v. 5-6, n. 16-17, 1970, p. 17).

¹¹⁷⁶ Luiz Freire foi professor do Ginásio Pernambucano e dos colégios Carneiro Leão e Oswaldo Cruz entre as décadas de 1920 e 1940. Formado pela Escola de Engenharia de Pernambuco, ele fundou o Instituto de Física e Matemática em 1952 (mais tarde incorporado à UFPE), formando gerações de matemáticos e físicos pernambucanos. Um pioneiro da ciência no Brasil, ele realizou pesquisas no campo da física nuclear e foi o idealizador do Centro de Energia Nuclear (CNEN – depois transformado em Departamento de Energia Nuclear, ligado ao Centro de Tecnologia e Geociências), criado através de um convênio entre a Sudene e o MEC. Um “caçador de talentos” (Silva, 2022, p. 102), Luiz Freire formou cientistas pernambucanos com relevo nacional e internacional como Mario Schenberg (1914-1990) e José Leite Lopes (1918-2006), protagonistas da estruturação do sistema de ciência e tecnologia brasileiro.

¹¹⁷⁷ Centro de Energia Nuclear tem apoio do III Plano Diretor, *Sudene Informa*, v. 4, n. 4, 1966, p. 6-7.

¹¹⁷⁸ Novos rumos para a Universidade da Paraíba, *Sudene Informa*, v. 4, n. 7, 1966, p. 7-9.

Como se pode observar, ao financiar a ampliação do número de vagas nos cursos superiores vistos como prioritários para o desenvolvimento da região, contratar as universidades para a realização de pesquisas, injetar recursos, estimular a modernização dos programas curriculares, atualizar os materiais didáticos, estimular pesquisas empíricas sobre a realidade regional, treinar os quadros docentes, instalar novos institutos de pesquisa e financiar a qualificação dos estudantes nordestinos em centros de excelência no Centro-Sul do país, a Sudene induziu a formação pesquisadores no Nordeste e ajudou as universidades a se aparelharem para uma economia regional mais complexa e integrada aos avanços tecnológicos¹¹⁷⁹.

3.1. Geologia

A Sudene teve um papel importante na formação de geólogos no Nordeste. Em 1957, a Escola de Geologia do Recife (depois Centro de Tecnologia e Geociência da UFPE) foi fundada pela Campanha de Formação de Geólogos (Cage/MEC), criada no governo Juscelino Kubitschek (1956-1960) para atualizar e profissionalizar a geologia brasileira em sintonia com as necessidades da política nacional desenvolvimentista¹¹⁸⁰, e contou com o apoio da Sudene e da Unesco.

A Escola de Geologia do Recife foi reestruturada e ampliada pela Sudene¹¹⁸¹, que distribuiu bolsas de estudos¹¹⁸², deu suporte técnico-científico e impulsionou o mercado de trabalho regional para os novos profissionais de origem social modesta. Em um contexto marcado pela precariedade da estrutura de ensino e pesquisa em geologia, a Sudene montou uma moderna infraestrutura de laboratórios e equipamentos e financiou as pesquisas de campo dos estudantes da Escola de Geologia do Recife.

[...] como bolsista da Sudene, estagiava no Laboratório de Hidrogeologia graças à interferência junto àquele órgão dos técnicos da Unesco Pierre Taltasse e Etienne Streta. [...]. Com isso, consegui da Sudene um jipe com motorista para minhas idas ao vale do Cariri para coleta de água e desenvolvimento de minha tese. [...] A Sudene, além de participar no patrocínio da pesquisa, fez a publicação de minha tese, sendo este o meu primeiro trabalho técnico, com o título de *Aspectos Hidrogeológicos do*

¹¹⁷⁹ “A Sudene tinha um papel muito importante pelo que ela induzia” (Rezende, 2022).

¹¹⁸⁰ “No final dos anos 50, a arrancada para a profissionalização da geologia veio por via das metas de governo do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira que incluíam o levantamento geológico do Brasil. Tratava-se agora de despilar a geologia de seus ares românticos, tirando-a dos velhos gabinetes nas sedes estaduais do DNPM, de inúteis discussões sobre riquezas potenciais, e de fazer dela um instrumento efetivo de descobertas úteis ao progresso nacional” (Sial, 2007, p. 4).

¹¹⁸¹ “O curso de geologia [da UFPE] foi criado praticamente pela Sudene” (Oliveira, M., 2021).

¹¹⁸² “Éramos quase todos muito pobres. Nossas bolsas era tudo o que tínhamos” (Siqueira, s.d., p. 2).

Cariri.¹¹⁸³

As instalações da Divisão de Geologia [da Sudene] eram adequadas. Nós tínhamos um laboratório disponível para fazer análises mineralógicas e químicas do material que a gente coletava no campo.¹¹⁸⁴

No âmbito de seu Programa de Ampliação e Reequipamento Técnico das Universidades e do Programa de Quantificação dos Recursos Minerais, a Sudene também reestruturou a Escola de Geologia e o Laboratório de Geoquímica da UFBA para “abrigar um número cada vez maior de alunos que anualmente procuram aquela Escola Superior”¹¹⁸⁵ e financiou cursos e pesquisas de prospecção geológica com vistas ao desenvolvimento baiano e do conjunto da região.

O adestramento de pessoal técnico, constituído, em sua maioria, por geólogos recém-formados egressos das primeiras turmas de geólogos diplomados no Brasil, bem como a aquisição de moderno equipamento para pesquisa de campo e de laboratório, foram as preocupações dominantes nos primeiros anos de atividades [da Sudene].¹¹⁸⁶

O DRN era formado por geólogos recém-saídos das universidades, sem experiência profissional, com pouco treinamento em pesquisa de campo e que aprenderam seu ofício trabalhando no órgão regional¹¹⁸⁷, como sugere o relato de um ex-geólogo da Sudene: “Guris de vinte e poucos anos, estávamos começando a vida profissional e aprendendo muitas coisas novas (inclusive de geologia!)”¹¹⁸⁸. No começo da década de 1960, ela já era conhecida como “a melhor equipe de geólogos do Nordeste”¹¹⁸⁹ e era bem remunerada¹¹⁹⁰.

Com a Sociedade Brasileira de Geologia (SBG), a Petrobrás e o Departamento Nacional de Pesquisas Minerais (DNPM), a Sudene também financiou eventos universitários para discutir a geologia do Nordeste brasileiro e a difusão dos resultados de suas pesquisas em todo o país¹¹⁹¹, e fez convênios com as escolas de geologias locais visando o mapeamento geológico da região. Como reconhecimento, Furtado foi paraninfo ou homenageado de diversas

¹¹⁸³ Duarte, s.d., p. 14.

¹¹⁸⁴ Farina, 2022.

¹¹⁸⁵ Geologia – UBA, *Sudene Informa*, v. 4, n. 3, 1966, p. 16.

¹¹⁸⁶ Atuação da Sudene no campo mineral, *Sudene Informa*, v. 5-6, n. 16-17, 1970, p. 16.

¹¹⁸⁷ “A área de recursos minerais era muito forte, cheia de gente” (Bacelar, 2021).

¹¹⁸⁸ Winge, s.d.

¹¹⁸⁹ Cinco governadores ouviram o relatório de Celso Furtado: projeto do São Francisco, *Diário de Pernambuco*, 5/4/1962.

¹¹⁹⁰ “As condições eram muito boas. [...] a Divisão de Geologia estava muito bem organizada. Nós tínhamos lá um gênio chamado Celso Furtado, que fez uma organização fabulosa, desburocratizada. Naquela época, a Sudene era ligada à Presidência da República. Tinha um prestígio enorme. Tudo indicava que a coisa evoluiria muito bem” (Farina, 2022).

¹¹⁹¹ “Na época em que trabalhei na Sudene, fui para um congresso de geologia em Poços de Caldas, São Paulo, e outros congressos. Eu participava muito ativamente dos simpósios regionais. Habitualmente, apresentava trabalhos de geologia nesses eventos para fomentar a ciência geológica e para a gente ter um aperfeiçoamento técnico nos trabalhos [...]. Eu apresentava trabalhos em função daquilo que eu fazia [na Sudene], inclusive com participação das informações que eu colhia e interpretava a partir de meus trabalhos de campo. Além de estimular, a Sudene pagava [deslocamento, hotel e alimentação]. [...] A Sudene deu oportunidade de eu evoluir” (*Ibidem*).

turmas de formandos na área.

3.2. Geografia

As ciências geográficas também foram estimuladas pela Sudene, cujos programas demandaram novos conhecimentos sobre os aspectos fisiográficos, econômicos e humanos do território regional.

Bacharéis em direito pela tradicional e conservadora FDR, “Universidade do Norte agrário do país”¹¹⁹² que espelhava a demanda por formação de quadros qualificados na capital pernambucana desde os novecentos, e oriundos da oligarquia latifundiária pernambucana, os pioneiros da geografia pernambucana (Gilberto Osório de Andrade¹¹⁹³, Mário Lacerda de Melo¹¹⁹⁴, Mário Mota¹¹⁹⁵ e Manuel Correia de Andrade¹¹⁹⁶) possuíam conexões políticas com

¹¹⁹² Galindo, 2022, pp. 44-45.

¹¹⁹³ “Uma figura excepcional” (Santana, J., 2022), Gilberto Osório de Andrade (1912-1986) foi titular de geografia física da UFPE e presidente da AGB (1959-1960). Ele foi um crítico das políticas da Sudene na área agrícola e climatológica no começo da década de 1960 (Andrade, M., 1963). Com o golpe de 1964 e a caça às bruxas instaurada contra a equipe de Furtado na Sudene, Gilberto Osório foi contratado para diretor do DRH entre o final da década de 1960 e o começo de 1970, desenvolvendo projetos na área educacional e estreitando os contatos entre a Sudene e o DCG/UFPE. O geomorfologista foi deputado estadual e líder da UDN na Assembleia Legislativa de Pernambuco (1948-1951) e também secretário estadual de Educação e Cultura (1952-1955). No final da vida, a convite de seu amigo Gilberto Freyre, ele se associou ao IJNPS e, com Rachel Caldas Lins, geógrafa muito reconhecida na cena regional e professora do DGE/UFPE, coordenou uma série de pesquisas “verdadeiramente pioneiras” sobre a poluição dos cursos d’água na Zona da Mata, “que materializaram trabalhos de campo preconizados, nos anos de 1930, por Gilberto Freyre e Vasconcelos Sobrinho” (Andrade, M., 2007, p. 13).

¹¹⁹⁴ Ver perfil biográfico no capítulo 4. Publicado no *Boletim Econômico da Sudene* em 1967, o estudo de Mário Lacerda de Melo sobre as mudanças na estrutura urbana regional foi realizado em parceria com o DGE/UFPE e foi referência para a elaboração das políticas urbanas do IV PD, que não chegou a ser executado. Em linha com a teoria dos polos de desenvolvimento de François Perroux, muito influente entre os geógrafos brasileiros na década de 1960, os estudos de Mário Lacerda influenciaram a revisão da política de distribuição de incentivos fiscais para fora das regiões metropolitanas (Recife, Fortaleza e Salvador) com o intuito de desconcentrar a indústria e espalhar o desenvolvimento para as cidades médias da região (Campina Grande, Caruaru, Feira de Santana, dentre as principais) (Lins, 2022). Mário Lacerda teve papel importante na formação de uma geração de geógrafos pernambucanos que trabalharam no Geran, na Sudene e no DCG/UFPE, como Carlos José Caldas Lins e Fernando de Oliveira Mota Filho.

¹¹⁹⁵ Ver perfil biográfico no capítulo 4.

¹¹⁹⁶ Bacharel em direito pela FDR, geógrafo pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel da Nóbrega (depois Unicap), assistente de Mário Lacerda de Melo no DCG/UFPE e presidente da AGB (1961-1962), Manuel Correia de Andrade (1922-2007), conquistou um espaço de destaque na cena intelectual do Recife a partir da década de 1950. Com a repercussão nacional de seu *A terra e o homem no Nordeste* (1963), ele foi convidado pelo governador Miguel Arraes de Alencar (1963-1964) para dirigir o Grupo Executivo de Produção de Alimentos (Gepa), que, através da cooperação do Banco do Brasil, do Bandepe, da Secretaria de Agricultura de Pernambuco e da Companhia de Revenda e Colonização (CRC) ambicionava libertar os pequenos produtores rurais dos intermediários e agiotas, além de levar crédito agrícola e assistência agrônoma para aperfeiçoar e baratear a produção de bens alimentares. Com a destituição do governo Arraes em abril de 1964, suas ideias políticas lhe custaram o exílio. Ele estudou na francesa *École Pratique des Hautes Études*, que teve participação na formação da *intelligentsia* da geografia pernambucana e brasileira de modo geral (Lira, L., 2021; Andrade, M., 1989). Retornando ao Brasil, o autor de *O Vale do Siriji: um estudo da geografia regional* (1961) se dedicou ao ensino e à pesquisa como professor do DGE/UFPE (1952-1985), pesquisador da Codepe e, no final da década de 1970, se transferiu para a Faculdade de Ciências Econômicas da UFPE, onde se aposentou. Crítico dos programas da

a elite dirigente local, foram críticos da Sudene no pré-1964, trabalharam e/ou fizeram pesquisas conveniadas com o órgão regional entre as décadas de 1960 e 1970, criaram o curso de geografia da UFPE, foram catedráticos desta Universidade e, em virtude de sua influência intelectual e política¹¹⁹⁷, elevaram o prestígio da geografia em Pernambuco no cenário nacional¹¹⁹⁸. Eles também fundaram o núcleo pernambucano da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), presidiram a AGB, realizaram congressos desta Associação no Nordeste para debater os problemas regionais e influenciaram os rumos do órgão máximo da geografia brasileira até meados da década de 1980, quando Pernambuco perdeu relevância política no cenário nacional e eles se aposentaram e saíram de cena.

Esses desbravadores científicos souberam reconverter vantajosamente seus capitais científico, social e política e sua origem distinta na oligarquia agrária pernambucana em posições no topo do sistema científico. Eles se alinharam ao situacionismo no período militar e suas carreiras decolaram com a ampliação das oportunidades no sistema político e universitário, chegando a ocupar posições de destaque na Sudene.

A revolução precisava de intelectuais que tivessem boa formação e que não pusessem em risco seus interesses. Tanto que a revolução se valeu de todos os três [Gilberto Osório, Mário Lacerda e Manuel Correia]. Todos os três eram de famílias antigas, de antigos donos de terras, de senhores de engenho. Esse pessoal continuou forte na política. Inclusive Gilberto Osório e Mário Lacerda foram para a Sudene no período revolucionário. Eles não eram contra a revolução. [...]. A geografia não sofreu como algumas áreas na Sudene sofreram. Pelo contrário. Mesmo no período do governo revolucionário, a geografia continuou sendo prestigiada na Sudene. [...]. Então não posso dizer que a revolução atrapalhou a geografia, que continuou forte. Esse pessoal trabalhava na Sudene ou no governo do estado, mas não saía da Universidade.¹¹⁹⁹

Chefe da Divisão de Política Espacial da Sudene em meados da década de 1970 e um

Sudene na área rural no começo da década de 1960 (Andrade, M., 1963), o geógrafo se aproximou do órgão regional após a destituição de Furtado e foi assessor do Projeto de Povoamento do Maranhão (PPM), professor do segundo curso de Técnico de Planejamento Educacional (Oliveira, M., 2021) e supervisor do Gapa, que era ligado ao DAA. Com a participação do geógrafo, o Gapa encomendou e financiou a realização de doze monografias sobre os aspectos geoeconômicos de diversos produtos agrícolas da região (Grupo do DAA planejará agricultura do IV Plano Diretor, *Sudene Informa*, v. 2, n. 5, 1967, p. 4-5). Na década de 1970, algumas de suas pesquisas sobre a regionalização agrária do Nordeste foram financiadas e publicadas pela Sudene, como *Agricultura e regionalização no Nordeste: pecuária e extrativismo vegetal* (1969), *O processo de ocupação do espaço regional no Nordeste* (1975) e *Polarizações para João Pessoa* (1975).

¹¹⁹⁷ “Eram certas lideranças intelectuais, mas com certas ligações políticas. Eram atuantes não só na pesquisa, no ensino, como também na política. Isso dava muita relevância à ciência geográfica de Pernambuco. Além de eles terem uma produção científica considerável, eles tinham uma participação política que facilitava muito as coisas” (Lins, 2022).

¹¹⁹⁸ Evidência do prestígio da geografia pernambucana em meados da metade do século passado, uma safra de geógrafos franceses como Pierre Mombeig (1908-1987) (professor da Universidade de Paris/Sorbonne, um dos pioneiros de geografia da USP, onde foi professor entre 1935 e 1946, e um dos criadores da AGB em 1945), François Perroux (1903-1987), Jacques Boudeville (1919-1975), Pierre George (1909-2006) e Michel Rochefort (1927-2015) visitaram o Nordeste, realizaram estudos e conferências e estabeleceram contatos com a Sudene, a Codepe e o IJNPS (Lira, L., 2021).

¹¹⁹⁹ Lins, 2022.

“especialista em estudos regionais”¹²⁰⁰, Carlos Caldas Lins coordenou uma série de estudos sobre a diversidade natural e de ocupação do Nordeste com os centros de estudos geográficos das universidades nordestinas, dos quais resultaram 21 monografias temáticas que buscaram caracterizar a diversidade intrarregional nordestina e preparar as equipes de planejamento do órgão regional no conhecimento das peculiaridades territoriais, econômicas e socioculturais do Nordeste, influenciando na definição das políticas da autarquia desenvolvimentista e do poder público de modo geral. Essas monografias foram realizadas entre as décadas de 1970 e 1980 e publicadas pela Sudene na “Série Estudos Regionais”¹²⁰¹.

As pesquisas, que envolviam professores de geografia e de outros departamentos e alunos de graduação e pós-graduação, produziram ensaios sobre as chamadas regiões agrárias, definidas no livro *Regionalização agrária do Nordeste*, de 1978, como, entre outras, “Agrestes”, “Sertão Norte”, “Meio Norte”, “Sertão Sul”, “Área do Sistema Canavieiro” etc. e, em seguida, estudos de regiões urbanas, como as áreas de Teresina, Ilhéus-Itabuna e Aracaju. [...]. [As monografias] representavam uma fotografia do Nordeste com os seus problemas e com as possíveis soluções para os mesmos, como o do latifúndio, da exploração extrativa vegetal, da agroindústria canavieira, da monocultura cacaueteira, da modernização da pecuária, da pequena agricultura, do contraste entre os brejos e a caatinga e da caracterização da região do Agreste e das Serras Freixas. Acreditamos que este conjunto de monografias seja uma das principais contribuições dadas pela Sudene ao conhecimento da região que pretendia desenvolver.¹²⁰²

Como se pode observar, foi grande a circulação de geógrafos entre a Sudene, o IAA, o IJNPS, o Geran e o Departamento de Ciências Geográficas (DCG/UFPE). No período em que a autarquia de desenvolvimento dispunha de vultosos recursos para a realização de pesquisas, a contratação e a formação de pessoal especializado segundo as necessidades de sua política de desenvolvimento, e quando as universidades da região não dispunham de infraestrutura própria para organizar suas linhas de pesquisa e formar pesquisadores, as primeiras gerações de geógrafos pernambucanos iniciaram suas carreiras profissionais e adquiriram treinamento prático em pesquisa de campo na Sudene.

¹²⁰⁰ Andrade, M., 2007, p. 13.

¹²⁰¹ *O processo de ocupação do espaço regional do Nordeste* (1973), *Áreas de domínio da pecuária extensiva e semi-intensiva na Bahia e norte de Minas* (1982), *Sertão Sul* (1985) e *Área de sistema canavieiro* (1988), de Manuel Correia de Andrade; *Alguns aspectos do quadro natural do Nordeste* (1977), de Gilberto Osório de Andrade; *Regionalização agrária do Nordeste* (1978) e *Os agrestes – Estudo dos espaços nordestinos do sistema gado-policultura de uso de recursos* (1980) e *O Meio-Norte* (1983), de Mário Lacerda de Melo; *Áreas agrícolas subcosteiras do Nordeste Meridional* (1981), *A área Centro-Occidental do Nordeste* (1982), *O subsistema urbano-regional de Aracaju* (1987) e o *Subsistema urbano-regional de Teresina* (1987), de José Alexandre Filizola Diniz; *Sertão Norte – Área do sistema gado-algodão* (1982), de Marlene Maria da Silva e Diva Medeiros de Andrade-Lima; *A região cacaueteira da Bahia* (1983), de José Alexandre Filizola Diniz e Aluizio Capdeville Duarte; *Norte cearense* (1985), de Marlene Maria da Silva; *O subsistema urbano-regional de Feira de Santana* (1985) e *O subsistema urbano-regional de Ilhéus-Itabuna*, de Sylvio C. Bandeira de Mello e Silva, Bárbara Christine M. Nentwig e Sônia de Oliveira Leão; e *Evolução dos padrões de uso do solo agrícola na Bahia* (1987), de Sônia de Oliveira Leão. Outros três volumes não chegaram a ser editados.

¹²⁰² *Ibidem*, p. 13.

O setor de pesquisas econômicas do IAA, cuja atuação se limitava a subsidiar a política federal de suporte ao negócio do açúcar nordestino, o IJNPS, com recursos escassos e constituído como um órgão de pesquisa social (embora pudesse influir sobre as políticas, não tinha atribuição para formular e implementar políticas para a região), foram um refúgio para a intelectualidade ligada à oligarquia canavieira e crítica à Sudene de Furtado, que, como visto no capítulo 4, atraiu os jovens remediados egressos das universidades locais. Ao esvaziar e modificar o programa de desenvolvimento preconizado pela Sudene, cortar os recursos antes volumosos do órgão regional, centralizar no âmbito ministerial as políticas regionais e, paralelamente, ao financiar a estruturação do ensino superior em nível de graduação e pós-graduação no Nordeste como no restante do país, os governos militares retiraram da Sudene a precedência na produção de conhecimento sobre a região, abriram posições de comando na instituição a antigos adversários, induziram a fragmentação e a dispersão de sua equipe técnica, que migraram em busca de melhores oportunidades na Universidade¹²⁰³ e em outros órgãos públicos ou mantiveram seu vínculo com o órgão desenvolvimentista ao passo que atuavam na Universidade e, com o processo de redemocratização na década de 1980, desempenharam funções políticas no âmbito estadual¹²⁰⁴.

¹²⁰³ A título de exemplo, os geógrafos Antônio Vieira de Melo, Heber Rodrigues Compasso e Manoel Francisco de Oliveira iniciaram suas carreiras na Sudene e se transladaram para o DCG/UFPE. Com formação na França, Heber Compasso foi chefe da Divisão de Cartografia da Sudene, coordenou os trabalhos do Geran na área cartográfica e, na década de 1970, se tornou professor de fotogrametria do DCG/UFPE (Lins, 2022). Com experiência em sensoriamento remoto e planejamento espacial urbano adquirido na Sudene, Manoel Francisco de Oliveira ajudou a organizar essa área de estudos no DCG/UFPE. Por sua vez, o pedólogo Antônio Vieira de Melo coordenou os estudos de solos do Geran, trabalhou no DRN e, na década de 1970, se transferiu para o DCG/UFPE.

¹²⁰⁴ As trajetórias de Jorge Fernando Santana e de Tânia Bacelar exemplificam essa estratégia de circulação entre a Sudene, a Universidade e, no caso da geógrafa e economista, o campo político, tendo o órgão desenvolvimentista como esteio. Graduado em geografia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena (1964), em São Paulo, Jorge Santana (Recife/PE, 1940) trabalhou na Sudene entre 1966 e 1994, chegando a ser coordenador de Planejamento Regional, diretor-substituto de Planejamento Global e assessor do superintendente entre as décadas de 1970 e 1980. Entre 1978 e 2002, o geógrafo ensinou Planejamento Regional no DCG/UFPE (Santana, J., 2022). Graduada em ciências sociais (1966) na Fafire e economia na Unicap (1967), Tânia Bacelar (Recife/PE, 1944) trabalhou na Sudene entre 1966 e 1995, chegando a ser coordenadora de Planejamento Regional e diretora de Planejamento Global. Ela se tornou mestra (1975-1977) (*Transformations dans la division interrégionale del travail au Brésil*) e doutora (1977-1979) (*La division interrégionale du travail au Brésil et el exemple du Nord-Est*) em economia pela Universidade de Paris I/Pantheon-Sorbonne. Seu doutorado foi orientado por Michel Rochefort, *crème de la crème* da geografia francesa, e foi arguido por Celso Furtado. Ela lecionou no curso de ciências econômicas da Unicap (1969-1973), ingressou no DCG/UFPE em 1978, lecionou no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU) desta última Universidade e foi professora visitante na *École de Hautes études en Sciences Sociales (EHESS)* e de diversas universidades brasileiras. A economista também foi diretora do Departamento de Economia da Fundaj entre 1990 e 1995. Com uma longa carreira no setor público, ela foi secretária de Planejamento (1987-1988) e da Fazenda (1988-1990) de Pernambuco, secretária de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente do Recife (2001-2002), secretária nacional de Políticas Regionais do Ministério da Integração Nacional (2003-2004), coordenadora do Grupo de Trabalho Interministerial de Recreação da Sudene e da Sudam (2003-2004) e integrante do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social do governo federal nos anos 2000 e no atual governo iniciado em 2023. Tânia é uma das fundadoras da Consultoria em Economia e Planejamento (Ceplan), assessorando a elaboração de diversos planos de desenvolvimento regionais, estaduais e municipais¹²⁰⁴. Consagrada no campo acadêmico, ela foi distinguida com o título de doutor *honoris*

3.3. Nutrição

Na área da nutrição, vinculada ao campo da saúde pública, a Sudene também teve um papel importante. O processo de institucionalização dos estudos de saúde coletiva no Nordeste ocorreu em meio à discussão sobre a insegurança alimentar e nutricional, que eram atribuídos ao pauperismo e ao subdesenvolvimento da região. Desde o pós-guerra, esse debate ganhou visibilidade internacional. O Nordeste, com nomes reconhecidos no campo nutricional como Nelson Chaves (1906-1982)¹²⁰⁵ e Josué de Castro (1908-1976), que publicou *Geografia da Fome* em 1946, passou a ser visitado por médicos sanitaristas da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Ao longo das décadas de 1940 e 1950, impactados pela visibilidade internacional do problema nutricional no Nordeste brasileiro, os praticantes da saúde coletiva se distanciaram da perspectiva bioquímica adotada nos “inquéritos nutricionais” realizados na época e se aproximaram do enfoque social da fome e das epidemias, que passaram a ser vistas em sua relação com o problema do subdesenvolvimento econômico e da persistência das estruturas coloniais.

Esta mudança de perspectiva foi também o resultado de pressões e demandas externas, ou seja, de pesquisas nutricionais financiadas pelo governo americano, pela *International*

causa pela Unicao e de “professora emérita” pela UFPE em 2019. Prestigiada pela classe política, a economista foi condecorada com a medalha da “Ordem Nacional do Mérito Científico” (classe Comendador) do Ministério da Ciência e da Tecnologia (MCT) em 2004, e, em 2012, com a “Ordem do Mérito dos Guararapes” do governo de Pernambuco. A economista se tornou um símbolo e uma porta-voz da “questão regional” nordestina no âmbito do desenvolvimento brasileiro e conseguiu penetrar certos nichos universitários, midiáticos e políticos do Sudeste debatendo os impasses do desenvolvimento do Nordeste e do país.

¹²⁰⁵ Uma figura central para o processo de institucionalização e profissionalização da nutrição em saúde pública em Pernambuco, Nelson Ferreira de Castro Chaves (Água Preta/PE, 1906-1982) se graduou na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro (1930), foi diretor do Departamento de Saúde Pública (1940-1943) e secretário de Saúde e Assistência Social (1949-1951) de Pernambuco. Um empreendedor científico, o pernambucano criou o Curso de Nutricionista da UFPE (1957), fundou e dirigiu o Instituto de Nutrição da UFPE (1962-1972), criou o curso de mestrado deste Instituto (1970), coordenou pesquisas nutricionais como o *Northeast Brazil Nutrition Survey* (patrocinado pelo ICNND/EUA) e ajudou a criar os Cursos de Especialização em Nutrição para médicos latino-americanos financiados pela Organização Panamericana da Saúde. Nelson Chaves também foi pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPE (1971) e diretor do Departamento de Nutrição desta Universidade (1975-1976). Alheia ao debate sobre a fome e a miséria no Nordeste brasileiro em um período de agitação política (Vasconcelos, 2001), sua produção intelectual ficou associada à “perspectiva biologizante” dos problemas nutricionais e foi polarizada com a obra de Josué de Castro, consagrado no exterior pela “perspectiva social” e global da fome (*Ibidem*). Presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco, da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia e da Sociedade Brasileira de Nutrição entre as décadas de 1960 e 1970, Nelson Chaves é reconhecido pela comunidade científica como um dos mais destacados estudiosos brasileiros da desnutrição infantil, reputação que o levou a ser consultor da ONU para assuntos nutricionais. O nutrólogo foi distinguido com a “Grã-Cruz da Ordem do Mérito Médico” (1962) e o título de “professor emérito” pela UFPE (1978).

Conference on Clinical Nutrition and Dietetics (ICNND), pela *General Food Corporation* (ligada à Usaid), pela Organização Panamericana da Saúde (Opas) e pela OMS¹²⁰⁶. Nesse contexto, a criação da Sudene ajudou a impulsionar a introdução do enfoque social no campo da saúde coletiva. Além do efeito de seu surgimento, um momento alto das mudanças socioeconômicas na região, seu enfoque desenvolvimentista teve impacto no processo de institucionalização e profissionalização da área da nutrição.

Nos anos 1960, em um convênio com o antigo Instituto de Fisiologia e Nutrição, que era ligado à Faculdade de Medicina do Recife (FMR) e dirigido pelo celebrado epidemiologista e nutrólogo Frederico Simões Barbosa¹²⁰⁷, e o Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu), a autarquia regional financiou estudos sobre a ocorrência e o controle da esquistossomose no norte de Minas Gerais, no Piauí, em Alagoas, na Bahia e no Rio Grande do Norte. Com a Opas, e a participação do ainda jovem médico Malaquias Batista Júnior, que se tornaria uma referência no estudo e no combate à desnutrição infantil e uma figura central no processo de institucionalização da nutrição e da saúde pública em Pernambuco¹²⁰⁸, a Sudene também patrocinou pesquisas sobre as carências alimentares das crianças na Zona da Mata pernambucana¹²⁰⁹.

A colaboração entre a Sudene e o Instituto de Fisiologia e Nutrição da UFPE se materializou no intercâmbio científico. Estudantes e pesquisadores do Instituto frequentaram

¹²⁰⁶ Vasconcelos, 2000.

¹²⁰⁷ “Uma das figuras mais notáveis da epidemiologia e da saúde pública no país em meados do século XX” (Santos, Lourenço e Reis, 2016, p. 1) e do processo de institucionalização do campo da saúde pública no Brasil (*Ibidem*), Frederico Simões Barbosa (Recife/PE, 1916-2004) se graduou em medicina na FMR e em história natural na Unicap (1949-1952). “Homem de ciência” (*Ibidem*, p. 2), o pernambucano se especializou em parasitologia e micologia na USP (1939-1941), em limnologia na Universidade de Michigan e entomologia no Instituto Smithsonian na década de 1940, tornando-se mestre em saúde pública na Universidade de Johns Hopkins (1946). Simões Barbosa ensinou na FMR nas décadas de 1940 e 1950, foi diretor do Instituto Ageu Magalhães (Fiocruz/PE) (1950-1961 e 1964-1969) e do Departamento de Saúde Pública de Pernambuco (1945), presidiu a Sociedade de Medicina de Pernambuco (1967-1968) e foi um pioneiro no estudo dos aspectos sociais, econômicos e culturais ligados à esquistossomose, tornando-se perito em doenças parasitárias da OMS, FAO e Opas. Após coordenar um programa de pesquisa conjunto entre o Brasil, o Egito e a Hungria sobre recursos humanos e atenção primária à saúde (1972-1975), o parasitologista fundou e presidiu a Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (1977-1978), foi diretor e professor de “medicina comunitária” da Faculdade de Ciências da Saúde da UNB (1975-1976), da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) em 1982 e da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz (1985-1989), além de secretário de Ensino Superior do MEC e um dos fundadores da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco) em 1979.

¹²⁰⁸ Nascido em 1934, o paraibano Malaquias Batista Júnior se graduou em medicina na UFPB, foi secretário de Saúde da União dos Estudantes da Paraíba, se especializou em nutrição em saúde pública no antigo Instituto de Nutrição/UFPE, se doutorou na Faculdade de Saúde Pública/USP e se tornou professor do Departamento de Nutrição do Centro de Ciências da Saúde da UFPE entre as décadas de 1960 e 1970. Ele coordenou pesquisas sobre a epidemiologia das deficiências nutricionais no Nordeste brasileiro, influenciando políticas públicas de avaliação, vigilância e suplementação alimentar, como a criação do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (Inan) e o 2º Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (Pronan). Malaquias Batista também foi consultor da Opas para a América Central e da FAO para a África (Cabo Verde e Moçambique) (Vasconcelos, 2000).

¹²⁰⁹ *Ibidem*.

os cursos organizados pelo órgão regional e, por sua vez, este último enviou alguns de seus técnicos para a realização de estágios e o aperfeiçoamento científico nos laboratórios do Instituto. Essa parceria também resultou na realização de cursos conjuntos¹²¹⁰.

Em um convênio com a Opas e a OMS, e auxiliada pelos pesquisadores da UFPE orientados por Frederico Simões Barbosa (1916-2004) e o sanitarista e antropólogo José Ligório Hesketh Lavareda, a Sudene investiu em cursos de planejamento para o aperfeiçoamento dos quadros técnicos estaduais, ofereceu apoio técnico para a reestruturação administrativa e ajudou na organização de unidades de planejamento e supervisão das Secretarias de Saúde da região¹²¹¹.

Em colaboração com a Escola Nacional de Saúde Pública e o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (Dnos) foram ofertados cursos para o treinamento de pessoal em estatística, enfermagem e saneamento com bolsas de estudos¹²¹².

Através da Divisão de Saúde, a Sudene financiou a produção local de vacinas antivariólicas, antirrâbicas, antifóidicas e antitetânicas no Laboratório Farmacêutico de Pernambuco, e foi seu principal comprador¹²¹³. Os médicos sanitaristas do órgão regional promoveram cursos de educação na área da saúde e campanhas sanitárias para erradicar as epidemias, prevenir os riscos à saúde da população rural e criar novos hábitos sanitários nos núcleos de colonização agrícola.

Em linha com a medicina preventiva e uma abordagem mais global da problemática de nutrição no Nordeste, a Sudene criou o Centro Regional de Investigação e Ensino de Higiene e Saúde Pública “com o objetivo de promover a capacitação da mão-de-obra a ser empregada nos serviços de saúde da região”¹²¹⁴ e implantou uma política de regionalização da gestão da saúde no Nordeste, contribuindo para o monitoramento das condições de funcionamento dos serviços de saúde e diagnosticando as doenças prevalentes no Nordeste. A autarquia capacitou programadores das Secretarias estaduais de Saúde da região nos Cursos de Planejamento de Programas de Saúde, que foram organizados com a OMS e que tiveram a participação dos técnicos dos Ministérios do Planejamento e da Saúde¹²¹⁵. Organizou, também, seminários sobre a “problemática de saúde do Nordeste”, reunindo seus próprios técnicos e os das Secretarias estaduais de Saúde, do Ministério da Saúde, da OMS, da Opas, da Usaid, da AP e do BID¹²¹⁶.

¹²¹⁰ Intensa atividade científica desenvolveu Instituto de Fisiologia e Nutrição em 1963, *Diário de Pernambuco*, 14/11/1963.

¹²¹¹ Secretarias de Saúde terão mais condições com ajuda do III Plano, *Sudene Informa*, v. 5, n. 2, 1967.

¹²¹² *Ibidem*.

¹²¹³ Pesquisas, *Sudene Informa*, v. 5, n. 2, 1967, p. 9.

¹²¹⁴ Centro, *Sudene Informa*, v. 5, n. 2, 1967, p. 9.

¹²¹⁵ Curso de planejamento de saúde, *Sudene Informa*, v. 4, n. 6, 1966, p. 18.

¹²¹⁶ Além deste seminário, que foi realizado em Garanhuns/PE, o Nordeste (especialmente o Recife) foi palco de muitos eventos médicos, evidência do destaque nacional e internacional conseguido pela região no debate dos

Em convênio com as universidades locais, o órgão criou o Programa de Melhoria e Reequipamento Médico-Científico de 24 instituições universitárias dos estados nordestinos¹²¹⁷.

“Sanitarista desenvolvimentista”¹²¹⁸, “precursor da economia da saúde”¹²¹⁹, uma liderança reconhecida no campo da saúde coletiva e com uma larga ficha de serviços prestados ao Nordeste (como visto no capítulo 4), o alagoano Mário Magalhães da Silveira introduziu o novo enfoque estrutural da saúde coletiva na região e instituiu o subdesenvolvimento como a principal causa da precariedade das condições de saúde nos documentos da Sudene, que ele ajudou a criar¹²²⁰.

Outro médico sanitarista do órgão desenvolvimentista que ajudou a associar a saúde ao desenvolvimento econômico e social¹²²¹, o piauiense Carlyle Guerra de Macedo (nascido em 1937) coordenou a área de saúde do projeto de colonização do Maranhão.

Ele assistiu ao Curso de Planificação da Saúde (1963), organizado pelo Ilpes em convênio com a Opas em Santiago do Chile¹²²², fez cursos de saúde pública na Universidade do Chile e de “dinâmica da população” no Centro Latino-Americano de Demografia (Celade), alcançou a chefia da Divisão de Saúde da Sudene e, no Piauí, implantou e chefiou a Secretaria de Saúde do estado (1965-1970), quando idealizou e executou o Primeiro Plano Estadual de Saúde (1965-1966), e foi membro do Conselho de Desenvolvimento do estado (1966-1969).

Carlyle Guerra lecionou em diversas universidades latino-americanas, foi consultor do Ilpes e chefe da Divisão de Treinamento da Opas (1970-1971). Na década de 1970, vencidas as resistências contra seu nome no governo brasileiro em virtude de “suas antigas relações com Celso Furtado e a Sudene”¹²²³, ele foi nomeado coordenador do acordo de cooperação técnica Opas-Brasil para a formulação e implementação do Programa de Preparação Estratégica de Pessoal de Saúde (PPREPS). Este programa preparou pessoal na área da saúde para o Sistema Nacional de Saúde (SNS) e ambicionava cobrir todo o território nacional tendo em conta a

problemas de saúde associados ao subdesenvolvimento. No começo da década de 1960, com a presença de especialistas brasileiros e “altas personalidades da medicina internacional” (Dois conclaves médicos vão ser realizados no Recife, *Diário de Pernambuco*, 12/2/1963), ocorreram no Recife o XV Congresso de Higiene, a I Reunião Anual da Associação Brasileira de Escolas Médicas e o II Seminário Nacional sobre Ensino de Medicina Preventiva.

¹²¹⁷ Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 8, n. 11-12, 1970, p. 7.

¹²¹⁸ Escorel, 2015, p. 2459.

¹²¹⁹ *Ibidem*.

¹²²⁰ “A velha teoria da doença provocando a pobreza foi substituída por conceito oposto: subdesenvolvimento como causa primordial de precárias condições de saúde” (Planos de colonização da Sudene não sacrificarão as comunidades regionais, *Diário de Pernambuco*, 5/7/1960).

¹²²¹ “Aí [na Sudene] foi que eu adquiri o gosto pela economia, pela sociologia, pela política”. [...]. Eu estava entusiasmado com a economia” (Macedo, 2005, p. 7).

¹²²² “A Sudene tinha muita relação com a Cepal e o Ilpes” (*Ibidem*, p. 7).

¹²²³ Paiva, Alves e Hochman, 2008, p. 933.

complexidade da realidade socioeconômica das regiões brasileiras, que tornava necessária a regionalização dos serviços médicos.

Carlyle Macedo também foi presidente da Opas em 1983, integrou a equipe da OMS responsável pela erradicação da poliomielite, foi membro do Conselho Nacional de Saúde, foi “diretor-emérito” da Opas e é reconhecido como um dos “pioneiros” da saúde pública e da medicina preventiva no Brasil e na América Latina¹²²⁴. Como o piauiense, muitos outros médicos sanitaristas trabalharam nos núcleos de colonização agrícola da Sudene no interior da região.

3.4. Agronomia

Dada a escassez de agrônomos na região¹²²⁵, a autarquia distribuiu bolsas para vestibulandos interessados em ingressar na Universidade Federal do Ceará (UFC)¹²²⁶ e na Escola Agrônômica da Bahia em Cruz das Almas¹²²⁷.

A Sudene também ofereceu cursos de capacitação em “planejamento agrícola” para agrônomos (com a Ancar/PE e a Emater/PE), financiou o reaparelhamento das escolas de agronomia da região e de pesquisas visando o “melhoramento genético e o aumento da produtividade” de produtos agrícolas com um grande potencial econômico (o algodão, especialmente)¹²²⁸, ajudou a reformular o currículo do ensino de agronomia, capacitou docentes, patrocinou projetos de extensão rural aos pequenos e médios produtores rurais (especialmente da UFRPE) e ampliou o mercado de trabalho regional para os novos profissionais¹²²⁹.

Quando concluí o curso, havia oportunidades de trabalho na Sudene, na Sudec [Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste], na Emartece [Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará] e na própria Escola de Agronomia.¹²³⁰

¹²²⁴ Paiva, Alves e Hochman, 2008; Macedo, 2005; Lima, N., 2002.

¹²²⁵ “O principal esforço da Sudene, agora, será o de formar pessoal capacitado para as tarefas técnicas. Hoje, contamos com 400 técnicos em grau superior e 100 agrônomos, o que é insuficiente”, disse Furtado à época (Sudene vai bem, mas os órgãos administrativos vêm emperrando a sua atuação, *Correio da Manhã*, 20/11/1962). Uma reportagem do *Diário de Pernambuco* também sugeria a capacidade indutora da Sudene no sentido da ampliação do mercado regional para agrônomos na região: “Em 1961 entraram no 1º ano da Escola de Agronomia do Recife apenas 7 novos alunos. As necessidades da Sudene, este ano, são de 50 agrônomos, pelo menos” (Governo gasta 4 milhões para formar um médico no Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 10/6/1961).

¹²²⁶ Lima, 2019.

¹²²⁷ “Ainda no pré-vestibular das bolsistas da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), chegavam candidatos dos mais diversos cantões e fomos nos enturmando timidamente” (Nunes, 2019, p. 193).

¹²²⁸ Prisco, 2019.

¹²²⁹ Saunders, 2019, p. 111.

¹²³⁰ *Ibidem*, p. 111.

Quando de nossa formatura [1962], a Sudene já punha em marcha seu I Plano Diretor (1960-1962) e iniciava o II (1963-1965). [...]. Com esse *approach* desenvolvimentista [...] o mercado de trabalho gerado pelo momento político-administrativo era altamente proativo.¹²³¹

Muito criticado pela ênfase no setor industrial¹²³², o órgão regional criou o Grupo de Análise de Projeto Agropecuários (Gapa) em 1965 para estimular uma mentalidade empresarial no setor agrícola e subsidiar projetos com recursos do sistema de incentivos fiscais conhecido como “34/18”, que foram estendidos à agricultura naquele ano pelo Conselho Deliberativo da Sudene. Dessa forma, o órgão desenvolvimentista formulou uma nova política de “racionalização” do campo, incentivando projetos agropecuários e visando a produção de matérias-primas industriais, alimentos, a mecanização e o emprego de fertilizantes e técnicas agrícolas modernas¹²³³. Não obstante os avanços com experimentação agrícola e utilização de novas tecnologias, a Sudene patrocinou a reconfiguração do campo na região, beneficiou grandes empresas sudestinas e multinacionais e excluiu os colonos mais pobres do acesso à terra e à renda¹²³⁴.

3.5. Veterinária

Na área da medicina veterinária, muitos estudantes nordestinos (principalmente baianos e pernambucanos) foram bolsistas da Sudene e aspiravam trabalhar no órgão regional pelos motivos a seguir: “Primeiro que eram bons salários e, depois, a perspectiva que a Sudene oferecia de aperfeiçoamento permanente de seus funcionários”¹²³⁵.

Além de financiar bolsas de estudos, o órgão regional investiu no reequipamento de laboratórios, na realização de pesquisa de campo e em extensão universitária.

Recordo bem que haviam vários microscópios [...] Estava lá a plaquetinha “R.P.”, “Registro Patrimonial” [...] Estava lá: “Sudene” [...] Centrífugas [...] Ônibus para aulas práticas, laboratórios móveis [...] Estava lá: “Convênio UFBA-Sudene”. Isso ajudou muito na formação profissional. A Sudene era extremamente ativa. [...] Eram laboratórios móveis, que iam para o campo, para as fazendas, distritos [...] lá se instalavam e faziam toda uma extensão rural, sanitária, dando assistência às pessoas.¹²³⁶

O órgão regional treinou veterinários que se tornaram quadros técnicos e políticos com

¹²³¹ Souza, F., 2012, p. 90.

¹²³² Colombo, 2015; Carvalho, J., 1979.

¹²³³ O campo – a nova esperança, *Sudene Informa*, v. 8, n. 3-4, 1970.

¹²³⁴ Garcia *et al.*, 1984.

¹²³⁵ Moura, 2022.

¹²³⁶ *Ibidem*.

passagem em instituições como a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), as Secretarias de Agricultura dos estados do Nordeste, as agências estaduais de defesa agropecuária, as delegacias regionais do SSR – depois Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) –, as superintendências regionais do Mapa no Nordeste e a própria autarquia desenvolvimentista, que, com vistas ao desenvolvimento da pecuária regional, organizou uma equipe de veterinários, ampliando o mercado de trabalho na região para esses profissionais. Muitos deles ajudaram a criar e presidiram as academias, os conselhos e as sociedades estaduais e o órgão federal de representação corporativa dos médicos veterinários no Nordeste. Alguns se tornaram representantes brasileiros na Organização Mundial de Saúde Animal, na Opas e na OMS, chegando inclusive à presidência da Associação Panamericana de Ciências Veterinárias (Panvet)¹²³⁷. Como reconhecimento, Furtado foi escolhido paraninfo e patrono de formandos em veterinária em todo o Nordeste¹²³⁸.

¹²³⁷ “Um cara superdotado de inteligência” (Dubois, 2022), Liberato José Siqueira de Carvalho (1936-1977) se formou na Escola de Veterinária da Bahia em 1958 e cursou o I TDE em 1961, tornando-se técnico da Sudene. Liberato foi presidente da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (Emater) na década de 1970 e secretário interino da Agricultura daquele estado. Ele é o patrono da cadeira 19 da Academia Baiana de Medicina Veterinária (Abamev). René Dubois (Recife, 1936) estudou na Escola de Veterinária da Bahia, foi presidente do diretório acadêmico desta Escola e diretor da União dos Estudantes da Bahia. Ele cursou o I TDE, trabalhou na Sudene por um breve período e se transferiu para o SSR (depois Incra). René foi prefeito de Jaguaquara/BA por duas vezes (1983-1988), foi presidente do Conselho de Medicina Veterinária da 10ª região (Bahia e Sergipe) (1972-1978), presidente do Conselho Federal de Medicina Veterinária por quatro mandatos (1978-1990), presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária e um dos fundadores da Academia Brasileira de Medicina Veterinária, ocupando a cadeira 32. Foi, também, presidente da Panvet por dois mandatos (2006-2010). Integrou conselhos e comissões de assessoramento ao MEC, Mapa e Ministério das Relações Exteriores, e foi delegado do Brasil na Organização Mundial de Saúde Animal. Recebeu a “Medalha de Mérito da Medicina Veterinária do Brasil” (graus Grã-Cruz e Comendador), a “Medalha de Mérito do Estado da Bahia” (grau Comendador) e o título de “Melhor Médico Veterinário Latino Americano” da Academia de Ciências Veterinárias da Espanha. Outro bolsista da Sudene, o piauiense José Alberto da Silva Lira (1943-2020) se graduou em 1967 na Escola de Medicina Veterinária da Bahia. No Mapa, ele criou a Secretaria Nacional de Defesa Agropecuária no final da década de 1970 e foi seu primeiro secretário, dirigiu o Departamento Nacional de Produção Animal e foi diretor técnico de Defesa Sanitária Animal, ajudando a erradicar a peste suína africana. Com muita credibilidade por seu trabalho à frente do Grupo Executivo de Erradicação da Febre Aftosa na Bahia (Gecofa), ele ajudou nos planos de erradicação da febre aftosa no Pará, Piauí e Ceará. Ele também criou e chefou a Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia, foi diretor do Instituto Biológico da Bahia e presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária da 10ª Região (Bahia e Sergipe) e foi representante do Brasil na Opas, na OMS e na Organização Mundial de Saúde Animal. Ele foi condecorado com a “Ordem do Mérito da Medicina Veterinária Brasileira” (graus de Comendador e Grã-Cruz) e foi um dos fundadores da Academia Baiana de Medicina Veterinária. O médico veterinário João Pessoa de Souza (falecido em 2022), formou-se na UFRPE, foi funcionário da Sudene, secretário de Agricultura de Pernambuco e presidente da Associação Brasileira de Criadores de Caprinos (ABCC). Bolsista da Sudene no curso de medicina veterinária da UFRPE, Marcelo José Oliveira Didier foi funcionário da autarquia regional, se tornou superintendente do Mapa em Pernambuco no final da década de 1970 e foi um dos fundadores da Sociedade Pernambucana de Medicina Veterinária (Spemve).

¹²³⁸ A turma de 1967 da Escola de Medicina Veterinária da UFBA escolheu Furtado como patrono, homenageou o “camponês brasileiro” e os “que morrem de fome em qualquer parte do Brasil”, e, no convite de formatura, agradeceu à Sudene, que financiou muitos dos formandos: “À Sudene: Nossos agradecimentos, e acreditamos ter cumprido a nossa missão” (Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-PAT-ooI).

3.6. Oceanografia

A Sudene deu impulso ao campo da oceanografia no Nordeste e investiu na qualificação de pessoal para estruturar a indústria pesqueira regional. O órgão estruturou o recém-criado curso de oceanografia do Instituto de Biologia Marítima e Oceanografia da antiga Universidade do Recife (depois Departamento de Oceanografia – Docean/UFPE), ajudou a formar seu corpo docente, distribuiu bolsas de estudos, financiou pesquisas, treinou estudantes e impulsionou o mercado de trabalho regional para oceanógrafos.

O Instituto foi fundado em 1958 e logo em seguida foi fundada a Sudene, que teve uma participação extraordinária na fundação do Instituto, no auxílio às pesquisas e na formação de pessoal. [...]. Naquela época, a oceanografia era uma coisa praticamente desconhecida no Nordeste. A oceanografia [...] era toda dirigida pelo Instituto Oceanográfico de São Paulo. O segundo Instituto Oceanográfico do Brasil foi o de Pernambuco. E, como coincidiu com a Sudene, houve um entrosamento muito grande entre a UFPE e a Sudene. [...]. Então o Departamento cresceu junto com a Sudene. [...]. Quando houve esse entrosamento entre a Sudene e a UFPE, a pesquisa em oceanografia disparou. [...]. Você não sabia quem era pesquisador da Sudene ou quem era pesquisador do Departamento de Oceanografia [...] porque onde um grupo estava o outro também estava. Foi, talvez, esse entrosamento de pesquisadores que levantou essa área de biologia marinha em Pernambuco e no Nordeste.¹²³⁹

Em 1961, a Sudene e o Instituto de Oceanografia ofereceram o primeiro curso de oceanografia do Nordeste, do qual participaram técnicos do órgão desenvolvimentista e egressos do curso de história natural das Universidades do Recife, do Ceará e da Bahia. Foi formada assim a primeira geração de oceanógrafos do Nordeste¹²⁴⁰. Esse curso foi oferecido nos quatro anos seguintes e teve a participação de alunos de todos os estados da região. Esses cursos eram a única possibilidade para aqueles que pretendiam se especializar em biologia marinha e que, sem contar com uma estrutura de pós-graduação na região, viajaram para São Paulo e o exterior (Japão, Holanda, Panamá, Filipinas, Estados Unidos, dentre outros países) para se aperfeiçoar com apoio da autarquia regional¹²⁴¹.

Além do Docean/UFPE, o Laboratório de Ciências do Mar (Labomar) da UFC, com muita expertise na avaliação de estoques pesqueiros de interesse comercial (lagosta, camarão, crustáceos, ostras), realizou pesquisas em convênio com a Sudene. O órgão regional também financiou pesquisas do Labohidro da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), do Laboratório de Oceanografia e Limnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e da UFBA. Em síntese, “a Sudene foi o grande sombreiro das instituições de

¹²³⁹ Leça, 2022.

¹²⁴⁰ “Praticamente, a base da oceanografia do Nordeste foi dada pela Sudene” (*Ibidem*).

¹²⁴¹ “A Sudene mandou muita gente para fora” (Luna, 2022).

oceanografia no Nordeste”¹²⁴².

Alguns dos bolsistas contratados através dos convênios da Sudene com os institutos de oceanografia da região se tornaram professores nas universidades locais e contribuíram para a formação das primeiras turmas de oceanógrafos da região e para a criação dos primeiros programas de pós-graduação no Nordeste¹²⁴³.

A Sudene apoiou [...] com recursos financeiros como também com professores: o professor Espinhara [José Espinhara da Silva] foi um dos primeiros. Ele era da Sudene e foi para lá; o professor Johei Koike, que era do Japão; o professor [Yoshito] Motohashi, também do Japão; [...] a professora Liana Barroso; [...] E dois que ainda eram da Sudene [...] o professor Paulo [Fernando de Oliveira] Burgos e o professor Zeneudo [Luna Machado]. Esses eram da Sudene, foram para a Rural e ajudaram a montar o curso [...] e ficaram lá e cá.¹²⁴⁴

Como engenharia de pesca era um curso novo, era o primeiro do Brasil, então algumas instituições como a Sudene cederam vários profissionais para nos auxiliar e nos orientar como professores da Universidade. [...]. A gente tinha que utilizar professores da Federal [UFPE], da Sudene e da Marinha para suprir a grade curricular de nosso curso. [...]. A Sudene colaborou muito para estruturar nosso curso.¹²⁴⁵

Criado em 1961, o Boletim Estudos de Pesca, que era ligada à Divisão de Recursos Pesqueiros da Sudene, foi um importante meio de divulgação de pesquisas pesqueiras no Nordeste até meados da década de 1980¹²⁴⁶. Através do Boletim, dos cursos, das bolsas de estudos e dos convênios com as universidades para a realização de pesquisas, a Sudene montou uma infraestrutura de apoio à pesquisa, produção e circulação de conhecimento oceanográfico na região na área da pesca muito utilizada pelos pesquisadores universitários.

Em linha com seu “Plano de Desenvolvimento da Pesca Marinha”, a autarquia regional também reestruturou a Escola de Pesca de Tamandaré (EPT), investiu na formação profissionalizante de pessoal técnico (pilotos, mecânicos, mestres de barcos, carpintaria naval), montou o Laboratório de Tecnologia de Pescado, muito utilizado pelos pesquisadores universitários da região, organizou e patrocinou eventos para discutir a indústria pesqueira nordestina e brasileira¹²⁴⁷, e realizou levantamentos de estoques pesqueiros de interesse comercial na costa nordestina e experimentos pesqueiros, impactando a economia das populações ribeirinhas.

Como ocorreu nos outros cursos, Furtado foi escolhido paraninfo ou patrono das

¹²⁴² *Ibidem*.

¹²⁴³ *Ibidem*.

¹²⁴⁴ Mattos, 2022.

¹²⁴⁵ Araújo, O., 2022.

¹²⁴⁶ “A quantidade de pesquisa era enorme” (Mattos, 2022).

¹²⁴⁷ Em 1963, a autarquia regional coordenou os trabalhos da IV Reunião Nacional de Técnicos em Pesca e, em 1974, realizou – com o Docean/UFPE e a UFRPE – o I Congresso Brasileiro de Aquicultura (Luna, 2022).

concluintes de algumas turmas de oceanógrafos desse período¹²⁴⁸.

3.7. Economia

A Sudene ajudou a reestruturar as escolas de economia da região e empregou muitos recém-formados. Até então uma cadeira do curso de direito, a economia se tornou uma disciplina universitária no Nordeste em grande parte em função do prestígio de Furtado, “o economista brasileiro mais importante e influente, desde que a ciência econômica deixou de ser um exercício ornamental e secundário de saberes acumulados noutros campos, como o do direito e o da engenharia”¹²⁴⁹, e do impacto da Sudene, que criou um mercado de trabalho para economistas e deu prestígio à profissão na região.

No Nordeste não existiam praticamente escolas de economia. Na verdade, as escolas de economia eram refugos de pessoas reprovadas nos vestibulares de direito e de engenharia, até quando a profissão de economia ganhou *status* dentro do Nordeste.¹²⁵⁰

Houveram professores da Faculdade de Ciências Econômicas da UFPE que atuaram na Sudene e dos quais o mais destacado foi Fernando Mota¹²⁵¹. Além da UFPE, o curso de ciências econômicas da Unicap, onde estudaram muitos técnicos do órgão regional, contratou sudeneanos para seu quadro docente.

A Faculdade ensinava coisas muito teóricas [...]. Muita microeconomia desligada da realidade brasileira. Como se a gente estivesse estudando não sei para quê [...] para ser professor. Foi uma mudança radical quando a gente foi fazer o curso da Sudene. [...]. Nós queríamos completar a nossa formação. [...]. Dentro do curso [de economia da Unicap] às vezes até a gente [especialistas econômicos da Sudene] ia dar aula no lugar dos professores. Porque a gente tinha uma formação sobre desenvolvimento econômico bem mais moderna. No entanto, a gente precisava desse carimbo acadêmico.¹²⁵²

O órgão regional patrocinou a formação de economistas através de cursos intensivos em cooperação com as faculdades de economia da região, como o “Curso de Iniciação ao

¹²⁴⁸ “Os [40] concluintes de História Natural explicaram que todos os nomes apresentados para paraninfo eram aceitáveis pela turma. Contudo, a escolha recaiu sobre o ex-superintendente da Sudene por uma questão de gratidão, pois a maioria dos concluintes foi beneficiada com bolsas de estudos concedidas pelo sr. Celso Furtado. Lembraram que o sistema de bolsas a estudantes que ingressaram em determinadas carreiras foi instituído durante a gestão daquele economista, à frente da Sudene” (Celso Furtado escolhido paraninfo de Biociências, *Diário de Pernambuco*, 3/9/1968).

¹²⁴⁹ Oliveira, F, 2003, p. 104.

¹²⁵⁰ Oliveira, F, 2009, p. 210.

¹²⁵¹ Fernando Mota era catedrático de sociologia do Instituto de Educação de Pernambuco, foi professor da FCE/UFPE e diretor do Etene/BNB, do qual foi representante no Conselho Deliberativo da Sudene no começo da década de 1960 e do DRH (1964-1965), além de superintendente-adjunto do organismo regional (1966-1967).

¹²⁵² Albuquerque, 2021.

Desenvolvimento Econômico”, o “Curso de Estatística Aplicada à Análise Econômica” e o “Curso de Planejamento Operativo”¹²⁵³. Sob a coordenação do matemático Austregésilo Spindola¹²⁵⁴, a Sudene chegou a criar uma Divisão Central de Estatística, “que ambicionava racionalizar coleta, processamento, guarda e divulgação de dados econômicos e sociais necessários a todas as atividades dos órgãos”¹²⁵⁵.

Ainda na Unicap, a Sudene – em parceria com a Cepal, o BNB, a UFPE e o Centro Regional de Administração Municipal – promoveu “Cursos de Elaboração e Análise de Projetos Agrícolas” para formar analistas em economia agrícola. Nesses cursos, foram treinados estudantes universitários e funcionários públicos estaduais e municipais nas técnicas de coleta de dados para a elaboração de orçamentos públicos, que deixariam de ser “previsões inseguras” e passariam a ter “organicidade” e “continuidade”¹²⁵⁶.

A Divisão de Administração Pública da autarquia regional também treinou quadros das Secretarias de Finanças dos estados nordestinos em “documentação econômica” e “programação orçamentária” visando a “criação de uma máquina executiva eficiente, capaz de finalizar satisfatoriamente os seus programas e projetos”¹²⁵⁷. Com a Cepal e o BNDE, a Sudene ofereceu o CTPDE entre 1961 e 1963 e financiou bolsas de estudos para alunos da região. A autarquia regional também ofereceu cursos intensivos de “administração municipal” no escopo de sua “política de interiorização do desenvolvimento nordestino”¹²⁵⁸, atualizando e uniformizando os currículos do curso de administração pública das escolas superiores da região e as estruturas administrativas dos governos locais.

Como já sugerido, a ampliação do campo de ação das ciências econômicas no Nordeste se ligou em grande medida à trajetória de Furtado, que impulsionou a renovação do ensino e da pesquisa na área econômica no Brasil; publicou *Formação Econômica do Brasil* (1959) e outros livros que alcançaram sucesso editorial imediato na década de 1960, popularizando a economia e ampliando a esfera de influência dos economistas na máquina estatal; se construiu como o antípoda dos praticantes estabelecidos do *establishment* universitário em economia no país (“ortodoxos” ou “monetaristas”), obtendo ampla projeção e reconhecimento – inclusive de seus adversários¹²⁵⁹; como integrante de bancas examinadoras para o preenchimento de cadeiras de

¹²⁵³ Recursos Humanos, *Sudene Informa*, v. 7, n. 1-2, 1969, p. 9-10.

¹²⁵⁴ “Nosso estatístico-mor” (Limeira e Alves, 1992, p. 50), Austregésilo Spindola foi professor da Escola de Engenharia da UFPE, ensinou estatística nos cursos TDE e chefiou a seção de estatística do Departamento de Política Agrícola da Sudene na década de 1960 (Curso de estatística, *Sudene Informa*, v. 5, n. 1, 1967, p. 18).

¹²⁵⁵ Limeira e Alves, 1992, p. 49.

¹²⁵⁶ Cursos de aperfeiçoamento, *Sudene Informa*, v. 1, n. 4, 1962, p. 10.

¹²⁵⁷ Nossos recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 7, n. 11-12, 1969, p. 36.

¹²⁵⁸ Cram deu curso em Montes Claros, *Sudene Informa*, v. 5, n. 11-12, 1967.

¹²⁵⁹ “Eugênio Gudín confere uma exagerada importância ao dr. Celso Furtado, no quadro dos acontecimentos

economia nas universidades latino-americanas e o criador e/ou inspirador de novos departamentos econômicos nas universidades brasileiras¹²⁶⁰, ele chancelou uma orientação teórica (o estruturalismo histórico) e um currículo “modernos” para as ciências econômicas; finalmente, Furtado foi idealizador, criador e primeiro presidente de uma Superintendência que deu impulso ao mercado de trabalho para economistas no Nordeste, tornando-se um totem para esses novos profissionais.

Como ocorreu nas áreas acima, Furtado, “economista que tantos serviços prestou ao país como administrador, escritor e técnico de renome internacional”¹²⁶¹, foi escolhido paraninfo e patrono por diversas turmas de formandos em ciências econômicas em todo o país¹²⁶².

3.8. Serviço social

Na área de serviço social, a Sudene visava “alcançar uma técnica de ação comunitária justificável economicamente”¹²⁶³. Com o intuito de “valorizar os recursos humanos, incorporando-os no processo de desenvolvimento”, e mirando “a superação das resistências aos programas e projetos a serem implantados”¹²⁶⁴ e a participação das populações impactadas por seus programas no processo de desenvolvimento, o organismo regional induziu a formação de uma “mentalidade comunitária”¹²⁶⁵ “respeitando as tradições e valores do povo, e utilizando-os, oportunamente, para o desenvolvimento”¹²⁶⁶. Com esse objetivo, a Sudene – com a UFRN – estruturou o Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (Crutac).

Em 1964, a Sudene e a Associação das Escolas de Serviço Social do Nordeste realizaram o “Curso de Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento de Comunidades” para professores das Escolas de Serviço Social da região¹²⁶⁷. Na década de 1960, o órgão regional promoveu pelo menos três encontros das Escolas de Serviço Social do Nordeste, que visaram a

políticos e administrativos do país. Lendo-o, afigura-se-nos que o gerente da Sudene é o dono da metade do Brasil” (Chateaubriand, 1962).

¹²⁶⁰ No começo da década de 1960, Furtado foi o autor do projeto de criação do Departamento de Economia da UNB, foi examinador de um concurso para provimento da cátedra de teoria econômica da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Central, da Argentina, e, solicitado pelo BID, integrou a comissão responsável pela criação *Escuela Latinoamericana de Economía* (Celso Furtado vai à Argentina, *Diário de Pernambuco*, 25/2/1960; Universidade de Brasília: Celso Furtado fará Departamento Econômico, *Diário de Pernambuco*, 26/10/1960).

¹²⁶¹ C. Furtado e C. H. Cony homenageados, *Correio da Manhã*, 24/9/1964.

¹²⁶² “O sr. Celso Furtado viaja, hoje, para Fortaleza, onde vai paraninfar a turma de economistas da Universidade local. Em seguida, atenderá idênticos compromissos em Salvador, no Rio de Janeiro e em Juiz de Fora” (Campanha contra Plano Diretor resultou de equívoco: diz Celso ao voltar da Paraíba, *Diário de Pernambuco*, 14/12/1960).

¹²⁶³ Assessor da ONU visita Nordeste, *Sudene Informa*, v. 4, n. 2, 1966.

¹²⁶⁴ Ação comunitária para acelerar desenvolvimento, *Sudene Informa*, v. 4, n. 10, 1966, p. 8.

¹²⁶⁵ *Ibidem*.

¹²⁶⁶ *Ibidem*.

¹²⁶⁷ Departamento de Recursos Humanos, *Sudene Informa*, v. 2, n. 2, 1964, p. 14.

reformulação dos currículos segundo as diretrizes da reforma universitária¹²⁶⁸. Em 1966, a Sudene promoveu o “Seminário de Ação Comunitária no Nordeste”¹²⁶⁹. Na Escola de Serviço Social de Pernambuco, e com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), a Sudene financiou um programa de treinamento em “planejamento social”¹²⁷⁰.

Como sugerido até aqui, a Sudene teve uma atuação destacada na modernização das instituições públicas de nível superior do Nordeste. O órgão desenvolvimentista capacitou professores, contratou estudos, montou uma infraestrutura de pesquisa na região, reformulou os currículos, renovou os materiais pedagógicos e patrocinou pesquisas de campo e o conhecimento empírico das realidades locais na contramão do “ensino verbalístico e acadêmico, divorciado da realidade nacional e distante das necessidades do mercado de trabalho”¹²⁷¹.

Com esses objetivos, e no contexto da discussão sobre a reforma universitária e do impulso ao ensino superior pelo regime militar, no final da década de 1960 a autarquia de desenvolvimento também interferiu na montagem do sistema regional de pós-graduação em algumas áreas estratégicas, pretendendo estreitar as relações com as universidades em face dos “problemas da modernização regional”¹²⁷².

4. Pós-graduação

Entre as décadas de 1960 e 1970, a Sudene concedeu bolsas de estudos para pesquisadores de pós-graduação da região e também para alguns de seus técnicos, que foram estudar nos principais centros universitários do Brasil, da Europa e dos Estados Unidos¹²⁷³.

Foi um programa ambicioso de formação profissional no exterior. Numa época de maiores dificuldades políticas, isso foi uma porta de saída para os estudantes que queriam fazer pós-graduação no exterior e praticamente só contavam com o apoio da Sudene. Porque a Sudene recebia uma quantidade enorme de oferta de recursos. E a gente tinha uma quantidade enorme de oferta de cursos no exterior.¹²⁷⁴

¹²⁶⁸ Serviço Social, *Sudene Informa*, v. 5, n. 2-3, 1967, p. 25.

¹²⁶⁹ *Ibidem*.

¹²⁷⁰ Convênio, *Sudene Informa*, v. 6, n. 4, 1968, p. 18.

¹²⁷¹ Sudene, 1973.

¹²⁷² Em 1970, o general Tácito Teóphilo de Oliveira (1914-2011), superintendente da Sudene entre 1969 e 1971, disse o seguinte na ocasião do I Encontro de Reitores do Nordeste: “Temos reiterado nosso propósito de estreitar operativamente as relações de trabalho entre a Sudene e as Universidades. [...]. Há, com efeito, muito de [sic!] comum e de complementar nas atitudes com que uma e outras se colocam em face dos problemas da modernização regional. A Sudene, promovendo pragmaticamente esse processo, e convocadas as Universidades a apoiá-la em termos de cultura, ciência e tecnologia, de modo a contribuir para a formação e o aperfeiçoamento da mão-de-obra de nível superior reclamada pelas posições-chaves do desenvolvimento, e a multiplicar, ao mesmo tempo, as oportunidades de criação e adequação do setor através de pesquisas” (I Encontro de Reitores do Nordeste, *Sudene Informa*, v. 8, n. 1-2, 1970, p. 13).

¹²⁷³ “Não tinha outra entidade com a capacidade de intercâmbio da Sudene” (Albuquerque, 2021).

¹²⁷⁴ Albuquerque, 2021.

A Sudene ofertou cursos de pós-graduação *latu sensu* nas áreas “que a gente percebia que tinha uma formação muito aquém das necessidades da região Nordeste. Praticamente a gente começava tudo de novo com eles [os estudantes recém-graduados], tentando, com os cursos intensivos, dar uma ideia do que seria necessário para trabalhar”¹²⁷⁵.

Com o BNB, a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep – criada em 1967 para financiar a implantação de programas de pós-graduação nas universidades brasileiras), o CNPq, que, entre 1964 e 1970, foi dirigido pelo recifense Antônio Moreira Couceiro (1914-1978), e a FF, a autarquia regional impulsionou o treinamento de pesquisadores em nível de pós-graduação no Centro de Ciências Agrárias da UFC¹²⁷⁶.

Na área da saúde, a Divisão de Treinamento da Sudene organizou uma série de cursos de especialização ("Planejamento de Saúde", "Visitadoras de Saúde Pública", "Técnicos em Estatística de Saúde", "Inspetores de Saneamento", "Administração de Serviço de Saúde" e "Administração para Enfermeiras"), chegando a oferecer um curso de mestrado em saúde pública com a UFPE¹²⁷⁷.

Nas ciências econômicas, a Sudene – com a FF e a Usaid – financiou o curso de pós-graduação do Centro de Aperfeiçoamento de Economistas do Nordeste (Caen), ligado à Faculdade de Ciências Econômicas da UFC. O curso foi criado “no intuito de estimular os economistas a aperfeiçoarem seus conhecimentos, notadamente sobre os problemas da vida nordestina e nortista, em vista da fase de desenvolvimento por que atravessa”¹²⁷⁸, com base em um “programa de treinamento de alto nível”¹²⁷⁹.

No período de estruturação do sistema nacional de pós-graduação pelos militares no poder, que investiram na expansão do ensino superior em função das necessidades de seu projeto de “Brasil grande”, o órgão desenvolvimentista financiou a “ampliação dos Institutos criados pela Cosupi [Comissão Supervisora do Plano dos Institutos] de modo a que cada uma das três Universidades mais antigas do Nordeste – Ceará, Recife e Bahia – tenham condições de manter cursos regulares de pós-graduação *stricto sensu* destinados a formar especialistas de alto nível”¹²⁸⁰. No âmbito das diretrizes do III e IV Planos Diretores, a autarquia deu ênfase “à implantação e/ou fortalecimento dos institutos centrais e centros de estudos especiais, bem

¹²⁷⁵ *Ibidem*.

¹²⁷⁶ Prisco, 2019

¹²⁷⁷ Recursos Humanos, *Sudene Informa*, v. 7, n. 1-2, 1969, p. 9-10.

¹²⁷⁸ Economistas nordestinos contam agora com um centro de treinamento em Fortaleza, *Diário de Pernambuco*, 14/12/1966.

¹²⁷⁹ *Ibidem*.

¹²⁸⁰ Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 1, n. 4, 1963, p. 23.

como aos programas que objetivem a participação da Universidade no desenvolvimento da pesquisa tecnológica”¹²⁸¹.

Na próxima seção, será detalhado o investimento da Sudene nas áreas da sociologia, educação, administração de pequenas e médias empresas e engenharia de transportes. A prioridade àqueles dois primeiros campos disciplinares se explica, provavelmente, pelas críticas dirigidas à Sudene de Furtado como uma instituição “economicista”, o que exigiria um maior esforço na frente “social”. Já a formação de especialistas em pequenas e médias empresas buscava contrabalançar o financiamento industrial às grandes empresas multinacionais e do centro-sul do país, integrando a economia nordestina no processo de concentração do poder econômico já bastante avançado no centro dinâmico da economia do país¹²⁸². O aperfeiçoamento de técnicos em transportes com vistas à interligação do território brasileiro era uma exigência do processo de oligopolização da economia nacional¹²⁸³.

4.1. Pimes

Criado em 1967 e capitaneado por Heraldo Souto Maior¹²⁸⁴, o Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia (Pimes) da UFPE foi apoiado pela Sudene, coroando o processo de implantação das modernas ciências sociais em Pernambuco, que teve início com Gilberto Freyre, introdutor da prática sistemática da pesquisa empírica e criador do IJNPS no final da década de 1940, um “passo definitivo na direção da sistematização”¹²⁸⁵.

Na década de 1950, em Pernambuco, foram criados os primeiros cursos de ciências sociais na Faculdade de Filosofia do Recife (Fafire), na Faculdade de Filosofia de Pernambuco (Fafipe), na Escola de Serviço Social de Pernambuco, na FCE/UFPE e no Instituto de Ciências Políticas e Sociais. Naquele período, “começa a aparecer a necessidade de pesquisa e de sociólogos para diversas instituições governamentais”¹²⁸⁶, marcando a transição do

¹²⁸¹ Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 6, n. 6, 1968, p. 12.

¹²⁸² Andrade, J., 2002.

¹²⁸³ Oliveira, F., 2008.

¹²⁸⁴ Bacharel em direito na UFPE (1952) e mestre em sociologia e antropologia pela *Michigan State University* (1962), Heraldo Souto Maior (Sairé/PE, 1928) estagiou no antigo IJN, foi professor da Fafire, trabalhou na seção regional do SSR no Recife, integrou a Divisão de Sociologia do ICH, fundou – com o economista Roberto Cavalcanti de Albuquerque – o Pimes na segunda metade da década de 1960, onde foi professor, chefe do Departamento de Ciências Sociais e coordenador do mestrado em sociologia em diversas ocasiões. “Um grande cavador de convênios de apoio financeiro” para o Pimes (Weber, S., 2021), Heraldo foi distinguido com o título de “pesquisador emérito” pela Fundaj e “professor emérito” pela UFPE, respectivamente em 1999 e 2005.

¹²⁸⁵ Souto Maior, 2005, p. 23.

¹²⁸⁶ *Ibidem*, p. 25.

conhecimento sociológico como ponto de vista sobre o social (“sociologia de poltrona”¹²⁸⁷) na FDR¹²⁸⁸ para a análise sistemática da sociedade.

Na década de 1960, com o apoio financeiro da Sudene, o ICH/UFPE¹²⁸⁹ iniciou o processo de institucionalização da pesquisa social e da formação sistemática de pesquisadores em ciências humanas em Pernambuco¹²⁹⁰. De acordo com Silke Weber¹²⁹¹, bolsista da Sudene no ICH no começo dos anos 1960, o projeto do Instituto “batia bastante bem com a proposta da Sudene, que era exatamente formar quadros de alto nível no Nordeste”¹²⁹². Segundo a socióloga, “o ICH já dispunha de alguma capacidade instalada (um pequeno laboratório e um grupo de pesquisadores) que já poderia dar início às pesquisas sociais para a Sudene”¹²⁹³.

No começo da década de 1960, o ICH e a Sudene realizaram pesquisas sobre o “O déficit habitacional do grande Recife” e um “Diagnóstico da agricultura do Nordeste”. Entre 1963 e 1964, o órgão regional e o ICH promoveram cursos de teoria e pesquisa em sociologia e economia, “considerando a pesquisa nesses campos prioritária para o planejamento, execução

¹²⁸⁷ *Ibidem*, p. 22.

¹²⁸⁸ “Na Faculdade de Direito se estudava tudo. Havia até quem estudasse direito” (*Ibidem*).

¹²⁸⁹ O norte-rio-grandense Paulo Rosas (1930-2003) é reconhecido como um pioneiro da psicologia social em Pernambuco. Bacharel em filosofia na Unicap, mestre em psicologia em Madri (1954), doutor e livre docente em psicologia na UFPE, Rosas foi professor de educação e didática na Fafire e na UFPE desde a década de 1950. Na UFPE, ele criou o Departamento de Psicologia e o Programa de Pós-graduação em Psicologia, tornando-se um emblema da institucionalização da área em Pernambuco. Ele também liderou a criação do ICH/UFPE e se engajou no movimento da intelectualidade pernambucana pela alfabetização popular, que foi coordenado pelo Movimento de Cultura Popular (MCP) (Oliveira, L., 2001; Rosas, 1997).

¹²⁹⁰ “O ensino e a pesquisa na Universidade vão encontrar-se oficialmente em 1963, no Instituto de Ciências do Homem” (*Ibidem*).

¹²⁹¹ Com uma trajetória de prestígio nas ciências sociais brasileiras, Silke Weber (Aracaju/SE, 1938) nasceu em uma família de classe média de origem alemã e, na década de 1960, se formou em pedagogia na Fafire, militou na Juventude Universitária Católica (JUC) e no Movimento de Cultura Popular (MCP), e integrou a Divisão de Psicologia do ICH. Com uma bolsa do *Comité France Amérique Latine*, ela estudou no *Institut International de Recherche et de Formation Éducation et Développement* (Irfed), criado e dirigido pelo padre Lebret, especializando-se em planejamento da educação, “vertente que ganhava visibilidade no debate sobre o papel da educação no desenvolvimento social e econômico que caracterizou o período pós-guerra e que se institucionalizava na região Nordeste mediante a criação da Sudene” (Weber, S., 2022, p. 75). Silke cursou o mestrado em psicossociologia na *EHESS* (1964-1966) e se doutorou em sociologia na *Université René Descartes – Paris V* com a tese *Les aspirations à l'éducation dans une ville du nord-est du Brésil* (1972), que aproveitou os dados educacionais coletados e sistematizados pela pesquisa “Aspectos socioeconômicos da educação no Nordeste” (convênio Pimes/UFPE e Sudene) (Weber, S., 2021). Com especializações no exterior (Bremen, Paris V e *London School of Economics and Political Sciences*), Silke ajudou a criar e ensinou no Pimes (hoje Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFPE) a partir de 1968 e lecionou por 35 anos no Departamento de Psicologia da UFPE, tornando-se “professora emérita” desta Universidade. A socióloga recebeu a “Medalha do Mérito Científico” (grau Comendador) do MCT (2007) e o “Prêmio Florestan Fernandes” (2009) da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). Reconhecida no meio educacional, Silke foi secretária de Educação de Pernambuco no segundo e terceiro governos de Miguel Arraes (1987-1990 e 1995-1998) e integrou o Conselho Nacional de Educação (CNE, 1996-2001) (Weber, S., 2015).

¹²⁹² Weber, S., 2021. Como lembra Heraldo Souto Maior, “o ICH já dispunha de alguma capacidade instalada (um pequeno laboratório e um grupo de pesquisadores) que já poderia dar início às pesquisas sociais para a Sudene” (Souto Maior, 2005, p. 29).

¹²⁹³ *Ibidem*, p. 29.

e avaliação dos seus programas de desenvolvimento”¹²⁹⁴. Em parceria com a Sudene, o ICH realizou uma pesquisa sobre as necessidades de mão de obra de nível médio e superior, sobre as condições de vida dos nordestinos e pesquisas demográficas e socioculturais de apoio aos programas e projetos da autarquia regional.

As divisões de pesquisa do ICH (Psicologia, Sociologia, Sociologia do Direito, História, Economia, Antropologia e Filosofia) foram absorvidas pelos novos institutos universitários da UFPE criados no final da década de 1960. No âmbito do recém-criado Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH/UFPE), que absorveu as Divisões de Sociologia e Psicologia do ICH, foi organizado o Pimes, junção (economia e sociologia) “que fazia parte do clima de interdisciplinaridade existente em Pernambuco”¹²⁹⁵. Além disso, “a ideia era simpática aos assessores da Fundação Ford”¹²⁹⁶.

Não se deve esquecer que o aporte dos recursos externos oriundos da Sudene, da FF e da Usaid ao Programa [Pimes] contribuiu para que a unidade e a perspectiva interdisciplinar fossem mantidas, pois se constituíam na pedra de toque que permitiram esses financiamentos.¹²⁹⁷

A Sudene, a FF e a Usaid financiaram projetos de pesquisa e distribuíram bolsas de estudos para pesquisadores ligados ao Pimes¹²⁹⁸.

Graças a esse dinheiro da Sudene, da FF e da Usaid nós conseguimos uma quantidade enorme de bolsas.¹²⁹⁹

O apoio da Sudene trouxe como consequência o apoio da Usaid. [...]. A Usaid não estava interessada num programa formal de mestrado, mas na preparação específica de pesquisadores para fornecer à Sudene os dados de que essa agência necessitava para o planejamento econômico e social na Região.¹³⁰⁰

Se nos referimos à pesquisa aplicada, é bom lembrar a necessidade de especialistas e de pesquisas da Sudene e o papel por ela desempenhado na criação e no apoio à pós-graduação em sociologia e economia na UFPE.¹³⁰¹

O órgão regional encomendou para o Pimes a pesquisa “Aspectos socioeconômicos da educação no Nordeste”. Os pesquisadores (Silke Weber, Heraldo Souto Maior, Argentina Rosas, Vera Laureano, Lia Parente Costa e Antônio Valença) viajaram pelos estados do Nordeste coletando dados nas Secretarias estaduais de Educação e elaboraram um relatório

¹²⁹⁴ Instituto de Ciências do Homem treina pesquisadores, *Sudene Informa*, v. 5, n. 1, 1967.

¹²⁹⁵ Souto Maior, 2021.

¹²⁹⁶ *Idem*, 2005, p. 39.

¹²⁹⁷ *Ibidem*, p. 39.

¹²⁹⁸ “Tinha muito bacharel que precisava de apoio. Eles [os estudantes] nem sabiam o que era isso [apoio financeiro à pesquisa]” (Weber, S., 2021).

¹²⁹⁹ Souto Maior, 2003, p. 65.

¹³⁰⁰ *Idem*, 2005, p. 29.

¹³⁰¹ *Ibidem*, p. 5.

sobre as deficiências educacionais da região, que subsidiou o planejamento da Divisão de Educação do organismo desenvolvimentista.

A gente [os pesquisadores do Pimes] preparava as tabelas para mostrar as deficiências e dar elementos para a questão do planejamento para a Divisão de Educação da Sudene. [...]. A gente preparava os dados gerais a partir dos problemas que eles [os programadores educacionais da Sudene] indicavam.¹³⁰²

A Sudene induziu a formação de pessoal de nível de pós-graduação em uma região com elevados índices de crescimento econômico e que necessitava de pessoal qualificado para equacionar os problemas educacionais suscitados pelo desenvolvimento econômico e social. Segundo Silke Weber, “essa experiência de pesquisa [‘Aspectos socioeconômicos da educação no Nordeste’, convênio Pimes-Sudene] não apenas sedimentou aquele interesse [relações entre sociedade e educação] como delimitou a minha área de atuação acadêmica”¹³⁰³.

Como se pode observar, “a Sudene teve um papel muito especial no desenvolvimento da pesquisa científica, na pesquisa social e nas outras áreas também”¹³⁰⁴. Com o Pimes, “a UFPE herdou a tradição de planejamento e fincou raízes profundas no terreno acadêmico, deixando um legado de relevantes serviços prestados à formação e à pesquisa nacional”¹³⁰⁵.

O órgão desenvolvimentista também deu impulso ao mercado de trabalho para cientistas sociais na região, como evidencia o seguinte trecho:

Parece ter sido o SSR a primeira organização governamental de planejamento e/ou ação a ter cargos e a empregar sociólogos, de modo formal, em Pernambuco. Mais adiante, a Sudene seria a agência a requisitar em maior escala pesquisas sociais e a ter posições em seus quadros, embora não formalmente denominados de “sociólogo”, para diplomados no curso de ciências sociais.¹³⁰⁶

No que diz respeito à UFRPE, a agenda de pesquisas extensionista com ênfase no Brasil rural (reforma agrária, cooperativismo e desenvolvimento rural, educação ambiental, convivência com o semiárido) confluía com os programas da Sudene. A UFRPE cooperou com muitas pesquisas de diagnóstico na área agrícola (estrutura da propriedade rural, produtividade, organização da produção) encomendadas pelo órgão regional. Através dessas investigações, a UFRPE capacitou e remunerou seus pesquisadores¹³⁰⁷, montou uma infraestrutura de apoio à

¹³⁰² Weber, S., 2021.

¹³⁰³ *Idem*, 2005a, p. 160.

¹³⁰⁴ *Idem*, 2021.

¹³⁰⁵ Galindo, 2022, p. 59.

¹³⁰⁶ Souto Maior, 2003, p. 26.

¹³⁰⁷ Como sugere o depoimento de Selma Rodrigues de Oliveira (Garanhuns/PE, 1938), bacharel em direito pela Unicap (1964) e em ciências sociais pela UFPE (1966), e bolsista da Sudene no “Curso de Especialização em Teoria Sociológica” oferecido pelo Pimes no final da década de 1960, a Sudene teve papel central na formação das primeiras gerações de cientistas sociais pernambucanos: “Foi aí [nos cursos de pesquisa social do Pimes, alguns deles voltados para o aperfeiçoamento de técnicos da Sudene] que fui sendo forjada pesquisadora. [...]. Eu vivia

pesquisa e se preparou para atender a crescente demanda por pesquisa social com enfoque nos problemas agrários da região¹³⁰⁸. Além disso, o curso de Mestrado em Sociologia Rural foi financiado pela Sudene para a aquisição de equipamentos, montagem de um laboratório, concessão de bolsas de estudos para graduandos e professores em estágios de aperfeiçoamento no exterior¹³⁰⁹.

4.2. Educação

Na área da educação, os programadores da Sudene discutiram a necessidade de aperfeiçoamento dos educadores pelas universidades da região no “I Seminário de Educação e Desenvolvimento” em 1967¹³¹⁰. Em 1970, com o Instituto Internacional de Planejamento da Educação (IPE/Unesco) e o CRPER/Inep, o órgão regional promoveu o “Curso de Planejamento da Educação”, de pós-graduação *latu sensu*¹³¹¹. O curso ajudou a introduzir a temática do planejamento educacional na grade curricular dos cursos de graduação e de pós-graduação em educação¹³¹².

Na década de 1970, a Divisão de Educação organizou cursos intensivos de capacitação educacional com o IJNPS e a UFPE. Contribuiu, também, na estruturação do mestrado do Centro de Educação da UFPE, distribuindo bolsas de estudos para candidatos selecionados na região e patrocinando algumas das especialistas em educação de seu *staff* técnico (Maria das Graças Correa de Oliveira, Helena Márcia, Christina Araújo, Carmen Lacerda e Janice Japiassu)¹³¹³.

nesse banho de Sudene, de construção do desenvolvimento regional. Isso era meu ambiente normal” (Rodrigues, S., 2021).

¹³⁰⁸ “Não havia grupos de pesquisa aparelhados para fazer a quantidade de diagnósticos necessários para a política de desenvolvimento do Nordeste. [...]. A Rural não tinha corpo docente suficiente para dar conta das pesquisas demandadas” (*Ibidem*).

¹³⁰⁹ *Ibidem*.

¹³¹⁰ Sudene, 1967, p. 39.

¹³¹¹ Maciel, 1973, p. 7.

¹³¹² “A Sudene já vinha levando as universidades a assumir o planejamento como uma área da educação” (Oliveira, M., 2021).

¹³¹³ De uma família de classe média declinante (pai comerciante e mãe professora primária), Maria das Graças Corrêa de Oliveira (São Luís/MA, 1938) cursou o secundário no tradicional Liceu Maranhense e estudou Letras na Faculdade de Filosofia do Maranhão (depois anexada pela UFMA). Ela foi contratada pela Sudene como “educadora sanitária” do GIPM em 1963, onde trabalhou com formação de professores. Mudando-se para o Recife, Graça Oliveira se matriculou no II TPE em 1966 e ingressou na Divisão de Educação, onde trabalhou até a aposentadoria. Apoiada pela Sudene, ela integrou a primeira turma de mestrado do Centro de Educação da UFPE em 1972, preparando – com orientação de Silke Weber – a dissertação “Planejamento educacional e clientelismo político” (1987), refletindo sobre realidades observadas em seu dia a dia como programadora educacional da Sudene. Entre 1987 e 1990, convidada por Silke Weber, que era secretária estadual de Educação, ela foi diretora dos departamentos de Coordenação e Planejamento da Secretaria de Educação de Pernambuco, e coordenou os planos estaduais e os Fóruns Itinerantes de Educação, que, no contexto da redemocratização, buscaram criar canais

4.3. Administração de empresas

No âmbito do Programa de Pequena e Média Indústria (PMI), o Departamento de Indústria da Sudene selecionou alguns de seus técnicos (Geraldo Medeiros, Geraldo Targino da Silva, José Gualberto de Freitas Almeida, Marcos Dantas Lira, Marlos Jacob Tenório de Melo, Paul Joubert Filho e Valfrido Salmito Filho¹³¹⁴) para uma pós-graduação de dois anos em

para a participação cidadã na elaboração, execução, supervisão e fiscalização das políticas públicas educacionais em Pernambuco (Oliveira, M., 2021). Helena Márcia Rabelo Brasileiro (Recife/PE, 1940) nasceu em uma família do interior pernambucano (de Aliança e Timbaúba, no agreste) radicada no Recife. Sua mãe estudou pedagogia e trabalhou como professora primária. Seu pai, cursou o secundário no GP, se diplomou em direito na FDR, se tornou professor de geografia de diversas escolas da capital e da UFPE, onde foi diretor da Escola de Aplicação. Seu tio (Sylvio Rabelo) também estudou no GP e na FDR, foi professor em diversas instituições educacionais do estado (Escola Normal, Fafire e UFPE), foi diretor do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac/PE) (1947-1962), secretário estadual de Educação (1949-1950) e diretor do Departamento de Psicologia Social do IJNPS (1966-1972) (Brasileiro, 2022). Depois de cursar o secundário voltado ao magistério e estudar pedagogia na UFPE (se formou em 1962), Helena Márcia cursou o I TPE em 1963 – “Ninguém nem sabia o que era. Meu tio, que era secretário de Educação, foi quem informou meu pai o que era a Sudene. [...]. Era novidade” (Ibidem) – e ingressou na Divisão de Educação, onde trabalhou até se aposentar. Helena Márcia atuou no Setor de Educação Primária, assessorou a implantação do planejamento educacional nas burocracias estaduais e municipais da região e chegou a ser diretora-adjunta da Divisão de Educação. No final da década de 1980, com o auxílio da Sudene, ela cursou o mestrado no Centro de Educação da UFPE e estudou o paradoxo do crescimento da categoria do “professor leigo” (sem titulação) em um momento de acelerada modernização do ensino e de grande pressão pela profissionalização do professorado no estado e no país. Vencedora do Concurso de Teses da Fundaj, sua tese foi publicada em livro pela Editora Massangana com o título *Professor leigo e políticas educacionais* (1994). Após se aposentar, ela foi levada por Graça Oliveira para a Secretaria de Educação de Pernambuco – “A gente trabalhou juntas na Sudene. Ela conhecia meu trabalho” (Ibidem). Na década de 1990, ela foi assessora do MEC em um projeto para a implantação de órgãos de planejamento nas Secretarias estaduais de Educação, para o que foi decisiva sua experiência na Sudene – “Como eu trabalhava com planejamento [na Sudene] eu me inscrevi, fui selecionada e trabalhava em vários estados” (Ibidem). A técnica educacional também integrou o Conselho Federal de Educação de Pernambuco e trabalhou na Secretaria de Educação do Recife. Christina Araújo estudou biblioteconomia e pedagogia na Fafire, militou na JUC, cursou o I TPE e foi contratada pela Divisão de Educação, onde trabalhou até 1990, desviando-se da carreira do magistério. Na Divisão de Educação, ela trabalhou nos programas de distribuição de bolsas de estudos para pré-vestibulandos e de melhoria das instalações físicas e capacitação de professores para as escolas agrícolas nordestinas. Com o apoio do órgão desenvolvimentista, a especialista na área educacional integrou uma das primeiras turmas de mestrado do Centro de Educação da UFPE na década de 1970. Orientada por Manuel Correia de Andrade, sua dissertação foi publicada em livro, em 2002, com o título *A Escola Nova em Pernambuco: educação e modernidade* (Araújo, M., 2022). Filha de um médico baiano (graduado na FMR) com uma pernambucana, Carmen Silvia Maurício de Lacerda (Maceió/AL, 1943) estudou desenho e artes plásticas na UFPE, ingressou na equipe de artesanato da Sudene em 1962 e, após ser aprovada em um concurso interno, foi transferida para na Divisão de Educação em 1971, onde trabalhou no setor de assistência técnica às Secretarias de Educação do Nordeste. Com o apoio da autarquia desenvolvimentista, ela cursou o mestrado em educação na UFPE (1987-1989). Em sua dissertação – *Planejamento educacional no Nordeste: a formação de quadros* – foi examinada a capacitação de planejadores educacionais no contexto das transformações ocorridas no Nordeste entre as décadas de 1960 e 1970. Carmen Lacerda também trabalhou como assessora do DRH, aposentando-se em 1991 (Lacerda, 2023). Por seu turno, Janice Japiassu (Monteiro/PB, 1939-2019) se bacharelou em filosofia pela UFPE, trabalhou na Divisão de Educação (1966-1991), onde desenvolveu programas voltados para a educação rural, e cursou o mestrado em educação na UFPE com o patrocínio da Sudene. Escritora, poetisa e *designer*, Japiassu também foi um dos nomes mais destacados do Movimento Armorial (Slater, 1979).

¹³¹⁴ O cearense Valfrido Salmito (São Benedito/CE, 1934-2022), bacharel em filosofia no Seminário de Olinda (1955-1956) e em direito na UFC (1957-1961), trabalhou no BNB (1959-1962), onde foi diretor entre 1974 e 1978, e cursou o II TDE em 1962, tornando-se analista de projetos têxteis, chefe da Divisão de Programas Especiais, chefe de PMI, diretor-adjunto e diretor do DI entre as décadas de 1960 e 1970 e superintendente da Sudene no período 1978-1984. Salmito recebeu treinamento em PMIs em Hamburgo, Kiel, Berlim Ocidental, Tóquio, Seul e

pequena e média indústria promovida pelo *Research Institute for Management Science* da Universidade de Delft, na Holanda, ou na Faculdade de Economia e Administração da USP. De volta ao Recife, e com a assessoria do programa de assistência técnica internacional do governo holandês, esses técnicos do PMI estruturaram o “I Curso de Treinamento de Especialistas em Administração de Pequenas e Médias Empresas” em 1968 (duração de quatro meses) voltado para o treinamento de engenheiros, economistas e administradores de empresas de todos os estados do Nordeste¹³¹⁵. Esse curso foi replicado nas capitais nordestinas nos anos seguintes com o objetivo de estruturar o corpo técnico e o esquema de trabalho dos Núcleos de Apoio à Indústria (NAIs) nos estados da região¹³¹⁶.

Como será visto na próxima seção, o órgão também atraiu muitos especialistas estrangeiros para o Nordeste, propiciando o aperfeiçoamento técnico do pessoal local e a circulação transnacional de saberes e práticas científicas, ajudando a criar as condições para o ensino, a pesquisa científica e a inovação tecnológica na região¹³¹⁷.

Esses fatores somados contribuíram para o arranque das instituições científicas e tecnológicas nordestinas na década de 1970 pelos governos militares, que encontraram na região universidades que buscavam superar seu atraso, se modernizar e atingir os níveis de excelência científica encontrados nos centros de ensino e pesquisa do Centro-Sul. A Sudene impulsionou esse processo de modernização das universidades da região, que, no período

na Índia (CPDOC-DHBB, verbete Valfrido Salmito Filho). O pernambucano Marlos Jacob (morto em 2014), engenheiro pela UFPE, se especializou em PMI na Holanda, foi o idealizador NAI/PE, superintendeu este Núcleo na década de 1970, se destacou como um dos criadores do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae/PE), foi presidente interino da Sudene (1984-1985) e foi secretário da Indústria e do Comércio de Pernambuco (1985-1986). Bacharel em direito pela UFPB, o paraibano Geraldo Medeiros foi consultor da Planejamentos Industriais e Serviços de Assessoria (Planisa), trabalhou como técnico do PMI da Sudene, se especializou em consultoria empresarial pela Universidade de Delft na FEA/USP, foi diretor do NAI/PE nos anos 1970 e, em meados da década seguinte, foi secretário de Indústria e Comércio da Paraíba. O também paraibano Marcos Dantas Lira, engenheiro pela UFPE, foi um dos idealizadores e chefes do PMI da Sudene e se especializou no curso Delft em São Paulo. Geraldo Targino da Silva, outro economista paraibano diplomado pela UFPB, se especializou em consultoria empresarial no curso Delft na USP entre 1967 e 1968 e foi um técnico de carreira do NAI/PB (Andrade, J., 2002). O paraibano Paul Joubert Filho (João Pessoa/PB, 1937), economista pela UFPB (1963), funcionário do Banco do Brasil (1963-1966), egresso do Curso de Elaboração e Avaliação de Projetos do BNB com a UFPB em 1961, economista da Sudene, iniciou a carreira na Divisão de Pesquisa e Programação Industrial (1965-1967) e foi chefe da seção de Assistência Técnica (1967-1969) e de Assistência Financeira (1969-1971) da Divisão de Pequena e Média Indústria, que ele dirigiu entre 1971 e 1980. Ele se especializou em consultoria empresarial no curso do Instituto Delft na USP e participou de diversos cursos de curta duração patrocinados pela Sudene (Joubert Filho, 2022). O pernambucano José Gualberto de Freitas Almeida (Sertânia/PE, 1942), engenheiro mecânico pela UFRJ (1963-1966), trabalhou no PMI da Sudene entre 1966 e 1969, quando fez estudos de pós-graduação em consultoria empresarial no curso da Universidade de Delft na USP. Ele se desligou da autarquia regional para trabalhar no setor privado. Na política, Gualberto foi secretário estadual de Agricultura de Pernambuco (1970-1971) e prefeito de São Santa Maria da Boa Vista/PE (1993-1996) (Almeida, J., 2022).

¹³¹⁵ Andrade, J., 2002.

¹³¹⁶ *Ibidem*.

¹³¹⁷ “A discussão sobre o papel das universidades no desenvolvimento científico e tecnológico do Nordeste teria pouco sentido há dez anos [1966], quando o processo de formação de pesquisadores não estava institucionalizado no Brasil” (Rezende, 2010, p. 124).

seguinte, se desenvolveriam a reboque do organismo regional.

4.4. Engenharia de transportes

Muitos engenheiros do Departamento de Transportes da Sudene cursaram "Especialização em Pavimentação Rodoviária" e "Administração Rodoviária", oferecido pela Divisão de Treinamento da Sudene¹³¹⁸.

Com a criação do Grupo Executivo para Integração de Políticas de Transportes (Geipot) em 1965, uma iniciativa do governo central para planejar e integrar o sistema viário brasileiro tendo em vista as necessidades do processo de desenvolvimento econômico¹³¹⁹, o órgão regional emprestou alguns de seus engenheiros especializados em transportes para estruturar os cursos do Geipot, que se tornaria uma referência na formação de recursos humanos para o setor público (municípios, Estados e União), o setor privado (consultorias e operadoras de serviços de transportes) e as instituições estrangeiras (da América Latina e África).

Para estruturar a primeira equipe técnica do Geipot, a autarquia regional financiou alguns de seus técnicos em cursos de mestrado nos Estados Unidos – Bernardo Monteiro – e na Inglaterra – Clovis Fontes de Aragão (chegou a ser superintendente do Geipot e secretário-executivo do Ministério dos Transportes na década de 1990), Márcio Saraiva de Mello (viria a ser diretor da Agência Nacional de Transportes Terrestres – ANTT) e Umberto Rafael de Menezes (se tornou diretor e superintendente do Departamento de Transportes do Geipot entre 1974 e 1979). Ao retornar ao Brasil, eles se estabeleceram em Brasília para replicar os conhecimentos adquiridos no exterior, organizar cursos de planejamento de transportes em diversas cidades do país e ajudar a estruturar a política nacional de transporte do governo central¹³²⁰.

5. Missões estrangeiras

Dado o consenso de que a causa do atraso latino-americano era econômica e que o desenvolvimento econômico era “o problema do século”¹³²¹, a questão das “assimetrias tecnológicas” (padrões tecnológicos, produtivos e comerciais desiguais) se tornou a principal

¹³¹⁸ Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 7, n. 1-2, 1969, p. 9-10.

¹³¹⁹ Barat, 1978.

¹³²⁰ Araújo, S., 2013, p. 138.

¹³²¹ Furtado, 1962, p. 92.

preocupação da Cepal. Furtado, aprendiz de Raúl Prebisch, pensava ser vantajoso o acesso à tecnologia alienígena desde que adaptada às especificidades das nações tomadoras¹³²². Para ele, era necessário orientar o desenvolvimento tecnológico, ampliar o horizonte de possibilidades técnicas e criar uma tecnologia autóctone para não estrangular o processo de desenvolvimento industrial. A assimilação de inovações tecnológicas, vistas pelo paraibano como “a essência do desenvolvimento econômico”¹³²³, a acumulação de conhecimento científico e os progressos na aplicação tecnológica eram os requisitos para romper com a economia tradicional.

Consciente do papel da articulação entre capital e ciência experimental no processo de desenvolvimento econômico, a Sudene priorizou o investimento no desenvolvimento científico e tecnológico. Com a compreensão de que o conhecimento era o insumo principal para superar o atraso do Nordeste brasileiro, o órgão regional assinou convênios de cooperação técnica com os países desenvolvidos e as agências internacionais para endogeneizar o progresso técnico. Foram firmados convênios com os governos da França, de Israel, do Japão, da Alemanha e dos Estados Unidos, dentre outros países, atraindo para o Nordeste uma legião de técnicos estrangeiros. Através desses convênios, o órgão regional esperava absorver o “influxo da tecnologia em permanente renovação”¹³²⁴ e difundir entre os nordestinos o aprendizado das capacidades produtivas e operativas acumuladas pelos países desenvolvidos.

Esses conhecimentos eram vistos como indispensáveis para os planos da Sudene de criar um centro de expansão manufatureira na região, transformar a economia agrária da faixa úmida – “criar uma agricultura nova, dirigida por autênticos empresários, que possa ir minando as bases da velha agricultura feudal”, como queria Furtado¹³²⁵ –, reorganizar a zona semiárida e deslocar a fronteira agrícola na direção da fértil hinterlândia maranhense¹³²⁶.

5.1. Missão francesa

Uma das cooperações técnicas mais exitosas foi a oferecida pela *Associación Pour l'Organisation des Missions de Coopération Technique* (Asmic), pela *Office de la Recherche Scientifique et Technique Outre-Mer* (Orstom), pela *Société Centrale pour l'Équipement du Territoire* (SCET) e por outras instituições ligadas ao governo francês como o *Institut National D'Étude Demographique* (Ined), a *Electricité de France* (EDF), o Escritório de Pesquisas

¹³²² Bianconi, 2018; Boianowsky, 2013.

¹³²³ Furtado, 1964, 31.

¹³²⁴ *Idem*, 1962, p. 87.

¹³²⁵ *Idem*, 1957, p. 53.

¹³²⁶ *Idem*, 2009a.

Geológicas e Minerais da França, o *Institut de Recherches du Hules et Leaginaux* e o *Institut d'Étude du Développement Economique et Social* (Iedes). Como afirmou Stefan Robock à época, “o Nordeste passou a ser o maior campo de atividade assistencial da França na América Latina”¹³²⁷.

A cooperação técnica francesa teve uma atuação destacada no GVJ, que cobria mais da metade do território cearense e da população do Estado e era comandada pelo agrônomo Isaías Vasconcelos de Andrade, “um dos profissionais mais competentes em problemas de irrigação no Nordeste”¹³²⁸. Para lá foram enviados pedólogos, agrônomos, engenheiros, hidrólogos e técnicos em irrigação franceses, “um pessoal muito qualificado”¹³²⁹ e que realizou estudos dos recursos naturais e de suas potencialidades econômicas para a região (plantas oleaginosas, recursos minerais, cotonicultura)¹³³⁰.

Com “maior conhecimento em problemas de desenvolvimento econômico alicerçado em explorações agroflorestais de zonas equatoriais”¹³³¹, os franceses também participaram do Projeto de Povoamento do Maranhão¹³³², “aplicando na região a experiência adquirida na África”¹³³³. Uma potência colonizadora, a França ampliou sua presença nos territórios tropicais e difundiu conhecimentos e técnicas já testados em suas ex-colônias, colaborando para o êxito dos projetos de desenvolvimento agrícola da Sudene.

Diante da escassez de profissionais capacitados para a realização de estudos de fotogeologia, hidráulica subterrânea, técnicas de sondagem, hidroquímica e geofísica, o órgão regional recorreu aos técnicos franceses para formar expertise na região. Com esse intuito, a autarquia e a Asmic organizaram um curso de um ano para geólogos dos órgãos de pesquisas hidrogeológicas da região. Na década de 1960, a Asmic e a Divisão de Hidrogeologia da Sudene também firmaram um convênio para criar uma Bacia-Escola de Hidrogeologia entre os estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, implantando métodos e equipamentos de pesquisa hidrogeológicos “ainda desconhecidos no Nordeste e mesmo no Brasil”¹³³⁴, formando técnicos de nível médio e superior, realizando o inventário hidrogeológico e instalando estações

¹³²⁷ Robock, 1963, p. 158.

¹³²⁸ Souza, J., 1979, p. 182.

¹³²⁹ Cavalcanti, C., 2022.

¹³³⁰ Os franceses prepararam relatórios como o *Etude hydrologique de la basse vallée: rapport préliminaire sur la campagne de 1963 e Mise en valeur du bassin di Jaguaribe: deuxieme phase, programmes et projects (1965-1967) programme de développement de l'élevage*.

¹³³¹ Pessoa, 1966, p. 45.

¹³³² “A experiência dos técnicos franceses, na região seca do Norte da África, trará, sem dúvida, grandes benefícios ao Nordeste” (Duque, 2004, p. 96).

¹³³³ Pessoa, 1966, p. 3.

¹³³⁴ Reservas subterrâneas, *Sudene Informa*, v. 3, n. 1, 1965, p. 9.

pluviométricas na região. Ainda na área da formação de pessoal, o governo francês ajudou a Companhia de Eletrificação Rural do Nordeste (Cerne) no treinamento de técnicos em produção, transmissão e distribuição de energia elétrica¹³³⁵.

Além do envio de técnicos franceses para o Nordeste brasileiro, o acordo de cooperação técnica Sudene-França previa o envio de pessoal do Nordeste para estagiar naquele país. Efetivamente, o governo francês financiou centenas de bolsas de estudos com esse fim¹³³⁶.

5.2. Missão israelense

Com experiência reconhecida na recuperação de regiões secas, a missão israelense também cooperou com a Sudene, disseminando sua experiência com o sistema de irrigação com gotejamento desenvolvido no rio Jordão e em suas colônias agrícolas (os *kibutzim*).

No começo da década de 1960, Brasil e Israel estabeleceram um acordo de cooperação técnica e científica, que previa o intercâmbio de técnicos e cientistas, a prestação de serviços consultivos, a organização de seminários e conferências e a concessão de bolsas de estudos para o estágio de técnicos brasileiros naquele país¹³³⁷.

Com base nesse acordo, os técnicos israelenses (agrônomos, geneticistas, engenheiros hidráulicos e técnicos agrícolas) colaboraram com a Sudene e outros órgãos estaduais e federais na realização de testes com sementes selecionadas e irrigação nas bacias dos rios Jaguaribe e São Francisco¹³³⁸, na prospecção de águas subterrâneas¹³³⁹, na instalação de aldeias produtoras mecanizadas¹³⁴⁰, na difusão de técnicas mais avançadas de perfuração de poços e irrigação e na implantação de culturas agrícolas adaptadas às regiões secas no Nordeste.

A missão israelense também assessorou a implantação de fazendas-modelo mecanizadas e irrigadas pelo sistema de aspersão na região¹³⁴¹. Com a Sudene, os técnicos israelenses estudaram ainda outras bacias da região como a do Moxotó/PE¹³⁴².

¹³³⁵ Cerne prepara especialistas em energia elétrica, *Sudene Informa*, v. 5, n. 9-10, 1967, p. 13.

¹³³⁶ França dá mais bolsas de estudo para Pe: 200, *Diário de Pernambuco*, 1/6/1963.

¹³³⁷ Acordo Brasil-Israel para ajudar o Nordeste, *Correio da Manhã*, 16/3/1962.

¹³³⁸ Sementes, *Sudene Informa*, v. 4, n. 8, 1966, p. 16.

¹³³⁹ A missão israelense identificou “o enorme lençol de águas subterrâneas piauiense, onde hoje floresce a nova base agrícola do estado” (Bacelar, 2009, p. 40).

¹³⁴⁰ Brasil e Israel firmam acordo: este ano se instalará a 1ª aldeia no Estado, *Diário de Pernambuco*, 13/3/1962.

¹³⁴¹ Sorgo híbrido, *Sudene Informa*, v. 4, n. 1, 1966, p. 6-7.

¹³⁴² Bacias fluviais têm estudo integrado, *Sudene Informa*, v. 5, n. 2, 1967.

5.3. Missão alemã

Segundo um ex-diretor de Cooperação Internacional da Sudene nos anos 1960, a autarquia chegou a ter cerca de oitenta técnicos alemães atuando ao mesmo tempo no Nordeste¹³⁴³. Com financiamento do Bundestag e do Fundo Alemão de Ajuda Internacional, a missão alemã de assistência técnica ao Nordeste desembarcou na região para auxiliar os planos do organismo desenvolvimentista no levantamento cartográfico e hidrogeológico, no reequipamento das universidades, na criação de centrais de abastecimento, silos e armazéns, no programa de eletrificação e de reestruturação agrária e no reequipamento de pequenas empresas de pesca. Os técnicos alemães também estudaram bacias do Nordeste, como o do rio Acaraú/CE¹³⁴⁴.

A missão geológica alemã, composta por técnicos de diferentes áreas (geólogos, engenheiros geodésicos e de minas, geoquímicos, hidrogeólogos, especialistas em fotointerpretação), prospectou depósitos minerais em Petrolina/PE, Juazeiro/BA, na Paraíba e na região do Vale do Curaçá e nas cabeceiras do rio Vaza Barris/BA (cobre e cromita) e Juazeirinho/PB (xelita)¹³⁴⁵.

Entre as décadas de 1960 e 1970, a missão geológica alemã empreendeu pesquisas e explorações com lençóis freáticos no oeste de Pernambuco e na Bahia, e instalou laboratórios portáteis de petrografia, fotointerpretação e química na região¹³⁴⁶. O governo da Alemanha também cooperou no Projeto de Colonização de Pindorama, em Pernambuco, com recursos financeiros, equipamentos e pessoal técnico para o programa de meteorologia da Sudene¹³⁴⁷.

5.4. Missão japonesa

A missão japonesa cooperou especialmente na modernização da indústria têxtil nordestina. Na década de 1960, com o auxílio do Senai e da Codepe, o governo japonês disponibilizou equipamentos e treinamento técnico para a instalação de um Centro Regional de Treinamento Têxtil no Bongi, no Recife¹³⁴⁸. Em sintonia com as diretrizes da Sudene na área

¹³⁴³ Alves Filho, 2021.

¹³⁴⁴ Assistência da Alemanha ao Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 1/11/1961.

¹³⁴⁵ Chegou da Alemanha material para pesquisas geológicas, *Diário de Pernambuco*, 6/4/1967.

¹³⁴⁶ “A Missão Alemã tem como norma o trabalho em conjunto com os técnicos brasileiros, aos quais transmite seus conhecimentos e experiências profissionais” (Missão alemã pesquisa, *Sudene Informa*, v. 5, n. 7, 1967, p. 10-11).

¹³⁴⁷ Assistência bilateral, *Sudene Informa*, v. 8, n. 7-8, 1970, p. 17.

¹³⁴⁸ Contra-mestres para a indústria têxtil, *Diário de Pernambuco*, 11/4/1961.

industrial, o Centro mirava a formação de técnicos industriais nas capitais nordestinas, o aperfeiçoamento profissional de mestres e contramestres em tecelagem e fiação, a colocação desses profissionais nas fábricas da região e a elevação dos padrões técnicos do operariado têxtil¹³⁴⁹.

Na área da pesca, o governo nipônico financiou o estágio de pesquisadores nordestinos e técnicos da Sudene em seus centros de treinamento no Japão, que era uma liderança mundial na indústria pesqueira¹³⁵⁰. Os japoneses também estudaram o sistema energético da região¹³⁵¹ e, com base em seu *Development Plan of the Forest Resources in Brazil*, enviaram uma missão científica ao Maranhão para estudar a estruturação de uma indústria de construção civil¹³⁵².

5.5. Missão americana

A missão americana foi muito presente no Nordeste, chegando a ter 133 técnicos¹³⁵³. Após o período de esquecimento do Brasil e da América Latina¹³⁵⁴, os estadunidenses se voltaram para a região e iniciaram uma ofensiva diplomática e militar no Nordeste, “a mais extensa área de baixo nível de desenvolvimento do continente americano”¹³⁵⁵.

Um marco da ajuda americana ao Brasil, que até então se caracterizara como uma “história fragmentária”¹³⁵⁶ e “uma sucessão de improvisações”¹³⁵⁷ ¹³⁵⁸, as relações entre a Sudene e o governo dos Estados Unidos tiveram início com a viagem de Furtado àquele país em julho de 1961 – “Missão Celso Furtado”¹³⁵⁹ – para discutir um plano de cooperação

¹³⁴⁹ Nos cursos do Centro Regional de Treinamento Têxtil, os operários aprendiam “teoria e prática de oficina”, “padronagem”, “tecnologia”, “laboratório”, “desenho”, “ciências”, “higiene”, “segurança no trabalho”, “relações humanas” e “português” (Mão de obra especializada para a região, *Sudene Informa*, v. 4, n. 2, 1966, p. 8-9).

¹³⁵⁰ Centro de Treinamento da indústria têxtil será inaugurado talvez em maio, *Diário de Pernambuco*, 17/1/1963; Curso no Japão, *Sudene Informa*, v. 4, n. 11, 1966.

¹³⁵¹ Técnicos japoneses concluíram estudos sobre o sistema energético do Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 13/12/1966.

¹³⁵² Pessoa, 1966, p. 46.

¹³⁵³ Furtado, 1997 [1989], p. 213.

¹³⁵⁴ “Os Estados Unidos, depois de usarem o Nordeste como base de guerra, pouco fizeram para ajudá-lo no tempo de paz” (Robock, 1963, p. 134).

¹³⁵⁵ Furtado, 2009b, p. 89.

¹³⁵⁶ Robock, 1963, p. 144.

¹³⁵⁷ *Ibidem*, p. 144.

¹³⁵⁸ “A história de ajuda externa ao Nordeste brasileiro pode ser dividida em quatro períodos: (1) o da II Guerra Mundial, quando houve grande atividade na região; (2) o do pós-guerra, no qual o Nordeste foi totalmente abandonado; (3) a década de 1950, em que a área recebeu considerável ajuda das Nações Unidas, mas somente reflexos dos programas norte-americanos destinados ao Brasil; e (4) a era da ‘Aliança para o Progresso’, iniciada em princípio de 1960, quando o Nordeste saiu da obscuridade e adquiriu fama internacional no campo da ajuda externa” (*Ibidem*, p. 135).

¹³⁵⁹ Diretor da Sudene discutirá nos EUA ajuda imediata ao Nordeste, *Correio da Manhã*, 7/7/1961.

americano à região – um “Plano Marshall para o Nordeste”¹³⁶⁰ –, chegando a reunir-se com o presidente John Kennedy (1961-1963) e uma série de autoridades estadunidenses¹³⁶¹. Após extensas negociações, e aparadas as arestas políticas e diplomáticas com o governo *yankee*, muitas autoridades políticas, militares, financeiras e técnicas ligadas aos interesses estadunidenses visitaram o Nordeste em missões oficiais e estabeleceram um acordo com o governo brasileiro sobre as diretrizes do plano de cooperação técnica e financeira dos Estados Unidos para o desenvolvimento do Nordeste brasileiro¹³⁶².

Através do Acordo do Trigo Brasil-EUA e do Programa *Foods for Peace*, os norte-americanos doaram toneladas de alimentos para o estoque estratégico de mantimentos administrado pela Sudene para contornar situações de irregularidade da oferta alimentar no Nordeste¹³⁶³. Vista com otimismo por Furtado no momento de sua criação¹³⁶⁴, a AP atuou em diversas frentes para frear o processo de radicalização social e política na região, que, no contexto da Guerra Fria, era vista como uma ameaça aos interesses estadunidenses no Brasil. Além desses programas, os norte-americanos se instalaram no Nordeste através da *Peace Corps Agency* e a *Catholic Relief Service*, que se definiam como organizações que levavam desenvolvimento para as zonas subdesenvolvidas.

Desde a “Missão Bohan” (referência a Merwin Bohan, embaixador e chefe da caravana de técnicos enviada ao Nordeste pelo governo norte-americano entre outubro de dezembro de 1961 e que preparou o relatório *Northeast Team Survey Report*¹³⁶⁵), os Estados Unidos adotaram uma postura ambivalente com a agenda programática da Sudene e procuraram sabotar

¹³⁶⁰ Técnicos e ajuda dos EUA para o desenvolvimento do Nordeste, *Correio da Manhã*, 15/7/1961.

¹³⁶¹ Furtado se reuniu, também, com Dean Rusk (Secretário de Estado), Edwin Martin (Secretário de Estado para Assuntos Econômicos), Robert Woodard (Secretário de Estado para Assuntos Latino-Americanos), representantes de instituições de financiamento ao desenvolvimento (Eximbank, Banco Mundial e BID), Leonard Saccio (diretor do Ponto IV para o Brasil, absorvido pelo programa de cooperação técnico-financeiro da Usaid em 1962), George McGovern (Programa *Foods for Peace*), Paul Hoffman (diretor do Pnud, que daria apoio financeiro e técnico para o plano de irrigação do submédio do rio São Francisco da Sudene), Howel Williams (coordenador do Programa Americano de Desenvolvimento da Tunísia), dentre outros (Ajuda americana para desenvolver o Nordeste, *Correio da Manhã*, 13/7/1961; Celso Furtado discute nos EUA planos para o Nordeste, *Correio da Manhã*, 12/7/1961; Técnicos e ajuda dos EUA para o desenvolvimento do Nordeste, *Correio da Manhã*, 15/7/1961). Na ocasião, Furtado também expôs os programas da Sudene em ambas as casas legislativas dos Estados Unidos (US\$ 400 milhões para a Sudene em cinco anos, *Correio da Manhã*, 20/7/1961).

¹³⁶² Henry Kissinger no Recife, *Diário de Pernambuco*, 16/6/1962; Senadores americanos chegaram ontem ao Recife: entendimentos, *Diário de Pernambuco*, 14/12/1961.

¹³⁶³ Mobilização geral de recursos para conter alta dos gêneros: meio bilhão de cruzeiros, *Diário de Pernambuco*, 15/3/1962.

¹³⁶⁴ Futuro latino-americano está na “Aliança”, diz Ministro Celso Furtado, *Diário de Pernambuco*, 26/10/1962.

¹³⁶⁵ Com Bohan, viajaram ao Nordeste os seguintes técnicos: Robert Wisdon (assessor de Bohan), Paul Fischer (economista), George Westcott (especialista em problemas agrícolas), Albert Thompson (técnico em irrigação), Maurice Bostick (agrônomo), Alvin Lackey (sociólogo rural) e Georges Hargreaves (especialista em colônias agrícolas) (Bohan: Nordeste, chave do êxito ou fracasso da Aliança para o Progresso, *Diário de Pernambuco*, 7/11/1961; Expedição Bohan-Sudene furou “jungle” e viu vales úmidos, *Diário de Pernambuco*, 3/12/1961).

o protagonismo do organismo regional e de seu presidente, indicando que a política norte-americana para a região retrocedera à estratégia do imediato pós-guerra¹³⁶⁶.

Com a ajuda dos americanos, que atuaram para “integrar” os países do “Terceiro Mundo” na órbita de influência do bloco ocidental, muito foi feito nas áreas da saúde, educação, saneamento, eletrificação, infraestrutura viária e habitação no Nordeste brasileiro. Com o assassinato de Kennedy em novembro de 1963, um marco da mudança de orientação da política americana em relação ao Brasil, a Usaid e a AP, que eram instrumentos políticos do Departamento de Estado¹³⁶⁷ e eram dirigidas por agentes com muita experiência em missões de ajuda ao exterior, atuaram contra a orientação da Sudene e firmaram convênios bilaterais com os Estados nordestinos governados por partidos e lideranças políticas de oposição ao governo Goulart sem a intermediação daquele órgão regional, provocando críticas de Furtado e do governador Miguel Arraes (1963-1964) contra a ingerência dos americanos nos assuntos brasileiros¹³⁶⁸.

No plano interno, Furtado foi acusado pelos governadores nordestinos e opositores do governo Jango (Assis Chateaubriand e Carlos Lacerda, dentre os mais histriônicos) de retardar e sabotar os investimentos norte-americanos no Brasil, promovendo “um esquema de autarquização e planificação centralista da economia regional”¹³⁶⁹. Nas palavras de Chateaubriand: “A AP somente encontrará o seu ímpeto criador na hora em que se mobilizarem os anti-Furtado, os anti-Arraes e os anti-cretinos da Sudene”¹³⁷⁰. Para os críticos de Furtado e entusiastas do golpe civil-militar de 1964, o afastamento de Furtado e de sua equipe do organismo regional era condição para o sucesso da AP.

O sr. Celso Furtado, por exigência da máquina comunista que montou naquele órgão, não permitia a canalização para os diversos Estados dos recursos fartos da “Aliança para o Progresso”. Só agora, com a vitória da revolução de 31 de março, é que os auxílios da Aliança começam a ser aplicados¹³⁷¹.

Depois de 1964, as relações entre a Sudene, a Usaid e a AP foram distensionadas, e os americanos se mostraram satisfeitos com “o novo espírito de trabalho”¹³⁷² e a “cooperação mais estreita”¹³⁷³ quando a direção da autarquia desenvolvimentista foi entregue a João Gonçalves

¹³⁶⁶ “Nesse estágio da política dos Estados Unidos, a assistência técnica era considerada como uma simples fase do esforço de guerra” (Robock, 1963, p. 137).

¹³⁶⁷ Furtado afirma que “Aliança” é um instrumento político, *Diário de Pernambuco*, 1/4/1964.

¹³⁶⁸ Arraes afirma que, ideologicamente, não “pode classificar-se”, *Diário de Pernambuco*, 2/12/1962.

¹³⁶⁹ Informativo Econômico, *Diário de Pernambuco*, 28/9/1963.

¹³⁷⁰ Chateaubriand, 1963.

¹³⁷¹ Celso saiu da Sudene: Nordeste libertado, *O Jornal*, 22/8/1964.

¹³⁷² Estudantes viram o que fazem Sudene e Usaid desenvolvendo a região, *Diário de Pernambuco*, 30/5/1964.

¹³⁷³ *Ibidem*.

de Souza, ex-funcionário de carreira da OEA em Washington e com boas relações com o “grupo americano”¹³⁷⁴. Em troca de alinhamento político, os estadunidenses ofereceram generosos empréstimos e doações ao Nordeste, além de assistência técnica. Financiaram, também, o treinamento de especialistas nordestinos nos Estados Unidos, no México, no Panamá e em Porto Rico.

Dirigido pelo economista Felipe Herrera, que Furtado conhecia desde os tempos da Cepal, o BID foi muito presente no Nordeste brasileiro após a reunião de Punta del Este (agosto de 1961), que estabeleceu o acordo de cooperação dos Estados Unidos com a América Latina. No começo da década de 1960, o BID liberou recursos para os planos do órgão regional e ofereceu assistência técnica. “Um dos principais promotores da assistência técnica financeira externa ao Nordeste”¹³⁷⁵, o BID também financiou projetos de infraestrutura (transporte, energia e saneamento), investimentos na indústria e agricultura nordestinas (inclusive no PPM) e na área social (habitação, saúde e educação).

O Comitê Interamericano do Desenvolvimento Agrícola (Cida/OEA) deu assistência técnica para projetos agrícolas da Sudene, como as pesquisas relacionadas à produtividade e diversificação da cultura da cana de açúcar¹³⁷⁶. A OEA também distribuiu bolsas de estudos para o treinamento de técnicos brasileiros no Nordeste e em Santiago do Chile¹³⁷⁷. Com a Sudene, o BNB, a UFC e a Universidade da Califórnia, a OEA criou o Centro de Treinamento em Desenvolvimento Econômico Regional (Cetrede) em 1965, capacitando brasileiros nas técnicas de planejamento regional¹³⁷⁸.

No escopo do Gisf, a FF distribuiu 40 bolsas para técnicos de irrigação do órgão regional estudarem nos Estados Unidos¹³⁷⁹. Priorizando ações no Nordeste¹³⁸⁰, a FF também financiou pesquisas do IJNPS e bolsas de estudos no exterior para pós-graduandos das universidades da região¹³⁸¹.

5.6. Missão das Nações Unidas

A missão das Nações Unidas (FAO, Fundo Internacional de Socorro à Infância – Fisi –

¹³⁷⁴ Souza, J., 1979, p. 206.

¹³⁷⁵ Organismos internacionais: ONU, OEA e BID, *Sudene Informa*, v. 8, n. 7-8, 1970.

¹³⁷⁶ Industrialização, *Sudene Informa*, v. 1, n. 3, 1963, p. 3.

¹³⁷⁷ Souza, J., 1979, p. 201.

¹³⁷⁸ *Ibidem*.

¹³⁷⁹ Contribuição da Ford, *Sudene Informa*, v. 1, n. 3, 1962, p. 10.

¹³⁸⁰ Representantes da Fundação Ford no Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 12/7/1959.

¹³⁸¹ Fundação Ford incentivará ensino e pesquisa no Estado, *Diário de Pernambuco*, 10/2/1962.

, OMS, Pnud e Unesco) teve uma atuação destacada no Nordeste brasileiro em várias frentes¹³⁸². Os convênios entre o órgão regional e as Nações Unidas se basearam no “sistema de ajuda dupla”, segundo o qual as Nações Unidas enviavam seus peritos internacionais para o Brasil e, como contrapartida, ofereciam aos técnicos nativos oportunidades de estágio no exterior¹³⁸³. Em 1962, 20 técnicos das mais diversas especialidades das Nações Unidas cooperavam com a Sudene¹³⁸⁴.

A assistência das Nações Unidas foi particularmente efetiva na programação agrícola. Os técnicos da FAO tiveram papel importante no estudo do potencial alimentar dos bens produzidos na região (como a agroindústria do caju) e no assessoramento ao abastecimento alimentar das populações mais necessitadas. A FAO, que “selecionou o Nordeste brasileiro como área para a demonstração da sua nova luta contra a fome mundial”¹³⁸⁵, enviou para a região equipes de técnicos agrícolas especializados em “nutrição aplicada” para cooperar com a Sudene na promoção da “educação nutricional” na região (aumentar a oferta, melhorar o escoamento, reduzir os custos de comercialização e estabilizar os preços dos alimentos)¹³⁸⁶. Em 1961, Furtado participou da reunião latino-americana sobre problemas dos laticínios promovida pela FAO¹³⁸⁷. Ainda na área nutricional, e do saneamento e saúde pública, o Fisi foi “o primeiro programa importante das Nações Unidas executado no Nordeste”¹³⁸⁸.

Em março de 1962, Hernan Santa Cruz (diretor geral das Nações Unidas para Assuntos Interamericanos e representante da FAO na América Latina) e uma comitiva de técnicos de instituições transnacionais (FAO, BID, Cepal e Cida/OEA) viajaram ao Nordeste para discutir com Furtado um programa de cooperação entre as Nações Unidas e o governo brasileiro no âmbito da AP¹³⁸⁹.

Atuando no Nordeste brasileiro desde o começo da década de 1950¹³⁹⁰, a Unesco – com

¹³⁸² “A assistência técnica das Nações Unidas se faz sentir nos diversos setores: Planejamento, Indústria, Recursos Humanos e Naturais, Agricultura e Infraestrutura (Transporte e Energia), através de algumas de suas agências – FAO, OIT, UIT [União Internacional de Telecomunicações], Unesco, OMM [Organização Meteorológica Mundial], OMS, Unido e Cepal, e também por meio de treinamento e bolsas de estudos concedidos a técnicos nordestinos (Organismo internacionais: ONU, OEA & BID, *Sudene Informa*, v. 8, n. 7-8, 1970, p. 16).

¹³⁸³ Assistência dupla, *Sudene Informa*, v. 4, n. 5, 1966, p. 16.

¹³⁸⁴ Discutida a aplicação do plano diretor da Sudene, *Correio da Manhã*, 14/1/1962.

¹³⁸⁵ Robock, 1963, p. 159.

¹³⁸⁶ Assessor da FAO, *Correio da Manhã*, 9/4/1961; FAO e Sudene debatem plano de colonização do Maranhão, *Diário de Pernambuco*, 22/3/1962; FAO estuda possibilidades de irrigação do São Francisco, *Diário de Pernambuco*, 13/3/1960.

¹³⁸⁷ Carta econômica de São Paulo, *Correio da Manhã*, 29/4/1961.

¹³⁸⁸ Robock, 1963, p. 147.

¹³⁸⁹ Diretor da FAO chegará hoje para entendimentos, *Correio da Manhã*, 17/3/1962.

¹³⁹⁰ A Unesco prestou assistência técnica ao IJN para a questão da habitação rural em 1951, e, dois anos depois, enviou um geólogo francês para estudar os recursos minerais da região. No período 1954-1955, a instituição financiou um especialista em crédito rural junto à Ancar e um geólogo para um programa assistencial na área de hidrologia. Nos anos 1950, a Unesco também concedeu bolsas de estudos para engenheiros de vários órgãos do

o CRPER/Inep – organizou uma campanha pelo ensino primário no Nordeste do país em 1962¹³⁹¹ e ajudou no levantamento da qualidade dos solos na área do PPM¹³⁹².

O Projeto Piloto de Irrigação do São Francisco teve o financiamento do Pnud e a assessoria técnica da FAO, que ajudou no estudo dos aspectos hidrogeológico e pedológico do baixo e médio do rio São Francisco¹³⁹³. Os peritos das Nações Unidas também cooperaram para a instalação da Estação Experimental de Barra do Bebedouro em Petrolina, que foi projetado para funcionar como um centro produtor de gêneros alimentícios e onde foram realizados experimentos de irrigação com uva, milho, amendoim, algodão, batata inglesa, cebola, tomate, feijão e sorgo.

Também no vale do rio São Francisco, o convênio da Sudene com as Nações Unidas na Estação Experimental de Mandacaru resultou em avanços nas áreas de experimentação agrícola, melhoramento de culturas com utilização de novas tecnologias agrícolas (adubos, inseticidas, fungicidas), instalação de postos agropecuários e laboratórios de solo e água, multiplicação de sementes (trigo, sorgo, alfafa e soja), criação de assentamentos de reforma agrária e oferta de crédito rural¹³⁹⁴.

Uma experiência pioneira com agricultura irrigada no vale do São Francisco nas décadas de 1960 e 1970, esses projetos públicos foram engolfados pela reconfiguração da região pela “modernização conservadora” do campo nos anos seguintes, da qual participaram a Sudene, a Codevasf e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), resultando na introdução de novos meios técnico-científicos e na exclusão dos trabalhadores e antigos colonos¹³⁹⁵.

Como já visto, a Cepal foi crucial ao exportar para o órgão desenvolvimentista sua expertise na organização de cursos intensivos e emprestar alguns de seus mais experimentados e célebres técnicos para formar as primeiras gerações de técnicos sudeneanos. A Sudene também assinou convênios de assistência técnica e financeira com o Celade e o Comitê Intergubernamental para las Migraciones¹³⁹⁶.

Nordeste para estágio no exterior (Robock, 1963, p. 149-152).

¹³⁹¹ Fisi e Unesco vão encetar campanha nacional em favor do ensino primário, *Diário de Pernambuco*, 14/8/1962.

¹³⁹² Oliveira, M., 2012, p. 30.

¹³⁹³ Irrigado o solo rico: o programa do Gisf abrange 508 mil hectares de terra as margens do rio São Francisco, *Sudene Informa*, v. 4, n. 3, 1966.

¹³⁹⁴ Recursos naturais, *Sudene Informa*, v. 2, n. 1, 1964, p. 15.

¹³⁹⁵ Garcia *et al.*, 1984.

¹³⁹⁶ Assistência técnica, *Sudene Informa*, v. 1, n. 6, 1962, p. 9.

CAPÍTULO 7

A política educacional da Sudene: do reformismo democrático ao economicismo tecnocrático (1960-1970)

1. Educação para o desenvolvimento

Criticada por “negligenciar” a educação básica no I Plano Diretor¹³⁹⁷, a Sudene priorizou a educação primária e secundária no II e III Planos Diretores. Com a *United States Agency for International Development* (Usaid), a autarquia regional programou a construção de 17 mil novas salas de aula, 55 escolas normais e institutos de educação, 20 escolas radiofônicas e 4 centros audiovisuais, cujas localizações e projetos arquitetônicos eram responsabilidade do Grupo Interdivisional de Planejamento Físico (Giplan), ligado à Sudene¹³⁹⁸. Projetou, também, a abertura de 264 mil novas matrículas com garantia de assistência alimentar, médica e dentária às crianças nas escolas da região.

A Sudene visava alfabetizar 200 mil adolescentes e adultos, produzir e distribuir material didático que refletisse uma educação moderna, dar assistência ao professorado e modernizar os sistemas de administração e supervisão escolar¹³⁹⁹. Seu Programa de Ensino Primário e Educação de Base (convênio Sudene, Usaid, MEC e Estados do Nordeste) – “rigorosa planificação” – teve início no Rio Grande do Norte em 1962 e logo foi estendido para outros estados¹⁴⁰⁰. Vale observar, no entanto, que os números alcançados foram modestos *vis-à-vis* os projetados pelo órgão regional¹⁴⁰¹.

Concebendo a escolarização como um direito de todos e um instrumento para a elevação cultural da “massa iletrada”, princípio e objetivo que remontavam ao período pós-1930 e que eram associados à melhoria das condições de vida da população brasileira¹⁴⁰², a Sudene pretendeu reestruturar a educação regional em linha com o paradigma desenvolvimentista. Com

¹³⁹⁷ Robock, 1963, p. 198.

¹³⁹⁸ Sudene adiou debate do 2º Plano Diretor, *Diário de Pernambuco*, 6/9/1962.

¹³⁹⁹ III Plano Diretor prevê construção de 5 mil salas de aula e alfabetização de 300 mil pessoas, *Diário de Pernambuco*, 19/3/1965.

¹⁴⁰⁰ Celso diz que o mais ambicioso acordo de educação foi firmado, *Diário de Pernambuco*, 14/8/1963; Revolução educacional no Rio Grande do Norte: programa de educação fará em três anos o que não se fez em três séculos, *Diário de Pernambuco*, 7/11/1962.

¹⁴⁰¹ Entre 1963 e 1969, com os governos estaduais, o MEC e a Usaid, a Sudene participou da construção de 2.934 salas de aula, 600 cantinas, 26 centros de supervisão, 10 centros de treinamento e 9 Escolas Normais. Ajudou a equipar, também, 5.516 salas de aula, 1.701 cantinas, 65 centros de supervisão, 17 centros de treinamento, 21 Escolas Normais e 30 unidades médico-dentárias. Treinou ainda 23.863 professores, supervisores e diretores, e cerca de mil professores de ciências básicas (*Visão*, 1969, p. 114).

¹⁴⁰² Beisiegel, 2004; Paiva, 1973.

“uma visão econômica da formação de pessoal”¹⁴⁰³, a Sudene buscou criar uma “nova mentalidade” ajustada às necessidades do desenvolvimento econômico, estimular “um processo de mudança cultural” para suplantar as “resistências às mudanças”, “acelerar” o “processo de modernização”, racionalizar a aplicação de recursos educacionais, coordenar os órgãos de educação, “atender à demanda de mão de obra do sistema produtivo” e dar “orientação técnica” aos órgãos executores visando a “preparação de pessoal para a prestação dos serviços educacionais em todos os níveis a fim de melhorar a qualificação dos quadros existentes e aumentar os contingentes de profissionais em educação”¹⁴⁰⁴.

Será problema fundamental o aproveitamento e o desenvolvimento dos recursos humanos, ou seja, dos conhecimentos, habilidades e capacidades de todas as pessoas da comunidade. Assim, será necessário que cada homem, como propulsor do desenvolvimento, possa capacitar-se profissionalmente, criar novos hábitos, atitudes, valores e aspirações que permitam uma participação efetiva no processo de expansão, tanto da oferta quanto da demanda, dos bens e serviços. Uma das formas de promover tal desenvolvimento é dado pela educação.¹⁴⁰⁵

Para reestruturar a educação básica de acordo com esses parâmetros, a Sudene necessitava de dados para diagnosticar a realidade da educação regional e formular programas educacionais com base em informações confiáveis. Com essa preocupação, o órgão regional investiu na formação de pesquisadores sociais com conhecimento das novas tecnologias de processamento de dados e que ajudariam no levantamento de informações estatísticas sobre a situação educacional do Nordeste.

Dentre outros levantamentos e estudos, vale destacar o convênio da Sudene com a UFPE e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para preparar – em 1966 – o Atlas Geográfico dos Recursos Humanos do Nordeste com o mapeamento dos territórios e dos setores econômicos onde era maior a falta de profissionais qualificados (de nível médio e superior) e era mais urgente a formação de pessoal capacitado tendo em vista as necessidades do desenvolvimento regional¹⁴⁰⁶.

2. Profissionalização das estruturas governamentais de planejamento educacional

Outra prioridade para a Sudene foi o investimento em cursos intensivos de planejamento educacional para a capacitação dos funcionários das Secretarias estaduais e municipais de Educação¹⁴⁰⁷. Através do Programa de Aperfeiçoamento Técnico de Pessoal Administrativo

¹⁴⁰³ Cavalcanti, V., 2022.

¹⁴⁰⁴ Sudene, 1971, pp. 5-6.

¹⁴⁰⁵ *Idem*, 1967, p. 6.

¹⁴⁰⁶ Atlas geográfico vai mostrar recursos humanos da região, *Sudene Informa*, v. 4, n. 1, 1966.

¹⁴⁰⁷ Nesses cursos, a Divisão de Educação ensinava “Administração escolar”, “Liderança”, “Estrutura e análise de

dos Estados e Municípios, o órgão regional implantou seções de estatística e assessorias de planejamento em toda a região, profissionalizando as burocracias locais e iniciando os servidores públicos no conhecimento das práticas do planejamento educacional sistemático¹⁴⁰⁸.

Além desses cursos, que vislumbravam a “integração do planejamento educacional dentro de um contexto mais amplo e dirigido no sentido do desenvolvimento econômico e social da região”¹⁴⁰⁹, a Sudene ofereceu assistência técnica para a elaboração dos planos estaduais e municipais de Educação¹⁴¹⁰.

A Sudene fez um trabalho de formiguinha lá dentro [...] nas Secretarias de Educação.¹⁴¹¹

Elas [as Secretarias estaduais de Educação] não tinham planejamento da forma como a gente vê hoje. As coisas eram feitas no sentido da política [...] e não no sentido de planejamento, de procurar ver as necessidades, do que era preciso fazer, de estabelecer prioridades.¹⁴¹²

Em suas viagens aos estados da região para implementar a gestão regionalizada da educação (unidade de padrões técnicos e administrativos), as programadoras educacionais da Sudene eram recebidas por agentes políticos interessados nos ganhos eleitorais advindos do acesso aos recursos da Sudene, indicando “a presença de uma oligarquia agrária ativa politicamente, cuja cultura marcadamente patrimonialista, como sabido, utilizou, por largo tempo, a expansão local do sistema de educação em benefício de seus interesses”¹⁴¹³.

3. Cecine

Outra preocupação da Sudene foi investir na infraestrutura escolar como forma de melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. A autarquia desenvolvimentista reequipou os laboratórios de ciências básicas (física, química e biologia) e instituiu a obrigatoriedade e a elevação do nível do ensino daquelas ciências na região¹⁴¹⁴. Criou, também, o Centro de Ensino de Ciências Básicas do Nordeste (Cecine), o Centro de Treinamento de Professores Agrícolas na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), o Centro de

balanços”, “Estatística educacional”, “Matemática”, “Educação para o desenvolvimento”, “Organização do ensino no Brasil”, “Programação e projetos educacionais”, “Organização de currículos e programas”, “Administração educacional”, “Orçamento em educação” e “Educação de adultos” (Discursos de treinamento na Sudene serão encerrados dia 19: aproveitados 130, *Diário de Pernambuco*, 18/12/1963).

¹⁴⁰⁸ Sudene gastou 1 bilhão e 553 milhões em rodovias durante o mês de janeiro, *Diário de Pernambuco*, 15/2/1964.

¹⁴⁰⁹ Curso de programação educacional, *Sudene Informa*, v. 6, n. 11-12, 1968; Educação, *Sudene Informa*, v. 5, n. 5, 1967, p. 14.

¹⁴¹⁰ Sudene, 1971.

¹⁴¹¹ Oliveira, M., 2021.

¹⁴¹² Brasileiro, 2022.

¹⁴¹³ Oliveira, M., 2006, p. 179.

¹⁴¹⁴ Duque, 2004, p. 132.

Treinamento Educacional (1966) (convênio entre a Sudene, a Usaid, o MEC e a Secretaria de Educação de Pernambuco) e o Centro de Produção de Material Didático. Estes centros ofereceram capacitação pedagógica para professores do ensino técnico agrícola e industrial e também “artes práticas” (ofícios industriais, “educação para o lar”, práticas comerciais, técnicas agrícolas, etc.)¹⁴¹⁵.

Em 1963, quando teve início, na Sudene, a implantação da DE [Divisão de Educação], no Departamento de Assistência Técnica e Formação de Pessoal, (antigo DAPTF, hoje DRH), dentre as deficiências constatadas pelo diagnóstico do sistema educacional da Região, uma delas se mostrou de vital importância, face às suas repercussões negativas em cadeia, em todo o sistema – foi a precariedade do corpo docente do nível médio. Havia deficiência nas áreas das disciplinas específicas do Ensino Técnico e na área das Ciências Básicas, principalmente no Ensino Secundário. Constatou-se, ainda, a inexistência de Cursos de Formação Regular, dentro das Universidades, para as disciplinas específicas do Ensino Técnico além da insuficiente quantidade de pessoal habilitado na área das Ciências Básicas. A estrutura rígida (de então) das Universidades para a abordagem do problema como um todo não permitia o seu encaminhamento. Assim é que a Sudene desencadeou um processo de solução a curto prazo, estimulando a criação de Centros de Treinamento de Professores. Os Centros, implantados em regime de acordo, alguns vinculados à Universidade, têm abrangência regional.¹⁴¹⁶

Instalado na Cidade Universitária da UFPE em 1965, o Cecine (convênio entre a Sudene, a Fundação Ford – FF –, a UFPE e o MEC) visava preparar professores e melhorar a qualidade do ensino de ciências na região com vistas ao desenvolvimento tecnológico – “Para o desenvolvimento de uma região como esta, não se pode prescindir da ciência e da tecnologia”¹⁴¹⁷.

O Centro financiava cursos de aperfeiçoamento e estágios para o professorado da rede pública do Nordeste no IBECC¹⁴¹⁸, com sede em São Paulo¹⁴¹⁹. O Centro também oferecia suporte pedagógico às escolas para a instalação dos laboratórios de ciências. Em meados da metade da década de 1960, o Centro já havia instalado 51 laboratórios de física, química e biologia nas escolas de ensino secundário da região, além de cooperar com a OEA para a criação de um curso de física visando a capacitação de professores latino-americanos¹⁴²⁰.

Os professores que davam aula disso [matemática, química, física e biologia] não eram preparados. [...]. Na época, eram engenheiros, agrônomos, que davam aula dessas cadeiras. E aí [a Sudene] começou a preparar pessoal nessas cadeiras.¹⁴²¹

¹⁴¹⁵ Sudene, 1971, pp. 38-39.

¹⁴¹⁶ *Ibidem*, p. 34.

¹⁴¹⁷ Cecine é pioneiro no Brasil, *Sudene Informa*, v. 4, n. 3, 1966, p. 4-5.

¹⁴¹⁸ Uma iniciativa semelhante, os “Centros de Referência”, constituídos por laboratórios de química, física, matemática, biologia e informática, tiveram início em Pernambuco no terceiro governo de Miguel Arraes (1995-1998), cujos programas educacionais eram coordenados por ex-técnicas educacionais da Sudene.

¹⁴¹⁹ Notícias, *Sudene Informa*, v. 1, n. 4, 1963, p. 28.

¹⁴²⁰ Curso, *Sudene Informa*, v. 4, n. 9, 1966, p. 15.

¹⁴²¹ Cavalcanti, V., 2022.

Através do Cecine, a Sudene realizou “uma programação econômica do ensino”¹⁴²² e promoveu o intercâmbio científico-cultural na região. O Centro promoveu iniciativas de divulgação científica como as feiras de ciências e o concurso “Futuros Cientistas”, “objetivando despertar e desenvolver novos talentos voltados para o campo científico”¹⁴²³. Para ampliar o alcance de suas ações de promoção da educação científica, o Centro criou as “Escolas de Ciência” e idealizou programas como o “Colégio no Ar” e “O Cecine Fala de Ciência”, oferecendo cursos de biologia, desenho, física, matemática e química, que eram transmitidos pelas rádio-escolas criados pelo Centro. Seus professores eram oriundos do Nordeste e do Centro-Sul do país e se dedicavam integralmente à docência, uma inovação para a época.

Com o compromisso de substituir “métodos puramente intelectualistas e abstratos” por um ensino “experimental”¹⁴²⁴, os colégios universitários da UFRPE, da UFPE e da UFPB também receberam recursos do Cecine para a aquisição de laboratórios de química, biologia e física. Seus professores obtiveram treinamento pedagógico através dos convênios Sudene-IBECC, Sudene-Cecine e de seus próprios Institutos Centrais universitários¹⁴²⁵. O órgão desenvolvimentista também financiou bolsas de estudos para os alunos egressos desses colégios nas escolas superiores da região¹⁴²⁶.

4. Ensino técnico-profissional

Quanto à educação técnico-profissional, a Sudene investiu na expansão e adaptação dos cursos e programas de treinamento do Serviço Nacional da Indústria (Senai) à realidade da economia nordestina, criando novas escolas e cursos técnicos, multiplicando o número de matrículas nessas unidades escolares, reequipando-as, qualificando o professorado e aumentando a eficácia do ensino técnico-profissionalizante na região visando a criação de um novo e mais moderno parque industrial e expressando a “consciência generalizada da necessidade de racionalização dos programas de ensino em função dos fatores econômicos e sociais”¹⁴²⁷.

A Sudene criou o Centro de Treinamento da Chesf para a capacitação de pessoal em energia elétrica (convênio com o Senai e a Usaid), o Centro Regional de Treinamento Têxtil (Certex) para a requalificação – com a ajuda do Senai e do governo do Japão – dos operários

¹⁴²² Cecine é pioneiro no Brasil, *Sudene Informa*, v. 4, n. 3, 1966, p. 4-5.

¹⁴²³ *Ibidem*.

¹⁴²⁴ Educação executou metas do III Plano Diretor em 1966. *Sudene Informa*, v. 5, n. 1, 1967.

¹⁴²⁵ *Ibidem*.

¹⁴²⁶ Novos rumos para a Universidade da Paraíba, *Sudene Informa*, v. 4, n. 7, 1966, p. 7-9.

¹⁴²⁷ Educação executou metas do III Plano Diretor em 1966, *Sudene Informa*, v. 5, n. 1, 1967, p. 9.

da indústria têxtil regional, o Centro Regional de Educação Técnica-Agrícola (Creta) para a atualização das escolas de ensino agrícola (convênio com o Ministério da Agricultura e Pecuária – Mapa – e a UFRPE), o Centro de Treinamento para Operadores de Máquinas Rodoviárias para viabilizar o plano rodoviário regional e o Centro de Treinamento para Pequena e Média Empresa (Cepeme), com uma “excelente infra-estrutura, com salas de aula, alojamentos para alunos, refeitório, área de lazer, tudo o que podia criar um ambiente propício ao estudo, à pesquisa, ao aprendizado”¹⁴²⁸.

Em 1967, a Sudene inaugurou o Centro de Educação Técnica do Nordeste (Cetene) em um convênio com o MEC, o Senai e a Usaid. O Cetene visava a capacitação de técnicos na área industrial “capazes de acelerar a promoção do desenvolvimento científico e tecnológico”¹⁴²⁹. Pretendia realizar, também, a atualização do corpo docente das escolas profissionalizantes nas “mais modernas normas de pedagogia e didática”¹⁴³⁰ através dos Cursos de Aperfeiçoamento de Professores de Cultura Técnico-Industrial (dois meses de duração)¹⁴³¹. Com o Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife (CRPER/Inep), o Cetene também estruturou cursos de capacitação para supervisores e diretores escolares¹⁴³².

No ensino técnico agrícola, a Sudene assinou um convênio com o MEC, os governos estaduais da região, a Aliança para o Progresso (AP) e a Usaid para construir escolas agrícolas visando a “reestruturação progressiva das condições em que se processa a formação técnico-científica no Nordeste”¹⁴³³. Com o Mapa e a UFRPE, investiu, também, na ampliação e no melhoramento da rede de escolas de ensino agrícola da Superintendência de Ensino Agrícola e Veterinário (Seav) e na criação de uma Unidade de Formação e Treinamento de Professores de Ensino Agrícola no Nordeste¹⁴³⁴.

Nas áreas cobertas pelo Grupo de Valorização do Vale do Jaguaribe (GVJ), pelo Grupo de Irrigação do Vale do Rio São Francisco (Gisf) e pelo Grupo Interdisciplinar de Povoamento do Maranhão (GIPM) foram formados tecnólogos das próprias comunidades locais nos conhecimentos básicos de agropecuária para implementar melhoramentos técnicos, elevar a

¹⁴²⁸ Andrade, J., 2002.

¹⁴²⁹ Implantação do Centro de Educação Técnica do Nordeste – Cetene, *Sudene Informa*, v. 5, n. 11-12, 1967, p. 23.

¹⁴³⁰ Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 2, n. 1, 1964, p. 9.

¹⁴³¹ Nesses cursos se ensinava “Introdução ao desenvolvimento”, “Realidade brasileira nordestina”, “Problemática da educação na realidade brasileira”, “Didática geral”, “Didática especial de tecnologia”, “Organização e administração de ensino industrial no Brasil”, “Organização e administração de oficinas” e “Análise de ofício e didática de tecnologia” (Encerrado curso patrocinado pela Sudene, *Sudene Informa*, v. 2, n. 2, 1964).

¹⁴³² Entre 1963 e 1968, 28.889 professores, supervisores e diretores de escola da região passaram pelos cursos da Sudene (Nossos recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 7, n. 11-12, 1969, p. 36).

¹⁴³³ Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 1, n. 4, 1963, p. 13.

¹⁴³⁴ Trezentos milhões para o ensino agrícola, *Sudene Informa*, v. 3, n. 2, 1965.

produtividade agrícola, formar um “novo trabalhador rural” e modificar seu padrão de vida¹⁴³⁵.

Ainda no escopo do GIPM, refúgio contra a seca e saída para os excedentes populacionais do semiárido nordestino – “um malthusianismo sutil que na verdade ocultava a ausência de um programa de reforma agrária”¹⁴³⁶ –, a Sudene formou professoras primárias, técnicos de saúde e, com o Sesp, educadoras sanitárias, além de contratar “economistas domésticas familiares” para introduzir nas comunidades agrícolas conhecimentos de educação alimentar, higiene, puericultura, cultivo de hortas caseiras, incidindo, inclusive, no controle da natalidade¹⁴³⁷.

5. Alfabetização de adultos

Na educação de adultos, elevada ao estatuto de “problema nacional” nas décadas de 1920 e 1930, quando o primeiro governo Vargas (1930-1945) criou a Campanha de Educação de Adultos e as Missões Rurais de Educação de Adultos¹⁴³⁸, os dirigentes da Sudene se reuniram com Paulo Freire, que era o diretor do Serviço de Extensão Cultural (SEC) da antiga Universidade do Recife e o idealizador de um programa pioneiro de alfabetização pelo rádio e pela televisão (teve início em Angicos/RN com o apoio da AP), para aproveitar essa experiência no Plano de Ensino Primário e Educação de Base e no Programa de Educação de Adultos para o Desenvolvimento, ambos da Sudene. Com o método freiriano e as novas tecnologias (rádio e televisão), o órgão regional pretendia formar alfabetizadores e supervisores de educação em toda a região.

No auge de seu prestígio e autoridade no Nordeste, a Sudene ajudou a chancelar o “método de educação Paulo Freire” ao incorporá-lo à sua programação educacional, conseguindo em troca legitimidade científica para seus planos educacionais¹⁴³⁹.

Um problema percebido como urgente desde pelo menos a Revolução de 1930, que instituiu a Cruzada Nacional da Educação em 1932, o analfabetismo da população adulta era visto como um obstáculo ao desenvolvimento urbano-industrial. A eliminação da “chaga do analfabetismo” se tornou assunto frequente nos discursos políticos¹⁴⁴⁰ e os educadores, categoria social que adquiriu projeção nas décadas de 1920 e 1930¹⁴⁴¹, eram cada vez mais prestigiados pela classe política.

¹⁴³⁵ Oliveira, M., 2012.

¹⁴³⁶ Oliveira, F., 2003, p. 56.

¹⁴³⁷ Oliveira, M., 2012.

¹⁴³⁸ Beisiegel, 2004, p. 88 e p. 110.

¹⁴³⁹ Alunos da Sudene debateram novo método de alfabetização, *Última Hora*, 3/8/1963.

¹⁴⁴⁰ Costa, 2006b, p. 40.

¹⁴⁴¹ Araújo, M., 2002.

Na primeira metade do século XX, a pauta educacional também avançou graças às pressões dos grupos políticos com interesse na incorporação do proletariado e das camadas médias urbanas ao sistema eleitoral¹⁴⁴². Além disso, no pós-guerra, o problema educacional (especialmente o analfabetismo crônico na população adulta) se tornou assunto de interesse das instituições multilaterais com atuação no “Terceiro Mundo”¹⁴⁴³. Na América Latina, a Cepal, o Iipes e o BID passaram a organizar cursos e seminários sobre “planejamento educacional” desde as décadas de 1950 e 1960.

A promoção da problemática da “educação de base” ao centro da agenda política nacional foi produto, também, da influência modernizadora da “opinião internacional” (a Unesco teve papel destacado ao associar atraso educacional com outros fenômenos sociais)¹⁴⁴⁴¹⁴⁴⁵, das reivindicações por mudanças estruturais no Brasil pelos intelectuais reformistas (alguns dos mais influentes dentre eles no comando do MEC – Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro), das mobilizações de massa pelas “reformas de base” (incluindo a universitária) e, finalmente, da organização política dos estudantes universitários em todo o país, exigindo a expansão e a democratização do acesso ao ensino superior.

Especialmente em Pernambuco, estado de origem de educadores com prestígio nacional e internacional, e onde foi realizada uma reforma educacional moderna já na década de 1920¹⁴⁴⁶, o anseio por mudanças educacionais adquiriu maior consistência teórica e projeção política. Integrante de uma fração “jovem” e muito ativa da intelectualidade pernambucana ligada aos assuntos educacionais, Paulo Freire conseguiu alavancar seu método de alfabetização nos programas oficiais de alfabetização em Pernambuco, no Rio Grande do Norte – o governo popular de Djalma Maranhão (1962-1964) lançava a campanha “De pé no chão também se aprender a ler” em Natal – e na Paraíba – a Campanha de Educação Popular da Paraíba (Ceplar) iniciava uma experiência com educação popular em João Pessoa.

O “Método Paulo Freire” também foi adotado pelo Movimento de Educação de Base (MEB), criado em 1961 pelo governo federal e gerido pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e pelo Programa Nacional de Alfabetização (PNA), que era presidido pelo próprio Freire e visava alfabetizar cinco milhões de adultos, impactando diretamente o sistema

¹⁴⁴² Beisiegel, 2004.

¹⁴⁴³ *Ibidem*.

¹⁴⁴⁴ *Ibidem*, p. 92.

¹⁴⁴⁵ “Na atmosfera ideológica peculiar dos primeiros tempos do pós-guerra, os imperativos então prevaletentes, de paz e de justiça social, encontravam seus corolários educacionais no apelo à difusão de conhecimentos e atitudes favoráveis à elevação das condições de vida das regiões ‘atrasadas’ e ao desenvolvimento de maior compreensão entre os povos de culturas diversas” (*Ibidem*, pp. 90-91).

¹⁴⁴⁶ Araújo, M. 2002.

eleitoral (o voto era proibido aos analfabetos) e representando uma ameaça às classes dominantes¹⁴⁴⁷.

No Nordeste, a alfabetização em massa foi encampada pelo Movimento de Cultura Popular (MCP), que aglutinou intelectuais, artistas, educadores, professores e lideranças populares comprometidos com a “educação de base”¹⁴⁴⁸. Com o apoio de Miguel Arraes, prefeito do Recife (1959-1962), as atividades do MCP tiveram início na cidade em 1961 e, dois anos depois, foram estendidas para todo o estado quando Arraes venceu as eleições para o governo de Pernambuco. O MCP e os educadores progressistas das décadas de 1950 e 1960, herdeiros do “otimismo pedagógico” dos reformadores das primeiras décadas do século, que concebiam a escolarização como a chave para a solução dos problemas sociais e econômicos – conexão entre o desenvolvimento dos grandes povos modernos e o progresso da educação¹⁴⁴⁹ –, entendiam o processo educacional como meio para elevar o nível cultural da população, conscientizar os grupos sociais marginalizados sobre suas condições de vida sub-humanas e preparar os “oprimidos” para se tornar “sujeitos da história” e participar na vida política do país, liberando-os das estruturas de dominação e gestando um “novo homem” e uma nova sociedade.

Não obstante as eventuais diferenças políticas e de estratégia, essas novas concepções e práticas educacionais que eram implementadas no Nordeste com o respaldo do governo federal, guardavam correspondência com a ideologia desenvolvimentista da Sudene e as ideias de Furtado. De fato, a programação educacional da Sudene (refletida nos Planos Diretores) e os livros do economista com formação positivista¹⁴⁵⁰ sugerem o ideal de um “povo” mais educado, consciente de seus interesses, em condições de exigir maior participação nos frutos coletivos do processo de desenvolvimento e com preparo para escolher seus representantes políticos de acordo com seus próprios interesses, deslocando as oligarquias políticas dos centros de poder e renovando a representação parlamentar¹⁴⁵¹.

6. Reformismo vs. economicismo

Essas ideias também penetraram na Sudene com a contratação do pelotão de técnicas na área da educação com vinte e poucos anos de idade, das classes médias, recém-egressas das universidades, entusiasmadas com o ambiente de agitação política do período e identificadas

¹⁴⁴⁷ Freire, 2006, pp. 145-146.

¹⁴⁴⁸ Coelho, 2012.

¹⁴⁴⁹ Costa, 2006b, pp. 41-42; Araújo, M., 2002, p. 36; Nagle, 1974.

¹⁴⁵⁰ Furtado, 1985 [1997].

¹⁴⁵¹ Essa crença remonta aos reformadores educacionais do começo do século, que ligavam o sistema oligárquico à ignorância popular (Nagle, 1974).

com a pedagogia freireana e o MCP. Coube a elas levar a cabo os programas da Divisão de Educação, que eram elaborados por economistas e obedeciam às diretrizes estabelecidas nos Planos Diretores¹⁴⁵².

Os quadros da Divisão de Educação da Sudene tiveram sua iniciação política no movimento estudantil e eram simpáticos à revolução educacional em curso, que foi debatida nos cursos de TPE da Sudene. A presença deles indicava a permeabilidade da *rationale* planificadora sudeneana de matriz cepalina às ideias e à “praxis revolucionária” de Freire e do MCP.

Cabe pontuar, no entanto, que a programação educacional da Sudene espelhou aquelas demandas populares no campo educacional com parcimônia. Em primeiro lugar, o “excessivo economicismo”¹⁴⁵³ de seu criador e primeiro superintendente – “a economia é a via para encontrar os caminhos da nação”¹⁴⁵⁴ –, que subordinava aos processos econômicos as várias dimensões da vida coletiva (inclusive a escolarização, vista como uma necessidade essencialmente econômica). Segundo Furtado, “no processo de desenvolvimento social, aos fatores econômicos cabe, quase sempre, papel predominante”¹⁴⁵⁵.

A introdução de técnicas mais eficientes de produção mediante inversões de pequena monta, é outra forma de aumentar a produtividade média do capital. Em um país como o Brasil esse princípio se aplica amplamente. Assim, a primeira técnica, cuja difusão será de amplos resultados, é a de ler e escrever. A importância da alfabetização está em que facilita e barateia a difusão de numerosas outras técnicas. Os espírito de iniciativa e uma permanente atitude experimental no trabalho – fundamentais em um sistema realmente dinâmico – só se alcançam em níveis mais altos de educação. Contudo, no ambiente rural, a alfabetização é suficiente para provocar a integração na sociedade de grupos cuja participação ativa no sistema econômico é indispensável.¹⁴⁵⁶

Em segundo lugar, o órgão regional, que se apoiava em um discurso “técnico”, “apolítico” e “neutro” do planejamento regional – “aura de órgão infenso aos interesses de classes”¹⁴⁵⁷ –, não poderia absorver em sua integralidade a agenda daquele “movimento popular”, que ensaiava uma aproximação com a cultura do “povo” e amedrontava as oligarquias nordestinas ao estimular a organização política dos “oprimidos”, sem comprometer sua credibilidade institucional.

¹⁴⁵² A partir da década de 1960, o “discurso econômico” se impôs sobre o “discurso educativo” no Brasil (Torres, 1996, p. 139). No Nordeste, esta tendência já era presente na Sudene de Furtado, que acreditava na superioridade da ciência econômica e de sua perspectiva macroestrutural sobre as outras ciências sociais na interpretação dos fenômenos socioeconômicos – “O prestígio dos economistas penetrou largamente as outras ciências sociais, que se tornaram quase caudatárias” (Oliveira, F., 2003, p. 31).

¹⁴⁵³ Oliveira, F., 2003, p. 113.

¹⁴⁵⁴ *Ibidem*, p. 102.

¹⁴⁵⁵ Furtado, 1964, p. 79.

¹⁴⁵⁶ *Idem*, 1958, p. 45.

¹⁴⁵⁷ Lima, M., 2009, p. 243.

Esse era um dos limites impostos ao organismo oficial que já protagonizara muitos embates políticos (como a aprovação da lei 3.692/1959, que criou o órgão regional, e a *via crucis* para passar a lei 3.995/1961, do I Plano Diretor, no Congresso Nacional), ganhando adversários e contabilizando derrotas (como no caso do anteprojeto da lei de irrigação de 1959), e que era cada vez mais acuado pelos governadores¹⁴⁵⁸. Nesses embates, a autarquia federal adquiriu um senso agudo dos obstáculos às reformas no Nordeste, induzindo uma mudança de estratégia. À medida que eram acumulados desgastes, e em que a Sudene se tornava rotina na vida política do país, perdendo o élan e o viço dos primeiros anos, o órgão desenvolvimentista mudava de tática e a luta em campo aberto contra as forças reacionárias pelas reformas estruturais dava lugar às mudanças incrementais e cumulativas.

Em terceiro lugar, Furtado, um expoente do “pensamento radical de classe média”¹⁴⁵⁹, apostava suas fichas na transformação das estruturas econômicas e sociais sob direção do Estado, que velaria pela coesão social, e de uma *intelligentsia* manheimmiana comprometida com o “interesse geral” e a distribuição mais equânime dos frutos do progresso econômico, arrogando-se o papel de “auscultar e traduzir as ansiedades e aspirações das forças sociais ainda sem meio próprios de expressão”¹⁴⁶⁰ ou ainda “identificar aquelas aspirações que traduzem as tendências mais profundas do sentir social”¹⁴⁶¹.

Embora teorizasse sobre o papel das massas trabalhadoras no desenvolvimento do capitalismo (uma herança de K. Marx e R. Prebisch) – “fator primário de desenvolvimento”¹⁴⁶² ¹⁴⁶³ – e se construísse como um intelectual antiaristocratizante, a adoção da experiência europeia da luta de classes como um modelo teórico e prático para as nações subdesenvolvidas¹⁴⁶⁴, assim como a conversão de suas ideias em uma “arma ideológica” da burguesia industrial¹⁴⁶⁵, submergindo os “antagonismos de classes” no interesse maior do desenvolvimento econômico – “o desenvolvimento não é pensado como um processo de luta social, de luta de classes, como um processo conflitivo”¹⁴⁶⁶ –, levaram-no a desconfiar da capacidade política dos trabalhadores – “massa de manobra” do “jogo do populismo”¹⁴⁶⁷ – e de suas lideranças – “[Os] interesses de

¹⁴⁵⁸ *Ibidem*, p. 243.

¹⁴⁵⁹ Candido, 1974 *apud* Brandão, 2007, p. 37.

¹⁴⁶⁰ Furtado, 1964, p. 30.

¹⁴⁶¹ *Ibidem*, p. 52.

¹⁴⁶² *Ibidem*, p. 66.

¹⁴⁶³ “Quanto mais se desenvolve a economia capitalista, mais os interesses da classe trabalhadora corporificam os da coletividade total” (*Ibidem*, p. 68).

¹⁴⁶⁴ Os “antagonismos de classes” levariam ao equilíbrio de poder e à montagem da arquitetura institucional das modernas democracias capitalistas (*Ibidem*, p. 67).

¹⁴⁶⁵ Oliveira, F., 2008, p. 47.

¹⁴⁶⁶ *Ibidem*, p. 50.

¹⁴⁶⁷ *Ibidem*, p. 86.

camponeses, de trabalhadores e de operários, dentro da construção ideológica, da construção teórica cepalina e de Furtado, não encontram lugar”^{1468 1469}.

Se, por um lado, o estruturalista histórico compreendia o papel da massas trabalhadoras nos processos de mudança social, por outro lado o dirigente estatal custava a acreditar na ação autônoma da classe trabalhadora nordestina, particularmente do campesinato, que, vivendo em uma situação de “subcidadania”, “mais próxima dos antigos escravos do que da população civil”¹⁴⁷⁰, era presa fácil para demagogos, “populistas”, aproveitadores e “arrivistas políticos” como Francisco Julião¹⁴⁷¹.

Passivas, vivendo em um “estádio pré-político”¹⁴⁷² e incapazes de realizar sua tarefa histórica, ou seja, de antagonizar-se com as classes capitalistas e forçá-las na direção da inovação tecnológica, da redistribuição dos frutos do progresso técnico e da flexibilização do marco institucional, abrindo caminho às conquistas sociais¹⁴⁷³, as massas trabalhadoras do Nordeste, do mesmo modo que as minorias proprietárias alienadas (incapazes de rejeitar as “ideologias dirigentes superadas” e formular um projeto de desenvolvimento nacional)¹⁴⁷⁴, necessitariam ser educadas pela Sudene.

Por último, em meados de 1962 e 1963 eram multiplicadas as críticas à Sudene no plano nacional e era dissolvido o bloco heterogêneo de aliados, que, entre 1959 e 1961, movera uma campanha nacional pela “salvação do Nordeste”, a criação do órgão regional e a aprovação do I Plano Diretor. A brecha que fora aberta na “República Populista” para a realização de mudanças nas estruturas socioeconômicas nordestinas era fechada rapidamente no momento em que o país afundava em uma luta política sem trégua, o partido governista e o presidente da República perdiam capacidade de direção do processo político, o bloco democrático se cindia – o ministro do Planejamento tentou reabilitá-lo sem sucesso¹⁴⁷⁵ – e, com o apoio dos estadunidenses, a direita autoritária ganhava terreno nas esferas civil e militar, minando as

¹⁴⁶⁸ *Ibidem*, p. 47.

¹⁴⁶⁹ Quando o processo político se encaminhava para um desfecho em favor das forças conservantistas, o economista resvalou para uma interpretação marxista da má formação das classes sociais no Brasil e destacou a falta de “agressividade” e o *déficit* de consciência da classe trabalhadora (Furtado, 1964, p. 66), que, ao não opor resistência à irracionalidade da burguesia brasileira, teria contribuído – acaso sem saber – para bloquear a evolução das estruturas econômicas e políticas do país (*Ibidem*, p. 67).

¹⁴⁷⁰ *Ibidem*, p. 179.

¹⁴⁷¹ Furtado, 1962; *Idem*, 1964, p. 180.

¹⁴⁷² *Idem*, 1964, p. 146.

¹⁴⁷³ Furtado concebia as classes trabalhadoras como uma massa eleitoral, que, à medida que se urbanizava e educava, adquirindo “capacitação política” (*Idem*, 1992, p. 55), romperia inexoravelmente os laços patrimonialistas e escravistas, gestaria as condições políticas para as transformações estruturais e fundaria uma autêntica democracia, um coroamento da evolução das forças econômicas.

¹⁴⁷⁴ *Idem*, 1964, p. 77 e p. 116.

¹⁴⁷⁵ *Idem*, 1962.

estratégias aliancistas e afunilando o caminho para a aprovação das reformas de base¹⁴⁷⁶.

Com o clima de caça às bruxas na Sudene após o golpe civil-militar de 1964, as novas administrações procuraram “desideologizar” seus programas, expurgando o que poderia haver de “subversivo” e perseguindo suas lideranças acusados de “comunistas”¹⁴⁷⁷. Aprofundaram, também, o discurso tecnicista da Sudene e instituíram uma concepção tecnocrática de “recursos humanos”.

O “padrão tecnoburocrático de planejamento”¹⁴⁷⁸ e a perspectiva da educação como “treinamento” de “recursos humanos” se tornaram hegemônicos no pós-1964, quando o novo comando da autarquia dissolveu a ambiguidade sugerida ao passar um pente fino nos programas e na equipe técnica, depurando-os da influência “comunista” e reforçando a faceta economicista dos planos da Sudene.

Em síntese, desacoplada da conjuntura sociopolítica do pré-1964, na qual a Sudene se apoiara para avançar com as pautas resistidas pelas forças do *status quo*, a nova orientação da política educacional se limitou a “absorver mão de obra em empregos produtivos”, “aumentar a eficiência do sistema” e corrigir as “deficiências” e “distorções” com a utilização plena da “capacidade instalada”¹⁴⁷⁹.

O potencial humano que hoje se apresenta como mão-de-obra não especificada, não profissionalizada, força bruta de trabalho, uma vez atingido por programas de capacitação de quadros profissionais, sofrerá uma mudança não só na quantidade e qualidade do trabalho produzido, como na capacidade do seu poder aquisitivo, refletindo uma mobilidade sócio-econômica [...]. Ao abandono dessas populações, à mercê das oportunidades que as estruturas econômicas oferecem, se oporá um tipo de educação que levará à exigência e criação de novas oportunidades de trabalho e aprendizagem profissional. A Educação de Adultos, necessariamente, deve constituir-se em uma educação no desenvolvimento e para o trabalho.¹⁴⁸⁰

No contexto do projeto tecnocrático de desenvolvimento dos militares no poder, que, no Nordeste, liquidou com o componente político reformista e democrático do planejamento da Sudene, cuja expressão maior era a pluralidade de forças políticas representadas no Conselho Deliberativo (uma instância de coordenação, articulação e sistematização de propostas politicamente construídas), prevaleceu o nexo tecnocrático em todas as frentes de ação do órgão regional, inclusive no segmento educacional.

¹⁴⁷⁶ Figueiredo, 1993.

¹⁴⁷⁷ Periscópio, *Diário de Pernambuco*, 3/4/1964.

¹⁴⁷⁸ Oliveira, M., 1991a, p. 104.

¹⁴⁷⁹ Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 6, n. 6, 1968, p. 12.

¹⁴⁸⁰ Sudene, 1967, p. 13.

7. A desestruturação do DRH e a prevalência do discurso econômico na área educacional

Essa prevalência da faceta economicista de uma Sudene sem o dínamo político da fermentação democrática do pré-1964, que empurrava o órgão regional na direção das pautas progressistas e fazia o contraponto social às suas políticas, não foi acompanhada pela retórica da Sudene, que continuou utilizando o discurso da “batalha” contra as disparidades regionais e sociais consagrado em seus documentos fundadores (o “Relatório do GTDN” e o I Plano Diretor).

Sem o dinamismo das forças democráticas, o DRH foi desfigurado e subordinado às diretrizes da Usaid, que se voltava exclusivamente para o “treinamento” e o aumento da produtividade da mão-de-obra nordestina, o suprimento da demanda crescente por pessoal qualificado pela expansão da indústria e a aceleração do crescimento da economia regional.

Para completar, o enfoque do “capital humano”, predominante nas reformas educacionais do país entre as décadas de 1960 e 1970¹⁴⁸¹, e que associava competitividade e eficiência econômica com investimento em educação, legitimou a ênfase da Sudene no binômio educação-desenvolvimento e no adestramento de pessoal com vistas às necessidades do sistema produtivo e do mercado de trabalho regional que se adensava.

No pós-1964, período em que se reestabeleceu o “clima de confiança mútua”¹⁴⁸² – “sem prevenções nem cálculos”¹⁴⁸³ – entre a Sudene e a Usaid, respectivamente sob o comando do agrônomo pró-*yankee* João Gonçalves de Souza e do economista Donor Lion, o órgão regional perdeu seu poder de iniciativa e coordenação sobre os investimentos estrangeiros nos projetos educacionais para o Nordeste.

A queda de braços da Sudene com os governadores oposicionistas e com a Usaid pela defesa da autonomia da autarquia federal e da soberania do governo brasileiro no tocante à destinação dos investimentos americanos e à formulação de projetos para a região teve um desfecho em 1964 contra os interesses da Sudene de Furtado.

Pelo Convênio a Usaid somente poderia assistir tecnicamente aos Estados quando por solicitação da Sudene, mas isto permanentemente foi contrariado e trazia desvantagens pois aquele órgão estrangeiro dava ordens e sugestões não acatadas pela Sudene.¹⁴⁸⁴

A Usaid mandava e desmandava depois da revolução. Fazia tudo o que ela queria. [...]. Não era para a gente opinar em nada. A Sudene só devia aprovar os planos [da

¹⁴⁸¹ Canuto, 2006b, p. 81.

¹⁴⁸² Souza, J., 1979, 204.

¹⁴⁸³ *Ibidem*, p. 206.

¹⁴⁸⁴ Sudene, 1973, p. 9.

Usaid].¹⁴⁸⁵

João Gonçalves afinava muito com a Usaid. Ele falava inglês. Era um clima melhor que o da antiga Sudene de Celso. [...]. A Usaid tinha um significado muito grande perante a Sudene.¹⁴⁸⁶

O sonho de Celso Furtado era que esse pessoal [da Usaid] ajudasse, financeira e tecnicamente, o plano da Sudene, aquilo que já tinha sido concebido. Mas [a Usaid] veio lá [no Nordeste] para planejar também. E tinha suas prioridades. [...] tinha conflito a todo instante.¹⁴⁸⁷

Um dos resultados da desestruturação do DRH e de seus programas foi a invasão dos economistas com seus critérios produtivistas na área educacional. Em 1967, no “I Seminário de Educação e Desenvolvimento – Educação de Adultos”, que reuniu especialistas do MEC, das Secretarias estaduais de Educação, das autarquias públicas federais e de instituições internacionais (Unesco e Usaid) visando construir uma nova política educacional para a região, os economistas levantaram questões sobre os “custos” e a “eficácia” dos programas educacionais do organismo regional e defenderam que a programação educacional deveria “responder às necessidades atuais e futuras do desenvolvimento”¹⁴⁸⁸. Por seu turno, os técnicos da área educacional criticaram a atitude “realista” e a “excessiva submissão à uma orientação essencialmente econômica”¹⁴⁸⁹ – “tensão útil entre as exigências dos pedagogos e as necessidades dos economistas”¹⁴⁹⁰ – e expressaram preocupação com os “conflitos”, as “tensões” e os “traumas” que poderiam resultar do entrelaçamento dos valores tradicionais das “populações marginalizadas” na área rural com as “descobertas da técnica e da ciência moderna”¹⁴⁹¹.

Entusiasmada com os métodos radiofônicos e televisivos empregados na alfabetização de jovens e adultos, uma vitrine da “modernização” em curso na educação regional¹⁴⁹², a autarquia federal assinou acordos com a Fundação Padre Anchieta (de São Paulo) e o MEC para a retransmissão pelas emissoras públicas de televisão do Nordeste das aulas daquela Fundação desde que adaptadas à realidade nordestina – “Sabe-se [...] que os problemas educacionais da Região reclamam atendimentos específicos e impõem prioridades diferentes daquelas de outras áreas do País”¹⁴⁹³. Através do programa intitulado “Educação, Melhoria e

¹⁴⁸⁵ Cavalcanti, V., 2022.

¹⁴⁸⁶ Pereira, 2022.

¹⁴⁸⁷ Ribeiro, 2022.

¹⁴⁸⁸ Sudene, 1967.

¹⁴⁸⁹ Furter, 1967. p. 37.

¹⁴⁹⁰ *Ibidem*, p. 39.

¹⁴⁹¹ Sudene, 1967, p. 11.

¹⁴⁹² Som e imagem, *Sudene Informa*, v. 8, n. 7-8, 1970, p. 27-28.

¹⁴⁹³ Sudene, 1971, pp. 32-33.

Formação de Pessoal Docente”, o Cetreino se encarregaria de preparar técnicos para adequar os sistemas educacionais aos novos recursos tecnológicos utilizados nos telepostos e radiopostos¹⁴⁹⁴.

A autarquia também assinou um convênio com os governos estaduais da região e a Usaid para criar um programa televisivo voltado à educação de adolescentes e adultos¹⁴⁹⁵. O Curso Madureza-Ginásial pelo rádio e pela televisão foi concebido “de modo a atender às necessidades do sistema produtivo ao qual está diretamente vinculado”¹⁴⁹⁶.

Para dar conta dessa profusão de iniciativas baseadas nas novas tecnologias de comunicação, a Sudene criou o Setor de Audiovisual na Divisão de Treinamento do DRH, patrocinou eventos que sugeriam seu otimismo com os novos métodos, como o “Encontro Regional de Educação Fundamental e Televisão Educativa” (1970), e construiu Centros de Produção de Programas Educacionais para Rádio e Televisão em todos os estados da região (instalados nas universidades) para a exibição dos cursos com o auxílio de monitores¹⁴⁹⁷.

O governo federal retirou autonomia e recursos da Sudene e esvaziou seus planos de ação, subordinando-a às decisões do poder central expressas nos Planos Nacionais de Desenvolvimento (PNDs)¹⁴⁹⁸. No âmbito educacional, a nova orientação determinava “a transformação de toda a estrutura educacional do Nordeste e sua integração em uma política nacional, de modo a aumentar a eficiência do sistema, expandir o atendimento em todos os níveis e vincular o ensino à pesquisa e à produção”^{1499 1500}.

Apoiando-se no discurso esvaziado e pouco efetivo da “integração do homem nordestino no processo desenvolvimentista”¹⁵⁰¹, na superação da pobreza rural e urbana e da redução das desigualdades sociais e regionais, os dirigentes da Sudene abriram mão de um projeto educacional autônomo com as especificidades do Nordeste, tal como fora perseguido pela instituição no pré-1964, transplantaram para a região, “uma das mais contempladas com projetos especiais”^{1502 1503}, as expectativas e os planos de ação da USAID e do governo central

¹⁴⁹⁴ Curso de madureza pela TV ganha nova imagem, *Sudene Informa*, v. 9, n. 8, 1970.

¹⁴⁹⁵ Sudene, 1971, p. 33.

¹⁴⁹⁶ *Ibidem*, p. 18.

¹⁴⁹⁷ Santos, 2022.

¹⁴⁹⁸ Colombo, 2015; Oliveira, F., 2008; Carvalho, J., 1979.

¹⁴⁹⁹ Sudene, 1973, p. 18.

¹⁵⁰⁰ A subordinação da política educacional da Sudene às determinações do governo central também ocorreu com os órgãos estaduais e municipais da região, que foram constrangidos a executar as ações centralmente planejadas (Canuto, 2006b, p. 81).

¹⁵⁰¹ Curso de madureza pela TV ganha nova imagem, *Sudene Informa*, v. 9, n. 8, 1970.

¹⁵⁰² Oliveira, M., 2006, p. 179.

¹⁵⁰³ Foram os seguintes os “Projetos Especiais” do governo central que, nas décadas de 1970 e 1980, contemplaram a região Nordeste: PoloNordeste, Programa de Expansão e Melhoria da Educação no Meio Rural (EduRural), Projeto de Coordenação e Assistência Técnica ao Ensino Municipal (ProMunicípio), Programa Especial de Apoio

para o setor educacional.

Os “Projetos Especiais” inundaram a região com recursos federais que lubrificaram o esquema político-partidário clientelista e, não obstante o discurso de modernização, tiveram um impacto limitado na melhoria da educação pública uma vez que os “dividendos político-partidários” dos programas educacionais prevaleceram sobre seu “desempenho técnico-pedagógico”¹⁵⁰⁴.

Além disso, as “estruturas paralelas” montadas para operacionalizá-los criaram novos “focos de poder” e “coronéis tecnoburocráticos” e sabotaram as estruturas burocráticas regionalizadas instaladas pela Sudene nas Secretarias estaduais de Educação desde a década de 1960¹⁵⁰⁵.

O corte tecnocrático do processo de gestão, inaugurado em 1964 e ampliado a partir da década de 70 com os Projetos Especiais, além de haver provocado a fragmentação das estruturas técnico-burocráticas no interior das secretarias estaduais de educação, propiciou, também, a criação de ilhas de intermediação e de poder.¹⁵⁰⁶

A ênfase na educação rural era uma prioridade para os “Projetos Especiais”, a Usaid e o Banco Mundial (BM). “Instrumento auxiliar do governo norte-americano na execução de sua política externa”¹⁵⁰⁷ e a “principal agência de assistência técnica em matéria de educação para países em desenvolvimento”¹⁵⁰⁸, o BM modificou seu conceito de “desenvolvimento” no final da década de 1960 – O “crescimento econômico” deixou de ser considerado condição suficiente para a distribuição mais justa da riqueza.

Visando “resguardar a estabilidade do mundo ocidental”, o BM se voltou para a questão da pobreza nos países periféricos¹⁵⁰⁹, priorizando investimentos no Brasil, que foi o maior tomador de recursos do BM na década de 1970¹⁵¹⁰, e, principalmente, na região Nordeste, onde os problemas sociais e educacionais eram mais agudos¹⁵¹¹. A focalização na educação básica – “investir nas pessoas”¹⁵¹² – passou a ser vista não apenas “como instrumento de redução da pobreza, mas principalmente como fator essencial para a formação de ‘capital humano’

às Populações Pobres das Zonas Canavieiras do Nordeste (Procanor), Programa Nacional de Ações Socio-Educativas e Culturais para o Meio Rural (Pronasec), Programa Nacional de Ações Socio-Educativas e Culturais para o Meio Urbano (Prodasec), Programa de Apoio Técnico e Financeiro aos Municípios (Proam) e Programa de Desenvolvimento da Educação Rural (Proderu) (Oliveira, M., 1991a, p. 53).

¹⁵⁰⁴ Neves e Oliveira, 1987; Oliveira, M., 1991a, pp. 54-56.

¹⁵⁰⁵ Oliveira, M., 1991a, pp. 55-56.

¹⁵⁰⁶ *Ibidem*, p. 55.

¹⁵⁰⁷ Soares, 1996, p. 16.

¹⁵⁰⁸ Torres, 1996, p. 126.

¹⁵⁰⁹ Fonseca, 1996, pp. 229-231.

¹⁵¹⁰ *Ibidem*, p. 32.

¹⁵¹¹ Tommasi, 1996, p. 200.

¹⁵¹² Coraggio, 1996, p. 91.

adequado aos requisitos do novo padrão de acumulação”¹⁵¹³.

Além de suporte financeiro, essas instituições multilaterais traziam a tiracolo “ideias e orientações que vão sendo universalizadas como receituário único, independentemente da história, da cultura e das condições de infraestrutura”¹⁵¹⁴. É exemplo disso a generalização – pela *intelligentsia* a serviço dessas instituições internacionais (economistas, em sua maioria) – de correlações entre os baixos índices de escolarização e a pobreza, entre a desigualdade e o baixo índice de democracia, assim como a prevalência do “discurso econômico” do BM nos assuntos educacionais ¹⁵¹⁵ ¹⁵¹⁶, “retórica social”¹⁵¹⁷ que encontrou solo fértil no Brasil – especialmente no Nordeste.

Contornando as estruturas político-burocráticas nacionais e se relacionando diretamente com as instâncias de poder local, essas instituições ensejaram “práticas clientelistas-patrimonialistas” nas negociações com os chefes políticos locais, que procuravam instalar equipamentos escolares em suas respectivas zonas eleitorais – “Essa prática patrimonialista [...] se arrastaria por várias décadas, não sendo exagero afirmar-se que ela presidiu o crescimento da rede pública de ensino no País, sobretudo no Nordeste”¹⁵¹⁸.

¹⁵¹³ Soares, 1996, p. 30.

¹⁵¹⁴ Warde e Hadad, 1996, p. 11.

¹⁵¹⁵ Coraggio, 1996; Torres, 1996.

¹⁵¹⁶ “As propostas do BM [Banco Mundial] para a educação são feitas basicamente por economistas dentro da lógica e da análise econômica. A relação custo-benefício e a taxa de retorno constituem as categorias centrais a partir das quais se define a tarefa educativa, as prioridades de investimento (níveis educativos e fatores de produção a considerar), os rendimentos, e a própria qualidade” (Torres, 1996, p. 138).

¹⁵¹⁷ Soares, 1996, p. 30.

¹⁵¹⁸ Oliveira, M., 2006, p. 164.

Conclusão

Concebida para interromper a “fuga de cérebros”, um dos principais fatores associados ao subdesenvolvimento da região segundo o Relatório do GTDN, e criar uma elite técnica remunerada com salários competitivos, a Sudene experimentou a desintegração e o êxodo de sua equipe de especialistas conhecida pelo alto nível técnico, que era um diferencial e um ativo da autarquia desenvolvimentista. Em 1969, foi calculada a saída de mais de 1.300 funcionários¹⁵¹⁹, que encontraram condições salariais mais vantajosas no mercado de trabalho cujo impulso se deveria em boa medida ao dinamismo induzido pela própria Sudene na região.

O surgimento de novos órgãos públicos, de consultorias privadas e de universidades com capacidade de produzir informações e análises para subsidiar o processo decisório na região, tarefa que coubera quase exclusivamente ao organismo regional até meados da década de 1960, também contribuiu para o “esvaziamento técnico” e a “saída dos quadros duramente treinados” pela instituição¹⁵²⁰.

Nas décadas seguintes, esse êxodo se agudizou na medida em que a autarquia foi alienada dos projetos elaborados pelo governo central para a região e sofreu com a falta de recursos e de pessoal qualificado, rendendo-se à burocratização¹⁵²¹.

A Sudene como que se deu ao luxo de “exportar cérebros”. Muitos órgãos públicos (federais e estaduais) não só passaram a contar com a colaboração de profissionais egressos da Sudene em seus quadros técnicos, como estiveram mesmo sob a direção geral daqueles profissionais, durante muitos anos. Parecíamos viver num terreno fecundo onde eram colhidos especialistas.¹⁵²²

Os salários haviam sido congelados para equipararem-se aos dos demais funcionários públicos civis e da União e o setor privado disputava e conseguia contratar os melhores técnicos da Sudene, a qual, por esta forma, também empobrecia.¹⁵²³

Afastados, foragidos, perseguidos, devolvidos para suas repartições de origem¹⁵²⁴, desvalorizados e/ou descrentes em relação ao futuro da instituição, que foi um dos principais alvos do regime autoritário¹⁵²⁵, os técnicos do órgão desenvolvimentista buscaram alternativas de colocação profissional. Como consequência dessa “fuga de cérebros”, os órgãos públicos e

¹⁵¹⁹ Limeira e Alves, 1992, p. 74.

¹⁵²⁰ Oliveira, F., 2009, p. 195.

¹⁵²¹ Colombo, 2015.

¹⁵²² Limeira e Alves, 1992, p. 74.

¹⁵²³ Souza, J., 1979, p. 176.

¹⁵²⁴ No governo Castelo Branco (1964-1967), um decreto do governo federal determinou a devolução pela Sudene dos servidores públicos emprestados de outras repartições públicas e a extinção da prerrogativa do órgão regional para lhes oferecer uma complementação salarial, o que contribuiu para o esvaziamento e enfraquecimento do *staff* técnico da Sudene.

¹⁵²⁵ Oliveira, F., 2008.

as empresas privadas que absorveram os funcionários da Sudene acessaram um conjunto de conhecimentos, práticas, tecnologias e redes de relações dentro e fora do Estado de inestimável valor em suas áreas de atuação.

Vale frisar, também, que vários especialistas da Sudene foram absorvidos pelas universidades locais. No contexto de criação do sistema nacional de pós-graduação, muitos de seus mais destacados servidores equipados com um capital técnico-científico com uma cotação alta no mercado de postos acadêmicos migraram para as universidades da região atraídos por melhores salários¹⁵²⁶.

Os cursos TDE foram abandonados pelas novas gestões da Sudene no pós-1964 e os técnicos em desenvolvimento econômico, que haviam sido equiparados aos demais técnicos de nível superior (lei 4.089/1962), foram rebaixados para uma categoria profissional de nível médio na hierarquia da administração pública, perderam o *status* de uma categoria própria e foram incorporados ao funcionalismo público pelo Plano de Classificação de Cargos da Sudene (lei 5.645/1970). Com a lei 6.257/1975, eles terminaram equiparados aos técnicos de planejamento do Ministério do Planejamento¹⁵²⁷, tornando-se uma “categoria geral”¹⁵²⁸. A partir de agosto de 1995, os técnicos em desenvolvimento econômico que restavam na Sudene (cerca de 50) foram redistribuídos e lotados no Ministério de Planejamento e Orçamento¹⁵²⁹.

A Sudene também ajudou a reestruturar as universidades públicas do Nordeste, financiou bolsas de estudos para alunos do interior nordestino e de condições modestas (do pré-vestibular à pós-graduação), investiu em cursos estratégicos e inundou a região de técnicos e pesquisadores estrangeiros e do Centro-Sul do país para cooperar com seus estudos e programas. Com o IJNPS e a UFPE, o órgão desenvolvimentista acelerou a gestação de um ambiente intelectual estimulante de produção e consumo de ciência e de inovação tecnológica¹⁵³⁰, empurrando a eferescente província intelectual pernambucana na direção da era científica e acumulando capacidade científica para a expansão e o salto de qualidade do

¹⁵²⁶ Foi assim, por exemplo, na área das ciências da terra. O crescimento da indústria de exploração mineral no Nordeste e o conseqüente aumento da procura por geólogos e engenheiros de minas ensejaram a criação de cursos nas escolas de geologia na região: “Logo após a criação do tempo integral e dedicação exclusiva nas Universidades brasileiras em 1970, pelo então Ministro Jarbas Passarinho, professores universitários tiveram seus salários majorados em cerca de 250%. Esta nova realidade tornou a UFPE mais atrativa e alguns geólogos da SUDENE, egressos das primeiras turmas, vieram para a UFPE, somando-se às nossas fileiras Benjamin Bley de Brito Neves, Aldo da Cunha Rebouças, Edilton Carneiro Feitosa e Hartmut Beurlen” (Sial, 2007, p. 10).

¹⁵²⁷ Lima e Alves, 1992, pp. 59-60.

¹⁵²⁸ Albuquerque, 2021.

¹⁵²⁹ Informação extraída de uma carta de 10 de abril de 1996, endereçada à Coordenadoria de Recursos Humanos do Ministério de Planejamento. O documento foi consultado no acervo pessoal de Janiza Lima Ribeiro de Albuquerque.

¹⁵³⁰ “Sudene, Fundaj, UFPE são produtos do mesmo fenômeno de maturação de um Sistema de Ciência em Pernambuco” (Galindo, 2022, p. 60).

sistema universitário do Nordeste entre as décadas de 1960 e 1980.

O organismo regional se constituiu em um centro exportador de especialistas de alto nível técnico para as universidades da região, ajudando a estruturar novos cursos de graduação, departamentos universitários e programas de pós-graduação¹⁵³¹. A Sudene também investiu em cursos de pós-graduação visando formar pessoal de ponta para as universidades nordestinas e fortalecer seu próprio *staff* técnico.

Beneficiadas pelos investimentos do órgão regional em um momento de absoluta carência de recursos e de infraestrutura de financiamento à pesquisa científica e tecnológica, as universidades orientaram seus trabalhos em função da agenda desenvolvimentista da Sudene e ajudaram a legitimá-la. Em meados da década de 1960, elas se modernizaram, diversificaram suas fontes de financiamento, criaram condições salariais vantajosas e atraíram muitos dos técnicos com maior qualificação da Sudene, passando a competir com o órgão regional na produção de conhecimento inovador.

Esta autarquia [a Sudene] foi catalizadora de um esforço de reconhecimento e análise regional que, por mais de cinquenta anos, mobilizou um exército de pesquisadores dos mais variados campos do conhecimento e contribuiu decisivamente para o desabrochar da vocação de pesquisa científica sistemática e os estudos pós-graduados na UFPE. Estudiosos de variados campos se sentiram convidados a se debruçar sobre um conjunto de problemas crônicos inibidores do desenvolvimento. Destas pesquisas emergiram soluções inovadoras, muitas delas implementadas, e geraram como subproduto uma densa massa de dados de grande valor informacional. A instalação da Sudene, no bairro do Engenho do Meio, coincide com a modernização da pesquisa na UFPE, na escola e forma como hoje a conhecemos. A partir daí a atividade acadêmica tomou impulso vertiginoso em Pernambuco, o que levou a UFPE a ocupar posição de destaque no cenário científico nacional.¹⁵³²

Entre as décadas de 1960 e 1970, as universidades experimentaram uma grande expansão, os sistemas federal e estadual de financiamento à pesquisa começaram a se estruturar, contribuindo para incrementar e diversificar as fontes de financiamento à pesquisa científica e à inovação tecnológica na região¹⁵³³. O progressivo “esvaziamento” da Sudene já a partir da segunda metade da década de 1960 impactou seus investimentos nas áreas educacional, científica e tecnológica, e o órgão regional perdeu capacidade indutora e protagonismo sobre o sistema universitário, que se modernizou e se tornou mais autônomo com a estruturação do sistema nacional de financiamento à pesquisa científica, o regresso das primeiras levas de

¹⁵³¹ Alguns dos técnicos da Sudene em meteorologia e climatologia cursaram o mestrado e/ou doutorado no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e ajudaram a estruturar o Departamento de Mineração e Geociências e o Departamento de Ciências Atmosféricas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), ambos criados em 1979.

¹⁵³² Galindo, 2022, p. 59.

¹⁵³³ “O primeiro a dar o chute foi a Sudene. [...] Depois veio Finep, CNPq, Capes” (Leça, 2022).

estudantes com estudos de pós-graduação do Centro-Sul e do exterior e a criação de novos cursos, departamentos universitários e institutos de pós-graduação incentivados pela reforma universitária (lei 5.540/1968).

No final da década de 1960, a equipe técnica da Sudene começou a ser desmantelada – “grave problema de esvaziamento”¹⁵³⁴. Um dos principais alvos do regime autoritário, o órgão desenvolvimentista perdeu sua preeminência no campo do planejamento regional e viu surgir novos órgãos públicos, consultorias privadas e universidades com capacidade de produzir informações e análises para subsidiar o processo decisório, tarefa que coubera quase exclusivamente ao organismo regional até meados da década de 1960, contribuindo para o “esvaziamento técnico” e a “saída dos quadros duramente treinados”.

Como visto, o DRH e a política educacional da Sudene foram sendo progressivamente esvaziados. De um departamento estratégico e com uma atuação extensa e transversal na área educacional e na formação de pessoal, o DRH se transformou em uma seção de “treinamento” de seu próprio pessoal técnico e de “recursos humanos” demandados pelos convênios da Sudene com o governo central e as instituições internacionais. A falta de recursos financeiros também prejudicou as atividades da autarquia, impactando seus programas de formação de pessoal e planejamento educacional¹⁵³⁵.

A subordinação dos planos estaduais de Educação aos PNDs¹⁵³⁶ esvaziou a experiência de construção de políticas públicas educacionais através de um modelo cooperativo entre a União e os estados do Nordeste, que era uma novidade *vis-à-vis* a tradição política centralizadora do país. Significou, portanto, a perda de autonomia das instâncias locais na definição da política educacional mais adequada às suas realidades.

Produto de um pacto de dominação avesso ao ideário liberal-democrático e reformista da Sudene de Furtado, o autoritarismo militar-tecnocrata inviabilizou o arranjo inovador e horizontal de cooperação interfederativa construído pelo órgão regional. No campo educacional, isso significou a fragmentação e a desorganização dos sistemas de educação da região, prejudicados pelos vaivéns da conjuntura política nos níveis federal e estadual e pela alternância de grupos com orientações e projetos políticos díspares¹⁵³⁷.

De modo geral, os investimentos pioneiros da Sudene na educação foram esquecidos

¹⁵³⁴ Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 5, n. 11-12, p. 27, 1967.

¹⁵³⁵ “O principal golpe na Sudene foi o corte no orçamento, reduzido abruptamente, o que transformou a Superintendência em um órgão de apoio financeiro e técnico a projetos nacionais [e internacionais]” (Colombo, 2015, p. 114).

¹⁵³⁶ Canuto, 2006b, p. 81.

¹⁵³⁷ Costa, 2006b.

em virtude da maior complexidade dos problemas educacionais¹⁵³⁸ e do aperfeiçoamento dos sistemas estaduais e municipais de planejamento educacional¹⁵³⁹, que o próprio órgão regional ajudou a organizar. Os conflitos e as indefinições relacionados à delimitação das atribuições entre a autarquia desenvolvimentista e os governos locais, que acusaram o órgão de ser centralizador e de interferir em sua esfera de ação¹⁵⁴⁰, também contribuíram para a retirada da Sudene da discussão educacional.

A partir da segunda metade da década de 1960, a Sudene perdeu poderes para planejar o desenvolvimento do Nordeste, restringindo-se à coordenação e supervisão das ações planejadas pelo governo central e pelas instituições internacionais. Esse quadro contribuiu para a desorganização das políticas do órgão na região, a sobreposição de tarefas e a falta de diretrizes comuns e de continuidade na política de desenvolvimento regional, resultando em um caos institucional.

No plano internacional, no contexto do acirramento da Guerra Fria, multiplicaram-se as agências com projetos políticos alternativos ao da Sudene para o Nordeste brasileiro (especialmente a Usaid, a AP, o BM, a FF e a Unesco – instituições que foram a ponta de lança do *establishment* americano na região). Essas agências difundiram seminários, conferências e cursos para formar planejadores e consolidar uma noção de planejamento educacional como formação de mão-de-obra para o crescimento econômico. Nesse processo, teve papel importante a intensa circulação de *experts* americanos (notadamente economistas) e a difusão de teorias econômicas monetaristas, que contrabalançaram a influência do estruturalismo da Cepal na América Latina¹⁵⁴¹.

Enfraquecida pelos militares no poder, e sem forças para resistir a essa contra-ofensiva, a Sudene foi capturada pelas referidas instituições internacionais, que impuseram os critérios “técnicos” da ciência econômica – “ciência-fonte do planejamento de políticas educacionais”¹⁵⁴² – no tratamento da questão educacional, agora compreendida na chave da teoria do capital humano.

¹⁵³⁸ Na década de 1980, no contexto da redemocratização, a questão da “expansão” cedeu lugar aos problemas relacionados à “qualidade” do ensino público (evasão, reprovação, repetência, distorção idade-série, avaliação do processo de “ensino-aprendizagem”), à preocupação com o aproveitamento escolar do alunado e sua formação como um “cidadão pleno” (com acesso à instrução e cultura) (Oliveira, M., 2006). Adquiriu centralidade, também, a participação de organizações da sociedade civil na definição das políticas educacionais (Costa, 2006b).

¹⁵³⁹ Com o apoio da Sudene, a lei 5.692/1971 estimulou a descentralização e a redistribuição das responsabilidades educacionais entre estados e municípios, que a partir de então precisaram coordenar e integrar suas ações (Oliveira, M., 2006, p. 165). A “municipalização” no financiamento e gestão das políticas educacionais seria aprofundada na década de 1990 (*Ibidem*, pp. 181-182).

¹⁵⁴⁰ Lima, M., 2009.

¹⁵⁴¹ Dezalay e Garth, 2002.

¹⁵⁴² Almeida, A. M., 2008, p. 168.

Contudo, cabe pontuar que, não obstante a mistificação do planejamento como um fim em si mesmo, os limites de uma visão instrumental da educação centrada na absorção da “cultura do industrialismo”¹⁵⁴³ e o agravamento dos problemas educacionais na região¹⁵⁴⁴, a Sudene contribuiu para a profissionalização das burocracias locais no campo educacional, a rotinização do planejamento educacional nos níveis municipais e estaduais e a construção de diretrizes unificadoras para a gestão da educação no Nordeste. A autarquia também colaborou para a democratização das oportunidades educacionais e a valorização do ensino público regional.

¹⁵⁴³ Costa, 2006b, p. 25.

¹⁵⁴⁴ Costa, 2006a, p. 203; Oliveira, M., 1991a, 1991b e 2006; Brasileiro, 1991.

O economista político: considerações finais

Como visto, o economista Celso Furtado se construiu como um personagem acima do bem e do mal, personificação da *res publica*, o demiurgo do Brasil e do Nordeste e o patrono dos economistas políticos brasileiros. A partir da “sociologia genética” (ideia de que é preciso voltar ao começo das coisas se se quer compreender como elas se desenvolveram) do sociólogo francês Pierre Bourdieu, foi reconstruído o processo social de canonização de Furtado.

Através da investigação do passado de Celso, de sua educação sentimental na Paraíba natal, de sua origem social distinta, ficou demonstrado que ele arrastava um sentimento de si ambíguo: por um lado, se sentia alguém elevado, com grandes poderes e um grande futuro, e, por outro lado, vivia com o sentimento de inconformidade e desajustamento, que se traduziram em uma teoria heterodoxa do subdesenvolvimento e em um projeto político contestador¹⁵⁴⁵. A tese procurou responder como esses travejamentos biográficos se conjugaram para inscrevê-lo como um dirigente estatal reformador. Ficou demonstrado que a referida ambiguidade de Celso está na origem de sua trajetória ímpar e de sua propensão para ser um inovador.

Furtado não perdia oportunidade para marcar sua diferença com a política partidária, os políticos profissionais, e para vender-se como um “técnico apartidário”. Daí a questão: como alguém com esses antecedentes, uma quase aversão aos políticos profissionais, conseguiu encabeçar o maior feito político do país – a nova política para o desenvolvimento do Nordeste – depois da criação da Petrobras e da construção de Brasília? Ele não poderia ser um simples “técnico” – antípoda do político e do polígrafo, que ele abominava – ou economista, como ele pretendeu parecer ser na época. Ele também não poderia ser confundido com um político tradicional, organizador partidário ou militante, embora soubesse a arte e o ofício de articular e negociar. Tampouco poderia ser tomado como um político de “esquerda”. Furtado era oriundo de uma terra (a Paraíba) sem tradição política de esquerda¹⁵⁴⁶, não nutria qualquer simpatia pelo PCB – à época um partido de massas –, nem pelo PTB e o varguismo, e não queria saber de militância política.

Daí o seguinte paradoxo: como alguém vindo de tal contexto, e que passou quase dez anos fora do país no momento em que eram abertas muitas oportunidades aos economistas no Brasil, conseguiu assumir a frente do movimento por mudanças econômicas e sociais no Nordeste brasileiro no final da década de 1950? O economista jogou com a disjuntiva

¹⁵⁴⁵ O tema do desconforto existencial do intelectual (desterro, exílio) na sociedade brasileira é largamente conhecido nos estudos no campo do pensamento social brasileiro (Sevchenko, 1983; Lima, N., 2013, p. 203).

¹⁵⁴⁶ Oliveira, F., 2020 [2013], p. 76.

técnica/técnicos vs. política/políticos conforme a ocasião, mostrando um tino político raro, e se destacou em ambas as frentes. Entre os técnicos, era o mais capaz. Entre os políticos, era o mais virtuoso. Era, em suma, um misto de economista, dirigente político e estrategista militar, combinação de qualidades que o colocou no centro dos acontecimentos.

Um “republicano exemplar”¹⁵⁴⁷, Celso levou às últimas consequências seu virtuosismo ético (seu maior trunfo político) para criar a Sudene – uma Cepal para chamar de sua – e terminou reconhecido em todo o país. Líder carismático com o comportamento paradoxalmente mais anti-carismático de seu tempo, e que logo se tornaria uma quase unanimidade nacional, Furtado entrou em campo quando o Nordeste se transformara em um campo de batalha. Ele foi visto pelos detentores do poder político como um desconhecido, um penetra, um forasteiro, em suma, um *outsider*. Em meio à luta pelo controle político-eleitoral do Nordeste, ele criou a Sudene pretendendo colocá-la acima das lutas partidárias, uma operação política formidável. De fato, a Sudene se tornou o foco da luta política nacional¹⁵⁴⁸. Como mostrou a tese, isso não poderia ter ocorrido sem muita habilidade e ambição política de parte do idealizador da Sudene. Essa improvável e paradoxal capacidade política esteve na base da trajetória olímpica de Furtado na direção do poder e colaborou para transformá-lo em um dos principais intelectuais e dirigentes estatais brasileiros do século XX.

A tese mostrou que a Sudene não apareceu como raio em dia de céu azul. A elevação do Nordeste ao centro da disputa política nacional foi um processo gradual. O acúmulo de expertise estatal nos assuntos relacionados à região teve início no século XIX. A perspectiva hidráulica dos problemas nordestinos foi sendo abandonada e substituída pelo novo paradigma desenvolvimentista (crença de que o desenvolvimento econômico resolveria os problemas da região e removeria os obstáculos às mudanças), uma ideologia com muita força política no pós-1930, alcançando seu apogeu na década de 1950.

Não obstante esse acúmulo pelo Estado no enfrentamento dos problemas nordestinos, Furtado conseguiu difundir a percepção de que a criação da Sudene inaugurava uma nova era para o Nordeste. A Sudene era apresentada como um divisor de águas na região, inaugurando um novo tempo e a promessa de um futuro mais esperançoso. Era a “redenção” e a “salvação” do Nordeste, imagens bíblicas que viriam a calhar com a propensão de Furtado para pensar, sentir e agir como um profeta e um mensageiro dos novos tempos. A criação da Sudene foi recebida como o ato de fundação do Nordeste desenvolvimentista e como uma cunha a separar

¹⁵⁴⁷ *Ibidem*.

¹⁵⁴⁸ Cohn, 1978.

o velho do novo, dividindo o tempo entre antes e depois da Sudene, ou, ainda, antes e depois de Celso. Fruto de um longo processo de amadurecimento da “questão regional”, a Sudene paradoxalmente parecia surgir de um deserto de propostas e lideranças.

De fato, Furtado conseguiu criar um órgão com vastos poderes e que não poderia ficar nas mãos dos políticos profissionais. Como seria possível isso? Que estruturas alternativas de poder balizariam esse projeto? O amplo respaldo social e o capital de credibilidade técnica e política de Furtado explicam o sucesso do empreendimento. Furtado saiu a campo em 1959 para construir esse capital político e arregimentar aliados. Ele conseguiu o apoio de amplos setores da sociedade brasileira e da elite burocrática, seu berço. Mas também houveram os perdedores.

O projeto de Gilberto Freyre para a região era muito diferente (senão oposto) ao projeto de Furtado. Eles disputaram a constituição do Nordeste enquanto um tema intelectual e um projeto político. O contraste entre as suas trajetórias e suas agendas intelectuais e políticas serviu para ilustrar a natureza dos empreendimentos singulares que eles encabeçaram em seus respectivos contextos históricos.

Freyre se consolidou como um imperador das ciências sociais da região com a criação do antigo IJN em 1949. Furtado procurou erguer seu próprio império dez anos depois. Eles protagonizaram embates no Conselho Deliberativo e na imprensa emal disfarçavam a desconfiança e a antipatia recíprocas. A disputa entre eles revelou um desencontro intelectual e embate ideológico centrais para a história das ciências sociais brasileiras. Como o deus Janus, o Nabuco se constituía de duas faces apontando em direções opostas. Uma delas olhando para o passado e a outra face voltada para o futuro. Como Freyre, um Nabuco dividido e que era premido pelos mesmos constrangimentos que se abatiam sobre seu criador. Não podendo resistir às mudanças em uma época de transição de modelos societários, Freyre e o Nabuco tentavam dirigi-las e conseguir para a sociedade patriarcal em vias de desagregação um altar, restituindo seu brio perdido diante da invasão dos valores industrialistas e exóticos para a aristocracia rural nordestina. Através de um de seus mais eminentes rebentos (Gilberto), a açucarcocracia construía sua própria mitologia. Não podendo medir forças com o Centro-Sul do país no terreno da política, nem resistir à invasão dos valores da modernidade industrial alienígena, Freyre e o Nabuco contornavam a nova ordem industrialista e travavam uma luta no terreno das ideias.

A chegada do economista paraibano representou uma ameaça ao trono do sociólogo pernambucano nas ciências sociais no Nordeste. Freyre lutava para fundar a nação brasileira nas tradições culturais nordestinas e fazê-la tributária da região – seu substrato civilizacional –

com suas especificidades culturais e econômicas preservadas. Por seu turno, Furtado tentava furar o bloqueio das oligarquias locais (do “atraso”) armado com a ideologia industrialista, e integrar o Nordeste no processo de desenvolvimento nacional.

O que era e o que deveria ser o Nordeste para esses dois “demiurgos”? Repositório das matrizes culturais brasileiras e modelo de convivência social, ecológico e racial, como queria Freyre? Ou uma região deixada para trás no processo de desenvolvimento nacional e com enormes potencialidades para desenvolver-se, como pensava Furtado? Sem prejuízo de suas divergências, ambos intuíram que o Nordeste se constituía no enigma da formação nacional e no principal desafio da construção de um país integrado, autêntico e desenvolvido. Seus projetos permanecem vivos no imaginário de parte das classes dirigentes nordestinas e brasileiras ainda hoje.

A tese também se deteve em Furtado como um planejador estruturalista que fundou na ciência moderna seu projeto de desenvolvimento econômico. O economista pregava que a técnica e a indústria modernas eram a chave para a resolução dos problemas nordestinos, superando as superstições e as velhas práticas políticas, e rompendo com o isolamento e o conservadorismo das instituições sociais, políticas e econômicas. Com o diagnóstico de que o problema do atraso nordestino era econômico e social, o economista apresentou uma alternativa otimista para um velho tema do pensamento social brasileiro, o da integração ao país das regiões e das parcelas excluídas da população.

Furtado apostava que o desenvolvimento (compreendido em sua matriz econômica) induziria mudanças em cadeia no regime fundiário, nas instituições políticas e na elevação do padrão educacional, traduzindo-se em uma maior consciência social. Por trás dessa concepção, estava a tese weberiana da irresistível força da racionalidade econômica moderna, que terminaria se impondo.

O Nordeste passou a ser visto não mais como uma “região problema”, mas como um foco de soluções, potencialidades e alternativas. Até então lido pelo prisma da falta, da escassez, da carestia, da fome (a prosperidade de São Paulo funcionou como um parâmetro a reforçar essas características negativas), o Nordeste foi apresentado pelas lentes de Furtado e da Sudene como uma região de abundância, riquezas naturais e potenciais econômicos e humanos. O desenvolvimento da região se nortearia pela ciência, pela inovação tecnológica, pela qualificação e a elevação da produtividade dos trabalhadores, pela expansão do sistema universitário e pelo investimento em educação básica e técnica, condições essenciais para o desenvolvimento capitalista da região. Tudo apontava para o esforço de complexificação da sociedade nordestina e para a criação de uma nova sensibilidade econômica de base científica

na maneira de conceber os problemas da região e de propor novas soluções.

O avanço nas ciências empíricas no pós-Segunda Guerra alcançou o Nordeste em boa medida através de Furtado e da Sudene, não esquecido o papel do Nabuco e das universidades nordestinas. Um empreendedor científico e criador de instituições, Furtado atraiu para a região – por meio da Cepal e das missões estrangeiras – as inovações tecnológicas do mundo desenvolvido adequadas às necessidades do Nordeste e as novidades em matéria de planejamento. A aposta na orientação dos processos de mudança social com base em um critério científico, assim como a racionalização da máquina administrativa e política, tiveram seu teste histórico no Nordeste sob o impulso da Sudene.

O órgão desenvolvimentista deu impulso às áreas científicas em vias de estruturação e envolveu as instituições universitárias em seu projeto de desenvolvimento regional, galvanizando gerações de cientistas de áreas diversas e demarcando uma distância em relação ao padrão de produção intelectual pouco profissionalizado e diletante. A Sudene contribuiu para estabelecer um modelo de trabalho científico e profissionalizar as carreiras universitárias, influenciando, inclusive, na reformulação de seus currículos. É elucidativo desse processo a circulação de especialistas entre a Sudene, as universidades e outros órgãos estatais na região.

O projeto desenvolvimentista de JK para o Brasil teve sua expressão final no Nordeste através da Sudene. Foi nesta região que o processo de mudança socioeconômica dirigida pelo Estado central mostrou de modo emblemático seus limites e onde se apresentaram de forma mais evidente as tensões, os contrastes e os dilemas do Brasil (moderno/atraso, litoral/sertão e capitalista/pré-capitalista). É possível afirmar que no processo de criação da Sudene convergiram o desenvolvimentismo kubitschekiano, o cepalismo, que apostava na industrialização e na inovação tecnológica como vias para o desenvolvimento autônomo dos países latino-americanos, e o repertório de temas, problemas e explicações da tradição do pensamento social brasileiro que Furtado carregava a tiracolo.

Bibliografia

- I Encontro de Reitores do Nordeste, *Sudene Informa*, v. 8, n. 1-2, 1970.
- I Seminário de Estatística, *Diário de Pernambuco*, 28/11/1958.
- III Plano Diretor prevê construção de 5 mil salas de aula e alfabetização de 300 mil pessoas, *Diário de Pernambuco*, 19/3/1965.
- IV Reunião de Estudos do Nordeste os evangélicos promoverão nesta capital, *Diário de Pernambuco*, 13/7/1962.
- A atuação do deputado Gilberto Freyre na Câmara, *Diário de Pernambuco*, 2/8/1949.
- A catedral, *Correio da Manhã*, 17/12/1959.
- A chamado de JK viaja ao Rio, hoje, economista Celso Furtado, *Diário de Pernambuco*, 11/12/1959.
- A dança de Salomé: a Sudene sacrificada aos interesses dos “donos” das secas, *Diário de Pernambuco*, 14/10/1959.
- A lei iria beneficiar apenas proprietários – O veto de JK ao projeto contrário à política da Sudene, *Diário de Pernambuco*, 17/10/1959.
- A notícia do dia a dia, *Correio da Manhã*, 7/10/1961.
- A Openo, *Correio da Manhã*, 27/2/1959.
- A situação da Parahyba, *Diário de Pernambuco*, 15/10/1930.
- Ab’Saber, Aziz N. (2007). *O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Nacib Ab’Saber*. Rio de Janeiro: Record.
- _____ (2003). *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- _____ (1979). “A climatologia e a meteorologia no Brasil”. In: Ferri, M.; Motoyana, S. (Orgs.). *História das ciências no Brasil*. São Paulo: Edusp.
- Ação comunitária para acelerar desenvolvimento, *Sudene Informa*, v. 4, n. 10, 1966.
- Acordo Brasil-Israel para ajudar o Nordeste, *Correio da Manhã*, 16/3/1962.
- Administração, *Sudene Informa*, v. 5, n. 5, 1967.
- Agrônomos x Economistas. À margem da conferência do professor Celso Furtado, *Diário de Pernambuco*, 28/11/1958.
- Ajuda americana para desenvolver o Nordeste, *Correio da Manhã*, 13/7/1961.
- Álbuns Griffith; Ince, Th. D., 5/11/1967.
- Albuquerque, Janiza L. R. de (2021). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Albuquerque Júnior, Durval M. de (1999). *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez Editora.
- Alcântara, Marco A. de (1959). Um plano para recuperar a indústria têxtil da região, *Diário de Pernambuco*, 4 de dezembro.
- “Aliança” dará quase 5 bilhões para educação em Sergipe e no Piauí, *Diário de Pernambuco*, 31/7/1963.
- Almeida, Ana M. F. (2008). “O assalto à educação pelos economistas”. *Tempo Social*, v. 20, n. 1, pp. 163-178.
- Almeida, Aristeu A. de (1995). “Rômulo Almeida: história sintética”. In: Almeida, A. B. de (org.). *Rômulo Almeida: o construtor de sonhos*. Salvador: Corecon-BA.
- Almeida, José G. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Almeida, Miguel O. de (2009). *Miguel Ozorio de Almeida: um depoimento*. Rio de Janeiro: Centro de História e Documentação Diplomática. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.
- Altas autoridades confraternizam com o povo pernambucano: mensagens, *Diário de Pernambuco*, 25/12/1963.
- Alunos da Sudene debateram novo método de alfabetização, *Última Hora*, 3/8/1963.
- Alves Filho, Leonides (2021). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.

- Amanhã, em Salvador, reunião do Codeno, *Diário de Pernambuco*, 1/12/1959.
- Andrade, Juracy (2002). *Sebrae Pernambuco: a história de uma causa*. Recife: Edição Sebrae.
- Andrade, Manuel C. de (1989). *1964 e o Nordeste: golpe, revolução ou contra-revolução?* São Paulo: Contexto.
- _____ (2007). “A geografia no contexto das ciências sociais em Pernambuco”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 22, n. 65, pp. 9-15.
- _____ (1963). *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo: Brasiliense.
- _____ (1988). *Nordeste: alternativas da agricultura*. Campinas: Papirus.
- _____ (1987). *Mineração no Nordeste: depoimentos e experiências*. Brasília: CNPq.
- _____ (1977). “O pensamento geográfico e a realidade brasileira”. *Boletim Paulista de Geografia*, v. 54, pp. 5-28.
- Anunciou Celso Furtado que porá seu cargo à disposição do novo governo, *Diário de Pernambuco*, 7/6/1961.
- Apolônio para a Sudene, *Diário de Pernambuco*, 15/10/1959.
- Aquino, Carlos (1960). “Focalizando Kleber Santos”, *Correio da Manhã*, 23 de novembro.
- Aquino, Laura C. M. de (2014). *Sudene: a utopia de Celso Furtado*. João Pessoa: Ideia.
- Araújo, Maria Cristina de (2002). *A Escola Nova em Pernambuco: educação e modernidade*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife.
- Araújo, Odilon J. de (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Araújo, Ricardo B. de (1994). *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Araújo, Silvio R. F. (2013). *A contribuição do Geipot ao planejamento dos transportes no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil), Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Pernambuco. Recife.
- Arraes afirma que, ideologicamente, não “pode classificar-se”, *Diário de Pernambuco*, 2/12/1962.
- Artesanato nordestino conquista mercados no exterior, *Sudene Informa*, v. 7, n. 7-8, pp. 4-6, 1969.
- Assistência bilateral, *Sudene Informa*, v. 8, n. 7-8, 1970.
- Assessor da ONU visita Nordeste, *Sudene Informa*, v. 4, n. 2, 1966.
- Assistência dupla, *Sudene Informa*, v. 4, n. 5, 1966.
- Assistência técnica, *Sudene Informa*, v. 1, n. 6, 1962.
- Assim nascia a Sudene, em berço tumultuado e inesperado, *Visão*, v. 19, n. 26, 1969.
- Assistência da Alemanha ao Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 1/11/1961.
- Atlas geográfico vai mostrar recursos humanos da região, *Sudene Informa*, v. 4, n. 1, 1966.
- Atuação da Sudene no campo mineral, *Sudene Informa*, v. 8, n. 5-6, 1970.
- Auxílio da Sudene, *Sudene Informa*, v. 5, n. 1, 1967.
- Avulso, *O Norte*, 19/4/1917.
- Bacelar, Tânia (1995). “Depoimento de Tânia Bacelar”. In: Formiga, M.; Gaudêncio, F. de S. (Orgs.). *Era da esperança: teoria e política no pensamento de Celso Furtado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ (2009). “Desenvolvimento regional no Brasil”. In: Furtado, Celso *et al.* *O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste hoje*. Rio de Janeiro: Centro internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento/BNB.
- _____ (2021). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- _____ (2020). “Celso Furtado: um intelectual com o pé no chão”. In: Souza, C. M., Theis, I. M., e Barbosa, J. L. (Orgs.), *Celso Furtado: a esperança militante* (depoimentos), v. 2. Campina Grande: EDUEPB.
- Bacia-Escola para técnicos em hidrogeologia, *Sudene Informa*, v. 4, n. 7, 1966.

- Bacias fluviais têm estudo integrado, *Sudene Informa*, v. 5, n. 2, 1967.
- Barat, Josef (1978). *A evolução dos transportes no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE/Ipea.
- Barbosa, Alexandre de Freitas (2021). *O Brasil desenvolvimentista (1945-1964) e a trajetória de Rômulo Almeida: ensaio de interpretação histórica*. São Paulo: Alameda.
- Barboza, D. P.; Ribas, E. M. (2021). “Volta às fontes batismais: Celso Furtado e a profecia da Sudene”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 78, pp. 274-301.
- Bariou, Jean P. (1968). *Relatório sobre uma missão ao Nordeste do Brasil*. Recife: Sudene.
- Barros, A. de C.; Oliveira, G. M. de; Evangelista, J. E. V.; Santos, A. R. B. dos; Haimovici, M.; Fischer, L. R. (2007). “Prospecções na região Nordeste”. In: Haimovici, M. (Org.). *A prospecção pesqueira e abundância de estoques marinhos no Brasil nas décadas de 1960 a 1990: levantamento de dados e avaliação crítica*. Brasília: MMA/SMCQA.
- Beisiegel, Celso R. (2004). *Estado e educação popular*. Brasília: Liber Livro.
- Benevides, Maria V. de M. (1976). *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política 1956-1961*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Bernardes, D. M. (2007). “Notas sobre a formação social do Nordeste”. *Lua Nova*, n. 71, pp. 41-79.
- Berrêdo, Vinicius (1950). *Obras contra as secas*. Fortaleza: Dnocs.
- Best-Sellers, *Correio da Manhã*, 9/12/1962.
- Best-Sellers, *Correio da Manhã*, 17/10/1962.
- Best-Sellers de 1964, *Correio da Manhã*, 5/1/1965.
- Bianconi, Renata (2018). “Subdesenvolvimento, tecnologia e padrões de consumo: discussões a partir da obra de Celso Furtado”. *Cadernos do Desenvolvimento*, v. 13, n. 23, pp. 103-128.
- Biderman, L. F.; Cozac, L. F.; Rego, J. M. (1996). *Conversas com economistas brasileiros*. São Paulo: Editora 34.
- Bielschowsky, Ricardo (1989). “Formação Econômica do Brasil: uma obra-prima do estruturalismo cepalino”. *Revista de Economia Política*, v. 9, n. 4, pp. 38-55.
- _____ (1988). *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Bizzo, Maria L. G. (2009). “Ação política e pensamento social em Josué de Castro”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi de Ciências Humanas*, Belém, v. 4, n. 3, pp. 401-420.
- Boianowsky, M. (2013). “The Economic Commission for Latin American and the 1950’s debate on choice of techniques”. *Review of Political Economy*, v. 25, n. 3, pp. 373-398.
- Bohan: Nordeste, chave do êxito ou fracasso da Aliança para o Progresso, *Diário de Pernambuco*, 7/11/1961.
- Bolsas de estudo, *Sudene Informa*, v. 4, n. 2, 1966.
- Bolsas de estudo, *Sudene Informa*, v. 1, n. 8, 1962.
- Bonavides, Paulo (1996). *A Constituição aberta: temas políticos e constitucionais da atualidade, com ênfase no federalismo das Regiões*. São Paulo: Malheiros Editores.
- Bourdieu, Pierre (2015). *Sobre o Estado*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (1999). “Os três estados do capital cultural”. In: Bourdieu, P. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (2006). *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp/Zouk.
- Brazileiro, Girley A. Mendonça (2001). *Abrindo arquivos e revelando histórias quase inverossímeis*. Recife: Comunigraf.
- _____ (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Brandão, Gildo M. (2007). *Linhagens do pensamento político brasileiro*. São Paulo: Hucitec.
- Brandão, Z. S. F.; Amorim, L. H. B.; Rodrigues, T. G. P.; Fernandes, I. R. S. (2002). *Ministério Pública da Paraíba: História em Quadro*. João Pessoa: Ministério Público da Paraíba.
- Brasil e Israel firmam acordo: este ano se instalará a 1ª aldeia no Estado, *Diário de Pernambuco*, 13/3/1962.

- Brasileiro, D.; Mendonça, D. (2005). “Educação popular e reforma universitária: Paulo Freire e a criação do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (1962-1964)”. *Estudos Universitários*, v. 24-25, n. 5-6.
- Brasileiro, Helena M. R. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza. _____ (1991). *O professor leigo e as políticas educacionais*. Recife: Massangana.
- Bresser-Pereira, Luiz C. (2001). “Método e Paixão em Celso Furtado”. In: Bresser-Pereira, L. C.; Rego, J. M. (Orgs.). *A grande esperança em Celso Furtado. Ensaio em homenagem aos seus 80 anos*. São Paulo: Editora 34.
- Buarque, Cristovam (2009). “Desenvolvimento e sustentabilidade”. In: Furtado et al. *O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste hoje*. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento/BNB.
- _____ (1995). “Depoimento de Cristovam Buarque”. In: Formiga, Marcos; Gaudêncio, Francisco de S. (orgs.). *Era da Esperança: teoria e política no pensamento de Celso Furtado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Burity, Joanildo (2011). *Fé e revolução: protestantismo e o discurso revolucionário brasileiro (1962-1942)*. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos.
- C. Furtado e C. H. Cony homenageados, *Correio da Manhã*, 24/9/1964.
- Cabral, Evaldo (2009). *O nome e o sangue*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Callado, Antonio (1960). *Os industriais da seca e os “Galileus” de Pernambuco: aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Campanha contra Plano Diretor resultou de equívoco: diz Celso ao voltar da Paraíba, *Diário de Pernambuco*, 14/12/1960.
- Campos, José N. (2014). “Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos”. *Estudos Avançados*, v. 28, n. 82, pp. 65-88.
- Candidatos ao curso na Cepal começaram a prestar exames, ontem (Sunkel examina) – vagas serão limitadas (42) para 100 candidatos inscritos, *Diário de Pernambuco*, 19/8/1959.
- Cano, Wilson (2000). “Celso Furtado e a questão regional no Brasil”. In: Tavares, M. da C. (Org.) (2000). *Celso Furtado e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- _____ (2010). “Furtado: a questão regional e a agricultura itinerante”. *Cadernos do Desenvolvimento*, v. 5, n. 7, pp. 23-51.
- Canuto, Vera R. A. (2006a). “Política de educação do governo Marco Antônio de Oliveira Maciel”. In: Oliveira, Maria das G. C. de (Org.). *Continuidades e discontinuidades das políticas de educação básica: o caso de Pernambuco*. Recife: Editora UFPE.
- _____ (2006b) “Políticas dirigidas ao magistério”. In: Oliveira, Maria das G. C. de (Org.). *Continuidades e discontinuidades das políticas de educação básica: o caso de Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Caravaca, J; Espeche, X. (2016). “América Latina como problema y como solución: Robert Triffin, Daniel Cosío Villegas, Víctor Urquidí y Raúl Prebisch antes del Manifiesto Latinoamericano (1944-1946)”, *Desarrollo Económico*, v. 55, n. 217, pp. 211-235.
- Cardoso, Tayguara T. (2008). “Desenvolvimento e sertão nordestino: Celso Furtado, Josué de Castro e o debate em torno da ‘Operação Nordeste’ e Sudene”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 169, n. 440, pp. 133-160.
- Carleial, Liana M. da F. (2009). “Celso Furtado e a questão regional”. In: Furtado, Celso et al. *O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste hoje*. Rio de Janeiro: Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.
- Carlos Ribeiro fala de seus livros no MIS, *Correio da Manhã*, 5/10/1967.
- Carneiro, Josélio (2019). *Lyceu Parahybano: berço da cultura e do jornalismo*. João Pessoa: Editora EPC.
- Carneiro, Renato C. (2012). *Origens da Justiça Eleitoral na Parahyba: de 1932 a 1937*. João

Pessoa: TRE-PB.

Carta econômica de São Paulo, *Correio da Manhã*, 29/4/1961.

Carvalho, José O. de (2020). “Das secas, açudagem e lavouras xerófilas ao desenvolvimento do Nordeste”. In: Sousa, C. M. de; Theis, I. M.; Barbosa, J. L. A. (Orgs.). *Celso Furtado: a esperança militante 2* (Depoimentos). Campina Grande: A União/ EDUEPB.

_____. (2009). “O soerguimento do Dnocs. A propósito do seu I Centenário”. *Revista Conviver Nordeste Semiárido*, v. 1, n. 6, pp. 153-241.

_____. (1979). *Desenvolvimento regional: um problema político*. Rio de Janeiro: Editora Campus.

Carvalho, Maria A. R. (1998). *O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan.

Cavalcanti, Clóvis de V. (2001). “Celso Furtado e a persistência do subdesenvolvimento”. In: Bresser-Pereira, L. C. e Rego, J. M. (Orgs.). *A grande esperança em Celso Furtado: ensaios em homenagem aos seus 80 anos*. São Paulo: Ed. 34.

_____. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.

Cavalcanti, Manuel T. (1960). “Elogio acadêmico”. *Revista da Academia Paraibana de Letras*.

Cavalcanti, Valnira M. V. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.

Cecine é pioneiro no Brasil, *Sudene Informa*, v. 4, n. 3, 1966.

Cedo para o veto à emenda, *Diário de Pernambuco*, 14/10/1959.

Celso Furtado discute nos EUA planos para o Nordeste, *Correio da Manhã*, 12/7/1961.

Celso diz que o mais ambicioso acordo de educação foi firmado, *Diário de Pernambuco*, 14/8/1963.

Celso Furtado diz que jamais será candidato, *Diário de Pernambuco*, 19/9/1959.

Celso Furtado entregue às “feras”, *Diário de Pernambuco*, 29/4/1959.

Celso Furtado escolhido paraninfo de Biociências, *Diário de Pernambuco*, 3/9/1968.

Celso Furtado na Assembleia, *Diário de Pernambuco*, 2/9/1959.

Celso Furtado sugere: uma reforma administrativa, *Diário de Pernambuco*, 17/10/1959.

Celso Furtado, tranquilo: Inalterada a posição do governo JK para o Codeno, *Diário de Pernambuco*, 23/9/1959.

Celso Furtado vai à Argentina, *Diário de Pernambuco*, 25/2/1960.

Celso Furtado voltou do Rio: mais um bilhão e 500 milhões para o Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 20/6/1959.

Celso saiu da Sudene: Nordeste libertado, *O Jornal*, 22/8/1964.

Centro, *Sudene Informa*, v. 5, n. 2, 1967.

Centro de Energia Nuclear tem apoio do III Plano Diretor, *Sudene Informa*, v. 4, n. 4, 1966.

Centro de Treinamento da indústria têxtil será inaugurado talvez em maio, *Diário de Pernambuco*, 17/1/1963.

Cerne prepara especialistas em energia elétrica, *Sudene Informa*, v. 5, n. 9-10, 1967.

Cérebro eletrônico, *Sudene Informa*, v. 4, n. 9, 1966.

Certa a nomeação de Celso Furtado para a Sudene, *Diário de Pernambuco*, 24/2/1959.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. César Cals. In: CPDOC. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cesar-cals>.

_____. Cleantho de Paiva Leite. In: CPDOC. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/leite-cleantho-de-paiva>.

_____. Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa. In: CPDOC. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/epitacio-lindolfo-da-silva-pessoa>.

_____. Jesus Soares Pereira. In: CPDOC. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: <http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pereira-jesus-soares>.

_____. José Américo de Almeida. In: CPDOC. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: <http://jk.cpdoc.fgv.br/biografia/jose-americo-de-ameida>.

_____. Lúcio Martins Meira. In: CPDOC. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lucio-martins-meira>.

_____. Octávio de Gouveia Bulhões. In: CPDOC. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/bulhoes-otavio-gouveia-de->.

_____. Paulo Bittencourt. In: CPDOC. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/bittencourt-paulo>.

_____. Roberto de Oliveira Campos. In: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/roberto-de-oliveira-campos>.

_____. Valfrido Salmito Filho. In: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/valfrido-salmito-filho>.

César, Waldo (1962). *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: a Conferência do Nordeste*. V. 2. Rio de Janeiro: Lóqui.

Chamada de candidatos ao Curso Preparatório de cadetes do ar, *A Noite*, 22/4/1949.

Chateaubriand, Assis (1962). Da estépie russa ao “filet” da Pensilvânia, *Diário de Pernambuco*, 4 de dezembro.

_____. (1963). Um americano de verdade no meio do vigarismo cubano. *Diário de Pernambuco*, 1 de março.

Chegará, hoje, ao Recife o economista Veloso Furtado. Vem participar do Seminário promovido pelos Diários Associados. Autor do Plano de Ação da nova política econômica de JK, *Diário de Pernambuco*, 7/3/1959.

Cid e Freyre comentam notícias falsas, *Diário de Pernambuco*, 16/5/1962.

Cinco governadores ouviram o relatório de Celso Furtado: projeto do São Francisco, *Diário de Pernambuco*, 5/4/1962.

Chegou da Alemanha material para pesquisas geológicas, *Diário de Pernambuco*, 6/4/1967.

Codeno espera iniciar a construção da 1ª usina siderúrgica do Nordeste, *Correio da Manhã*, 9/7/1959.

Codeno funciona sem complicações burocráticas, *Diário de Pernambuco*, 18/7/1959.

Codeno vencerá a batalha contra a exclusão do Dnocs, *Diário de Pernambuco*, 4/11/1959.

Cohn, Amélia (1978). *Crise regional e planejamento: o processo de criação da Sudene*. São Paulo: Perspectiva.

Colombo, Lucélia A. (2015). *A Sudene no sistema federativo brasileiro: a ascensão e queda de uma instituição*. Recife: Sudene.

Colonização no Polígono: JK vetou, ontem, projeto de lei, *Diário de Pernambuco*, 16/10/1959.

Conferência do Eng.º Celso Furtado, Superintendente da Sudene, *Diário de Pernambuco*, 16/2/1961.

Conferência Evangélica, infiltrada de vermelhos, faz propaganda subversiva, *Diário de Pernambuco*, 29/7/1962.

Contra-mestres para a indústria têxtil, *Diário de Pernambuco*, 11/4/1961.

- Contribuição da Ford, *Sudene Informa*, v. 1, n. 3, 1962.
- Convênio, *Sudene Informa*, v. 6, n. 4, 1968.
- Convênios, *Sudene Informa*, v. 5, n. 2-3, 1967.
- Convênios celebrados pela Sudene para execução de obras ou serviços de fevereiro a dezembro de 1963, *Sudene Informa*, v. 1, n. 4, 1963.
- Coordenação de serviços, *Diário de Pernambuco*, 6/7/1962.
- Coraggio, José Luis (1996). “Propostas do Banco Mundial para a educação: sentido oculto ou problemas de concepção?”. In: Tommasi, L.; Warde, M. J.; Haddad, S. (Orgs.). *O Banco Mundial e as políticas educacionais*. São Paulo: Cortez.
- Correio militar, *Correio da Manhã*, 19/3/1963.
- Costa, Lia P. (2006a). “Política de educação do governo José Francisco de Moura Cavalcanti: 1975-1979”. In: Oliveira, M. das G. C. de (Org.). *Continuidades e discontinuidades das políticas de educação básica: o caso de Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- _____ (2006b). “Políticas de atendimento no ensino básico”. In: Oliveira, M. das G. C. de (Org.). *Continuidades e discontinuidades das políticas de educação básica: o caso de Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, pp. 19-72.
- Costa, L. P.; Weber, S. (1975). “Mercado de trabalho para profissionais universitários”. *Revista Econômica do Nordeste*, v. 6, n. 1, pp. 51-59.
- Cram deu curso em Montes Claros, *Sudene Informa*, v. 5, n. 11-12, 1967.
- Crespo, Paulo (1978). *Paulo Crespo* (entrevista). Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em: <http://fgv.br/cpdoc/acervo/historia-oral/entrevista-biografica/paulo-crespo>.
- Curso, *Sudene Informa*, v. 4, n. 9, 1966.
- Curso de estatística, *Sudene Informa*, v. 5, n. 1, 1967.
- Curso de madureza pela TV ganha nova imagem, *Sudene Informa*, v. 9, n. 8, 1970.
- Curso de planejamento de saúde, *Sudene Informa*, v. 4, n. 6, 1966.
- Curso de programação educacional, *Sudene Informa*, v. 6, n. 11-12, 1968.
- Curso no Japão, *Sudene Informa*, v. 4, n. 11, 1966.
- Cursos, *Diário de Pernambuco*, 22/2/1963.
- Cursos de aperfeiçoamento, *Sudene Informa*, v. 1, n. 4, 1962.
- D’Aguiar, Rosa F. (2013). “Apresentação”. In: Furtado, C. *Essencial Celso Furtado*. Organização, apresentação e notas de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras.
- _____ (2009). “A batalha da Sudene”. In: D’Aguiar, Rosa F. *O Nordeste e a saga da Sudene 1959-1964*. Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.
- _____ (2021). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- D’Andrea, Moema S. (2010). *A tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Da Parahyba, *Diário de Pernambuco*, 1/8/1937.
- Da Parahyba, *Diário de Pernambuco*, 23/11/1935.
- Dalmonte, Edson F. (2009). *Mídia: fonte e palanque do pensamento de Gilberto Freyre*. Salvador: EDUFBA.
- Debate na Faculdade de Ciências Econômicas, *Correio da Paraíba*, 9/11/1958.
- Departamento de Recursos Humanos, *Sudene Informa*, v. 2, n. 2, 1964.
- Deputado Cleofas reafirma seu apoio ao governador Cid, *Diário de Pernambuco*, 17/1/1959.
- Deputados rejeitam a emenda do senador Argemiro Figueiredo, *Diário de Pernambuco*, 3/10/1959.
- Desenvolvimento do Nordeste: uma providência que se impõe, *Correio da Manhã*, 14/1/1959.
- Dezalay, Y.; Garth, B. (2002). *La mondialisation des guerres de palais*. Paris: Seuil.
- Dinarte Mariz absolutamente confiante na ação do Codeno – Elogio a Celso Furtado e Cid

- Sampaio, *Diário de Pernambuco*, 2/7/1959.
- Diniz, Clélio C. (2009). “Celso Furtado e o desenvolvimento regional”. *Nova Economia*, v. 19, n. 2, pp. 227-249.
- Diretor da Cepal veio dar aula sobre desenvolvimento, *Diário de Pernambuco*, 4/5/1962.
- Diretor da FAO chegará hoje para entendimentos, *Correio da Manhã*, 17/3/1962.
- Diretor da Sudene discutirá nos EUA ajuda imediata ao Nordeste, *Correio da Manhã*, 7/7/1961.
- Diretrizes para desenvolvimento do Nordeste Dnocs aponta agora, *Diário de Pernambuco*, 23/5/1959.
- Discursos de treinamento na Sudene serão encerrados dia 19: aproveitados 130, *Diário de Pernambuco*, 18/12/1963.
- Discutida a aplicação do plano diretor da Sudene, *Correio da Manhã*, 14/1/1962.
- Dnocs fora da Sudene: Aberto iria à falência, *Diário de Pernambuco*, 17/9/1959.
- Dois conclaves médicos vão ser realizados no Recife, *Diário de Pernambuco*, 12/2/1963.
- Dosman, Edgard (2011). *Raúl Prebisch (1901-1986): A construção da América Latina e do terceiro mundo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dosse, François (2007). *História do estruturalismo*. Bauru: Edusc.
- Draibe, Sônia (2004). *Rumos e Metamorfoses. Estado e industrialização no Brasil 1930-1960*. São Paulo.
- Duarte, Emmanuel W. (s.d.). Encontro com pessoas notáveis: Escola de Geologia do Recife (1958-1961). Disponível em: <http://www.agp.org.br/wp-content/uploads/2011/12/Encontro.pdf>.
- Duas conferências do economista Celso Furtado, *Diário de Pernambuco*, 28/5/1959.
- Dubois, René (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Duque, José G. (2004). *Perspectivas nordestinas*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil.
- É tempo de saber do tempo, *Sudene Informa*, v. 7, n. 7-8, 1969.
- Economistas nordestinos contam agora com um centro de treinamento em Fortaleza, *Diário de Pernambuco*, 14/2/1966.
- Elias, Norbert (1995). *Mozart, Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Em fase adiantada projeto de implantação de milho híbrido, *Diário de Pernambuco*, 14/3/1964.
- Emenda entra hoje em debate – Reunião com a presença de JK, Celso Furtado, Amaral e líderes nordestinos, *Diário de Pernambuco*, 16/10/1959.
- Encerrado curso patrocinado pela Sudene, *Sudene Informa*, v. 2, n. 2, 1964.
- Encíclica dá ênfase à ajuda aos países subdesenvolvidos, *Diário de Pernambuco*, 15/7/1961.
- Educação executou metas do III Plano Diretor em 1966, *Sudene Informa*, v. 5, n. 1, 1967.
- Entidades ruralistas no certame, *Diário de Pernambuco*, 2/12/1959.
- Escorel, Sara (2015). “Mário Magalhães: Desenvolvimento é Saúde”. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, n. 8, pp. 2453-2460.
- Estado de emergência na área seca: Superintendente é contra, *Diário de Pernambuco*, 10/5/1962.
- Estudantes viram o que fazem Sudene e Usaid desenvolvendo a região, *Diário de Pernambuco*, 30/5/1964.
- Evans, Peter (1995). *Embedded autonomy: states and industrial transformation*. New Jersey: Princeton University Press.
- Exército Brasileiro (2018). *Glossário de termos e expressões para uso no Exército*. Brasília: Ministério da Defesa.
- Expedição Bohan-Sudene furou “jungle” e viu vales úmidos, *Diário de Pernambuco*, 3/12/1961.
- FAO e Sudene debatem plano de colonização do Maranhão, *Diário de Pernambuco*, 22/3/1962.
- FAO estuda possibilidades de irrigação do São Francisco, *Diário de Pernambuco*, 13/3/1960.
- Farias, Juarez (2020). “Um dinâmico pensador tecnológico”. In: Sousa, C. M. de; Theis, I. M.,

- Barbosa, J. L. A. (Orgs.). *Celso Furtado: a esperança militante*. 2 (Depoimentos). Campina Grande: A União/ EDUEPB.
- Farina, Mário (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Feitosa, Policarpo (2011). *Dois Recifes*. Recife: CEPE.
- Fernando de Noronha: inclusão na *Sudene*; Minas Gerais: exclusão da ação da Openo, *Diário de Pernambuco*, 3/6/1959.
- Ferreira, Angela L.; Dantas, George A. F.; Faria, Helio T. M. (2009). “Por uma história técnica das secas”. *Revista Conviver*, pp. 249-269.
- _____ (2006). “Adentrando sertões: considerações sobre a delimitação do território das secas”. *Scripta Nova*, v. 10, n. 218.
- Festa no Colégio Diocesano, *Diário de Pernambuco*, 31/5/1934.
- Fez programa educativo sem audiência a órgãos técnicos, *Diário de Pernambuco*, 5/7/1962.
- Figueiredo, Argelina M. C. (1993). *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política 1961-1964*. São Paulo: Paz e Terra.
- Fisi e Unesco vão encetar campanha nacional em favor do ensino primário, *Diário de Pernambuco*, 14/8/1962.
- Fixadas as diretrizes do Plano Anti-Secas: construção de obras e produção de alimentos, *Diário de Pernambuco*, 5/11/1959.
- Fonseca, Marília (1996). “O financiamento do Banco Mundial à educação brasileira: vinte anos de cooperação internacional”. In: Tommasi, L.; Warde, M. J.; Haddad, S. (Orgs.). *O Banco Mundial e as políticas educacionais*. São Paulo: Cortez.
- Foram discutidos problemas do algodão e sal: transporte, *Diário de Pernambuco*, 5/9/1963.
- França dá mais bolsas de estudo para Pe: 200, *Diário de Pernambuco*, 1/6/1963.
- Frases da semana, *Correio da Manhã*, 27/9/1959.
- Freire, Ana M. A. (2006). *Paulo Freire: uma história de vida*. São Paulo: Villa das Letras, 2006.
- Freston, Paul (1989). “Um império na província: o Instituto Joaquim Nabuco em Recife”. In: Miceli, Sérgio (Org.), *História das ciências sociais no Brasil*, volume I. São Paulo: Vértice/Idesp.
- Freyre, Gilberto (2003 [1936]). *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global Editora.
- _____ (2006 [1933]). *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Global Editora.
- _____ (1969a). “Em torno de problemas intranacionais”. *Caderno Moinho Recife*, n. 6.
- _____ (1969b [1934]). *Guia prático, histórico e sentimental da história do Recife*. 4ª edição revista, atualizada e muito aumentada. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____ (1961 [1934]). *Guia prático, histórico e sentimental da história do Recife*. 3ª edição revista, atualizada e aumentada. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____ (1962). O exemplo holandês, *Diário de Pernambuco*, 17 de junho.
- _____ (1964). O novo Superintendente, *Diário de Pernambuco*, 25 de outubro.
- _____ (2003 [1936]). *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global Editora.
- _____ (1963). Problemas sociais e não apenas econômicos, *Diário de Pernambuco*, 11 de agosto.
- _____ (1949). Volta o Recife ao antigo esplendor de centro de renovação social e intelectual do Brasil, *Diário de Pernambuco*, 16 de janeiro.
- Fundação Ford incentivará ensino e pesquisa no Estado, *Diário de Pernambuco*, 10/2/1962.
- Fundada a Academia Nacional de Cultura, *Correio da Manhã*, 6/12/1959.
- Furtado afirma que “Aliança” é um instrumento político, *Diário de Pernambuco*, 1/4/1964.

- Furtado, Celso (1997 [1989]). *A fantasia desfeita*. Edição Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Paz & Terra.
- _____ (1997 [1985]). *A fantasia organizada*. São Paulo: Paz & Terra.
- _____ (1962). *A pré-revolução brasileira*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- _____ (2013). “Aventuras de um economista brasileiro”. In: Furtado, Celso. *Essencial Celso Furtado*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras.
- _____ (1992). *Brasil: a construção interrompida*. São Paulo: Paz e Terra.
- _____ (1999a). “Celso Furtado fala a Roberto Pompeu de Toledo”. *Playboy*, n. 285.
- _____ (1996). “Celso Monteiro Furtado”. In: Biderman, Ciro; Cozac, Luis Felipe L.; Rego, José Márcio (Orgs.). *Conversas com Economistas Brasileiros*. São Paulo: Editora 34.
- _____ (2021). *Correspondência intelectual: 1949-2004*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (1997 [1946]). *De Nápoles a Paris. Contos da vida expedicionária*. In: Furtado, C. *Obra Autobiográfica*. São Paulo: Paz e Terra.
- _____ (2009b [1961]). *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.
- _____ (1964). *Dialética do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- _____ (2019). *Diários intermitentes (1937-2002)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (2011). “Entrevista a Eduardo Kugelmas”. *Cadernos do Desenvolvimento*, v. 6, n. 8, pp. 375-415.
- _____ (2004). “Entrevista a Rosa Maria Vieira”. *História Oral*, n. 7, pp. 21-40.
- _____ (2007 [1959]). *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (1999b). *O longo amanhecer*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ (2009a). *O Nordeste e a saga da Sudene 1958-1964*. Rio de Janeiro: Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.
- _____ (1958). *Perspectivas da economia brasileira*. Rio de Janeiro: Dasp.
- Furtado defende maior preço para renda alta, *Diário de Pernambuco*, 20/6/1968.
- Furtado lança livro com sucesso, *Correio da Manhã*, 11/7/1968.
- Futuro latino-americano está na “Aliança”, diz Ministro Celso Furtado, *Diário de Pernambuco*, 26/10/1962.
- Furter, Pierre (1967). “Relatório do Seminário de Educação de Adultos organizado pela Sudene, de 9 a 13 de janeiro de 1967, no Recife – Pernambuco – Brasil”. In: Sudene. *Diretrizes para os programas de educação de adultos: documento final do I Seminário de Educação e Desenvolvimento – Educação de Adultos*. Recife: Divisão de Documentação/Sudene.
- Galindo, Marcos (2022). “Um futuro presente: antecedentes históricos da ciência em Pernambuco”. In: Silva, A.; Galindo, M.; Pessoa Jr., O.; Vitorino, W. (Orgs.). *História da física no Nordeste*. Recife: Cepe, 2022.
- “Garcia, Cesar (1992). “Sudene, 12 de junho”. In: Limeira, Ana L; Alves, Gilzoneide. *Sudene: nós bem que tentamos*. Recife: Inojosa Editores.
- Garcia, C.; Aguiar Filho, H. F. de; Moreira Filho, J. de C.; Seara, M. de A. (1984). *A questão agrária e a Sudene*. Recife: Sudene.
- Gaspar, Lúcia (2011). *Mário Lacerda de Melo*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/>.
- _____ (2009). *Dirceu Pessoa*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>.
- Geologia – UBA, *Sudene Informa*, v. 4, n. 3, 1966.
- Gilberto Freyre não estava em completa inocência, *Diário de Pernambuco*, 5/5/1960.

- Gilberto Freyre: o perigo está na morosidade burocrática, *Diário de Pernambuco*, 10/5/1962.
- Gilberto Freyre reclamou da Sudene: estudos autorizados há 1 ano, *Diário de Pernambuco*, 3/8/1961.
- Gilberto Freyre: restos de feudalismo e do “laissez-faire” afligem Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 5/7/1964.
- Godoy, José H. A. de (2016). “A práxis de Lebrecht: economia humana, desenvolvimentismo católico e a industrialização do Nordeste”. *Religião & Sociedade*, v. 36, n. 2, pp. 188-219.
- Goffman, Erving (2011). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- Gomes, Pimentel (1959). Planos da Opeho, *Diário de Pernambuco*, 7 de maio.
- Gonçalves, Antônio C. (1991). “Atividades na área de estatística no antigo IJNPS (1952-1970)”. *Ciência & Trópico*, v. 19, n. 1, pp. 165-178.
- Gonçalves, Fernando A. de. (1991). “Antônio Carolino Gonçalves (1918-1990)”. *Ciência & Trópico*, v. 19, n. 1, pp. 153-155.
- Gonçalves, Jayci de M. M. (1995). *IBGE: um retrato histórico*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Governadores do Nordeste apelam para o aceleração do projeto da Sudene, *Correio da Manhã*, 8/7/1959.
- Governadores não puderam esconder sua decepção diante do Catete, *Diário de Pernambuco*, 17/2/1959.
- Governo gasta 4 milhões para formar um médico no Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 10/6/1961.
- Grande interesse pelo “Seminário Técnico” na cidade de Garanhuns. Atraía centenas de especialistas – “Dossier” de Celso Furtado já está pronto, *Diário de Pernambuco*, 4/3/1959.
- Grupo do DAA planejará agricultura do IV Plano Diretor, *Sudene Informa*, v. 2, n. 5, 1967.
- Guimarães, Juarez (2000). “A trajetória intelectual de Celso Furtado”. In: Tavares, Maria da C. (Org.), *Celso Furtado e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Henry Kissinger no Recife, *Diário de Pernambuco*, 16/6/1962.
- Hirschman, Albert (2009). “Notas de uma entrevista com Celso Furtado (1960)”. In: D’Aguiar, R. F. (Organização, introdução e notas). *O Nordeste e a saga da Sudene*. Rio de Janeiro: Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.
- _____ (1965). *Política econômica na América Latina*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- Hodara, Joseph (2008). “Prebisch y Urquidí: vidas paralelas”. *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades*, v. 10, n. 19, pp. 46-63.
- _____ (1987). *Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional*. México: El Colegio de México.
- Hulak, David (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Ianni, Octávio (1984). *Origens agrárias do Estado brasileiro*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- _____ (1971). “A origem política da Sudene”. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 33, n. 4, pp. 647-659.
- Implantação do Centro de Educação Técnica do Nordeste – Cetene, *Sudene Informa*, v. 5, n. 11-12, 1967.
- Inalterada, até agora, a opinião de Juscelino: Sudene fora de política, *Diário de Pernambuco*, 24/2/1959.
- Indústria e não açúcares para o Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 5/2/1959.
- Indústria paulista dá apoio ao Codeno, *Diário de Pernambuco*, 28/4/1959.
- Indústria têxtil nordestina elaborará “Carta” definindo suas reivindicações fundamentais, *Diário de Pernambuco*, 10/7/1959.
- Industrialização, *Sudene Informa*, v. 4, n. 9, 1966.
- Indústrias no Nordeste resolverão vários problemas, *Correio da Manhã*, 5/2/1959.

- Ismael, Ricardo (2005). *Nordeste: a força da diferença – os impasses e os desafios na cooperação regional*. Recife: Massangana.
- Informativo Econômico, *Diário de Pernambuco*, 28/9/1963.
- Informativo Econômico, *Diário de Pernambuco*, 11/4/1963.
- Informativo Econômico, *Diário de Pernambuco*, 5/7/1962.
- Instalada, ontem, IV Reunião Nacional de Técnicos em Pesca, *Diário de Pernambuco*, 23/7/1963.
- Instantâneos, *Diário de Pernambuco*, 24/12/1959.
- Interesse de JQ pelo Nordeste desde 1956, *Diário de Pernambuco*, 30/12/1960.
- Instituto de Ciências do Homem treina pesquisadores, *Sudene Informa*, v. 5, n. 1, 1967.
- Intensa atividade científica desenvolveu Instituto de Fisiologia e Nutrição em 1963, *Diário de Pernambuco*, 14/11/1963.
- Intercâmbio de estudantes com a Sudene: conferências, *Diário de Pernambuco*, 23/10/1960.
- Irrigado o solo rico: o programa do Gisf abrange 508 mil hectares de terra as margens do rio São Francisco, *Sudene Informa*, v. 4, n. 3, 1966.
- Jaguaribe, Hélio (1995). “Rômulo Almeida”. In: Almeida, Aristeu B. (Org.). *Rômulo de Almeida: o construtor de sonhos*. Salvador: Corecon.
- Joubert Filho, Paul (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Jucá, Joselice (1991). *Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo*. Recife: Massangana.
- Juscelino impôs o Plano sem atender às reivindicações dos governadores, *Diário de Pernambuco*, 18/2/1959.
- Juscelino prestigia posição de Celso Furtado no Codeno – Nenhum propósito de substituí-lo, atendendo a pressão de “eminência parda”, *Diário de Pernambuco*, 11/12/1959.
- Kay, Cristóbal (1991). “Teorías latinoamericanas del desarrollo”. *Nueva Sociedad*, n. 113, pp. 101-113.
- Klüger, Elisa (2020). “Celso Furtado: um economista com lentes de literato”. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 100, pp. 261-278.
- _____ (2017). *Meritocracia de laços: gênese e reconfigurações do espaço dos economistas no Brasil*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Klüger, E.; Wanderley, S.; Barbosa, A. de F. (2022). “El Centro de Desarrollo Económico Cepal/BNDE y la formación de una generación de planificadores del desarrollo en el Brasil”. *Revista de la Cepal*, n. 136, pp. 133-154.
- Labaki, A.; Schwartz, G. (1992). “Celso Furtado: o maior economista brasileiro fala sobre seu novo livro, a renegociação da dívida e sua paixão pela literatura”, *Folha de São Paulo*, 19 de julho.
- Lacerda, Carmen S. M. de (2023). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Larreta, E. R.; Giucci, G. (2007). *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lastres, H. M. M.; Cassiolato, J. E. (2020). “As contribuições de Celso Furtado sobre o papel da ciência, tecnologia e inovação ao desenvolvimento”. *Cadernos do Desenvolvimento*, v. 15, n. 26, pp. 277-298.
- Leça, Enide E. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Lessa, A. C.; Almeida, P. R. de (2014). “Os sessenta anos do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais”. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 57, n. 2, pp. 5-8.
- Lewin, Linda (1987). *Politics and parentela in Paraíba - A case study of family-based oligarchy in Brazil*. New Jersey: Princeton University Press.
- Líderes evangélicos estiveram com o diretor da Sudene, *Diário de Pernambuco*, 25/3/1962.
- Lima, Francisco de A. M. (2019). “Um século de contribuição ao desenvolvimento do Ceará”.

- In: Escola de agronomia da UFC: 100 anos de atuação transformadora*. Fortaleza: Edições UFC.
- Lima, Marcos C. (2009). “O Conselho Deliberativo da Sudene”. *In: Furtado, Celso. O Nordeste e asaga da Sudene 1958-1964*. Rio de Janeiro: Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.
- _____ (Org.) (2013). *Os Boêmios Cívicos. A Assessoria Econômico-Política de Vargas (1951-1954)*. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento/BNB.
- Lima, Nísia T. (2013). *Um sertão chamado Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- _____ (2002). “O Brasil e a Organização Pan-Americana da Saúde: uma história em três dimensões”. *In: Finkelman, J. (Org.). Caminhos da Saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Limeira, A. L.; Alves, G. (1992). *Sudene: nós bem que tentamos*. Recife: Inojosa Editores.
- Lins, Carlos J. C. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Lira, José R. de (s.d.). “Entrevista com José Ribeiro de Lira”. BNDES – Projeto Memória 30 anos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EVqrF_stqvs.
- Lira, José T. C. de (2005). “Naufrágio e galanteio: viagem, cultura e cidades em Mário de Andrade e Gilberto Freyre”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 20, n. 57, pp. 143-176.
- Lira, Larissa A. de (2021). *Pierre Monbeig e a formação da geografia no Brasil*. São Paulo: Alameda Editorial.
- Lobato, Ricardo (2020). “Um jovem na guerra: Celso Furtado antes de se tornar um dos maiores intelectuais do Brasil”. *Aventuras na História*, 1 de novembro. Disponível em: www.aventurasnahistoria.uol.com.br.
- Loureiro, Maria R. (1997). *Os economistas no governo: gestão econômica e democracia*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas.
- Lucasa S.A. Indústria e Comércio, *Diário de Pernambuco*, 6/12/1959.
- Luna, José A. da C. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Macedo, Carlyle G. de. (2005). Depoimento de Carlyle Guerra de Macedo. Site do Observatório História e Saúde – COC/Fiocruz. Depoimentos – História da Educação e Trabalho em Saúde. Brasília, 7 de junho. Disponível em: <http://ohs.coc.fiocruz.br/biblioteca/depoimentos-historicos-historia-da-educacao-e-trabalho-em-saude/>.
- _____ (1997). *Notas para uma história recente da saúde pública na América Latina*. Brasília: Opas.
- Maciel, Carlos (1973). “Curso de planejamento da educação: registro de algumas iniciativas”. *Cadernos Região e Educação*, v. 13, n. 25, pp. 5-11.
- Maciel, Zacarias (1969). A Sudene, *Diário de Pernambuco*, 20 de dezembro.
- Magariños, Mateo (1991). *Diálogos con Raúl Prebisch*. México D. F.: FCE.
- Maio, Marcos C. (1999). “Gilberto Freyre e o Projeto Unesco”. *Tempo Social*, v. 11, n. 1, pp. 111-136.
- Malan, P. S.; Bonelli, R.; Abreu, M. de P.; Pereira, J. E. de (1980). *Política externa e industrialização no Brasil (1939-1952)*. Rio de Janeiro: Ipea.
- Males da economia colonial, *Correio da Manhã*, 8/3/1959.
- Mallorquín, Carlos (2021). “El de la sustitución de importaciones de las categorías occidentales: Celso Furtado”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, N. 78, pp. 35-64.
- Mântega, Guido; Rego, José M. (1999). “Apresentação”. *In: Mântega, G.; Rego, J. M. (orgs.). Conversas com economistas brasileiros II*. São Paulo: Editora 34.
- Mão de obra especializada para a região, *Sudene Informa*, v. 4, n. 2, 1966.
- Mariano, Nayara R. C. (2015). *Educação pela higiene: a invenção de um modelo hígido de educação escolar primária na Parahyba do Norte (1849-1886)*. Tese (Doutorado) – UFPB/CE. João Pessoa.

- Marroquim, Murilo (1959). Reunião relâmpago na Operação Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 19 de fevereiro.
- Mattos, Sérgio M. G. de (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Melo, Antônio (1978). *Padre Antônio Melo* (entrevista). Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/historia-oral/entrevista-biografica/padre-antonio-melo>.
- Melo, Evaldo C. de (2009). *O nome e o sangue*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Memória da Eletricidade (s.d.). Alvarino Pereira. Disponível em: <https://www.memoriadaeletricidade.com.br/acervo/578/alvarino-pereira>.
- Mendes, Candido (2020). “Celso Furtado: fundação e perspectiva do desenvolvimento”. In: Sousa, C. M. de; Theis, I. M.; Barbosa, J. L. A. (org.). *Celso Furtado: a esperança militante* (depoimentos). V. 2. Campina Grande: EDUEPB.
- _____ (2005). “Homenagem ao Acadêmico Celso Furtado”. In: *Academia Brasileira de Letras: Anuário 2002-2006*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras.
- Mendes, Flávio da S. (2017). “No olho do furacão: Celso Furtado e Francisco de Oliveira nos primeiros anos da Sudene”. *Lua Nova*, n. 100, pp. 283-311.
- Mendonça, Maria C. A. de (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Mesquita, Gustavo (2018). *Gilberto Freyre e o Estado Novo: região, nação e modernidade*. São Paulo: Global.
- Meucci, Simone (2007). “Entre a escola nova e a oligarquia: a institucionalização da sociologia na Escola Normal de Pernambuco – 1920-1930”. *Cronos*, v. 8, n. 2, pp. 451-474.
- _____ (2015). “Gilberto Freyre no comando do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife: educação em debate (1957-1964)”. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 5, pp. 129-155.
- Miceli, Sérgio (1979). *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil*. São Paulo: Difel.
- Ministério não solta verba liberada pelo presidente, *Correio da Manhã*, 20/9/1959.
- Miranda, Carlos L. de (2020). “Não dá para imaginar um Nordeste (e o Brasil) sem Celso Furtado”. In: Sousa, C. M. de; Theis, I. M.; Barbosa, J. L. A. (Orgs.). *Celso Furtado: a esperança militante 2* (Depoimentos). Campina Grande: A União/ EDUEPB.
- _____ (2021). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Missão alemã pesquisa, *Sudene Informa*, v. 5, n. 7, 1967.
- Mobilização geral de recursos para conter alta dos gêneros: meio bilhão de cruzeiros, *Diário de Pernambuco*, 15/3/1962.
- Montenegro, Antônio T. (2004). “As Ligas Camponesas às vésperas do golpe de 1964”, *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos de História*, v. 29, n. 2, pp. 391-416.
- Moraes, Antonio H. A. (1953). *No teatro do Mediterrâneo: diário de um observador militar brasileiro* (dezembro de 1943 a julho de 1944). Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército.
- Moraes, João B. M. de (2014). *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.
- Moura, Josélio de A. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Nabuco foi o maior artífice da valorização do homem do povo, *Diário de Pernambuco*, 26/8/1948.
- Nabuco foi, sem contestação, das maiores figuras do país, *Diário de Pernambuco*, 5/9/1948.
- Nagle, Jorge (1974). *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU.
- Não há Brasil desenvolvido com Nordeste subdesenvolvido, *Diário de Pernambuco*, 3/2/1959.
- Nem técnico nem autômato, *Diário de Pernambuco*, 27/5/1959.
- Neto, F. M. V.; Bastos, P. P. Z. (2020). “A missão Singer (1953) e o novo olhar para os desequilíbrios regionais no Brasil”. XXV Encontro Regional de Economia/Anpec-NE, Fortaleza.
- No mundo político, *Correio da Manhã*, 23/12/1959.
- Nomes destacados na economia brasileira, *Diário de Pernambuco*, 6/1/1960.

- Nossos recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 7, n. 11-12, 1969.
- Notícias da Paraíba, *Diário de Pernambuco*, 10/11/1934.
- Notícias da Paraíba, *Diário de Pernambuco*, 9/2/1934.
- Novo diretor da Sudene: JK consultará os governadores, *Diário de Pernambuco*, 17/2/1959.
- Novos rumos para a Universidade da Paraíba, *Sudene Informa*, v. 4, n. 7, 1966.
- Notícias, *Sudene Informa*, v. 1, n. 4, 1963.
- Nunes, Durvalino Vasconcelos (2019). “Espadas de Fogo”. In: *História & estórias de vida bem vividas*. Engenheiros agrônomos de 1968: nascidos e moldados na Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia. Cruz das Almas: Armando José Lapa.
- O campo – a nova esperança, *Sudene Informa*, v. 8, n. 3-4, 1970.
- O caso da Sudene, *Diário de Pernambuco*, 25/12/1959.
- O Catete toma fôlego, *Correio da Manhã*, 29/12/1959.
- O curso de dez anos, *Sudene Informa*, v. 8, n. 7-8, 1970.
- O estágio do treinamento, *Sudene Informa*, v. 8, n. 7-8, 1970.
- O Instituto Joaquim Nabuco, *Diário de Pernambuco*, 4/6/1949.
- O Instituto Joaquim Nabuco no Senado, *Diário de Pernambuco*, 21/5/1949.
- O nome do Superintendente, *Correio da Manhã*, 16/12/1959.
- O Nordeste deve ser visto como um todo, *Diário de Pernambuco*, 23/1/1959.
- O Nordeste vai ter um “governador-geral”, *Política e Negócios*, 18/1/1960.
- O presidente escolha, *Correio da Manhã*, 20/12/1959.
- O sr. Celso Furtado e o Iseb, *Correio da Manhã*, 14/11/1959.
- Organismos internacionais: ONU, OEA e BID, *Sudene Informa*, V. 8, N. 7-8, 1970.
- Oliveira, Francisco M. C. de (2003). *A navegação venturosa: ensaios sobre Celso Furtado*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- _____. (2008). *A noiva da revolução / Elegia para uma re(li)gião*. São Paulo: Boitempo.
- _____. (2020 [2013]). “Celso Furtado: um republicano exemplar”. [Entrevista concedida para] Marcos Costa Lima e Angela Nascimento. In: Sousa, C. M. de; Theis, I. M.; Barbosa, J. L. A. (Org.). *Celso Furtado: a esperança militante* (depoimentos). v. 2. Campina Grande: EDUEPB.
- _____. (2015). “Depoimento de Francisco de Oliveira”. In: Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara. Audiência com ex-funcionários da Sudene. Recife: Governo do Estado de Pernambuco.
- _____. (2009). “Depoimento na CPI sobre a Sudene (1978)”. In: Furtado, Celso. *O Nordeste e asaga da Sudene 1958-1964*. Arquivos Celso Furtado 3. Rio de Janeiro: Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.
- _____. (1999). “Entrevista com Francisco de Oliveira”. In: Mântega, G.; Rego, J. M. (Orgs.). *Conversas com economistas brasileiros II*. São Paulo: Editora 34.
- _____. (2004). “O maior economista foi um servidor da República”. *Folha de São Paulo*, 21 de novembro.
- Oliveira, Leila (2001). “Paulo Rosas”. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 21, n. 2.
- Oliveira, Lucia L. de (2011). “Gilberto Freyre e a valorização da província”. *Sociedade e Estado*, v. 26, n. 1, pp. 117-149.
- Oliveira, Maria das G. C. de (2021). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- _____. (2012). *A Sudene e o projeto de povoamento da Amazônia maranhense: uma experiência instigante*. Recife: Luci Artes Gráficas.
- _____. (1991a). “Conteúdo do planejamento: uma questão relevante”. In: Weber, Silke (Org.). *Democratização, educação e cidadania: caminho do Governo Arraes (1987-1990)*. São Paulo: Cortez.

- _____ (1991b). “Novas relações Estado/Município no campo da educação”. In: Weber, Silke (Org.). *Democratização, educação e cidadania: caminho do Governo Arraes (1987-1990)*. São Paulo: Cortez.
- _____ (2006). “Políticas de cooperação Estado-Município”. In: Oliveira, Maria das G. C. de (Org.). *Continuidades e descontinuidades das políticas de educação básica: o caso de Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, pp. 137-183.
- Oliveira, Olívia F. de (2008). “Notas sobre algumas páginas mais ou menos modernas: o ‘Modernismo’ na Bahia através das revistas”. *RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura*, v. 5, n. 1, pp. 12-23.
- Oliveira, Paulo A. M. de (2000). *Atos institucionais: sanções políticas*. Brasília: Câmara dos Deputados.
- Oliveira, Zélia M. D. de (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza. Operação Nordeste, *Correio da Manhã*, 26/4/1959.
- Operação Nordeste: palestra de Celso Furtado, *Correio da Manhã*, 4/11/1959.
- Ordem do mérito, Marinha concede a personalidades, *Diário de Pernambuco*, 27/11/1962.
- Paiva, C. H. A.; Alves, F. P.; Hochman, G. “A cooperação técnica OPAS-Brasil na formação de trabalhadores para a saúde (1973-1983)”. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, n. 3, pp. 929-939, 2008.
- Paiva, Vanilda P. (1973). *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola.
- Paranaguá, Maryse N. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Parsifal rejeita programa oficial da Openo mas diz que acaba conciliando, *Diário de Pernambuco*, 19/2/1959.
- Pastor evangélico define o Recife: pic-nic sobre vulcão, *Diário de Pernambuco*, 9/8/1962.
- Pedrosa, Pedro V. (2017). “A recepção da teoria dos polos de crescimento no Brasil”. *Terra Brasilis (nova série)*, v. 9, pp. 1-15.
- Penha, Eli A. (1993). *A criação do IBGE no contexto da centralização política do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Pereira, José A. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Periscópio, *Diário de Pernambuco*, 3/4/1964.
- Periscópio, *Diário de Pernambuco*, 16/8/1963.
- Periscópio, *Diário de Pernambuco*, 7/2/1963.
- Periscópio, *Diário de Pernambuco*, 9/7/1961.
- Periscópio, *Diário de Pernambuco*, 6/12/1960.
- Periscópio, *Diário de Pernambuco*, 17/10/1959.
- Pernambuco vai ser, no meu governo, o São Paulo do Nordeste Brasileiro, *Diário de Pernambuco*, 11/9/1955.
- Pesquisa social no Brasil. Exaltada na Câmara a figura do sr. Gilberto Freyre, *Diário de Pernambuco*, 25/5/1949.
- Pessoa, Múcio S. M. (1966). *Projeto de Povoamento do Maranhão-GIPM: retrospecto informativo referente ao I, II, III Planos Diretores*. Recife: Sudene.
- Pessoa, Samuel (2020). Celso Furtado, a educação e o desenvolvimento, Blog do Ibre, 13 de agosto. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/celso-furtado-educacao-e-o-desenvolvimento>. Acesso em 27/7/2023.
- Plano de ação para o Nordeste. Uma entrevista com Celso Furtado, supervisor do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste, *Correio da Manhã*, 13/1/1959.
- Planos de colonização da Sudene não sacrificarão as comunidades regionais, *Diário de Pernambuco*, 5/7/1960.
- Ponte sobre o Rio São Francisco (CR\$ 80 milhões): economia superior a 100 quilômetros de estrada, *Diário de Pernambuco*, 23/6/1959.
- Prisco, José T. (2019). “Pesquisa e pós-graduação: a herança dos pioneiros e as contribuições

- de seus seguidores”. In: Lima, F. de A. M.; Gurgel, Í. (Orgs.). *Escola de agronomia da UFC: 100 anos de atuação transformadora*. Fortaleza: Edições UFC.
- Problema da irrigação do Nordeste em pauta na próxima reunião do Codeno, em Teresina, *Diário de Pernambuco*, 24/7/1959.
- Problemas do Nordeste devem ser resolvidos através do planejamento: estudantes da Cepal se dirigem a JK, *Diário de Pernambuco*, 19/11/1959.
- Problemas do Nordeste já equacionados pela Sudene, *Correio da Manhã*, 24/11/1961.
- Prof. Wagley considera Recife grande centro da sociologia, *Diário de Pernambuco*, 26/4/1962.
- Professor de Oxford fez conferência, *Diário de Pernambuco*, 3/8/1963.
- Rádio Clube da Paraíba, *A União*, 22/8/1933.
- Ramos, Plínio de Abreu (s.d.). Jurandir de Bizarria Mamede. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jurandir-de-bizarria-mamede>.
- Rangel, Ignácio (1990). *Introdução ao desenvolvimento econômico brasileiro*. São Paulo: Editora Bional.
- Recebeu 175 mil dólares da Usaid, *Diário de Pernambuco*, 14/12/1963.
- Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 8, n. 11-12, 1970.
- Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 7, n. 1-2, 1969.
- Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 6, n. 6, 1968.
- Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 2, n. 1, 1964.
- Recursos humanos, *Sudene Informa*, v. 1, n. 4, 1963.
- Recursos naturais, *Sudene Informa*, v. 2, n. 1, 1964.
- Reforma agrária pode começar já, *Diário de Pernambuco*, 13/9/1959.
- Rego, José L. do (1948). O Instituto Joaquim Nabuco, *Diário de Pernambuco*, 28 de novembro.
- Regressou de Fortaleza, *Diário de Pernambuco*, 25/8/1959.
- Repercute nomeação de Celso, *Diário de Pernambuco*, 10/1/1960.
- Representantes da Fundação Ford no Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 12/7/1959.
- Representantes de governadores para a reunião do Codeno, hoje, *Diário de Pernambuco*, 1/9/1959.
- Reservas subterrâneas, *Sudene Informa*, v. 3, n. 1, 1965.
- Restrições ao latifúndio: Ante-projeto da Lei de Irrigação, debatido no Codeno: verdadeira reforma agrária no Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 6/8/1959.
- Revolução educacional no Rio Grande do Norte: programa de educação fará em três anos o que não se fez em três séculos, *Diário de Pernambuco*, 7/11/1962.
- Ribeiro, René (1991). “Anos heróicos do Instituto Joaquim Nabuco”. *Ciência & Trópico*, v. 19, n. 1, pp. 159-164.
- Rezende, Sérgio M. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza. _____ (2010). *Momentos da ciência e tecnologia no Brasil. Uma caminhada de 40 anos pela C&T*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent.
- Ribeiro, Clemente R. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Robock, Stefan H. (1963). *Desenvolvimento econômico regional: o Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- Rodrigues, Gonzaga (2000). “O cacto da Sorbone”, *A União*, 18 de junho.
- Rodrigues, Selma (2021). “A história das ciências sociais em Pernambuco”. Webnário organizado pelo Departamento de Ciências Sociais da UFRPE, 22 de julho. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4GqV_FVfHXI&t=99s.
- Rodriguez, Octávio (1981). *Teoria do subdesenvolvimento da Cepal*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

- Rosas, Paulo (1997). “Entrevista com Paulo Rosas”. *Estudos de Psicologia*, v. 2, n. 2, pp. 313-327.
- Sá, Aline N. de M. (2009). “Diálogos em torno do Nordeste”. In: Furtado, Celso *et al.* *O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste hoje*. Rio de Janeiro: Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.
- Salgueiro, Valéria (2002). “Grand tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura”. *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 44, pp. 289-310.
- Santana, Eudoro (2003). “Eudoro Santana e o Brasil que vai nascer”. Entrevista concedida a Paulo Linhares. *Revista Conviver*, n. 1, pp. 6-9.
- Santana, Jorge F. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- _____ (2020). “O poder sem donos: quarenta anos de uma utopia”. In: Sousa, C. M. de; Theis, I. M.; Barbosa, J. L. A. (Orgs.). *Celso Furtado: a esperança militante* (depoimentos). V. 2. Campina Grande: EDUEPB.
- Santos, P. R. E. dos; Lourenço, F. dos S.; Reis, N. R. B. (2016). “Frederico Simões Barbosa: uma trajetória de contribuições à ciência e à saúde pública”. *Cad. Saúde Pública*, v. 32, pp. 1-6.
- Santos, Severina V. (2022). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Saunders, Luiz C. U. (2019). “Esta é a minha casa”. In: Lima, Francisco de Assis Melo e Gurgel, Ítalo (Orgs.). *Escola de agronomia da UFC: 100 anos de atuação transformadora*. Fortaleza: Edições UFC.
- Secretarias de Saúde terão mais condições com ajuda do III Plano, *Sudene Informa*, v. 5, n. 2, 1967.
- Secretários de educação do Nordeste vão reunir-se com a Sudene, *Diário de Pernambuco*, 16/9/1962.
- Secreto, María V. (2020). “A seca de 1877-1879 no Império do Brasil: dos ensinamentos do senador Pompeu aos de André Rebouças: trabalhadores e mercado”. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, v. 27, n. 1, pp. 33-51.
- Sementes, *Sudene Informa*, v. 4, n. 8, 1966.
- Seminário, *Sudene Informa*, v. 4, n. 9, 1966.
- Senado Federal (1969). “Resolução Nº 4”. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/561329/publicacao/15759862>.
- Senadores americanos chegaram ontem ao Recife: entendimentos, *Diário de Pernambuco*, 14/12/1961.
- Separação do Nordeste: diretor do Codeno crê, *Diário de Pernambuco*, 14/10/1959.
- Seria mesmo Apolônio, o substituto de Celso, *Diário de Pernambuco*, 21/10/1959.
- Serra, José (2004). Um apaixonado pela razão, *Folha de São Paulo*, 22 de novembro.
- Serviço social, *Sudene Informa*, v. 5, n. 2-3, 1967.
- Serviço social, *Sudene Informa*, v. 3, n. 1, 1965.
- Sial, Alcides N. (2007). “Cinquenta anos de geologia em Pernambuco (1957-2007): retrospectiva”, *Estudos Geológicos*, v. 17, n. 1, pp. 3-22.
- Silva, Adalberto A. (2021). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Silva, Alexandra de M. e (1992). *A política externa de JK: Operação Pan-Americana*. Rio de Janeiro: CPDOC.
- Silva, José C. R. da (2021). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- Silva, José C. R. da; Muniz, Leony N. (2005). *Algumas historiolas: o lado lúdico do nosso trabalho na Sudene*. Recife: Livro Rápido.
- Silva, Maurício J. da (1960). Profetas de coisas passadas. *Diário de Pernambuco*, 8 de abril.
- Silva, Sílvia C. (2010). *Tempos de Casa-Grande (1930-1940)*. São Paulo: Perspectiva.
- Silva Júnior, Edeilson de A. (2012). *O reitorado de João Alfredo na Universidade do Recife (1959-1964): patrimonialismo populista e modernização científica*. Dissertação (Mestrado em

Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Siqueira, Luis (s.d.). “Geólogos pioneiros de Pernambuco (1960-1961)”. Disponível em: <http://www.agp.org.br/wp-content/uploads/2011/06/Anos60e61.pdf>.

Slater, Candace (1979). “Folk Tradicional and the Artist: the Northeast Brazilian Movimento Armorial”. *Luso-Brazilian Review*, v. 16, n. 2, pp. 160-190.

Só a industrialização poderá salvar a população nordestina, *Correio da Manhã*, 11/11/1959.

Soares, Maria C. C. (1996). “Banco Mundial: políticas e reformas”. In: Tommasi, L.; Warde, M. J.; Haddad, S. (Orgs.). *O Banco Mundial e as políticas educacionais*. São Paulo: Cortez.

Sobrinho, Thomaz P. (1953). *História do Ceará. História das secas (século XX)*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele.

Socialista americano faz conferência na Sudene, *Diário de Pernambuco*, 19/9/1963.

Sola, Lourdes (1998). *Idéias econômicas, decisões políticas*. São Paulo: Edusp.

Solidariedade ao economista Celso Furtado, *Correio da Manhã*, 18/11/1959.

Som e imagem, *Sudene Informa*, v. 8, n. 7-8, 1970.

Sorá, Gustavo (1998). “A construção sociológica de uma posição regionalista: reflexões sobre a edição e recepção de Casa-Grande & Senzala de Gilberto Freyre”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 36, pp. 1-22.

Sorgo híbrido, *Sudene Informa*, v. 4, n. 1, 1966.

Sousa, C. M.; Theis, I. M.; Barbosa, J. L. A. “Introdução” (2020). In: Sousa, C. M. de; Theis, I. M.; Barbosa, J. L. A. (Orgs.). *Celso Furtado: a esperança militante 2* (Depoimentos). Campina Grande: A União/EDUEPB.

Souto Maior, Heraldo P. (2021). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.

_____ (2005). *Para uma história da sociologia em Pernambuco: a pós-graduação (1963-2004)*. Recife: Editora Universitária da UFPE.

_____ (2003). “Para uma história da sociologia em Pernambuco”. *Estudos de Sociologia*, v. 1, n. 9, pp. 7-29.

Souza, Francisco Êsio de (2012). “A turma de 1962 de engenharias agrônomos da UFC e seu contexto histórico”. *Revista do Instituto do Ceará*.

Souza, João G. de (1979). *O Nordeste brasileiro: uma experiência de desenvolvimento regional*. Fortaleza: Banco do Nordeste.

Sthor, Walter B. (1972). *El desarrollo regional en América Latina: experiencias y perspectivas*. Buenos Aires: Ediciones Siap.

Substituto de Celso fez a defesa da Superintendência, *Diário de Pernambuco*, 10/5/1962.

Sudam, *Sudene Informa*, v. 5, n. 2, 1967.

Sudene (1987). *A Sudene e a Constituinte: contribuições setoriais*. Recife: Ministério do Interior/Sudene.

_____ (1967). *Diretrizes para os programas de educação de adultos: documento final do I Seminário de Educação e Desenvolvimento – Educação de Adultos*. Recife: Divisão de Documentação/Sudene.

_____ (1971). *Estratégia de ação da Sudene junto às Secretarias de Educação*. Recife: Ministério do Interior/Sudene.

_____ (1967). *Estudo geral de base do Vale do Jaguaribe*. Recife: Sudene.

_____ (1973). Relatório global das atividades da Divisão de Educação. Recife: Sudene.

Sudene adiou debate do 2º Plano Diretor, *Diário de Pernambuco*, 6/9/1962.

Sudene aprovou o plano de revisão agrária, *Diário de Pernambuco*, 5/10/1961.

Sudene e Asmic, *Sudene Informa*, v. 5, n. 1, 1967.

Sudene encerra curso de gerentes de cooperativas, *Diário de Pernambuco*, 9/8/1963.

Sudene gastou 1 bilhão e 553 milhões em rodovias durante o mês de janeiro, *Diário de Pernambuco*, 15/2/1964.

- Sudene: jogo, agora, será a descoberto, *Diário de Pernambuco*, 28/6/1959.
- Sudene não pode operar sem reformas, *Diário de Pernambuco*, 14/3/1962.
- Sudene preparou 2700 técnicos, *Sudene Informa*, v. 4, n. 3, 1966.
- Sudene: reequipamento da indústria têxtil, *Correio da Manhã*, 7/11/1961.
- Sudene vai bem, mas os órgãos administrativos vêm emperrando a sua atuação, *Correio da Manhã*, 20/11/1962.
- Sudeno, *Correio da Manhã*, 1/3/1959.
- Sunkel, Osvaldo (1963). *Análise y programación del desarrollo económico*. Recife: Sudene.
- _____ (2020). “Um intelectual indispensável para entender o mundo das últimas décadas”. In: Sousa, C. M. de; Theis, I. M.; Barbosa, J. L. A. (Orgs.). *Celso Furtado: a esperança militante 2* (Depoimentos). Campina Grande: A União/EDUEPB.
- Tática obstructionista na votação do projeto sobre o Instituto Joaquim Nabuco, *Diário de Pernambuco*, 3/6/1949.
- Tavares, Maria da C. (2009). “Entrevista com funcionários do BNDE: Maria da Conceição Tavares”. Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento – Memórias do Desenvolvimento, v. 3, n. 3, pp. 161-192.
- _____ (2002). “Homenagem”. In: Furtado, C. *Celso Furtado entrevistado por Aspásia Camargo e Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro, EDUERJ.
- Tavares, M. da C; Andrade, M. C de; Rodrigues, R. C. (1998). *Seca e poder. Entrevista com Celso Furtado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Técnica é mais necessária do que dinheiro para o desenvolvimento, *Diário de Pernambuco*, 20/6/1959.
- Técnicos e ajuda dos EUA para o desenvolvimento do Nordeste, *Correio da Manhã*, 15/7/1961.
- Técnicos japoneses concluíram estudos sobre o sistema energético do Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 13/12/1966.
- Tommasi, Livia de (1996). “Financiamentos do Banco Mundial no setor educacional brasileiro: os projetos em fase de implementação”. In: Tommasi, L.; Warde, M. J.; Haddad, S. (Orgs.). *O Banco Mundial e as políticas educacionais*. São Paulo: Cortez.
- Torres, Rosa M. (1996). “Melhorar a qualidade da Educação Básica? As estratégias do Banco Mundial”. In: Tommasi, L. de; Warde, M. J.; Hadad, S. (Orgs.). *O Banco Mundial e as políticas educacionais*. São Paulo: Cortez.
- Toye, J.; Toye, R. (2003). “The origins and interpretation of the Prebisch-Singer Thesis”. *History of Political Economy*, v. 35, n. 3, pp. 437-467.
- Treinamento, *Sudene Informa*, v. 5, n. 5, 1967.
- Trezentos milhões para o ensino agrícola, *Sudene Informa*, v. 3, n. 2, 1965.
- Tuthill, *Sudene Informa*, v. 4, n. 9, 1966.
- Um diálogo: crítica impropriedade, mas em termos altos – Carta do deputado Elpídio Branco, *Diário de Pernambuco*, 24/12/1959.
- Universidade de Brasília: Celso Furtado fará Departamento Econômico, *Diário de Pernambuco*, 26/10/1960.
- US\$ 400 milhões para a Sudene em cinco anos, *Correio da Manhã*, 20/7/1961.
- Vasconcelos, Francisco de A. G. (2000). “A epidemiologia das deficiências nutricionais no Nordeste: a contribuição de Malaquias Batista Filho à institucionalização da Nutrição em Saúde Pública no Brasil”. *Cad. Saúde Pública*, v. 16, n. 2, pp. 533-544.
- _____ (2010). *Como nasceram os meus anjos brancos: a constituição do campo da Nutrição em Saúde Pública em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Stampa.
- _____ (2001). “Um perfil de Nelson Chaves e da sua contribuição à nutrição em saúde pública no Brasil”. *Cad. Saúde Pública*, v. 17, n. 6, pp. 1505-1518.
- Vieira, Rosa Maria. “Celso Furtado: autorretrato e retórica”. In: Bresser-Pereira, Luiz C.; Rego,

- José M. (Orgs.). *A grande esperança em Celso Furtado: ensaios em homenagem aos seus 80 anos*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- Xavier, Lauro Pires (1963). Ainda o planejamento do Nordeste, *Diário de Pernambuco*, 24 de novembro.
- Wacquant, Loïc (2017). “*Habitus*”. In: Catani, A. M.; Nogueira, M. A.; Hey, A. P.; Medeiros, C. C. C. de (Orgs.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Wanderley, José B. (1962). “O Abelhão da Sudene”. *Diário de Pernambuco*, 6 de maio.
- Warde, M. F.; Haddad, S. (1996). “Apresentação”. In: Tommasi, L.; Warde, M. J.; Haddad, S. (Orgs.) (1996). *O Banco Mundial e as políticas educacionais*. São Paulo: Cortez.
- Weber, Max (2011). *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix.
- Weber, Silke (2022). “Entrevista”. [Entrevista concedida a] José Batista Neto. *Estudos Universitários*, V. 39, n. 1, pp. 69-100.
- _____ (2021). Entrevista a Darlan Praxedes Barboza.
- _____ (2015). “Silke Weber (depoimento)”. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV.
- Winge, Manfredo (s.d.a). “E o jegue riu!!!”. *Causos & histórias de geólogos*. Disponível em: <https://mw.eco.br/ig/causos/index.htm>.